4 989

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

HISTORIA

DE PORTUGAL

NOS

SECULOS XVII E XVIII

POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Socio effectivo da academia real das sciencias

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

M DCCC LXVII

Digitized by Google

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

HISTORIA DE PORTUGAL

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

HISTORIA

DE PORTUGAL

NOS

SECULOS XVII E XVIII

POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Socio effectivo da academia real das sciencias

TOMO III

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
M DCCC LXVII

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

DP622
R29
v.3

A SUA MAGESTADE EL-REI

O SENHOR DOM LUIZ I

M780777

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

DOMINAÇÃO

DA

CASA DE AUSTRIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO I

PARTE I

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ADVERTENCIA

Na introducção, que precede este livro, tentámos descrever os successos que determinaram mais de perto a decadencia da monarchia, apressando o occaso da grande epocha, cuja aurora rompeu com o venturoso reinado de D. Manuel. Mas aquella aurora não chegou a tornar-se dia. Nos ultimos annos de D. João III já eram mais as sombras do que a luz.

Sem o esboço, embora mal delineado, que traçámos do funesto periodo encerrado em 1588, os factos, que vamos narrar, por força perderiam parte do sentido. Desacompanhado da deducção das causas, e sem o fio das relações dos acontecimentos, o leitor debalde forcejaria por conceber tão proximas das horas de esplendor a rapidez da quéda e a immensidade da catastrophe. A derrota de Alcacer, por si só, não explica o profundo desalento, a morte das crenças e dos brios, que precipitou o reino esmore-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

cido e quasi moribundo aos pés de Filippe de Castella. O que então lhe pedia, como derradeira e extrema consolação dos infortunios, o rejuvenescimento das virtudes do tempo da sua virilidade austera, era impossivel. Só a longa expiação da adversidade a havia de consummar ao cabo de sessenta annos de paciencia, de oppressão e de saudade!

Expozemos as scenas, de que se compoz o drama complexo da perda da independencia, e a despeito das imperfeições do pincel, se nos não enganâmos, lográmos avivar a physionomia dos vultos mais notaveis, revelando o segredo de suas paixões e interesses, e alcançando que alguma claridade rasgasse as trevas de tantos tramas e iniquidades. Desejámos ser justos e imparciaes, e saudando os lances de nobreza de alma e de abnegação, raros em dias de decadencia, não exagerámos, por isso, aos erros e aos vicios as feições naturaes. Seguimos a verdade, confiando que ella seria mais eloquente do que todas as galas do estylo; e quando chegámos com o rei catholico ás côrtes de Thomar, não foi nossa a culpa, se, volvendo os olhos para o caminho andado, nos vimos obrigados a aponta-lo como a via dolorosa por onde Portugal fôra arrastado ao abysmo.

A desgraça é mestra de reis e de povos. Em 1580 o reino dormia aquelle somno fatal, de que antigos imperios e republicas nunca mais acordaram. Perdendo primeiro o vigor com a pureza dos costumes, perdendo depois a fé, os brios e a memoria das tradições herdadas, Portugal, na apagada tristeza da sêde de delicias e riquezas, caíu desfallecido no regaço da corrupção, e só tornou outra vez a

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

si, quando os estimulos vehementes da dor o vieram despertar. Recuperando em 1640 a consciencia do dever, a recordação do passado e o sentimento da dignidade, deveu á inspiração de todos elles o valor, com que soube confirmar em largos annos de sacrificios a resolução de uma hora de enthusiasmo.

Este periodo, tão importante como aviso e como exemplo, é o que nos propomos hoje retratar. A união produziu fructos envenenados para as duas nações. Legou a Portugal a funesta herança de uma dilatada guerra, e as ruinas de uma occupação fecunda em males. Legou á Hespanha o desengano, de que o amor e não a força é só quem póde fundir duas almas em um corpo. As nacionalidades vivem mais do que os principes e os exercitos. Supprimidas renascem, mutiladas renovam-se, suffocadas abraçam a terra e resuscitam. Assim aconteceu ha dois seculos.

Permitta Deus, que não sejam precisos novos prodigios para provar, que nenhum povo perde a autonomia senão suicidado por suas mãos.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO I

1581–1598

REINADO DE FILIPPE II DE HESPANHA E I DE PORTUGAL

PARTE I

CAPITULO I

1581

Estado dos animos em Portugal. Primeiros actos de Filippe II. Negociações de Izabel e Henrique III contra elle. — Catharina de Medicis. — Repressões crueis do rei catholico. — Poder e fraqueza da casa de Austria. Estado do reino depois da invasão. — A ilha Terceira por D. Antonio. Meios empregados para a submetter. Cypriano de Figueiredo. Expedição de Valdez. — Providencias militares e politicas de Filippe II. O prior do Crato em Inglaterra e em Paris.

Estava saciada a ambição do rei catholico. Cingia a corôa de D. João I. A fortuna tinha-lhe aplanado os caminhos. Ao decreto das armas respondêra em Thomar o voto das Côrtes, e Lisboa, não só lhe patenteára as portas, como alçára, para o hospedar, sumptuosos arcos e trophéus, preito sabido da adulação ás causas triumphantes. O sceptro da Peninsula, junto dos diademas de tantos estados, attestava que o herdeiro de Carlos V tinha realisado, emfim, o pensamento que preoccupára os ultimos annos de seu pae. Senhor dos mares da Asia, da Africa e de toda a America, podia contemplar das janellas de seus paços a ampla bahia do Tejo, coalhada das naus e galeões

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 de Castella e Portugal, e dos navios tributarios do seu commercio.

Mas no seio das maiores prosperidades ha sempre espinhos. Apenas asserenou a luta surgiram logo outros obstaculos. O rei era mui prudente para se enganar com apparencias. A vontade dos subditos, em geral, não estava com elle; sentia ainda tremer a terra debaixo dos pés, e não ignorava que as paixões mal aplacadas ardiam occultas até que uma faisca mais alta ateiasse grandes incendios, se a occasião a ajudasse. Ás exigencias insaciaveis dos proprios partidarios uniam-se as conspirações dos agentes do prior do Crato, a animadversão de muitas ordens religiosas influentes, e as repugnancias populares. Para desterrar as suspeitas dos vassallos promettêra as immunidades e privilegios, que no tempo de D. Manuel os escrupulosos haviam dictado como firmissimo penhor da autonomia do reino. Vãs promessas! O testemunho da occupação militar desmentia a generosidade affectada. Por mais que figurasse ama-los como filhos, cada vez doia mais aos portuguezes a affronta do jugo; e se algum quizesse esquece-la momentaneamente tinha diante dos olhos o espectaculo das violencias commettidas pelos terços de aventureiros, costumados em Flandres e na Italia a cevar a cubiça no espolio das cidades. A prova da conquista e da sujeição eram os presidios e guarnições, freio e castigo ao mesmo tempo das aspirações nacionaes.

Os arrabaldes de Lisboa saqueados pelos soldados do duque de Alva, o Porto entrado e roubado em parte pelas tropas de Sancho de Avila, mostravam ainda frescas as feridas dos insultos[1]. Simulando em seus despachos, que

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores*, liv. III, pag. 127 e 134 v.—Conestagio,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

á obediencia era voluntaria e affectuosa, e pintando as fac- 1581
ções de D. Antonio, como arruidos despreziveis da plebe amotinada, o principe disfarçava a verdade, porém não se illudia ácerca d'ella. Seus embaixadores exaltavam junto das côrtes estrangeiras a fidelidade e o amor dos vassallos, os diplomas da chancellaria encareciam a alegria dos povos, mas elle e os ministros acreditavam menos, do que o ostentavam, na dedicação do reino, que o oiro e a espada, e não adhesões espontaneas, tinham trazido coacto a seu poder. Por isso nos primeiros dias todos os esforços de D. Filippe tenderam a congraçar a nação com a dynastia. Constrangendo-se, procurava o rei attrahir por todos os modos as sympathias, suavisando os resentimentos, amortecendo as saudades da independencia, e premiando os serviços prestados á sua causa. Moldando a indole á necessidade, e contemporisando com as circumstancias, benevolo, humano e accessivel, chegou até a excitar ciumes nos hespanhoes pelo agrado e cordialidade do trato com os portuguezes. Se as classes, que assim diligenciava seduzir, soubessem ler na sua mente e no futuro mui diversa posição teriam de certo tomado as cousas. Para não verem o nome da patria riscado do mappa da Europa, e um reino glorioso tornado provincia obscura das Hespanhas, é provavel que, a exemplo dos Paizes Baixos, a ira e a desesperação, acordando-as do lethargo, restituissem aos braços inertes o antigo vigor, aos animos entorpecidos a força de alma, mãe e inspiração das resoluções supremas. Manifestando, pois, os sentimentos mais portuguezes, e apparecendo aos vassallos

L'union du royaume de Portugal à la couronne de Castille, liv. VII, pag. 319 e 349 (Traducção franceza de Th. Nardin), Besançon, 1596. — Izidoro Velasques Salamantino, *La entrada que en el reino de Portugal hizo la S. C. R. M. de Don Philippe*, cap. LVI e LVII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 tão diverso do que sempre fôra, e do que era, os intentos do rei catholico só podiam illudir os credulos. Era ainda cedo para arrancar a mascara. Só depois de vergado ao mando despotico, e de affeiçoado á submissão servil, é que Portugal iria aprendendo a pouco e pouco as severas leis do captiveiro. Sonhar fundi-lo de repente no vulto colossal da monarchia hespanhola fôra antecipar-se aos acontecimentos com temeridade inaudita. Essa missão, ardua e perigosa, devia caber naturalmente aos successores de Filippe II, e com tão pouca prudencia a quizeram elles cumprir, que bastou um dia para destruir a obra de sessenta annos.

O exito venturoso da invasão convidou á côrte nuvens de requerentes. Já em Elvas o rei catholico, instado dos mais impacientes, se enfadára de assignar diplomas de mercês. As promessas e a corrupção haviam grangeado mais adherentes á sua causa, do que as allegações de direito e os votos dos theologos, e por isso não era de admirar, que as cedulas do duque de Ossuna e de D. Christovão affluissem de todas as partes. Em Thomar engrossou ainda mais o numero dos memoriaes, e a assiduidade de Moura e de Pedro da Alcaçova Carneiro, restituido a suas honras e officios, não eximia o soberano do seu quinhão de dissabores. A maneira ponderada e vagarosa, com que D. Filippe procedia irritava os credores da sua munificencia. O titulo de conde de Mattosinhos a Francisco de Sá, o de conde de Linhares a D. Fernando de Noronha, o cargo de alferes mór a D. Jorge de Menezes, e o de mordomo mór ao conde de Portalegre não eram graças, por emquanto, que annunciassem as grandes liberalidades, que muitos contavam colher de sua docilidade e devoção. Com o duque de Bragança foi el-rei menos parco e mais prompto. Lançando-lhe o collar do

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tosão de oiro, e confiando-lhe o estoque de condestavel, 1581
suppoz ter contentado as duas maiores ambições do seu antigo contendor. A vaidade do duque ficou satisfeita; o seu coração era muito mais pequeno, do que as altivas esperanças que nutrira. Em Lisboa, finalmente, foi aonde a plebe dos supplicantes apertou mais com o principe, povoando as salas do paço e as camaras dos ministros. O bispo de Leiria e D. Christovão foram incumbidos da consulta das mercês; mas era tal a avidez dos que pediam, que as terras, as honras e os rendimentos de dois reinos maiores que Portugal pouco seriam ainda para a saciar[1].

Outros cuidados absorveram os desvelos de Filippe II. No curto espaço de dois annos o reino havia atravessado as revoluções de cinco governos. D. Sebastião pela ousadia, D. Henrique pela timidez, a regencia dos cinco pela fraqueza, D. Antonio pela anarchia, e D. Filippe pelas armas! Não parecia empreza leve acudir com opportuno remedio a tantas enfermidades. O desprezo da auctoridade, a impotencia das leis e a impunidade dos crimes, clamavam com voz imperiosa pela acção de reformas decisivas. Durante as ultimas alterações aos antigos males haviam-se accumulado outros peiores, se é possivel. O nepotismo, a venalidade e a prepotencia, campeando infrenes, acabavam de gangrenar a sociedade. O rei não se acobardou. Medico pouco humano, mas por isso mesmo capaz de encetar a cura, commetteu a uma commissão de jurisconsultos e canonistas o plano e as bases do codigo, depois promulgado em 1595, e das leis que o precederam, publicadas para occorrer desde logo ás queixas mais

[1] Herrera *Cinco libros de la historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores*, liv. IV, pag. 158 v. e 159. — Conestagio, *L'union du royaume de Portugal à la couronne de Castille*, liv. VIII, pag. 375.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 fundadas[1]. Movido pelo mesmo proposito de concentrar o poder, e de encurtar as distancias entre Portugal e Castella escutou com favor as propostas de João Baptista Antonelli. O italiano, igualmente versado nos estudos civis e militares da sua profissão, queria tornar o Tejo navegavel, de Abrantes a Toledo, ligando os dois reinos por meio d'esta importante arteria fluvial. Antonelli, que rasões de estado e rasões economicas apoiavam, foi encarregado do reconhecimento do rio, e embarcando em Abrantes subiu a Alcantara, continuou até Toledo, alcançou Aranjuez, e de lá em um barco chato veiu a Madrid[2]. Convencido da utilidade da obra D. Filippe mandou-a principiar, e segundo o costume por sua propria mão apontou as verbas d'onde haviam de saír os subsidios para ella.

Ao mesmo tempo sua vigilancia seguia de perto os passos de D. Antonio e os dos agentes do pretensor no reino e na Europa. A actividade do rei catholico no gabinete era verdadeiramente pasmosa, e habilitava-o a ver tudo pelos proprios olhos, corrigindo com assiduidade incansavel as omissões dos emissarios e informadores. A attenção absorveu-se-lhe toda no progresso das relações, que o prior do Crato ligára em França e na Gran-Bretanha. O caracter e os interesses dos soberanos das duas nações, e o ciume de ambos contra a casa de Austria, cada dia o inquietavam mais. Conhecia que o maior inimigo da Hespanha era a propria extensão do seu poder; e receiava com motivo, que Henrique III e Izabel Tudor,

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores*, liv. IV, pag. 151. Entre estes jurisconsultos sobresaiam os doutores Paulo Affonso, Rodrigo Vasques de Arce, Pedro Barbosa e Damião de Aguiar.

[2] Ibidem, liv. III, pag. 150.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

estendendo a mão aos Paizes Baixos insurgidos, e ao par- 1584
tido attenuado, porém não extincto, do filho do infante D. Luiz, conseguissem desafiar alterações graves dentro e fóra de Portugal, interrompendo a navegação das armadas, interceptando o commercio mais rico da sua corôa, e ameaçando a segurança das praças e feitorias nos dominios ultramarinos. Alem d'estes perigos a sombria preoccupação do espirito ainda lhe representava possivel, senão facil, a tentativa de vasta conflagração no reino, de que a ilha Terceira, sublevada, fosse nucleo e apoio. Nenhuma das apprehensões era infundada ou leviana. Henrique de Valois, respondendo em uma audiencia a D. Bernardino de Mendonça, que só Deus obrigava os reis de França a arrepender-se, e negando-se a entregar, ou a expulsar o conde de Vimioso (D. Francisco de Faro) fazia temer, que por traz do irresoluto monarcha não estivesse a vontade firme da orgulhosa filha de Henrique VIII[1].

Não se illudia. A rainha de Inglaterra, prevendo a sorte de Portugal, mesmo antes da victoria das armas hespanholas, tinha procurado despertar o gabinete do Louvre, infundindo-lhe desconfianças iguaes ás suas. Burleigh, Walsingham, Cobham e Wilson, com os quaes repartia as confidencias n'este assumpto, assustados com o engrandecimento da Hespanha, desejavam que os vinculos de intima alliança fortificassem as duas corôas, proporcionando-lhes seguro ensejo de contrastarem os designios de D. Filippe. Infelizmente as idéas de Izabel não encontraram na côrte de França a merecida aceitação. O ultimo Valois preferiu a tranquillidade presente ás antecipações do futuro, e

[1] Vide *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. XVI. Despachos e correspondencias dos annos de 1580 e 1581.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 queria antes recuar e calar-se, do que arriscar uma guerra confiado nas vantagens incertas, que ella podia prometter-lhe.

Não assim Catharina de Medicis, sua mãe. Educada nos artificios da escola patria, unia a audacia e a subtileza á expectação mais paciente e menos escrupulosa. Contemplando o largo rasto de sangue, com que a ambição castelhana assignalára quasi todos os passos na Europa, media pela propria consciencia os abysmos da alma de D. Filippe, adivinhando no silencio da dissimulação os pensamentos, que depois collocaram o soberano hespanhol, como protector, á testa da liga catholica para levantar nas ruinas da sociedade politica um throno a sua filha. A sombra do gabinete de Madrid já principiava a offuscar o Louvre, e seus designios aprazados eram o terror das vigilias da viuva de Henrique II. Se as redeas do governo viessem cair em suas mãos, as supplicas de D. Antonio teriam sido attendidas provavelmente, e a casa de Austria encontraria maior opposição a seus progressos[1]. Infelizmente Henrique III não era Henrique IV. A superioridade de Catharina assustava o filho. Mais desejoso de diminuir, do que de auxiliar a influencia de sua mãe, empregava frequentes vezes os subterfugios da duplicidade para frustrar decisões opportunas suggeridas pela rainha.

A irresolução do monarcha não constituia a unica diffi-

[1] Sobre o caracter de Catharina de Medicis e a indole e governo de seu filho Henrique III, alem dos auctores mais proximos e auctorisados, vide: *Histoire de France*, por mr. Henri Martin, tom. IX e X; a correspondencia do rei e dos embaixadores francezes em Roma e Madrid nos annos de 1580, 1581, e seguintes no *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. III e XVI; e *La diplomatie vénétienne — Les princes de l'Europe au XVI siècle*, por mr. Armand Baschet. Paris, 1862.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

culdade. A decadencia, que anoiteceu os derradeiros 1581
annos dos Valois, precipitava-se, e a ruina da fazenda publica era a mensageira que de perto corria a annuncia-la.

O peso dos tributos esmagava as classes medias e o povo; dilapidações vergonhosas irritavam os animos pacificos; os odios e as lutas religiosas, retalhando a França em estados inimigos, quebravam em toda a parte os vinculos da unidade. Quasi sombra apagada do principe valoroso, que em Jarnac e Moncontour soubera captivar a victoria, Henrique nem por si, nem pelos validos devassos e feminis, de que povoára o paço, era digno de superar os obstaculos, nem possuia as qualidades, que subjugam os acontecimentos, forçando até a adversidade a servir a causa que protegem. Perjuro hoje, desmaiado ámanhã, agora altivo, logo tremulo e fraco, sentia-se mesmo de longe petrificado pelo olhar de Filippe II. Entre os huguenotes, cujo sangue vertêra em torrentes, e o rei de Navarra, que foi sempre como o espectro da extincção da sua dynastia, entre a facção ultra-catholica dos Guizes, e a mão do duque de Anjou, erguida a todas as horas para lhe usurpar a corôa, vivia em perpetua desconfiança de todos e de tudo, sem fé no caracter de sua mãe, cujos planos lhe confundiam a timidez voluvel, e ainda mais inquieto ácerca das propostas de Izabel Tudor, que receiava como defensora dos interesses protestantes, e cumplice, senão auctora, das sublevações dos huguenotes.

Vendo rasgar-se a solidão cada vez mais larga em volta do throno, e conhecendo que a França cada dia se retirava mais do lado do soberano, não admira que Valois antepozesse ao duello nobre de tres nações os equivocos, os embustes e os enredos, que podia desmentir mallogrados, ou applaudir victoriosos. Assim não arriscava mais do

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 que a honra do reino e o decoro do rei![1] Nenhuma d'estas circumstancias ignorava Izabel. Circumspecta e perspicaz apreciava os embaraços, que opprimiam a côrte perdida de vicios de Henrique, e os motivos abjectos, ou apparentes, que paralysavam aquella existencia adormecida. Sabia que a pessoa do principe, o governo, e até o espectaculo das expiações de sua devoção supersticiosa escandalisavam as almas virtuosas, flagellavam a nação, e serviam de ludibrio aos partidos. Não devia estranhar, pois, as tergiversações do gabinete do Louvre. As respostas do secretario d'estado Chaverni ás calorosas instancias de sir Henry Cobham em favor da liga tinham-lhe explicado a verdadeira posição da rainha viuva e as intenções de seu filho. Izabel, muito prudente para aventurar o menor acto, que a expozesse só ao resentimento de Castella, conteve-se, e retrogradou. Mais de um trama abortado, mais de uma conspiração descoberta a advertia, de que o braço do rei catholico alcançava longe. As minas dos conspiradores catholicos por baixo do seu throno eram extensas e profundas. Por justo castigo a prisão, aonde encerrava a bella e desditosa Maria Stuart tornára-se o foco mais activo das conjurações contra a sua vida e o seu poder. Desafiar n'esta posição as armas da Hespanha sem alliados fôra erro indesculpavel; mas unida com a França, e auxiliada pelos huguenotes, a occasião representava-se-lhe quasi unica, e bastaria que metade das illusões de

[1] Sobre a politica retrahida e vacillante e o governo de Henrique de Valois, vide: *Histoire de France*, por Henri Martin; a correspondencia do rei e dos embaixadores francezes em Roma e Madrid nos annos de 1580, 1581 e seguintes no *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*; e *La diplomatie vénétienne — Les princes de l'Europe au XVI siècle*, por mr. Armand Baschet. Paris, 1862.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

D. Antonio se realisassem para a explosão em Portugal 1581
tomar proporções, que obrigassem o rei catholico a arrepender-se da conquista [1].

D. Filippe não se enganava facilmente com exterioridades mentirosas. Nas apparencias de affectada tranquillidade lia sua vista penetrante as rivalidades e o odio encoberto das duas nações occidentaes. O socego, filho do temor que reinava em Portugal, tambem não o illudia a elle, nem aos ministros. Um facto expressivo tinha provado havia pouco a todos quão forçada era a obediencia dos novos subditos. O prior do Crato, D. Antonio, foragido, zombára das diligencias das auctoridades, da policia do duque de Alva, e das ciladas dos agentes incumbidos de o colher em seus laços. A prisão e o supplicio do letrado Alpoim, convencido de negociar o frete de uma embarcação para o pretensor se evadir do reino, revelando a continuação de sua presença, mostravam, igualmente, que o amor dos povos o não desamparava. Nenhum portuguez deshonrou a hospitalidade concedida ao proscripto. Conseguindo por fim embarcar-se a 6 de janeiro de 1581 a bordo de um vaso flamengo, D. Antonio, depois de curta e risonha viagem, pisou a terra do exilio acompanhado de Diogo Botelho, de Manuel da Silva, e dos poucos fidalgos que não lhe tinham voltado as costas no infortunio, salvo não só dos riscos de prolongado homisio, mas da vigilancia dos galeões que guardavam as costas por ordem de D. Filippe [2].

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, tom. IX. — Hume, *Historia de Inglaterra*, cap. XIII. — Correspondencia diplomatica dos ministros inglezes nos annos de 1580, 1581 e 1585, *Quadro elementar*, tom. XVI.

[2] Officio de mr. de Saint Goard, ministro francez em Madrid, de 15 de maio de 1581, *Bibliotheca imperial de Paris*, cod. 228-6,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 As rasões, que expozemos, dilatando, e por ultimo cortando todas as esperanças de accordo entre a França e a Inglaterra, mallograram as negociações de D. Antonio em Londres e Paris, desanimaram o zêlo de Walsingham e de Burghley, que o favoreciam junto de Izabel, e inutilisaram o armamento da esquadra que Drake e Hawkins haviam de commandar para acudir em auxilio dos Açores, estreando seu valor nos mares com o apresamento das naus e galeões que recolhiam das Indias occidentaes carregados de riquezas. Filippe II respirou. Estava quasi desvanecido o maior perigo. Se podia temer ainda que as supplicas do prior do Crato lhe suscitassem inimigos, não receiava, todavia, já que a união de duas potencias poderosas abraçasse em guerra aberta a causa do pretensor. Não adormeceu por isso. Aproveitou pelo contrario com habilidade o tempo, que as duas côrtes desbaratavam em discussões estereis, e, acudindo no momento propicio, acabou de separar a rainha de Inglaterra dos projectos que a haviam approximado do gabinete do Louvre. Mostrando-se informado dos preparativos feitos nos portos britannicos em nome de D. Antonio e do conde de Vimioso, em 14 de agosto escreveu a Izabel, para exigir que o prior refugiado em seus estados lhe fosse entregue, ou pelo menos expulso, recordando, para o obter, a letra dos tratados e os vinculos de parentesco e amisade. Em 23, prevalecendo-se das ultimas noticias dos aprestos de Drake e Hawkins, renovava as instancias, acrescentando, que se o pretensor não saisse com seus companheiros immediatamente de Inglaterra, ficaria entendendo que a

doc. 32.º — *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra, ilha Terceira, depois que se perdeu el-rei D. Sebastião em Africa*, Cod. in 4.º de auctor anonymo, publicado no jornal litterario o *Panorama*, desde o n.º 20 de 1856, pelo sr. José de Torres.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Gran-Bretanha queria declarar-lhe a guerra. Izabel temeu- 1581
se. A demonstração diplomatica do soberano hespanhol, que sua indole vingativa tornava mais do que uma ameaça, não concorreu pouco para lhe esfriar o ardor. Resolvida a não provocar as iras implacaveis do rei catholico reduziu a quatro vélas o soccorro dos Açores, asseverando a Walsingham, que emquanto a França se não unisse abertamente, estava resolvida a limitar a cinco mil libras esterlinas as despezas da expedição, não consentindo que os navios levantassem ferro, emquanto do Louvre não chegassem novas positivas das deliberações de Henrique III[1].

Menos desassocegado por este lado, applicou Filippe II os cuidados á administração politica do reino, tratando de extirpar pela raiz os elementos que podiam contrariar-lhe o pacifico dominio. Conhecendo, que as esperanças de D. Antonio e dos principes estrangeiros principalmente se fundavam nos partidarios da independencia, mandou abrir sobre elles os olhos de milhares de espias, liberalisando á delação premios tão largos, que até as lagrimas foram denunciadas como crimes. Dois alvarás, um de 30 de agosto de 1580, e outro de 4 de fevereiro de 1581, exprimiram suas intenções n'este sentido. O primeiro annullava os actos e mercês de D. Antonio; o segundo mandava recolher á casa da moeda, para ser cortado, o metal cunhado nos curtos dias de poder do filho do infante D. Luiz. As leis de 18 e 26 de abril de 1581 seguiram-os de perto. Não confiando no arrependimento, el-rei declarava rebeldes e indignos os fidalgos, os prelados, os lentes, os theologos e os prégadores mais notados pela sua opposição. O modo cruel por que procedeu, desembainhando, não a espada

[1] Carta de lord Burghley de 24 de agosto de 1581, *Museu britannico — B. Cot. Galba*, cap. VIII, fol. 133 a 142.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 da justiça, mas a espada da vingança contra a fraqueza e a innocencia, coroou a severidade de seus decretos, restituindo á physionomia do perseguidor dos Paizes Baixos suas feições naturaes. Encerrando a mãe e sete irmãs donzellas do conde de Vimioso na torre de Torcado, desterrando para Castella a mulher de Diogo Botelho e suas filhas de tenra idade, e sepultando em um claustro hespanhol as viuvas de D. Diogo de Menezes e de Manuel da Fonseca Nobrega, para que cerrassem os olhos entre a saudade de um tumulo e a saudade do seu berço, quiz provar que não lhe suspendia as iras nem a justa accusação de cevar a tyrannia em creanças e damas fracas [1].

Os rigores tinham um fim. Propunha-se intimidar os inimigos, mostrando que o sexo, a idade, a jerarchia ou a innocencia, a ninguem podiam eximir do castigo. As mais leves sympathias manifestadas em favor do prior do Crato, ou de seus adherentes, as lagrimas, as orações, tudo o que constitue e ennobrece a memoria do coração, foram proscriptas e anathematisadas. O supplicio de D. Diogo de Menezes e de Henrique Pereira de Lacerda em Cascaes, o envenenamento de Sfortia Orsini na cadeia do Porto, a prisão perpetua de Manuel de Menezes em um calabouço do Castello, e a execução de Pedro de Alpoim, foram exemplos determinados para fulminar os cumplices do pretensor. Os que mais haviam figurado como adversarios do rei catholico durante o governo de D. Henrique, e durante o interregno, não padeceram menos. As irmãs de Diogo Botelho, religiosas de Santa Clara, arrancadas ao

[1] *Archivo nacional da Torre do Tombo*, liv. 1 de leis desde 1576 até 1612.—*Brierfe et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine*, Carta 1.ª do prior do Crato ao papa Gregorio XIII.—*Lettres contenant la relation de tout ce qui s'est passé aux iles Tercéres*, Carta de Lisboa de 15 de novembro de 1581.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

asylo sagrado foram arrastadas entre escoltas para outra 1581
clausura de Castella; Antonio Moniz Barreto gemeu em uma masmorra da torre de Belem; D. Alvaro de Lencastre, preso em Setubal, expiou a isenção do caracter; os filhos dos condes da Calheta, de Sortelha e de Marialva, não menos infelizes, expiaram em ferros a culpa honrada de não quererem ser traidores. Estas violencias, não deixando livre e incolume nenhum individuo apto para coadjuvar as emprezas de D. Antonio, se tornavam despotico e aborrecido o governo de D. Filippe, desassombravam-o entretanto dos maiores receios, paralysando de terror a quantos podiam capitanear ou animar a resistencia[1].

Mas o que salvou na realidade o rei catholico não foi tanto a atrocidade das repressões, como a falsa idéa formada pela Europa do grande poder da casa de Austria. A immensa extensão dos dominios, a riqueza e importancia das conquistas ultramarinas, e o valor dos exercitos e armadas infundiam susto e quasi espanto no animo dos emulos. Visto de longe o senhorio de tantos reinos e de tantos mares acovardava os audaciosos, que não reparavam que essa mesma grandéza era causa perenne de enfraquecimento geral para a immensa monarchia. As forças do imperio não correspondiam ás necessidades que o opprimiam. As despezas e os sacrificios, proporcionados á ambição, mas não aos meios, devoravam os thesouros das Indias e da America. Os rendimentos mais avultados sumiam-se na voragem das antecipações e dos emprestimos, cancro incuravel, que desde largos annos minava e cor-

[1] *Archivo nacional da Torre do Tombo*, liv. I de leis desde 1576 até 1612. — *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine*, Carta 1.ª do prior do Crato ao papa Gregorio XIII. — *Lettres contenant la relation de tout ce qui s'est passé aux îles Terceres*, Carta de Lisboa de 15 de novembro de 1581.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 roia a robusta compleição do colosso. A invasão de Portugal aggravou a molestia. A eventualidade de uma guerra movida pelos inimigos internos e pelos estrangeiros contra a occupação sobresaltava os conselheiros de D. Filippe. Estavam quasi despovoados os reinos com as levas incessantes de soldados, e com as aventurosas navegações, e exhauridos pelo incomportavel peso dos tributos. O vasto imperio mais simulava as apparencias, do que encerrava as realidades do poder que tanto assustava ainda os inimigos. Sacrificando tudo á ambição presente, e suffocando a liberdade de consciencia e a liberdade de pensamento, a primeira em nome da unidade catholica, a segunda para manter as formulas inflexiveis da unidade monarchica, o herdeiro de Carlos V arremessava ao futuro as funestas sementes, de que seus successores colheram depois amargosos fructos [1].

Acabado de assolar pela marcha do duque de Alva e pelos estragos das alterações civis, Portugal n'este momento só lhe promettia cuidados e embaraços. Estavam pouco firmes as bases do governo, e era para receiar que uma commoção repentina respondesse ao primeiro rebate de fóra. Quando mesmo a tranquillidade não fosse perturbada o reino mal podia acudir em defeza propria. A derrota de Alcacer, consummando os erros de dois reinados, sepultára a flor da nobreza e da milicia válida com as ultimas forças da monarchia nos inhospitos areiaes africanos. Depois as discordias e proscripções haviam ceifado ainda muitos dos que tinham sobrevivido á catastrophe. O commercio paralysado, a industria moribunda,

[1] Tiepolo, anno de 1567, *Manuscripto da bibliotheca Gothana*, 219. — Placido Ragazzoni, *Manuscripto da bibliotheca Gothana*, 219. — Ranke, *The Ottoman and Spanish Empires in Sixteenth and Seventeenth Centuries*, cap. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

a assolação e a peste, a fome e a miseria, tornavam inop- 1581
portuna e cruel a arrecadação dos impostos existentes, e impossivel o lançamento de outros. As villas e cidades meio desertas, os campos quasi ermos, a lavoura arruinada, e os cofres publicos vasios, contristavam o animo do soberano e dos ministros. A vista, alongando-se, não descobria por todos os lados senão quadros sombrios ou dolorosos.

A noticia das negociações de D. Antonio e de seus emissarios veiu avivar ainda mais a imprudencia, com que o marquez de Santa Cruz desattendêra o conselho dos portuguezes, devotos de Castella, negando-se a destacar algumas naus, para se assenhorear das ilhas. Por culpa sua eram ellas agora asylo e baluarte das esperanças do filho do infante D. Luiz. A bandeira da independencia tremulava sobre os rochedos da Terceira. Aquelles penhascos, batidos das ondas, e erguidos quasi nos indecisos confins do oceano, refugio derradeiro dos que já não tinham patria, iam por tres annos ser ainda theatro agitado de esforços que Deus não quiz abençoar.

A Terceira, tida já então como cabeça dos Açores, devia a preeminencia á posição. Escala dos navios e armadas na derrota das Indias, a braveza dos mares, que lhe rebentam em roda, a furia dos temporaes, que lhe semeavam as praias de naufragios, e a aspereza das costas quasi inaccessiveis, tornava mui facil a sua defeza. Enriquecida pela continuação das naus de S. Thomé e do Brazil, dos galeões da Mina, e das frotas de Castella e de Portugal, os navegantes acudiam a seus portos para esquecerem os trabalhos e privações de longos mezes de viagem. Prospera e socegada até ao anno de 1580 conhecêra só de nome as guerras, a escassez e os contagios. Na ditosa ignorancia dos flagellos que açoutavam o continente, engros-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 sára de dia para dia com os lucros da exportação dos cereaes, de que se abasteciam a Madeira e o sul de Portugal, e com o fornecimento das esquadras, soccorridas com mão larga, graças á fertilidade do torrão[1]. Os sentimentos espontaneos da população sublevaram a ilha. As novas da morte de D. Sebastião e da acclamação de D. Henrique espertaram o amor da independencia. Cartas de D. Antonio e da camara de Lisboa, communicando os successos de Santarem e da capital, no mez de junho de 1580, e pedindo apoio, acabaram de decidir de todo os moradores. Confiados na fortaleza da terra e nos auxilios de França, abraçaram a causa do rei portuguez. Cypriano de Figueiredo Vasconcellos, corregedor desde o anno de 1579, optára tambem pela defeza do throno popular, que a essa hora baqueava em Alcantara e no Porto, derrubado pelos capitães de D. Filippe. Figueiredo modesto na prosperidade, depois mostrou-se superior aos revezes. A camara de Angra e o procurador da cidade proclamaram o prior do Crato. Os padres jesuitas, o bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, João de Bettencourt Vasconcellos, e poucos outros, formando o nucleo dos adherentes de Castella, apenas protestaram com o silencio ou com a ausencia. Os neutros e indifferentes, recolhidos em suas casas, estranhavam como funestas todas as novidades, mas nas ruas e nas praças o enthusiasmo da plebe converteu em festa publica a ceremonia da acclamação.

Cypriano de Figueiredo assumiu o poder com applauso quasi geral. Depressa o apertaram as difficuldades de tão arriscada empreza. Seguiu-se a verdade ás fabulosas vi-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira.—Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.* —Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, cod. $\frac{13}{13}$, p. 17.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ctorias de D. Antonio, e calou o desalento nos animos 1581
dos timidos e dos tibios. Soube-se, que longe de contar em seu favor as armas do povo de Portugal, e as de França e da Gran-Bretanha, o prior fugia destroçado diante dos terços de Sancho de Avila. As esperanças dos habitantes voltaram-se então para a protecção estrangeira, e, expostos ao resentimento do rei catholico, fitaram os olhos no mar com anciedade. As primeiras vélas podiam annunciar-lhes os galeões de Castella, ou os soccorros desejados[1]. A esse tempo não eram pequenas tambem as preoccupações de Filippe II em Lisboa. Avisado de tudo o que se urdia contra elle na Europa pelas confidencias do duque de Toscana, e os officios de Maldonado, de D. Bernardino de Mendonça e de João Baptista Tassis, embora os dissimulasse, conhecia os designios das côrtes de Londres e de Paris. Os perigos eram grandes. A Terceira, nas mãos de D. Antonio, proporcionava a Henrique de Valois e a Izabel Tudor grandes facilidades para se apoderarem d'ella a pouco e pouco com o pretexto de a defender; e se uma vez os navios do intrepido e aventuroso Drake, unidos aos do capitão Carlos de Bordéus, a dominassem, as armadas de Hespanha e Portugal encontrariam a ruina ou o captiveiro nos portos aonde vinham buscar antes refugio e lograr repouso. Uma circumstancia propicia favoreceu então o rei. A ilha de S. Miguel não acompanhou a Terceira. As ilhas de Santa Maria, do Corvo e das Flores preferiram igualmente a tranquillidade á desobediencia. O bispo dos Açores e os padres da companhia de Jesus de Angra foram os auctores d'esta decisão, segundo se divulgou.

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. II, III e IV. — *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 1 a 7.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 Nos conselhos convocados com frequencia, D. Filippe ouviu o parecer de seus capitães mais illustres, e o voto de ministros prudentes. Concordaram em asseverar, que a estação não consentia nenhuma facção decisiva de guerra, e que um lance arriscado por temeridade na Terceira podia estimular no reino os brios dos descontentes. Accedeu sem hesitação. Apenas encerrára as côrtes de Thomar, applacado na capital o maior tumulto dos negocios, dera logo todos os cuidados á pacificação da Terceira, que a Graciosa, o Faial, o Pico e S. Jorge, chamadas as ilhas de baixo, tinham seguido, como satellites, em sua resistencia. O arbitrio, por que se decidira, fôra sisudo. Escolhendo Ambrosio de Aguiar, e encarregando-o na qualidade de governador da missão generosa de afiançar aos erros e demasias o mais amplo perdão, esperava attrahir a vontade dos moradores da ilha, aos quaes as mais largas promessas de mercês e privilegios deviam acabar de resolver. Jorge de Covos partira no mesmo galeão despachado corregedor. Por acaso singular o navio, que levava a seu bordo o emissario de Filippe II, encontrou-se nas aguas de Portugal com o pequeno baixel, em que D. Antonio se evadia ás vinganças de seu poderoso competidor[1].

Ambrosio de Aguiar não foi bem succedido. Apenas fundeou, e correu a noticia de sua chegada e do motivo d'ella, a plebe alvoroçada, dictando leis aos magistrados, saiu em assuada pelas ruas, jurando lapidar os que aceitassem outro rei, que não fosse D. Antonio. Tornou-se tão estrepitoso o arruido, que o governador nomeado por D. Filippe saiu immediatamente para S. Miguel, aonde

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. II, III e IV.—*Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 1 a 7.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

os amigos de Castella o receberam com applauso[1]. Mas 1581
as cartas do rei catholico e dos fidalgos de Lisboa aos parentes e ás pessoas conspicuas da Terceira reanimaram os partidarios da Hespanha. Estes censurando em publico os desatinos do povo, e reputando mais do que loucura a ousadia da ilha se oppor só a todo o poder de Filippe II, principiaram a inquietar o governo. João de Bettencourt, homem idoso, de boa familia, porém assombrado de juizo, e pupillo dos jesuitas, tramou uma conspiração leviana. Sem a menor certeza de auxilio, a cavallo, de lança em punho, atravessou á hora do meio dia as praças, amotinando a cidade, e acclamando o rei catholico. Ninguem o seguiu. A multidão desarmou-o e prendeu-o. Cypriano de Figueiredo viu-se então coagido a proceder com severidade, abrindo devassas, e encerrando na cadeia os mais culpados. Os odios da população accusavam sobretudo os padres da companhia, suspeitos de correspondencias e de trato secreto com o bispo dos Açores, refugiado em S. Miguel. As outras ordens religiosas, transportando igualmente para a arena politica as contendas monasticas, não concorriam pouco para exacerbar tambem as paixões. O deploravel espectaculo do escandalo, com que muitos frades tinham aviltado no reino os claustros e os pulpitos, repetiu-se na ilha. Os conventos trocaram a vida penitente e contemplativa pelas agitações do seculo, sobresaindo os franciscanos no affecto a D. Antonio, e os jesuitas na dedicação a D. Filippe. O que padeceu a verdadeira piedade com estas profanações não foi de certo a menor desgraça de epocha tão fertil em adversidades e desacatos, nem o mais leve cuidado para Figueiredo, que as vozes e desati-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XII. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. VII. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 nos da plebe muitas vezes distrahiram da activa inspecção das obras de defeza, traçadas para repellir o proximo assalto das forças hespanholas[1].

O rei catholico não o tentára já, segundo notámos, porque a occasião o não aconselhava; a tenacidade dos habitantes podia expor, porém, as naus das Indias a um desastre irremediavel; se Drake e Hawkins por felicidade d'elle não estivessem retidos pelas ordens de Izabel, ou se Henrique de Valois fosse menos timido, a Terceira, guarnecida de bons soldados, zombaria dos esforços empregados para a conquistar, e a frota do Peru, presa das vélas inimigas, teria recompensado os audaciosos aventureiros contratados por D. Antonio, proporcionando ao pretensor avultados capitaes para acommetter a Mina, a Madeira, e até as costas de Portugal. N'este aperto, o conselho convocado de novo em Lisboa, optou por um golpe firme e prompto, que suffocasse a rebellião no seu berço. Faltava, porém, tudo ainda para o descarregar opportunamente, e o marquez de Santa Cruz não quiz ser o ultimo a confessa-lo. Appellou-se então para o alvitre, já provado com vantagem, das peitas e subornos, mas não existia na Terceira pessoa apta para representar o papel de D. Christovão de Moura. Os fidalgos, que annuiram a desempenha-lo, tiveram de se arrepender, salvando a vida das furias da gentalha. Entretanto, apesar de positivo, assim mesmo este desengano ainda não dissuadiu Filippe II de insistir. Queria convencer os contrarios da sua moderação. As necessidades, e não a indole, compelliam-o. O alvará de 16 de abril de 1581, assegurando esquecimento e perdão aos habitantes da Terceira que se entregassem, comprehendia a Graciosa, o Faial, S. Jorge e o Pico na

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XIII. — Conestagio, *União de Portugal*, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

mesma amnistia. Acompanhando d'este acto de clemencia 1581
a partida de D. Pedro Valdez para os Açores com alguns navios, enviados a assegurar o regresso da armada das Indias orientaes ao porto de Lisboa, contava el-rei confirmar as boas disposições dos moradores fieis á sua causa, e captar a amisade de muitos outros. As instrucções passadas a Valdez prohibiam todo e qualquer acto de hostilidade, emquanto D. Lopo de Figueroa não se lhe reunisse com o grosso da esquadra. Os navios de Castella avistaram a ilha por meiados de julho. A pequena frota compunha-se de oito vélas grandes, de duas caravelas e de alguns vasos menores[1].

Alvoroçou-se a terra; a armada approximava-se; e, emquanto, atravessada defronte do porto, disparava a arcabuzaria, sem ancorar, seus escaleres davam caça aos barcos de pesca. Pouco depois uma catraia trouxe as cartas de D. Filippe, e a intimação de Valdez aos habitantes, convidando-os a render-se para não supportarem as calamidades da guerra. Desprezaram os moradores a ameaça, e certos de que os navios eram poucos, e os soldados ainda menos, descuidaram-se na vigilancia. Os hespanhoes, desembarcando de noite, avizinhavam-se das trincheiras levantadas por Cypriano de Figueiredo, e fallavam para dentro d'ellas com os defensores. Esta negligencia despertou no animo impetuoso do sobrinho de Valdez a idéa de tentar um rasgo de ousadia, que, venturoso, tornasse seu nome e o do tio assignalados. D. Pedro e os outros capitães cederam; a emulação prevaleceu sobre a obediencia; e demasiado confiados na fortuna, vespera do dia de

[1] Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. 1 das leis, fol. 117 v. — Herrera affirma que Valdez trazia cinco naus grossas, sendo tudo o mais caravelas e avisos. Cabrera de Cordova e outros auctores elevam o numero de vélas a vinte.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 S. Thiago, acercaram-se da villa de S. Sebastião e fundearam. Soou logo o rebate, acudiu gente, e a noite correu entretida com fogueiras e vigias. Figueiredo juntára a ordenança de pé e de cavallo. Avisado com rapidez por correios montados achava-se prestes a acudir com expedição aos pontos atacados. Valdez contava mais de seiscentos homens, capitaneados por seu sobrinho, D. Diogo, e por D. Luiz de Baçan. A costa era descoberta; e o mar estava manso. Sobre as quatro horas da madrugada os postos mais distantes da ilha ouviram os repiques da atalaia no sino da igreja de Santo Antonio, e logo depois o estrondo das salvas de mosquetaria disparadas contra os bateis dos castelhanos e respondidas por elles. Quando os habitantes chegaram já os castelhanos tinham na praia duzentos soldados no sitio denominado « Casa da Salga » entre a cidade de Angra e a villa da Praia. Os que lhe resistiam pouco mais seriam do que cincoenta, e aturavam com grande trabalho a frequencia dos pelouros. Os escaleres inimigos forçavam os remos, a fim de lançarem segundo golpe de gente [1].

A milicia de S. Sebastião, apesar da brevidade do caminho, não veiu tão depressa, que não achasse quatrocentos homens formados com seus capitães, e que não divisasse os escaleres voltando das naus, carregados de feixes de piques, com o resto das companhias. Travou-se renhida escaramuça. O valor dos hespanhoes não desmentiu a arrogancia do feito. Os moradores combateram com esforço igual. Ás nove horas da manhã dois a tres mil homens, de Angra, da villa da Praia, e dos casaes e povoa-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XVIII e XIX.—*Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 8 a 25.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ções da serra cobriam os montes, e desciam a investir 1581
os castelhanos mal amparados com parapeitos de pedra solta, erguidos no meio do fogo. A luta prolongou-se comtudo, mas de longe sómente. A destreza dos veteranos de Valdez tornaria perigoso um recontro regular. As caravelas da armada, bordejando favorecidas pelo norte, varriam a costa com a artilheria, e ao fumo e fragor do combate juntavam-se as labaredas das medas de palha incendiadas nas eiras. Intentaram por vezes os hespanhoes arrancar na ponta dos piques os bandos avulsos, que se tinham vangloriado de enxotar como rebanhos sem pastor, mas saiu-lhes baldado sempre o empenho. A desesperação fazia soldados até os pusillanimes. As mulheres, junto dos paes, dos maridos, dos irmãos, ou dos filhos levantavam os feridos, soccorriam de munições os combatentes, e algumas vingavam até com as armas na mão o sangue dos seus vertido diante d'ellas. Ao meio dia as esperanças de Valdez estavam inteiramente desvanecidas. O intrepido fervor dos habitantes decidiu-o a recolher-se ás naus com o presentimento de um grande revez[1].

Este pouco se demorou. Creavam-se na ilha grandes manadas de bois e algumas pastavam perto. Um frade cruzio lembrou o ardil de Annibal. Os pastores aguilhoaram as rezes mais bravas, e enfurecendo-as, arremessaram-as contra o arraial castelhano, precipitando-se a gente atrás. Foi tal o impeto dos homens e dos animaes, que, envolto e entrado o campo por todas as partes, os que vinham na retaguarda não acharam já inimigos. As fileiras hespanholas, rotas, juncaram de cadaveres e embeberam de san-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XVIII e XIX.—*Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 8 a 25.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 gue a terra. A retirada para a beiramar converteu-se em desordenada fuga. As ondas agitadas e os tiros não deixavam abicar os bateis. Valdez, como assombrado de raio, assistia do convez da nau ao immenso desastre sem animo de acudir com suas ordens. Os canhões dos navios calaram-se quando deviam trovejar; do meio das vagas erguiam as mãos os afflictos implorando piedade nos seus, misericordia nos vencedores. Uns, atirando-se ás aguas, e afundados com o peso das armas, afogavam-se já proximos dos escaleres; outros, arrastados semi-mortos no rollo do mar, vinham expirar na praia, retalhados de golpes. Não se via senão luzir ferros de lanças e de piques, e chispar lume dos mosquetes e arcabuzes. Bandeiras, insignias, caixas, e armas, tudo caiu nas mãos dos portuguezes. Dos soldados da expedição apenas voltaram cincoenta a bordo esvaidos em sangue e cortados de terror. Diogo Valdez, D. Luiz de Baçan, os alferes das companhias, e os veteranos mais valorosos pagaram a temeridade com a vida. Ferozes na victoria, os habitantes não perdoavam aos vencidos, mettendo-se pelo mar até aos peitos para os ferir. Cypriano de Figueiredo e alguns capitães galopavam pelo campo pedindo quartel para elles, mas em vão! Deshonrando o triumpho os ilhéus decepavam as cabeças e as mãos dos mortos para arvorarem estes horriveis trophéus nas pontas dos ferros! [1]

A felicidade, que na maior parte das cousas favoreceu a D. Filippe na conquista e occupação de Portugal, trouxe a Lisboa por aquelles dias a armada das Indias orientaes,

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XVIII, XIX e XX.—*Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux iles Tercéres*, pag. 13 a 29.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

capitaneada por Antonio de Mello, desviando-a de entrar 1581
nos portos da Terceira, aonde Cypriano de Figueiredo trabalhou em vão por a attrahir. Ao mesmo tempo a esquadra de D. Lopo de Figueroa, avistando os Açores, recebia noticia do revez padecido por Valdez. Sisudo e prudente, Figueiroa limitou-se a reconhecer a ilha, notando os pontos accessiveis para desembarque, e recolhendo-se logo ao reino, depois de repellidas as proposições pacificas que fez aos habitantes. Menos feliz, Valdez provou o peso da indignação de D. Filippe. Preso e processado, serviria o seu castigo de exemplo aos officiaes pouco obedientes, se os rogos de amigos valiosos, minorando as iras do rei, não alcançassem por fim moderar-lhe a severidade.

Entretanto el-rei, instado pela presença de D. Antonio em Londres e Paris, e pela derrota de D. Pedro de Valdez nos Açores, e sabendo que as esperanças dos partidarios do prior se firmavam na Terceira e nas promessas de intervenção estrangeira, e receiando alem d'isto uma subita commoção popular, ou algum assalto repentino da marinha britannica ou franceza, mandou fortificar o castello de Lisboa, e municia-lo de armas e vitualhas para dois annos. Ordenou em Cascaes a construcção de uma fortaleza no sitio aonde saltára o duque de Alva, e expediu para a India quatro navios, e para a Mina tres vélas com reforços. A par d'estas disposições preventivas não omittiu a reparação das torres e dos fortes, que defendiam as margens do Tejo desde a barra até Almada, inculcando clara apprehensão, de que uma armada ousasse forçar a entrada, ou pelo menos interrompesse a navegação, cruzando fóra da barra. A policia coadjuvou ainda mais vigilante as providencias militares, espreitando as pessoas tidas por leaes a D. Antonio, e punindo até as apparencias de inclinação em favor do pretensor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 As conspirações do famoso consul francez Pierre d'Or, logo descobertas, ministraram á auctoridade pretexto sufficiente para estender a perseguição a quantos se correspondiam por via d'elle com o prior, ou com algum de seus confidentes [1]. A carestia das subsistencias, filha de colheitas escassissimas, que não chegavam para metade do consumo, veiu aggravar os cuidados politicos. A fome podia sublevar as classes pobres, e sem as remessas dos trigos de França é provavel que Portugal e a Andaluzia se despovoassem, e que tumultos graves tornassem mais perigoso ainda tão melindroso estado.

Se por este lado era sombrio o aspecto dos negocios, não deviam pelo outro inquietar menos o rei catholico as diligencias do prior do Crato e de seus partidarios, a fim de quebrarem as irresoluções de Henrique de Valois, e de vencerem a circumspecção de Izabel Tudor. Incansavel em suscitar inimigos a D. Filippe, o pretensor já enviára do Porto Antonio de Brito Pimentel, revestido do caracter de embaixador, para advogar junto de Catharina de Medicis a sua causa. Depois de destroçado, quando se acoutava foragido nos montes, ou se asylava nos claustros, expedíra á côrte de Henrique III Jeronymo da Silva, encarregado de representar a urgencia dos soccorros pedidos. Por ultimo o conde de Vimioso, a columna mais firme do seu partido, atravessando disfarçado toda a Hespanha, e transpondo o passo de Irunuranzu, pisára a salvo o territorio francez, não sem grande censura de D. Filippe ás auctoridades descuidadas [2]. D. Antonio seguiu-os, depois,

[1] Bibliotheca imperial de Paris — Officios do embaixador mr. de Saint Goard de 12 de fevereiro, 27 de maio, 1 de junho, 26 de outubro e 8 de novembro de 1581, cod. 228-6, fol. 3-228.

[2] Ibidem, cod. 228-5, doc. 120. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 138.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

evadindo-se, não sem grande risco, a bordo do patacho do 1581
capitão Cornelius d'Egmond, saltára passados poucos dias em Calais, e partira para a Gran-Bretanha, aonde a sua presença era requerida. Os motivos que impediram a rainha de o auxiliar abertamente já os expozemos no começo do capitulo. Drake e Hawkins ardiam em impaciencia, mas em vão; o tempo e avultadas sommas consumiram-se sem proveito, annullando os effeitos vantajosos do contrato assignado em 26 de abril pelo conde de Vimioso com os dois capitães inglezes. O que D. Antonio padeceu n'estes mezes de incertezas e de tribulações facilmente póde conceber-se. Quando acabaram de se romper as negociações pouco sinceras das duas côrtes occidentaes, a que servira de pretexto final o casamento do duque de Anjou com Izabel, o principe portuguez caíu em profunda desesperação, e sua alma consternada acurvou-se por momentos com o infortunio. Fugiam-lhe as esperanças, quando as reputára proximas e seguras. O conde de Vimioso, inclinado á politica franceza, acudiu então a reanima-lo, offerecendo-lhe da parte de Catharina de Medicis hospitalidade menos parcimoniosa que a de Izabel, cuja economia até seus ministros dedicados estranhavam. A pobreza e o desamparo do filho do infante D. Luiz chegaram na Gran-Bretanha em alguns dias a ser tão dolorosos, que Edward Prinn, um dos capitães ajustados para o servir, compadecido e indignado, veiu lança-los em rosto a lord Burghley. Ruy Lopes, descrevendo ao conde de Leicester a posição lastimosa de seu amo, deveria envergonhar a rainha, accusada de completa insensibilidade [1].

[1] Despachos de Burghley e Walsingham de 24 de agosto e 2 de setembro de 1581. — Cartas de E. Prinn a Burghley de agosto, e de R. Lopes a Leicester de 11 de setembro. — Museu britannico, *Lansdowneana*, n.º 35, doc. 71. — *Cottoniana*, Nero, B. I, fol. 235.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 Em 2 de setembro já o prior estava despedido da raicha; deteve-se, porém, ainda até fins d'este mez, ou principios do seguinte. Os seus amigos haviam-lhe negociado a amisade politica de Francisco de Valois, duque de Anjou, e este mandára-o convidar por um cavalheiro da sua casa para se avistarem no castello de Eu, na Picardia, terra do duque de Guise, aprasando para a conferencia o dia 6 de outubro. Os dois principes encontraram-se effectivamente, e em conversação confidencial concordaram no plano de hostilisar a Filippe II. As vistas de Eu não produziram, comtudo, nem podiam produzir effeitos immediatos. O duque, eleito pelos estados geraes dos Paizes Baixos, assumira o titulo de conde de Flandres e de duque de Brabante, e partia para Dunkerque, rompendo claramente com o rei catholico, para sustentar contra o maior capitão das Hespanhas, Alexandre Farnesio, uma luta arriscada. O prior só podia afiançar a resistencia da Terceira, promettendo a duvidosa cooperação de seus amigos em Portugal. Era pouco de ambas as partes para empreza tão alta. Mas D. Antonio, apesar de todos os rigores da fortuna, continuava a ter fé n'ella. Despedido de Francisco de Valois, em Dieppe, encaminhou-se logo a Paris, recebido com grandes honras nas terras, que atravessou. Os cortezãos mimosos de Henrique III saíram a encontra-lo em Nantes, acompanhando-o no meio de pompas e festejos até á capital, e Catharina de Medicis hospedou-o nos seus paços do Louvre, visitando-o com a rainha de Navarra, e prodigalisando-lhe os mais vivos testemunhos de cordialidade, a fim de demonstrar que unia seus interesses aos do filho do infante D. Luiz[1]. Quando passaram a discutir

[1] Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris, cod. 269, fol. 172 (fonds Colbert).

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

as condições da alliança o odio dos dois principes a D. Fi- 1581
lippe aplanou os maiores obstaculos. A viuva de Henrique II renunciou os suppostos direitos allegados á corôa portugueza e reconheceu os de D. Antonio; mas o sacrificio não foi gratuito. Em compensação da amisade da França, estipulou a plena cessão e entrega do Brazil, e coagido pela necessidade D. Antonio annuiu. O pacto, pelo qual o pretensor não duvidava desmembrar a monarchia na idéa de obter soccorros, que o ajudassem a recuperar o throno, é provavel que não lhe ligasse depois as mãos. Se a sorte das armas coroasse em Portugal os seus designios de certo não faltariam pretextos, que o absolvessem da obrigação contrahida. Esta negociação reteve-o em Paris até novembro. Consummada ella, estabeleceu a residencia no castello de Plessis Picquet, perto da capital, d'onde o chamaram a Tours, e depois a Nantes, os aprestos das expedições armadas para prover á defeza dos Açores. Uma tentativa de assassinato, assalariada pelo gabinete de Lisboa, veiu provar-lhe n'este meio tempo, que Filippe II não hesitava na escolha dos meios, quando tratava de supprimir os inimigos [1].

[1] Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris, cod. 228-6 (Fonds Harlay), doc. 68. — Officio de Saint Goard de 23 de novembro de 1581. — De Thou, *Histoire universelle depuis* 1543 *jusqu'en* 1607, tom. VI. — *Archives curieuses*, 1.ª serie, tom. IX. — *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine*. Paris, 1629, pag. 10.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO II

1582-1583

Fim do governo de Cypriano de Figueiredo. Estado dos animos na Terceira. — Aprestos da expedição de Strozzi. Receios e actividade de Filippe II. Armada do marquez de Santa Cruz. — Tyrannias de Manuel da Silva na ilha e incapacidade da sua administração. — Esquadra de Strozzi em S. Miguel. Batalha naval e derrota nas aguas de Villa Franca. — D. Antonio na Terceira — O cardeal Alberto governador de Portugal. Volta de D. Filippe a Madrid. — Catharina de Medicis. Expedição do commendador de Chastes. Partida de Santa Cruz. Conquista da Terceira. Supplicio de Manuel da Silva.

A victoria não deslumbrou Cypriano de Figueiredo. Previu logo que os hespanhoes haviam de voltar, e que todos os esforços seriam poucos para defender a ilha. Mas a violencia dos proprios parciaes ainda o inquietava mais, do que os receios dos inimigos. A plebe, enfurecida pelos agitadores, quasi que apodava a moderação de delicto, e sempre extrema em tudo dava grande vulto a calumnias e denuncias. Cuidando vencer pelo exterminio dos contrarios pedia patibulos em todas as praças, prisões e sequestros contra todos os suspeitos. Sisudo e prudente, o governador não cedia á demencia das facções, e temperando a vigilancia com a brandura, occupava-se mais da organi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 sação e policia militar, do que de arruinar as familias tranquillas com devassas e rigores. Desde que não se quiz tornar instrumento docil dos odios, desenfrearam-se contra elle as declamações dos turbulentos. Os discolos, valendo-se de pretextos futeis, empregaram todos os meios para o indispor com a população e para lhe roubar a confiança do prior do Crato, imputando a negligencia e a culpa voluntaria a entrada da frota das Indias no porto de Lisboa, e quasi a traição dissimulada a suavidade com que administrava [1].

Por outra parte os amigos de Castella, entre os quaes sobresairam os jesuitas, não concorriam pouco para aggravar a indisposição dos animos. Cypriano de Figueiredo mostrou-lhes que viviam illudidos, confundindo a brandura com a fraqueza. Ordenou que os padres da companhia se conservassem incommunicaveis no seu convento, e como resistissem, concluiu mandando que lhes entaipassem a pedra e cal as portas da clausura. O vigario geral do bispo de Angra, accusado com provas, expiou na cadeia os tramas do prelado em S. Miguel. Outros individuos, denunciados com rasão, padeceram igualmente as penas, mais ou menos severas, de suas levianas conjurações [1]. Estas providencias, necessarias para conter a explosão das paixões, não distrahiam, entretanto, o governador de acudir á formação e disciplina das forças da ilha, e ao reparo, ou nova construcção das fortificações indispensaveis. Opprimido de cuidados e dissabores, guardava para a correspondencia secreta com D. Antonio a revelação das verdades cautelosamente disfarçadas de to-

[1] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 50 a 57 e 64 a 81.—Cartas de Cypriano de Figueiredo a D. Antonio e a sir Francis Walsingham de 25 de fevereiro de 1582.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

dos. Encarecendo o perigo das emprezas dos hespanhoes, 1582
e o risco ainda maior da exaltação dos habitantes, ponderava sem exageração ao principe a incapacidade dos moradores para se arrostarem com os veteranos de Castella, notando a falta de canhões, de armas e de munições, e representando, quasi como inevitavel, a perda da ilha, se os soldados de D. Filippe renovassem este anno o ataque repellido com felicidade no dia de S. Thiago. Ás queixas e aleives dos diffamadores e dos invejosos respondia com o testemunho da consciencia, encarregando a honra e as acções de fallarem por elle. Estas cartas attestam ao mesmo tempo grande elevação de caracter e notaveis qualidades politicas.

Os detractores não descansavam, porém, e a fim de offuscarem o animo do prior reproduziam as accusações, asseverando que Figueiredo principiava a vacillar, pintando-o inclinado aos jesuitas, contrafeito na lealdade, e disposto a restituir a liberdade aos presos politicos. Concluiam, por fim, que o corregedor se entendia secretamente com os castelhanos[1]. D. Antonio, se não deu inteiro credito a estas vozes, tambem não cortou, como devia, os enredos pela raiz, e chamando Cypriano de Figueiredo para seu lado, feriu nos brios e no conceito o homem que acabava de lhe conservar a Terceira. Desconfiado e voluvel, facil em esquecer os serviços, mas lembrado e resentido dos aggravos, justificou mesmo na desgraça em varios lances a nota de ingrato. Na pequena côrte de proscriptos, que o rodeava, só Diogo Botelho, alma de todos os conselhos, viveu exceptuado da desattenção com que feriu os portuguezes, que tinham sacrificado patria, bens

[1] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.* — Carta de um franciscano, talvez o fogoso frei Melchior, datada de 8 de outubro de 1581, pag. 74 a 81.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 e posição para o seguir. Faltou-lhe sempre a magnanimidade, realce do infortunio, porque tanto engrandece na prosperidade, como serve de quilate e de timbre na desgraça aos caracteres heroicos[1].

Abrindo os ouvidos ás queixas contra Figueiredo, e preferindo para o substituir no governo da ilha a Miguel da Silva, nomeado conde de Torres Vedras, o pretensor, punido pela má escolha, praticou uma acção injusta, e commetteu um grande erro. As honras vãs, de que assim mesmo se não mostrou prodigo com Cypriano de Figueiredo, na idéa de lhe adoçar o que havia de cruel e de iniquo n'este golpe, não apagaram de certo no peito do honrado cavalleiro a nodoa de se ver immolado á calumnia. Offendido na lealdade, e quasi injuriado publicamente pelo triumpho concedido aos adversarios, Figueiredo calou a affronta, e veiu encerrar junto do principe, no desterro, a carreira, que abrira, abraçando uma causa vencida, e rejeitando as promessas de Filippe II, insinuadas pelo principe de Eboly.

Manuel da Silva chegou á Terceira em fevereiro de 1582, investido nas funcções de logar-tenente de D. Antonio. Cypriano de Figueiredo entregou-lhe immediatamente o governo, e recolheu-se ao socego da vida domestica[2]. Começavam n'este meio tempo a aportar os soccorros expedidos

[1] D. João de Castro, *Discurso aos tres estados*, cap. XIII. Trata D. Antonio não só de ingrato, mas de ingratissimo, citando a prisão do conde de Vimioso em Tours por causas leves, e a de D. Antonio de Menezes por não adular Diogo Botelho, dispensador absoluto das graças do principe.

[2] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.*—Carta do conde de Vimioso de 13 de maio de 1582. O prior concedeu a Figueiredo o poder juntar a suas armas umas ondas de prata em campo vermelho, pag. 141 a 147.—*Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pelo prior do Crato, ou mais exacto, colligidos pelas dili- 1582
gencias do conde de Vimioso, D. Francisco de Faro, que foi sempre a cabeça e o braço dos planos do pretensor. A vista dos poucos soldados francezes enviados, e o desembarque de alguma artilheria reanimaram as esperanças dos habitantes. Os auxiliares chegaram antes da entrada do conde de Torres Vedras, capitaneados pelo afamado Carlos de Bordéus, pelo Florentino Baptista, e por diversos officiaes de nascimento distincto, seguidos de quatro companhias. Mezes antes tinham saído de Inglaterra os capitães Henry Knowles e Edward Prinn, acompanhados das lanças e dos navios, que os reiterados esforços dos agentes de D. Antonio, e os zelosos officios de sir Francis Walsingham conseguiram destacar da esquadra de Drake e Hawkins, ainda retida nas aguas da Gran-Bretanha pela circumspecção da filha de Henrique VIII. Estas forças precederam a frota, commandada pelo velho capitão catholico do Poitou, Carlos Rouhauld, senhor de Landereau, composta de nove vélas e de oitocentos homens. Eram como os primicias da coadjuvação afiançada ao prior por Catharina de Medicis. A viuva de Henrique II esperou até ao ultimo desengano, que a noticia dos armamentos continuados por sua ordem em Bordéus decidisse a desconfiada Izabel a declarar-se contra o rei de Hespanha[1].

Ao passo que soccorria a Terceira não se descuidava D. Antonio de apertar com a côrte de França para que apressasse a saída da expedição dos portos da Bretanha; e as

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XXXI. — Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris (fonds Colbert, n.º 29). *Voyage de mr. de Landereau aux Açores.* — Carta de Catharina de Medicis de 2 de junho de 1582 a mr. Manuissière, embaixador em Londres. — Du Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV, traducção franceza, edição de Londres de 1734.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 informações de Cypriano de Figueiredo não valeram pouco, assim como os avisos do conde de Vimioso, nomeado condestavel do reino, para espertar a actividade do pretensor. O conde acompanhára o duque de Anjou na jornada de Cambray, combatêra os hespanhoes, e logo depois viera encontrar-se com o principe, a fim de ambos aproveitarem a occasião, ferindo mortalmente o poder das Hespanhas[1]. As armadas das Indias e do Perú dentro em pouco iam sulcar á volta as aguas dos Açores, e se a fortuna entregasse presa tão rica nas mãos dos inimigos de Castella, tarde poderia o rei catholico restaurar-se, attenuado o conceito de suas armas, e abertas as praias de Portugal aos insultos das contrarias. Advertida da importancia do feito Catharina de Medicis não espaçou a resolução. Convocou-se um conselho extraordinario no Louvre, e suas deliberações alentaram as grandes esperanças concebidas então pelo prior. O plano de assoberbar os mares, de render S. Miguel e as ilhas ainda sujeitas a D. Filippe, convertendo os thesouros da America e do oriente, apresados, em instrumento de ruina para a dominação hespanhola em Portugal, representava-se aos proscriptos, sempre credulos, como feito leve e facil de executar[2].

A rainha viuva lançára os olhos para o commando da expedição sobre Filippe Strozzi, seu primo, coronel general de infanteria, tão estimado pelas prendas do espirito, como temido pelo valor indomito. Contando apenas

[1] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.*— Carta do conde de Vimioso de 13 de maio de 1582, pag. 141 a 147.— Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris (fonds Colbert), cod. 29.— *Voyage de mr. Landereau aux Açores.*

[2] Ibidem.— De Thou, *Histoire universelle*, LXXV.— *Confissão do conde de Vimioso*, Bibliotheca nacional de Madrid, G. 76.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

trinta e cinco annos, neto d'aquelle austero republicano 1582
Strozzi, de Florença, que, antes de se atravessar com a propria espada, gravára nas paredes do carcere o sombrio verso:

Exoriare aliquis, nostris ex ossibus, ultor,

Filippe bebêra com o leite da infancia inextinguivel odio á soberba hespanhola. Soldado intrepido, capitão pouco previsto e temerario em demasia, tinha-se ligado com o conde de Vimioso, e movido por elle e por Catharina de Medicis aceitára o mando da esquadra do prior do Crato, confiado em que a victoria havia de coroar ainda mais uma vez, como em Saint Dinis e Jarnac, seu nome enobrecido nos campos da batalha[1].

Seguro da cooperação de taes alliados partiu D. Antonio do castello de Plessis Piquet para Tours com o intento de vigiar de perto os armamentos. As peitas de Filippe II tornavam perigosa para elle, porém, até a hospitalidade dos amigos. A promessa de 80:000 ducados pela sua cabeça afiou o punhal dos sicarios, e um portuguez tramou assassina-lo. Este incidente não suspendeu o pretensor, mas avisou-o das ciladas do seu adversario. De Tours partiu emfim para Nantes, e veiu embarcar-se em Belle Isle, ponto aprazado para a reunião de toda a armada. Catharina de Medicis recommendára com summa prudencia a Strozzi, que navegasse direito aos Açores, não aceitando batalha dos hespanhoes, mais poderosos e mais peritos. Filippe esqueceu o conselho. Era seu immediato no commando Carlos de Cossé, conde de Brissac, mancebo rico e distincto, fi-

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV.—Brantôme, *Capitaines français*.—Torzay, *Vie, mort et tombeau de Philippe Strozzi*. Paris, 1608.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 lho do marechal de Brissac, e serviam sob suas ordens, como capitães, João de Baumont, marechal de campo general, Joseph Doineau de Sainte Soline, o senhor de Bourdas d'Aix, Leão Fumée, Antonio Escalin, e muitos cavalleiros e fidalgos moços, todos cubiçosos de pelejas e aventuras [1]. Se é exacto o que affirma o historiador de Thou, esta bellicosa e estouvada mocidade corria cega e risonha á perdição. O conde de Vimioso, destemido e altivo, em vez de moderar, exaltava a ousadia innata de Strozzi, pintando-lhe os hespanhoes assustados e quasi em fugida, e os habitantes das ilhas impacientes por acclamar D. Antonio apenas avistassem a esquadra. Pouco acautelado por indole, e naturalmente desprezador dos perigos, Filippe cedeu á vaidade, e consummou a propria ruina perdendo a causa que abraçára. A sua frota muito menos forte, do que se dizia a principio, apenas constava de trinta caravélas, vinte patachos e cinco naus grossas. D. Antonio saiu de Nantes, embarcado em companhia do conde de Vimioso, de Diogo Botelho, de Ruy Gomes e de outros portuguezes, a 12 de junho. Quando lançou ferro em Belle Isle, junto da capitanea de Strozzi, foi saudado pela artilheria e pela mosquetaria dos navios. No dia 16 fez-se a armada de véla. As tropas da expedição subiriam, quando muito, a cinco mil homens [2].

Filippe II não estava por sua parte ocioso. O embaixador hespanhol em Paris recebêra ordem para estranhar severamente o favor concedido a D. Antonio e aos arma-

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris, cod. 29 (fonds Colbert).

[2] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 141 a 147 e 166 a 167. — Cartas do conde de Vimioso de 13 de maio e 12 de junho de 1582. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

mentos publicos de Strozzi. Avisos secretos despertavam 1582
havia tempo a sua vigilancia. Constou-lhe que o pretensor se hospedára no Louvre, que a rainha viuva esposára a sua causa, e que o prior em Tours estimulava os preparativos da expedição. Impenetravel nos designios, ao passo que lançava a má fé em rosto a Henrique de Valois, recorria sem escrupulo ao homicidio, assalariando emissarios que o desassombrassem do pretensor e do conde de Vimioso[1]. Convencido de que na Terceira se apertava o nucleo de todos os tramas, resolveu empregar os derradeiros esforços para a subjugar. Sabia que em França fôra traçado o plano da occupação do Brazil, e temendo que o prior, seguro da fidelidade dos Açores, passasse com a armada á America portugueza, tratou de acudir opportunamente á eventualidade. O partido nacional, auxiliado pela legação franceza, engrossava em vez de diminuir, especialmente nas comarcas de Entre Douro e Minho; e o desembarque de alguns regimentos podia ateiar conflagrações gravissimas. A guarnição de Lisboa subia apenas a dois mil homens aquartelados no castello, e um observador sisudo assegurava, que seria possivel com pequeno sacrificio de dinheiro, e com algum arrojo, sublevar o povo, render a cidadella e a torre de Belem, e colher talvez a D. Filippe nos laços dos conspiradores[2].

[1] Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris, cod. 228-6, doc. 68. — Despacho de mr. Saint Goard de 23 de novembro de 1581.

[2] Ibidem, cod. 228-6, doc. 88. — *Memoria das cousas da côrte de Hespanha*, Lisboa, 29 de janeiro de 1582. Filippe II, generoso com os seus agentes, via muitas vezes mais e melhor do fundo do seu gabinete os tramas dos estrangeiros, do que os proprios ministros acreditados por elle junto dos monarchas. A gratificação de 2:000 escudos a um espião corso residente em Marselha é uma prova de suas liberalidades n'este ponto (cod. 228-6, doc. 77). O

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 O descontentamento dos subditos, a má vontade da França e da Inglaterra, e as ameaças do prior do Crato fundavam-se na posse da Terceira e na superioridade maritima. Destruir as forças navaes do competidor, e submetter a ilha, pareceu-lhe o modo efficaz de consolidar o governo, e de destruir os projectos contrarios. Desde que se decidiu a emprehende-lo, tudo se multiplicou para o servir. D. Christovão de Moura, continuando os officios da embaixada de 1580, escreveu ás pessoas principaes da Terceira, parentes de sua mulher, tentando-as com largas promessas. O marquez de Santa Cruz, talvez n'aquella epocha o primeiro capitão do mar, venceu impossiveis para corresponder á impaciencia do soberano[1]. Para conter as provincias do norte partiu para o Porto o prior mór D. Fernando de Toledo, e para prover á conservação da ilha de S. Miguel saiu Pedro Peixoto da Silva com cinco vélas. O marquez de Santa Cruz corria entretanto de Sevilha, aonde acabava de vigiar o armamento das galés, e vinha apressar no porto de Lisboa os ultimos aprestos da armada. Não havia dinheiro, faltavam tripulações aos navios, escasseavam os vasos de transporte para tropas e vitualhas. A vontade do rei e o zêlo do almirante obraram prodigios. Contrahiram-se novos emprestimos, entraram sommas avultadas nos cofres do estado, alistaram-se marinheiros praticos, e embargaram-se as embarcações indispensaveis. Os rebates de França tornavam solicitos os mais tibios. O rei visitou os arsenaes, os minis-

plano da sublevação, a que allude o texto, é exposto por Saint Goard em despacho de 26 de julho de 1582 (cod. 228-6, doc. 121).

[1] Avisos secretos dados de Lisboa ao conde de Vimioso por um fidalgo partidario de D. Antonio. — *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.* — Cartas de 25 de maio, 4 de junho e 28 de julho de 1582.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tros apressaram as ordens e os cuidados, e tanto poderam 1582
as diligencias de todos, que a 10 de julho transpunha a barra o marquez de Santa Cruz, sem aguardar a chegada das vinte naus e doze galés de Andaluzia. A esquadra castelhana, superior á de Strozzi, contava trinta e uma naus ou galeões, e cinco patachos, com cinco mil homens de desembarque, alem dos fidalgos moços, desejosos de illustrar o nome e as armas como aventureiros [1].

Emquanto as duas armadas navegavam para se encontrarem nas aguas dos Açores, a confusão e o mau regimen iam aggravando o estado precario da Terceira. Á administração circumspecta de Cypriano de Figueiredo succedêra o governo violento do conde de Torres Vedras. Manuel da Silva quiz retratar o mau caracter logo nos primeiros actos. No aspecto inculcava pouco mais de quarenta annos, mas o rosto mal assombrado infundia receio. O fausto, a sêde de deleites, a cubiça de riquezas, os amores sensuaes e deshonestos, avivando os defeitos de uma indole vingativa, grosseira e pusillanime, deshonraram o seu poder interino com as furias da soberba e da crueldade [2]. Assumindo a dictadura, que só justificam em casos extremos de salvação publica acções grandes, lançou as bases do novo governo, creando na ilha um verdadeiro simulacro da côrte de Lisboa. Estabeleceu

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. XIII, cap. VIII.

[2] Manuel da Silva aposentou-se nas casas e quinta do morgado de D. Margarida Côrte Real, mulher de D. Christovão de Moura, situadas junto do Castello, as mais espaçosas da cidade. Expelliu o feitor e ouvidor do futuro marquez de Castello Rodrigo, mandou construir uma estrebaria para vinte e cinco cavallos, rodeou-se de guardas francezes e inglezes, e tratou-se em tudo com a pompa de vice-rei. — *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XXXVII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 casa da supplicação, mesa do desembargo do paço, e mesa da consciencia e ordens, tudo machinas inuteis e dispendiosas. Com mais rasão organisou a casa da moeda, mandando cunhar o oiro, prata e cobre indispensaveis ao pagamento dos soldos e despezas. Dobrando, porém, o valor á moeda, e forçando a circulação, commetteu um erro, cujos funestos effeitos se manifestaram logo. A terra era rica. Espertou a avidez do governador. Para a saciar saiu pela cidade com os fidalgos e capitães a lançar uma contribuição sobre os moradores a titulo de donativo para as urgencias do erario. Os devotos de D. Antonio por affecto, os contrarios e indifferentes por coacção, acudiram com grossas dadivas de anneis, braceletes, arrecadas e cadeias. Manuel da Silva punha as joias em si, e agradecia em nome do prior. Quando se recolheu vergava debaixo do peso dos thesouros. Divulgou-se, porém, depois que a casa da moeda nada recebêra, e suspeitas desairosas accusaram a probidade do proconsul [1].

Este desairoso prologo foi apenas a estreia. Desconfiado dos homens nobres, que suppunha peitados por Castella, rodeando-se do povo miudo, o conde quebrou os privilegios da cidade, favoreceu assuadas e descortezias contra pessoas principaes, e metteu quasi á força o go-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XXXVIII, XL e XLI. — O governador cunhou moedas de cobre de real e meio, de tres réis, de real e de meio real, e mandou que valessem o dobro e quasi o triplo. Fez cruzados, tostões, meios tostões, e vintens de prata, e dobrou-lhes tambem o valor, marcanda-os com um açor, excellente symbolo da rapina official. As moedas de oiro de quinhentos réis correram como de mil, e as de mil valeram dois mil. Como esta moeda circulava só na Terceira, no Pico, no Faial, na Graciosa, em S. Jorge e no Corvo, e não saia nunca, houve sempre numerario em abundancia. Mas o commercio externo paralysou-se, e o interno resentiu-se.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

verno nas mãos da gentalha. Despotico, solto de costumes e tyranno por inclinação, nem as leis, nem o decoro do cargo o suspendiam. Baixando sempre com as paixões, não houve desprezo que não praticasse contra a dignidade propria, coacção aviltante que perdoasse aos que aborrecia. Para humilhar os cavalheiros distinctos nomeava sargentos da milicia urbana os officiaes mechanicos, e excitava-lhes a insolencia, patrocinando-os. Para escarnecer o orgulho nobiliario dos fidalgos lançava quasi sem escolha o habito das ordens militares ao peito dos villãos, talvez dignos de outros premios. Para calcar aos pés todas as immunidades, ainda as mais sagradas, prendia na cadeia os juizes com as varas ainda nas mãos. Por ultimo, abusando da auctoridade, e atrevendo-se a tudo, não contente de despojar os opprimidos dos bens, da liberdade e da reputação, attentava contra a honra das familias, deshonrando com infamia as donzellas quasi á vista dos paes, as mulheres quasi na presença dos maridos[1]. O alvoroço e as declamações dos falsos tribunos emmudeciam os sisudos. Os prégadores da facção do prior do Crato, desacatando os pulpitos com denuncias e calumnias, desinquietavam as praças, promovendo arruidos e vozerias. A impunidade estimulava os crimes. Tres pessoas não podiam juntar-se e fallar em segredo nos logares publicos sem perigo imminente de vida ou de segurança. Manuel da Silva, truculento, e cada dia mais audaz, cobria com a vontade omnipotente todos os delictos 1582

[1] *Relação das cousas que aconteceram na cidade de Angra e na ilha Terceira*, cap. XLII. — Manuel da Silva lançou o habito de S. Thiago ao ourives que fizera mestre da casa da moeda, e outro habito ao patrão da ribeira João Duarte. Mesmo quasi á vista do pae deshonrou uma donzella, que o velho lhe levára por sua ordem ao palacio. O desgraçado morreu de dor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 e todas as iniquidades. As ameaças mais feras saltavam-lhe dos labios á menor contradicção [1].

Em breve declarou auxiliares natos do seu governo os verdugos e os patibulos. Os tribunaes, creados por elle, converteram-se em alçadas complacentes, e os assassinios juridicos acabaram de rematar a anarchia. A primeira victima immolada foi o desditoso João de Bettencourt, decapitado quasi demente e decrepito, a despeito das lagrimas e supplicas de filhos e de netos. Aos outros presos mandou tambem sentencear summariamente. A uns sequestrou-lhes as fazendas, a outros arrastou-os pelas ruas com baraço e pregão entre açoutes e apupos. Em menos de dois mezes Manuel da Silva era o terror das classes media e da nobreza, tornando odiosa a causa de D. Antonio, abraçada no principio com tão vivo enthusiasmo. A sua tyrannia e as violencias da gentalha chegaram a tal ponto, que D. Antonio, pouco magnanimo e clemente, as estranhou um dia, conhecendo que lhe apressariam a ruina. Debalde. A má indole do conde de Torres Vedras podia mais, do que as maximas da politica[2].

A incapacidade militar não era menor em Manuel da Silva, do que a administrativa. Rouhauld de Landereau depressa o experimentou, mau grado seu. Official entendido na guerra maritima doeu-lhe a perturbação em que via a ilha, e a negligencia com que se dilatava a sua fortifica-

[1] *Relação das cousas que aconteceram na cidade de Angra e na ilha Terceira*, cap. XLII e XLIV.—Por um nada rompia o conde em exclamações ameaçando mandar enforcar os que se lhe oppunham.

[2] Ibidem, cap. XXXIX e XLIII.— Bettencourt estava demente. Tinha-se mettido antes da prisão com os mancebos da segunda classe do collegio dos jesuitas, e acarretava com elles agua aos presos. O prior, reprehendendo o conde, disse-lhe: *Vós, Manuel da Silva, não quereis ser conde, nem que eu seja rei, porque primeiro fui eu sr. D. Antonio que rei D. Antonio.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ção. Expoz um dia ao conde o perigo de não conter as fu- 1582
rias descompostas da plebe, e de não refrear os agitadores monasticos, e pediu-lhe que acudisse com mais vigor ás obras de defeza. O logar-tenente respondeu irado, seguiram-se altercações repetidas, e nasceu d'ellas inimisade implacavel. Vaidoso e resentido quiz o conde, que o velho capitão arriscasse a fama em um feito infeliz, e encarecendo-lhe de proposito a fraqueza dos hespanhoes em S. Miguel, suggeriu indirectamente o plano de um assalto a Ponta Delgada. Landereau illudido saiu com seis navios. Chegára havia pouco Pedro Peixoto com o soccorro de Filippe II, e avisado talvez, ou descobrindo a pequena frota, conservou-se no porto. Quasi debaixo do alcance da artilheria da fortaleza jazia ancorado o galeão *S. Christovão*. Mr. de Crené, tenente de Landereau, mais ousado, do que prudente, investiu-o apesar da inferioridade de forças, emquanto as outras vélas forcejavam por se approximarem contra o vento. Durou quatro horas a luta com graves perdas de parte a parte. A nau aferrada ao immenso vulto do galeão dir-se-ia de longe uma pequena caravéla. Por fim o francez apartou-se destroçado com muita gente ferida e com mr. de Crené morto[1]. Á volta soube Landereau, que devêra a derrota á insidiosa intimação feita dias antes aos habitantes de S. Miguel por Manuel da Silva, e accusou-o de os ter prevenido. Recrudesceu a discordia, e o conde insinuando aos officiaes huguenotes, que o capitão catholico não era firme, e aos moradores da Terceira, que as tropas estrangeiras se propunham saquear a terra, alcançou por fim o seu intento.

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII. — *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. XXXIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 Landereau, desamparado de parte dos oitocentos homens do seu commando, recolheu-se quasi incommunicavel a uma posição da ilha. Enfermo pouco antes da chegada de D. Antonio, aggravou-se-lhe muito a molestia depois, não sem algumas suspeitas de veneno propinado por ordem de Manuel da Silva. Correu que este se temêra de suas queixas, e que por todo o preço tentára desvia-las dos ouvidos do pretensor[1].

A armada de D. Antonio, desaferrando de Belle Isle a 16 de junho, descobriu a ilha de S. Miguel a 15 de julho, depois de vinte e nove dias de navegação. Os moradores de Villa Franca do Campo apenas a viram ancorada diante da Lagoa, cortados de terror, despiram as casas das alfaias mais preciosas, e rodeados dos filhos e mulheres refugiaram-se nos montes. Ficou a terra deserta. Fallecêra Damião de Aguiar n'este meio tempo, e assumira o commando dos portuguezes Pedro Peixoto da Silva, soldado pratico e idoso. Capitaneava os hespanhoes D. Lourenço Noguera, mais resoluto, e tambem experimentado. As forças de ambos, contadas as guarnições das naus e galeões de Guipuscoa, montariam a mil e quinhentos homens; os habitantes armados seriam, pouco mais ou menos, outros tantos, pequeno auxilio de levas bisonhas mais rapidas na fuga, do que intrepidas na peleja. Os francezes regidos por um official de reputação, mr. de Asperrot, lançaram em terra perto de tres mil combatentes, adiantando-se sem resistencia. A primeira refrega provou aos defensores da ilha, que mangas de povo aggregadas á pressa não affrontam soldados valorosos. Travada a escaramuça em uma encosta a curta distancia de Villa Franca, a gente

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV.—Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris (fonds Colbert).—*Voyage de mr. de Landereau aux Açores.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

collecticia, desordenando-se, despejou o campo, e D. Lou- 1582
renço, não podendo suster o impeto dos contrarios só com alguns veteranos aguerridos, viu-se obrigado a metter-se na fortaleza, deixando vinte e dois mortos no campo, e trazendo o resto trespassado de golpes. No dia seguinte elle proprio falleceu das feridas[1].

Substituiu-o no governo das armas castelhanas D. João de Castilho, irmão do bispo de Angra. Peixoto desalentado, e perdendo a fé na conservação da ilha, embarcou para o reino n'uma caravéla, encobrindo a deserção com o pretexto transparente de avisar a côrte do estado critico da ilha.

O povo acclamou D. Antonio, e o pretensor hospedado no convento de S. Roque, escreveu em 20 de julho aos capitães hespanhoes, convidando-os a entregar-se com a promessa de segura retirada para elles e de perdão pleno para os portuguezes. Os do castello responderam que haviam de defender-se até á chegada do marquez de Santa Cruz. Seis dias consumidos em intimações á fortaleza e em correrias da soldadesca foram a verdadeira causa da perda da expedição. Strozzi n'esta facção, menos do que secundaria, deixou fugir momentos preciosos, e riscando planos de futuras conquistas com o conde de Vimioso, não viu que lhe escapava a occasião. Detido diante dos muros de um castello insignificante, com a armada pouco guarnecida sobre ferro, e o exercito disseminado a talar as povoações, expunha-se, alem do mais, a que a frota

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. IX. — Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. XIII. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, cod. $\frac{12}{11}$. — *Relation du combat naval donné entre la flotte de don Antoine et celle d'Espagne, le 26 juillet 1582*, pag. 174.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 de D. Filippe, sobrevindo, castigasse a sua temeridade, arrancando-lhe a victoria sem esforço[1].

E de feito assim ia succedendo. A armada do marquez de Santa Cruz, ajudada do vento, precedendo as naus e galés de Andaluzia, venceu em onze dias a distancia, e avistou a 21 de julho o Morro de S. Miguel. A 22 achava-se na altura de Villa Franca, e mandava tomar informação do estado da ilha e da esquadra de Strozzi. Advertido de que estava ali todo o poder naval de D. Antonio convocou a conselho os capitães. Decidiram unanimes ser forçosa a peleja. A retirada, alem do perigo, diminuia o respeito das armas de Filippe II, entregando aos inimigos as frotas das Indias, e com o senhorio dos mares as costas de Portugal. Não era no emtanto menor o sobresalto dos francezes. Strozzi adormecido pela adulação, que tudo lhe pintára facil, tinha-se descuidado dos deveres de general; a esquadra carecia de viveres e de petrechos; chegára o desleixo ao extremo de nem aguada se haver feito em tantos dias! Sabendo que Santa Cruz partíra adiante da armada de Andaluzia entendeu com rasão, que mais valia pelejar com elle só, e depois contra D. João Martinez de Recalde, do que affrontar as forças de ambos. O tempo perdido em S. Miguel tornára inevitavel a batalha, e o ousado capitão ouviu com alegria o voto dos officiaes que a aconselhavam. Podia allegar a necessidade como desculpa[2].

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. IX. — Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. XIII. — *Relations de tout ce qui s'est passé aux Açores.* — *Relation de combat naval donné entre la flotte de don Antoine et celle d'Espagne*, pag. 172 a 215.

[2] Ibibem. — D. João de Castro, *Discurso aos tres estados*, cap. XII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

O marquez de Santa Cruz sem as vélas de Andaluzia, e 1582
sem alguns dos navios atrazados de sua conserva durante a viagem, trazia apenas vinte e sete ou vinte e oito vasos de guerra. Os francezes contavam cincoenta e cinco ou sessenta embarcações superiores na ligeireza ás pesadas quilhas hespanholas. A inferioridade apparente do almirante de D. Filippe era compensada, porém, pela qualidade de suas naus, tripuladas, mareadas e guarnecidas com perfeição relativa, e commandadas por um capitão, que unia ao conhecimento pratico naval consummada prudencia e admiravel serenidade. No meio dos alterosos galeões de Portugal e de Castella, cujas baterias podiam fulmina-las, pequena vantagem podia levar aquella multidão de urcas de carregação, armadas á pressa, e de caravélas e patachos mal apparelhados e artilhados. Das cinco naus tres sómente, as do conde de Brissac, é que podiam medir-se com os navios inimigos. O marquez almirante, audaz ou reportado, segundo as occasiões, confiando na destreza dos marinheiros, no valor dos soldados, e na força dos vasos, mostrou-se digno da sua reputação. Pelo contrario Strozzi, arriscando de uma vez o triumpho, ou a derrota, com tantas probabilidades contra, imitou forçado o jogador que em um lanço libra todas as esperanças resolvido ao suicidio se a fortuna o atraiçoa[1].

Dir-se-ia a principio, que a adversidade, cansada de perseguir a D. Antonio, por fim lhe dava tregoas. Ganhando o vento, o que já era meia victoria quasi, a esquadra franceza appareceu guerreira e embandeirada. A capitanea disparou um tiro de bala, arvorando na quadra

[1] *Relation du combat donné entre la flotte de don Antoine et celle d'Espagne,* pag. 172 a 215.— D. João de Castro, *Discurso aos tres estados,* cap. XII. —De Thou, *Histoire universelle,* liv. LXXV.— Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 o estandarte real com as armas de França e Portugal em signal de combate. Respondeu-lhe o galeão *S. Martinho* com outro tiro, aceitando o desafio, e toda a armada com os topes ornados de pendões e flamulas formou em linha. Cerrou-se a noite pouco depois, e Santa Cruz, mettendo de ló, e negando-se a abalroar, fez-se ao mar. Quatro dias consumiram as duas frotas em manobras, ora ameaçando-se de perto, ora de longe. O intento do almirante hespanhol era attrahir o impetuoso Strozzi ao posto, em que esperava derrota-lo, roubando-lhe as vantagens do vento e do sol, até então conservadas graças á velocidade dos navios. No dia 25 á noite por meio de um movimento habil logrou o marquez o intento. Quando raiou a aurora do dia 26 o hespanhol amanhecia a barlavento dos contrarios, quatro, ou cinco leguas afastado de Villa Franca, com todas as disposições tomadas para triumphar. A sua ordem de batalha fôra calculada com profundo conhecimento dos defeitos e qualidades dos vasos. Na testa da linha vinha a urca *S. Pedro* com o mestre de campo D. Francisco de Bovadilla, e a par d'ella o galeão *S. Martinho*, em que elle proprio combatia; logo atrás o galeão *S. Matheus* ás ordens de D. Lopo de Figueroa, mestre de campo general; e na retaguarda as naus de Villaviciosa e Miguel Oquendo. As outras vélas compunham a segunda linha[1].

Os francezes investiram divididos em cinco esquadras. Strozzi diante do perigo revelou as prendas de bom capitão. A força dos castelhanos residia especialmente em

[1] Conestagio, *União de Portugal*, liv. IX. — Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. XIII, cap. VIII. — Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, *Relation du combat naval donné entre la flotte de don Antoine et celle d'Espagne*, pag. 172 a 215, cod. $\frac{12}{13}$. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

cinco embarcações principaes — os galeões *S. Matheus* e 1582
S. Martinho, a urca *S. Pedro*, e as naus de Oquendo e de D. Christovão de Erasso. No vulto enorme eram outras tantas cidadellas fluctuantes crespas de canhões e de arcabuzes. O almirante de D. Antonio propoz-se render cada uma em separado, acommettendo-a com cinco navios escolhidos, ordenando ás outras vélas que entretivessem e confundissem as castelhanas. A execução não correspondeu. As cinco esquadras não arremetteram juntas como deviam. Parte chegou tarde, parte esquivou-se ao combate, e a batalha concentrou-se pouco depois no duello quasi singular de alguns navios.

Mal trovejou a artilheria, e se cruzaram as balas, Filippe Strozzi e o conde de Vimioso passaram da sua embarcação, urca velha e zorreira, para outra mais leve e bem mareada. Buscavam as primicias da peleja estreando-se na vanguarda. O galeão *S. Matheus*, por mais ronceiro e atrazado, foi o primeiro acommettido. A almirante franceza abalroou-o pela prôa, e a capitanea de Carlos de Brissac com as tres naus da mesma columna, descaindo por sotavento, aferraram-o por ambos os lados e á pôpa. Figueroa, soldado intrepido e consummado, não soçobrou. Os canhões do galeão troavam uns após outros; a mosqueteria e a arcabuzaria dos castellos, fuzilando em descargas incessantes, varriam tudo, semeando de pelouros os convezes inimigos. Disputou-se depois a victoria corpo a corpo, braço a braço, por cima de um verdadeiro mar de chammas, e no meio de uma athmosphera abrasada. As aguas, abrindo-se aos pés dos combatentes, serviam de mortalha aos que succumbiam. O fragor e o estrepito da peleja, o fumo, os relampagos, e o estrondo das detonações, as vozes dos chefes, a celeuma da marinhagem, e os gemidos dos feridos tornavam medonha a braveza d'este espe-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 ctaculo sublime e terrivel. Forçando os remos acudiam os bateis francezes, com reforços frequentes[1]. Instado por tantos adversarios valorosos a um tempo, sem auxilios proximos, Figueroa vê-se coagido a voar, ora á defeza aonde o perigo aperta, ora ao incendio aonde as labaredas por cinco vezes se ateiam, mas sem recuar, sem ceder um palmo, pagando com usura os golpes. Duas das naus do conde de Brissac apartam-se da refrega quasi desarvoradas, e as outras tres principiam a enfraquecer juncadas de cadaveres[2]. Santa Cruz contempla a luta, admirando D. Lopo sem o poder soccorrer. O vento repelle-o, e voltar atrás quasi fôra sacrificar a sorte da batalha, fazendo suppor que se retira. Duas das cinco vélas inimigas, que haviam de combate-lo, approximam-se, os costados do alteroso galeão inflammam-se e vomitando pelas baterias torrentes de fogo e de metralha, mettem uma quasi a pique, e constrangem a outra a afastar-se a pannos largos. D. Francisco de Bovadilla, não menos resoluto, no meio de quatro navios de Strozzi, que o combatem, defende-se e aggride como um leão, desmantelando quasi até ao lume de agua a embarcação de mr. Bussy, o qual falleceu depois das feridas na Terceira. Santa Cruz manobra por se fazer na volta, e por se avizinhar do galeão *S. Matheus*. Traz a seu bordo oitocentos soldados aguerridos e sessenta peças de bronze. Por uma habil conversão na frente de batalha entram á sua ordem

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Luiz Torres de Lima, *Avisos do céu, successos de Portugal*, tom. I, cap. XXXV.

[2] Ibibem. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. IX. — Figueiroa sobresaiu com proezas espantosas. No mais forte da peleja exclamava para o vulto de S. Matheus pintado na pôpa: *Eia, santo! Largae da mão a penna, que não é tempo de escrever, e tomae a espada, que é caso de pelejar!*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

na primeira linha Oquendo, Villaviciosa, Acacio de Yera, 1582
e Miguel de Veneza, e investem a nau de Brissac, governada por Nepeville de Harfleur, official distincto e piloto excellente. Dentro de pouco são os rombos das balas tantos n'ella, que só a grande pericia de Nepeville impede que se afunde, ou caia em poder dos hespanhoes. Villaviciosa, que manda o ataque da prôa, cáe prostrado; Oquendo, que assalta a pôpa e a tem quasi entrada, cede já meio submergido. De pouco valem, porém, os rasgos de audacia indomita a um ou outro capitão francez. Depois de hesitar a fortuna deu as costas ainda uma vez ás bandeiras do pretensor. De toda a sua armada só a nau almirante resiste no centro da derrota geral, mas envolvida de todos os lados, vê-se desamparada do resto das vélas, que já não ousam soccorre-la. Abalroada prôa com prôa pela capitanea castelhana, que lhe lança de tropel no convez repetidos golpes de gente, metralhando-a dos castellos e das gavias, e abordada pela tripulação da nau guipuscuana *Santa Catharina,* de Bastida e João Rivero, ao cabo de uma hora de agonia desesperada a perda de mais de tresentos homens arranca as armas das mãos a seus ultimos defensores![1].

Strozzi, que n'este funesto dia provára os mais altos espiritos de cavalleiro e de capitão, rende-se por fim esvaido e trespassado. Arrastado á presença do almirante hespanhol expirou sem proferir palavra. Aquella grande alma separa-se muda e fremente do mundo, deixando im-

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. IV.—Conestagio, *União de Portugal,* liv. VIII.—De Thou, *Histoire universelle,* liv. LXXV.—*Relation du combat naval donné entre la flotte de don Antoine et celle d'Espagne,* pag. 172 a 215.—Luiz Torres de Lima, *Avisos do céu, successos de Portugal,* tom. I, cap. XXXV.—Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha,* liv. XIII, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 mortalisado o theatro do infortunio. Acrescenta Brantôme, que Santa Cruz, pouco generoso e deshumano, mandára acabar ás punhaladas o capitão francez, e que lhe foram tumulo as aguas em que esperára triumphar. O conde de Vimioso, retalhado de golpes, e prisioneiro de um soldado obscuro, menos feliz do que Strozzi, viveu dois dias ainda. Dois mil homens e poucas vélas perdidas assignalaram a ruina dos francezes; os hespanhoes contaram mais de tresentos mortos e de quinhentos feridos [1]. Salvaram-se vivos do immenso desastre o conde de Brissac, mr. de Beaumont muito ferido, e outras officiaes. Dos castelhanos realçaram a antiga fama, como generaes e soldados, o marquez de Santa Cruz, D. Pedro de Toledo, D. Francisco de Bovadilla, D. Lopo de Figueroa, Oquendo, Villaviciosa, Miguel Cardoma e muitos outros.

O prior do Crato não assistiu á batalha. Andava em um galeão pequeno assás veleiro, e talvez duvidoso do resultado, ou mal aconselhado, desviou-se na vespera, e partiu para a Terceira. Deixou a espada na bainha, e, apartando-se na hora decisiva, salvou a vida provavelmente, ou a

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Brantôme, auctor contemporaneo (Œuvres, edição da Haia de 1740, tom. X), diz assim: «Logo que os hespanhoes saltaram dentro do navio francez, e se apoderaram de Strozzi, levaram-o ao marquez de Santa Cruz. Este, vendo-o em tão lastimoso estado, disse que estava pejando e sujando o convés, e que o acabassem. Assim o fizeram, dando-lhe dois golpes de adaga, e lançando-o ao mar». O conde de Vimioso foi tomado por Alonso Peres, soldado do capitão João de Gamboa. Sua confissão, talvez apocrypha, foi apregoada como revelação importantissima para os interesses de Hespanha. O conde morreu leal á sua causa. O estandarte real de França e Portugal custou a perda de um braço ao marinheiro Antonio de Sevilha, que o conquistou, e ao qual Filippe II concedeu em premio uma pensão vitalicia.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

liberdade, mas não ennobreceu o nome, nem a causa. 1582
A morte heroica de Strozzi teria honrado mais a sua memoria, do que as esperanças e as humilhações do exilio, em que acabou de se consumir.

Nasceu o destroço da armada das precipitações do almirante francez, ou da covarde deserção de toda a divisão naval de Sainte Soline, que, talvez comprado, fugiu para a ilha do Faial com dezoito embarcações, á vista dos inimigos e aos primeiros rebates da peleja?[1]. Offerecendo batalha, Strozzi e o condestavel Vimioso de dois males optavam pelo menor. Era mais facil vencer Santa Cruz só, do que unido á esquadra de Andaluzia. O maior erro d'elles consistiu na demora em S. Miguel. O plano do general de D. Antonio sairia victorioso se os navios chegassem a tempo e não andassem surdos. Muitos d'elles, segundo se crê, traziam até as armas cravadas de oiro e prata, por isso as não levantaram. A grande infelicidade datou sobretudo da pessima escolha de capitães e de cabos. Officiaes, soldados e marinheiros cuidaram sempre mais de si, do que da causa que defendiam. Um escriptor francez contemporaneo assevera, que a derrota da armada não devia parecer espantosa quando se soubesse que uma esquadra aguerrida de Hespanha combatêra um tropel de navios collecticios afretados quasi a esmo nos portos de França[1].

[1] Madame de Saint-Onge, *Histoire sécrète de don Antoine*, pag. 113 e 114, diz assim: «Um dos officiaes de D. Antonio estando em Belle Isle deixou-se comprar por um capitão hespanhol mediante o premio estipulado de 60:000 ducados pagos em Genova. Isto contribuiu muito para a ruina do rei».—De Thou, *Histoire universelle*, tom. VIII, liv. LXXV, affirma que Brissac voltando a França accusára Sainte Soline de traição, e que este, processado salvou, apenas a vida com a infamia de *fraco e poltrão*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 D. Antonio arriscou a corôa de uma vez, e em uma só batalha. As aguas de Villa Franca do Campo sepultaram suas esperanças e seus amigos dedicados. O principe menos ditoso, do que elles, sobreviveu-lhes. Strozzi e Vimioso cuida-se que buscaram de proposito a morte, remate glorioso da lealdade. O conde e o almirante, almas dignas de melhores tempos e de melhor rei, não quizeram viver humilhados. Certos, de que tudo o que podiam esperar se achava cifrado n'aquellas vélas, cuja fraqueza conheciam, apertaram as mãos á maneira dos antigos cavalleiros, e resolveram acabar ali. Unidos na amisade e no sacrificio, juntos sairam da vida, e juntos entraram na immortalidade da historia[1]. A jornada de Villa Franca do Campo, uma das famosas batalhas pelejadas no Oceano, destruiu os planos dos emulos do rei catholico, assegurando-lhe a posse de Portugal. Izabel Tudor e Henrique III arrependeram-se, decorridos annos, já tarde, de não terem empregado a tempo as forças para debellar o poder do ambicioso soberano, que veiu depois inquieta-los em seus estados, ameaçando a rainha com a invasão da invencivel armada, e ferindo o ultimo Valois com a espada ultra-catholica da liga.

Tres dias depois da victoria navegou o marquez de Santa Cruz para Villa Franca, e apenas fundeado encarregou a D. Francisco de Bovadilla o desembarque e a guarda dos fidalgos e soldados francezes prisioneiros. Seriam oitenta

[1] Vimioso e Strozzi buscaram a morte? D'Aubigné affirma que Strozzi, sabendo que a segunda expedição de seis mil homens promettida pelo duque de Anjou não partia, apertára a mão ao conde de Vimioso, e que não desejando sobreviver ao infortunio decidiram a batalha. Uma carta de Vimioso a d'Aubigné, citada por elle, confirma esta versão. Vide *Histoire universelle*, par Agrippa d'Aubigné, 1550, 1601, 1616, 1620, 3 vol. in fol.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

as pessoas principaes, e pelo menos trinta os senhores de 1582
villas e castellos. Maculando a gloria propria, a generosidade da nação e o esplendor do triumpho, o almirante hespanhol mandou acabar pelo verdugo nos vencidos a destruição começada pela guerra. Prevalecendo-se das respostas perfidas de Henrique III e de Catharina de Medicis ao embaixador castelhano João Baptista Tassis, tratou os prisioneiros como piratas perturbadores dos mares. Os nobres foram decapitados, e trezentos marinheiros e soldados foram pendurados das forcas. Esta carnificina executada contra as leis da guerra e contra os direitos do infortunio provocou a execração da Europa e as censuras do exercito castelhano. Os mais illustres capitães invocaram debalde a clemencia do general. Santa Cruz, dizendo que a sentença fôra lavrada pelos reis de França, lançou sobre elles, não sem alguma rasão, o sangue vertido nos patibulos de Villa Franca. O marquez, parece, todavia, ter procedido coagido. Leram-lhe muitos na tristeza do rosto a magua do acto, com que se via obrigado a deshonrar os louros. Por trás d'elle estava a mão de Filippe II. Sem estas pompas cruentas a victoria ficaria incompleta para o rei catholico. O cadafalso de tantas victimas não era menos efficaz, a seu ver, do que o valor dos exercitos e das armadas, contra o ardor aventuroso, que engrossára com milhares de alliados a causa de D. Antonio[1].

João Martinez de Recalde e os navios de Andaluzia chegaram depois de tudo concluido, e as duas armadas partiram juntas (a 13 de agosto) em demanda da frota das Indias orientaes, commandada por Fernão Telles da Silva. Encontraram-a a 26. Na altura do Fayal Sainte Soline in-

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII.—De Thou, *Histoire universelle*, tom. VIII, liv. LXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 tentára acommette-la para roubar alguns navios, mas fôra repellido. Santa Cruz encarregou D. Christovão de Erasso com sete galeões e dois patachos de a comboiar, e veiu surgir á vista da Terceira com toda a esquadra. Acossado por temporaes violentos nada se atreveu, porém, a tentar, continuando a viagem para o porto de Lisboa, aonde entrou a 10 de setembro, festejado com salvas das fortalezas, com testemunhos publicos de regosijo, e até com procissões de acção de graças. O jubilo dos hespanhoes mostrava quaes haviam sido os seus receios [1].

Emquanto as aguas de Villa Franca do Campo submergiam com os cadaveres dos fieis partidarios de D. Antonio a corôa, que elles imaginavam cingir-lhe na fronte, abordava o prior do Crato ao pequeno porto da Villa de S. Sebastião no mesmo dia, em que era vencida a sua armada. Entrou debaixo do palio como soberano, levando Manuel da Silva de redea a faca, em que montava. Saíram a recebe-lo ás portas dos muros de S. Bento as auctoridades, muitos fidalgos e capitães, e grande ajuntamento de povo [2]. Ardia a cidade em festas, repiques e vistosos fogos, quando a noticia da derrota de Strozzi e da morte do conde de Vimioso veiu cortar os jubilos. O peso do infortunio acurvou o animo do pretensor. Encerrou-se na sua camara, e só ao cabo de oito dias appareceu outra vez em publico com o luto de tantas desgraças estampado no

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. VIII. — De Thou, *Histoire universelle*, tom. VIII, liv. LXXV.

[2] D. Antonio desembarcou na ilha a 26 de julho. Artigo publicado na *Revista universal lisbonense*, tom. VI, n.º 17 de setembro de 1846-1847. — *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. XLIX e L. O artigo da *Revista* é da penna do curioso investigador de nossas cousas patrias o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rosto. Visitando as alfandegas pôde contemplar os restos 1582
da esquadra, em que pouco antes tantas esperanças estribára. No campo, assignalado pelo destroço de Valdez, quasi que lhe saltaram as lagrimas dos olhos. Que differença entre aquelle dia e o de hoje! Emquanto residiu em Angra as excursões do prior foram curtas. Triste e recolhido não encobria a dor. A vista da armada victoriosa de Santa Cruz ainda lhe aggravou os cuidados. Por felicidade o marquez não ousou arriscar em um feito temerario a gloria recente de suas armas[1].

A clemencia não honrou a residencia de D. Antonio na ilha. Os maus instinctos do conde de Torres Vedras revelaram-se infrenes. Quasi diante dos olhos do principe se verteu por vezes sangue. Um piloto, chamado Gaspar Furtado, e um mancebo, Antonio de Carvalho, suspeito de castelhano, e talvez de espia, subiram ambos ao patibulo accusados de cumplices e de agentes dos hespanhoes. Mais ruidoso processo, o de Duarte de Castro, denunciou ao pretensor os tramas de Filippe II. Tido por dedicado parcial do prior, seu general de cavallaria na ponte de Alcantara, e preso depois em Hespanha por inimigo do rei catholico, Duarte de Castro, tentado pelos ministros castelhanos, não se envergonhára de comprar a liberdade a preço de traições. Depois de solto tinha passado a França, aonde se fingira intimo de D. Antonio para o acompanhar á Terceira, espreitando sempre a occasião propicia de consummar o crime. Em agosto, desejando adiantar o plano, convidou para sua casa os capitães francezes, e insinuou-lhes uma sonhada conjuração de portuguezes urdida para os assassinar. Os officiaes ficaram perplexos. Para os confirmar nas apprehensões,

[1] *Revista universal lisbonense*, tom. VI, n.º 17.—*Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. XLIX e L.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1582 Duarte de Castro mandava de noite os creados pela cidade com ordem de ferir os estrangeiros, bradando: «Assim vos farão a todos!» O fim era levantar brigas e colher o prior do Crato em algum tumulto. Descobriu-se tudo, foi preso o traidor no castello, confessou o crime, e sentenceado a pena ultima, morreu com valor no cadafalso[1].

Este episodio ainda avivou o desgosto de D. Antonio. O seu desejo era sair o mais cedo possivel. Depois de activar na Terceira e nas ilhas sujeitas á sua obediencia o recrutamento da gente de guerra, e de prover de mantimentos a esquadra, embarcou oitocentos homens entre portuguezes, inglezes e francezes, com oitenta fidalgos da terra denunciados de affectos aos castelhanos, e despediu-se de Angra, levando quarenta vélas e muitos navios pequenos. Nos primeiros dias de outubro um grande temporal obrigou-o a volver de novo á ilha com vinte vasos. Serenados por fim os mares tornou a partir em novembro de 1582, e d'essa vez para sempre, buscando as praias de França, derradeiro termo de suas malfadadas emprezas. Em todos os lances d'aquella aventurosa carreira mostrou-se-lhe a fortuna sempre adversa e rebelde; mas em todos elles, tambem, a incapacidade ou a irresolução do principe explicou a sua constante severidade. Em Lisboa e Alcantara, rei da plebe, pelejou sem soldados e sem capitães contra o primeiro exercito e o primeiro capitão do seculo. Em Villa Franca do Campo separou-se da armada na vespera do dia supremo, inculcando a todos que duvidava da victoria. Depois da derrota, aspero e sombrio, castigou ou afastou de si os que devia attrahir, rodeou-se de guardas

[1] *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LI e LIV. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

alienou as affeições e por ultimo retirou-se, deixando os 1582
moradores entregues á crueldade e á cubiça do conde de Torres Vedras. Seus costumes pouco regulares não concorreram pouco, tambem, pelo escandalo para diminuir as sympathias de seus mais zelosos parciaes [1].

Em Lisboa consolidava-se o governo de D. Filippe. Os revezes consecutivos de D. Antonio esmoreciam, sem os apagar inteiramente, os brios dos partidarios da independencia. D. Maria, viuva do imperador Maximiliano II e irmã do rei, buscando para seus achaques o remedio de clima mais temperado, voltára a Hespanha, e anciosa de abraçar os parentes mais proximos dilatára a jornada até á fronteira de Portugal, aonde veiu recebe-la o cardeal Alberto, seu filho, acompanhando-a a Almeirim, aonde o rei catholico a estava esperando [1]. A victoria naval dos Açores desafogando Filippe II de maiores cuidados, avivou-lhe a impaciencia de tornar a ver os estados hereditarios. Carecia de acudir sem demora aos negocios de Aragão, que não visitava havia vinte annos; precisava de attender de perto ás guerras de Flandres, inflammadas pelos soccorros de França e da Gran-Bretanha. O reino estava tranquillo e resignado. Podia ausentar-se, pois, sem risco, confiando de outras mãos as redeas do governo. Para conciliar o animo dos portuguezes quiz, porém, que um perdão mais amplo, que o de Thomar, servisse de prologo á sua partida, e decretou o de 10 de setembro de 1582. A nova amnistia comprehendia muitas pessoas excluidas da primeira, e só exceptuava dez nomes, e todos os religiosos

[1] *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LXI e seguintes. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXV. — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV, pag. 184 e 185.

[2] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 convencidos de rebellião. Apesar de suas restricções este perdão suavisou as dores de muitas familias, lançando sobre ellas o manto de clemencia do vencedor[1].

Mas a noticia repentina da morte do principe D. Diogo, primogenito de D. Filippe, veiu atalhar a saída immediata do rei. Determinado a convocar em Lisboa as côrtes para jurarem o principe, seu herdeiro, como successor da corôa portugueza, o rei, em 15 de janeiro de 1583, reuniu os tres estados, e lida a proposição pelo bispo do Algarve D. Affonso de Castello Branco aprasou o dia 26 para a solemnidade do juramento, assistindo com grande pompa o duque de Bragança, condestavel, todos os officiaes móres, muitos prelados e titulares, e os procuradores das cidades e villas[2]. O duque de Alva, D. Fernando Alves de Toledo, já não presenceou este acto. Na cansada idade de setenta e oito annos tinha cerrado para sempre os olhos em um dos aposentos baixos dos Paços da Ribeira desenganado das vaidades da gloria e das illusões da vida. Foi seu confessor e seu guia espiritual na hora do transito o eloquente e virtuoso dominicano fr. Luiz de Granada[3].

D. Filippe consolou com suas visitas o illustre capitão, que por largos annos servira a casa de Austria, fazendo temidas, e tornando não poucas vezes odiosas as armas hespanholas; mas depois de o perder não inculcou grande

[1] *Archivo nacional da Torre do Tombo.* Liv. I das leis de 1576 a 1612, fol. 30 v.

[2] Faria e Sousa, *Europa Portugueza,* tom. III, part. II, cap. I, n.os 17 e 19.—*Portugal Restaurado,* part. I, liv. I.

[3] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. V.—Conestagio, *União de Portugal,* liv. IX. No largo elogio que traça dos serviços militares do duque de Alva nota as provas de pouco sentimento dadas por D. Filippe.—De Thou, *Histoire universelle,* tom. VIII, liv. LXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sentimento. Empregára-o quasi sempre coagido pela necessidade, mas não o estimava. Insensivel por indole e por calculo talvez julgasse a dignidade real desdourada, se os olhos do monarcha se humedecessem com uma saudade, ou avivassem uma recordação benevola. Sancho de Avila, o segundo capitão depois do duque de Alva, pouco se demorou após o velho general, seu mestre e protector. Atravessára sem ferida. todos os campos de batalha, e invulneravel desceu á sepultura no inverno de 1583. Guerreiro habil e intrepido, os soldados, marchando com elle, costumaram-se a applaudir sempre a victoria. Em seu animo generoso a bondade natural realçava o valor. Não só querido do exercito era querido tambem dos povos pela brandura amoravel do mando[1]. 1583

Filippe II havia tempos que principiára a introduzir o cardeal Alberto, seu sobrinho, nos conselhos. Desejava que elle ficasse governando Portugal, e as qualidades do principe afiançavam-lhe a boa escolha. Os portuguezes haviam pedido para regente a imperatriz viuva, mas a saude melindrosa e a devoção exaltada da princeza oppozeram-se, apontando o filho por mais idoneo. O archiduque foi preferido com rasão. Instado pela voz imperiosa dos negocios, que o chamavam a Madrid, el-rei apressando as resoluções, entregou-lhe o governo; e o cardeal, que uma graça especial da Santa Sé investíra nas funcções de legado apostolico, prestou juramento de fidelidade perante o conselho d'estado e perante o senado da côrte, entrando em exercicio nos principios de fevereiro. O conselho, que lhe assistia, era formado do arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, de Pedro da

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v, pag. 190. —Conestagio, *União de Portugal*, liv. x. — Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. xiii, cap. xiv.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 Alçova Carneiro, e de Miguel de Moura, escrivão da puridade[1]. D. Carlos Galceran de Borja, duque de Gandia, substituiu o duque de Alva no cargo de capitão general. O dr. Francisco de Villafaña recebeu o decreto que lhe conferia as attribuições de vedor da fazenda. Presidios hespanhoes, guarnecendo as praças de guerra mais fortes, e maior numero de galés nas aguas do Tejo, asseguravam a D. Filippe a tranquillidade forçada dos subditos. O marquez de Santa Cruz, capitão general da expedição, que se estava apparelhando contra os Açores, ficou em Lisboa, encarregado de acudir com a diligencia costumada aos aprestos necessarios para a armada se fazer de véla na epocha opportuna. Tomadas estas disposições, Filippe II saíu de Lisboa a 11 de fevereiro de 1583. O conselho de Portugal, que o acompanhou para despachar em Madrid os negocios do reino, era composto do bispo capellão mór, de D. Christovão de Moura, e dos doutores Pedro Barbosa e Ruy de Matos de Noronha. Muitos portuguezes distinctos seguiram el-rei á côrte, suppondo que mais proximos dos olhos do monarcha alcançariam com menor difficuldade exito favoravel suas petições[2].

Desejoso de encerrar por meio de uma reconciliação com o prior do Crato a luta civil, e julgando o pretensor ainda na Terceira, antes de saír de Portugal D. Filippe, expediu um homem de sua confiança, Amador Vieira, munido de

[1] Patente de governador expedida ao cardeal Alberto em 31 de janeiro de 1583. Governou até 1593.—*Archivo nacional da Torre do Tombo*, maço 7 de côrtes n.º 4.—Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. XIII, cap. XIV.

[2] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. V.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. IX.—Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, liv. XIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

cartas de seu punho para D. Antonio, commettendo-lhe partidos honrosos tanto para elle como para os moradores de Angra. As cartas caíram nas mãos do conde de Torres Vedras, que as abriu sem escrupulo, que as leu, e que chamando logo o mensageiro, mancebo de maus instinctos, lhe afagou as paixões, e em poucos dias o voltou de modo que o converteu em instrumento de seus designios. Da ligação dos dois se derivaram grandes desgraças para a causa do prior do Crato e para a tranquillidade dos habitantes[1]. 1583

Manuel da Silva, depois da saída de D. Antonio, deu ainda maiores largas ás ostentações de grandeza e á crueldade innata. Soberbo e arrogante quiz que todos o adorassem. Apparecia em publico quasi com mais estado, do que o proprio prior do Crato nos mezes que se tinha demorado. Aceitou o tratamento de excellencia; serviu-se em tudo como rei; rodeou-se de officiaes e de guardas como soberano, e nada omittiu para deslumbrar os habitantes. N'isto, e em estrondosas corridas de cavallo, em festas, e recreios gastava o tempo, que lhe sobrava dos artificios excogitados para perder com enganos e ciladas as pessoas que aborrecia. As prisões encheram-se de suspeitos, muitas vezes accusados, mais por causa do nome ou da riqueza, do que por delictos que não existiam, ou que pouco avultavam. Amador Vieira era o espia, o delator e o braço occulto do conde de Torres Vedras em todas as perseguições. Melchior Affonso, homem de valia na terra, processado e convencido de traição com testemunhos levianos, arrastado á forca em um couro e esquartejado, deu com seus membros pendentes das portas da cidade horrivel espectaculo aos moradores. A cabeça, cravada em um

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v. — *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. LVII e LVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

poste, conservou-se exposta á infamia até que os verdugos castelhanos a arrancaram, collocando em seu logar a do proprio Manuel da Silva, decapitado por ordem do marquez de Santa Cruz.

Naturalmente feroz, o conde de Torres Vedras comprazia-se em assistir aos tormentos que ordenava. O pomar da casa em que habitava, era o sitio escolhido para os tormentos. Ahi o proconsul excedia os algozes mais destros, obrigando as victimas a confessar o que desejava, verdade ou mentira. Os tratos mais usados eram os de fogo. Mandava metter os pés do padecente em um tronco untado com certa preparação, e assa-los lentamente n'uma fogueira de lume esperto. Emquanto os infelizes bramiam e supplicavam, passeava elle insensivel e indifferente, inquirindo e contestando. Estes horrores, petrificando amigos e adversarios, mas applaudidos pela gentalha, todos os dias roubavam partidarios a D. Antonio. Mesmo os menos inclinados a Filippe II suspiravam pela vinda e pela victoria do marquez de Santa Cruz; só elle podia quebrar o captiveiro, em que tremiam, trazendo a vida, a honra e os bens sempre arriscados debaixo do cutello das vinganças[1].

Catharina de Medicis aguardára anciosa as primeiras noticias dos Açores, lisonjeada com falsas esperanças de triumpho. A sua carta a mr. Manuissière, embaixador de França em Londres, revela os cuidadas e incertezas, que n'este momento decisivo a agitavam. Depressa transpirou a verdade, e a grandeza do desastre sobresaltou os mais intrepidos. Os officios de mr. de Saint Goard, diligente em suscitar obstaculos ao dominio hespanhol, lutaram debalde contra o espirito enfraquecido de Henrique III.

[1] *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. LXIII e LXXII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Nem as instancias de sua mãe, nem o sangue dos subditos quasi immolados em seu nome pelo marquez de Santa Cruz, o demoveram da immobilidade. Assombrava-o o poder e a felicidade das armas do rei catholico[1]. O prior do Crato, retirado com seus filhos D. Manuel e D. Christovão na residencia campestre de Rouel, e recobrado do desalento momentaneo, já a esse tempo renovava os esforços junto das côrtes de Londres e París para as oppor a D. Filippe; mas Izabel Tudor, á similhança de Henrique de Valois, detestando e temendo a influencia castelhana, ainda não se atrevia a aggredi-la a descoberto. Catharina de Medicis, menos indecisa, ou mais preoccupada dos perigos futuros, escutou as supplicas do pretensor. Animados da viva fé, que nunca desampára os desgraçados, D. Antonio, Diogo Botelho, e os desterrados portuguezes afiançavam, que a conservação da Terceira era facil uma vez que mil soldados francezes a coadjuvassem, ponderando que medindo a ilha dezoito leguas de contorno só podia ser invadida por tres pontos. Seria pouco trabalhoso feito, a seu ver, para o conde de Torres Vedras com os combatentes portuguezes, e para os inglezes e francezes, salvos da derrota de Strozzi, e mandados pelo capitão italiano Baptista, ou pelo capitão Carlos de Bordeaux repellir e inimigo e arremeça-lo ao mar[2]. 1583

A princeza florentina queria dividir e inquietar as for-

[1] Cartas de Catharina de Medicis de 6 de setembro de 1582 e de Henrique III de 11 de janeiro de 1583 a mr. Manuissière.—Manuscripto da bibliotheca imperial de Paris (fonds Colbert), cod. 479, pag. 316 e 254.

[2] Melchisedec Thevenot, *Relations de divers voyages curieuses*, tom. II, part. IV, París, MDCXCVI.—*Voyage de la Tercère faite par le commandeur de Chastes*, traduzida e publicada pelo sr. José de Torres no *Panorama* de 1865, vol. V, 3.ª serie, n.º 5.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 ças hespanholas. Não ignorava, emquanto a bandeira de D. Antonio fluctuasse sobre os rochedos da Terceira, que D. Filippe nunca poderia chamar-se pacifico senhor de Portugal. Acreditando, pois, mais do que devêra, nas exagerações dos emigrados, resolveu enviar o commendador Aymar de Chastes com nove companhias em defeza da ilha ameaçada pela expedição do marquez de Santa Cruz. De Chastes aceitou o commando violentado. Receiava a sorte dos compatriotas justiçados nos Açores, e antes de se embarcar em aventuras arriscadas, desejava certificar-se ao menos, por seus olhos, da verdade das asserções do pretensor, cuja inexperiencia o assustava. Não lh'o consentiu a promptidão com que a armada hespanhola saíu ao mar. Viu-se obrigado a largar á pressa do Havre de Grace a 17 de maio, e aportou á Terceira depois de vinte e cinco dias de viagem. O seu maior temor era achar a terra conquistada. Saudado á entrada com salvas de canhão e de arcabuzaria, e recebido por Manuel da Silva no meio das acclamações do povo, o commendador tratou logo, como bom capitão, de examinar o estado das obras de fortificação. Achou em tudo o contrario do que D. Antonio lhe affirmára. Em vez de tres pontos unicos accessiveis ao desembarque (que eram Angra, Porto Judeu e Villa da Praia) descobriu uma infinidade de enseadas mal protegidas por intrincheiramentos imperfeitos, e outras inteiramente descobertas. Aconselhou a immediata conclusão de todas as linhas. Os trabalhos principiaram immediatamente sob sua direcção, mas a chegada repentina do marquez de Santa Cruz, cujas primeiras vélas se avistaram a 22 de julho, atalhou o intento e suspendeu os braços[1].

[1] *Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes, Panorama* de 1856, vol. v, n.º 5, pag. 39.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

O almirante hespanhol, apenas as treze naus de Guipuscoa e os seis patachos da divisão naval de Miguel Oquendo entraram o Tejo, tendo já armadas as duas galeaças napolitanas e as doze galés, que iam sulcar pela primeira vez os mares tempestuosos dos Açores, reuniu o resto da esquadra composto de dezesete naus, quarenta e seis zabras, pinaças, patachos e caravélas, e mandou embarcar as tropas, de que era mestre de campo general D. Lope de Figueroa. O numero subia a mais de nove mil e quinhentos homens, pela maior parte castelhanos, incluindo-se n'este numero os mil e quinhentos allemães do coronel de infanteria conde Jeronymo de Lodron, as duas companhias italianas ás ordens de Lucio Pignatello e de Frai Ludovico Afflicto, commendador da ordem de S. João, e as duas companhias portuguezas de aventureiros regidas por D. Felix de Aragão. Levantou ferro a armada a 23 de junho, e a 3 de julho fundeava defronte de Ponta Delgada e de Villa Franca do Campo na ilha de S. Miguel. As galés, commandadas pelo capitão Medrano, forçando remos e vélas, tinham chegado tres dias antes [1]. 1583

O commendador de Chastes nos vinte dias uteis, que tivera livres para a defeza, não se havia descuidado; mas a arrogancia inepta de Manuel da Silva mais de uma vez atalhára suas ordens em vez de as coadjuvar. Chegou de repente da ilha do Pico o aviso de estarem á vista mais de vinte e cinco vélas castelhanas, e no dia 24 de ju-

[1] *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres.*—Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, cod. $\frac{12}{11}$, pag. 260 a 267.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. v.—Conestagio, *União de Portugal,* liv. x.—*Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes, Panorama* de 1856, vol. v, n.º 5, pag. 38 a 40.—De Thou, *Histoire universelle,* tom. IX, liv. LXXVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 lhõ appareceu a esquadra do marquez de Santa Cruz em som de guerra diante de S. Sebastião. Aymar e o conde de Torres Vedras, reconciliados pela necessidade, acudiram logo com as providencias necessarias. O capitão Carlos de Bordeax saíu com quatro companhias francezas e uma ingleza para guarnecer o Faial. Os navios de transporte do Havre artilhados cerraram com um cordão a bahia da cidade. Os soldados e marinheiros das guarnições saltaram em terra. Pelos capitães e pelas tropas estrangeiras repartiram-se os postos de maior importancia. Organisou-se a defeza com a possivel brevidade, e procurou-se oppor aos invasores tenaz e bem calculada resistencia [1].

A artilheria das trincheiras e dos reductos de S. Sebastião rompeu o fogo contra a esquadra inimiga, mas sem lhe causar avarias grandes. D. Alvaro de Bazan aproveitou aquelle dia e os seguintes em reconhecer, ou mandar reconhecer a costa desde o forte de S. Jorge até abaixo do porto de Angra. Pareceu-lhe tanto a elle, como a João Martins de Recalde e aos outros capitães, mais apropriado para o desembarque o porto chamado pelos hespanhoes de las Muelas por menos defendido, por mais facil de abicar pelos barcos chatos, e, sobretudo, por se abrir a meia jornada da cidade de Angra e da Villa da Praia, centros das forças principaes da ilha. Manuel da Silva, desde que se avistaram os castelhanos, trocára a insolencia e o despotismo por um terror profundo, que não sabia dissimular. Instado pelos recados do commendador de Chastes veiu só uma vez de S. Bento, aonde era o seu quartel, á Villa da Praia, para conferenciar, retirando-se logo de-

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v.—Conestagio, *União de Portugal*, cap. x.—De Thou, *Histoire universelle*, tom. ix, liv. lxxviii.—*Voyage de la Tercère faite par le commandeur de Chastes*, *Panorama* de 1856, vol. v, pag. 38 a 40.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pois. Quando passava pelo posto do commendador Meyet 1583
observou-lhe este, que as disposições dos hespanhoes inculcavam o plano de acommetterem por Porto Judeu, ou por Santa Catharina, desguarnecidos de tropas, e incapazes de os rechassar. O conde prometteu enviar-lhe logo os marinheiros francezes, ociosos em Angra, e de acudir em pessoa com quatro mil homens ao primeiro rebate. Não fez uma, nem outra cousa[1].

O marquez de Santa Cruz cumpria de diverso modo os deveres de general. Ao passo que reconhecia a ilha enviava Manuel Rebello, portuguez, com um trombeta, em uma fragata, para entregar ao conde de Torres Vedras cartas suas e do marquez de Tavora, nas quaes, em premio da obediencia a D. Filippe, lhe promettia o titulo de marquez de Torres Vedras de juro e herdade, duas commendas, uma para elle e outra para o filho, o cargo de dama da infanta para a filha, e 20:000 cruzados para pagamento de suas dividas. Aos moradores de Angra e aos habitantes da ilha afiançava clemencia e completo esquecimento do passado. Aos francezes, officiaes e soldados, assegurava honrosa capitulação. As baterias repelliram a fragata contra as leis da guerra, desprezando a bandeira branca que trazia içada. O marquez insistiu, apesar d'isso, e desembarcando de noite os mancebos da Terceira, aprisionados em S. Miguel, mandou por elles a Manuel da Silva copias do perdão de el-rei e cartas de promessas. O conde abriu-as em publico e leu-as para si. Virando-se depois para os portadores exclamou: «Affirmae ao marquez, que digo eu, querendo Deus, que antes de um anno hei de pôr minha lança em Madrid!» O commendador de

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v.—*Lettres contenant la relation de tout ce qui s'est passé aux iles Tercéres*, pag. 260 a 267.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 Chastes lêra tambem e rasgára, sem as communicar a nenhum dos seus, as propostas em que os hespanhoes lhe offereciam quartel e viagem com tres mezes de soldos abonados[1].

Desde o dia de S. Thiago até ao de Sant'Anna, anniversario da derrota naval de Strozzi (24 a 26 de julho), inquietaram os navios castelhanos com rebates diversos pontos da costa para distrahir e fatigar os defensores. No dia 26 uma, ou duas horas antes de alvorecer, surgiram tres galés defronte da Villa da Praia, disparando sobre o corpo de guarda. Chamada assim a attenção para aquella parte os patachos e barcos chatos, rebocados pelas galés, e carregados de soldados, aproaram á saída de Santa Catharina mal guarnecida pelo capitão Bourguignon, e duas companhias portuguezas, e, lançando as pranchas, deitaram quasi de golpe mais de cinco mil homens em terra. Ao mesmo tempo entrava o marquez de Santa Cruz com a galé capitanea no porto de las Muelas, cosendo-se com a praia, e varejando á queima roupa o forte e as trincheiras, dentro de pouco desmontou e calou o fogo da artilheria opposta. Aberto assim o caminho proseguiu o desembarque com rapidez. A primeira bandeira alçada no solo insulano foi a de D. Francisco de Bovadilla, mestre de campo, o qual, atravessando meio a nado a distancia do mar á areia, assaltou momentos depois com D. Francisco de Cordova e o capitão D. João de Tegeda o forte quasi desamparado. As companhias portuguezas

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. x.—Luiz de Torres de Lima *Avisos do céu*, *Successos de Portugal*, tom. I, cap. XXXVI.—*Voyage, de la Tercére faite par le commandeur de Chastes*, *Panorama* de 1856, vol. v, n.º 5.—*Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, cap. LXXVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tinham-se dispersado ás primeiras descargas das galés, 1583
e Burguignon, disputando o passo sómente com os seus cincoenta francezes, caíra morto com trinta e cinco, lutando em um combate heroico[1].

Os hespanhoes desembarcaram na melhor ordem. Os allemães e os italianos hombreando com elles, seguiam-os de perto. Os mais impacientes atiravam-se á agua para chegar depressa. Á voz de Bovadilla e de D. João de Sandoval os sargentos móres formavam os soldados á medida que íam saltando, e postavam nas alas dos batalhões as mangas de arcabuzeiros. Sem perder tempo D. Agostinho Iñiguez, subindo as ladeiras, corria a apoderar-se das collinas sobranceiras ao porto antes dos contrarios acudirem. Ás dez horas do dia as forças hespanholas achavam-se todas em batalha. D. Sancho de Solis cortava com um corpo de tropas a estrada de Angra. D. Pedro de Toledo e D. Pedro Padilha cobriam com os arcabuzeiros a retaguarda. O marquez não saíu da galé com D. Lope de Figueroa senão depois de todos desembarcados. D. Lope vinha enfermo em uma cadeirinha. Apenas o capitão general poz o pé em terra, pediu e alcançou licença D. Francisco de Bovadilla para investir com a vanguarda os inimigos[2].

Defendiam os postos, que íam ser atacados, o commendador du Meyet, o capitão de la Grave, e o mestre de campo mr. de Angarnagues. A escaramuça entre elles e os castelhanos accendeu-se renhida. De Chastes, advertido

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v.—*Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 259 a 171.

[1] Ibidem.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. x.—*Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes*, *Panorama* de 1856, vol. v, n.º 6, pag. 46 a 48.—*Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LXXXI a LXXXIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 ao romper do dia pelos tiros disparados em Santa Catharina, marchou em soccorro dos seus ao longo da praia. No caminho soube, que os hespanhoes, senhores do porto, occupavam com os setecentos ou oitocentos arcabuzeiros de D. Pedro de Toledo e de D. Pedro Padilla uma pequena aldeia situada nas costas do exercito. Acommetteu-os briosamente com quinhentos soldados. O monte, ganho e perdido umas poucas de vezes, por uns e por outros, durante quatro ou cinco horas de conflicto, custou grandes sacrificios a ambos os campos, e sobretudo aos castelhanos. Dos francezes succumbiram tambem muitos. Vinham tão affrontados da marcha forçada e da calma excessiva, e tão cortados da falta de somno e de alimento, que alguns, não podendo suster-se, baqueavam sem sentidos. De Chastes escolheu os mais válidos, formou um batalhão, e arremettendo com elle arrancou da corôa do monte os hespanhoes, conservando a posição a despeito de todos os assaltos[1].

Sobre a tarde appareceu a final Manuel da Silva com mil portuguezes e grandes manadas de vaccas e de touros. Haviam sido inuteis para o despertar os rebates do perigo, os estimulos da honra e os recados de Aymar de Chastes. Vinha renovar o ardil que destroçára D. Pedro Valdez. O commendador estranhou-lhe a ausencia, tratou de covarde o artificio punico das vaccas, e lançou-lhe em rosto a perda da ilha e dos alliados. Escutou-o humilde e arrependido. Accusava-o a consciencia. Desde o meio dia, que tinha ociosas e reunidas todas as forças de terra em

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. x. — *Voyage de la Tercère faite par le commandeur de Chastes, Panorama* de 1856, vol. v, n.º 6, pag. 46 a 48. — *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LXXX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

numero de oito a nove mil homens, entre francezes, in- 1583
glezes e portuguezes, com quatrocentos cavallos, e que lhes refreava o ardor e os brios, não consentindo que pelejassem, apesar do fervoroso impeto com que, tocando caixas e trombetas, bradavam que os deixasse descer ao encontro dos castelhanos! O seu fim era furtar-se aos perigos não arriscando a vida ou a liberdade. Em vez de estimular a valentia momentanea dos seus esfriava-a, oppondo-se á marcha e á peleja. Para conter os mais intrepidos promettêra mandar trazer de noite cincoenta canhões grossos, e rodear com elles o campo intrincheirado para rebater mais facilmente os assaltos dos castelhanos. A promessa ficou, porém, sómente nas palavras. Nada ordenou. Tinha prompta uma caravéla ligeira, e confiava a coberto das trevas embarcar-se n'ella, e passar á Graciosa. Mallogrou-lhe o intento a vigilancia dos capitães das fortalezas de Santo Antonio e de S. Sebastião, os quaes mandaram atirar com balas á barca, ameaçando mette-la a pique se largasse as vélas.

O desembarque dos hespanhoes estava feito. Os escravos mouros transportavam das galés polvora, bala e munições. A artilheria ía tambem chegando. Depois das quatro horas da tarde o marquez de Santa Cruz deliberava em conselho, sobre as operações do dia seguinte, quando gritos de guerra e immenso alvoroço revolveram o arraial. Acudiram os capitães hespanhoes, e viram muitas vaccas e touros com a gente da ilha atrás. Vinham arremetter contra o acampamento. D. Alvaro de Bazan sorriu-se. Não era este o caso de D. Pedro Valdez. Para os homens de pé e de cavallo, que se atropelavam após as manadas, entrarem o arraial era necessario primeiro que subissem debaixo de fogo por quatro trincheiras altissimas, e que expellissem d'ellas os seus veteranos, empreza ten-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 tada em vão pelas tropas aguerridas de Aymar de Chastes, e repetida por vezes no combate do campo pela frente e pelos flancos em todo o dia. O marquez, depois de contemplar o espectaculo que os inimigos representavam, ordenou em alta voz aos sargentos móres, que não deixassem disparar um tiro contra o gado bravo, se lh'o soltassem, e que mandassem abrir fileiras, dando saída por meio d'ellas ao tropel. Os portuguezes por muito proximos ouviram transmittir as ordens da vanguarda á retaguarda, e desenganados cederam do ardil[1].

Baixou a noite e interrompeu-se o combate. O commendador de Chastes perdêra os capitães Bourguignon, Armissac e Espalingues com alguns officiaes estimados, via fóra do combate, mais ou menos gravemente maltratados, du Mayet, Bravet, Laste e la Barre, e deplorava os ferimentos dos aventureiros Cusson, Tavet, Miremont e outros. Dos seus soldados quasi um terço, entre mortos e feridos, juncava o chão. Acampado mui perto do exercito castelhano determinára aguardar ali a aurora para aos primeiros raios do dia renovar a batalha. Appareceu, porém, Manuel da Silva por alta noite, e roubou-lhe as ultimas illusões. As forças portuguezas, cujo ardor por covardia sopeára, quando devêra aproveita-lo, cortadas de terror panico, tinham-se dispersado, buscando refugio nos matos e montanhas. Os francezes lutavam, pois, desamparados contra todo o poder do rei catholico! Aymar e seus capitães decidiram marchar sem demora sobre Angra e apoderarem-se das fortalezas. O conde de Torres Vedras contrariou-lhes o alvitre, e aconselhou-os a recolherem-se ás fortes posições de Nossa Senhora de Guadalupe, levanta-

[1] Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. v. — Conestagio, *União de Portugal*, liv. x. — *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux îles Tercéres*, pag. 259 a 271.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

das na serra. Accederam, cuidando que elle os acompanhas- 1583
se, mas no caminho esquivou-se-lhes e sumiu-se. De Chastes percebeu então que fôra mais uma vez enganado pela fraqueza do logar-tenente de D. Antonio, e volvendo, mas tarde, ao primeiro proposito, quiz retroceder ainda, e entrar em Angra para se metter nas fortalezas. Não era já tempo. Não encontrando inimigos, que as atalhassem, as tropas hespanholas tinham seguido a victoria, adiantando-se com D. Francisco de Bovadilla. O marquez e D. Lope de Figueroa, sabendo que os fortes de Angra se achavam desguarnecidos, e que os soldados de Aymar de Chastes podiam vir occupa-los de um instante para outro, mandou avançar immediatamente quinhentos arcabuzeiros, e ordenou-lhes que investissem a cidade e a rendessem. Entraram sem resistencia, e assenhorearam-se do castello e das fortalezas. Pouco depois chegou D. Alvaro de Bazan com o mestre de campo general e o grosso das forças castelhanas. A conquista da terra e da capital não lhes havia custado muito [1].

Santa Cruz quiz castigar a cidade e a ilha. Promettêra aos soldados os despojos dos vencidos. Não ousou quebrar a palavra. Mandou, pois, apregoar saque por tres dias, dizem uns, por dez dias affirmam outros. Poz guardas nos conventos de freiras, aonde se abrigavam muitas familias, e protegeu com igual cuidado as igrejas e os mosteiros de religiosos. Depois deu largas á soltura e cubiça dos seus, e deixou-os cevar nos infelizes votados a seus insultos. A ferocidade da soldadesca não perdoou a vidas, nem a fazendas. O roubo e o incendio assi-

[1] *Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes, Panorama* de 1856, vol. v, n.º 6, pag. 46 a 48.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. v.—Conestagio, *União de Portugal,* liv. x.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 gnalaram de estragos seus passos. Nas ruas jaziam nus e insepultos os cadaveres das victimas a par dos corpos das rezes e animaes mortos. De dentro das casas, ao clarão das chammas ateadas, soavam pelas portas arrombadas gritos, prantos, supplicas e gemidos. Mulheres e donzellas deshonradas choravam os maridos, ou os paes perdidos. Os filhos buscavam as mães, as mães anciosas chamavam pelos filhos, creanças desamparadas vagueavam como loucas. Offereceram-se e extorquiram-se grossos resgates, premio da vida ou da liberdade. Para aggravar o susto e a anarchia d'estes dias as prisões abertas vomitaram das enxovias os prisioneiros castelhanos, e os portuguezes encarcerados por Manuel da Silva. As vinganças e as violencias assolavam tudo. N'este meio tempo o conde de Torres Vedras, verdadeiro auctor de tantos males, soldado fraco, capitão ignaro e governador tyranno, acoutava-se nos matos, espreitando occasião de saltar em uma das barcas, que havia mezes tinha armado para fugir [1].

O marquez de Santa Cruz não perdia o tempo. Acabado o saque reprimiu com severidade os attentados, e convidou com seguro de paz os moradores escondidos nos bosques a recolherem-se. Hesitaram a principio, mas o exemplo dos que se tinham aventurado primeiro convenceu os outros, e semanas depois voltaram todos. Querendo pacificar inteiramente os Açores D. Alvaro de Bazan confiou de D. Pedro de Toledo a expedição destinada a coagir as ilhas fieis a D. Antonio a render-se e prestarem obediencia a el-rei. Saíu a 29 de julho a esquadra. Miguel de Oquendo e D. Agostinho Iñeguez acompanhavam D. Pedro com

[1] *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LXXXV, LXXXVI e LXXXVII.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. V.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. X.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

perto de dois mil homens. O exito correspondeu aos de- 1583
signios do general. A ilha de S. Jorge entregou-se sem resistencia. No Faial os francezes mandados pelo capitão Carlos de Bordeaux disputaram a entrada, e encerrados no castello da Horta não cederam, senão a vantajosas propostas de capitulação. Custou a demora aos moradores tres dias de saque e desgraças, que podiam ter-se evitado. A ilha do Pico obedeceu. As ilhas do Corvo e da Graciosa submetram-se a Jeronymo Valderramas com a primeira intimação. Restavam os soldados de mr. de Chastes, fortificados nas posições de Guadalupe. O commendador, bom official e guerreiro brioso, carecia de tudo para se defender. Sem viveres e munições via sobre si o vulto de um exercito victorioso. Por sua parte Santa Cruz, satisfeito com os triumphos obtidos, o que desejava era terminar a guerra. Os francezes fallavam, todavia, tão altivos e exigiam condições tão pouco rasoaveis, que resolveu mandar saír as tropas contra elles, na idéa talvez de que a ameaça de uma batalha lhes quebraria o animo [1].

Assim aconteceu. Os soldados e muitos officiaes, lembrados da sorte de seus compatriotas na armada de Strozzi, violando medrosos a disciplina, dictaram a sua vontade ao general. Aymar de Chastes annuiu coagido, e eleito em conselho o senhor de Anganargues, mestre de campo, conferiu-lhe todos os poderes para negociar com os hespanhoes. Com a chegada d'este fez alto já fóra de Angra o exercito castelhano, e D. Pedro de Padilla e D. Jorge Manrique guiaram o commissario francez ao quartel de D. Francisco de Bovadilha, aonde se redigiu e jurou a capitulação. O marquez em virtude d'ella concedeu ao commendador e aos seus livre a retirada para França com es-

[1] *Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes, Panorama* de 1856 vol. v, n.os 6, 7 e 8.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1583 padas, adagas e bagagens, em vasos hespanhoes, sustentados á custa do rei catholico durante a viagem. Não se demorou a execução. Os francezes a 4 de agosto renderam-se em numero de mil e duzentos, entregando dezoito bandeiras e todos os arcabuzes, piques e mosquetes. A 14 embarcaram, começando a atribulada navegação de perto de dois mezes, em que as tempestades, a sêde, a fome e as doenças pozeram o doloroso remate de seus padecimentos aos infortunios de tão desditosa campanha [1].

Antes de Aymar de Chastes saír da Terceira caíra a 10 de agosto Manuel da Silva em poder dos hespanhoes, denunciado por uma escrava, e preso por Espinosa, soldado castelhano. Encerrado na galeaça de João Ruy Velasco, e perguntado sobre as cousas de D. Antonio, escusou-se a principio de responder. Durou-lhe pouco a firmeza. Mettido a tormento por ordem do auditor geral revelou quanto sabia. Correu summario e rapido o processo, e os juizes sentencearam-no a pena ultima. Parece que nunca esperára que fosse este o tragico desenlace de sua criminosa carreira. O medo da morte acobardou-o nas primeiras horas, porém recobrando-se com as exortações dos confessores subiu ao cadafalso, e fallou ao povo intrepido e arrependido.

Decepou-lhe a cabeça um verdugo tudesco (quinta feira 13 do mez), e cravou-a depois na mesma gaiola, onde elle mandára expor a de Melchior Affonso. Foram degolados no mesmo patibulo e na mesma praça Manuel Serradas, intimo de D. Antonio, e Amador Vieira, seu espia e delator. Padeceram o supplicio affrontoso da forca doze réus con-

[1] *Voyage de la Tercére faite par le commandeur de Chastes, Panorama de* 1856, vol. v, n.os 6, 7 e 8 — Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. v. — Conestagio, *União de Portugal,* liv. x. — De Thou, *Histoire universelle,* tom. IX, liv. LXXVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

vencidos de amotinadores publicos e de perseguidores. 1583
Outros, açoutados pelas ruas com baraço e pregão, ficaram nas galés. Alguns frades expiaram em ferros as sublevações do povo provocadas por sermões, ou com discursos escandalosos[1].

Em todos estes castigos ostentou D. Alvaro de Bazan a severidade cruel, feição fatal e sabida da politica hespanhola n'aquelle seculo. O terror e a espada eram suas armas usuaes nas conquistas e contra as insurreições. Nos Paizes Baixos, no Aragão, em Portugal e nos Açores, Filippe II e seus generaes preferiram sempre o terror e a repressão feroz ao affecto gerado pela clemencia ou pela generosidade.

O marquez de Santa Cruz, punidos assim os agentes exaltados do prior do Crato, e vingadas as injurias dos amigos de Castella, deixando o governo da ilha e o titulo de mestre de campo a João de Urbina, cavalleiro de S. Thiago, com um presidio de dois mil homens para conservar a tranquillidade e a obediencia dos moradores, largou da Terceira com a armada a 19 de agosto, e entrou em Cadix com vinte e sete dias de viagem, a 15 de setembro de 1583. A côrte recebeu-o com louvores e grandes honras. Filippe II devia-lhe as victorias, que haviam segurado para sempre a corôa de Portugal em sua fronte.

1 *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra*, cap. LXXXIX, XC, XCI e seguintes.—Herrera, *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. V.—Conestagio, *União de Portugal*, liv. X.—De Thou, *Histoire universelle*, tom. IX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO III

1584-1588

D. Antonio em França. Tentativas dos hespanhoes contra sua vida e liberdade.— Pobreza do prior do Crato. Viagem a Inglaterra. — Governo do cardeal Alberto. Os impostores que se chamaram reis.— Sebastianistas.— Estado politico da França. Liga e tratado dos Guise e de Filippe II.— Izabel e Maria Stuard. Processo e execução da rainha de Escocia. Espanto da Europa. Resentimento da côrte de Madrid. — Preparativos do rei catholico. Emprezas navaes de Drake. Cabo Verde e Cadix. — A invencivel armada.

A conquista da Terceira não acabou de desalentar as esperanças do prior do Crato, nem amorteceu a vigilancia do rei catholico. Ainda no anno de 1584 envidavam ambos os maiores esforços, um para conservar, e o outro para adquirir o dominio contestado de Portugal. Diogo Botelho, intitulado chanceller de um rei sem estados, multiplicava-se, ora escrevendo aos ministros influentes, ora avistando-se com os homens poderosos, sem perder lance ou pretexto de avivar a fé nos emigrados, e a aversão nos adversarios da côrte de Madrid[1]. O prior, attri-

[1] D. João de Castro, no *Discurso aos tres estados*, accusa Diogo Botelho de todos os males da emigração.

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

buindo todos os revezes ao oiro castelhano, procurava incutir no animo dos tibios a confiança, que nunca o desamparou. Mas suas instancias feriam ouvidos surdos, e a sua grande pobreza desviava de Ruel as devoções interessadas. Houve dias, em que o neto de el-rei D. Manuel viveu só de pão e agua, e esta profunda miseria, supportada com dignidade, tanto mais ennobreceu o seu caracter, quanto informado a tempo o rei catholico quiz aproveitar-se da occasião, tentando-o com promessas[1].

Desenganado por fim o gabinete do Escurial mudou de armas. Quatro assassinos subornados por elle investiram a casa de campo de Ruel e obrigaram D. Antonio a evadir-se. Pouco depois no castello, que a rainha viuva lhe abrira como refugio, no seio da Bretanha, novas ciladas envolviam o principe. O governador Mortigny, seduzido pelo duque de Mercoeur, quasi que teve o pretensor em suas mãos para o entregar aos hespanhoes[1]. Salvou-o a lealdade de um fidalgo das immediações de Auray, chamado du Plessis du Guest. Por ultimo a duqueza de Loudunois, Francisca de Rohan, compadecida, alcançou de madame de la Ganache, que offerecesse ao proscripto o abrigo do seu castello de Beauvoir no Poitou. A sêde das recompensas promettidas estimulava, porém, o duque de Mercoeur a não ceder, e D. João de Heredia, que se dizia sobrinho do marquez de Santa Cruz, acompanhava-o por toda a parte, incumbido por D. Filippe de receber D. Antonio depois de preso. Outro agente castelhano, o commendador Marteu, unia todos os fios da conspiração, trabalhando incansavel por lhe apressar o exito, e urdindo uma guerra de

[1] Carta de Edward Prinn a Walsingham de 28 de fevereiro de 1584. O prior tinha em casa quarenta e sete pessoas. — *Museu britannico*, Bibliotheca Harleyana, cod. 286, fol. 62. — *State Papers Office* (Portugal), maç. 1-A, n.º 88.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

traições e de perfidias, que não consentiu a D. Antonio 1585
um momento de repouso[1].

O attentado foi estrondoso. Seguro da impunidade o duque mandou acommetter o castello por soldados alliciados em Nantes, mas a duqueza de Loudunois, avisada a tempo, prestou cavallos, dinheiro e escoltas a D. Antonio. Os satellites de Mercoeur, entrando em Beauvoir, vingaram-se no palacio da fugida do principe, deixando tudo roubado e quasi destruido. A esse tempo apoderava-se Beauchene, tenente do capitão Escallin, de dois patachos armados, de cem arcabuzes, e de cincoenta mosquetes pertencentes ao prior, e Heredia embargava de auctoridade propria o padre Fructuoso Rodriguez, que voltava da Rochella, e retinha-o em carcere privado em casa do hespanhol Pedro Almanduche. A residencia da viuva Velladolid em Nantes servia de quartel aos espiões de Filippe II. Emquanto elles assim violavam a paz interna conseguia respirar o pretendente por alguns instantes na ilha de Sossimo, e escrevia a duqueza de Loudunois a Henrique de Valois, avisando-o dos perigos, de que elle escapára quasi por milagre, e dos que ainda lhe estavam imminentes. Provavelmente a rainha viuva juntou suas instancias ás da duqueza. Os documentos provam pelo menos que Henrique III despertou por um pouco[2].

Em 10 de agosto ordenava el-rei ao senescal de Nantes que abrisse rigorosa devassa contra os auctores e cumplices da tentativa que ameaçára seu primo D. Antonio, *rei eleito*

[1] *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 11 e 39. — D'Aubigné, *Histoire universelle*, tom. II, liv. V. *Satyre Ménippé*, ediç. de Marchand, tom. I, pag. 85. Ambas estas tentativas se frustraram em 1585 entre maio e julho.

Ibidem, pag. 39 e seguintes. — *Satyre Ménippé*, ediç. de Marchand, tom. I, pag. 85.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 *de Portugal*, e seus filhos em Beauvoir, mandando soltar o padre Fructuoso, e restituir ao prior e a Diogo Botelho os objectos roubados. A 12 advertia ao duque de Mercoeur, que o pretensor e os seus creados viviam em França sob a protecção real, e exigia que elle enviasse os seus officiaes para auxiliarem as diligencias contra Beauchene e Almanduche. Por ultimo, em 13 de agosto, escrevia ao maire e justiças de Nantes, recommendando a execução das providencias determinadas para serem presos e punidos os fautores do crime. A satisfação do ultrage não correspondeu á severidade das ordens. A resistencia passiva dos perseguidores de D. Antonio annullou a vontade real. O commendador Marteu e Heredia, chefes sabidos da empreza, recolheram-se á patria, e o duque de Mercoeur continuou a inquietar o prior de modo, que o forçou a refugiar-se na cidade protestante da Rochella, aonde se lhe juntou depois seu filho D. Christovão, disfarçado em lacaio[1].

Uma carta de D. Antonio a Catharina de Medicis, de 15 de julho, datada d'este ultimo asylo, pinta com sombrias tintas o grau de miseria a que o desditoso principe havia baixado. Já lhe não pedia soccorros para conquistar o reino, invocava a sua compaixão para obter algumas sommas, que o ajudassem a subsistir! Tanta era n'estes dias dolorosos a sua estreiteza de meios, apesar da serenidade altiva com que padecia, que d'Aubigné, lembrado da pobreza de Job, inventou para a descrever um neologismo, citando no barão de Faeneste a *Jobelinocracia* do desgraçado principe da Rochella. A hospitalidade da cidade protestante foi generosa e tolerante. Seus muros e

[1] *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 13. — *Histoire de don Antoine*, par madame de Saint-Onge, pag. 124 e 125.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

suas leis defenderam o proscripto dos punhaes dos traidores, e a mais plena liberdade de consciencia respeitou-lhe o culto e os escrupulos; mas a pobreza opprimia-o; se não fosse ella teria corrido para elle quasi tranquillo este curto periodo da existencia[1]. Resolvido, porém, a tentar os derradeiros esforços, decidiu-se ao ultimo sacrificio, e empenhou o mais bello diamante dos que ainda lhe restavam. Harlay de Sancy, um dos banqueiros ricos da côrte, emprestou-lhe sobre elle quarenta mil libras francezas, e deu seu nome á joia reputada a oitava entre as pedras estimadas da Europa. 1585

Ajudado d'esta quantia atravessou o prior do Crato o estreito, e veiu supplicar os soccorros tantas vezes afiançados por Izabel Tudor. Uma carta do conde de Leicester (de 24 de maio) escripta por occasião dos attentados de Nantes havia-lhe assegurado, em nome da soberana, protecção valiosa contra os perigos, que podia ainda affrontar em França. Na jornada de Plymouth a Londres a rainha mandou prodigalisar ao pretensor as demonstrações mais lisonjeiras. Os cortezãos sairam a recebe-lo em Salisbury, trajados de pastores, e deram-lhe os emboras da chegada. Em todas as cidades os magistrados apresentavam-lhe as chaves á entrada entre repiques de sinos e acclamações festivas. No paço a altiva herdeira de Henrique VIII tratou-o como rei[2].

Estas calculadas ostentações espertaram o ciume de Catharina de Medicis. Desejando attrahir o prior a París para o arrancar aos laços da influencia ingleza, a viuva de Henrique II escreveu-lhe, desculpando o filho das vio-

[1] De Thou, *De Vita Sua*, liv. IV, cap. LVIII. — D'Aubigné, *Histoire universelle*, cap. XXII.

[2] Talleman des Reaux, *Historiettes*. — *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 59 e 60.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 lencias commettidas na Bretanha, e convidando o principe portuguez a aceitar pela segunda vez a hospitalidade e os auxilios que o rei estava agora disposto a conceder-lhe. Não contente com isto, e pouco segura do effeito provavel de carta, a rainha mãe enviou a Londres o florentino Rugiero, creatura do cardeal de Lorena, e incumbiu-o de persuadir a volta a D. Antonio. O prior offendido negou-se a recebe-lo, e os argumentos do capitão Pradin, mandado depois á côrte britannica com igual missão, não foram mais efficazes[1].

Apenas entrado em Londres, D. Antonio principiou a instar com a rainha para que não demorasse a expedição planeada; mas Izabel, sem desmentir as primeiras promessas, espaçava com mil pretextos o cumprimento, não ousando romper abertamente com a Hespanha. Entretanto, talvez para impedir que o pretensor tornasse a lançar-se nos braços da França, o conde de Leicester enganou-lhe a impaciencia, promettendo-lhe auctorisação para o estabelecimento de um almirantado na villa de Willemstad, e licença para alistar capitães e soldados, e para decretar as providencias adequadas a seus intentos. A noticia dos progressos do prior na côrte de Izabel, segundo parece, não assustou pouco Filippe II. Nos documentos da epocha ha mais de uma allusão clara ao estado do animo do rei catholico, sendo uma das mais significativas a enviatura a Londres de Miguel Vaz com o fim occulto de envenenar o prior do Crato, cujos negocios, aggravados pela

[1] Carta de Catharina de Medicis de 2 de dezembro de 1585.— *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 53.—Carta de Horacio Palavicino a sir Francis Walsingham de 20 de setembro de 1585.—Museu britannico, *Bibliotheca Cottoniana*, Nero, B-J, fol. 236.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pobreza, coxeavam detidos pelas rémôras que o conde de 1584
Leicester oppunha a todas as deliberações decisivas[1].

Em Portugal grande era tambem o desalento do partido da independencia. Saint-Goard, depois marquez de Pisani, fôra substituido em Madrid por mr. de Longlée. O dominio castelhano firmára-se com as victorias. As incertezas de Henrique de Valois não concorriam pouco para desmaiar os inimigos da casa de Austria. De feito se em 1581 o terror das armas hespanholas desviára o rei da guerra, seus receios desde 31 de dezembro de 1584 haviam redobrado com a liga secreta dos principes Lorenos e da côrte de Madrid. As hesitações de Izabel eram iguaes. Ambos detestavam a politica de Castella, mas ambos temiam encontrar-se descobertos e sós diante da cholera de D. Filippe, limitando por isso a golpes disfarçados as maiores hostilidades. Assim mesmo as aggressões indirectas dos dois soberanos sobresaltavam o rei catholico. Conhecendo a repugnancia dos portuguezes previa que as suggestões dos gabinetes de Londres e París e as ousadias de D. Antonio podiam ateiar-lhe no reino incendio subito[2].

As saudades da liberdade perdida tinham-se tornado tão vivas em Portugal, que em muitos se convertiam já em fanatismo cego. Derrotado e proscripto o filho do infante D. Luiz voltaram-se as esperanças para outra parte, e na falta de realidades abraçaram uma sombra, consolando a

[1] Memorial do embaixador de D. Antonio, no anno de 1586. — Museu britannico, *Bibliotheca Cottoniana*, Galba, cap. x, fol. 219. — Officios de mr. de Longlé de 25 de março e de 23 de agosto de 1586, *Bibliotheca imperial de París*, cod. 228-8, doc. 50. — Carta de Ruy Lopes a Leicester de 24 de setembro de 1586. — Museu britannico, *Bibliotheca Cottoniana*, Nero, B-J, fol 267.

[2] Despachos de mrs. de Saint-Goard e de Longlée desde 1582 até 1586.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1584 dor dos infortunios presentes com a idéa de melhores futuros. O nome de D. Sebastião acudia com magua aos labios de todos. Da sua perda datavam as desgraças e o captiveiro da patria, e a credulidade em uns, o artificio em outros creou e dilatou uma seita, que, atravessando as idades e os successos, chegou ainda a alcançar os primeiros annos do nosso seculo [1]. D. Sebastião, affirmavam os devotos de sua resurreição, sobrevivendo á catastrophe de Alcacer, tinha embarcado encoberto em Arzila, e expiava em um ermo os erros da mocidade aventurosa. Talvez já advertido das visões, a principio innocentes, dos sebastianistas Filippe II, depois de resgatadas as cinzas do sobrinho as mandára conduzir de Ceuta, e reunidos no mosteiro de Belem os restos de todos os reis da familia de D. Manuel, assistíra rodeado de sua côrte ás exequias do cardeal rei D. Henrique [2]. Mas os fanaticos do maravilhoso não se deram por vencidos. A seu ver os ossos encerrados no jazigo de Belem não exprimiam a verdade, e para o provar citavam mil circumstancias apocryphas. Engróssou com o tempo e com o descontentamento dos povos a corrente d'esta opinião, e por fim appareceu em Penamacor no mez de julho de 1584 o primeiro impostor a colher os fructos do odio votado ao dominio estranho. Era um moço da villa de Alcobaça, ou da Batalha (como alguns querem), filho de um teigueiro, que expulso antes de cumprir o noviciado da religião do Carmo, viera fazer-se hermitão na raia, perto de Albuquerque. Este primeiro Sosia do infeliz monarcha não teve de empregar grandes astucias para attrahir os aldeãos. Pelo con-

[1] Vide *Os sebastianistas*, por José Agostinho de Macedo, Lisboa 1810, part. I e II.

[2] Bayão, *Portugal cuidadoso e lastimado*, liv. V, cap. XL, pag. 720 a 722.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

trario, em sua singeleza, elles é que forjaram a fabula 1584
quasi toda. Aproveitou-se o mancebo com habilidade da boa fé do vulgo, entreteve-a, e ajudou-a, tornando-se conhecido e amado. Despiu depois a roupeta, e trajando vestidos de velludo lavrado, saindo a cavallo, correu os contornos com ares de grandeza mysteriosa. Sabia e fallava um pouco o arabe vulgar, e contava dos successos recentes de Africa e dos lances da batalha particularidades, que faziam presumir, sem o dizer, ser elle o desejado D. Sebastião em pessoa [1].

A idade de vinte annos, a côr do rosto e dos cabellos, as feições e o corpo desmentiam a novella, porque em nada recordavam o desditoso principe; mas o que podia discernir, ou ajuizar a ingenuidade rustica em pontos similhantes? Voaram as noticias do rei encoberto, e augmentou o seu cortejo. No começo, medroso, recatava-se das justiças, depois atreveu-se mais, e nas estalagens e casas particulares da comarca de Penamacor já não engeitava o titulo e as honras de soberano. Seguiam-o por toda a parte dois homens, um chamando-se bispo da Guarda, e o outro Christovão de Tavora. Compoz uma guarda de foragidos, formou um arremedo de conselho d'estado e de conselho de guerra, e recebendo da mão dos ricos avultadas sommas liberalisava-as em esmolas pelos pobres. Atraiçoaram-o o falso esplendor e o alvoroço popular. O juiz de fóra, vendo a terra amotinada, examinou a causa, e tirando devassa juraram todos que o aventureiro era

[1] *Les faux D. Sebastiens*, Étude sur l'histoire de Portugal par mr. Miguel d'Antas, Paris, 1866, liv. II, cap. II.— D. Modesto Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II, cap. XXV. — D. João de Castro, *Discurso aos tres estados*, Paris, 1602, cap. II. — Herrera, *Historia general del mundo*, part. II, cap. XVIII, pag. 509 e seguintes, Valladolid, 1606.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1584 D. Sebastião. Preso por ordem do cardeal Alberto, e trazido a Lisboa por duas companhias de soldados castelhanos para acautelar alevantamentos na plebe, esteve exposto uma manhã inteira no campo de Santa Clara para desengano geral, entrando na cidade pelas portas da Cruz a cavallo. Encerraram-o depois na enxovia, e tiveram-o sempre ás grades para ser visto. Fizeram-lhe perguntas, deram-lhe tratos, avivaram-lhe os tormentos para lhe arrancar alguma revelação importante; foi tudo inutil: primeiro cansaram os juizes e os verdugos do que o paciente. Não foi possivel obriga-lo a confessar nem o nome verdadeiro, que sempre se ignorou. Sentenceado na relação em presença do cardeal governador a pena de galés com pregão publico pela cidade não se mostrou humilhado, nem abatido[1]. O supposto bispo da Guarda acabou no cadafalso, e o fingido Christovão de Tavora padeceu tambem o mesmo supplicio. Quatro annos depois o rei de Penamacor rompia os ferros e saltava nas costas de França. Era remeiro de uma das galés na invencivel armada.

Pouco tardou que saísse outro impostor a representar igual comedia. Chamava-se Matheus Alvares, natural da Terceira, filho de um pedreiro, mas dotado de espiritos mais altos e de coração mais robusto, do que o embusteiro de Penamacor. Fôra noviço no mosteiro de arrabidos de S. Miguel junto a Obidos, e de lá saiu a viver vida retirada em uma ermida de S. Julião da Ericeira, aonde os que passavam ouviam com frequencia estalar as disciplinas com que se flagellava, e escutavam os gemidos e vozes, em que lamentava os peccados proprios e a sorte de Portugal. Aprendêra de certo no convento as phrases declamatorias

[1] *Les faux D. Sebastiens,* Étude sur l'histoire de Portugal par mr. Miguel d'Antas, Paris, 1866, liv. II, cap. II. — D. Modesto Lafuente, *Historia general d'España,* tom. XIV, part. III, liv. II, cap. XXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e de lá trouxera de certo a uncção religiosa, com que se insi- 1584
nuava no animo dos ouvintes. Maravilhados do espectaculo do seu arrependimento e do segredo transparente, em que por calculo se envolvia, principiaram os moradores a discorrer e a comparar entre si as indiscrições involuntarias do hermitão. O modo por que narrava os episodios da batalha de Alcacer, avivando os incidentes da derrota, e algumas particularidades reconditas, e afogando as palavras em lagrimas e suspiros, acabou de os attrahir. A imaginação escandecida e o zêlo patriotico obraram o resto. Cuidaram que tinham D. Sebastião escondido n'aquelle heremiterio, e divulgaram a noticia, avultando-a segundo o costume. Um lavrador rico, chamado Pedro Affonso, foi dos primeiros. Matheus Alvares não deixou esfriar o enthusiasmo. Reuniram-se-lhe mais de oitocentos homens, declarou-se rei sem hesitar, e compoz a casa á imitação da casa real. Nomeou general do seu pequeno ixercito o lavrador Pedro Affonso, que se appellidou de Menezes, e deu-lhe o titulo de marquez de Torres Vedras e de conde de Monsanto, senhor de Cascaes e alcaide mór de Lisboa, casando com a filha, donzella formosa, que o impostor coroou rainha com a corôa de prata de uma imagem da Virgem Maria. Começou então a distribuir mercês e a passar alvarás e provisões, occultando-se em geral, e apparecendo só a poucos por favor. Crescendo-lhe os brios, escreveu ao cardeal Alberto intimando-o para que desoccupasse o paço, e se recolhesse a Castella; e concebendo depois o projecto arrojado de marchar sobre Lisboa, tratou de juntar o maior numero de camponezes, a fim de realisar tão atrevida empreza [1].

[1] Bayão, *Portugal cuidadoso e lastimado*, liv. v, cap. XLII. — Lafuente, *Historia general d'España*, part. III, liv. II, cap. XXV. — D. João de Castro, *Discurso da vida do sempre bem vindo e appa-*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 Cresciam as forças de Martins Alvares, e já assoberbavam inteiramente as villas de Mafra e da Ericeira. O povo abria os braços ao aventureiro e aos sublevados, que, prenderam o juiz de fóra e o escrivão da villa de Torres Vedras, colhidos na diligencia de os prender, e cercaram em uma quinta em Mafra o desembargador Gaspar Pereira do Lago e seu sobrinho. Pedro Affonso, cada dia mais audaz, jurava entrar em Torres Vedras, em Cintra, e por fim na capital, vespera da festa de S. João á noite, para libertar o reino do jugo castelhano, e assentar o impostor no throno de D. Sebastião. O governo hespanhol não podia dissimular por mais tempo tanta ousadia, nem attentados tão estrondosos commettidos quasi nas abas da cidade. O capitão general marquez de Santa Cruz recebeu ordem de prestar ao corregedor do crime da côrte, Diogo da Fonseca, as tropas necessarias para reprimir a insurreição. Mandou o marquez os capitães Santo Estevan e Calderon com algumas companhias, e Diogo da Fonseca partiu com ellas e com os seus officiaes. A cinco leguas de distancia de Lisboa soube que os rebeldes tinham afogado no mar, despenhando-os dos rochedos, o juiz de fóra e o escrivão de Torres Vedras, e que haviam arrombado as portas e invadido a casa de Gaspar Pereira, assassinando-o e ao sobrinho em vingança de sua fidelidade a Filippe II, promettendo Pedro Affonso castigo similhante a todos os que negassem obediencia a seu amo D. Sebastião. O corregedor informado de tudo empregou os quatrocentos soldados que levava. Pedro Affonso defendeu-se com denodo, e alguns dos seus caíram mortos. Matheus

recido D. Sebastião dirigido aos tres estados do reino, cap. XI. — D'Antas, *Les faux D. Sebastiens*, liv. II, cap. III. — Torres de Lima, *Avisos do céu*, tom. I, cap. XLIX. — Herrera, *Historia general del mundo*, part. II, cap. XIX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Alvares, mais prudente ou mais avisado, assistiu á batalha de longe, reputando-a talvez perdida mesmo antes de ferida. Prenderam-o, e veiu para Lisboa montado por vituperio em um burro, vestido de saloio e com a cabeça nua. Confessou nos tormentos que o seu verdadeiro fim era investir Lisboa na madrugada do dia de S. João, e victorioso dizer ao reino, que proclamasse rei natural, porque elle não era D. Sebastião. Foi sentenciado á morte e justiçado a 14 de junho de 1585. Cravaram-lhe a cabeça em um poste e esquartejaram-o. Na Ericeira foram enforcados vinte homens e outros lançados nas galés. Pedro Affonso, preso depois, morreu tambem na forca, e com elle os cumplices que o favoreciam em Lisboa, e lhe mandavam dinheiro e joias de valor. Citam-se entre estes infelizes o escrivão dos armazens Antonio Simões, e Gregorio de Barros, ourives de el-rei. Os pobres moradores dos logares vizinhos de Mafra e da Ericeira foram perseguidos. Matheus Alvares conservou no patibulo o valor e a dignidade com que respondêra aos interrogatorios. A morte affrontosa remiu a duplicidade e a simulação de que se valêra para triumphar de inimigos poderosos. O seu nome ficou inscripto no martyrologio nacional[1]. 1585

[1] Bayão, *Portugal cuidadoso e lastimado*, liv. v, cap. XLII.—Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II, cap. XXV.—D'Antas, *Les faux D. Sebastiens*, cap. III.—Torres de Lima, *Avisos do céu*, tom. I, cap. XLIV.

A historia do terceiro impostor, o celebre pastelleiro do Madrigal Gabriel de Espinosa (1595), e a do formoso calabrez Marco Tullio Carzon, natural de Taverna (1602), não são menos curiosas, e em seu logar notaremos a ultima em resumido quadro. Ainda houve quinta tentativa? Appareceu em 1632 um peregrino velho, que os moradores cuidaram ser D. Sebastião? Visitou o convento de Christo, disse-se professo na ordem, confessou-se, ouviu missa, e fallou com alguns freires, usando de grande dissimulação, e de palavras ambi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 Suppor, posto dissimulasse as aggressões reiteradas de Henrique III, de Catharina de Medicis e de Izabel, que el-rei podesse esquece-las ou perdoa-las, fôra desconhecer a indole de Filippe II. Os soccorros concedidos ao prior do Crato pela França, embora o irresoluto monarcha, os desmentisse, eram aggravos publicos que estava determinado a vingar. Restava escolher a occasião, e proporcionaram-lh'a dentro em pouco a ambição da casa de Lorena, as dissenções religiosas do reino vizinho, e os erros e debilidades do ultimo Valois. O edicto de 11 de novembro de 1584 contra os auctores e adherentes de quaesquer ligas e associações não engrandeceu, attenuou a auctoridade real. O preceito carecia da sancção da força e do respeito, sem a qual as leis são letra morta. O tratado assignado no castello de Joinville (a 16 de janeiro 1581) pelos duques de Guise e de Meyenne, em seu nome e no do cardeal de Guise e dos duques de Aumale e de Elbeuf, com os commendadores Tassis e Morea, representantes do rei catholico, e com Francisco de

guas? Passados dias saiu, e com onze cavalleiros, que o esperavam, embarcou-se? Sabe-se que o governo inquieto mandou proceder a averiguações rigorosas, mas que não descobriu nada. O marquez de Pombal accusa na *Deducção chronologica* os jesuitas de forjarem todas as imposturas, prophecias e lendas, que durante os annos do regimen intruzo se divulgaram. Póde ter rasão até certo ponto; mas a verdade é que o partido opposto a Castella se valia nos momentos criticos do nome de D. Sebastião e com elle entretinha e espertava a saudade da independencia. No *State Papers Office*, masso 4.º, Portugal, n.º 1, existe uma carta de D. João de Castro aos lords do conselho privado, asseverando que o impostor de Veneza era o verdadeiro D. Sebastião. Por honra de sua memoria seria bom que fosse sincera a asserção. O marquez de Pombal na sua inimisade pinta D. João como instrumento da companhia de Jesus, e suspeita a sua boa fé, ou mais exacto, dá o livro publicado em Paris em 1602 como obra dos padres da companhia (part. I, divisão 6.ª, pag. 107), cousa que parece não só estranha, mas absurda.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Roncherolles, senhor de Maineville por parte do cardeal de 1585
Bourbon e do conselho secreto da Liga de Paris, foi a resposta audaciosa e terrivel da facção ultra-catholica ás ameaças da côrte do Louvre[1].

Por este tratado de perpetua união para a extirpação das seitas e heresias de França e Paizes Baixos os principes signatarios obrigaram-se a perseguir a todo o trance, até os aniquilar, os herejes desobedientes á igreja, prohibindo a navegação illicita das duas Indias e das conquistas hespanholas aos subditos francezes, e ajudando por todos os meios o monarcha castelhano a recuperar a cidade de Cambrai.

Por sua parte D. Filippe prometteu pagar-lhes o subsidio de seiscentos mil escudos nos primeiros seis mezes, e o de cincoenta mil escudos mensaes emquanto durasse a guerra, sommas que lhe seriam reembolsadas pelo cardeal de Bourbon, quando reinasse, ou pelo seu successor. Os principes, os officiaes móres, os senhores e fidalgos das cidades e villas de França, amigos e alliados dos duques de Guise e de Mayenne, e em especial os duques de Mercoeur e de Nevers, foram comprehendidos de direito no convenio de 16 de janeiro. As partes contratantes juraram mais, que nunca negociariam separadas de sua magestade hespanhola ácerca da união catholica, e em dois actos supplementares Guise e Mayenne tomaram sobre si a prisão e a entrega do pretendente portuguez D. Antonio, sob condição da Hespanha o tratar com benevolencia. O cardeal de Bourbon afiançou a Castella a cessão de Navarra e do Bearn[2]. Este tratado, que se resumia em dois factos ca-

[1] Dumont, *Corps diplomatique*, tom. v, pag. 411. Os artigos supplementares encontram-se nos *Commentarios* de Tassis e em Hoyneck Van Papendrecht, *Analecta Belgica*, tom. II, part. I, pag. 433.
[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 pitaes, a venda do reino no interior á intolerancia ultramontana, e a venda das fronteiras ao rei catholico, foi a base anti-nacional, em que se firmou a liga para declarar a guerra á corôa.

Os successos atropellaram-se depois. Desprezando as intimações insolentes do embaixador hespanhol D. Bernardino de Mendonça, Henrique III (a 12 de fevereiro) concedeu audiencia aos deputados das provincias unidas, que vinham offerecer-lhe doze cidades de penhor e cem mil escudos por mez em premio dos auxilios que pediam. O rei prometteu reflectir maduramente, mas insinuou-lhes que a decisão seria affirmativa. Não lhe deram tempo de resolver. As machinas de guerra estavam assestadas contra o throno, e a liga válida e prompta para entrar em campanha. O principe de Parma e D. Bernardino de Mendonça citaram Guise pela sua palavra, firmada no tratado de Joinville. O duque e Mayenne convocaram a nobreza de Champagne e de Borgonha, expediram emissarios á Suissa e á Allemanha para recrutar soldados, e em 21 de março apoderaram-se, o primeiro de Chalons, e o segundo de Dijon. Os fidalgos picardos com o duque de Aumale escoltaram o cardeal de Bourbon a Peronne, e o manifesto da liga publicou-se pouco depois em Reims a 31 de março. Sublevações de provincias inteiras seguiram o estandarte alçado contra o rei pelos principes Lorenos e por Filippe II ainda encoberto[1].

Emquanto atirava ao seio da França este facho, confiando que o incendio se havia de dilatar, não olhava D. Filippe menos attento para a Gran-Bretanha, aonde elementos de ha muito dispostos lhe promettiam resultados quasi iguaes. As offensas recebidas de Izabel eram pelo menos tão graves, como as que o irritavam

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, tom. IX, liv. LVI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

contra Henrique de Valois. Cuidar que as havia de sup- 1585
portar sem retaliação fôra ignorar completamente os impulsos naturaes do coração humano, em geral, e mais do que tudo ignorar o caracter e as tendencias do soberano, que por tantos annos teve a Europa suspensa de seus designios. Bastaria n'aquella epocha a differença de religião para explicar o antagonismo das duas monarchias, e a rivalidade dos dois reis. A filha de Henrique VIII, cabeça visivel dos protestantes, e o herdeiro de Carlos V, campeão nato da igreja catholica, embora os não dividissem outras dissidencias, nunca podiam ver-se com bons olhos. Mas a opposição constante da rainha, umas vezes insidiosa, outras menos retrahida, havia irritado as antipathias reciprocas de dia para dia. Izabel, altiva e habil, aproveitára todos os lances sem escrupulo. Protegêra as correrias e devastações maritimas de sir Francisco Drake e de outros corsarios; apertára com rigor os élos das prisões em que retinha injustamente captiva a formosa Maria Stuart, não se mostrando menos ciosa, como mulher, de sua belleza e alto engenho, do que prevenida, como rainha, contra suas repetidas conspirações politicas; auxiliára as tentativas de D. Antonio, e acabava de lhe conceder asylo em seus estados; dera quasi a mão de esposa ao duque de Anjou, e acudira com navios e soldados a suas emprezas de Flandres, mesmo depois de roto o imaginado consorcio; finalmente, firmára solemnes allianças com os protestantes das provincias unidas, e enviando-lhes o conde de Leicester, seu valido, aceitára tacitamente o protectorado publico da rebellião [1].

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II, cap. XIX. — *Memorias de la real academia de la historia*, tom. VIII. — *Apontamentos para la historia de D. Felipe com Isabel de Inglaterra*, annos de 1558 a 1576.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 Não era necessario tanto para accumular as iras do rei catholico. Mas dissimulado e paciente concentrava este os resentimentos, e ia apontando nas trevas o golpe infallivel, com que resolvêra desaggravar-se por uma vez de todos os ultrages. As negociações de Ostende e Newport, interrompidas, mas não cortadas, pela expedição de Drake a Cadix, e pela victoria do duque de Parma na Esclusa, foram o ultimo véu, com que os dois potentados encobriram um do outro, e da vista da Europa, a hostilidade em que viviam. Emquanto no sorriso affectava amisade e tolerancia, Filippe II no escuro armava em Inglaterra o braço de assassinos catholicos assalariados e dirigidos por seus ministros. Do fundo da prisão, em que jazia, a formosura e os infortunios de Maria Stuart suscitavam a Izabel legiões de inimigos. Suspirando pela liberdade, e grata aos esforços do rei catholico, a mãe de Jacques de Escocia tinha cedido n'elle os direitos ao throno britannico, e Babington com os personagens dedicados á rainha captiva, tramando animados por D. Bernardino de Mendonça a morte de Izabel e a ruina do culto anglicano, apressavam a hora appetecida de Filippe II cingir mais outra corôa. Para aplanar os caminhos á seu amo, não duvidára o embaixador hespanhol aconselhar, alem do regicidio, o assassinio de Burleigh, de Walsingham, e de outros, e a prisão do prior do Crato, que a miseria prostrára enfermo por estes dias, tão pobre que até os meios lhe faltavam para chamar um medico [1].

Descoberta pela vigilancia de Walsingham expirou a conjuração afogada em sangue. Maria Stuart, transferida para Fotheringay, respondeu perante uma alçada pela imprudencia de suas correspondencias, e D. Bernardino de

[1] *Histoire de Marie Stuart*, par mr. Mignet, 2.ª ediç. de Paris, 1852, tom. II, cap. X, pag. 315 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Mendonça, expulso do territorio inglez, consolou-se do 1585
mau exito da conspiração mallograda, tramando em França novos enredos com a liga contra Henrique de Valois.

Izabel, em presença dos tramas urdidos contra a sua vida e a sua corôa, ameaçada na Escocia pelo partido opposto, e assustada com os armamentos maritimos da Hespanha, querendo a todo o preço atalhar os vôos á ambição de Filippe II, principiou a disfarçar menos os intentos, protegendo abertamente as provincias unidas, e as emprezas dos atrevidos navegadores inimigos de Castella. Ao embargo geral decretado pelo rei catholico em todas as embarcações hollandezas, zelandezas, allemãs, inglezas, e sobretudo anseaticas, respondeu embargando em seus portos os vasos hespanhoes e portuguezes, e não contente com a suspensão violenta das relações commerciaes, aggravada pela suspensão das relações politicas desde a expulsão de Mendonça, auctorisou, se não suggeriu, a expedição de Drake composta de vinte e tres navios e dois mil e trezentos homens, soldados e marinheiros. Sir Francisco, investido no commando da armada, levou sob suas ordens immediatas por vice-almirantes Martinho Frobisher e Francisco Knolles, e por chefe das tropas o tenente general Christovão Carlisle. A 15 de setembro de 1585 a esquadra, saindo de Plymouth, cruzou por alguns dias nos mares de Hespanha, aonde fez algumas presas, e mudando depois a derrota navegou para o archipelago de Cabo Verde[1].

O fim da rainha e do ousado navegador era inquietar o imperio maritimo de Castella na America e nas possessões africanas de Portugal, e interromper-lhe os progres-

[1] Lediard, *Naval history*, pag. 870.—Van Tenac, *Histoire generale de la marine*, tom. II.—Samuel Clarke, *Life and Death of the valiant and renowned sir Francis Drake*, Londres, 1771, in 4.°

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1585 sos, provando á Europa, que, entregues á mais cega confiança, alguns de nossos territorios ultramarinos fraca opposição poderiam offerecer aos assaltos e invasões. Drake aportou á ilha de S. Thiago em 16 de novembro, e achou-a, como esperava, despercebida e desarmada. As fortalezas mal artilhadas não o atalharam, e seiscentos soldados, saltando em terra, e varrendo diante de si os defensores, entraram a cidade quasi sem resistencia, saqueando-a e abrasando-a como piratas. As auctoridades e os habitantes refugiaram-se nos montes, e os inglezes recolhidos logo depois, ricos de despojos, navegaram em seguida para Carthagena e S. Domingos buscando novas aventuras. A viagem durou dez mezes. No fim d'elles a armada de Drake fundeava nas aguas de Portsmouth (a 16 de julho de 1586) deixando assoladas as costas da Virginia e da Florida. As perdas dos hespanhoes foram immensas. Juizes competentes avaliam-as em mais de quinhentas mil libras esterlinas[1].

Em 1587, animada pelo exito da primeira empreza, commetteu Izabel a Drake feito ainda mais arriscado. Embora Filippe II dissimulasse na apparencia as injurias, bem previa a penetração da rainha, que as exterioridades escondiam planos de vingança, amadurecidos ha largo tempo. Os espiões inglezes avisavam-a de que nos portos de Hespanha mais importantes se apressavam grandes armamentos, e que em Lisboa começavam a juntar-se navios, munições e mantimentos para uma grande e forte armada. Em Cadix não se trabalhava com menos ardor nos ultimos aprestos de uma esquadra de galeões. Era necessario explorar, e, sendo possivel, cortar por um golpe audacioso os preparativos navaes, cujo segredo a

[1] *Histoire générale des voyages*, Paris, 1749, tom. VII. — *Voyage de Robert au Cap Verd*, pag. 188.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

côrte de Madrid calava cuidadosamente, mas de que a 1587
consciencia advertia a Izabel, que o seu reino podia ser o verdadeiro alvo. Drake aceitou a missão com a confiança costumada, e partiu de Plymouth seguido de quatro naus da corôa e de vinte e seis vélas de armadores particulares[1]. Informado no mar por duas embarcações hollandezas, de que uma grossa frota estava a levantar ferro na bahia de Cadix para Lisboa, o arrojado corsario navega sem hesitar direito ás costas de Hespanha, apparece de repente á vista de Cadix, força a entrada, e peleja contra seis galés, que a defendem. Quasi debaixo do fogo das baterias das fortalezas incendeia cem navios de guerra e mercantes, quasi todos carregados de viveres e provimentos militares. Depois faz-se de véla para as costas do Algarve, toma por assalto o castello do cabo de S. Vicente e mais tres fortalezas, ameaça Cezimbra, á qual Ruy Lourenço de Tavora acode logo aos primeiros rebates, e por ultimo insulta o porto de Lisboa, desafiando para fóra das aguas do Tejo o marquez de Santa Cruz, ao qual as ordens do rei ligavam as mãos. Finalmente, para contentar os armadores, segue o rumo dos Açores, e dando caça aos vasos hespanhoes, consegue render o galeão *S. Filippe*, presa valiosa pelos thesouros que transportava. As acclamações com que o intrepido navegador foi recebido na patria, exaltaram o seu orgulho, e estimularam o amor proprio de outros aventureiros. A expedição de Cadix, atrevida na apparencia, e tão facil na execução, revelára a fraqueza do poder maritimo de Castella, e costumára os marinheiros britannicos a investir sem receio com seus veleiros navios as ronceiras e pesadas cidadellas boiantes da Hes.

[1] Lafuente — *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. Hume, *History of Englandy*, cap. XLIII. — *Life and Death of the valiant and renowned sir Francis Drake*, Londres, 1671.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1587 panha. Alem d'isso, abrasando parte da armada de Filippe II, Drake obrigou o rei catholico a dilatar a invasão, e deu tempo a Izabel para se prevenir e dictar as providencias que salvaram a Gran-Bretanha[1].

O supplicio de Maria Stuart commovêra a Europa, sublevando as iras dos soberanos e os odios dos catholicos[2]. O silencio terrivel, que se fez de repente em volta do seu throno, apenas caíu a cabeça da rainha de Escocia, avisou Izabel, de que, assassinando juridicamente uma princeza, que cingira a corôa, tinha offendido e irritado todos os monarchas. A hypocrisia do luto, das lagrimas e da cholera simulada, com que imaginou lavar as mãos do sangue real, longe de a justificar, ainda carregou mais a nodoa da acção cruel. Suppondo illudir o juizo do mundo tornou mais severo o juizo da posteridade. Os soberanos não lhe perdoaram o ultrage á magestade humana, e as almas generosas estranharam a iniquidade do seu procedimento durante o captiveiro e o processo de Maria. Henrique III arrancou-se por momentos á frouxidão e á insensibilidade natural, e parecendo escutar os conselhos de Belliévre e de Brulart, esteve a ponto de provar pelas armas á herdeira de Henrique VIII, que os monarchas não se castigavam impunemente como particulares. Jácques VI, apesar de mau e desentranhado filho, não pôde conter a dor e a desesperação, sabendo de que morte tragica a rainha de Inglaterra ousára ferir sua mãe. Os brios escocezes le-

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. — Hume, *History of England*, cap. XLIII. — *Historia dos varões illustres do appellido de Tavora*, pag. 314. — *Life and Death of the valiant and renowned sir Francis Drake.*

[2] Mignet, *Marie Stuart*, tom. II, cap. XII. — Dargaud, *Histoire de Marie Stuart*, liv. XII. A rainha de Escocia foi decapitada uma quarta feira 8 de fevereiro de 1587.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

vantaram-se, e os capitães das fronteiras, assolando a 1587
ferro e fogo as terras da raia, principiaram a ateiar incendios, que promettiam, se continuassem, os horrores de uma guerra declarada. Em París o povo e os prégadores, nas provincias os fidalgos e as populações clamavam por vingança em altos brados. A crise não podia ser mais violenta, mas o animo varonil de Izabel não desmaiou. Se Jacques VI, se Henrique de Valois, e se Filippe de Hespanha se ligassem, ella e a causa protestante succumbiam forçosamente. Valeu-lhe para o impedir o conhecimento que tinha do caracter e dos interesses das duas côrtes, e fallando a cada uma a linguagem que podia persuadi-la, asserenou o espirito de Henrique III, representando-lhe o perigo imminente que ameaçava os dois reinos se a ambição dos Guize e de Filippe II os colhesse desunidos, e moderou a magua e os resentimentos do rei de Escocia, observando-lhe, que desembainhando a espada n'esta occasião, riscaria todos os direitos á successão, trahindo sem desculpa a religião reformada, que tinha jurado defender. Fracos e voluveis Jacques e Henrique cederam e aquietaram-se. Menos theatral a cholera de Filippe II, devia incutir por isso mesmo maiores receios. Tudo concorria para a inflammar, o zêlo da propagação da fé, inseparavel na sua mente do principio da unidade monarchica, o desejo de possuir um reino poderoso, a impaciencia de afogar no seu foco mais ardente as seitas protestantes, e a gloria de punir Izabel do attentado recente e dos aggravos passados! O modo ha muito que fôra discutido e assentado.

Era a invasão concebida em 1570, e preparada desde 1583. Fiel á dissimulação impenetravel, que sempre encobriu seus propositos, e que levou um nuncio de Veneza a escrever, que era assás curta a distancia entre o

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1588 sorriso e o punhal de D. Filippe, o rei catholico, assustando a Europa com a grandeza dos armamentos, soubera concentrar nos ouvidos de poucos e discretos confidentes o segredo do golpe que meditava. Á excepção do papa Xisto V, do duque de Parma, Alexandre Farnesio, do duque de Guize, Francisco de Lorena, e de D. Bernardino de Mendonça, todos perguntavam se a armada era destinada ás Indias, aos Paizes Baixos ou á Gran-Bretanha. O embaixador Mendonça alimentava habilmente em Paris as incertezas, e a nomeação dos plenipotenciarios, que haviam de tratar com os enviados inglezes nas conferencias de Flandres, não pareceu menos efficaz para distrahir a attenção de Izabel. Seis mezes de ardilosas delongas diplomaticas adormeceram por tal modo a vigilancia da côrte ingleza, que o perigo já lhe batia ás portas, e ainda ella não podia acreditar que Filippe negociasse a paz, quando apressava com mais actividade os ultimos preparativos da guerra[1]. Desenganou-a por fim a evidencia. A bahia do Tejo era o ponto aprasado para a reunião do poder da Hespanha. A armada compunha-se de dez esquadras, e obedecia ao mando supremo do duque de Medina Sidonia, D. Alonso Perez de Gusman, homem inteiramente estranho á sciencia naval. Uma enfermidade causada, segundo refere Strada, por algumas palavras pungentes do rei catholico arrebatára em poucos dias o marquez de Santa Cruz, o primeiro almirante da sua epocha, e á falta do consummado official de mar se attribuiram depois em grande parte os revezes da expedição. A pericia de Recaldes, de

[1] Mignet, *Marie Stuart*, tom. II, cap. XII.—Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II.—Camden, *Annales rerum anglicarum regnante Elizabetha*, tom. II.—Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Oquendo e de Moncada não suppriu a incapacidade do 1588
general[1].

Cento quarenta e seis navios, tripulados por oito mil marinheiros (numero insufficiente), guarnecidos com duas mil e quinhentas bôcas de fogo, e por dezeseis mil e trezentos soldados de desembarque, ás ordens do mestre de campo general D. Francisco de Bovadilla, soltaram as vélas a 27 de maio de 1588, saindo do porto de Lisboa. Quiz a boa sorte de Izabel, que uma tempestade desordenasse a esquadra apenas principiára a navegar, e que, ajudada da pouca disciplina e ignorancia dos mareantes, a obrigasse a arribar á Corunha, aonde se demorou até mais de meiados de julho reparando as avarias. Se a viagem não fosse interrompida logo no começo, e se o duque de Parma conseguisse embarcar os terços italianos, allemães e castelhanos, que tinha promptos ha mezes para a invasão, de certo a Inglaterra não resistiria ao tremendo esforço, que assombrou amigos e adversarios, deixando a monarchia hespanhola prostrada para muito tempo[2].

Mostrou-se Izabel em presença do extremo risco um grande rei no valor, na rapidez e na serenidade das decisões. Emquanto a invencivel armada perdia na Corunha os dias mais uteis de acção constituía ella o seu conselho militar de defeza, alistava a milicia valida dos condados, e formava dois exercitos, um commandado por Leicester para repel-

[1] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXXIX.—Herrera, *Historia general del mundo*, tom. III, liv. IV, cap. II e IV.—Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II.

[2] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*.—Herrera, *Historia general del mundo*, tom. III.—Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II, liv. IX. Os auctores variam muito quanto ao numero dos vasos e das forças transportadas a bordo d'elles.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1588 lir os inimigos, outro regido por Hunsdon para a acompanhar e acudir com ella aos pontos ameaçados. Os catholicos inglezes mais suspeitos foram deportados para a ilha de Ely. Auxiliada pela cidade de Londres e pela intrepidez dos armadores e marinheiros aprestou dentro em pouco cento noventa e um navios, quasi todos de pequenas dimensões, artilhou-os, e confiou o commando d'elles a Forbisher e Hawkins, sujeitos á direcção de Haward, de Effingham, e de sir Francisco Drake, vice-almirante. Ao mesmo passo lord Henrique Seymour com Winter atravessava o estreito, e unido ao almirante hollandez Lonck e ao almirante de Zelandia Justino de Nassau, bloqueava nos portos de Flandres a esquadrilha de Alexandre Farnesio, emquanto Haward e Drake, ancorados em Plymouth, aguardavam a invencivel armada para a combaterem [1].

[1] Lingard, *History of England*, tom. VIII, cap. V. — De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXXIX, § IX. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. — O exercito de Leicester contava 31:932 soldados de infanteria e 2:400 cavallos. O de Hunsdon 34:000 infantes, 1:914 cavalleiros e 36 canhões de diversos calibres. Alexandre Farnesio, talvez o primeiro capitão d'aquelle seculo depois da morte do duque de Alva, alem das tropas das guarnições do exercito de operações, reunira debaixo de seus estandartes 5:000 homens do norte e do centro da Italia, 4:000 napolitanos, 6:000 castelhanos, 3:000 aragonezes, 3:000 austriacos e 4 esquadrões de reitres, afóra os soldados vallões e da Franche Comté. Mandára cortar as arvores da floresta de Waez para construir barcos chatos, que, descendo os rios e canaes até Newport e Dunkerque, podessem transportar 30:000 homens á foz do Tamisa com rapidez, protegidos pela grande esquadra. Vide Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II, liv. IX, pag. 640 a 644, e Herrera, *Historia general del mundo*, part. III, liv. IV. cap. II e IV, ácerca da força e divisão das dez esquadras da invencivel armada. Filippe II illudiu Izabel com as famosas negociações de Flandres, a ponto de a conservar descuidada e adorme-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Os successos d'esta campanha memoravel são sabidos. 1588
Um erro de estimativa nautica deu tempo aos inglezes de Plymouth para se acautelarem. A armada, que suppunham longe, estava proxima. As enormes galeaças, os formidaveis galeões e as alterosas naus cobriam o mar. A força e o vento asseguravam-lhes superioridade irresistivel. Uma batalha naval n'este dia fôra para os hespanhoes quasi victoria certa. Felizmente para a Gran-Bretanha Medina Sidonia não era o marquez de Santa Cruz. Ligado pelas ordens do rei, contra o voto de Recaldes e dos mais peritos capitães, deixou fugir a occasião. Os navios britannicos, vendo-o afastar-se lentamente, cobraram alentos, e acommetteram-lhe a retaguarda, aprisionando alguns vasos. Um combate vantajoso, ferido a 4 de agosto diante da ilha de Wight, acabou de os ensoberbecer, e Haward e Drake, encontrando a invencivel armada fundeada em Calais, a poucas leguas de Dunkerque e de Newport, aonde se achava a esquadrilha do duque de Parma, cruzaram defronte do porto, pedindo á providencia algum d'aquelles lances quasi milagrosos, que aniquilam ou salvam os imperios. Drake não esperou muito pela fortuna. Durante a noite de 8 para 9 toldou-se o céu de nuvens. Uma tempestade pairava imminente. No meio das trevas expessas, aos primeiros bramidos do tufão, o

cida a despeito dos conselhos do vigilante Walsingham e de outros ministros, até que a dispertou o trovão das invasões proximas. O conde Derby, lord Henry Cobham, sir James Croft, e os jurisconsultos Dale e Rogers eram os plenipotenciarios inglezes, com os quaes tratavam em nome da Hespanha o conde de Aremberg, Perrenot, Rickardot, Maers, e Granier. Começadas nos principios de 1588, para maior dissimulação foram as conferencias transferidas em maio para Bourburg, perto de Calais.—Camden, *Annales rerum anglicarum regnante Elizabetha,* tom. II. — Strada, *Guerras de Flandres,* tom. II, liv IX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1588 almirante inglez lança sobre a esquadra inimiga oito brulotes. O clarão das materias inflammaveis incendiadas diffunde o espanto por toda a armada castelhana, illuminando de sinistro fulgor a escuridão das aguas. Cortados de terror os hespanhoes picam as amarras, e correm precipitados para o mar alto. Como se fosse cumplice de seus contrarios, e só aguardasse por elles para rebentar, rompe a tormenta furiosa, espalha, derrota a armada, os navios de Effingham seguem-a, bombardeando-a sem repouso. As ronceiras e pesadas embarcações manobram mal, e a braços com o vendaval, perdem a maior parte dos tiros. Os seus pelouros altos de mais passam por cima dos vasos inglezes rasos e veleiros sem os tocar[1]. Na funesta retirada os hespanhoes, cujos pilotos desconhecem estas paragens, infamadas de baixos e alfaques, abalroam-se e desarvoram, ou vão encalhar e espedaçar-se nas costas de França. Howard, Drake e Hawkins investem logo de todos os lados os galeões e as naus dispersas e cansadas, queimando-as e mettendo-as a pique. Medina Sidonia cuida só de salvar o resto da armada. A expedição estava mallograda. Saindo a custo da Mancha para o oeste combate debalde com o vento e os aguaceiros pesados, que o arrojam para a costa da Zelandia, aonde todos o julgam perdido; mas consegue rodear as ilhas britannicas, e ao cabo de dois mezes de navegação arriscada, em que semeia as pranchas descozidas de seus navios pelas praias da Escocia e da Irlanda, alcança por fim, nos ultimos dias de setembro, Santander de Biscaya com algumas naus e galeões, reliquias do immenso poder, que saira de Lisboa

[1] Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II, liv. IX. — Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, liv. II. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. — Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, part. II, liv. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

na exultação do triumpho, e que se recolhia, mais ven- 1588
cido e castigado pelo braço de Deus, do que pelas armas inimigas. Muitos vasos entraram depois em outros portos da Hespanha[1].

[1] Strada, *Guerras de Flandres*, tom. II, liv. IX. — Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. II. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO IV

1588-1598

Expedição de Drake e Norris contra a Corunha e Lisboa. Mau exito d'ella. — Fallece em França o prior do Crato D. Antonio. — Aggressões estrangeiras contra a navegação e o commercio das conquistas. — Declinação de Portugal e Hespanha nos ultimos annos de Filippe II. — Os inglezes em Cadix e no Algarve. — Armada de Padilla. — Expedição do conde de Essex aos Açores. — Conquistas portuguezas na Africa oriental e occidental, no Brazil, e nas Indias. — Paz de Vervins e abdicação da soberania dos Paizes Baixos. — O archiduque Alberto em Flandres. — Morte de Filippe II no Escurial.

Festejou-se a derrota da armada hespanhola em Inglaterra com delirios de enthusiasmo. O rei catholico ouviu a noticia do immenso desastre da bôca do seu confidente D. Christovão de Moura com a serenidade que era uma feição proeminente de sua physionomia. Quando Moura entrou na camara D. Filippe escrevia. Suspendeu-se, e escutou-o com o socego usual. O respeito de si mesmo, e o imperio que exercia sobre as proprias paixões, escondiam cuidadosamente de todos o que havia ainda de humano em seu coração. No meio dos jubilos da victoria de Lepanto não se lhe divisára no rosto a menor sombra de commoção, e para notar o maior feito de armas da christandade em tres

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1588 seculos de luta exclamára apenas: «A muito se atreveu D. João!» Informado da má sorte da armada redarguiu friamente ao ministro: «Louvado Deus, se cortaram os ramos não deceparam a arvore. Pouco importa que fuja a agua, quando não se estancou a nascente.» Proferidas estas palavras proseguiu placidamente a sua escripta[1]. Sabemos, porém, pelas confidencias intimas, que sentiu com dor profunda o revez, e que anteviu todas as consequencias d'elle. De feito datam d'aquella perda irreparavel a declinação do seu reinado e a ruina da Hespanha. Nenhuma das emprezas, que depois tentou, lhe saiu feliz. Os armamentos navaes de 1588 tinham absorvido cem milhões de ducados, e os esforços violentos empregados para os arrancar deixaram o thesouro exhausto, e as populações desfallecidas. Portugal, a Galliza e a Andaluzia nunca se restauraram d'este golpe[2].

Izabel Tudor não demorou a vingança da invasão. D. Antonio não cessava de instar pelo cumprimento das promessas que o haviam attrahido a Londres. Por fim decidiu-se a rainha a attende-lo. Começára a intervir em favor d'elle negociando com o sultão de Marrocos, Muley Hamed, um emprestimo de 200:000 corôas sob condição, de que D. Christovão, filho segundo do pretensor, ficaria na Berberia em penhor d'esta avultada somma. O principe partira em outubro de 1588, mas Filippe II logo achára

[1] Herrera, *Historia general del mundo*, tom. III.— Ranke, *Fursten un Voelker von Sudeuropa.* — Camden, *Annales rerum anglicarum regnante Elizabetha*, Oxonii, 1717.— *Correspondance de Philippe II*, Bruxellas, 1851, tom. II.— Strada, *De bello belgico decades duæ*, Roma, 1640 a 1647. — Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, Colonia, 1633 a 1639.

[2] De Thou, *Histoire universelle*, liv. LXXXIX. — Ranke, *Fursten un Voelker von Sudeuropa.* — *Osmanlis e hespanhoes*, cap. IV (fazenda e contribuições).

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

modo de atalhar o pacto, tentando o fanatismo e a cubiça 1588
do mouro com a offerta da Hespanha lhe largar de todo Arzilla se elle retivesse D. Christovão, e não adiantasse a menor quantia. Hamed annuiu facilmente, e só muito depois, decorridos tres annos, é que soltou o filho do prior do Crato, obedecendo ás ordens positivas expedidas de Constantinopla[1]. A duplicidade do imperador de Marrocos não interrompeu os preparativos principiados nos fins de 1588. O resentimento da rainha, os conselhos de Walsingham e de Burleigh, e a paixão popular, exaltada pelos ultimos triumphos, estimulavam a Gran-Bretanha a desaggravar-se das offensas recebidas, sentando D. Antonio no throno de Portugal. Facil em promessas, como todos os que vivem de esperanças, o pretensor tinha-se obrigado por estipulações expressas a pagar ao governo inglez grossas quantias dois mezes depois de assenhoreado de Lisboa, a abrir os portos do reino ao commercio britannico com perfeita reciprocidade, e a auxiliar as armas inglezas contra as de Castella, sem contar as vantagens de soldos e recompensas afiançadas aos soldados e capitães da expedição, repartindo por elles do que não era ainda seu com a prodigalidade dos que só dão palavras. No exordio das capitulações com o almirante e os generaes de Izabel affirmava o prior do Crato, que dentro de oito dias, contados da chegada da armada, estaria o reino sujeito e reduzido á sua obediencia, citando para justificar tão cega confiança varias cartas de pessoas principaes, devotas da sua causa[2]. A rainha tinha designado

[1] *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 14 e 15 e 74 a 77.

[2] Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, *Memorias, documentos e escriptos sobre as relações de Portugal e Cas-*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1589 sir Francisco Drake almirante das forças navaes, e nomeado sir John Norris para o commando das tropas. Alem das grandes prendas de Drake não havia na marinha ingleza official que melhor conhecesse as costas da Hespanha. Correram a alistar-se perto de vinte mil voluntarios. Izabel, sempre recatada e parcimoniosa, não quizera arriscar na empreza mais de seis naus da corôa e de sessenta mil libras esterlinas de subsidio. As maiores despezas correram por conta dos armadores e dos particulares, attrahidos pela reputação de Drake. As sommas adiantadas não chegaram entretanto para o pagamento integral dos soldos e gratificações, nem os navios tinham capacidade sufficiente para o transporte da gente, das munições e dos viveres necessarios[1].

Apesar d'isso não contava a esquadra menos de vinte e seis vasos de guerra e de cento e quarenta embarcações menores. Trazia a seu bordo mais de onze mil soldados e de quatro mil marinheiros. Mas a falta de mantimentos, uma das causas da infelicidade de seus commettimentos, logo começou desde o começo da viagem. D. Antonio com D. Manuel, seu filho, e alguns cavalleiros de sua casa vinha na capitanea com sir Francisco Drake. Sairam de Plymouth a 15 de abril, e a 4 de maio avistaram a Corunha. O conselho da rainha, inspirado por Burleigh, ordenára positivamente, que se investisse n'aquelle porto a frota que Filippe II estava acabando de apparelhar. Drake não desmentiu a ousadia costumada. Forçando a entrada

tella.—Venida de D. Antonio de Portugal con la armada de la reyna de Inglaterra en 1589, pag. 125 v. e 126.

[1] *Relação da viagem da circumnavegação de sir Francisco Drake pelo piloto portuguez Nuno da Silva,* collecção de Hacklyt, tom. VI. —Quintella, *Annaes da marinha portugueza,* tom. II.—Hume, *History of England,* cap. XLIV. — Birch, liv. I, cap. LVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

derrotou e abrasou muitos navios do vice-almirante Re- 1589
caldes. Norris intentou depois render a praça, estreitando-a com apertado cerco. O general inglez com seus irmãos Eduardo e André, com o coronel Gualter de Evereux, irmão do conde de Essex, e com os capitães e aventureiros hollandezes, ajudados dos compatriotas, desbaratou os terços castelhanos, conquistou os arrabaldes e a cidade baixa, e se não logrou apoderar-se da cidade alta depois do assalto foi mais por lhe escasseiarem as munições de guerra e de bôca, do que por lh'o atalharem as fortificações e os defensores[1].

Instados do tempo e das supplicas do prior do Crato, Drake e Norris levantaram os arraiaes do cerco da Corunha e navegaram para Portugal. Veiu encontrar-se com elles já no mar o romanesco e audacioso conde de Essex, saindo sem licença da côrte de Izabel, acompanhado de uma pequena frota armada á sua custa. A 16 de maio a esquadra ancorava defronte de Peniche. Oppozeram-se em vão ao desembarque o alcaide João Gonçalves de Athaide e D. Pedro de Gusman com duzentos homens. Rendeu-se o castello, e D. Antonio entrou na villa precedido de uma cruz e de um retabulo de Nossa Senhora. A demora na Corunha tinha-se tornado, porém, fatal á em-

[1] *Venida de D. Antonio de Portugal con la armada de la reyna de Inglaterra*, pag. 109 e seguintes. — Palma Cayet, *Chronologie novenaire*, collection Petitot, serie I, tom. XXXIX, pag. 143 a 151. Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. II. — Stow, pag. 751 a 756. — Strype, liv. IV, cap. VIII. Os auctores variam quanto ao numero dos navios e dos soldados da expedição. Palma Cayet conta 15:000 a 16:000 homens de tropas, 20 naus de guerra, 6 pinaças, etc. A *Venida de D. Antonio* cita 220 navios de gavea, 16 pinaças, 5 galés e 30:000 homens, nnmero evidentemente exagerado. Hume, invocando a auctoridade de Birch e Monson, approxima-se de Palma Cayet.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1589 preza. O cardeal Alberto e o conselho de Lisboa, avisados do perigo por cartas dos generaes de Filippe II, preveniram-se com celeridade, adoptando as providencias militares e politicas, que tão arriscados momentos aconselhavam. Os hespanhoes confessaram depois, que se a armada inimiga, em vez de se deter com uma diversão inutil, houvesse demandado as praias de Portugal, Lisboa, desguarnecida e minada pelos partidarios da independencia, facilmente teria caído em suas mãos [1]. Assim mesmo o susto e o espanto cortaram os animos. Muitas familias evadiram-se medrosas, e as freiras dos mosteiros dos arrabaldes recolheram-se, temendo os insultos da soldadesca. O governo procedeu com vigilancia e actividade. Prendeu as pessoas suspeitas, desarmou o povo, e publicou bandos com severas penas contra os que directa, ou indirectamente favorecessem os invasores. O conde de Fuentes assumiu o commando das tropas, expedindo as ordens necessarias para organisar a defeza. Receiando que uma sublevação repentina entregasse a capital a D. Antonio, emquanto disputava aos inglezes os arredores, recuou diante das forças de Norris, e encerrou-se dentro da cidade, depois de queimar os depositos e armazens, de que os inimigos podessem aproveitar-se. Estes adiantavam-se vagarosamente,

[1] Carta do prior do Crato a Antonio de Escobar, em junho de 1589, Bibliotheca imperial de Paris, cod. 33 (fonds Colbert). — *Venida de D. Antonio de Portugal con la armada de la reyna de Inglaterra*, pag. 109 v. e seguintes. — Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. II. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. — Hume, *History of England*, cap. LXIV. — Palma Cayet, *Chronologie novenaire*, collection Petitot, serie I, tom. XXXIX. — Stow, pag. 159 e seguintes. — Birch, liv. I. — Strype, liv. IV, cap. VIII. — *Historia dos varões illustres do appellido de Tavora*, pag. 315 e seguintes. — *Registo parochial da freguezia da Assumpção de Cascaes*, liv. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

mais confiados na insurreição promettida por D. Antonio, 1589
do que no impeto de suas armas. A fortaleza de Cascaes não lhes resistira, e Torres Vedras e outros logares, se não lhes tinham aberto os braços, não os haviam tambem hostilisado. Entretanto só poucos e obscuros portuguezes se declaravam pelo prior do Crato, e o povo, que annos antes o acclamára com enthusiasmo, fugia agora, despejando as casas e os campos. A companhia dos protestantes hollandezes e das tropas britannicas, denunciada pelos fanaticos como heretica, calava todas as sympathias, afastando do principe muitos catholicos zelosos, que o ajudariam se o vissem seguido de outros auxiliares[1].

Os fidalgos por diversas rasões quasi todas de interesse pessoal rodearam o archiduque, e offereceram-lhe a sua espada. O duque de Bragança, o conde de Santa Cruz, o conde de Portalegre, D. Francisco de Menezes, D. Diogo de Castro, o conde meirinho mór, Ruy Lourenço de Tavora, e Mathias de Albuquerque não foram os ultimos em acudir pela Hespanha. Fortificou-se melhor a cidade, cobriram-se de trincheiras os sitios mais expostos, e começaram a afluir das provincias os soccorros de gente e de mantimentos. Norris encostou o arraial aos muros, esperando que alguma das portas, devassada pelos amigos de D. Antonio, lhe franqueasse a entrada. Ninguem se moveu. Os patibulos permanentes e a lei marcial suspendiam os mais audazes. As justiças castelhanas mandavam enforcar summariamente os adherentes do prior ao primeiro indicio de cumplicidade ou de traição, e D. Rodrigo Dias Lobo, tio do barão de Alvito, degolado publicamente, fôra exem-

[1] Carta do prior do Crato a Antonio de Escobar, em junho de 1589, Bibliotheca imperial de Paris, cod. 33 (fonds Colbert). — *Venida de D. Antonio de Portugal com la armada de la reyna de Inglaterra,* pag. 109 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1589 plo terrivel d'esta severidade inexoravel. Os inglezes tentaram apoderar-se da igreja de Nossa Senhora do Loreto, e chegaram a arrombar as portas, porém cederam rechassados com perda. Drake não pôde commetter a entrada do Tejo defendida pelos fortes das margens e por D. Affonso de Baçan com dezoito galés. O exercito, sem artilheria de sitio, sem munições de guerra, e quasi privado de viveres via-se obrigado a retirar-se. Uma enfermidade contagiosa, colhida na Corunha, enfraquecia os soldados. Os capitães receiando que maior detença lhes saísse funesta resolveram approximar-se do mar. Occupavam os arrabaldes da cidade desde o bairro da Esperança até ás portas de Santa Catharina; mas Lisboa silenciosa não ousava romper o jugo hespanhol. Norris e Essex, quasi perdidas as esperanças de a vencer, ainda ouviram as supplicas de D. Antonio, tentando um assalto simulado para ver se os parciaes do prior se animavam. O exito não correspondeu. Os arcabuzeiros castelhanos acudiram resolutos a seus postos, o castello disparou as baterias com mais estrondo do que effeito, e no meio do alvoroço guerreiro ninguem se atreveu a acclamar o nome de D. Antonio. Foi o ultimo desengano. Depois d'elle os inglezes levantaram de noite o campo, marcharam sobre Cascaes, e embarcaram-se á pressa. A fome, as doenças e as pelejas haviam-lhes consumido metade das tropas, e maior fôra de certo o estrago se não encontrassem na viagem as vélas do conde de Cumberland, que os soccorreram[1].

Assim terminou por estrondoso revez a derradeira

[1] Carta do prior do Crato a Antonio de Escobar, em junho de 1589, Bibliotheca imperial de Paris, cod. 33 (fonds Colbert). — *Venida de D. Antonio de Portugal con la armada de la reyna de Inglaterra*, pag. 109 v. — Palma Cayet, *Chronologie novenaire*, collection Petitot, serie I, tom. XXXIX, pag. 143 a 151.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

empreza do prior do Crato. Em suas correspondencias o 1589
desgraçado principe queixou-se dos alliados, do cerco de Corunha, e da inercia dos seus amigos de Lisboa. Tinha rasão em parte. Devia queixar-se porém mais de si e da fortuna. Voltar ao reino no meio de estrangeiros, odiados como herejes, equivalia quasi a rasgar pelas proprias mãos os titulos de rei nacional e catholico; e mesmo que um arrojo feliz lhe houvesse entregado Lisboa, não é seguro que a sua causa triumphasse, ou que o paiz seguisse a capital. O prior encerrou com este desastre irreparavel a serie de suas aventuras. Em 1590 despediu-se para sempre da Inglaterra, e veiu para França, aonde implorou em Dieppe os auxilios de Henrique III, talvez arrependido de o não haver ajudado a tempo. As guerras da liga e as commoções civis frustraram as diligencias do pretensor, e depois do assassinio do ultimo Valois, a braços com iguaes ou maiores obstaculos, Henrique IV não pôde coadjuva-lo como desejava. Quando mais desassombrado de inimigos e de trabalhos o grande rei principiava a respirar, concertando com Izabel de Inglaterra seus planos de aggressão contra a Hespanha, para lhe inquietar o poder continental e a supremacia naval, a morte feriu no pretendente portuguez um dos auxiliares mais zelosos que ambos podiam empregar [1].

Estava-se armando a expedição, que havia de acompanhar outra vez o prior ao reino, e fôra até designado Clermont de Amboise para a commandar, quando na idade de sessenta e quatro annos, a 26 de agosto de 1595,

[1] Madame de Saint Onge, *Histoire sécrète de don Antoine*, pag. 157. — *Brievfe et sommaire description de la vie et mort de don Antoine*, pag. 121 a 125. — *Journal de l'Estoile*, agosto de 1595. — Carta de Esteban de Ibarra ao conde de Castello Rodrigo, *Archivo de Simancas*, Est. leg. 610.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1595 D. Antonio descansou para sempre das amarguras do desterro, dos cuidados e da adversidade, fallecendo em Paris, cortado de maguas, na solidão e na pobreza. Poucos dias antes escrevêra a Izabel e a Henrique IV, recommendando-lhes seus filhos, os amigos fieis que nunca o tinham desamparado, e a restauração da independencia patria, pela qual lutára debalde tantos annos, e affrontára tantos perigos. O infortunio e o exilio são nobilissimas expiações. O culto da honra e do dever é brasão indelevel. Os grandes sacrificios exaltam e elevam o caracter. Perante a posteridade D. Antonio, optando pelas miserias do desterro e pelas tristezas inconsolaveis do proscripto, em nome de uma grande idéa e de uma generosa saudade, remiu os erros da mocidade, e, purificado das culpas pela abnegação e pela firmeza, merece que a historia lembre a sua memoria com respeito, e aponte o seu exemplo como se apontam os exemplos dignos de louvor, rarissimos especialmente em epochas de corrupção e decadencia[1].

Uma das rasões, em que mais haviam insistido os parciaes de Filippe II para encarecer a preferencia de seus direitos, fôra a vantagem de oppor a marinha das duas corôas aos assaltos e invasões dos corsarios francezes e inglezes. Até meiados do seculos XVI a nossa jurisprudencia colonial, apesar de severa e exclusiva, fôra respeitada. Poucos estrangeiros se atreveram a devassar os mares e as conquistas guardadas, como propriedade inviolavel, pelos reis de Portugal, desde os dias de Affonso V.

[1] Esteban de Ibarra: «Tiengo aviso cierto que el 26 (agosto de 1595) murió el désventurado don Antonio a quien llaman por acá, rey de Portugal... Estimo que es bastante la penitencia que ha hecho con la vida que ha passado... Dicen que morió como cristiano, y si lo era mejor está allá para el y para todos».

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Mas as riquezas, exageradas pela fama, attribuidas ao 1508
trato da costa da Mina, e o monopolio das mercadorias da India, concentrado em Lisboa e nas feitorias de Flandres, eram aguilhões vivissimos, com que a inveja e o amor do lucro espertavam a avidez dos outros povos. Emquanto o rei catholico não cingiu as duas corôas da peninsula a emulação das nações maritimas contentou-se com expedições clandestinas, e emprezas furtivas, as mais das vezes frustradas ou punidas com a morte ou com a ruina dos aventureiros e dos corsarios; mas desde que o sceptro de D. Sebastião passou para as mãos do poderoso monarcha das Hespanhas quebrou-se a neutralidade, escudo da nossa côrte durante as dilatadas guerras europeas, e os inimigos da casa de Austria não pouparam ás possessões portuguezas o açoute e a vingança de suas armas. Rotos de repente os laços das antigas allianças renovaram-se, mas a peito descoberto, as tentativas que desde remotos tempos haviam assignalado alguns dos periodos notaveis dos reinados precedentes.

Datava de longe a contenda, e mais deve imputar-se a ignorancia nautica, do que a outra qualquer causa, a segurança da navegação e do commercio de Portugal nas costas descobertas pelos nossos capitães. Já em 1508, na epocha de maior esplendor, reinando D. Manuel, Mondragon, corsario francez, ousára acommetter e despojar nas aguas dos Açores um navio da India. O castigo foi prompto. O valoroso Duarte Pacheco saíu de Lisboa com uma pequena frota, e vingou a affronta da nossa bandeira, aprisionando o aventureiro no cabo de Finisterra[1]. D. João III, logo no começo do seu governo, offendido dos insultos da marinha franceza, appellou para a lealdade dos

[1] Damião de Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, part. II, cap. XLII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1530 a 1536 alliados. As guerras de Carlos V e de Francisco I coalhavam os mares de piratas, e os de França investiam os vasos hespanhoes, e muitas vezes os portuguezes, até debaixo da protecção das quinas. A armada de guarda-costa não podia acudir a um tempo a toda a parte, e em 1530 já se calculava em quinhentos mil cruzados o valor das fazendas roubadas, e em trezentos o numero dos navios apresados. Os corsarios infestavam os portos do Brazil, interrompiam a navegação e interceptavam o commercio da Asia[1]. Os males tocaram extremo tal, que o rei em 1531 mandou declarar á França, que do resultado da missão de Lourenço Garcez, enviado para tratar do assumpto, dependia a conservação da paz e amisade. Cedeu Francisco I, e a commissão de presas instituida em Bayona e Fuenterabia, a par das ordens mais positivas ao almirantado, attestaram por sua parte sinceros desejos de concordia, pelo menos na apparencia[2].

As severidades do gabinete francez não atalharam, porém, os abusos. Em plena paz as hostilidades maritimas aggravaram-se. Nos portos da Normandia e da Bretanha armavam-se expedições clandestinas governadas por pilotos portuguezes. Guiné e o Brazil eram o seu alvo predilecto. O tratado de 14 de julho de 1536, regulando as relações mercantis internacionaes entre a França e Portugal, devia encerrar o conflicto, mas nem sequer o attenuou[3]. As infracções repetiram-se, e o reconhecimento dos direitos da corôa portugueza á navegação e commercio exclusivo das conquistas continuou a ser tido por letra

[1] Archivo nacional da Torre do Tombo, gaveta 11, maço 8.— Navarrete, *Collec. de los viages*, tom. v.

[2] Ibidem, *Corpo chronologico*, part. I, maço 47, doc. 37.—Carta de D. Antonio de Athaide, embaixador de D. João III.

[3] Ibidem, maço 57, doc. 65 e 80.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

morta na mente dos armadores. A republica de Veneza, 1548
bem informada, sorria-se das exterioridades diplomati- a
cas, e não deplorava de certo, que sob falsos indicios de 1552
harmonia se encobrisse a guerra surda das duas nações [1]. Em 1548 discutiu o conselho de Portugal a necessidade de occorrer á defeza das capitanias do Brazil, infestadas pelos francezes, e de instar por novas commissões de presas em Lisboa e em París. Henrique II de França tinha reiterado as prohibições de seu pae, mas os lucros do corso, e a sêde de vingar os rigores dos nossos cruzeiros, juntos ao enfraquecimento causado pelas dissenções civis e religiosas, roubando força á auctoridade real, multiplicavam o flagello, particularmente nos portos do canal, aonde predominava a influencia dos huguenotes [2]. A experiencia advertiu a nossa côrte do erro de confiar demasiado nos actos e promessas de França. D. João III valeu-se de remedios mais vigorosos. Uma convenção com o imperador associou a armada castelhana á guarda do estreito de Gibraltar, em 1552, ao passo que instrucções terminantes aos capitães mandavam reparar e guarnecer as fortalezas, quasi desamparadas, da costa de Africa, de Arguim, de Guiné, e do litoral do Brazil, ordenando ás esquadras, que dessem caça e mettessem a pique os vasos francezes suspeitos n'aquellas aguas. A occupação do Rio do Janeiro por Villegagnon, cliente auctorisado do almirante Coligny, justificou a prudencia tardia d'estas providencias [3].

[1] Relação de Marino Cavalli, embaixador de Veneza em França, anno de 1546.

[2] Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. I, maço 80, doc. 110.

[3] Andrade, *Chronica de D. João III*, part. IV, cap. XCI. — De Thou, *Histoire universelle*, tom. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1564 a 1567 O reinado de D. Sebastião não correu mais tranquillo n'esta parte, que o de seu avô. A França e Portugal prorogaram por cinco annos o accordo relativo ás tomadias, mas as expedições clandestinas repetiram-se, escarnecendo os decretos dos principes. O mau exito de muitas, em vez de desalentar, pareceu reverdecer as esperanças dos armadores. Carlos IX, succedendo a Francisco II, quiz imitar o pae e o irmão; mas os corsarios desprezaram os alvarás e as penas dictadas pelo novo rei com o mesmo desassombro, com que haviam desprezado as d'elles. Em 1564 foram outra vez investidas as costas do Brazil; e em 1566 novecentos soldados, commandados por Montluc, filho de um marechal de França, saltavam nas praias da Madeira, e assolavam o Funchal. Montluc pereceu na peleja. O seu fim, quando partira de Bordeaux com tres naus e mil e duzentos homens, era buscar as costas de Guiné e de Moçambique; suspendeu-o a morte; e seus navios recolheram-se carregados de despojos sem realisar o intento[1]. As duas victorias de Mendo de Sá sobre os francezes, ligados com os tamoyos, no Rio de Janeiro, em 1567, debellaram uma das invasões; mas por mais activa que fosse a vigilancia dos portuguezes, e por mais asperos edictos que fulminassem os reis, a luta perpetuava-se. As pequenas armadas de aventureiros seguiam-se umas ás outras, e cada vez mais arrojadas e insolentes, ousavam infamar até a barra de Lisboa e as aguas dos Açores, roubando as caravélas da Mina, as naus do Brazil, e os galeões da India quasi á foz do Tejo, quasi dentro de nossos portos![2].

As aggressões da marinha britannica n'este mesmo pe-

[1] Cordeiro, *Historia insulana*, liv. III, cap. XIV.— *Commentaires de Montluc*, liv. V, tom. XXII da colleç. Petitot, serie I.

[2] *Memorias de el-rei D. Sebastião*, part. II, liv. II, cap. XXXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

riodo não haviam sido menos constantes, nem menos violentas. O desejo de correr aventuras levára em 1553 os inglezes, em julho, ao porto do Funchal. Recebidos com amisade decidiram conquistar a cidade. Combateu-os o governador da Madeira D. Christovão Tinoco. Traziam tres naus e trezentos homens de peleja entre frecheiros e arcabuzeiros. O seu plano era passar ao cabo de Gué, ou aos rios da costa de Guiné[1]. Em 1555 appareceram seis vélas na costa da Mina, resgatando oiro e marfim, e os lords do conselho da rainha Maria Tudor responderam ás queixas do embaixador Diogo Lopes de Sousa, convidando-o a apresentar os titulos do direito, em que se fundava para declarar dominios da corôa portugueza aquellas terras; vencido depois pelos argumentos de Diogo Lopes o governo britannico prohibiu por fim aos subditos a navegação do Brazil, da Africa e da India sob pena de embargo nas fazendas e de prisão pessoal. A avidez e a audacia dos navegadores zombavam, porém, de tudo. Apresamentos repetidos, sequestros parciaes, embargo geral das propriedades eram as armas, que a nossa côrte oppunha á torrente irresistivel, emquanto a alliança politica das duas corôas cobria as hostilidades navaes[2]. Subindo ao throno, encontrou já D. Sebastião os males tão inveterados, que em 1560 enviou a Londres Manuel de Araujo com a missão especial de exigir prompta justiça das invasões e desacatos dos piratas commettidos á vista de nossas costas. Intentou Izabel declinar a satisfação, e não o conseguindo, por salvar as apparencias foi constrangida a condemnar em principio as navegações de seus vassallos,

1550 a 1560

[1] Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. I, maço 88, doc. 122. Vinham a bordo os pilotos portuguezes Antonio Annes Penteado e Francisco Rodrigues, naturaes dos Açores.

[2] Museu britannico, *Bibliotheca Cotton.*, Nero, B-1, fol. 82.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1568 e a decretar graves penas contra os que devassassem as conquistas de Portugal [1]. Os effeitos não corresponderam, todavia, ás demonstrações officiaes. Em toda a costa do sul e do oeste da Gran-Bretanha não se fallava senão do oiro da Mina e de Guiné. No meio dos perigos que o ameaçavam o commercio da Africa afigurava-se tão vantajoso, e excedia na realidade por tal fórma os premios obtidos nas feiras de Flandres e no trato longiquo da Moscowia, que os armadores preferiam arriscar n'elle tudo a colherem os lucros seguros das transacções dos outros portos. O valor dos roubos dos inglezes já subia n'essa epocha a mais de seiscentos mil ducados, e Hawkins por si só calculava-se que não extorquíra menos de duzentas mil peças de oiro. Os lords mais ricos, e até o governo, subsidiavam as expedições clandestinas [2]. A repetição dos aggravos decidiu a côrte de Portugal, em 1568, a pôr termo por uma vez a tão violento estado, encarregando o dr. Manuel Alvarez das negociações, e dictando-lhe instrucções positivas e explicitas.

Valendo-se da dissimulação usual, dilatou Izabel o mais possivel o exame e a resposta, deixando impunes os attentados, e em aberto as reclamações, que em 1569 sommavam trezentos e sessenta e oito mil escudos. A duplicidade da politica britannica era transparente. A rainha desejava o engrandecimento e a prosperidade da sua marinha, mas não queria romper a alliança portugueza; por isso, ao passo que prodigalisava as mais perfidas promes-

[1] Museu britannico, *Bibliotheca Cotton.*, Nero, B-1-35. — *State papers office*, maço 1, Portugal, n.º 16, doc. 21.

[2] Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. I, maço 107, doc. 4. — Carta de Francisco da Costa Pontes. — Museu britannico, *Bibliotheca Cotton.*, Nero, B-1, fol. 160. — Discurso do enviado Manuel Alvares a Izabel em 28 de abril de 1568.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sas, protegia secretamente os armamentos clandestinos, e 1576
recompensava as emprezas felizes, não duvidando até expedir cartas de corso, quando a occasião as encobria. Uma d'ellas, concedida aos Winter, indignou por modo tal o nosso governo, que em março de 1569 o conselho d'estado decidiu o sequestro de todas as fazendas inglezas em Portugal. D. Sebastião mandou logo depois fortificar Lisboa e outras praças, incluindo Arzilla, Tanger e Ceuta. Os logares da costa foram reparados e guarnecidos. Finalmente as mercadorias britannicas deixaram de ser despachadas nas alfandegas[1]. Estas providencias inquietaram a rainha e o conselho privado. A interrupção das relações commerciaes arruinava os negociantes de Londres, de Bristol e de Southampton, e a hostilidade de Portugal, a par da má vontade da Hespanha, promettia á Gran-Bretanha complicações melindrosas. William Cecil (depois lord Burleigh), tão habil como prudente, aceitou a intervenção officiosa do portuguez Antonio Fogaça, e procurou renovar sem quebra do decoro a amisade das duas potencias. No fim de largas e enredadas negociações redigiu-se e approvou-se o tratado de 29 de outubro de 1576, em doze artigos, por virtude do qual ficaram suspensos por tres annos todos os embargos e sequestros, e se abriram á navegação e trato dos inglezes os portos de Portugal, da Madeira e dos Açores[2].

A união com a corôa de Castella em vez de robustecer a

[1] Museu britannico, *Bibliotheca Cotton.*, Nero, B-1, fol. 159. — Bibliotheca imperial de Paris, cod. sup. 940, fol. 69. — Apontamentos para a chronica de Miguel de Moura.

[2] *State papers office*, maço 1, Portugal, n.º 73. Os negociantes eram 120. Fogaça era muito abastado, e residia em Londres havia largos annos.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1590 nossa marinha apressou-lhe a declinação. Emquanto a guerra animava as expedições de Drake, Frobisher, Hawkins e sir Walter Raleigh, elevando a Gran-Bretanha do segundo ao primeiro grau como potencia naval, o revez da invencivel armada e os sacrificios perdidos com ella desvaneciam para nós todas as illusões, abatendo o governo de Filippe II. Repetidos revezes, avivando as ousadias dos estrangeiros, patentearam a seus assaltos e invasões os dominios ultramarinos de Portugal, revelando á Europa a verdadeira fraqueza d'aquelle poder invejado. Os mares e as possessões, em que fluctuára sem opposição a bandeira de D. Manuel, desvanecido a pouco e pouco o prestigio com as victorias dos inimigos, foram-se convertendo em theatro lastimoso dos roubos, apresamentos e naufragios com que a fortuna nos castigou. Não só as caravélas da Mina, como as naus do Brazil, e as urcas e galeões das Indias, pelos defeitos de sua má construcção e pelo excessivo peso e pessima distribuição das cargas se submergiam com frequencia, mas desappareciam em grande numero afundados ou tomados pelos navios dos armadores britannicos e hollandezes. Emquanto o rei catholico não cingiu as duas corôas a emulação e a cubiça, em parte reprimidas pela severidade dos principes, limitavam-se a expedições furtivas, cujos lucros muitas vezes não compensavam os trabalhos e o perigo; mas desde que D. Filippe, senhor de todas as Hespanhas, quiz opprimir com a supremacia maritima os outros estados e introduziu Portugal na funesta associação de seus resentimentos, os maiores rigores e hostilidades atribularam a nossa navegação, pagando-se os contrarios com usura das affrontas e restricções supportadas nos dias de prosperidade dos monopolios portuguezes.

A sublevação dos Paizes Baixos transferíra de Anvers para Amsterdam o trato das mercadorias do oriente, da

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Italia, da Allemanha e da Inglaterra, engrossando seus ca- 1594
bedaes as forças productivas da Hollanda. Herdeira de Anvers continuára Amsterdam com a praça de Lisboa as antigas relações, recebendo em primeira mão as especiarias e os artigos preciosos da China e do Japão. Emquanto Portugal se conservou independente os negociantes dos Paizes Baixos, á sombra da nossa neutralidade, sempre encontraram no mercado de Lisboa favor e protecção; porém de 1580 por diante mudaram de aspecto as cousas, e Filippe II, suppondo que o modo opportuno de castigar a orgulhosa republica consistia em lhe negar as mercadorias da India, decretou em 1594 o sequestro violento de cincoenta navios hollandezes, ancorados na bahia do Tejo, prohibindo com severissimas penas aos subditos a communicação com os herejes rebeldes das provincias insurgidas. No começo pareceu mortal o golpe. Os neerlandezes privados do commercio indico-portuguez perdiam avultadas sommas; mas o acto, que havia de consummar-lhes a ruina, converteu-se, graças á tenacidade e á intrepidez do caracter nacional, em terrivel arma contra a Hespanha, e especialmente, por maior desgraça, contra Portugal[1].

Desde que lhes fechámos com o porto de Lisboa o trato dos productos asiaticos decidiram ir busca-los á India por via directa, e o que em outros, menos perseverantes e arrojados, fôra apenas exaltação momentanea, tornou-se n'elles idéa determinada e plano constante. Apesar de ha-

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, traduit par mrs. Henri Richelot et Charles Vogel, Paris, 1857, tom. II, part. III.—*Les hollandais*, part. II, pag. 248 e seguintes. — *La Hollande; établissement des hollandais dans l'Inde*, par mr. Xavier Marmier, na *Revue des Deux Mondes*, 1841, tom. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1594 beis ignoravam comtudo ainda os perigos que podiam offerecer-lhes as remotas regiões, cuja derrota nós guardavamos com ciume, e como nunca haviam sulcado os mares da India, preferiam, por isso, descobrir caminhos mais curtos e menos arriscados que o do meio dia, cortando as aguas do nordeste, e pondo as prôas no oceano glacial. Muitos negociantes da Zelandia, colligados em 1594, e soccorridos pelos subsidios de Amsterdam e de Enkhuissen, armaram tres navios commandados por Barenz e Heemskerk, e mandaram-os abrir pelas costas septentrionaes da Europa e da Asia uma nova estrada maritima para a China e para as Molucas. Não saíram d'esta empreza com melhor exito do que os inglezes em 1556; mas não desanimando com este revés, renovaram as tentativas nos annos seguintes, mas sempre em vão. A fortuna não os chamava por aquelles caminhos[1].

Um feliz acaso veiu revelar á republica, assustada já com a inutilidade das navegações de Heemskerk e de Barenz, o que seus geographos debalde tinham procurado, recommendando a passagem pelo septentrião. Certo negociante hollandez, Cornelius Hautmann, preso em Lisboa, e sentenciado a avultada multa como suspeito, estudára todas as circumstancias da viagem e todas as particularidades do commercio portuguez na India. Quando se julgou assás informado rompeu o sigillo, escrevendo aos armadores de Amsterdam, e propondo instrui-los de tudo o que sabia se quizessem pagar por elle a multa e solta-lo. Annuiram, voltou á patria, e cumpriu a promessa. Merece-

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. III. — *Les hollandais*, tom. II, pag. 248 e seguintes. — *La Hollande; établissement des hollandais dans l'Inde*, par mr. Xavier Marmier, na *Revue des Deux Mondes*, 1841, tom. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ram tanto conceito desde logo suas declarações, que a socie- 1596
dade das terras longiquas mandou-o em 1595 com quatro vélas para explorar os povos, os climas e o trato mercantil das regiões do oriente, aonde os portuguezes dominavam. Hautmann partiu, demorou-se em Madagascar, aportou em 1596 a Bantam, na costa septentrional de Java, visitou Jacrata, e depois Batavia, Sourabaya, e as ilhas de Madurá e Bali. Em agosto de 1597 recolheu-se ao Texel com dois navios e dois terços das tripulações de menos, mas com a certeza, de que a derrota e o commercio do oriente não offereciam o risco tão encarecido de longe por infundados terrores. Resolveu a companhia segunda expedição. A mesma sociedade ligada com outras de Amsterdam e de Roterdam adiantou as quantias necessarias para se apparelharem oito embarcações, que largaram em 1598 para as Indias orientaes, commandadas por Jacques de Neker e Heemskerk. Tocaram na ilha de França, baptisada por elles com o nome de Mauricio de Nassau, e abordando a Bantam trocaram pannos, espelhos, vidros, armas e outros objectos por especiarias, de que enviaram quatro navios carregados para a Europa. Os outros quatro demandaram Amboino, Ternate, e as ilhas de Banda. Em 1600 voltaram com as naus pejadas de fazendas [1].

A alegria dos hollandezes foi grande com este successo, na realidade valioso para o seu commercio e para o desenlace da luta com a Hespanha, e revelou-se em novos armamentos e maiores expedições. Em 1601 as sociedades formavam-se umas após outras, e mais de quarenta vélas se desfraldavam nos mares devassados havia tão poucos

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. II. — *Les hollandais*, tom. II. — *La Hollande; établissement des hollandais dans l'Inde*, par mr. Xavier Marmier, na *Revue des Deux Mondes*, 1841, tom. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 annos por Hautmann, Barenz e Heemskerk; mas a multiplicidade das companhias, e a divisão dos cabeças e das emprezas enfraquecia-as, perturbando as mais bens traçadas especulações. Os preços do mercado asiatico pela sua fluctuação tambem concorriam para as arruinar. Os estados geraes acudiram de prompto com o remedio, convidando as sociedades a fundirem-se em uma só, e concedendo sómente a esta os mais amplos privilegios. D'este acto nasceu a famosa companhia das Indias orientaes em 20 de março de 1602, creada para concentrar todos os esforços e harmonisar em um plano regular todas as expedições, efficazmente protegidos os interesses particulares pela tutela vigilante do estado[1].

A audaciosa tentativa de Hautmann, origem das grandes perdas, que desde principios do seculo XVII começaram a opprimir o nosso imperio da Asia, coincidiu com as aggressões mais activas dos inglezes, inflammados pelo odio politico e religioso, e estimulados pela cubiça mercantil. O reinado de Izabel, arreigando a reforma protestante, e combatendo em toda a parte a influencia da Hespanha com as armas e pela persuasão, fortificára a resistencia dos Paizes Baixos, mallográra em França a intervenção de Filippe II em favor da liga, e assegurára por fim a Henrique IV a victoria e o throno dos Valois. Nesta luta, em que o herdeiro de Carlos V representava a intolerancia ultra-catholica, e a filha de Henrique VIII as idéas modernas da liberdade de exame e de consciencia, ferindo-as, porém, a cada hora com as repressões, de que o seu governo deu funestos exemplos, a Inglaterra

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. III. — *Les hollandais*, tom. II. — *La Hollande; établissement des hollandais dans l'Inde*, par mr. Xavier Marmier, na *Revue des Deux Mondes*, 1841, tom. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

assumiu grande predominio no systema politico euro- 1591
peu, ensaiou e provou as forças com brio em lances duvidosos, e conquistou no oceano a pouco e pouco a supremacia, que os capitães de Castella e Portugal por mais de um seculo haviam conservado com braço vigoroso. Datam igualmente d'este periodo do reinado de Izabel Tudor as primeiras bases sobre que se levantou e cresceu a dominação britannica nas Indias orientaes. O mesmo erro de Filippe II, que levára os hollandezes a procurarem o caminho das terras asiaticas, cujo commercio lhes vedava na Europa o odio da Hespanha, impelliu os inglezes a rasgarem pelos mares a estrada do oriente, de que D. Filippe se constituíra guarda cioso e intolerante. Expulsos do porto de Lisboa desde 1589 os mercadores britannicos conceberam primeiro o designio de fazer por terra a jornada e os resgates da India. Desvanecido depois este sonho, a ousadia de alguns corsarios que dobraram o cabo da Boa Esperança em 1591 sem as ondas e as tormentas os engulirem, e sem os galeões hespanhoes os metterem a pique, provou que eram fabulosos os preconceitos e terrores inventados pelos navegadores peninsulares. Abriu-se-lhes mais facil, do que julgavam, a grande via por onde alcançaram apoderar-se do commercio directo do oriente, e o exito da expedição neerlandeza de 1595 acabou de confirmar a sua resolução. Se ainda não sabiam tudo, depois d'ella sabiam já o sufficiente para nos disputar no proprio theatro de tantas glorias o fructo de mais de um seculo de trabalhos e conquistas[1].

Imitou Londres o exemplo do hollandez, e no anno de 1600 constituiu-se a sociedade dos mercadores das Indias,

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. IV.—*Histoire générale des voyages*, tom. II, introduction.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 auctorisada pela corôa com o exclusivo de quinze annos para monopolisar o trato das terras da Asia, Africa e America, alem do Cabo da Boa Esperança, até ao estreito de Magalhães. A companhia podia fazer a paz e declarar a guerra, podia subsidiar exercitos e armadas, podia promulgar as leis necessarias, e decretar isenções e reducções de direitos fiscaes nos territorios de sua concessão. A primeira esquadra, ás ordens de Lancaster, desaferrou do porto de Woolwich em 13 de fevereiro de 1601, composta de quatro naus, o *Dragão*, o *Heitor*, a *Ascensão* e a *Suzana*, e de um vaso menor o *Guest*. Custára o armamento aos negociantes 70:000 libras esterlinas, e a carga e os viveres 27:000. Lancaster avistou a ilha de Sumatra, tocou em Achem, e em Bantam, e enviou um navio ás Molucas para comprar especiaria. Em 1603, a 11 de setembro, voltava ás costas de Inglaterra, terminada sua venturosa viagem. Izabel Tudor já não pôde applaudir-lhe o triumpho, prenuncio de largos futuros. Tinha fallecido em 3 de abril d'aquelle anno[1].

Muito antes d'estes successos era já sensivel a nossa decadencia naval, devida a erros e a causas, que em outro logar apreciaremos. Depois da perda da invencivel armada e das proezas de Drake o ardor guerreiro e maritimo dos inglezes não cessára de progredir. Dos nove annos de governo de archiduque Alberto nenhum deixou de ser assignalado com insultos e rebates dos corsarios britannicos. A expedição do conde de Cumberland, em 1589, deu mais uma prova da sua ousadia e do nosso enfraquecimento. A ilha das Flores entrada e saqueada, a Graciosa ameaçada,

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. IV.—*Histoire générale des voyages*, tom. III.—*Voyage du capitaine James Lancaster*, 1601.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

a de S. Jorge occupada por alguns dias, as arcas e galeões 1596
apresados e roubados nas aguas dos Açores, e por ultimo a esquadra hespanhola refugiada sem pelejar no porto de Angra, publicaram os brios dos aventureiros, e a quebra do nosso orgulho militar. Não admira que annos depois os inimigos, quasi seguros da impunidade, inculcassem o intento de se assenhorear dos mares africanos e orientaes[1].

Tantas offensas por parte dos subditos de Izabel haviam de irritar por força o caracter sombrio e despotico de Filippe II. A posse de Calais proporcionava-lhe o meio de inquietar a Gran-Bretanha com menor sacrificio do erario exhausto. Afigurou-se-lhe relativamente facil realisar um desembarque de tropas na Irlanda, e ateiar na ilha a sublevação catholica, a seu ver infallivel. Expediu as ordens, e principiaram sem demora os preparativos; mas o governo britannico, informado de tudo, antecipou-se com uma armada de mais de cento e trinta vélas. A armada confiada ao almirante Effingham com oito mil homens mandados pelo conde de Essex, partiu de Plymouth em 1 de julho de 1596, e unida á frota hollandeza seguiu o rumo de Cadix, aonde se estavam apparelhando os vasos hespanhoes. Achavam-se fundeadas em Cadix trinta embarcações de guerra e trinta transportes, alem de trinta naus já carregadas, que dentro de pouco haviam de navegar para as Indias. Effingham e Essex cumpriram pontualmente as severas instrucções da côrte. Prevalecendo a opinião do conde de Essex, valido mimoso da rainha, investiram os inglezes a 20 de junho repentinamente as naus e galés despercebidas, conquistaram a entrada do porto, e sir Walter Raleigh e

[1] *Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, tom. II, part. IV. — *Histoire générale des voyages*, tom. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1596 Thomás Haward derrotaram os vasos inimigos, apresando uns, queimando outros, e obrigando muitos a encalhar nas praias. O conde saltou depois em terra, e acommetteu a cidade. Abriu-lhe esta as portas quasi sem resistencia. As casas e os templos foram saqueados. Calculou-se o valor do despojo em mais de vinte milhões de ducados. A esquadra britannica avistou a 21 de julho as costas de Portugal, e no dia seguinte, surgindo a duas leguas de Faro, desembarcaram tres mil homens. Marcharam sobre a cidade, e detiveram-se quarenta e oito horas, deixando-a roubada e abrasada. Em Lagos não saíram tão felizes os invasores. Ruy Lourenço de Tavora tinha armado a toda a pressa dezoito galés e contava com sufficientes forças para os repellir [1]. Este desastre maguou profundamente a D. Filippe. Os inimigos, não só zombavam de sua vingança, como transportavam para a orla maritima dos estados da Hespanha todos os flagellos da guerra. Os elementos, não menos avessos que a fortuna das armas, pareciam apostados a attenuar-lhe o poder. A grossa armada, apparelhada em 1595 ás ordens de D. Martin de Padilla para invadir a Irlanda com quatorze mil homens, apenas tinha levantado ferro, quando foi dispersa e desarvorada por um temporal, que submergiu quarenta navios e desgarrou o

[1] Hume, *History of England*, chapt. XLV.—*Historia dos varões illustres do appellido de Tavora*, pag. 325 e seguintes.—Camden, *Life of Elisabeth*.—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XIV, part. III, liv. II. Antes d'estas emprezas James Lancaster, em 1595 attrahido pela noticia das riquezas de Pernambuco, occupára a povoação do Recife e saqueára os armazens. Em 1591 Cavendish assaltára, como pirata, o porto de Santos, roubando e incendiando a villa de S. Vicente, fazendo-se depois ao mar carregado de despojos. Drake e Hawkins tinham encontrado a morte em sua ultima expedição a Porto Rico e Panamá.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

resto. Padilla entrou no Ferrol com os poucos que pôde 1597
salvar da furia das ondas [1].

Resolvida a quebrantar as forças de Castella mandou Izabel sair em julho de 1597 uma poderosa esquadra de tres divisões, commandada pelo conde de Essex. Howard e Raleigh embarcaram como vice-almirantes. Forçado pelas tempestades a volver de novo a Plymouth ao cabo de quatro dias de luta, o conde só em agosto conseguiu começar a sua navegação. O fim, que se propunha, era assolar as ilhas dos Açores, occupar a Terceira, e apoderar-se da frota das Indias e de seus thesouros. A divisão de Essex combateu a ilha de S. Miguel, defendida com valor pelo governador Gonçalo Vaz Coutinho. N'este meio tempo reconhecia sir Walter Raleigh as fortalezas de Angra e toda a costa, e, convencido da temeridade de arriscar um ataque, contentava-se com a conquista inutil da ilha das Flores, emquanto Howard, depois de acommetter a Graciosa, voltava a unir-se ao grosso da esquadra. Mallogrado o principal intento da empreza, a demora de nada aproveitava. Apercebendo os inglezes, e vendo-os senhores do mar, os hespanhoes haviam recolhido a frota das Indias debaixo das baterias de Angra. D'esta vez os thesouros do Mexico e do Perú não promettiam pagar as despezas da expedição, que se recolheu sem gloria. Izabel queixosa do conde de Essex estranhou-lhe quasi como delicto a pouca felicidade [2].

[1] Lafuente, *Historia general de España*, tom. XIV, part. III, liv. II.—Herrera, *Historia general del mundo*, anno de 1597.—Camden, *Life of Elisabeth*.

[2] Apologie de mr. Sousa Coutinho, ambassadeur de Portugal en France, datée de Paris le 4 mars 1651.—*Historia do successo que na ilha de S. Miguel houve com a armada ingleza*, impressa em Lisboa por Craesbeck em 1630.—*Life of W. Raleigh with his trial*, Lon-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1571 A declinação das conquistas, se já denunciava com symptomas claros a corrupção moral, que de dia para dia se ia aggravando, na apparencia ainda illudia os menos penetrantes com promessas de prosperidade simulada e de victorias faceis. Julgando dilatados de mais os dominios orientaes para a responsabilidade de um só homem, D. Sebastião, dividira o estado oriental em tres governos no anno de 1571. Um d'elles abrangia desde o cabo de Guardafu até Ceylão; o outro abraçava as possessões desde o Pegu até á China; e o ultimo comprehendia a costa africana desde o cabo das Correntes até ao cabo de Guardafu. Nomeou governador do primeiro a D. Antonio de Noronha, do segundo a Antonio Moniz Barreto, e do terceiro a Francisco Barreto. Durou pouco a innovação. Os males da administração triennal não careciam, de que se dividisse por tres proconsules o imperio, para ferirem os olhos, clamando, mas debalde, por uma prompta reforma.

Moçambique attrahira a attenção da côrte, menos pelas vantagens da posição geographica, notadas por Affonso de Albuquerque e D. João de Castro, do que pela esperança dos fabulosos thesouros, que imaginava arrancar das minas de Monomotapa, cuja conquista se encarregou a Francisco Barreto, general das galés do reino, com as mais apertadas instrucções. A primeira expedição, intentada tarde e com mau conselho, não foi bem succedida. As fadigas de penosa jornada, os assaltos e perfidias dos cafres, a fome, a sêde e as doenças constrangeram o governador a retroceder e os tumultos na séde da colonia concorreram para lhe apressar a retirada. Pacificado tudo, quando o capitão general se propunha repetir a exploração inter-

dres, 1677. — Southey, *Lives of the british admirals*, secção 14.ª, pag. 308 a 312.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rompida, oppoz-se-lhe o padre Francisco de Monteclaros 1585
da parte de Deus e de El-Rei, e atalhando-o com escrupulos, conseguiu abreviar-lhe os dias, já cortados de desgostos e trabalhos. Francisco Barreto falleceu em Rios de Sena, e foi sepultado na igreja de S. Marçal [1].

Succedeu-lhe Vasco Fernandes Homem, e querendo cumprir as ordens da côrte, descobrindo as minas de Monomotapa, tambem encontrou a resistencia do padre Monteclaros e de seus socios, viu-se constrangido a ceder, e voltou a Moçambique. Livre, porém, no verão seguinte d'aquella pesada tutela proseguiu no primeiro proposito, e surgiu em breve na barra de Sofala com quinhentos homens e alguns canhões. Seguido d'este punhado de aventureiros entranhou-se pelo sertão, e chegou ao zimbaoé de Quiteve, que incendiou. Passando depois a Chiconga, cujo regulo lhe abriu os braços e entregou as minas de suas terras, conheceu o engano do rei e a vaidade das illusões que alimentára. O lucro da lavra não recompensava o trabalho. N'este meio tempo combatida pelos negros do interior e estreitada por todos os lados, lutava a capital, valorosa, mas atribulada. Em 1585 recrudesceu a ousadia dos barbaros com a derrota dos nossos, derrota funesta, que ceifou as vidas de muitos moradores, e que no seguinte anno alcançou vingar D. Jorge Tello, alferes mór do reino, rompendo e rechassando os cafres do territorio da cidade e das grangearias da terra firme. Sena em 1571 era uma povoação apenas de poucas casas com os tectos de palha e uma igreja levantada pelos mercadores portuguezes. A data da fundação de Tete não é sabida, e ignora-se até a das outras feitorias. Não existia ainda estabelecimento firme em Inhambane, e os negociantes de marfim

[1] Diogo do Couto, decada IX, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1587 assistiam quatro mezes sómente na bahia de Lourenço Marques debaixo de barracas. Quilimane principiou em 1544 [1].

Occorreu por este tempo um successo, que mostra com evidencia a pouca solidez do nosso dominio n'aquelles dias. Appareceu defronte da costa uma galé de turcos e fez tributarios do sultão, sem resistencia, muitos regulos vassallos da corôa portugueza. O temor, que ella inspirou, foi tão grande e repentino, que o capitão da costa de Zanguebar, Ruy Lopes Salgado, com alguns mercadores, refugiou-se na cidade de Melinde. Os rumes mataram e captivaram muitos portuguezes, e o scheik de Mombaça offereceu aos infieis em sua ilha logar para construirem uma fortaleza. O capitão da galé Ali-Bec, soberbo e arrebatado, sujeitou á sua obediencia Mogadoxo, Bravo, Jugo e Pate, açoutou os mares com suas façanhas de corsario, e recolheu-se ao estreito carregado de despojos, deixando formada contra os nossos uma confederação, e riscado em Mombaça o assento da fortaleza, por meio da qual esperava apoderar-se das minas de Cuama e Sofala, assoberbar Moçambique, e apresar a seu talante as naus do reino que aportassem para se refrescar [2]. O vice-rei da India avisado do perigo não dilatou as providencias. Mandou aprestar uma armada, e escolheu para a reger Martim Affonso de Mello, capitão pratico e destemido. Partiu a esquadra a 9 de janeiro de 1587. As ordens que levava eram castigar severamente os africanos rebeldes, e impedir os turcos de tornarem a pisar a costa oriental. Embarcára n'ella Belchior Colaço com ordem de fundar uma fortaleza em Mascate. Martim Affonso in-

[1] *Ensaio sobre a estatistica da provincia de Moçambique*, por Francisco Maria Bordallo.—*Bosquejo historico.*

[2] Diogo do Couto, decada x, cap. VIII, liv. VII.—Ferdinand Hoefer, *Afrique orientale.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

vestiu Ampaza, e venceu-a de assalto, matando o rei, e dei- 158
xando-a abrasada; passou a Pate, aonde aceitou o preito e as páreas de cem cruzados annuaes, com que o regulo comprou o perdão; e em Lamo, deposto o soberano, e apregoado por traidor, confiou o governo á viuva do regulo fallecido, aproando depois a Mombaça, que outra vez reduziu a cinzas [1].

Voltaram em 1589 os turcos á costa de Melinde com maior força, e foram recebidos com alegria pelos mouros de Mogadaxo. D'ali seguiram para Mombaça, ponto aprasado para a reunião dos alliados, que haviam de vingar sobre Melinde as affrontas dos mussulmanos de Zanguebar; mas a repentina chegada de Thomé de Sousa Coutinho, capitão mór de uma armada de Goa, frustrou-lhes os planos. Os portuguezes encontraram as galés repartidas em duas divisões, uma ancorada debaixo dos muros da cidade, e a outra entre a ilha e a terra firme. Thomé de Sousa derrotou-as uma após outra, e acommettendo Mombaça queimou as casas, demoliu as muralhas, e arrasou o castello. Entre os prisioneiros descobriu o emir do mar. O capitão mór correu depois a costa e puniu os traidores. Amarrou ao banco da sua galé o rei de Lamo, e em Pate mandou-o decapitar em presença do senhor da terra e dos reis de Ampaza e de Sio. Prendeu igualmente ao banco de sua galé o rei de Sio para lhe mostrar a destruição da soberba Meandra, reputada inexpugnavel até então. Dando por concluida, finalmente, a sua obra com estes exemplos de rigor voltou á India [2].

Matheus Mendes de Vasconcellos com trinta portuguezes e a gente da ilha, disputou Melinde aos selvagens zim-

[1] Diogo do Couto, cap. x, liv. VIII. — Ferdinand Hoefer, *Afrique orientale*.

[2] Ibidem, supplemento da decada XI, cap. VII, XIII, IX, X e XI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1596 bos, que tinham saqueado Quiloa, e ameaçavam Mombaça. O capitão do presidio de Tete repelliu os rebates dos cafres vizinhos, e o capitão de Sena pelejou com igual valor. Unidos depois todos tres para escarmentarem os inimigos saíram a campo com tanta temeridade, que foram desbaratados e mortos. Em 1596 o conde da Vidigueira, D. Francisco, invernando em Mombaça, abriu os alicerces da melhor fortaleza d'aquella costa. Nem os turcos, nem os cafres, e os estrangeiros, até principios do seculo XVII, commetteram feito que mereça memorar-se. Assaltos rapidos logo rebatidos, pequenas sublevações suffocadas, instantaneamente, e leves correrias castigadas com vigor foram os unicos episodios do curto periodo de dez annos, que medeou até infestarem os mares da Africa oriental os corsarios hollandezes [1].

Em Angola não correram tambem contrarias as cousas aos portuguezes nos dezoito annos do reinado de Filippe II. Fundou-se um dominio, que bem aproveitado, seria ainda hoje uma das joias mais preciosas da corôa portugueza. O primeiro, que plantou os padrões de D. João II ao sul da bôca do rio Zaire, foi Diogo Cam, descobridor do Congo, o qual na segunda viagem correu a costa dos reinos de Angola e Benguella, recolhendo-se á patria com ricos presentes de télas de palma e de marfim e com um embaixador enviado pelo regulo para requerer de el-rei ministros da religião e officiaes mechanicos que instruissem o seu povo. Partiu a primeira missão de Lisboa em 1491, e seus fructos foram copiosos, convertendo á lei de Christo o soberano, o principe herdeiro e muitos nobres e plebeus. Nos dois reinados de D. Manuel e D. João III, a metropole, di-

[1] *Ensaio sobre a estatistica da provincia de Moçambique*, por Francisco Maria Bordallo.—Ferdinand Hoefer, *Afrique orientale*.—Univers Pittoresque, *Afrique*, tom. v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

vertindo os cuidados para o oriente, olhou menos attenta 1575
para a Africa occidental, e só por fins de 1559 a rainha regente D. Catharina de Austria, respondendo á embaixada do rei de Angola, mandou Paulo Dias de Novaes, neto do famoso Bartholomeu Dias, com tres caravélas e alguma gente, a tratar mais de perto aquellas regiões. Fôra prohibido pela côrte o trato clandestino dos capitães da ilha de S. Thomé com a ilha de Loanda, e Paulo Dias havia de começar, segundo as instrucções, a sua missão pelo exame das vantagens d'este commercio. Assim o fez. Viu tudo com pausa, e voltando ao reino, taes noticias deu de si e da terra, que moveram o animo de D. Sebastião, apenas entrado na maioridade, e assim que assumiu o governo, a nomea-lo primeiro capitão povoador e conquistador de Angola com amplos e honrosos poderes. Embarcaram-se com elle na armada trezentos e cincoenta homens, a maior parte chatins e officiaes de officios, alguns padres jesuitas, e varios clerigos missionarios prégadores da palavra de Deus. Os preparativos da pequena frota, encetados em 1570, dilataram-se até findar o anno de 1574, de modo que Paulo Dias só em 1575 avistou a barra do Coanza[1].

Sua vinda festejada no principio pelos naturaes do Congo apenas excitou a desconfiança do rei de Angola; mas, decorridos tres annos, calaram as suspeitas tambem no peito dos que mais nos tinham tratado como amigos, e uma trai-

[1] Barros, decada I, liv. III.—Resende, *Chronica de D. João II*, cap. CLV a CLXI.—Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. II, liv. VI.—Manuscripto da bibliotheca nacional de Lisboa, *Summario e descripção do reino de Angola e do descobrimento da ilha de Loanda*, por Domingos de Abreu Brito, 1592.—*Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pela academia real das sciencias de Lisboa, tom. III, part. I.—*Cathalogo dos governadores de Angola*.—Lopes de Lima, *Ensaios estatisticos (Angola e Benguella)*, introducção.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1578 ção atroz, tramada pelos principaes, roubou-nos a fazenda de dez navios e as vidas de muitos portuguezes. Paulo Dias saiu a vingar a affronta, e seguiu-se larga e ferida guerra, em que a fortuna constantemente esteve do nosso lado, obrando grandes proezas os poucos que o acompanhavam, mal soccorridos em 1578 por cento e cincoenta soldados e duas embarcações do cardeal rei D. Henrique. Bastou este pequeno reforço para inspirar novos brios. Marchou Novaes do forte de Anzelle, d'onde pelejava com os inimigos, e invadiu as terras do rei de Angola. Uma serie de triumphos rematou esta primeira empreza, coroando-a a victoria alcançada em 1583 sobre o regulo e todo o seu poder, victoria que afirmou o nosso dominio n'aquellas partes, e chamou ao serviço da corôa portugueza muitos vassallos do senhor de Angola [1].

As alterações civis do reino e diversas causas demoraram os auxilios de Portugal; as forças dos nossos diminuiam, consumidas lentamente até pelos proprios progressos, e os sovas, medrosos a principio, cobrando atrevimento com successivas rebelliões, obrigaram por ultimo o governador a retirar-se para o sitio de Massangano, logar forte entre os rios Coanza e Lucala, d'onde sempre desbaratou os negros. Acudiu-lhe a final a côrte com alguns soldados (parte dos quaes as doenças arrebataram em breve) e Paulo Dias, sem perder tempo, com elles e com a guerra preta (milicia indigena) saiu logo a assolar por duas vezes o reino de Angola, a primeira até ao rio Lucala, a

[1] Barros, decada I, liv. III. — Manuscripto da bibliotheca da Ajuda, *Livro das relações do descobrimento da costa de Guiné, Mina, Cacheu, Angola, Congo e Benguella*, citado nos *Ensaios estatisticos* de Lopes de Lima. A victoria de Paulo Dias em 1583 foi ganha, contra hordas innumeras de cafres, com trezentos portuguezes, dois ou tres cavallos, e o soccorro dos negros sujeitos, que seriam trinta mil.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

segunda até ás minas de Cambambe, dilatando a conquista, e tornando respeitado o nome portuguez, cujo prestigio defendeu tanto, pelo menos, como o temor das armas, as duas povoações nascentes de S. Paulo e Massangano[1]. 1593

Colheu a morte subitamente a Paulo Dias de Novaes no anno de 1589, quando se dispunha a intentar uma grande expedição ao Dengo, para queimar a cabanza (capital) de Angola, e depor, ou captivar o rei. Herdou Luiz Serrão com o governo a obrigação de continuar as obras do antecessor, mas não foi ditoso na execução. Entrado em 1590 pelo territorios inimigos, passou o rio Lucala em dezembro. Sairam a suspende-lo os alliados de Angola, e, opprimindo os nossos com o peso das multidões, romperam-os, não sem grande estrago proprio. Seguindo a victoria, acossaram-lhes a retirada com tanta furia, que os portuguezes andaram mais de oitenta leguas em quinze dias, pelejando sempre, até poderem alcançar o forte presidio de Massangano, aonde o governador falleceu poucos dias depois. Succedendo a Luiz Serrão, tão irresoluto no conselho, como intrepido, e por vezes temerario nos combates, o capitão mór André Ferreira Pereira, limitou-se este com prudencia a punir por meio de sortidas e saltos os pequenos sovas alvoroçados com a ultima derrota, e, se não ganhou n'estes recontros nome de general, conseguiu entregar pelo menos em 1593 intacto o deposito, que recebêra em momentos criticos por morte do pouco afortunado Luiz Serrão[2].

D. Francisco de Almeida, que chegou do reino para o substituir com quatrocentos soldados, cincoenta cavallos, e muitos fidalgos e cavalleiros não realisou nenhum

1 Barros, decada I, liv. VIII. — Lopes de Lima, *Ensaios estatisticos*.
2 Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1606 dos planos, que tinha concebido para sujeitar os sovas e restaurar pelo terror o respeito das armas portuguezas. Nasceu a opposição dos enredos dos padres jesuitas, que entrado o capitão mór no sertão lhe dividiram o exercito em bandos, separando os frecheiros negros, e constrangendo-o a retroceder. O motivo da discordia não era insignificante. Segundo se deprehende da narração de escriptores seus, os jesuitas aspiravam ao dominio util do reino de Angola, como depois monopolisaram o do Uruguay, empregando os meios subtis e disfarçados, que usavam de ordinario, para grangearem a cooperação de alguns capitães e homens influentes da colonia, os quaes, suppondo trabalhar para a corôa e para si, na realidade trabalhavam para a ambiciosa companhia. O methodo dos padres, para se tornarem indispensaveis em Angola, consistiu em subjugarem sem ruido as vontades dos sovas, que os proclamavam *amos e protectores*, obedecendo depois servilmente a suas suggestões[1].

D. Francisco de Almeida trazia ordens apertadas a este respeito? Parece que sim. Mas que as não trouxesse não lhe soffria o animo ver-se quasi pupillo e dependente dos jesuitas, e por isso começou o seu governo, prohibindo que os sovas reconhecessem outro senhor, que não fosse el-rei, e ordenando a todos os que serviam os padres e capitães, que passassem para a protecção immediata da corôa. Custou-lhe o acto de firmeza amargos dissabores. A conquista esteve em perigo de se perder, e o governador, cortado de dissabores e conscio da inutilidade de seus esforços, cedendo á necessidade, embarcou-se precipitadamente para o Brazil, dando costas á conspiração. Seu irmão D. Jeronymo de Almeida, me-

[1] Barros, decada I, liv. VIII. — Guerreiro, *Relação annual*, anno de 1606.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

nos impetuoso applacou o conflicto com brandura, com- 1593
poz as divergencias, e ouvido o conselho dos velhos capitães, entrou pelo sertão da Quissama, avassallou muitos sovas, levantou o presidio das minas de sal, e já se encaminhava para as minas de Cambambe, quando o sova Cafuxe, emulo em forças e grandeza do rei de Angola, lhe negou a passagem a tempo, que as febres o acommettiam com rigor e o forçavam a entregar o commando ao capitão mór Balthasar de Almeida, recolhendo-se quasi exanime aos muros de Loanda. Foi logo sentida e castigada por um grande revez a sua falta. Balthasar de Almeida era mais valoroso, do que experiente, e mostrou-o dentro em pouco. Cego na intrepidez caiu no laço, que os barbaros lhe armaram, e uma cilada ceifou n'aquellas brenhas a flor da nossa milicia. Enfraquecidos desamparámos o novo presidio das minas de sal, e não sem difficuldade salvámos em Massangano as reliquias do formoso arraial quasi destruido[1].

Acudiram ainda d'esta vez á ruina da colonia os soccorros do reino. João Furtado de Mendonça, nomeado em 11 de outubro de 1593, abordou a Loanda no seguinte anno com quatrocentos homens e trinta cavallos. Mallogrou-se-lhe a primeira empreza, traçada contra o Bengo no mez de março, na estação mais perigosa. A marcha, o clima e as chuvas copiosas combateram mais contra os portuguezes, do que as armas dos cafres; quasi duzentos soldados pereceram feridos da epidemia que grassou e se desenvolveu com terrivel intensidade. O governador, transportado quasi moribundo á cidade, e as tropas, demoradas no acampamento, padeceram miserias e privações atrozes. No mesmo tempo estreitava o rei de Angola o cerco ao presidio

[1] Vide Guerreiro, Lopes de Lima, e os outros auctores citados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1602 de Massangano, aonde a fome e as doenças não cortavam menos victimas. Por fim, ao cabo de sete mezes, volveu Furtado de Mendonça restabelecido ao arraial, e investindo os sovas sublevados castigou-os rigorosamente. Balthasar Rebello de Aragão, saindo a soccorrer Massangano, e provando n'este feito as prendas de bom capitão, desbaratou os contrarios, reforçou com mais gente o presidio, e submetteu alguns sovas de Quissama, descendo em bateis o rio Coanza[1].

Tinha acabado com gloria esta campanha, e respirava João Furtado dos trabalhos d'ella na cidade, quando a noticia do assalto dado ao porto de Pinda por quatro corsarios francezes veiu sobresaltar os moradores de S. Paulo. Assustados muitos determinavam desamparar a povoação, refugiando-se nos matos com os bens que possuiam; mas tranquillisou-os o governador, fortificando de trincheiras o morro de S. Miguel, e guarnecendo de artilheria os pontos por onde Loanda podia ser acommettida. Esta serenidade no valor, e suas prudentes disposições alentaram os habitantes. Os francezes não ousaram adiantar-se, e, satisfeitos com o despojo tomado em Pinda, afastaram-se da costa sem arriscar mais pelejas. O governo de João Furtado de Mendonça findou em 1602. Mais ditoso no fim, do que no começo, nunca foi vencido, mas nunca obteve tambem victorias decisivas. Se levantou em Quissama o presidio de Muxima, viu o regulo de Cafuxe, indomito e soberbo, continuar as invasões pelas terras que nos obedeciam, alliado com o rei de Angola. Para outro mais feliz se reservava a pacificação da capitania[2].

[1] *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pela academia real das sciencias. — *Cathalogo dos governadores de Angola*, pag. 354. — Lopes de Lima, *Ensaios estatisticos*.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

No Brazil o dominio de Filippe II corria mais disputado. 1591
O governador geral Sebastião Barreto, interpretando astuciosamente o silencio da côrte, conservou-se em paz com os inglezes, e não prohibiu o commercio nascente, que os atrevidos insulares continuavam, zombando dos cruzeiros e das ordens da Europa, que os excluiam das conquistas. Mas os francezes, que os passados revezes não tinham escarmentado, depois de repellidos da bahia de Nitherohy, renovaram em 1583 suas tentativas, acommettendo, ajudados dos gentios Pitaguares, a capitania de Parahyba, d'onde os rechassou com perda a espada de Diogo Valdez. A metropole, despertando por fim do largo somno de dez annos, ordenou a Christovão de Barros, em 1590, que repellisse os selvagens das povoações de Itapicurú e Rio Real, e mandasse transportar para ali algumas familias da Bahia, de que era governador interino, começando assim a colonisação d'aquellas terras, quasi vagas, e entregues ás correrias dos cabocolos e aos saltos dos piratas francezes, que vinham cortar nas florestas o pau Brazil. Principiaram, porém, no anno immediato (1591) as invasões dos aventureiros inglezes a inquietar as possessões da America depois de assaltarem as ilhas dos Açores e as costas de Hespanha e de Portugal, como notámos[1]. Thomás Cavendish, chegando ás aguas de S. Vicente com cinco vélas, destacou o commodoro Carlos Cooke sobre a villa de Santos, mandando investi-la e saquea-la. Cooke, saltando em terra despercebido dos moradores, tomou-os de sobresalto na igreja ouvindo o officio divino, e cercados propoz-lhes pagarem grosso resgate pela liberdade. A noite e a intemperança dos soldados e marinhei-

1 *Collecção de noticias para a historia geographica das nações ultramarinas*, pela academia real das sciencias. — *Cathalogo dos governadores de Angola*, pag. 354. — Lopes de Lima, *Ensaios litterarios*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1593 ros salvou os portuguezes da espoliação. Protegidos pelas trevas e pelo turpor dos piratas embrutecidos pelo alcool fugiram para o sertão com todas as riquezas. Quando Cavendish subiu o rio nem mantimentos encontrou. Lançando fogo em vingança a S. Vicente velejou para o cabo de Horn. No Espirito Santo o corsario, que uma violenta tempestade forçára a retrogradar, achou já tudo disposto para a defeza. As duas chalupas, em que Ricardo Morgan, um dos seus, tentou approximar-se, foram varejadas pelos pelouros, as praias ficaram juncadas de mortos, e a cadeia cheia de prisioneiros. Advertido por esta lição merecida decidiu-se Cavendish a voltar á Europa[2]. A companhia de Londres não desistiu, comtudo, de repetir as invasões. Segunda expedição, regida por James Lancaster, e composta de tres vasos, unindo-se com a esquadrilha de João Vaner, surgiu defronte de Olinda em 1593. Fortificou-se o governador no Recife, mas Lancaster, capitaneando as tripulações, levou os baluartes de assalto, e entrando a cidade carregou os navios com o espolio dos habitantes. Custou-lhe mais a retirada, do que a investida. Offendidos da aggressão e dos roubos correram os moradores ás armas, e das praias dispararam contra os inimigos. Uma bateria assestada para metter a pique a frota foi atacada com denodo, e sustentada com victorioso esforço. Por ultimo o almirante britannico conseguiu escapar ao alcance dos canhões, e mezes depois ancorava no porto de Falmouth[1].

Os francezes por sua parte tambem não estavam ociosos.

[1] *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico do Brazil, secções XXXII, XXXIII e XXXIV. — *Compendio da historia do Brazil*, pelo general Abreu e Lima, tom. I, cap. II, § V, e cap. III, § I.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Em 1594 Jacques Rifault avistára o Maranhão, e lançára 1590
em seu territorio as bases de uma pequena colonia. Deixando na America um de seus intimos, Carlos de Vaux, para governar a povoação nascente, enviou-lhe da Europa reforços que a alentaram. Animado pela impunidade, Augusto de la Revardière partiu emfim de França com Emilio Rasilly e Carlos de Harley, e occupou a ilha, que a fertilidade do solo e a posição, naturalmente forte, recommendavam como conquista facil de vencer, e mais facil de conservar ainda. A negligencia indesculpavel do governo da metropole abriu-lhe as portas, e só é para admirar que tão tarde aproveitassem os estrangeiros o ensejo[1].

A India portugueza, postoque entrada já na idade em que principiou a declinar, conservava ainda intacto o lustre de suas armas, e inteiro o respeito do nosso nome. Era tão vasta e dilatada a área das conquistas, estendiam-se por tão longe, e divertiam-se para tão desvairadas partes os braços do estado, que aos conquistadores falleciam as forças e a robustez para as sustentar. Os vice-reis e governadores tomavam por timbre não largar um palmo dos territorios adquiridos pelos antecessores, e nunca esses brios se ostentaram com mais firmeza, do que no primeiro governo de D. Luiz de Athaide, depois conde de Athouguia, um dos maiores e mais valorosos capitães que espantaram a Asia e o mundo com seus feitos, justificando o appellido, que lhe grangearam, de cavalleiro sem pavor. A intrepidez, com que arrostou a liga formidavel dos potentados da Asia em 1571, e cercado em Goa pelo Idelkan com sessenta e cinco mil infantes e trinta e cinco mil

[1] Abreu e Lima, *Compendio de historia do Brazil*, cap. III. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, secções XXIV e XXV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1580 cavallos, acudiu a um tempo á defeza dos presidios e das cidades investidas, expedindo navios e armadas a soccorre-los, vencendo todos os inimigos, e entregando incolume o imperio ao seu successor, foi gentileza guerreira, que recordou os dias de prosperidade de Affonso de Albuquerque[1]. Antes de decair no occaso quiz ainda o astro de nossa gloria no Oriente illuminar o theatro de tantas façanhas com estes derradeiros e brilhantes raios.

Quando Filippe II recebeu das mãos do duque de Alva a corôa de Portugal, governava a India pela segunda vez o mesmo D. Luiz de Athaide, e não foi sem grande apprehensão, do que faria o conde de Athouguia, que o rei catholico mandou ordem para que elle o acclamasse n'aquellas partes. As novas da perda de D. Sebastião, divulgadas na Asia, haviam consternado, mas não abatido, o grande coração de Athaide. Aceitando do rei mancebo e illudido, quasi como desterro honroso, o governo oriental pela segunda vez, D. Luiz partira com o presentimento de grandes calamidades proximas. A morte do desditoso principe em Alcacer, o reinado fraco do cardeal, e os enredos de Castella para addir, como sua, a herança do reino, patentearam logo á sua prudencia os caminhos por onde D. Filippe determinava usurpar o throno. Diz-se que o conde de Athouguia, decidido inimigo do dominio estrangeiro, concebêra então o plano, não só de negar a obediencia ao rei jurado em Thomar, mas de apparelhar uma formosa

[1] Ao mesmo tempo acommettia o Samorim Mangalor, Cochim e Cananor, o rei de Cambaya as praças de Chaul, Damão e Baçaim, o rei do Achem a fortaleza de Malaca, o rei de Ternate as possessões das Molucas, Agá-el-Achem investia Surrate e a rainha Garcopa invadia Onor. Vide *Quadros historicos de Goa*, por J. Caetano Barreto Miranda, Margão, 1863, caderneta 1.ª

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

armada, guarnecida pela flor dos portuguezes do estado, 1581
carrega-la de riquezas no Oriente, aportar a França, ou a Inglaterra, se em Portugal se lhe offerecessem obstaculos, e lançar os castelhanos fóra da patria. Plano audaz e arriscado para idade tão madura, mas não superior de certo aos alentos e ao animo heroico do forte capitão! A fortuna, que em todas as circumstancias da occupação, favoreceu Filippe II, cortou este perigo pela raiz antes de elle começar a avultar. O conde de Athouguia falleceu um mez, ou dois, primeiro que chegasse a armada de Lisboa. Já nos ultimos bocejos as derradeiras vozes de D. Luiz haviam sido estas, trespassado de magua e desconsolação: «Ora morra eu, senhor, e seja tudo contra Portugal[1]».

Quando o reino se uniu a Castella arvoravam a sua bandeira no Oriente Diu, Damão, Goa, Chaul, Onor, Barcelor, Mangalor, Cananor, Cranganor, Columbo, Cochim, Coriate, Calaiate, Ormuz, Malaca, Ternate, Tidore, Amboino, Solor, Timor e Macau. As apparencias eram de immenso poder, mas os cabedaes e os brios já não correspondiam. A hora dos grandes homens ia expirar. Nos periodos de decadencia, principalmente nos primeiros, ainda sobresaiu um ou outro capitão digno de melhores dias, porém o geral abysmava-se n'aquella «apagada e vil tristeza» da cubiça, que apressou a ruina commum, e que anteviram os olhos penetrantes de Luiz de Camões. O temor, freio quasi unico de conquistas remotas, continuava a suster erguidos os padrastos da nossa dominação; as victorias no mar e na terra conseguiam ainda coegir a obediencia e sujeitar as rebelliões; mas os esforços a que os proprios triumphos nos obrigavam, desproporcionados para

[1] João Pinto Ribeiro, *Desengano ao parecer enganoso*, Lisboa, 1645, pag. 94 e 95.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1584 nossas forças esvaidas, faziam que as vantagens nos desfallecessem tanto pelo menos como os revezes[1].

O governo do primeiro vice-rei nomeado por Filippe II, D. Francisco Mascarenhas, conde de Santa Cruz, não diminuiu o respeito de nossas armas. Coulete, ninho de piratas atrevidos, foi abrasado por Francisco Fernandes; os mogores, rechassados, recolheram-se destruidos de Damão; no mar Vermelho o rei de Lara expiou em Xamel a oppressão em que punha Ormuz; e finalmente o rei do Achem provocou aspero castigo, renovando outra vez a porfia contra Malaca. No vice-reinado de D. Duarte de Menezes (1584–1588), tão estimado pelo valor como pelas prendas do caracter, tudo proseguiu ainda sem declinação visivel[2]. O naique de Sanguiescer, vencido e supplicante, teve de passar pelo nosso jugo. Em Ceylão, Raju, emulo implacavel dos portuguezes, maculado com o sangue do pae e dos irmãos, voltando as iras contra os portuguezes, aprendeu a teme-los na derrota de Paliconda. Columbo repelliu as multidões, com que elle depois a investiu, e João Correia de Brito, seu capitão, illustrou-se combatendo como soldado e regendo como general. A fome, que apertava Malaca, espertou o odio dos inimigos. Os manancabos vizinhos assolaram os arredores. Diogo da Azambuja com cem portuguezes marchou contra elles, e afugentou-os cortados do ferro e do fogo, com que lhes arrazou e incendiou moradas e campos. Acudia o rei do Achem a aproveitar os apuros da praça, quando uma traição lhe arrancou a vida e o sceptro; mas logo após o rajá de Ujantan (Jantana) com cento e vinte vélas e seis mil homens de peleja, veiu aggravar com seu bloqueio por tal modo a posição dos defensores, que o vice-rei designou para os

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, cap. I e II.

[2] Ibidem, cap. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

soccorrer a D. Paulo de Lima, um dos mais extremados e 1591
ditosos capitães d'aquelle tempo. Acompanhou-o a fortuna n'este lance como em todos. Libertou Malaca, e conquistou de assalto a cidade de Jor, a despeito de suas torres e baluartes, dos jaos e malaios aguerridos que a guarneciam, e dos reis de Tringale, de Dragut e de Campar, que os mandavam[1].

Foi a ultima proeza do governo de D. Duarte de Menezes, fallecido em Goa. Succedeu-lhe D. Manuel de Sousa Coutinho em 1588, cujo poder foi curto. Em 1591 Mathias de Albuquerque, soldado pratico e estimado na Asia, tomou as redeas do estado, começando a provar desde logo as grandes qualidades de que era dotado. André Furtado de Mendonça foi o braço victorioso, de que sempre se valeu nas maiores emprezas, principiando por lhe commetter o castigo do rei de Jafanapatan, cuja grandeza orgulhosa assombrava os nossos nas partes aonde se mostrava mais poderoso. Mendonça partiu de Goa com vinte navios, rendeu na costa de Calecut tres naus de turcos de Meca, e pelejou na costa de Coromandel com o corsario Coti-Muça, sobrinho e tenente do pirata Cunhal, terror d'aquelles mares. Vencido Coti-Muça, e apresadas suas vêlas, o capitão portuguez, continuando a jornada, veiu surgir no porto de Manar. Bastou um golpe valoroso para lhe entregar a armada que o defendia, assim como o exercito fortificado com trincheiras e reductos, o qual desbaratado buscou refugio dentro dos muros da cidade. Pereceu na batalha o rei, e o principe herdeiro, seu irmão, veiu lançar-se aos pés do vencedor e pedir-lhe a vida. Mendonça fez mais, concedeu-lhe a corôa. Ao mesmo tempo D. Alvaro de Abranches, em virtude das persuasões do

[1] Diogo do Couto, *Vida de D. Paulo de Lima*, cap. XXIII a XXX. — Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. I, cap. V.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1591 jesuita Francisco da Costa, firmava com o Samorim em Calecut uma paz sincera e vantajosa; os corsarios malabares, varridos dos mares, acoutavam-se assustados; os reis tributarios obedeciam medrosos; o commercio protegido dilatava-se; e por cumulo de venturas, Rajú, tyranno de Ceylão, morria no momento em que meditava vastos designios para nos guerrear[1].

N'este estado encontrou a India D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira, chegando a Goa para succeder a Mathias de Albuquerque. Mas se nas cousas militares nos sorria quasi sempre a victoria, nas administrativas e civis, os herpes e os abusos cresciam de hora para hora, antecipando a ruina inevitavel[2]. A venalidade dos empregos era o cancro mais funesto e inveterado do estado n'aquella epocha. Directa ou indirectamente, tudo se punha em almoeda e tudo se pagava, logares de justiça, capitanias de presidios e cargos de fazenda. Os homens probos, por mais pobres, não podiam chegar ordinariamente aos preços dos arrematantes, e viam por isso nos melhores postos e officios os especuladores, emquanto requeriam debalde o premio dos serviços, ou a recompensa do sangue vertido e dos trabalhos padecidos. O conde da Vidigueira principiou por emendar do modo possivel as maiores injustiças, reprimindo as insolencias da cubiça, e as negligencias mais culpadas, e nomeando para os empregos homens integros e distinctos, que honrassem as funcções, honrando-se de as exercer. Ainda esta reforma laboriosa o occupava, quando lhe constou a morte do ultimo rei de Ceylão legitimo, e a cessão, que elle (fallecido sem herdeiros) fizera

[1] Diogo do Couto, *Vida de D. Paulo de Lima*, cap. XXIII a XXX. — Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. I, cap. VII e VIII.

[2] Ibidem, part. II, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

de toda a ilha a el-rei D. Filippe de Portugal. D. Jeronymo 1598
de Azevedo, capitão de Columbo, tomou o juramento de fidelidade aos vassallos novos.

A estas boas novas seguiu-se uma pouco agradavel. Duas naus hollandezas appareceram em Tintagone. Eram as primeiras que visitavam a India. Mas não tornaram a ver a Europa. Os portuguezes destruiram uma, e os recifes da costa do Pegu despedaçaram a outra. Em 1597, pelas causas que expozemos, a armada neerlandeza de Cornelius de Amsterdam, depois de tocar na Madeira, nas Canarias e nas ilhas de Cabo Verde, dobrando o cabo da Boa Esperança, abordou á ilha de Java maior em janeiro de 1599, passou de lá a Amboino, e carregados de especiaria e de aromas os navios, volveu incolume á patria, em 20 de abril de 1600, deixando trilhada a estrada maritima a futuras invasões [1]. A maior empreza acabada no tempo de D. Francisco da Gama foi a guerra contra o pirata Cunhal, que da fortaleza levantada nos estados do Samorim açoutava as costas da India. Arrogante com o exito constante de suas audaciosas correrias Cunhal tornou-se ingrato. O soberano de Calecut, offendido chamou os portuguezes, e cercou-o, mas debalde, porque não conseguiu rende-lo, no anno de 1598. Julgando-se invencivel depois d'isto enviou o pirata embaixadores a todos os principes da Asia, e até ao sultão de Constantinopla, e repetindo os roubos e estragos forçou o vice-rei a encarregar o commando da poderosa armada apparelhada contra elle a André Furtado de Mendonça, o qual, como veremos, depois de apertado sitio logrou colher ás mãos o Cunhal, e demolir-lhe a fortaleza, ajudado da alliança leal do Samorim. O supplicio do pirata encerrou a luta [2].

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II, cap. I e II.
[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 No emtanto os ultimos annos de Filippe II corriam tristes e annuviados. No inverno da vida, e cortado de enfermidades, a fortuna, em toda a parte, excepto em Portugal, tinha-se-lhe mostrado mais adversa do que amiga. As guerras de Flandres haviam esgotado as forças da monarchia, e os soccorros prestados á liga catholica não poderam embaraçar, segundo dissemos, que Henrique IV cingisse a corôa. Emquanto os terços hespanhoes invadiam o territorio francez, o principe de Nassau, auxiliado pela Inglaterra, alargava e robustecia a republica nascente das provincias confederadas. O conde de Fuentes, capitão illustre, succedendo ao duque de Parma, ao conde de Mansfeldt, e ao archiduque Ernesto, poucos progressos adiantava nos estados rebeldes. Sentindo avizinhar-se a morte com a idade e os achaques, e convencido por tardio desengano da vaidade de seus maiores designios, o rei catholico lançára os olhos sobre o archiduque Alberto (o mais novo dos irmãos do imperador), e resolvêra transferi-lo de Portugal para o governo dos Paizes Baixos, imaginando que a prudencia, o valor e as qualidades do sobrinho não obrariam menos, que a espada dos veteranos, para apressar a pacificação dos estados insurgidos[1]. Substituindo, pois, em 1593 o cardeal na administração de Portugal pelos cinco governadores D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, D. João da Silva, conde de Portalegre, D. Francisco Mascarenhas, conde de Santa Cruz, D. Duarte de Castello Branco, conde de Sabugal, e Miguel de Moura, escrivão da puridade, cuidou em realisar sem demora o novo plano, cujas illusões tambem se desvaneceram cedo. Recebido com applauso pelas cidades fieis, e felicitado até pelas dissi-

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, Paris, 1857, tom. x, liv. LXI. — Colona, *Guerra de Flandres*, liv. x e XI. — Grotius, *Meteren Van Keid*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

dentes, as boas intenções do archiduque não produziram 1598
os effeitos que D. Filippe augurava d'ellas. Era tarde para a reconciliação, e Mauricio de Nassau, senhor da vontade dos compatriotas, general habil e incansavel, oppondo-se ás emprezas do governador, frustrou-lhe os propositos e assegurou a independencia da Hollanda [1].

A paz assignada em Vervins entre a França e a Hespanha em 2 de maio de 1598, alterou ainda mais o aspecto politico dos acontecimentos. O rei, já velho, desejava legar o reino desopprimido de guerras e tranquillo ao seu successor, cuja fraqueza receiava. Reconhecendo Henrique IV pelo tratado de Vervins [2], o seu fim principal fôra ceder a soberania dos Paizes Baixos a sua filha D. Izabel Clara Eugenia, casando-a com o archiduque Alberto. Pareceu immenso o sacrificio a muitos conselheiros. Aquelles estados sempre haviam sido a joia invejada da corôa de Carlos V, e o conde de Fuentes, magoado como soldado e como hespanhol, não poupou rasões para demover o soberano. Prevaleceu, porém, no animo de Filippe II o voto de D. Christovão de Moura. Longe de Castella (dizia o ministro) e separados pela indole diversa das leis e dos costumes, alem de resentidos e ciosos da autonomia e das liberdades, os flamengos só a principe seu e independente podia suppor-se que prestassem obediencia voluntaria. Trinta annos de guerra provavam que a força não os sub-

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, tom. x, liv. LXI. — Colona, *Guerra de Flandres*, liv. x e XI. — João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, tom. II, append. v, pag. 198 e 199. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II, cap. XXV. O archiduque ainda governava em 23 de fevereiro de 1593. A administração dos cinco governadores começou em 5 de julho, data da carta regia de participação ás camaras.

[2] Dumont, *Corps diplomatique*, tom. v, part. I, pag. 561. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XIV, part. III, liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 jugaria. O reinado de Filippe III, já proximo, não afiançava á Hespanha dias mais felizes, que o governo laborioso, e muitas vezes implacavel de seu pae. Inclinando-se diante da necessidade, o rei dictou, portanto, em 6 de maio de 1598, o acto de abdicação em favor de D. Izabel Eugenia e do archiduque, seu futuro esposo, acto munido de restricções importantes. Os dois principes, no proprio nome e no de seus descendentes, obrigaram-se a prohibir aos subditos o commercio das Indias, a não consentir outro culto que não fosse o catholico, e a não contrahir nenhum consorcio sem a previa auctorisação da côrte hespanhola, sob pena da soberania de Flandres reverter outra vez para a corôa das Hespanhas[1].

Sujeito e tranquillo na apparencia, e desassombrado de facções desde a morte do prior do Crato, Portugal não dava então cuidado. Sem competidor que lhe disputasse a legitimidade, e seguro da submissão forçada ou voluntaria da casa de Bragança, muito opulenta para arriscar qualquer imprudencia, D. Filippe reputou com motivo a dynastia consolidada, deixando ao tempo, politico muito efficaz em certos lances, a obra lenta e difficil de cimentar a união[3]. A morte que o ameaçava ha mezes, e que não concorreu pouco de certo para elle apressar todas as disposições, approximou-se finalmente do leito do rei catholico. Aquelle soberano de tantos reinos, aquelle dominador cuja vontade absoluta e inflexivel fôra o espanto das nações, o principe que tantas lagrimas e tanto sangue fizera derramar a milhares de victimas e a povos inteiros, pagou com sua dolorosa e prolongada agonia a expiação devida á justiça de Deus e á justiça dos homens. Dores excruciantes, exacerbadas com o mais leve movimento, a sêde insaciavel

[1] Bentivoglio, *Guerras de Flandres*, part. III, liv. I a V.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que o abrasava, a febre lenta que lhe minava e consumia as forças, eram o seu martyrio. Laceravam-lhe, alem d'isto, o corpo prostrado profundas chagas. Quiz sair assim mesmo de Madrid e ver o Escurial pela ultima vez. Quasi cadaver na immobilidade o que vivia n'elle ainda era a sensibilidade para lhe aggravar os tormentos. O espirito resignado com a destruição, cujos progressos contemplava hora por hora, assistiu-lhe sereno e lucido até ao derradeiro bocejo. A paciencia, com que supportou todos os trances da enfermidade, edificava os que rodeavam a sua cama, verdadeiro eculeo de tractos incomportaveis [1]. 1598

Attribulado de padecimentos intensissimos, banhado no suor da angustia, devorado pelos vermes que lhe ferviam das ulceras, e amarrado pela doença á hediondez do leito sordido, sepulchro antecipado em que via e sentia dissolver-se o corpo membro por membro, parecia quasi miraculoso que a existencia podesse prolongar-se tanto em similhante grau de miseria. As paredes do pequeno aposento do mosteiro, em que gemia, estavam cobertas de registos e de reliquias de santos. De instante em instante o enfermo pedia-as e levava-as aos labios requeimados, ou applicava-as sobre as feridas abertas como consolação e lenitivo. A consciencia não era de certo o menor supplicio d'aquella grandeza humilhada. Não padecia menos talvez a alma, do que o involucro. Revelam-o as esmolas aos desvalidos, os dotes ás orphãs, e as restituições dos sequestros injustos. O terrivel enigma da eternidade devia petrificar o rei interiormente, quando, alongando os olhos do espirito, interrogasse as paginas sombrias do passado. Com o ataúde sempre ao lado, e o crucifixo que víra a agonia do pae diante da vista, no meio do purgatorio em que penava, as

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. —Quevedo, *Historia del Escurial*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 saudades do mundo e as veleidades do mando supremo vinham ainda por momentos saltear este Job no seu esterquilinio. Inseparavel d'elle havia annos, D. Christovão de Moura foi o depositario de suas ultimas confidencias.

A fortaleza do animo nunca se desmentiu. Se podia dizer-se, sem exageração, o mais abatido e miseravel dos homens, em presença da morte quiz e soube acabar como rei. Até exhalar os derradeiros alentos conservou a firmeza estoica, não se confessando nunca vencido, e calando os remorsos e os terrores, em que outra alma menos crente e menos forte teria denunciado o espanto. Por fim no dia 13 de setembro de 1598, ás cinco horas da manhã, deixou de padecer. A decadencia da Hespanha, já visivel, precipitar-se logo atrás d'elle, mostrando ao mundo os erros e as funestas illusões do governo que terminava com o representante mais poderoso da politica do seculo XVI e da ambição da casa de Austria. Filippe II baixou ao tumulo, legando ao seu herdeiro a monarchia exhausta, os resentimentos de um largo periodo de oppressão, e as sementes de todas as catastrophes futuras. Filippe III, sombra silenciosa e triste, quando os destinos do imperio requeriam quem supportasse o immenso peso das responsabilidades dos reinados de seu pae e de Carlos V (peso capaz de acurvar gigantes), sentindo-se logo debil e vacillante, buscou o braço de um valido para o ajudar a arrastar o manto e o sceptro. A realeza caiu em tutela, e a declinação seguiu sem parar, até Carlos II, o ultimo d'esta raça tão grande no fundador, tão pequena a abastardeada nos ultimos que a sepultaram[1].

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XIV, part. III, liv. II. — Quevedo, *Historia del Escurial*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO II

PARTE II

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO II

1598–1621

REINADO DE FILIPPE III DE HESPANHA E II DE PORTUGAL

PARTE II

CAPITULO I

1598

Incapacidade do novo rei. Receios de Filippe II. — Caracter do governo hespanhol. Causas de sua declinação. — Filippe III. — Valimento do duque de Lerma. — Estado interno de Portugal. Repressão politica. Policia. Presidios. — Providencias civis e militares no reinado do rei catholico e governo do archiduque Alberto. — Regencia dos cinco governadores. — Casa de Bragança. A duqueza viuva. Suas exigencias. — Erros da politica hespanhola funestos á união. — Reformas administrativas e fiscaes. — Miseria da tropa e pobreza do povo. — Diminuição da receita publica. A agricultura, o commercio e a industria. — Crise da fazenda real. Rendimentos e despezas. — Antecipações. Impostos. — A nobreza, o clero e as classes medias. — Marinha de guerra e mercante. — Naufragios. — Decadencia geral. — Conclusão.

Filippe III contava apenas vinte e um annos incompletos, quando subiu ao throno. Nos ultimos tempos a frouxidão do seu caracter assustára o rei catholico. Pouco antes de expirar o velho monarcha tinha exclamado com tristeza: «D. Christovão, receio que meu filho se deixe governar!» Em outra occasião dissera ao archiduque Alberto: «Concedendo-me tantos estados, negou-me Deus herdeiro digno d'elles!» A certeza da incapacidade do filho foi o castigo da insensibilidade, com que calcára tudo aos pés para realisar os seus designios. A voz do futuro, já voz da posteridade, advertia-lhe o nada das illusões, que mais lhe

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 haviam lisonjeado o orgulho. Do que tinha intentado ou concebido, a unica empreza feliz fôra a occupação de Portugal. Deixava todas as outras frustradas ou arriscadas. Estes revezes exprimiam a condemnação moral do seu longo reinado, e a penetração, antecipando-lhe o porvir, annunciava ainda maiores desastres, e apontava para o successor, como para o instrumento fatal da decadência proxima, decadencia que só um grande principe saberia moderar. Por isso o velho rei, illacrimavel em tantas tragedias publicas e domesticas, descia ao tumulo convencido da ruina da sua obra, e vertia por isso talvez os primeiros prantos da sua vida [1].

O reino achava-se tranquillo. Annullados os privilegios fundamentaes, base da antiga constituição, e triumphante a unidade monarchica, podia o soberano usar e abusar da auctoridade illimitada. A nobreza separada dos negocios, e quasi toda ausente da côrte, não oppunha resistencia. Os estados, tornados chancellarias de impostos, votavam submissos os subsidios e os tributos. O clero, ligado ao throno por grandes interesses, ensinava o direito divino e a omnipotencia da corôa. Por ultimo, as classes populares, ignorantes e fanaticas, prodigalisavam o sangue e o oiro em armadas e soldados, cuidando dilatar a fé e os dominios da Hespanha. A auctoridade real contava tres auxiliares poderosos: os exercitos permanentes; a administração civil e ecclesiastica; e o lançamento e cobrança das contribuições. Os primeiros prestavam-lhe força material; a segunda attrahia-lhe vontades; o terceiro enlaçava a vida domestica e todas as profissões em uma rede inextricavel

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XV, part. IV, liv. III, cap. I. — Ranke, *The Ottoman and Spanish Empires in the Sexteenth and Seventeenth Centuries*, Londres, 1843, cap. I. — *The King Filipp. III.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

de dependencias[1]. A inquisição coroava o edificio. Tribu- 1598
nal do rei na essencia, mas tribunal munido de armas espirituaes e de attribuições terriveis, offerecia o braço fiel em todas as occasiões criticas. O veneziano Tiepolo, definindo o santo officio, reputa-o a mola politica mais rija que podia ser empregada para reprimir e conservar. Era exacto. Carlos V tinha-se valido d'ella contra os bispos na insurreição das communidades; Filippe II pedíra-lhe a cabeça de Antonio Peres[2]. A indole da nação coadjuvava este imperio absoluto. Notavel pela lealdade, pelo ardor bellicoso e pela superstição, em nenhum paiz da Europa se haviam gravado tão profundamente, como no coração da Hespanha, os sentimentos a que deveu o engrandecimento e a quéda não menos rapida.

Assegurada com a conquista de Granada a unidade do territorio por Izabel, e affirmada por Carlos V a unidade politica, o seu desenvolvimento foi subito e assombroso. A historia cita-nos quasi em cada pagina uma victoria, uma conquista ou um rasgo heroico. Em tres gerações a Hespanha uniu ou encorporou a Navarra, o Roussillon e Portugal, apoderou-se pela diplomacia ou com a espada do Artois, do Franco-Condado, do Milanez, de Napoles, da Sicilia, da Sardenha, das Baleares e das Canarias. D. Carlos foi imperador de Allemanha. D. Filippe reinou em Inglaterra. O poder dos turcos, o mais formidavel d'aquella epocha, attenuado em Lepanto por D. João de Austria, retrocedeu e declinou depois. Os exercitos francezes desba-

[1] Ranke, *Fürsten und Voelker von Südeuropa*, cap. IV e V.—Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, pag. 955.—Lipomani, *Relatione di Napoli*.—Contarini, *Relação da côrte de Hespanha em 1605*.

[2] Ibidem, cap. III. —Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XV, part. III, liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 ratados, as fronteiras rotas, Paris ameaçado e um rei prisioneiro em Pavia proclamam o valor dos terços hespanhoes. As possessões castelhanas eram immensas. Na America sessenta e dois graus em ambos os tropicos. Na costa de Barberia, Ceuta, Tanger, Mazagão, Oran, Melilla e Bugia; a Africa oriental e occidental; todo o Decan, parte de Sumatra, as Molucas, Ceylão e Ormuz; a navegação da Arabia, da Persia, da China e do Japão, compunham aquelle vasto imperio no qual o sol nunca via occaso. O archipelago dos Filippinas ligava as colonias distantes, e o enthusiasmo militar e religioso inspirava os capitães e os soldados. Em Hespanha e Portugal quem não abraçava os altares vestia as armas [1].

O espectaculo dos prodigios d'este povo, tão devoto da igreja e tão dedicado á realeza, fez o espanto da Europa no seculo XVI. Pasmava-se de contemplar tanta energia a par de tanta obediencia, e tanto arrojo a par de tão profunda veneração pela monarchia. Mas, para sustentar no governo esta acção admiravel, exigiam-se circumstancias raras. São tudo os homens quando o governo é pessoal, e os grandes homens nunca foram communs. Aonde a acção do soberano absorve todas as responsabilidades, o bem e o mal, a fortuna e a adversidade pendem de uma unica direcção. Os resultados justificam o regimen na apparencia, e compensam de algum modo a abdicação dos subditos; mas apenas se retira a alma, centro e motor dos acontecimentos, assim que as mediocridades medram e dominam, o edificio desconjuncta-se, e o systema desaba. A tutela desacostuma a nação de mostrar vontade propria; a servidão entorpece-a; as deficiencias governativas mutilam-a; e o principio hereditario apressa-lhe a declinação.

[1] Buckle's, *History of civilization*, tom. II, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Emquanto reinam Izabel, Carlos V e Filippe II, princi- 1589
pes habeis e infatigaveis, prosperidades, mais externas do que verdadeiras, illustram a realeza. A podridão das chagas e das ligaduras disfarça-se com as palmas, mas o cancro existe e mina a organisação. Fundado na capacidade individual e na obediencia tacita, logoque afrouxa o braço, o imperio vacilla. O despotismo suffocou o genio da nação, fez d'ella um automato, e apenas cessou o impulso o corpo caiu inerte[1].

Eis a posição da Hespanha em 1598. O novo rei, filho de D. Anna de Austria, quarta esposa de D. Filippe, representava no aspecto agradavel, no rosto alvo e rosado, nos cabellos ruivos, e no labio grosso e pendido, o typo germanico, de que procedia. Carlos V, seu avô, fôra lento em passar da adolescencia á juventude. Filippe II só herdára d'elle a actividade intellectual. Filippe III, baixando mais ainda, unia a uma vontade fraca a indolencia do espirito e quasi a apathia das faculdades mentaes. Seu mestre D. Garcia de Loaisa tinha-se contentado com o ensino da grammatica e de algumas theses de S. Thomás, inculcando-lhe como virtude unica a obediencia passiva ás ordens do pae. O resultado excedeu os desejos de Filippe II. Quando mostrou ao principe os retratos de tres senhoras formosas, pedindo-lhe que preferisse a esposa, este beijou-lhe a mão, e sujeitou a escolha á vontade real. Depois de subir ao throno, se uma dama do paço encarava n'elle, punha os olhos no chão, louvando a Deus porque a fizera tão gentil. Amigo da paz, inclinado á justiça e indifferente aos prazeres, recolhia-se mezes inteiros nas casas de campo, elogiando acima de todas o ermo do Escurial.

[1] Buckle's, *History of civilization*, tom. II, cap. I.—Ranke, *Fürsten und Voelker von Südeuropa*, cap. III.—Contarini, *Relação da côrte de Hespanha em 1605*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1589 A caça era o seu exercicio continuado, mas em viagem, no jogo da pélla, ou correndo os dados até alta noite, matava o tempo, e não se recreava. Nem os negocios, nem as armas o attrahiam. Dotado de juizo claro discorria com acerto, mas não podia supportar o trabalho. Tinha memoria tenaz, compleição melancholica e affeições seguras. A corôa feria-lhe a cabeça. Uma só paixão o podia reanimar do adormecimento, era o fanatismo identificado com a existencia. Quando as queixas dos vassallos accusavam mais o seu descuido, consumia horas inteiras a disputar com os theologos sobre a Immaculada Conceição da Virgem Maria, e sentindo-se enfermo o seu primeiro remedio era ajoelhar aos pés de um frade e pedir-lhe a benção, o segundo dotar ou fundar algum convento [1].

Este era o rei. As qualidades do privado, que em seu nome dominou vinte annos, não suppriam, nem compensavam os defeitos do principe. D. Francisco de Sandoval e Rojas, marquez de Denia, e depois duque de Lerma, fidalgo illustre pelo nascimento, mas pouco distincto pelo engenho, affectava estudos e theorias elevadas. Pobre, quando cursava a côrte, soube aproveitar-se do valimento, e accumulou grandes riquezas. Tratava-se com pompa, e adiantado em annos desejava encobrir a idade. Apparentado pelo casamento dos filhos com as casas mais antigas contava parciaes decididos no seio da nobreza, do clero e das ordens religiosas influentes. Suas intenções pareciam boas, mas não lhes correspondia a capacidade. Conhecendo profundamente os homens possuia a arte de os mo-

[1] Ranke, *Fürsten und Voelker von Südeuropa*, cap. I. — Contarini, *Relação da côrte de Hespanha em* 1605. — Cabrera de Cordova, *Filippe II, rei de Hespanha*, appendice. — Poreño, *Dichos y hechos del rey D. Filipe III.* — *Relatione della corte del ré di Spagna e delle privati.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ver, porém cioso em extremo do poder despediu ou des- 1598
viou dos conselhos do soberano quasi todos os estadistas que tinham assistido ao ultimo periodo do reinado de Filippe II, rodeando-se de homens novos e inexperientes, recommendados unicamente pela sua fidelidade ao protector. As maneiras do duque de Lerma em geral eram affaveis, e o seu tracto ameno; sujeito, porém, a accessos de hypocondria esquivava-se durante elles a toda communicação, e até os amigos o importunavam. Recebia sem escrupulo brindes valiosos dos ministros estrangeiros, e dinheiro, joias, baixellas e mobilias dos requerentes ricos, que por esta entrada costumavam tentar-lhe o animo[1]. A consulta d'estado, o despacho universal, em que resolvia os negocios á puridade com el-rei, constituia a base firmissima de sua illimitada auctoridade. Filippe III não via senão pelos olhos do valido. A rainha, sua mulher, e a imperatriz, sua irmã, prohibidas até de fallarem o allemão uma com a outra, deploravam a posição secundaria a que as reduzíra. O confessor de el-rei, fr. Gaspar de Cordova, inculto, integro e agradecido pisava por orgulho as alfombras do paço com os sapatos rotos, e servia ao duque de ouvido no confessionario para escutar as perplexidades da consciencia do monarcha. Os parentes do ministro subiram com elle. Seu tio D. Bernardo de Sandoval alcançou a mitra archiepiscopal de Toledo e o cargo de inquisidor geral. O conde de Miranda arrancou das mãos quasi frias do velho Rodrigo Vasques de Arce a presidencia de Castella. D. Christovão de Moura, nomeado vice-rei de Portugal e feito marquez de Castello Rodrigo, cedeu a chave de primeiro camarista a um Mendoza, ou

[1] Ranke, *Fürsten und Voelker von Südeuropa*, cap. II e IV. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XV, part. III, liv. III. — Buckle's, *History of civilization*, vol. II, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a um Gusmão. O conde de Lemos, cunhado do ministro, obteve o vice-reinado de Napoles. Um de seus genros o commando das galés; D. João de Borja a presidencia do conselho de Portugal[1].

Estes despachos irritavam os velhos conselheiros de Filippe II. Esta parcialidade encerrava ainda homens distinctos como o marquez de Velada, o conde de Chinchon, o principe Doria, o conde de Fuentes, e D. João Ydiaques; mas nenhum se atrevia a lutar abertamente com o privado advertidos pela sorte de Rodrigo Vasques de Arce e de D. Garcia de Loaisa. Os ministros novos não igualavam os antigos em saber e experiencia. O condestavel de Castella, Velasco, presumia muito mais de si do que valia. O cardeal de Toledo, D. Bernardo de Sandoval, verdadeiro e probo, conhecia mal os negocios. Miranda, bem conceituado, tinha a fraqueza de se deixar dominar pela condessa. D. João de Borja sempre ductil e ambicioso, era um echo das opiniões de Lerma. Fr. Gaspar de Cordova, da ordem de S. Domingos, fóra dos pontos theologicos mais parecia comparsa do que accessor do governo. Finalmente, o corrupto Franchezza, conde de Villa Longa, extremamente venal e avido, mas assiduo e habilitado, sustentava-se pela capacidade no emprego, de que esbulhára a D. Francisco Ydiaques. O secretario Prada, encanecido na chancellaria de Madrid, continuou a correr com os negocios de França, Inglaterra, Flandres e Allemanha. A administração, assim constituida, não promettia á Hespanha grandes allivios. Em Portugal a morte de Filippe II e a

[1] Ranke, *Fürsten und Voelker von Südeuropa*, cap. II.—Contarini, *Relação da côrte de Hespanha em 1605.* — *Da vida de Filippe III.* As riquezas do duque de Lerma eram immensas. Calcula-se que recebêra em vinte annos para cima de quarenta e quatro milhões de ducados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

revolução palaciana pouca sensação causára. Nem mes- 1598
mo os credulos esperaram d'ella o remedio dos males antigos e recentes.

A occupação de Portugal consummára o conceito do rei catholico. Realisado o sonho constante de sua politica, julgou talvez concluida a sua obra; mas sairam errados os calculos da previsão humana. Ministros experimentados, hespanhoes e estrangeiros, entenderam que a união havia de concorrer para firmar a superioridade da casa de Austria, e a união, pelo contrario, dentro em pouco tornou-se uma causa efficiente de fraqueza para ella. Dourando aos subditos os grilhões o monarcha rodeou a occupação triumphante de adhesões venaes, mas não lhe attrahiu vontades sinceras. A nobreza, invejosa, continuou ainda por illusão ou por interesse a preferir muitos annos ao soberano natural, levantado pelo povo, o jugo, a seu ver, suave do rei estranho, precedido de liberalidades e promessas; porém as classes medias e populares não lhe seguiram os exemplos, e por todos os modos protestavam contra o dominio castelhano. A saudade da independencia e o odio contra os oppressores recrudesciam inflammados pela desconfiança. N'este circulo vicioso a paz era peior do que a guerra, e a opposição latente mais embaraçosa do que as sublevações. Nos tres annos que regeu pessoalmente, o rei catholico procurou conciliar a brandura com o rigor e a aspereza com a affabilidade, e póde dizer-se, em geral, que foi mais severo do que misericordioso com os vencidos. Se tratava os portuguezes com benignidade, se com isso excitava a emulação dos hespanhoes, e se em nosso favor rompia com as tradições da côrte, e com os habitos da sua vida usual, dispertando ciumes, nem por isso deixava de castigar inflexivel os que dentro e fóra do reino

[1] Vide liv. I, cap. I, pag. 19 a 21 d'este tomo.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 ajudavam o prior do Crato[1]. As victimas, como notámos, não foram poucas, nem obscuras. Recolhendo-se a Madrid arrastou após si, como suspeitas ou como inconfidentes, mais de duzentas pessoas principaes. Uma d'ellas, fr. Heitor Pinto, religioso da ordem de Santo Agostinho, e lente de theologia na universidade de Coimbra, entrando na capital das Hespanhas, exclamou: «Bem póde el-rei metter-me em Castella, mas metter Castella em mim, nunca![1]» Este sentimento manifestado pelo auctor da *Imagem da vida christã* era quasi geral, e Filippe não o ignorava. A par das palavras amenas e das audiencias faceis, a par dos sorrisos prodigalisados ao povo, sua prudencia não esquecia as prevenções. Dizendo-se rei de direito divino obrava como conquistador, provando no aperto das armas e dos presidios, que o sceptro em suas mãos podia ferir como a espada do duque de Alva. Temia-se da nação. Mesmo depois de derrotado Strozzi e de subjugada a Terceira as negociações de D. Antonio (que apodava do «bastardo maldito») não lhe consentiam descanso, e a vigilancia não era menos prompta, do que a repressão. Cercado do cortejo lugubre de delatores e de violencias, ferrete das usurpações, revelava a indole do seu poder nos meios por que o sustentava, denunciando forçado as apprehensões e receios dos governos illegitimos[1].

O archiduque Alberto principiou a sua administração em 21 de outubro de 1583. As circumstancias não tinham mudado, e o sobrinho, por mais que o recommendassem suas grandes qualidades pessoaes, não podia alterar

[1] Carta de D. Antonio ao papa Gregorio XIII.—João Pinto Ribeiro, *Desengano ao parecer enganoso*, Lisboa, 1645.

[2] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-7, doc. 22, 27, 34, 80, 87 e 109, e cod. 228-8, doc. 3, 5, 14, 36, 50 e 52.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

o systema vigente, nem modificar os animos dos subditos. As difficuldades complicaram-se por modo tal, que Filippe II, apesar de amigo do repouso, concebeu em 1586 a idéa de tornar a visitar Portugal para confirmar os portuguezes, fieis ao dominio castelhano, não dissimulando os cuidados incutidos pelas conspirações do prior do Crato. Crescia a exasperação popular n'esse meio tempo, tanto mais intensa, quanto não podia respirar. As execuções dos parciaes de D. Antonio irritavam os animos; a plebe saudava os suppliciados como martyres. As justiças, procedendo sem contemplações, e não guardando decoro a ninguem, exaltavam a aversão publica. Vendo amarrados aos pelourinhos e aos bancos das galés, vendo açoutados pelas ruas, ou enforcados os frades, os clerigos e os seculares, cujos delictos a fama apregoava como rasgos de fidelidade, o povo amaldiçoava os auctores e os executores das sentenças. O officio de espia tinha-se convertido em occupação rendosa. A policia premiava com largueza os serviços ignobeis. Formaram-se em Lisboa bandos de testemunhas falsas, e ajustava com elles quem queria calumniar as accusações mentirosas. A cubiça especulou com a immoralidade, e não foram poucos os que padeceram injustamente. Os malvados, descobertos, confessaram por ultimo nos tratos a associação, e os tribunaes envergonhados afogaram em sangue as nodoas de seus erros! [1] 1598

As côrtes de Thomar no capitulo XI haviam representado a Filippe II as affrontas e deshonras da soldadesca dos presidios e das praças maritimas nas villas e terras do interior e das costas do reino, concluindo por lhe sup-

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Herlay), cod. 228-7 e 228-8. — Manuscripto da bibliotheca nacional de Lisboa, sobre o reinado de Filippe II, citado no *Jornal do Commercio* de Lisboa.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 plicarem que a mandasse despejar os logares que estava assolando. Depois tinham-se queixado no capitulo XLIV da oppressão e dos insultos da tropa, pedindo que as aposentadorias fossem reduzidas aos antigos termos, ou que se abolissem os impostos pagos pela isenção do vexame. O rei catholico, como narrámos, desculpando-se com as perturbações civis, e com a defeza do reino, negou-se a deferir-lhes, mas prometteu acudir ao socego das familias e ao respeito da propriedade, reprimindo os desacatos militares [1]. Não se cumpriu a promessa. Alem dos presidios de Lisboa, e das torres levantadas nas margens do Tejo, os terços hespanhoes guarneciam as fortalezas de Cascaes, de S. Julião, da Cabeça Secca, de Belem, de S. Sebastião e do castello de S. Jorge. N'estas praças metteu el-rei officiaes de reputação e soldados praticos com artilheria sufficiente. Era governador da cidade de Lisboa um mestre de campo, e mandava as armas na capital um capitão general. Houve annos, em que se aquartelaram no castello tres e quatro mil homens, alem de muitos soldados de infanteria alojados em diversos pontos. As armadas reaes de Castella invernavam na bahia de Lisboa. Dois fortes apercebidos e municiados seguravam Setubal. O castello de S. João da Foz defendia a entrada maritima do Porto. Outro castello, bem reparado, vigiava a barra de Vianna. Na ilha Terceira tinham sido restauradas e ampliadas as fortificações que Cypriano de Figueiredo e os engenheiros francezes haviam começado. A Madeira sustentou presidio por largo espaço, e a ilha de S. Miguel conservou guarnição tambem por muitos annos. Faltavam as tropas, porém, no Brazil, nas pra-

[1] Tomo II da nossa *Historia de Portugal*, no capitulo *Patente das mercês, graças e privilegios de el-rei D. Filippe II, Lisboa*, 1584, nos capitulos que tratam das côrtes de Thomar.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ças da India e nas conquistas de Africa oriental e occidental, não que D. Filippe quizesse desampara-las e perde-las, mas porque não podiam alcançar tão longe os braços da monarchia. Já se vê, pois, que a lealdade dos portuguezes não tranquillisava o rei catholico, e que seus terços guardavam o reino quasi com os canhões e os arcabuzes apontados. Em 1585 as apprehensões do archiduque tinham tomado tão grande vulto, e davam tanto cuidado em Madrid, que, entre outras providencias, decidiu el-rei introduzir nova disciplina no exercito, passando a Portugal a infanteria destinada á invasão de Inglaterra para se misturar com os velhos esquadrões, e aprender d'elles a sujeição e a destreza dos veteranos. Estes presidios, estas guarnições, estas marchas, e estes movimentos navaes custavam grossas sommas, todas pagas pela corôa de Portugal [1]. 1598

Emquanto o prior do Crato não falleceu em França, e especialmente depois da expedição mallograda de Drake e de Norris, os rebates dos navios inglezes foram continuos nas costas e ainda mais nos Açores. A ameaça constante das conspirações, a par do receio de um accordo occulto com os estrangeiros, trazia as auctoridades assustadas. Em 1590 correu voz, de que as naus britannicas vinham renovar a invasão de 1588, e foi tão vivo o medo em todos, que Lisboa quasi que ficou despovoada. Informações authenticas asseguram que os moradores fugiam menos aterrados pela guerra, do que apavorados com a má sombra dos *malsins*, que já começavam a pollular com ordenados diarios. Appellidar qualquer innocente de amigo de D. Antonio equivalia a vê-lo preso, atormentado no

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico*, pag. 54 e 55, Lisboa, 1645.—Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-8, doc. 14, 36, 50, 62, 65 e 92.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 potro, e pelo menos degradado. Foram tantas as victimas, aleivosamente encarceradas, e mettiam um dó tal os que escapavam com difficuldade da forca aleijados dos tormentos, que o terror petrificava os mais ousados, e que os prudentes se retiravam sem ruido para enganar com a ausencia a malignidade dos perseguidores. Estas violencias alimentavam o odio geral, e, passado o perigo, tornavam espinhosa a missão do governo. As amnistias concedidas depois de tintos de sangue os cadafalsos e de cobertas de luto muitas familias, não reparavam a ruina de muitas casas, nem cicatrizavam as feridas de mil offensas. No continente e nas ilhas a clemencia de D. Filippe, tardia e incompleta, não lhe conquistou affectos, nem lhe affeiçoou vontades[1].

A 16 de agosto de 1593 partiu de Lisboa o archiduque. A sua administração abraçára quasi dez annos, os mais sobresaltados do dominio castelhano. Diz-se que levára grandes riquezas deixando poucas saudades. Não admira. No seu tempo padeceu o reino as maiores tribulações. Viu os inglezes ás portas de Lisboa, os corsarios á foz do Tejo, e os piratas barberescos em varios portos. Chamando-o, como sabemos, para lhe conferir o governo dos Paizes Baixos, e confiando a regencia de Portugal aos cinco governadores, D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, o conde de Portalegre, D. João da Silva, o de Santa Cruz, D. Francisco Mascarenhas, o de Sabugal, D. Duarte de

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-8, doc. 63 a 65.—Officios de mr. de Langlé á sua côrte de 29 de setembro de 1586 e de 6 de fevereiro de 1588.—Manuscripto da bibliotheca publica de Lisboa relativo ao governo de Filippe II. Aos habitantes de S. Miguel o perdão foi passado em 16 de novembro de 1583, aos da ilha do Faial em 15 de novembro do mesmo anno, e aos da Terceira e mais ilhas dos Açores a 14 de julho de 1586.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Castello Branco, e Miguel de Moura, escrivão da puridade, 1593
D. Filippe obrou com prudencia. A carta regia, que participou a nomeação, é datada de 5 de julho. Não querendo ferir abertamente os capitulos jurados em Thomar, mas sempre fiel á maxima de nunca investir os duques de Bragança em funcções supremas, que os approximassem da nobreza e do povo, o velho monarcha abraçára este arbitrio, que na realidade parecia conciliar os maiores inconvenientes. Havia muito que fallecêra o duque D. João, seu competidor, e que lhe succedêra o filho D. Theodosio, contando em 1593 vinte e cinco annos de idade; mas sua mãe, D. Catharina, vivia ainda, sempre lembrada do throno a que tinha aspirado. Uma carta escripta por ella ao rei catholico (em 29 de julho) mostra que no remanso dos paços de Villa Viçosa a orgulhosa princeza não esquecêra os direitos que tinha sustentado [1].

N'essa carta ponderava a duqueza a D. Filippe, que na ausencia do cardeal Alberto deveria esperar seu filho, que sua magestade o encarregasse do governo de Portugal, tanto porque o reino sempre fôra regido por uma só pessoa, como porque os duques de Bragança não estavam no costume de ser mandados por inferiores em jerarchia. Citando depois exemplos em abono da asserção, notava que as duas excepções do tempo de el-rei D. Sebastião e de D. Henrique tinham procedido, a primeira do cardeal infante não aceitar a regencia, e a segunda do duque de Bragança ser um dos pretensores á corôa. Dada esta lição directa ao rei de Castella, D. Catharina proseguia engrandecendo as qualidades de D. Theodosio, e avivando o valor e lealdade, com que elle acudíra ao soccorro de Lisboa

[1] João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. II, append. V, pag. 199.—*Historia genealogica da casa real*, tom. IV. *Provas*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 contra os inglezes em 1588, acrescentando com ironia, que não só não desejava, nem pedia o mando supremo para elle, como, se el-rei lh'o quizesse dar, iria em pessoa supplicar-lhe a Madrid que lh'o não conferisse. Por ultimo, alludia ás calumnias dos invejosos e á falta de confiança de D. Filippe, concluindo, que se el-rei, que tanto conhecia a sua casa, e que lia em seu coração, deixára correr as murmurações bem pouco poderiam seus netos esperar do futuro![1] Raros subditos ousariam escrever em termos tão asperos ao sombrio despota; mas D. Catharina não tinha que temer, porque a politica e os respeitos humanos ligavam as mãos do rei. Quando lhe fallecêra o marido, achando-se tambem viuvo o rei catholico, intentára este casar com ella, suppondo-a deslumbrada pela ambição de reinar, e incapaz de resistir á offerta de uma corôa. D. Ignez de Noronha, esposa de Vasco da Silveira, veiu a Villa Viçosa com a proposta, não omittindo promessas, lisonjas, e até ameaças, segundo se crê, para lhe persuadir as vantagens do consorcio. Não o conseguiu. A resposta foi sempre, que não trocaria as memorias do duque D. João pela vaidade do diadema das Hespanhas, nem offenderia os direitos do filho (D. Theodosio) por nenhuma gloria pessoal. «El-rei enganou-se, disse. Meu filho não perde o jus que tem á corôa de Portugal, aindaque eu o renuncie, nem sua magestade se livra de escrupulos, comprando-me o que não posso vender. Se isto não basta, recolher-me-hei a um convento»[2]. D. Filippe recuou. Era mui habil para converter em perseguição a tentativa politica. A duqueza a esse tempo passava de quarenta e dois annos, e elle de cincoenta e seis. A idade de ambos prohi-

[1] *Historia genealogica da casa real*, tom. IV. *Provas*.—Carta da duqueza, datada de 29 de julho de 1593.

[2] Ibidem, tom. VI, liv. VI, cap. XV, pag. 225 a 227.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

bia as affectações de galanteio, recurso unico que lhe res- 1589
tava, se quizesse insistir.

Reflectindo, observou provavelmente que D. Catharina tinha rasão. O casamento não affirmava nada. O seu procedimento com a casa de Bragança, generoso na apparencia, seguiu sempre regras invariaveis. Nomeou o duque D. João condestavel e lançou-lhe o Tosão de Oiro em 1581, visitou-o e a D. Catharina no palacio de Villa Viçosa, casou-lhes a filha D. Serafina com o primogenito da familia de Escalona; mas cuidou sempre em ter os duques separados do governo, e em trazer a nobreza dividida e apartada d'elles[1]. Para desviar a casa de Bragança do prior do Crato e do povo durante as alterações civis, D. Christovão de Moura e Miguel de Moura não houve promessa que não lhe fizessem, vaidade que não lhe lisonjeassem. Soou, porém, a hora das realidades, e as exigencias da duqueza, por excessivas, espantaram el-rei e os ministros. Dir-se-ia que a orgulhosa princeza imaginára vender a corôa de Portugal pela segunda vez, quando D. Filippe da primeira tão cara a comprára já, e de tantos. A duqueza pedia que o principe D. Diogo, então herdeiro do throno, casasse com sua filha mais velha, e que lhe fossem doadas a ella (D. Catharina) as terras, jurisdicções, padroados e sizas possuidas pela ultima rainha D. Catharina de Austria, com faculdade de dispor livremente de tudo em favor dos filhos. Pedia Beja, Gui-

[1] *Historia genealogica da casa real,* tom. VI, cap. XV.—D'este casamento e dos altivos pensamentos de a querer noiva do principe reza a seguinte copla satyrica:

La que aspiró a la corona
Con tan altas presunsiones
Baxó tantos escalones
Que vino a ser Escalona.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 marães, Moura e Serpa com vinte e cinco mil cruzados de renda e o titulo de duque para seu filho segundo. Pedia os rendimentos e jurisdicções do infante D. Duarte, e o titulo de duque para seu terceiro filho, de juro e herdade, e fóra da lei mental. Pedia para o duque de Barcellos os mestrados de Aviz e S. Thiago e o estoque de condestavel perpetuamente. Queria que se lhe assentassem de juro as rendas da siza do pescado de Lisboa, que poderiam valer cento e cincoenta mil cruzados, e que todos os annos se lhe concedesse carregar na India, isentos de direitos, cem quintaes de cravo, cem de canella, e trezentos de pimenta. Exigia a confirmação geral de todas as mercês sem custas de chancellaria, e para si e para o marido o titulo e as honras de infantes. Por ultimo punha como condição, que os seus unicamente serviriam no reino a corôa de Portugal, e por nenhuma causa poderiam ser compellidos a combater fóra das fronteiras[1].

Maravilhado com estas clausulas que equivaliam quasi a um verdadeiro resgate, Filippe II convocou o conselho d'estado, e submetteu-lhe o assumpto. Assistiram á conferencia D. Duarte de Castello Branco, meirinho mór, e depois conde de Sabugal, D. Diogo de Sousa, primeiro conde do Prado, o arcebispo de Lisboa D. Jorge, o bispo de Vizeu, capellão mór, João Gomes da Silva, e D. João da Silva, conde de Portalegre. D. Christovão de Moura e Miguel de Moura, emissarios das propostas de 1581, eclipsaram-se. As opiniões do conselho dividiram-se, não quanto á essencia, mas quanto á fórma. Os condes do Prado e de Sabugal votaram mais favoraveis á casa de Bragança; os prelados de Lisboa e de Vizeu estranharam com

[1] *Historia genealogica da casa real*, tom. VI, liv. VI, cap. XV, pag. 197 a 207.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

severidade as exigencias de D. Catharina. Por fim, como 1598
era de esperar, prevaleceu a rasão de estado, e decidiu-se que devia honrar-se muito a pessoa do duque, entreter-lhe as esperanças, mas realisar de todas ellas só as menos importantes. O rei catholico seguiu este conselho de certo insinuado por elle, e procurou contentar com grandes honras e poucas mercês valiosas a ambição de D. João de Bragança[1]. De feito só tarde, e quando já estava quasi de volta para Madrid, é que mandou entregar-lhe por Miguel de Moura a portaria das graças reduzidas á sobrevivencia do officio de condestavel para o duque de Barcellos; a uma terra de mil vizinhos em Castella com quatro mil cruzados de renda e o titulo de marquez para o filho segundo; a uma commenda de Castella de cinco mil cruzados para o filho terceiro; a duzentos mil cruzados para desempenhar a casa, pagos em quatro annos; á faculdade de carregar na India livres de direitos por espaço de seis annos cem quintaes de cravo, cem de canella, e cem de noz moscada; ao tratamento de excellencia, e ao privilegio de isenção de custas de chancellaria para os successores do duque. Eram favores de vulto e especiaes, mas calculados para satisfazer a vaidade e engrossar as riquezas, e não para estimular o orgulho, ou as pretensões da casa de Bragança[2].

A morte de D. João não modificou as maximas assentadas pelo rei catholico n'este ponto. Aquelle competidor pouca sombra lhe fizera. Sabia que a nobreza e o povo não o estimavam, nem o queriam. Seu filho D. Theodosio (segundo do nome), nascido em 28 de abril de 1568, tambem não o inquietava. Tanto elle, como o archiduque

[1] *Historia genealogica da casa real*, tom. VI, liv. VI, cap. XV, pag. 208 e 209.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1596 Alberto, haviam apalpado o mancebo, e não ignoravam, que, se herdára da duqueza, sua mãe, o orgulho, não herdára d'ella a vontade firme e a resolução. De mais a casa de Bragança era tão opulenta, e dependia por isso tanto da corôa pelas immunidades, rendas, jurisdicções e privilegios, que não era para receiar a mais leve desobediencia ou opposição, embora detestasse occultamente o dominio estranho, e até resalvasse com protestos secretos o juramento de fidelidade. A prova, de que o velho rei não errava, deu-a D. Theodosio em 1588, soccorrendo Lisboa em pessoa contra o prior do Crato e os inglezes, acompanhado de seu irmão D. Duarte, e de seis ou sete mil homens de pé com seiscentos cavallos, e não duvidando, igualmente, em 1596, unir-se aos hespanhoes para repellir as armas britannicas, reparando e guarnecendo as fortalezas dos portos em suas villas, e armando treze mil soldados á sua custa. D. Catharina, conselheira d'estes rasgos, aproveitava as occasiões de os encarecer, arrancando novas graças ao soberano, e procurando enlaçar por casamentos a sua familia com as mais illustres da Europa [1].

Em 1595 o secretario Affonso de Lucena, e logo depois D. Rodrigo de Lencastre, entregaram a Filippe II uma carta, em que a princeza lhe pedia toda a protecção para o duque D. Theodosio se desposar com uma das filhas do archiduque Carlos. O astucioso monarcha dissimulou a recusa, logo resolvida em seu espirito, e apparentou recommendar a pretensão por via do embaixador castelhano. Consumiu-se o tempo em dilações, e por ultimo o conde de Castello Rodrigo (D. Christovão de Moura) deu o desengano final a D. Rodrigo de Lencastre, responden-

[1] *Historia genealogica da casa real*, tom. IV. — *Provas*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

do-lhe, que nada podia alcançar-se d'aquella casa, por el- 1598
rei não ter aonde escolher mulher para o principe, mas a 1598
que elle e D. João Ydiaques haviam sido encarregados de procurar pessoa digna de tão distincto consorcio em Italia, ou no ducado de Lorena. D. Catharina recebeu o golpe com a firmeza usual, e escrevendo a D. Filippe não dobrou o orgulho, nem disfarçou as intenções. Disse-lhe claramente, que pedira uma das filhas do archiduque, prevendo que o principe casaria com a outra, e desejando estreitar cada vez mais o parentesco com os reis. Era justamente o motivo por que o monarcha hespanhol se oppozera. A seus olhos aquelles vassallos estavam altos de mais para subditos, e não queria approxima-los demasiado do throno[1].

Este foi o estado em que o rei catholico deixou as suas relações com a casa de Bragança, na apparencia amigaveis e discretas, na realidade eivadas de desconfiança e de suspeitas reciprocas. Fallecido o prior do Crato nenhum perigo directo ameaçava a dynastia, senão a ambição dos duques, se o amor do povo e circumstancias externas as favorecessem. Era cedo, porém, ainda para os resentimentos da nobreza e para a oppressão dos povos rodearem a casa de Bragança de todas as forças vivas da nação. Mas D. Filippe via ao longe e fôra sempre prudente. Se a cubiça e esperanças enganosas prendiam ainda muitas familias, os aggravos de cincoenta annos tornaram-as depois inimigas. O presente não respondia pelo porvir.

O seu governo, sem ser suave, ou amoravel, estava ainda muito proximo da origem para rasgar a carta das immunidades outorgada em Thomar; mas o respeito da palavra real já se guardava mais por decoro, do que por

[1] *Historia genealogica da casa real*, tom. IV.—*Provas*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1598 lealdade, e os conselhos do velho rei tinham legado aos successores a obra da completa encorporação. Entretanto as queixas eram já grandes. Os negocios expediam-se com delongas interminaveis, arrastando os requerentes a Madrid, aonde uma audiencia de el-rei, ou dos ministros, se reputava um favor insigne. Todas as resoluções de consultas subiam ao conselho de Portugal, e voltavam demoradas. Os empregos e officios conferiam-se em Madrid, igualmente, com grande despeza dos peticionarios muitas vezes arruinados para os obter. Os direitos e prohibições dos portos seccos, não só não tinham sido abolidos, como se elevaram, continuando os dois povos separados nos interesses economicos depois do acto politico da união. As naus e galeões de Portugal, o recheio de seus arsenaes, e o oiro de suas conquistas começaram a ser distrahidos, de modo que nos reinados seguintes se viram juntos na praça de Sevilha duzentos canhões de bronze com as armas portuguezas, emquanto no reino e possessões ultramarinas faltavam bôcas de fogo para as torres e fortalezas[1]. O commercio do Mexico e do Perú, que as côrtes de Thomar tanto haviam supplicado que nos fosse franqueado (capitulo IX), nunca se abriu aos novos subditos, excluidos como estrangeiros. As vélas inglezas e francezas assaltavam e apresavam os nossos navios á entrada da barra de Lisboa, ou defronte dos portos mais concorridos da costa. Por ultimo, Arzila, brasão e testemunha de tantos feitos, Arzila, desamparada e vendida ao sheriff, passou para o dominio dos infieis com desdouro do reino, rogando os moradores debalde, que os deixassem

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico.—Manifesto do reino de Portugal*, 1641.—João Pinto Ribeiro, *Usurpação, retenção e restauração de Portugal*, 1642.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

acabar ao menos debaixo das ruinas d'aquelles muros gloriosos[1]. 1581 a 1598

Não eram menores os aggravos em outros pontos da administração. Nos capitulos de Thomar haviam os fidalgos arrancado de el-rei a promessa, de que os bens da corôa, quando vagassem, não tornariam a ser encorporados nos proprios, mas seriam dados aos parentes dos fallecidos, e só na falta d'estes passariam a pessoa diversa. Um alvará de 1587 (12 de janeiro) explicou o sentido da promessa. D. Filippe declarou que nunca entendêra alienar, ou restringir a prerogativa real, e que se reservára sempre o direito de recompensar, como fosse justo, os filhos e herdeiros dos donatarios, ou quaesquer vassallos dignos de premio. Outro alvará de 1589 (15 de dezembro) ordenou, que os filhamentos e melhorias dos moradores da casa real corressem pelo despacho da mordomia mór, providencia, de que os interessados se magoaram muito, talvez porque acudia a irregularidades visiveis. Ao mesmo tempo modificava o rei catholico a legislação da fazenda, como tinha já encetado pela lei de 1595, a reforma da legislação civil, fundindo-as ambas nos moldes da escola imperial cujos typos D. Manuel e D. João III haviam introduzido. O novo systema, sob pretexto de coordenar, e de tornar mais explicitas as antigas disposições, apertava os rigores fiscaes, e em geral, mais opprimia, do que auxiliava, o commercio e os contribuintes[2]. A par d'estes preceitos, dictados para concentrar a au-

[1] Menezes, *Portugal restaurado*, tom. I.— *Manifesto do reino de Portugal.—Desengano ao parecer enganoso que se deu a el-rei de Castella*, 1645.

[2] Alvarás de 16 de janeiro de 1589, de 20 de novembro de 1591, de 22 de janeiro de 1592 e foral da alfandega de Lisboa de 15 de outubro de 1587.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1598 ctoridade nas mãos do imperante, e para prover indirectamente ás necessidades do erario, aperfeiçoando o lançamento, a cobrança e a administração das rendas publicas, segundo as idéas da epocha, outras provisões mais desinteressadas denunciaram o sincero desejo de oppor algum remedio á torrente dos males. Sobresáem, entre muitas que omittimos por brevidade, a lei de 5 de junho de 1595, meditada para cortar com prudente arbitrio a accumulação da propriedade vinculada; os alvarás de 18 de novembro de 1595 e de 18 de outubro de 1597, lavrados para regular a venda do sal de Setubal e a venda do sal importado pela barra de Lisboa, e os de 26 de julho de 1596 e de 6 de junho de 1598, publicados para occorrer com severas prescripções á destruição dos pinhaes de Leiria, roubados e incendiados com frequencia pelos vizinhos das aldeias e pelas quadrilhas de salteadores. A falta de segurança nos campos e no interior das villas e cidades, aonde as rixas, os homicidios e os furtos pintavam bem com sua impunidade a miseria dos tempos, provocaram a lei de 28 de agosto de 1592, que exasperou as penas contra os ciganos, a de 10 de outubro de 1596, que prohibiu o porte de arcabuzes e de armas defezas, o alvará de 17 de janeiro de 1598, que aggravou as penas comminadas aos vicios torpes e aos peccados nefandos, e a lei de 7 de outubro de 1589, que suscitou contra os desafios os rigores da ordenação Manuelina (liv. v, tit. 93.º) e do concilio de Trento (sessão XXIV). Estas e outras disposições, se por um lado mostravam o cuidado, com que o governo procurava atalhar os effeitos da degeneração n'este periodo fertil em devassidões e infortunios, pelo outro retratam bem com vigor a soltura dos costumes, e a anarchia, em que o reino se consumia, antes e depois da catastrophe de Alcacer.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Os apuros da fazenda, já tão grandes no reinado de D. João III, e depois dos gastos extraordinarios da jornada de Africa e das commoções civis de 1580, haviam crescido em 1588 e 1589 a ponto de inquietarem o governo. Os contratos, de que D. Sebastião se tinha valido para levantar dinheiro, antecipando os rendimentos, tinham deixado os cofres e o reino exhaustos. As correrias do prior do Crato, os bandos de sua acclamação tumultuosa, a invasão castelhana, e as hostilidades dos inglezes tinham acabado de esgotar as populações. Eram geraes a penuria e o desfallecimento de todas as fontes de riqueza. Os soldados castelhanos dos presidios de Lisboa, reputados os mais felizes, pediam esmola publicamente pela cidade e pelas portarias dos conventos, dormindo fóra dos quarteis, sustentados por mulheres perdidas. Deviam-se-lhes muitos mezes, e quando se lhes pagasse não chegava o dinheiro para satisfazer os credores. O conde de Portalegre, escrevendo a Filippe II em 1593, acrescentava, que temia muito que um general novo, se intentasse sujeita-los sem os contentar, se expozesse a uma sublevação. Em outra correspondencia do mesmo anno, escripta a D. João Ydiaques, o conde, nomeado capitão general das armas do reino, dizia dois mezes depois, que desconfiava muito de não poder superar as difficuldades, sabendo que não ia encontrar nenhum thesouro em Lisboa, e notava com ironia que os portuguezes principiavam a *agusar las orejas*, e a comparar o presente com o passado. Discorrendo com a liberdade usual, observava que el-rei, se quizesse ajudar o estado, embora com pouco, devia esperar que Deus o favorecesse, porém, que se fechasse as mãos, valia mais então Portugal, do que a sua honra, e mais havia de perder D. Filippe, do que elle! Por ultimo, em uma confidencia intima, depositada no

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1598 seio de D. Christovão de Moura, tambem datada de abril de 1593, descrevendo as lastimas da tropa, instava por soccorros pecuniarios immediatos, absolvendo-se da responsabilidade se não lh'os enviassem, e pintando os soldados famintos e rotos a passeiar ociosos pelas praças, cheias de pão e de peixe, e a devora-los com os olhos. Calculava em seis mil ducados a quantia precisa para o soldo de quinze dias, e dizia, que batêra debalde a todas as portas, mas que nenhuma se abrira para lh'os emprestar! [1]

Este quadro traçado por mão verdadeira revela a decadencia rapida do reino nos primeiros dez annos do dominio hespanhol, provando como esta grande miseria estava longe das esperanças afiançadas em 1581 pelos parciaes de D. Filippe. A existencia do povo não era mais feliz. Os trajos e o tratamento das pessoas não podiam ser mais mesquinhos. As télas usadas nos vestidos não passavam de baetas e pannos escocezes talhados á moda portugueza. Depois da entrada de Filippe II os cortezãos e os abastados relaxaram-se um pouco da antiga severidade, e começaram a adornar-se com mais galas. Dentro das casas a mobilia, as roupas e as iguarias, mais do que modestas, denunciavam a pobreza dos fidalgos e cavalleiros, conceituados de ricos. A plebe vivia em extrema pobreza. Raras vezes comprava carne, e o seu alimento quotidiano consistia em peixe miudo salpicado, porque o grosso e delicado pagava-se muito caro. O pão, que o povo gastava, era amassado com trigo da terra não joei-

[1] Cartas do conde de Portalegre, D. João da Silva, a el-rei, a D. João Ydiaques e a D. Christovão de Moura, em fevereiro e abril de 1593.—*Memorias, documentos e escriptos sobre relações de Portugal e Castella*, tom. III.—Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa, pag. 147 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rado, e o grão entrava nos moinhos de vento sujo como 1581
se levantava das eiras. Bebia-se muito vinho, porém mau; a 1598
os vinhos finos subiam a preços exorbitantes, e os brancos chegaram a pagar-se por sessenta cruzados a pipa. A opulencia das familias, na maxima parte, derivava-se dos bens da corôa e dos rendimentos territoriaes. Extensas campinas, outr'ora ferteis, e agora reduzidas a poucas folhas cultivadas, estendiam-se em volta de pequenas aldeias de trinta e de quarenta vizinhos; mas o commum das terras, nu e arido, e coberto de urzes, de pedras e de mato offerecia apenas magra pastagem a alguns rebanhos, ou a uma ou outra manada de bois e de eguas. Casinhas meio arruinadas, arribanas abertas á inclemencia das estações, choupanas enegrecidas e miseraveis, acabavam de entristecer nos casaes a vista do viandante. A charrua e a enxada vingavam-se assim do desprezo e do desamparo. Os lavradores, tornados quasi servos da gleba pela multiplicação dos impostos, das servidões e das alcavalas, preferiam ver convertidas em desertos as propriedades menos productivas a rega-las com o suor do rosto para a mão do fisco, do clero, ou dos senhores arrebatar da eira e dos lagares quasi todos os fructos do trabalho [1].

Os mananciaes mais copiosos da receita publica tinham diminuido. A guerra maritima cerceára o rendimento das alfandegas, ao passo que as presas de navios mercantes pelos corsarios e as armadas inglezas, todos os dias restringiam as especulações. A profissão do commercio, apodada de vil pela nobreza, se ainda conservava a protecção das leis, perdêra de facto a seguridade e a confiança. Os estragos de Drake, de Hawkins e dos navegadores inglezes e normandos, interrompendo as relações entre a

[1] Viagem dos cavalleiros Tron e Lipomani (anno de 1580), *Panorama*, vol. II, serie II, 1843.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1584 metropole e as colonias, empobreciam quasi de repente os que mettiam os cabedaes nas viagens arriscadas, expostos á ida, ou á volta, a vê-los caír nas garras dos piratas, ou desapparecer na ruina dos naufragios. Os direitos de importação, que em varios artigos se elevavam de 5 a 10 e de 10 a 20 e 30 por cento nos portos seccos e molhados, tambem não convidavam os estrangeiros, especialmente desde que o rei catholico fechára o mercado das especiarias aos vasos neerlandezes e britannicos [1]. As rendas dos almoxarifados reaes, pagas em cereaes, em vinho, em azeite, e em outros generos resentiam-se da declinação da lavoura e da paralysação das artes agricolas. As das commendas, capellas e mosteiros padeciam por igual rasão quebras identicas. Os rendimentos dos mestrados, em que entravam os lucros das ilhas, tambem accusavam na baixa progressiva as perdas frequentes causadas pelas hostilidades navaes. O Brazil ainda então produzia pouco. As sizas resentiam-se da apathia das transacções, e as mercadorias da India muitas vezes não compensavam os sacrificios. As armadas, os soldos e os fornecimentos militares, os salarios e ordenados dos magistrados e ministros, as tenças, as moradias, os dotes e mercês rendosas, prodigalisadas aos fidalgos pelos serviços da Asia e da Africa, consumiam quasi tudo o que o erario arrecadava [2]. As sommas, salvas d'esta voragem, esvaíam-se em juros perpetuos vendidos, ou sumiam-se na conservação das praças do litoral africano, nas cinco galés de guarda costa, e nos navios redondos, que saíam a escoltar as frotas do Brazil e das Indias, ou os navios da Mina e de Guiné, alem das despezas da capella real

[1] Viagem dos cavalleiros Tron e Lipomani (anno de 1580), *Panorama*, vol. II, serie II, 1843.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e dos emprestimos arrancados pela corôa de Castella á de Portugal. 1581 a 1598

Entretanto, se compararmos as receitas publicas do periodo de 1581 a 1598 com as dos ultimos annos do reinado de el-rei D. João III a differença na apparencia é toda em favor do governo hespanhol; mas só na apparencia; porque os preços de todos os objectos de consumo e de luxo tinham subido muito n'estes trinta ou quarenta annos, e as sommas, que em 1557 satisfaziam a dados encargos, depois da baixa do valor da moeda, quando muito, chegariam para o pagamento da terça parte, e em varios artigos da metade d'elles. Um hollandez, que visitou Portugal e as conquistas, informando-se cuidadosamente de tudo, João Hugo Linschoten, deixou-nos um curioso quadro de varios aspectos da epocha. Na sua opinião o rendimento annual dos tres mestrados (Christo, Aviz e S. Thiago), comprehendendo o que produziam para as ordens militares as ilhas da Madeira, dos Açores, de S. Thomé e Principe, e os portos de Guiné, montaria a 200:000 ducados (80:000$000 réis); o do Brazil a 150:000 (60:000$000 réis), gastos quasi todos nas capitanias; e o da especiaria e artigos da Asia a 600:000 ducados (240:000$000 réis). Apreciando depois as despezas, Linschoten, que orça em 2.200:000 ducados (réis 880:000$000) todas as rendas do estado, affirma que a folha dos officiaes de justiça e outros empregados custava por anno 40:000$000 réis; a das tenças 120:000$000 réis; a dos juros de padrões reaes com assentamento 60:000$000 réis; a das moradias aos moços, cavalleiros e fidalgos 32:000$000 réis; e a da casa real 120:000$000 réis. As praças e fortificações de Africa exigiam ainda 120:000$000 réis; os castellos e fortalezas do reino 80:000$000; as cinco galés de guarda-costa 20:000$000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1598 réis; e as cinco ou seis naus da carreira usual da India 120:000$000 réis. A somma total dos gastos não passava, pois, de 672:000$000 réis, e segundo este calculo, talvez favoravel de mais, os excedentes annuaes não deviam baixar de 208:000$000 réis; mas o saldo positivo depressa se convertia em *deficit*, deduzido, por exemplo, o custo das frotas para a conservação dos presidios da India, que levavam ás vezes mais, do que as naus traziam em pimenta e especiaria. As despezas extraordinarias, por maior que fosse a economia, todos os annos devoravam avultadas quantias; os encargos dos emprestimos e das antecipações com a differença dos cambios não absorviam menos; e a diminuição das rendas de muitos contratos reaes, cujos preços exagerados, e por isso illusorios, se resolviam em perda para o erario, ainda vinha aggravar muito esta situação precaria [1].

Foram avultadissimas as quantias, que representam apenas algumas das obrigações, que attendeu o governo de D. João III, e se lhes juntarmos as sommas despendidas durante a menoridade de D. Sebastião, e as que elle levantou por meio de operações ruinosas para realisar o sonho guerreiro de sua juventude, poderemos concluir sem difficuldade qual seria o aperto e extenuação da fazenda no reinado de Filippe II, especialmente se apreciarmos com individuação a insufficiencia dos meios empregados para os cobrir.

Se os fidalgos ficaram empenhados com a jornada de 1578, e com os resgates exigidos pelos mouros, se o paiz ficou pobre e desfallecido com as extorsões inventadas para

[1] A baixa no valor dos metaes depois da exploração das minas das Indias occidentaes (Perú, Mexico e territorios da America do sul), produziu grande carestia no preço de todos os generos.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

occorrer aos armamentos, o erario tambem se achou vasio e varrido do ultimo ceitil, quando o cardeal D. Henrique cingiu a corôa. Em mais de 200:000 cruzados orçava em 1578 Pedro da Alcaçova Carneiro a compra de viveres e munições, os soldos dos aventureiros allemães e italianos, e os aprestos da armada. A estas sommas foi necessario acrescentar 100:000 cruzados, dados a D. Luiz de Athaide, conde de Athouguia, na partida para a India, e os grossos cabedaes requeridos para o pagamento dos juros vencidos, e dos cambios[1]. Filippe II, cuja administração economica não corria mais desassombrada, pouco ou nenhum remedio podia applicar a males antigos e inveterados. Se as circumstancias aconselhavam reducções severas em muitas verbas de despeza, a prudencia, as promessas feitas, e motivos politicos de grande vulto prohibiam encetar reformas, que mesmo um rei natural e amado não ousaria emprehender, senão com pausa e vigilancia. As receitas geraes do seu tempo representavam muito mais de certo, do que as de D. João III, em 1557, mas a despeza tambem augmentára em proporção, subindo a folha das tenças de 87:000$000 a 180:000$000 réis, e elevando-se as das moradias e casamentos dos fidalgos a pouco menos, sem contar a acção constante dos encargos anteriores, que, duplicando o capital nas mãos dos credores alargavam em curtos prasos o abysmo, e provocavam a bancarrota.

1581 a 1598

A posição das casas nobres e das familias abastadas, que subsistiam mais ou menos da munificencia regia, do producto das contribuições, ou dos lucros mercantis, não podia ser desafogada. O atrazo dos pagamentos, e o peso das hypothecas, que oneravam as receitas, em que tinham

[1] Barbosa, *Memorias de el-rei D. Sebastião*, part. IV, liv. I, cap. XVIII. — Memorial a el-rei de Pedro da Alcaçova.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1589 assentadas as mercês, e a pobreza geral dos campos e das villas creavam-lhes embaraços graves, cerceando-lhes as rendas, os fóros, as pensões, e todas as fontes d'onde derivavam suas riquezas. O clero queixava-se de iguaes obstaculos. Havia tres arcebispados, avaliados, segundo uma informação estrangeira, o de Lisboa em 40:000 ducados (16:000$000 réis) de rendimento, o de Evora, em 50:000 ducados (20:000$000 réis), e o de Braga, em 24:000 ducados (9:600$000 réis). Os bispados, incluindo Angra e os Açores, Ceuta e Tanger, eram doze, segundo a mesma nota. Reputavam-se mais rendosos o de Lamego (6:400$000 réis), o de Coimbra (13:600$000 réis), o de Vizeu (6:000$000 réis), e da Guarda (réis 6:400$000), e o do Porto (4:000$000 réis). Mas estes rendimentos na maxima parte realisados em dizimos, rendas, fóros, direitos senhoriaes e jurisdicções, cresciam, ou minguavam, segundo se elevava ou deprimia o livel da prosperidade publica[1]. O mesmo acontecia com as casas illustres. A aristocracia desde seculos devia o esplendor ás doações dos soberanos, tirando das commendas, das jurisdicções, e das rendas e propriedades territoriaes o alimento principal. Se os duques de Bragança arrecadavam nos vastos dominios do Alemtejo, do Minho e de Traz os Montes 120:000 cruzados annuaes, os outros fidalgos estavam longe de tanta opulencia, e não podiam como elles tratar-se com o fausto de principes, e quasi com a pompa de reis. O marquez de Villa Real, por exemplo, tinha 34:000 cruzados de renda, e o de Castello Rodrigo, enriquecido pelo valimento de Filippe II, possuia 30:000 cruzados; mas os condes mais

[1] *Curia hespanhola, contendo a noticia de todos os arcebispados e bispados dos reinos, provincias, e Indias, etc.*—*British Museum*, Bibliotheca Sloane, manuscripto 1573, anno de 1615 (?).

Digitized by Google · Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ricos, os de Tentugal, da Castanheira, de Linhares, de Monsanto, de S. João, de Castro, de Miranda e de Portalegre, apesar de poderosos, não podiam competir com os orgulhosos titulares de Castella, de Andaluzia, de Aragão e de Navarra, muitos dos quaes alardeavam cem, setenta, sessenta, e quarenta e quatro mil cruzados annuaes [1]. 1581 a 1605

A marinha de guerra e mercante, se não decaiu logo com a rapidez, que apontam escriptores apaixonados, principiára na realidade a declinar desde o desastre da invencivel armada e da luta maritima com a França e a Inglaterra. As causas eram sabidas e inevitaveis, dada a união de Portugal na epocha, em que se fez, e com as condições com que se consummou. Todos os annos nos Açores e nas costas de Portugal destruiam os corsarios alguns vasos, e as longas e perigosas navegações da Africa e da Asia não eram menos funestas. Os inglezes começaram a combater-nos na India em 1591, e os hollandezes em 1595. Desde esse tempo, a braços com estes novos inimigos, com os antigos, e com as tempestades, semeámos ainda de mais pranchas, e infamámos de maiores desgraças aquelles mares, que tantas vidas e thesouros haviam já engulido.

No governo de Filippe II tinham continuado sem interrupção de Lisboa para os mares orientaes as armadas de cinco e de seis naus, que era costume sairem todos os annos; mas os contratos com armadores pouco escrupulosos, a avidez dos capitães, e as negligencias da administração multiplicavam os desastres. Mal construidos, mal

[1] *Curia hespanhola contendo a noticia de todos os titulares e rendas*, etc. É provavel que haja inexactidão n'estes calculos assim como nos relativos aos bispados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1605 armados, providos com escassez e abarrotados de carga, os navios comportavam-se pessimamente no mar, abriam agua quasi ao largar do porto, e não podiam resistir aos temporaes. Sobre noventa e seis naus e um galeão, que partiram para a India desde 1580 até 1598, oito arribaram, quinze naufragaram (submergindo-se onze com as tripulações e carregamentos), e foram apresados ou queimados cinco pelos inglezes, perda immensa, que, não contando o valor da carga, póde calcular-se pelo menos em seiscentos contos de réis, da moeda da epocha, nos dezoito annos do reinado de D. Filippe, porque só com as frotas apparelhadas de 1588 até 1592 consta dos registos officiaes, que o erario despendêra para cima de quatrocentos e noventa contos, custando as armadas uma por outra noventa e cinco e cem contos de réis[1]. Nos outros vasos não causavam menor estrago os inimigos e as tormentas. O hollandez Hugo Linschoten, retido nos Açores por negocios mercantis desde 1589 até 1591, assistiu na Terceira ao doloroso espectaculo, que offerecia n'aquellas paragens a guerra maritima aggravada pela inclemencia das estações. O nome do almirante Drake causava profundo terror, e a desconfiança entre os portuguezes e hespanhoes cada vez era maior. Cumberland assolava as ilhas de Santa Maria, da Graciosa e do Faial. Da esquadra das Indias occidentaes, carregada de oiro, de prata, de perolas, de cochonilha, e de artigos preciosos

[1] *Livro de toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, Indias e ilhas adjacentes,* ordenado por Luiz de Figueiredo Falcão, secretario de el-rei Filippe II, impresso por ordem do governo de Portugal. Lisboa, 1859, pag. 176 a 182 e 194 a 208.— *Memorias, documentos e escriptos sobre relações de Portugal e Castella,* tom. III.—Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

(que largára da Havana com cincoenta vélas) apenas po- 1581
deram recolher-se quatorze, porque onze tragaram-as as a
aguas logo ao desaferrar, e vinte e cinco corriam disper- 1605
sas e desgarradas pela face dos mares. Uma perdeu-se á entrada da barra de Angra, calculando-se em duzentos mil cruzados os valores, que desappareceram com ella; os inglezes tomaram ali mesmo algumas; e o resto, navegando quasi á vista das costas de Hespanha, caiu nas mãos de Drake, que apresou onze, deixando entrar em Sevilha sómente duas! Em 1589, e no mez de janeiro de 1590, naufragaram muitos vasos com riquezas immensas e perda de infinitas vidas, tanto da corôa de Portugal, como da corôa de Castella. Mais de duzentas embarcações, que tinham partido da Nova Hespanha, de S. Domingos, da Havana, de Cabo Verde, de Guiné e do Brazil encontraram a destruição na viagem, umas apresadas, outras engulidas pelo mar, salvando-se de todas sómente quatorze ou quinze. Não foi sem grande difficuldade, que a armada de D. Alvaro Flores de Quinhones, escoltada por outra frota enviada de Hespanha, conseguiu alcançar a bahia de Lisboa, escapando ás vélas britannicas, que a esperavam no cabo de S. Vicente [1].

Desastres iguaes se repetiram depois em maior escala. Não havia thesouros, ou lucros mercantis, que podessem compensar ao estado, aos negociantes e aos armadores perdas tão graves e incessantes. As galés, denominadas de guarda-costa, não faziam melhor serviço. Os inimigos zombavam d'ellas, e ás vezes afugentavam-as, cruzando inglezes e normandos sem temor á bôca da barra de Lisboa, e infamando os piratas do Riff e de Tetuão os portos e praias menos defendidas. As causas aponta-

[1] *Histoire générale des voyages*, Paris 1749, tom. III, pag. 91 a 123.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1605 das nos presidios de terra pelo conde de Portalegre inutilisavam o effeito das quantias gastas em armamentos navaes. As frotas e os exercitos devoravam o melhor das rendas publicas; os soldados pediam esmola, e os navios apodreciam. As galés em pessimo estado não prestavam para navegar, e muito menos para combater. As rações faltavam muitas vezes para os remeiros e gente dos cabos, ou distribuiam-se avariadas e corrompidas. O tratamento dos escravos e das chusmas não podia ser mais barbaro. Quasi nús, esfaimados e doentes, os infelizes arrastavam-se sem vigor, e estimulados pelo latego dos comitres nem assim podiam levantar-se e supportar as fainas. Estas galés mal apparelhadas, e com as guarnições enfraquecidas pelas molestias e a deserção, custavam ao estado por anno mais de sete contos de réis cada uma [1].

O duque de Lerma no começo do ministerio assustou-se, ao que parece, com tão rapida decadencia. Feridos no orgulho, nos brios e nos interesses, os portuguezes não encobriam o seu descontentamento. As disposições, que o duque achou na administração da marinha de guerra, eram prudentes. As armadas da India saíam em março e recolhiam em outubro. Em Lisboa estavam sempre cinco ou seis naus poderosas. Com o aperto da fazenda diminuiu, porém, o numero, de modo, que só havia tres ancoradas no Tejo, emquanto as outras navegavam os mares orientaes. Alem d'estas naus, verdadeiros monstros navaes na grandeza, com a tonelagem de tres naus ordinarias, o valido mandou armar em Lisboa e nos portos de Biscaya dezeseis vélas a fim de proteger os portos e a navegação, e nos primeiros tempos sustentou uma esquadra de vinte e quatro, trabalhando em 1605 pela acrescentar com mais vinte

[1] Cabrera de Cordova, *Memorias, documentos, e escriptos.—Relação de Contarini.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

baixeis. No principio do reinado de Filippe III, apesar dos estragos notados, a declinação, adiantada já, não era tão extensa ainda, como no fim do seu governo e em todo o reinado de Filippe IV. Nos portos da provincia do Minho, em Villa do Conde, em Vianna e em Caminha existiam navios e caravelas em estado de os defender. Aveiro e o Porto possuiam igualmente numero sufficiente de vélas para repellir qualquer assalto repentino; o Algarve estava bem guarnecido; e Lisboa, que em 1586 contava doze galeões, dezeseis galés, dez caravelas, treze carracas de carga, e trinta e seis baixeis mercantes, empregados nas carreiras de Italia, de Flandres, de Barberia e de outros portos, era a cidade maritima menos protegida, e assás envergonhada contemplava os estranhos tão ousados, e a sua marinha tão pouco respeitada [1]. 1581 a 1605

Traçámos o painel do estado do paiz no primeiro periodo da dominação castelhana. Os resultados, longe de confirmarem as esperanças de seus partidarios, prognosticaram dentro em pouco, que seriamos companheiros da Hespanha na ruina, que a despenhou rapida e irremediavelmente. Os abusos e os erros, não só não minoraram, como se tornaram mais activos e profundos, aggravados durante os dezoito annos do reinado de Filippe II. A paz interna, inquieta, forçada, e por isso mesmo este-

[1] *British museum*, Bibliotheca Sloane, manuscripto n.º 1206.— *A brief Discoverie of the Estate of the Kingdomes Spayne and Portugall*, anno de 1586.

Vê-se por esta informação, que em 1586 Caminha possuia 8 vélas e 16 caravelas; Vianna, 7 vélas e 12 caravelas; Villa do Conde, 9 navios e 10 caravelas; Aveiro, 11 vélas e 15 caravelas; Porto, 7 navios e 13 caravelas. A lotação dos vasos de véla era de 100, e a das caravelas de 60 e 50 toneladas. Em Lagos havia 6 caravelas, em Faro 5, na Figueira 4, em Jawiel (Tavira?) 60, e em Castro Marim 3.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1581 a 1605 ril, não afiançava ás industrias e ás artes segurança, nem tranquillidade. A guerra, que nos poupára até 1581, flagelava-nos por todos os lados com roubos e assaltos. A miseria dos subditos, e a pobreza do erario eram iguaes; a população attenuada emigrava das aldeias e dos campos, e vinha engrossar nas cidades os bandos de mendigos e de ociosos apinhados nas praças e nas portarias dos conventos. O Tejo, annos antes opulento de vélas, pouco frequentado agora dos estrangeiros, via-se quasi despovoado de vasos nacionaes. Os armazens, aonde rebentavam pelos tectos as mercadorias, meio vazios agora, retratavam a paralysação do commercio. Sem fé nos principes e sem fé tambem em si, entre as saudades do passado e as impaciencias do presente, o reino contemplava o sepulchro aberto á sua independencia, e sentia que a mão do destino o arrastava para elle. Levantando a vista em busca de redemptor não o encontrava. As cabeças mais altas inclinavam-se vergadas pelo medo, ou pelo interesse. Desapparêcera vencida com o prior do Crato a bandeira da resistencia. O duque de Bragança, D. Theodosio, protestava em segredo, e obedecia em publico; a nobreza ainda não estava desenganada de todas as illusões; e as classes medias, sem animo para mais do que para se queixarem, cediam, e serviam. Subindo ao throno, Filippe III vinha achar, pois, o caminho trilhado por seu pae, e desaffrontado de competidores poderosos. Teve em suas mãos converter a occupação em verdadeira amisade. Não soube ou não quiz. Quando falleceu deixou o reino mais distante de Castella, do que o seu antecessor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO II

1598-1609

Vice-reinado do marquez de Castello Rodrigo. — Estado da fazenda real. — Supplica e sommas offerecidas pelos christãos novos. — Opposição do clero. Annuencia do rei. Providencias favoraveis aos judeus. — São retractadas. Rasão por que. — Sebastianistas. Caracter e tendencias da seita. O impostor de Veneza. — Tratado de paz com a Inglaterra em 1604. — Tregua de 1609 com os hollandezes. Sacrificio das colonias portuguezas. — Morte de Henrique IV. Sua politica e seus designios. Magua de Portugal. — Orçamento da receita e despeza. Embaraços da fazenda publica.

A estreia do reinado não foi ditosa. Em dezembro de 1598 rebentou em Lisboa, e estendeu-se pelo reino, uma epidemia, que só na capital cortou a vida a mais de oitenta mil pessoas, flagellando por cinco annos as terras importantes das provincias. Um anno antes (1597) tinha-se em parte submergido o monte de Santa Catharina no meio da noite com tres ruas inteiras, cento e sessenta moradas de casas, e um caes de pedra junto da praia. Apertára ao mesmo tempo a crise alimenticia, augmentando os padecimentos. Parecia que todos os flagellos se haviam ligado contra os portuguezes, victimas das tres maiores calamidades, com que a Providencia castiga as nações. Pouco

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 ajudados pelo gabinete de Madrid, os governadores do reino lutaram com a adversidade, e, se não conseguiram applacar todos os males, alcançaram, pelo menos, minorar a dor aos mais intensos. No emtanto concluiu-se a revolução palaciana, firmada a privança do duque de Lerma. Foi completa a derrota dos emulos. D. Christovão de Moura, um dos ministros antigos de maior auctoridade, deyêra aos receios do valido o governo de Portugal, pomposo desterro, que não illudiu ninguem, e muito menos enganou o orgulhoso vassallo, resentido da quéda disfarçada com sorrisos de mercê. Nomeado em janeiro de 1600, o marquez de Castello Rodrigo encaminhou-se para a capital do vice-reinado, não encobrindo o descontentamento com que se apartava da côrte. No 1.º de maio fez a sua entrada solemne. Foi pouco vistosa e concorrida. Exceptuando os hespanhoes, nenhum fidalgo de linhagem saíu a recebe-lo. As familias illustres, offendidas, estranhando que as mandassem governar por quem era apenas seu igual, inculcaram-na abstensão a repugnancia. As salvas do mar e das fortalezas, e os festejos officiaes eram pouco para compensar no animo do marquez esta solidão hostil. As dansas e acclamações da plebe para homem da idade e experiencia de D. Christovão não substituiam o applauso das classes medias e a boa sombra das classes aristocraticas. Moura não se acovardou, e, dissimulando, valeu-se da prudencia para vencer as antipathias. Depressa o conseguiu. A sua urbanidade e o interesse dobraram os mais intrataveis á familiaridade do vice-rei. A nobreza, esquecida do aggravo, uniu-se com o marquez. Quem não a imitou foi a vontade popular. No seio das prosperidades talvez Portugal suavisasse as saudades da independencia, mas vendo os mananciaes da riqueza publica estancados depois da união,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

imputava os males a Castella, e não occultava o desejo 1600
de se libertar[1].

Filippe III não herdou menos empenhada a corôa de Portugal, que a de Castella. Os methodos do seculo XVI produziram os seus resultados inevitaveis. A confusão e os embaraços, como sabemos, tinham gerado um cancro incuravel. O rei catholico contrahíra emprestimos onerosos, e por ultimo até se valêra da bolsa dos fidalgos e dos particulares, hypothecando os rendimentos livres das alfandegas a padrões de juros vitalicios que os apuros subsequentes tornaram permanentes. Instado pela gravidade da crise appellára para o imposto depois, carregando os navios mercantes com o novo tributo de tres por cento, denominado do consulado, e applicando-o exclusivamente á defeza dos portos e do commercio maritimo. Cumpriu-se por alguns annos a clausula, mas, aggravadas as difficuldades, o producto do consulado acudiu ás despezas urgentes. É o que já acontecêra com outras contribuições, tambem privilegiadas. Ha muito que as terças dos concelhos distrahidas da reparação das fortalezes se esvaiam perdidas na voragem geral. Achando o tributo desviado, Filippe III supprimiu o juizo privativo do consulado. O dinheiro arrecadava-se, mas os cascos apodreciam desarmados, emquanto os piratas açoutavam os nossos mares. A principio o governo contentou-se com a plena disposição dos rendimentos, e com a emenda dos abusos mais escandalosos. Prohibiu os conluios dos arrematantes dos contratos reaes, e ordenou que elles se licitassem em Lisboa, e não em Madrid, atalhando a quebra das fon-

[1] Cabrera de Cordova, *Relacion de las cosas sucedidas en la corte de España*, pag. 71.—Bibliotheca imperial de Paris, cod. 228-9 (fonds d'Harlay), doc. 60 a 63.—Despachos do conde Barrault, datados de 23 de fevereiro e de 13 e 22 de julho de 1602.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 tes principaes de receita. Prescreveu aos tribunaes, que não consultassem habitos, commendas, tenças, ou ajudas de custo, fôros, assentamentos e outras graças, senão para satisfação de serviços relevantes e pessoaes. Os interessados clamaram, mas a justiça deu rasão ao soberano. Diminuindo a mendicidade official habilitava a corôa para recompensar melhor os vassallos dignos de premio. Exigia, porém, o erario reformas mais profundas. Os vedores da fazenda lutavam contra a corrente, mas esta, mais forte, arrastava-os. Cada vez era maior o desequilibrio. Em 1601 os apuros apertavam já a fazenda com tanta força, que o monarcha, imitando o pae, recorreu tambem ao imposto, lançando o direito novo de 220 réis sobre cada moio de sal exportado, remedio insignificante para males tão intensos! [1]

Julgando a occasião propicia os christãos novos tentaram a consciencia do principe, promettendo avultadas quantias, se a corôa lhes restituisse as immunidades, concedidas por D. Sebastião, e retractadas por D. Henrique e Filippe II. A questão datava de longe. Introduzida a inquisição receiou o fanatismo que as victimas, expatriando-se, fugissem ás perseguições; e, compadecida da cegueira dos hebreus, para que elles e seus bens não escapassem á caridade do tribunal da fé, concebeu a idéa atroz de os algemar aos postes do santo officio. Os varões piedosos do conselho real annuiram. O modo mais efficaz de suster no redil as ovelhas desgarradas era encerra-las dentro das cidades e villas, negando-lhes a saída do reino sem fiança, e a alienação das propriedades sem licença regia. D. João III, sempre docil ás insinuações de santa violencia, abraçou o arbitrio, applaudindo-se de rematar por

[1] Alvará de 13 de fevereiro de 1602 sobre o juizo do consulado. —Carta regia de 15 de maio de 1607.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

esta iniquidade suprema as iniquidades de seu pae e as 1600
tyrannias proprias contra os judeus. As leis então promulgadas vedaram aos christãos novos a liberdade de optarem ao menos pelo exilio, longe da terra, aonde deixavam os ossos dos seus, e aonde tinham nascido e visto nascer os filhos. Movido por interesses fiscaes, e talvez tambem por instinctos generosos, D. Sebastião, como dissemos, revogára as leis de seu avô, mas o triumpho não fôra longo para os perseguidos. Em 1580 o cardeal rei, e em 1587 (26 de janeiro e 31 de agosto) Filippe II, revalidando a legislação de D. João III, tornaram a envolver os christãos novos na apertada rede, d'onde saíam arrastados para os tormentos do potro, e, despojados de tudo, para a fogueira dos autos da fé[1]. Apesar dos rigores recentes os descendentes da raça hebrea, com a tenacidade de sua indole, não tinham perdido a esperança de obter mais tarde a tolerancia appetecida, dispostos a retribui-la, não como um direito, mas como um beneficio. A morte de Filippe II e a pobreza do thesouro nos primeiros dias do seu successor, aplanaram-lhes o caminho. Repartiram entre si os sacrificios, e offereceram a el-rei cento e setenta mil cruzados pela faculdade de se retirarem, quando quizessem, dispondo dos bens livremente, sendo a mercê ampliada com a suspensão dos processos intentados. A supplica era audaz, mas a occasião favorecia os requerentes[2].

Animados com a boa sombra da côrte, logo conceberam os christãos novos empreza mais alta, ajustando-se com os cabedaes necessarios para a seguir. Emquanto os theologos e jurisconsultos da corôa discutiam se era licito abrir

[1] Carta patente de 4 de abril de 1601.—Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 47 v.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 as fronteiras aos judeus, os agentes da *nação* assaltavam a cubiça dos ministros de D. Filippe, promettendo um milhão e setecentos mil cruzados de serviço voluntario, e cedendo do pagamento de duzentos e vinte e cinco mil cruzados, que a fazenda devia a alguns d'elles, se el-rei lhes alcançasse de Roma perdão geral das culpas de apostasia e judaismo, e os declarasse habeis para os cargos, officios e honras que os christãos velhos monopolisavam. O governo vacillou. O perdão e a habilitação dos hebreus feriam o orgulho monastico e sacerdotal e o fanatismo geral, e haviam de provocar infallivelmente grande opposição no clero e na plebe, a par da repulsão das classes mais cultas, que viam pelos olhos da igreja. Era forte, porém, a tentação, e maiores eram ainda as necessidades do erario e da casa real. Encetou-se a negociação em 1599, mas não correu tão calada, que o segredo não transpirasse das salas do paço para os claustros e sacristias. O escandalo dos devotos foi immenso. Trovejaram os prégadores; gemeram os hypocritas; desenfrearam-se em murmurações os devotos; e desataram em clamores os bons catholicos, declamando todos contra o principe e os ministros, que vendiam o Deus de seus paes aos descendentes dos algozes de Christo [1].

Tomou vulto a resistencia, e já começava a tornar-se ameaçadora, quando o clero e a nobreza interpozeram o seu véto, estranhando aos governadores a impiedade do contrato. Homens tementes a Deus, e zelosos do serviço de el-rei, provavelmente instigados pelo santo officio e pelos religiosos, que figuram desde 1580 em todas as alterações civis, clamavam nas praças, nos tribunaes e em

[1] Lei de 7 de fevereiro de 1600. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 46. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

toda a parte, que se a especulação torpe se consummasse, 1600
segunda vez seria Jesus vendido aos hebreus, não por Judas, mas pelos hespanhoes. Representou a regencia a D. Filippe a inquietação geral e o perigo de a sobre-excitar. O monarcha não replicou. Sabia que os escrupulos não enchiam os seus cofres vasios. Por fim, temendo alguns prelados que as cousas se adiantassem, e que não houvesse depois remedio, desprezando fadigas e incommodos, partiram para Madrid. Eram elles D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora, D. Fr. Agostinho da Cruz, arcebispo de Braga, e D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, um dos cinco governadores do reino. Acompanharam-os pessoas doutas e graves para maior auctoridade. Chegados á côrte pediram audiencia ao soberano, e reprehenderam o peccado de ouvir os sequazes da synagoga, lembrando a nodoa eterna, que sua magestade ia lançar sobre a gloria do seu titulo de rei *catholico*. A alma piedosa de Filippe III confrangiu-se; o seu espirito perturbou-se; e o duque de Lerma foi encarregado de conferir com os bispos. O valido tratou os prelados com a sinceridade propria de quem desejava despedi-los satisfeitos. A difficuldade consistia na importancia das quantias promettidas. N'aquella crise, notou elle, el-rei não podia dispensa-las, e, se não occorresse meio menos funesto, ver-se-ia obrigado a aceitar o presente, com que os judeus resgatavam a sua clemencia. Devoto exaltado, mas integro e severo, D. Theotonio não poupou as censuras ao ministro, assim como não as tinha poupado ao monarcha; porém, mais cortezãos e mundanos, seus collegas attingindo o alvo das insinuações do duque, introduziram-se pela porta, que elle abriu, e começaram a assentar as bases de uma transacção, que os governadores confirmaram depois, e que reduzida á fórma official, terminou pelo indeferi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1601 mento da petição dos christãos novos em fevereiro de 1600, e pela promessa do reino de Portugal pagar um serviço de oitocentos mil cruzados, repartido em prestações annuaes, como indemnisação das sommas, que a corôa deixava de receber. Recolheram-se os prelados victoriosos, e os fanaticos prepararam-se para desforrar os sobresaltos, fazendo expiar aos judeus o jubilo momentaneo[1].

Contavam estes, porém, com valiosos protectores, e invocavam argumentos sempre assás poderosos, e muito mais em tempos de estreiteza. Insistiram no segundo requerimento, e conseguiram arrancar a carta patente de 4 de abril de 1601, que aboliu as leis de D. João III, de D. Henrique e de Filippe II, franqueando os mares e o accesso de terras mais hospitaleiras á raça perseguida. Logo depois, em 31 de julho, obtiveram a lei, que auctorisou as viagens e a residencia dos descendentes dos judeus convertidos nas conquistas e senhorios de Portugal. Estas graças, prologo de outras maiores, eram condemnadas pelos bons christãos, como offensas á religião, e não concorreram pouco para augmentar o odio aos hespanhoes[2].

Quando D. Christovão de Moura tomou posse do governo, em maio de 1600, achava-se o negocio n'este ponto. Os prelados vangloriavam-se com a certeza, de que os christãos novos não seriam perdoados, e os hebreus, trabalhando por baixo do chão, oppunham mezes depois aos adversarios as leis de 4 de abril e de 31 de julho, que os libertaram em parte da escravidão. Não foi de certo este

[1] Lafuente — *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. I. — Lei de 27 de fevereiro de 1600. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 46.

[2] Cartas patentes de 4 de abril e de 31 de julho de 1601. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 47 v. e 48 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

o assumpto, que menos cuidado deu ao vice-rei. Tratava- 1601
se de repartir e cobrar o serviço dos oitocentos mil cruzados, e o reino esgotado não queria remir por tal preço a pureza de sua fé. Lisboa representou, allegando que o concerto não podia ser cumprido sem procuração das cidades e villas do reino, condição essencial em materia de derrama geral, e que os governadores haviam exorbitado, porque não tinham poderes para obrigar o paiz ao pagamento. A capital insinuou outro meio de lançamento e de arrecadação, que não foi admittido, e Filippe III, desenganado dos contribuintes, mandou cassar e recolher a patente de 27 de fevereiro. Os dissabores do conflicto, e as consequencias d'elle, decidiram talvez o vice-rei a pedir a demissão, e o governo de Madrid convidou o bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco para lhe succeder[1].

Frustrada a convenção negociada com os governadores, voltou-se a côrte para os christãos novos, protegendo-os abertamente. O alvará de 24 de novembro de 1601 confirma esta conjectura. Datado de Valladolid, para onde el-rei transferira a residencia, prohibe sob penas severas, que de palavra, ou por escripto, em juizo, ou fóra d'elle, se affronte com a injuria de christão novo, confesso, marrano, ou judeu a qualquer dos descendentes dos conversos. Esta lei, cuja suavidade espanta, dictada pelos estadistas que nove annos depois promulgaram a expulsão dos mouriscos, não devia custar pouco aos hebreus[2]. Os

[1] Alvará de 30 de outubro de 1601.—Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 54 v.—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. I.—João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, tom. II, pag. 199, append. V.—Bibliotheca imperial de Paris, cod. 228-10, doc. 34.—Officio do conde Barrault de 22 de julho de 1603.

[2] Alvará de 24 de novembro de 1601.—Archivo nacional da Torre do Tombo, livro II de leis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1601 apuros da fazenda eram extremos. As prodigalidades do principe, do valido e dos cortezãos devoravam sommas enormes, e os emissarios dos homens da nação, aproveitando o ensejo, renovaram em 1602 as antigas propostas, e d'esta vez encontraram as avenidas do paço abertas, e as consciencias faceis. El-rei attendeu a supplica, e impetrou, por via do seu embaixador em Roma, em 1604, o perdão geral, desprezando as representações dos prelados e dos inquisidores de Portugal[1]. Não se atreveu, porém, a declarar os christãos novos habeis para os empregos e officios da administração. Temeu sublevar a opinião. A exclusão permaneceu, e os subditos continuaram divididos em duas familias distinctas, uma de reprobos, e outra de eleitos. O que não ficou esquecido foi o preço da clemencia real, porque, alem de mandar trancar as provisões e escripturas de divida de duzentos e vinte e cinco mil cruzadas, Filippe III, allegando as perdas avultadas do fisco na fazenda dos culpados absolvidos pelo perdão, constituiu uma junta em Lisboa, presidida por D. Constantino de Mello, e encarregou-a do meneio e distribuição do serviço[2].

Mas a gente da nação, ou porque julgasse deferida apenas metade da supplica, não se lhe facilitando a habilitação para o exercicio dos cargos publicos, ou porque tivesse promettido mais do que podia cumprir, quando chegou a cobrança inventou subterfugios e illudiu a repartição. Indignaram-se os ministros, accusando os christãos novos

[1] Carta regia de 13 de dezembro de 1604 ao inquisidor mór do reino de Portugal, na collecção de monsenhor Gordo, citada na collecção do sr. José Justino.

[2] Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III cap. I. — Alvará de 5 de junho de 1605. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 91.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

de duplicidade. A côrte obrára por interesse, e não mo- 1601
vida pela voz dos principios de justiça. Á reluctancia do pagamento oppoz a coacção. Depois de libertos dos vexames e de desassombrados da inquisição os descendentes dos conversos regateavam o preço com doblez, vendiam á pressa as propriedades, e tentavam fugir! Desde que violavam o pacto, levantando-se com o beneficio, e defraudando o fisco, a promessa real caíra por si mesma. Assim o entendeu Filippe III. O alvará de 5 de junho de 1605 rompeu a guerra, tornando a soldar os élos da cadeia partida. Os homens da nação, prohibidos de saír do reino, foram d'esta vez ligados, não só aos postes do santo officio, mas aos marcos do erario. Nenhum podia deixar o paiz sem provisão de el-rei, ou sem quitação authentica de D. Constantino de Mello. Os fallidos e os insoluveis sentiram o peso do braço do tribunal da fé. O reino converteu-se em prisão por dividas. Mais severo ainda, outro alvará (de 27 de dezembro de 1607) cercou as familias de um cordão de delatores, recompensando as denuncias com a terça parte dos bens dos que procuravam ausentar-se sem licença. Finalmente, em 1610, allegando que os judeus «não tinham sabido reconhecer as mercês que lhes fizera», e desenganado de que os exactores haviam absorvido quanto podiam extorquir, o monarcha, ouvidos os tribunaes, revogou, e annullou de motu proprio e sciencia certa as cartas patentes e os contratos, que favoreciam os christãos novos, fechou-lhes os portos, e prohibiu-lhes a alienação das propriedades[1]. A hypocrisia realça n'este documento a atrocidade. Os hebreus eram assim tratados (dizia a lei) por zêlo do serviço de Deus e

[1] Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. I. — Alvará de 27 de dezembro de 1606. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 132 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1606 a 1610 da caridade christã. Negavam-se-lhes todas as liberdades para os remir do erro e da perdição. O modo pertencia ao santo officio. Embora mais lentos seus methodos eram infalliveis. O sequestro valia bem os donativos voluntarios, e em todo o caso o rei não ignorava, que havia de tirar sempre a parte do leão. O perdão geral servira para adormecer os infelizes, e para denunciar pelos menos recatados os segredos do lar domestico e do culto interno, derivando ao mesmo tempo para os cofres reaes as sommas arrancadas pelos repartidores de D. Constantino de Mello. Os judeus mais ricos trahidos pela imprudencia provocaram novas perseguições. De repente o véu rasgou-se, as illusões desvaneceram-se, e acharam-se restituidos á condição de que se tinham julgados forros. Tinham faltado ao pagamento integral, e o soberano, crédor inflexivel, alçando o sceptro, feria-os na fronte para avivar os antigos stigmatas. As consciencias escrupulosas regosijaram-se. Fôra ainda despojada e ludibriada a synagoga! Comprára a peso de oiro um papel, e quando não tinha mais que dar, el-rei mandava rasgar o diploma inutil, e guardava o preço. Assim terminou este episodio[1].

D. Christovão de Moura assistíra em parte aos enredos de tão longo e afadigado assumpto. Os clamores dos fanaticos, as queixas da inquisição, e o descontentamento geral, primeiro que chegassem a Valladolid ou a Madrid, tinham vindo perturba-lo. As concessões decretadas em favor dos hebreus eram profundamente impopulares, e a opposição ao governo hespanhol, auxiliada pelos religiosos de todas as ordens, na maxima parte adversarios do dominio estrangeiro, aproveitava-as com destreza para indispor os animos. Certo ruido surdo, certa

[1] Cartas regias de 12 de fevereiro e 13 de março de 1610. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 183 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

agitação coberta, mas constante, inquietava desde fins de 1600 a 1603
1602 a capital e algumas cidades importantes. As lendas da vida e milagrosa apparição de el-rei D. Sebastião, as prophecias em verso e prosa, e muitos prodigios forjados com perfeito conhecimento da credulidade vulgar advertiam o marquez de Castello Rodrigo, de que uma conspiração minava o throno, conspiração extensa, de que muitos cumplices innocentes de boa fé repetiam as falsas noticias. D. Christovão temia desde 1581 o odio monastico tão concentrado nos artificios. D'esta vez desconfiou tambem, de que os fios do trama estivessem nos claustros, e seguiu-os com vigilancia. Não se enganava. A conjuração existia, e os symptomas, que tinham acordado a sua prudencia, não eram vagos [1]. Os patibulos, os degredos, todas as pompas, emfim, do systema repressivo não haviam podido apagar do peito dos portuguezes o desejo de restaurar a independencia. A saudade era mais poderosa do que o terror. A despeito de seus erros, D. Sebastião, tão querido emquanto vivêra, depois da catastrophe de 1579 e dos infortunios de 1581, passára a ser idolatrado. O amor do rei perdido rejuvenescêra com o amor da patria subjugada. A fé sempre foi mãe de milagres, e o povo, no delirio do affecto, como as creanças, creava maravilhas com o absurdo, supprimindo o impossivel.

Em outra epocha a novella da existencia encoberta de D. Sebastião, que o martyrio e a desgraça tinham illuminado com a auréola dos santos, cairía flagellada pelo riso; mas o reino não encontrava libertadores, e na falta dos grandes da terra, abraçava-se com o invisivel, saudando

[1] Lafuente, *Historia general de España,* tom. XV, part. III, liv. III, cap. I. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-10, doc. 22. — Officio de 5 de junho de 1603 do embaixador francez em Madrid. — *Archivo de Simancas,* Estado, legajo. 193.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1603 rei do futuro, como já dissemos, um sonho, uma esperança louca. Sobre esta aberração, que um patriotismo pouco esclarecido entretinha e fortificava, tinham já querido edificar suas ambições os primeiros impostores; mas segundo notámos vinham muito debaixo, e, combatidos por graves obstaculos, não prevaleceram. Ao pasteleiro do Madrigal, Gabriel de Espinosa, o acaso cortára as azas primeiro que levantasse os vôos. Não aconteceu, porém, o mesmo com o ultimo aventureiro, que usurpou o nome, e se atreveu a continuar a lenda de D. Sebastião. Circumstancias singulares condensaram mais as sombras em volta d'elle, affirmando a fabula por tal fórma, que o comediante, tido por muitos pelo verdadeiro personagem, conseguiu fazer hesitar por tempos a historia, logrando illaquear alguns contemporaneos [1].

Era calabrez, nascido em Taverna, e chamava-se Marco Tullio Carzon. Meditou o plano do embuste, e executou-o com perseverança admiravel em todos os lances. Escolhendo Veneza para theatro da primeira manifestação, e narrando com eloquencia muitos incidentes pouco sabidos da derrota de Alcacer, explicava a miseria actual, narrando um romance inverosimil. Dizia, que vinte annos antes escapára debaixo de um montão de cadaveres, e que, errante e disfarçado em trajos de mouro, voltára ao reino com dois companheiros; que receioso, depois, da má vontade do cardeal-rei, e não querendo perturbar a paz, volvêra a Africa, peregrinando, até se transportar á Sicilia, aonde como penitente se tinha encerrado em um ermiterio. Acrescentava, que na occasião em que decidíra ir a Roma descobrir-se ao santo padre, fôra roubado

[1] Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. I. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-10, doc. 22.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pelos creados, e constrangido a buscar Veneza, entrando na cidade quasi nu[1]. Assustado com o incremento que tomava o embuste, e com a audacia do calabrez, o embaixador hespanhol accusou-o, e o senado ordenou que fosse preso. Por vezes o interrogou judicialmente, e saíram tão claras e affirmativas as respostas, que não só se justificou com ellas, como abalou a consciencia dos magistrados em favor da sua identidade. A paciencia nos trabalhos acabou de lhe conciliar a benevolencia do conselho, ao passo que o ruido do processo, soando em diversas côrtes, era escutado com attenção pelos inimigos da casa de Austria. Por fim o senado mandou-o soltar com intimação de despejar dentro de tres dias o territorio da republica. Partiu para Padua e de lá para Florença, aonde o grão duque, alliado de Castella, o entregou ao conde de Lemos, vice-rei de Napoles. Julgado e sentenceado a galés e a açoutes com pregão pelas ruas, conservou na affronta a serenidade da grandeza que falsamente se attribuia[2]. 1600 a 1603

Não cabe n'este quadro a descripção minuciosa das aventuras do famoso embaidor em Veneza, Napoles e outras cidades de Italia, nem a narração particularisada da astucia e dissimulação com que soube grangear parciaes e protectores. Muitos creram n'elle de boa fé; para outros foi um instrumento politico, um meio de inquietar o rei de Castella na posse de Portugal. Ousadia e inflexibilidade parece terem sido as feições proeminentes do aventureiro. Mesmo em ferros, mesmo amarrado aos bancos de uma galé, conspirava e expedia emissarios. D. Christovão de Moura prendeu um d'elles em 9 de

[1] Miguel d'Antas, *Les feaux D. Sébastiens.*—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, liv. III, part. III, cap. I.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1603 março de 1603, munido de instrucções e de cartas particulares, e descobriu as minas do calabrez para sublevar o reino. Iam mais fundas e ramificadas do que inculcavam as apparencias. O agente chamava-se fr. Boaventura de Santo Antonio, tinha visitado França, Napoles e Veneza, e provado incansavel diligencia em promover os interesses do impostor. Preso por este motivo em Valencia, mezes antes fôra açoutado e punido com perpetuo desterro de Portugal como religioso indigno e sedicioso. Longe de se arrepender reincidira, e o governo, pouco activo até então, despertou por fim, e mandou trazer para S. Lucar de Barrameda o falso D. Sebastião e alguns cumplices. Contava-os elle em todas as classes da sociedade, sobresaindo pelo nome e escriptos D. João de Castro, que a indole irascivel divorciára muito antes da pequena côrte do prior do Crato, e que a intelligencia lunatica e curiosa de prophecias e enigmas constituiu depois apologista zeloso da impostura de Marco Tullio. Figuravam entre outros, como adherentes mais ou menos solicitos do calabrez, Henrique de Sousa, que fôra governador do Porto, Salvador Moreira, correio mór de Aveiro, Antonio Tavares e Lourenço Rodrigues da Costa, conegos de Lisboa, Bernardino de Sousa, fidalgo de Aveiro, Pantaleão Pessoa, cavalheiro da Guarda, e Manuel de Brito Almeida. Dois frades, fr. Estevão de Sampaio e fr. Boaventura de Santo Antonio eram os seus agentes dedicados[1].

O marquez de Castello Rodrigo, referindo a prisão dos frades, escreveu a el-rei, que se não houvesse sido feita tanto a tempo, e se os emissarios tivessem tido logar de lançar no animo da gente popular e ignorante as más sementes, algum perigo se haveria seguido provavelmente,

1 - *Archivo de Simancas*, Estado, legajo 193.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e algumas desgraças mais haveria a lamentar. Era opinião do vice-rei, que o chocarreiro (assim o denominava) devia ser enviado a Lisboa, e executado em uma das praças da capital, modo efficaz de arrancar pela raiz a impostura. Não foi attendido. Instruiu-se o processo dos réus em S. Lucar, e ahi proferiu-se a sentença. A 27 de setembro saíram da prisão, arrastados em um couro, Marco Tullio e tres cumplices, Annibal Balsamo, Fabio Craveto e Anton Mendes. O algoz cortou-lhes a mão direita, enforcou-os e esquartejou-os. A 21 de outubro subiram ao patibulo, depois de exautorados e relaxados ao braço secular, os dois frades fr. Boaventura de Santo Antonio e fr. Estevão de Sampaio. Em 1604 eram ainda perseguidos em Portugal e em Hespanha os fautores do calabrez [1]. 1600 a 1603

Estes e outros incidentes não concorriam de certo para estreitar entre os dois reinos os laços da amisade. Tratado quasi como conquista nunca Portugal estivera tão segregado de Castella. Reciprocas antipathias inflammavam os odios. A côrte apressava nos estaleiros do Tejo grandes armamentos navaes de defeza, mas a falta de dinheiro e de mantimentos paralysava-os. O pão encarecia, as importações diminuiam, e a moeda rareava. A disciplina militar, abalada pelo atrazo dos soldos, trazia as auctoridades assustadas. A nomeação de officiaes hespanhoes de mar e terra para os commandos feria o orgulho nacional, provocando perigosos conflictos. O marquez de S. Germano, capitão general de Lisboa, passou pelo dissabor dos coroneis lhe negarem a obediencia, queixando-se do desacato ao bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, ao qual as responsabilidades do poder acurvavam, mas que a vontade omnipotente do duque de Lerma con-

[1] *Archivo do Simancas*, Estado, legajo 193. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1603 strangêra a substituir D. Christovão de Moura desde 22 de agosto de 1603. O bispo deu rasão aos portuguezes, e mandou declarar ao marquez, se insistisse, que o faria arrepender em uma prisão de estado. Quasi pela mesma epocha nos tres navios castelhanos da armada de D. Luiz Fajardo, que saíra a escoltar dos Açores até Lisboa a frota das Indias, experimentaram os castelhanos, a seu pezar, a furia do braço dos soldados da Asia. Intentando entrar nos galeões, para os visitar, foram repellidos com perda de trinta homens, e despedidos com aspereza pelos capitães que rejeitaram o auxilio. Recolheram-se ao Tejo advertidos e escarmentados[1].

Entretanto o governo nos primeiros annos do reinado de Filippe III não se descuidára tanto da administração, como em geral se crê. O rei catholico tinha decretado em 27 de julho de 1582 a lei da reformação da justiça, publicada cinco mezes depois na chancellaria. Era pequeno remedio para a confusão e anarchia, em que tudo se achava, e elle proprio o confessou, riscando mais alta e mais completa obra, e commettendo a compilação das novas ordenações ao dr. Pedro Barbosa, lente de prima da universidade de Coimbra, que levou a seu lado, e nomeou vogal do conselho de Portugal em Castella, a Jorge de Cabedo de Vasconcellos, honrado com os cargos mais eminentes, e a varios jurisconsultos e canonistas insignes. Parece que a assiduidade dos doutores não foi excessiva, porque só em 1602, muitos annos depois, se achava o codigo concluido, ou se antes o estava, só em 1603 viu a luz, e principiou a vigorar em virtude da carta de lei de

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-10, doc. 69 e 74. — Officios de mr. Mensis, consul francez em Lisboa, datados de 30 de outubro e 8 de novembro de 1603. — Miguel d'Antas, *Les feaux D. Sebastiens.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

11 de janeiro. Apesar da pausa, com que se trabalhou na codificação, e da capacidade dos ministros incumbidos d'ella, logo se lhe apontaram omissões, mas eram nodoas assás leves para monumento de tanta valia, lapsos quasi insignificantes em assumpto de tão grande difficuldade [1]. 1600 a 1604

Foi peior, e muito, que varias leis, regimentos e diplomas, que a excepção da carta de lei de 1603 não comprehendia, e que por esse motivo deveriam suppor-se revogados, continuassem em pleno vigor, como pondera Fernandes Thomás. O cahos, de que se desejára fazer surgir a ordem, se ficou menos escuro e tumultuoso depois, nem por isso póde dizer-se que desapparecesse inteiramente.

As maximas do duque de Lerma na direcção da politica externa eram oppostas ás dos conselheiros, que influiram nas resoluções do governo nos ultimos annos de Filippe II. O tratado de Vervins mais fôra dictado pelas circumstancias, do que pela vontade do velho rei; e a abdicação dos Paizes Baixos tambem nascêra da necessidade, e não do pensamento de pôr termo á effusão do sangue. A luta com a Inglaterra ainda affligiu por algum tempo o seu successor. A morte de Izabel (em 24 de março de 1603), e a accessão de Jacques Stuard facilitou a reconciliação dos dois estados. Jacques, tão amigo do repouso como Filippe III, recebeu com urbanidade o conde de Villa Mediana, D. João de Tassis, enviado para o comprimentar em nome de seu amo. O chefe da nova dynastia insinuou ao castelhano a intenção de renovar a antiga alliança, e assegurou-lhe que o espirito bellicoso da raça dos Tudors deixára de animar os seus conselhos. O gabinete de Madrid desfallecido pela guerra maritima accedeu promptamente.

Discutiram-se os preliminares do tratado, assistiram em

[1] Carta de lei 11 de janeiro de 1603, impressa com as ordenações Filippinas. — Lei de 27 de julho de 1582.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1604 Bruxellas os commissarios do archiduque ás conferencias dos plenipotenciarios, e tudo se encaminhou rapidamente a uma conclusão favoravel. Os verdadeiros obstaculos já não existiam. O odio pessoal de Izabel e de Filippe II, e não a opposição de interesses incompativeis, haviam ateiado a discordia. Fallecidos os dois soberanos, sepultou-se com elles a animosidade dos seus povos. Ajustados os principaes artigos renasceu a paz em agosto de 1604. Os condes de Hereford e de Nottingham partiram como embaixadores para Madrid, e sua magnificencia, se não eclipsou, não desluziu, pelo menos, o fausto que o condestavel de Castella, D. Juan Fernandes de Velasco, ostentava a essa mesma hora na embaixada de Londres [1].

Entre as clausulas juradas pelos dois soberanos e pelos archiduques incluiam-se capitulos de summa importancia. Se Jacques assegurava aos subditos o commercio dos portos de Hespanha e de Flandres e a tolerancia religiosa, Alberto obtinha a certeza, de que nenhum auxilio directo ajudaria a resistencia das provincias unidas, e D. Filippe respirava dos assaltos dos corsarios, fechando a navegação das Indias aos inglezes, e trocando a má vontade pela harmonia reciproca. A concessão mais valiosa da Hespanha fôra a revogação do direito prohibitivo de 30 por cento sobre a entrada das mercadorias inglezas, direito equivalente á suspensão das relações mercantis. Henrique IV invocou a mediação de Jacques para arrancar igual beneficio, e a côrte castelhana annuiu, encarregando por fim o conde de Villa Mediana, com o parecer e approvação do condestavel de Castella, das negociações com os plenipotenciarios francezes e com os ministros dos duques de Borgo-

[1] Rimer Foeder.—Gonsales Davila, liv. II, cap. XVI.—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III.—Hume, *History of England*, cap. XLVII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

nha, concorrendo ás conferencias o cardeal Bufallo por parte do papa[1]. 1600 a 1605

A difficuldade maxima era o receio do commercio clandestino das provincias neerlandezas, ás quaes uma severa prohibição negava o accesso dos portos e conquistas da Hespanha, e a venda, compra e transporte das mercadorias importadas para Castella e suas possessões das fabricas e praças dos estados rebeldes. As declarações dos ministros de Henrique venceram as reluctancias, obrigando os hespanhoes a optarem pela revogação do placarte dos 30 por cento, ou pela ruptura immediata da paz. O condestavel de Castella, passando por Paris, insinuára ao rei uma alliança intima, fundada no duplo consorcio dos principes das duas casas. Um partido forte, o dos jesuitas, dos validos de Maria de Medicis, e dos ministros Villeroi, Silleri, Jeannin e Belliévre lutava contra a influencia de Rosni (o duque de Sully), trabalhando por ligar as duas corôas; mas Henrique IV, meditando humilhar mais tarde o poder da dynastia austriaca, limitou-se a exigir as vantagens commerciaes que a occasião recommendava. O tratado, assignado em 12 de outubro, equiparou os subditos francezes aos inglezes, e um alvará de Filippe III deu força de lei em Portugal e suas possessões a este acto, que celebrado annos antes, teria poupado ao reino grandes perdas e a suas armas revezes estrondosos[2].

[1] Rimer Foeder. — Gonsales Davila, liv. II, cap. XVI. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III. — Hume, *History of England*, cap. XLVII. — Alvará de 18 de novembro de 1604. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 73. — Henri Martin, *Histoire de France*, tom. X, liv. LXIII, pag. 536 e 537.

[2] Ibidem. — Tratado de Paris de 12 de outubro de 1604 e alvará de 18 de novembro do mesmo anno.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1605 Um mez depois outra providencia, concebida para apagar as raias, que separavam os interesses economicos das duas nações, arrazou as fronteiras fiscaes, levantadas por ineptas provisões, franqueando a entrada dos cereaes, das carnes, dos mantimentos, dos couros e de outros artigos com o direito de 10 por cento sobre o valor. As rasões allegadas para justificar a reforma admira que ha muito não estivessem attendidas. Unidas as corôas, a clausura da raia aos generos de primeira necessidade e aos productos da industria de ambos os povos, significava contradicção flagrante, porque, alem de negar a fraternidade, affirmada pela lei politica, expunha os vassallos a vexações e padecimentos, que nenhum pretexto desculpava. Nos annos estereis, se as crises eram locaes, a fome opprimia os castelhanos, emquanto aquem do Minho e do Guadiana se accumulavam sem saída grandes quantidades de grão; se a miseria flagellava os portuguezes das provincias limitrophes, os hespanhoes, sem os soccorrer, assistiam com os depositos cheios de trigo a calamidades, que facilmente atalharia a acção do commercio. Acrescêra depois ao absurdo a injustiça. O rei abolíra metade da prohibição, abrindo só os portos seccos a Castella. Por ultimo as queixas dos povos decidiram-o a dar os derradeiros passos. Igualando as condições dos dois reinos, o alvará de 22 de dezembro de 1604 auctorisou, a contar de 1 de janeiro do anno seguinte, a entrada de cereaes, gados, carnes, muares, obras de cordovão, e outros objectos, exceptuando sómente cavallos, armas, oiro e prata amoedados, lavrados ou em pasta, e permittindo que viessem a Portugal as sedas de Granada e de Toledo. Ao mesmo tempo, na falsa idéa de attenuar os recursos das provincias neerlandezas, D. Filippe, que em 1603 (27 de fevereiro) se víra constrangido a transigir, consentindo o trato dos estados com o reino de

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Portugal, revogou a concessão, e reincidiu no erro de seu pae, excluindo de seus portos e senhorios os flamengos, que a esse tempo aravam já os mares da Africa e do Oriente, tomando por suas mãos nos mercados da Asia as drogas e especiarias, que as leis lhes negavam em Lisboa e até n'algumas praças estrangeiras. O resultado foi estimularem-se as emprezas maritimas dos hollandezes, afrouxar o commercio portuguez, e diminuirem os rendimentos das alfandegas, defraudados pelo contrabando, ordinario moderador da violencia dos bloqueios[1]. 1600 a 1605

Vendo renovados os rigores contra a industria e a navegação das provincias unidas todos haviam de suppor, que a Hespanha e os archiduques, animados com a alliança da França e da Inglaterra, confiavam debellar agora todas as resistencias. Desaffrontada de inimigos, e concentrando as forças contra a pequena republica, dir-se-ia que um esforço mais rebusto bastaria para a suffocar. Não succedeu assim. As vicissitudes da guerra contrabalançaram-se. Á pericia do marquez de Spinola oppoz-se a tactica de Mauricio de Nassau, e á conquista disputada de Ostende pelas tropas do archiduque, respondeu a capitulação de Grave e da Esclusa, praça talvez mais importante, que o principe de Orange conseguiu render[2].

Era grande a extenuação de parte a parte. O desengano da vaidade da luta feria os olhos a todos. As provincias fieis, desfallecidas, anciavam descansar. Os archiduques, que só tinham sentido os espinhos da soberania quasi nominal, inclinavam-se á tranquillidade; finalmente, o mar-

[1] Alvarás de 22 de dezembro de 1604 e 1 de janeiro de 1605. — Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 79 e 81 v.

[2] Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, liv. VII. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1608 quez de Spinola, cujos feitos á fama apregoava, temia os revezes. Restava convencer os estados neerlandezes ensoberbecidos. Era para receiar uma repulsa, e convinha por isso proceder com prudencia. Tomou sobre si esta missão o padre fr. João Ney, commissario geral da ordem de S. Francisco, bemquisto e relacionado na Hollanda. A resposta foi que a base prévia para qualquer concerto havia de ser o reconhecimento da liberdade e da independencia. Hesitou o archiduque, mas instado communiçou a exigencia á côrte de Madrid. Filippe III e o seu primeiro ministro convidaram-o a proseguir, e o padre Ney, enviado segunda vez á Haya, apresentou suas propostas ao conselho dos estados geraes, e ajustou uma suspensão de armas por oito mezes. Emquanto se esperavam as ratificações do rei de Hespanha, uma armada hollandeza, pelejando na bahia de Gibraltar com a esquadra de João Alvares de Avila, composta de vinte e um navios, derrotou-a, perecendo no combate os dois almirantes, e morrendo mais de dois mil homens nos vasos destruidos ou queimados aos castelhanos. Este desastre acabou de vencer as indecisões, e o duque de Borgonha, não sem repugnancia dos estados, obteve que o armisticio tambem se ampliasse á guerra maritima [1].

A negociação da paz dilatou-se por culpa do gabinete de Madrid, cuja arrogancia não podia dobrar-se a confessar os factos consummados, e mais ainda pela difficuldade de conciliar interesses incompativeis, creados pela guerra e fortificados pelo tempo. Filippe III firmou constrangido o documento, em que reconheceu a independencia das provincias. O principe Mauricio de Nassau, o melhor general dos estados, capitaneava o partido opposto á paz,

[1] Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, liv. VIII. — *Memorias para la historia de Philipe III*, Madrid, 1723. — *Historia del marquez Vergilio Malvezzi*, liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e combatia-a como funesta ao seu engrandecimento pessoal, e como incidioso artificio dos hespanhoes para adormecer e desarmar a patria. Do lado opposto lutava a rasão pela bôca eloquente do advogado geral da provincia de Hollanda, João Barnevelt, o qual, exaltando os beneficios do socego para populações ha tantos annos cortadas de estragos, asseverava que, de um accordo firmado com vantagem, nenhum perigo remoto ou proximo podia resultar. Accederam os estados geraes, e o praso da suspensão prorogou-se até se concluir o tratado. A primeira condição dos embaixadores das provincias unidas foi, que el-rei e o archiduque renunciassem os direitos de soberania, deixando de usar de titulos, escudos e brasões allusivos ao dominio anterior. Os duques de Borgonha concordaram, mas com a clausula positiva, de que os estados se haviam de abster do trato e navegações das Indias orientaes e occidentaes e dos portos de Africa. Repudiaram os plenipotenciarios a base como inaceitavel. Insistiram por ella castelhanos e flamengos. Tornou-se logo mais do que incerto o exito das conferencias [1]. 1600 a 1608

Dois pontos graves, disputados com vehemencia, concorriam para atalhar bastante a solução. Os ministros de D. Filippe e do archiduque pediam o livre exercicio da religião catholica nas provincias unidas, concessão que os confederados recusavam, reputando-a suspeita. A restituição das praças e territorios, mutuamente occupados durante a guerra, offerecia tambem embaraços. A questão então assumiu proporções maiores, e tornou-se europeia. O imperador Rodolpho II, Henrique IV, o eleitor palatino,

[1] Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, liv. VIII. — *Memorias para la historia de Philipe III*, Madrid, 1723. — *Historia del marquez Vergilio Malvezzi*, liv. II. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 a 1609 o eleitor de Brandebourgo, Jacques I de Inglaterra, o landgrave de Hesse, e varios principes allemães, intervieram para facilitar a paz por via de seus embaixadores. Queriam que mais ou menos a Hespanha dependesse d'elles [1].

O padre Ney tinha partido para Madrid, e demorava-se. Cansados de tantas delongas os deputados neerlandezes exigiram respostas categoricas. Filippe III deu-as finalmente. Annuia ao reconhecimento da independencia dos estados sob condição de que haviam de prohibir a navegação das Indias auctorisando o exercicio da religião catholica. Era aggravar a difficuldade em vez de a destruir. Aproveitando a irritação causada pelo *ultimatum* da côrte hespanhola o principe Mauricio de Nassau envidou todos os esforços, e esteve a ponto de romper as negociações. Acudiram a França e a Inglaterra, aconselhando, em logar do tratado de paz, uma tregua por longo praso, menos custosa de ajustar. As provincias adheriram á excepção da Zelandia, e tudo se inclinou ao desenlace desejado. Faltava, comtudo, o consentimento do rei de Hespanha, e receiavam-se grandes obstaculos. Os archiduques, os plenipotenciarios britannico e francez, e até o marquez de Spinola redobraram as instancias, a principio com pouco fructo; os adversarios da tregua em Madrid clamavam, que os archiduques sacrificavam o decoro e o esplendor da monarchia ao desejo de firmar a posse do ducado de Borgonha, que os embaixadores de Henrique IV e Jacques I trabalhavam em favor dos estados, e não dos senhorios de Castella; e, emfim, que o marquez de Spinola, impaciente de embolsar as sommas adiantadas para soldos, apressava a

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, tom. x, liv. LXIII. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

convenção a fim de cobrar mais cedo a sua divida. O duque de Lerma, temendo alienar o clero e a nobreza, vacillava. Escrupulos de consciencia e rasões de estado demoravam a sua decisão. Por ultimo venceu a paz. Quando el-rei ouviu o conselho, D. Pedro de Toledo e D. Balthazar de Zuniga foram os unicos votos contrarios, e, embora invocassem a honra das armas hespanholas, o perigo de uma tregua fementida e a ruina provavel dos interesses mercantis, suas rasões não prevaleceram. As consultas dos conselhos de Portugal e das Indias, adversas ao accordo, lidas perante o soberano, tambem não abalaram a resolução antecipada. Ponderando que os dois annos da suspensão de armas não haviam sido menos nocivos á navegação e ao commercio das duas corôas, do que os quarenta e cinco de guerra viva, os conselhos asseveravam, que mais valia a luta, do que a tregua incidiosa com a communicação aberta aos hollandezes dos portos do Mexico, do Perú, das Molucas e das Indias orientaes, lembrando que talvez elles se contentassem com o trato do Japão, e com a venda da especiaria em Lisboa e Sevilha por preços rasoaveis. A côrte, vencida, mas não persuadida pelas supplicas dos archiduques e dos alliados, fechou os ouvidos ás objecções, e assignou o tratado de 9 de abril de 1609, o qual, por doze annos interrompia as hostilidades, declarando livres e independentes as provincias unidas, e ficando as potencias belligerantes na posse das praças e cidades que lhes obedeciam á data do convenio [1]. 1600 a 1609

Filippe III mandou pôr em vigor em seus reinos a tregua com os hollandezes; mas recommendou ao mesmo

[1] Henri Martin, *Histoire de France*, tom. x, liv. LXIII. — Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, liv. VIII. — *Memorias para la historia de Philipe III*, Madrid, 1723. — *Historia del Marquez Vergilio Malvezzi*, liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1600 tempo ás auctoridades coloniaes do Brazil, e provavel-
a 1609 mente ás da Asia e da Africa, que expulsassem os hollandezes de suas praias [1].

Obrigado a ceder na Europa queria que nós resistissemos fóra d'ella, exigencia injusta, porque o tratado excluia indirectamente da tregua os dominios ultramarinos da corôa portugueza, estipulando que esta existia só da linha para cá, deixando por isso expostas aos assaltos das armadas neerlandezas as conquistas da Asia e da Africa. Nasceu esta fatal interpretação da phrase equivoca do artigo 4.º, por calculo tão obscuro, que o presidente Richardott confessava depois, que nunca a entendêra. Restringindo o commercio hollandez aos portos e territorios da Europa Filippe III acrescentára, quanto aos dominios coloniaes, «que os senhores estados não teriam com elles trato ou communicação, sem licença especial de el-rei, *podendo, todavia, se lhes conviesse,* negociar com as terras dos outros principes e povos, *se elles lh'o consentissem,* embora situadas alem d'estes limites [2].

O resultado foi estabelecer a paz de um lado da linha e continuar a par a guerra do outro contra as possessões portuguezas, fechadas pelas ordens do governo ao commercio estrangeiro. Dando ao tratado a latitude que mais lhes aproveitava, os hollandezes entraram na Asia e na Africa, travaram amisade com os regulos e habitantes, maguados do nosso jugo, e convertendo o odio da sujeição em hostilidade aberta, principiaram a disputar-nos os mares, os territorios, as feitorias, e as allianças com incalculavel prejuizo das navegações e monopolios. A indi-

[1] Carta regia de 23 de setembro de 1610 ao governador da Bahia.

[2] Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra,* liv. VIII. — *Historia del Marquez Vergilio Malvezzi,* liv. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

gnação rebentou por este motivo contra o tratado de 1609 1609
em Lisboa. Offendidos da indifferença, com que viam desprezados seus interesses, e reputando-se sacrificados pelo gabinete do Escurial, os portuguezes suppozeram que só o intento de desfallecer de proposito o reino podia decidir Filippe de Castella a subscrever tão funesta concessão. As apparencias davam côr ás accusações. Frustrando-nos das vantagens da tregoa, e convertendo-a, pelo contrario, em causa permanente de ruina para nós, a diplomacia hespanhola commettêra um erro indesculpavel. Os successos posteriores tornaram depois os males tão activos, que este foi sempre um dos maiores aggravos contra a dominação estrangeira [1].

Occorreu no meio dos incidentes da negociação um episodio, que podéra ter avultado muito se a politica do conselho de Madrid olhasse mais para o futuro, mas, que desaproveitado, se converteu com o tempo, segundo veremos, em provocação de maiores infortunios. Filippe III tinha mandado á Persia no caracter de embaixador a D. Garcia da Silva. O famoso Schah-Abbas, principe habil e guerreiro, respondêra á mensagem em uma carta, larga de protestações de amisade, e, o que era mais importante do que a emphase do estylo oriental, meditada para transformar com facilidade em alliança offensiva e defensiva a frieza obsequiosa das relações actuaes. O governo contentou-se com a satisfação pueril dos comprimentos, e deixou dormir nos archivos a carta e a negociação encetada. A curiosa noticia, que fr. Belchior dos Anjos compoz da jornada de D. Garcia, foi a unica realidade d'esta enviatura, que ficou nas boas palavras dos principes, e nos presentes

[1] Bentivoglio, *Delle guerre di Flandra*, liv. VIII. — João Pinto Ribeiro, *Usurpação, retenção e restauração de Portugal*. Lisboa, 1642.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1609 magnificos com que se brindaram mutuamente. Quasi pela mesma epocha o schariff de Fez, Mouley Scheik assaltava as costas de Portugal com quatro navios, e suas tripulações entravam e saqueavam Villa Nova.

Por este tempo succedeu o assassinato de Henrique IV, em maio de 1610. Os portuguezes, que não tinham perdido a idéa de se libertar, deploraram, quasi como calamidade nacional, a morte do rei de França, no qual firmavam as ultimas esperanças. Singularisaram-se em Lisboa os collegios da companhia por suas exequias sumptuosas, inculcando profundo sentimento pela perda do principe, que a essa hora seus socios eram accusados de terem precipitado, armando o braço de Ravaillac[1]. Se de feito os jesuitas de Paris folgaram com o attentado, como se disse, a contradicção não seria tão innocente, como as apparencias inculcavam. A companhia de Jesus, apesar de passiva na obediencia, na apreciação politica dos homens e das cousas, seguia os interesses e paixões dos povos, engrandecendo em uma parte o que deprimia ou immolava na outra. Os defensores da independencia choraram com rasão em Portugal a perda de Henrique IV. O rei estava a ponto de romper a luta ha tanto tempo premeditada contra a casa de Austria. Tinha dispostos os alliados e os soldados, e partia no dia seguinte para abrir a campanha. Se a côrte de Madrid respirou, vendo baixar ao tumulo improvisamente o maior adversario do seu poder, os descontentes e opprimidos lamentaram pelo mesmo motivo o golpe,

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-10, doc. 9, 37, 43, 46 e 66.—Officio do conde Barrault de 16 de fevereiro de 1608.—Officios do embaixador mr. de Vaucelles de 19 de setembro, 3 e 21 de novembro de 1608 e de 16 de março de 1609, cod. 228-12, doc. 36.—Jornal do padre l'Étoile de 23 de maio de 1610.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que vinha cortar-lhes as derradeiras esperanças. Henri- 1609
que, não só protegêra o prior do Crato, como por via de seus agentes nunca deixára de alentar os brios portuguezes. O duque de Lerma tinha-se queixado por vezes da hostilidade, que os conselhos da França alimentavam, mas debalde. O rei com palavras cortezes declinava as queixas, mas não se apartou do caminho traçado. Quando a morte o feriu estavam amadurecidos seus vastos planos, e achava-se a ponto de os executar. A politica hespanhola encontrou depois no cardeal de Richelieu o continuador perseverante dos designios do chefe da dynastia dos Bourbons[1].

A tregua de 1609, mesmo negociada com perfeita reciprocidade, só tarde poderia suavisar para nós o effeito de tantos annos de guerra nas colonias. No anno de 1607 a 1608 o quadro da fazenda publica revela a verdadeira decadencia, que se procurava disfarçar ainda, mas em vão. Os rendimentos da corôa de Portugal, orçados, mas não realisados, (como veremos) calculavam-se na totalidade em 1.672:270$030 réis; as despezas ordinarias avaliavam-se em 1.321:887$788 réis. Deviam sobrar, portanto, satisfeitos os encargos, 350:382$262 réis, computado o rendimento da India.

As receitas decompunham-se da maneira seguinte:

Reino e suas rendas	911:349$430
Pimenta (20:000 quintaes)	240:000$000
Direitos das cinco naus	150:000$000
Direito do anil	7:500$000
Um por cento da pedraria	7:500$000
Estado da India	355:560$600
Fretes das naus	360$000

[1] Henri Martin, *Histoire de France,* tom. x, liv. LXIII. — Flassan, *Histoire de la diplomatie française,* tom. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1609 e 1610 As despezas comprehendiam:

Reino	546:631$016
Juros	206:200$498
Tenças	167:548$231
Ordenados	165:830$443
Estado da India	235:677$600

Se os factos não estivessem atrás dos algarismos para os desmentir, as queixas do paiz e as confissões dolorosas do governo seriam absurdas. Mas, examinando com attenção as diversas verbas de receita e de despeza, logo a verdade transparece por entre as exagerações[1]. As sommas, que mais avultavam depois do rendimento geral do reino (alfandegas, consulado, sizas, contratos, almoxarifados e outras fontes) derivavam-se da navegação e commercio da Asia, em que as perdas eram successivas e repetidas, desde que se tinham rompido as hostilidades com a Hollanda, e que ella nos infestára as conquistas. Alem d'isto o systema de arrematar as rendas, reduzia muitas vezes, a par da abdicação moral do estado, a metade, e a menos, os preços contratados. O estado da India, desde que os estrangeiros o haviam assaltado, custava gastos constantes, e produzia lucros incertos. O Brazil requeria soccorros, e não os dava; e as despezas extraordinarias todas os annos venciam quasi no dobro a somma dos excedentes suppostos, que, mesmo sem ellas, com frequencia se havia de converter em *deficit*[2].

[1] *Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India, e ilhas adjacentes*, por Luiz de Figueiredo Falcão, impresso por ordem do governo. Lisboa, 1859. Cada quintal de pimenta valia 430 cruzados e o direito pago por cada nau eram 30:000$000 réis.

[2] Para provar a exactidão do que asseverâmos poucos exemplos bastam. As alfandegas arrendadas a João Rodrigues Solis, Manuel

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

O modo por que se fizera o assentamento dos juros e 1614
tenças concorria tambem para aggravar os embaraços. Só o rendimento das alfandegas de Lisboa, um dos mais seguros da corôa, respondia por 85 contos de juros e 22 de tenças (107 contos sobre 186!). As sizas dos pannos, as alfandegas maritimas e portos seccos, as casas fiscaes, que arrecadavam os direitos de consumo, as almadravas do Algarve (direitos de pesca do atum) e os almoxarifados, afóra o pagamento dos ordenados e de varias despezas do estado, a que tinham as receitas obrigadas, satisfaziam os restantes 266:000$000 réis, em que importava o encargo ordinario das duas verbas. A confusão dos livros dos juros, e talvez o dolo de sua inscripção, eram taes, que só por via de escrupulosa liquidação se esperava desenredar o que na realidade fosse devido por titulo legitimo, creando padrões novos. As providencias do governo, mandando suspender o pagamento em 1614, e dictando praso limitado á conversão com a clausula dos possuidores não serem reconhecidos, senão pagando metade do nominal em dinheiro, apesar de violentas, não produziram effeito, por-

Gomes da Costa e Pero de Baessa em 1602 por 186:500$000 réis, passaram em 1607 para a administração do estado pelos prejuizos visiveis que se notaram. Á chancellaria da côrte acontecêra o mesmo. As cartas e o solimão, arrematados sem fiança a João de Olmedo em 1602 por 14:600$000 réis, em 1611 arrendaram-se a Manuel Nunes por 6:000$000 réis, ficando Olmedo devedor de tres annos (44:000$000 réis). Do consulado, arrematado por 56:410$000 réis em 1600 a Manuel Gomes da Costa por oito annos, devia até fins de 1604 o contratador 77:000$000 réis, e admittiu-se-lhe uma composição com a fazenda, em que esta cedeu de 40:000$000 réis, e elle emprestou 80:000 cruzados a juro de 6 por cento. Dos portos seccos arrematados em 1600 por Antonio de Castro por oito annos por 39:580$000 réis cada anno, devia o concessionario em 16 de julho de 1605, pouco mais ou menos, 76:000$000 réis. Perdoaram-se-lhe réis

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1614 que entre a ordem e a execução se levantava a necessidade de mais emprestimos. Com as tenças em uma e duas vidas succedia o mesmo. Subiam já a 27:000$000 réis annuaes os encargos das negociadas em Genova até fins de 1607 com a clausula de perpetuidade por Filippe Adorno, e tanto para estas, como para as de assentamento em vidas, as amortisações decretadas não representavam apenas um remedio lento, fallivel e transitorio. Se juntarmos a estas obrigações os interesses e cambios das antecipações nas praças de Flandres e de Italia, os sacrificios exigidos pelos presidios e armadas, e as perdas annuaes de navios e carregações preciosas nas viagens da India de ida e volta, provar-se-ha com evidencia, que o thesouro, não só não contava excedentes, como todos os dias era forçado a empenhar os melhores rendimentos, cerrando os olhos ás fraudes dos contratadores, e aceitando, quasi como favores, as condições dictadas pelos capitalistas estrangeiros e pelos argentarios nacionaes.

A corôa de Castella longe de auxiliar a de Portugal valia-se de mil pretextos para extorquir dinheiro ao reino,

17:000$000 réis, e contratou-se depois a mesma renda por réis 32:000$000 com Braz Gomes, o qual falliu. Eis a fé que merecem as avaliações das receitas mais certas. Em outras muitas verbas davam-se quebras e desperdicios iguaes. Na pimenta, que tambem andava contratada, as perdas e diminuições ainda eram maiores e mais sensiveis. Das trinta e quatro naus entradas em Lisboa desde 1586 até 1598 renderam em bruto as drogas e fazendas da India a somma de 1.227:074$347 réis, e pagaram de direitos 863:833$327 réis. Lucraram os contratadores 177:000$000 réis nas vinte naus durante os seis annos do primeiro contrato, e 187:000$000 réis nos quatorze do segundo. O estado deduziu da sua parte para descontos (de 1586 a 1592) 181:157$680 réis no primeiro contrato, e no segundo (de 1593 a 1598) 201:203$306 réis! A proporção augmentou nos annos seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

obrigando-o a responder por dividas, que não lhe pertenciam, e esquecendo-se sempre de acudir com os subsidios promettidos [1]. Mais arruinada ainda, do que a nossa, a fazenda da monarchia hespanhola lançava mão sem escrupulo de todos os meios para se melhorar. Eram os fructos da herança legada por Carlos V e Filippe II ao seu successor. 1614

[1] Vide *Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, Iudia, e ilhas adjacentes*, pag. 9 a 14.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO III

1612-1619

Segundo governo do marquez de Castello Rodrigo. — Queixas do reino. — Projecto de viagem do rei a Lisboa. Desconfianças reciprocas. Descontentamento geral. — Retirada do marquez. Sua morte. — Estado da fazenda. Providencias ácerca d'ella. — Conflicto da corôa com o colleitor apostolico, Octavio Accoramboni. Invasões do nuncio. Firmeza da côrte. — Vice-reinado do marquez de Alemquer. Opposição. — Vinda de Filippe III a Portugal. Subsidios e festejos. — Côrtes de 1619. Capitulos dos tres estados. Estado da opinião. — Politica inhabil do governo. Irritação. — Partida repentina do rei. Sua morte. Conclusão.

As queixas do duque de Lerma aos embaixadores francezes não eram infundadas. Desde a famosa embaixada de Saint-Goard, depois marquez de Pisani, os ministros de Henrique de Valois e de Henrique de Bourbon nunca tinham cessado de espertar em Portugal a opposição contra o governo hespanhol, e a côrte de Madrid, inquieta e presentida, sempre attribuiu a má vontade dos povos ás suggestões secretas dos estrangeiros. A plebe irritada amotinava-se ao menor pretexto, acommettendo os soldados castelhanos. Bastou um dia o supplicio de certo piloto, justiçado por delictos fiscaes, para ella se sublevar, cer-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1612 cando o palacio do vice-rei, e quebrando-lhe as portas e janellas ás pedradas [1].

A prudencia do marquez de Castello Rodrigo, que desde fevereiro de 1608 governava outra vez o reino, salvou Lisboa de scenas crueis. Mas D. Christovão de Moura, se pôde serenar sem effusão de sangue os movimentos convulsivos do odio nacional, não exercia predominio sufficiente em Madrid para abrir os olhos aos ministros, determinando-os a trilhar melhor caminho. Os privilegios jurados em Thomar por Filippe II offendiam o amor proprio do seu successor, coarctando o imperio do valido. Soavam mal em ouvidos aulicos as repetidas allusões dos tribunaes e dos vassallos a direitos restrictivos da auctoridade real. Quando as côrtes de Castella ouviam respeitosas as ordens do soberano, era pessimo exemplo para a Catalunha e o Aragão, ciosos dos antigos fóros, esta arrogancia de um pequeno reino. Pouco violento por indole e por calculo nunca o duque de Lerma se atreveu a rasgar claramente a patente das graças e mercês de 15 de novembro de 1582, mas sempre trabalhou por ir costumando Portugal á fusão completa, illudindo-lhe os aggravos com respostas evasivas, e adormecendo-lhe as suspeitas com promessas lisonjeiras.

Um dos capitulos de suas immunidades que o reino zelava com mais vigilancia, era o IV, no qual Filippe II promettêra, que os empregos superiores e inferiores de justiça, fazenda e administração seriam providos em subditos nascidos no paiz, e nunca em estrangeiros. Este

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-12, doc. 56. — Officio de mr. de Vaucelles, embaixador em Madrid, datado de 25 de setembro de 1610. D. Christovão substituiu em fevereiro de 1608 o bispo de Leiria D. Pedro de Castilho, o qual governou desde 1605 até janeiro de 1608.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

preceito traçava na realidade a verdadeira linha divisoria 1612
das duas corôas, annullando de facto a união. O gabinete de Madrid, violando-o, nomeou para o conselho da fazenda ministros hespanhoes, e desprezando depois as duvidas do bispo de Coimbra, D. Pedro de Castilho, governador do reino em 1605, ordenou que elles votassem em todos os negocios, menos sobre os que respeitassem sentenças proferidas em demandas particulares. Um alvará de 30 de novembro de 1607 prohibiu aos requerentes, sob pretexto de lhes poupar despezas e incommodos, a residencia em Madrid, mandando que as petições não fossem recebidas nas secretarias, e que os despachos das consultas do vice-rei e dos tribunaes se communicassem aos interessados unicamente em Lisboa. Este acto, que seguramente seria um favor para os que deixavam suas casas e seguiam os negocios na côrte, tornava-se n'esta occasião um castigo severo, porque entregava as pretensões desamparadas a protectores avidos, embaraçando os peticionarios de fiscalisarem ao menos o emprego das sommas extorquidas[1].

Estes aggravos, mais sensiveis pelas preoccupações, do que pelos effeitos immediatos, azedavam as rivalidades. O marquez de Castello Rodrigo, estadista difficil de illudir, advertia a côrte do estado dos animos, e convidava-a a ser vigilante, já que não podia convence-la a mudar de politica. A ausencia prolongada do rei, e a falta de convocação dos estados, eram as queixas mais constantes em Portugal. D. Christovão, ao que parece, avivou-as em seus officios, e Filippe III, incansavel em jornadas de recreio, por meiados de 1611 resolveu alongar até Portugal

[1] Carta regia de 30 de abril de 1605.—Alvará de 30 de novembro de 1607. — *Collecção de legislação portugueza*, pelo dr. José Justino de Andrade e Silva.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1612 uma de suas excursões, com a esperança de applacar o desgosto publico, que de dia para dia se aggravava. Entretanto coegido pelo aperto de meios, ou desejoso de arrancar algumas quantias aos subditos, começou por exigir subsidios avultados do paiz para as despezas da viagem, cabendo só á cidade de Lisboa a quantia de cem mil cruzados[1].

Ignorâmos se o soberano a recebeu, e se a consumiu com as outras sommas nas prodigalidades usuaes; mas sabemos com certeza que o reino estranhou a promessa não cumprida. No meio dos primeiros preparativos el-rei desistiu do intento. Affectando grande fausto, porém na verdade só movido pelo receio de entrar no reino pouco acompanhado, o rei tinha chamado as galés e soldados de Italia, não se julgando seguro, senão entre os piques e mosquetes de seus terços; e, como os gastos da jornada quasi equivaliam aos gastos de uma invasão, quiz que os vassallos lhe compensassem os sacrificios. Resentiram-se os portuguezes. A presença do rei, cercado de tropas e de navios estrangeiros pagos por elles, era um resgate, e molestava-os nos brios e na reputação ao mesmo tempo. Queixaram-se amargamente, e, lembrando a violação dos privilegios e o rigor dos infortunios, os principaes do braço popular e alguns do clero e da nobreza começaram a concertar as representações que haviam de elevar ao throno. Em janeiro de 1612 ao pedido da viagem acresceu logo a exacção ordenada contra os mercadores de Lisboa, dos quaes se exigiram trezentos mil escudos de donativo para

[1] Archivo municipal de Lisboa, liv. 1 de juros do tempo dos Filippes, fol. 26. — Alvará de 4 de maio de 1611, auctorisando a venda de 2:500$000 réis de juro das rendas da cidade, pagos pelo imposto dos reaes da carne e vinho para ajuda dos 100:000 cruzados, que Lisboa devia dar para os gastos da viagem de el-rei.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

o pagamento de tres navios e de quatrocentos soldados 1608
enviados á costa da Mina contra os hollandezes. Todas as classes romperam em clamores, e o marquez de Castello Rodrigo, vendo talvez imminente uma commoção, partiu em março para Madrid, entregando o governo a D. Pedro de Castilho, nomeado vice-rei pela segunda vez [1]. É de suppor que os conselhos de D. Christovão, chegado de fresco, e conceituado pela sisudez e larga experiencia, produzissem mais effeito, repetidos de viva voz, do que ouvidos de longe. Pelo menos logo se observou grande alteração nas ordens expedidas para os aprestos da jornada. A côrte diminuiu o prestito, com que primeiro a planeára. Por ultimo outros cuidados, ou novas distracções desviaram el-rei do proposito, e o projecto ficou inteiramente desvanecido.

Este foi o ultimo serviço prestado á casa de Austria pelo velho ministro de Filippe II. D. Christovão falleceu em dezembro de 1613 com mais de oitenta e cinco annos de idade. Sua aptidão e inteireza, louvadas pelo rei catholico e abonadas pelo testemunho dos contemporaneos, haviam-lhe grangeado a confiança do soberano mais dissimulado da Europa. Afastando-o da côrte, com missões honrosas, Filippe III respeitou sempre n'elle o confidente de seu pae. Moura merecia-o. Póde dizer-se que elle fôra o principal auctor da união de Portugal, e que nunca hesitára em antepor ao amor da patria e aos vinculos de familia a fidelidade jurada aos principes estrangeiros. Os dois reis retribuiram-lh'o. Aos titulos de marquez de Castello Rodrigo em tres vidas, e de conde de Lumiares para o seu primogenito seguiu-se a doação dos paúes da margem do Tejo, orçados em 5:000$000 réis de renda annual, e o pagamento in-

[1] Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-12. — Officios de mr. de Vaucelles de 7 de agosto de 1611 e de 6 de aneiro e 20 de setembro de 1612.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1613 tegral dos ordenados de vedor da fazenda. Suas riquezas calculavam-se em mais de quarenta mil escudos de renda e de quatrocentos mil ducados em moveis e baixellas. O conde de Portalegre D. João da Silva e o bispo de Leiria já o tinham precedido, e Miguel de Moura, seu cumplice na entrega do reino, fallecêra em dezembro de 1600. Jorge de Cabedo de Vasconcellos e Pedro Barbosa, cumulados de honras e de graças, haviam tambem desapparecido, um em 1605, outro em 1606. Assim, da geração que assistira á catastrophe de Alcacer e á invasão do duque de Alva, poucos restavam já, e o tempo, consumindo os homens, ía desvanecendo de anno para anno as paixões da luta. Os filhos dos parciaes de Filippe II e dos amigos do prior do Crato, dominados por interesses diversos, por força haviam de apreciar as cousas de differente modo [1].

A profunda mudança, determinada na politica do gabinete francez pela morte de Henrique IV não influia menos, do que a distancia dos successos, para desassombrar a côrte de Madrid. O reinado de Luiz XIII começára em 1610 com a regencia de Maria de Medicis, e o systema de Silleri prevalecêra nos conselhos da rainha, inclinada á alliança hespanhola. O grande Sully expiava em um desterro opulento a gloria de seu amo. Em 1612 o tratado de Fontainebleau affirmou pelo consorcio do rei com a infante D. Anna de Austria a liga offensiva e defensiva das duas corôas, sem extinguir comtudo o ciume dos povos e a rivalidade dos governos. Villeroi não se mostrou menos dedicado, do que Silleri, á amisade de Castella até novembro de 1612, em que falleceu. Cessaram logo as suggestões secretas e

[1] Cabrera de Cordova, *Relacion de las cosas sucedidas en la corte de España*, pag. 514.—Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-13, doc. 235.—Officio do embaixador de Madrid á rainha regente datado de 27 de janeiro de 1613.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

os estimulos indirectos, com que a França alimentára a 1613
nossa indisposição contra os hespanhoes. Portugal achou-se inteiramente só. O momento não podia ser mais propicio para uma reconciliação sincera[1].

Não se tentou, ou tentou-se mal, o que foi peior ainda. Demais, quando entre os governos e os subditos lavram profundas suspeitas, até as acções mais justas provocam desconfiança. O descontentamento publico derivava-se em grande parte de causas que a côrte não podia remediar, embora o desejasse. O estado da fazenda real, cada vez mais deploravel, minava as forças do reino, e os empyricos, cuidando melhora-lo, cada dia o iam aggravando mais. Cortaram-se os erros, que davam na vista, mas deixaram-se intactas as raizes, e d'ellas rebentaram pouco depois outra vez mais vivos os abusos. As mercês lucrativas subiam a sommas tão elevadas, requeriam-se com tanto despejo, e o patronato prodigalisava-as com tal desacerto, que por esta saida se esvaiam com desperdicio grandes cabedaes. Em 24 de abril de 1613 e 17 de janeiro de 1614 dictou o rei algumas regras prudentes para cohibir os maiores excessos, mas estes, superiores ás leis, sempre zombaram d'ellas. Uma das causas da crise, se não era a principal, foram os contratos, que opprimiam o erario empenhado por muitos annos. Os juros e cambios representavam encargos insoluveis. O governo, para se desafogar um pouco d'este peso insupportavel, incumbiu em 1614 Belchior de Teive de libertar por via de uma conversão forçada os padrões negociados a preços exorbitantes, trocando-os por titulos menos lesivos em uma e duas vidas, pagos na proporção de dez e doze mil o milhar, e

[1] *Les alliances royales et réjouissances précédentes les mariages, etc.*, Paris, 1618, 8.º—*Articles et conventions arretés en Espagne le 20 août 1612, etc.* Paris, 1318, 8.º—*Negociations de Bassompierre.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1614 prohibiu de futuro as emissões de juros e de censos a *retrò*, por preços inferiores a vinte mil o milhar[1]. Esta operação, que equivalia a uma bancarota, não desatou as difficuldades. Em 1617 e 1618 a corôa via-se obrigada outra vez a valer-se do imposto. As antecipações antigas e as dos ultimos tres annos já não lhe consentiam respirar. Receiando tocar nas sizas e contribuições directas sem o voto das côrtes aproveitou-se da materia collectavel, offerecida pelas alfandegas, e tomou para base da nova fonte de receita o sal exportado pelas barras de Lisboa, Setubal e Aveiro, o qual, arrematado por 30:000$000 réis a André Lopes Pinto, e bem administrado, promettia render o dobro. Encarregado o desembargo do paço de consultar a elevação do direito sem vexame do commercio (condição difficil), quiz el-rei, que elle propozesse igualmente a taxa, que poderia impor-se á entrada da manteiga e dos queijos estrangeiros[2]. A casa dos cinco despachava para consumo da cidade as fazendas transportadas do interior de Portugal e dos reinos de Castella por terra ou pelo Tejo abaixo, menos as sedas e pannos finos de Hespanha, que pagavam dez por cento na passagem da raia. Devia ser uma estação fiscal rendosa, mas as fraudes na avaliação, os falsos manifestos, e o contrabando directo tinham diminuido muito o seu producto. Mais severo um novo regimento procurou atalhar os abusos frequentes, e parece que o conseguiu nos primeiros tempos. Mas, o que podiam providencias soltas, occorrendo a este ou a aquelle symptoma da enfermidade, contra a desorganisação

[1] Cartas regias de 24 de abril de 1613 e de 17 de janeiro, 31 de outubro e 13 de dezembro de 1614.

[2] Livro da correspondencia do desembargo do paço, fol. 172 e 201.—Cartas regias de 20 de junho de 1617 e de 20 de junho de 1618.—Alvará de 18 de janeiro e carta regia de 11 de abril de 1620.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

geral filha de erros velhos e inveterados? De que valia, 1617
que, movido das queixas dos negociantes e dos armadores arruinados pelos roubos dos hollandezes e dos corsarios, mandasse o governo restituir o direito do «consulado» á primitiva applicação? Era uma gota de agua em um incendio. De que servia, que reputando insufficiente o direito, consignasse ao armamento das esquadras tudo o que se apurasse livre, ou se desempenhasse das rendas do estado em virtude da segunda conversão forçada dos titulos de divida? O mesmo que a repetição do preceito de não se tornarem a assentar juros e tenças em favor de particulares. Os estaleiros e os arsenaes continuaram ociosos e vasios, e a reducção da divida, negociada pelo conde de Sabugosa, vedor da fazenda, naufragou contra os mesmos obstaculos, que tinham annullado os effeitos da operação de 1614. O estado não estava em circumstancias de dictar a lei, e os capitaes, negando-se ou recolhendo-se, zombavam dos diplomas do fisco. O *deficit* progressivo coegia a fazenda a novas transacções, assegurando a superioridade aos monetarios, que nos premios de risco se indemnisavam largamente das perdas recentes [1].

Outra questão, menos grave na apparencia, porém assás melindrosa e complicada em si, inquietou por estes annos o governo. Entre a corôa e os agentes da curia romana suscitou-se um conflicto, em que a rasão favorecia Filippe III, mas que a opposição politica e religiosa, que principiava de novo a avultar, aproveitou para perturbar a consciencia dos povos. A independencia nominal do reino auctorisava o papa a conservar seus nuncios em Lisboa, e a pontualidade em os nomear inculca, que ainda se encontravam copiosas fontes de receita no reino. Durante o

[1] Alvará de 2 de julho de 1617.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1617 periodo attribulado das alterações civis não se desmentiu a habilidade da politica pontificia. O nuncio Sauli, apenas morreu o cardeal-rei, passou a Madrid, e Alexandre Frumenti prestou grandes serviços ao gabinete de Madrid. A despeito da missão de concordia de Reali, patriarcha de Alexandria, a curia, em 1580, prevendo a victoria do rei catholico não se lhe mostrou hostil em Portugal, e a graça especial, liberalisada ao archiduque Alberto, de accumular com o vice-reinado as funcções de legado *a latere*, e depois as de inquisidor geral, provou as intenções amigaveis da santa sé. Os curiaes não se descuidaram n'este meio tempo, porém, de explorar uma nova mina de rendimento, exigindo para a camara apostolica, como legitima herdeira, os bens dos religiosos fallecidos fóra do claustro, qualquer que fosse o modo por que tivessem sido adquiridos. O colleitor Decio Carrafa, succedendo ao milanez Fernando Taberna, sustentára a pretensão, prevalecendo-se entre outros pretextos de um attestado do dr. João Gonçalves, conego e vigario geral de Lisboa, passado em outubro de 1598, e ousando exigir mesmo em uma carta, datada de 6 de dezembro de 1606, do secretario de estado esta lucrativa ampliação dos limites de sua jurisdicção. Resistiram os ministros portuguezes. A controversia prolongou-se pelos annos de 1607 e 1608, assistindo já na côrte Fabricio Carraciulo com o caracter de nuncio, e tomando activa parte n'ella o seu auditor Jacome Ferraguoli. Em 1610 entendeu o governo, que devia defender em Roma os direitos da corôa, e encarregou da enviatura Francisco Pereira Preto, munindo-o das instrucções necessarias para esclarecer o assumpto [1].

[1] *Symmit. Lusit.*, vol. XLIII, §§ 6.º e 15.º — Archivo nacional da Torre do Tombo, Corpo chronologico, part. I, masso 114, doc. 91 — *Symmit. Lusit.*, vol. XXXV, §§ 3.º e 4.º — Bibliotheca nacional de

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Gaspar Pauluci Alberoni, fallecido em Lisboa no anno 1617
de 1614, é provavel que não levantasse mão do negocio, mas faltam noticias que o affirmem. Finalmente em 1615 mandou Paulo V a Portugal, como colleitor, o bispo de Fossambruno, Octavio Accoramboni, e nos tres breves, em que lhe conferiu a jurisdicção, incluiu poderes especiaes para elle arrecadar os espolios dos religiosos. O conselho, em dezembro de 1616, examinando as letras apostolicas, notou a clausula, tratou-a de novidade exorbitante; e duvidando el-rei conceder o *exequatur* sem os breves serem reformados n'esta parte, advertiu por essa occasião ao prelado romano, que se abstivesse de nomear sub-colleitores para o continente e para as colonias, e de se introduzir nas questões internas dos conventos e nas causas sujeitas aos bispos, invadindo-lhes a jurisdicção. Accoramboni, se não oppoz de viva voz, ou por escripto, nenhum protesto, não deixou, por isso, de insistir, desprezando as condições do beneplacito, multiplicando os sub-colleitores, expedindo graças e privilegios para os claustros, e estabelecendo em toda a parte o fisco do papa sobre os bens dos religiosos. Ao mesmo tempo queixava-se ao cardeal Borghese do procedimento dos ministros e dos tribunaes. O conflicto já inevitavel rebentou em 1617. A irmandade dos livreiros de Santa Catharina do Monte Sinai, aggravada, recorreu do nuncio, e a casa da supplicação deu-lhe provimento. O colleitor não cumpriu. O juizo da corôa conheceu da força, e mandou intimar o bispo de Fossambruno. Aggressivo e obstinado, Accoramboni desobedeceu. Baixou ordem, então, para lhe serem occupadas as temporalidades, e n'esse acto foi preso o beneficiado

Madrid, Est. H. N. 49, fol. 405.—Instrucções de Francisco Pereira Preta em 1610.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1617 Miguel Leitão, famulo do bispo[1]. Inflammou-se o colleitor, e, excommungando as justiças de el-rei, fulminou interdicto localcontra a cidade de Lisboa, e interdicto de ambulatorio contra os ministros e officiaes, censurando ao mesmo tempo perante a côrte de Madrid a severidade com que era tratado.

Filippe III, revogando por menos regulares na fórma o auto de occupação das temporalidades e o assento do desembargo do paço, ordenou, que o colleitor fosse chamado e coegido a levantar o interdicto e as censuras, estranhando-se-lhe a perturbação da jurisdicção real, e as innovações intentadas com violencia manifesta contra o direito antigo e constante do reino. Accoramboni cedeu por esta vez. A 27 de julho de 1617 levantou o interdicto geral, ao tempo que a causa se discutia perante o tribunal do juizo da corôa defendida pelo padre Soares Granatense, oraculo da theologia da epocha. Dilatou-se a disputa, achou o padre Soares no dr. Thomé Pinheiro da Veiga adversario digno de suas letras, e persistiu o nuncio em não levantar as censuras aos juizes da corôa, e em desobedecer aos assentos do desembargo do paço. Informado do estado das cousas Paulo V expediu um breve a Filippe III, exhortando-o a emendar os aggravos commettidos em offensa das immunidades ecclesiasticas. A este diploma, datado de 4 de outubro, seguiu-se logo outro, lavrado dois dias depois, em que o papa condemnou os actos praticados em Portugal pelos ministros de el-rei contra a liberdade ecclesiastica, contra o colleitor e contra o auditor e seus officiaes, e concluiu ameaçando os executores das ordens regias com a excommunhão se não se arrependes-

[1] *Symmit. Lusit.*, vol. XLIII, § 4.º — Carta regia de 1616 em Osorio, *De Patronat.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sem. Era então agente de Portugal em Roma Salvador de 1618
Sousa. Seus esforços a principio pouco, ou nenhum effeito produziram; a curia irritada protegia o bispo de Fossambruno; mas, por ultimo, el-rei em uma carta severa ao nuncio deu-lhe a escolher entre a saída immediata dentro de oito dias, ou a submissão ás leis e aos tribunaes do reino (25 de março de 1618), cortando a contenda com um rasgo de auctoridade suprema, e mandando que se o colleitor não desistisse fosse expulso sem necessidade de outra ordem especial. A curia recuou. O idoso prelado foi chamado; e o bispo de Albenga, Vicente Landinelli, mais cortezão, veiu substitui-lo. No reinado seguinte veremos nascer quasi de motivos analogos outro episodio similhante, e teremos de louvar ainda a firmeza do soberano e dos ministros na defeza do direito de protecção [1].

As alterações da côrte de Castella, a quéda e o desterro do duque de Lerma, e a elevação do duque de Uzeda, que, apesar de filho, fôra por muitos annos implacavel inimigo do valimento do cardeal, influiram, postoque indirectamente, na administração politica de Portugal. D. Francisco de Sandoval e Rojas caiu em outubro de 1618, e o seu successor, preoccupado com os avisos repetidos de Lisboa, procurou minorar o descontentamento geral do reino. Depois do ultimo governo do marquez de Castello Rodrigo (1608–1612), e do segundo do bispo conde D. Pedro de Castilho (1612–1613), recaíra a nomeação da corôa no arcebispo de Braga, D. Aleixo de Menezes, bem conceituado pela auctoridade da pessoa e pelo

[1] Carta regia de 4 de julho de 1617.— *Symmit. Lusit.*, vol. IV, §§ 1.º a 64.º, e vol. XLVI, §§ 99.º e 100.º— Archivo nacional da Torre do Tombo, Corpo chronologico, part. I, masso 116, doc. 91.—Carta de el-rei ao bispo de Fassambruno de 25 de março de 1618. —Breves de Paulo V de 4 e 6 de outubro de 1617.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1618 respeito das qualidades, que o ennobreciam; mas as circumstancias, tornando incomportavel para forças mesmo juvenis a tribulação dos negocios, desnorteavam o prelado cortado de trabalhos. Voltára da jornada de Madrid, aonde o tinha levado o desejo de acudir á oppressão do rebanho bracharense, com mais esta algema nos pulsos, honrado, alem do vice-reinado, com os cargos de presidente do conselho de Portugal, de capellão mór e de prior mór de Guimarães. Por fim as supplicas reiteradas alcançaram-lhe a liberdade, e D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, substituiu-o, por insinuação do duque de Lerma, desde julho de 1615 até março de 1617. Seguiu-se-lhe D. Diogo da Silva e Mendonça, conde de Salinas, e marquez de Alemquer, escolha mal aceita, como fôra em 1600 a do marquez de Castello Rodrigo. Notavam os descontentes que o nascimento de D. Christovão, e a baronia do conde de Salinas os faziam mais castelhanos, do que portuguezes. Alem d'isto as classes aristocraticas reputavam-se deprimidas com o mando de homens sem titulo sufficiente, a seu ver, para subir tão alto. Menos consummado politico, do que Moura, o marquez de Alemquer nos tres annos incompletos, que regeu o estado, teve sempre contra si a opposição latente, ou manifesta, do povo e da nobreza, creando-lhe obstaculos, que mais de uma vez o obrigaram a arrepender-se do pesado encargo que aceitára[1].

[1] João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. II, append. V, pag. 199 e 200. — D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico*, pag. 9, Lisboa, 1645. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-15, doc. 177 e 198. — Officio do embaixador mr. de Grenelle de 23 de março de 1619. — Archivo municipal de Lisboa, liv. I de juros do tempo dos Filippes, fol. 29. — Alvará de 20 de abril de 1619.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Quando o duque de Lerma se recolheu da côrte a suas 1619
terras já D. Diogo da Silva lutava com grandes difficuldades, e suas confidencias ao duque de Uzeda, abalando o animo do valido e do rei, tornaram a avivar a idéa de uma viagem a Portugal como remedio unico dos perigos, que a ausencia do soberano e as deficiencias do governo estavam inculcando. Em 1619 avultaram por modo tal os embaraços, que Filippe III, vencendo a indecisão, communicou ao reino em carta datada de 23 de março para o vice-rei a noticia da jornada, aprazando-a para 10 ou 12 de abril, e encarregando-o de a participar ao conselho de estado, á camara de Lisboa, e a todo o paiz. Serviu de pretexto o juramento do principe, como herdeiro da corôa, mas a verdadeira causa foi a que indicámos. Não se esqueceu a côrte de utilisar a viagem em proveito da fazenda real, pedindo, e obtendo donativos avultados em dinheiro para ajuda das despezas. Só a cidade de Lisboa por sua parte pagou duzentos mil cruzados, alem das quantias despendidas com os festejos. Ás outras cidades e villas coube tambem não pequeno quinhão, e as terras mais ricas prepararam-se para hospedar o monarcha com magnificencia. O soberano cumpriu d'esta vez a palavra dada, saindo de Madrid a 26 de abril acompanhado do principe, dos infantes, e de esplendido cortejo de fidalgos, ministros e conselheiros. A 13 de maio entrou em Elvas e Extremoz, e a 14 veiu descansar a Evora[1].

Filippe III por ostentação de sentimentos piedosos resolvêra assistir em Evora a um auto da fé. Por ordem sua escreveu de Alquera, em 3 de maio, o conde de Ficalho, duque de Villa Hermosa, ao presidente do conselho de Portugal e aos inquisidores, prevenindo-os, e pedindo-lhes

[1] Cartas regias de 23 e 28 de março de 1619.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 copia do ceremonial usado no tempo de el-rei D. Sebastião. Depois de visitar as escolas, de ouvir disputar algumas theses de philosophia, em que sobresaiu o irmão do marquez de Ferreira, D. Rodrigo de Mello, e de applaudir a representação de uma obra dramatica executada pelos estudantes, e realçada por dansas e folias, tramoias e transformações de monstros e figuras, veiu el-rei contemplar, por fim, durante algumas horas o espectaculo doloroso do auto da fé, que durou quasi todo o dia, desde pela manhã até ao pôr do sol[1]. Apenas havia entrado em Elvas expedíra ao marquez de Alemquer uma carta regia (10 de maio) pela qual o desobrigára, emquanto a côrte residisse no reino, dos deveres do governo, conferindo-lhe poderes especiaes para acudir aos assumptos de necessidade. Outra carta posterior (17 de junho) auctorisou-o a assignar em seu nome os despachos e provisões urgentes para depois serem reformados e rubricados pelo soberano. De Evora passou D. Filippe a Montemór, aonde servia de alcaide mór D. João Mascarenhas, e continuando o caminho sem interrupção veiu pousar no dia 2 de julho a Almada, d'onde contemplou a formosa vista de Lisboa illuminada, e da bahia do Tejo coalhada de bergantins, galeotas e escaleres embandeirados[2].

Apesar do jubilo e das acclamações o soberano não se mostrava desaffrontado. Os regosijos officiaes não o tranquillisavam. Sabia, que atrás dos arcos de triumpho, das illuminações, e dos discursos congratulatorios existia a

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. VIII. — Sardina Mimoso, *Relacion de la real trigomedia con que los padres de la compania de Jesu recebieron a la magestade catholica de Filipe III*, fol. 128.

[2] Ibidem. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-15, doc. 194 e 196. — Officios de mr. de Grenelle.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

opposição dos interesses, dos costumes e do patriotismo. 1619
Tinha convocado os estados do reino para 20 de maio em Thomar, e, mudando de parecer, mandára depois que se reunissem em Lisboa a 14 de julho. Nas eleições nenhum dos adversarios conhecidos de Castella alcançára procuração do braço popular nas cidades e villas; assim mesmo temia-se, que a voz da justiça fallasse mais alto, do que a adulação, e ensaiavam-se de antemão os methodos mais expeditos para encerrar os estados mal se concluissem os negocios de maior vulto. A representação nacional, mesmo incompleta e mutilada, assustava o herdeiro de Filippe II. Os portuguezes, diziam alguns ministros castelhanos, cada vez mais hostis á união, tramavam pedir a el-rei, que o principe herdeiro os regesse, pretensão já indeferida em sua mente, mas que revelava a indole do paiz e suas tendencias irresistiveis. Alem d'isto não ignorava tambem a côrte, que os estados haviam de queixar-se do vice-rei e da infracção dos capitulos jurados em Thomar[1].

Estas noticias, mais ou menos exageradas, subiam aos ouvidos de el-rei, inquietando-o. Para maior perplexidade acresceu a animosidade do duque de Bragança e do duque de Uzeda, convertida em odio mortal no peito do valido soberbo, que não perdoára a D. Theodosio a altivez, talvez imprudente, com que lhe negára o tratamento de excellencia, e depois a firmeza com que sustentára as prerogativas da sua casa na visita de Elvas. Do conflicto, disfarçado com soberano orgulho pelo duque de Bragança, podiam nascer complicações, que o timido Filippe III receiava muito[2].

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-15, doc. 194 e 196. — Officios de mr. de Grenelle.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 Suppondo o duque ambicioso, os hespanhoes viam n'elle em sua desconfiança o chefe de uma restauração, e o penhor da obediencia e submissão dos portuguezes; por isso, procurando attrahi-lo com graças e distincções, tratavam cuidadosamente de o afastar dos cargos, em que podia colher influencia [1].

Demorou-se a côrte oito dias em Almada. Depois de ordenar aos fidalgos e titulares, que o esperassem em Lisboa, mudou el-rei a residencia para o mosteiro de S. Jeronymo de Belem, aonde se deteve um mez antes de fazer a entrada publica. Deu-se por motivo da demora a necessidade de concluir os aprestos dos festejos; mas os que penetravam os segredos do paço accusaram o valido de affectar receios ácerca da segurança do rei na populosa cidade sem a escolta das galés de Hespanha. Chegaram ellas, por fim, e a 29 de junho, pelas duas horas da tarde, embarcou Filippe III, subiu o Tejo, e veiu saltar na ponte do Arco dos Mercadores, rodeado de luzido prestito. Doze galés e mais de dois mil baixeis vistosamente ornados seguiam a galeota real, á qual Neptuno saiu ao encontro no meio das aguas, tirado em um carro marinho por quatro phocas, e acompanhado de tritões montados em baleias, espadartes, e crustaceos enormes. O deus dos mares, dando a el-rei os emboras da boa vinda, encorporou-se no sequito. Estava a cidade armada com magnificencia. Os cavalleiros e a nobreza reunidos á bôca da ponte e no terreiro aguardavam o soberano cobertos de joias e de telas custosas. Deslumbravam a vista a variedade das cores e invenções nos vestidos, o matiz das bordadu-

[1] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. xv, part. iii, liv. iii, cap. viii. — Sardina Mimoso, *Relacion de la real tragicomedia con que los padres de la compania de Jesu recebieron a la magestade catholica de Filipe III*, fol. 134 e seguintes. Lisboa, 1820.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ras e recâmos, o preço e o brilho dos botões, collares, e 1619
broches de diamantes, rubis e esmeraldas. Os reis de armas, arautos e passavantes com suas cotas, os titulares e os officiaes móres da casa com suas insignias rompiam caminho a custo, precedidos das tres guardas reaes, por entre as alas dos senhores, e depois por entre as ondas do povo.

Os arcos erguidos á entrada das ruas principaes suspendiam a vista pela diversidade, grandeza e formosura. As classes mais ricas, os officios embandeirados, e os estrangeiros, repartindo entre si a immensa fabrica, e rivalisando em sumptuosidade, haviam tornado Lisboa uma verdadeira cidade de fadas. Estatuas, porticos, pedestaes, toldos, e figuras, recreavam a vista de poucos em poucos passos. O primeiro arco, o dos negociantes, obra prima e dispendiosa, rematava no centro com o vulto colossal de Lisboa, offerecendo as chaves na mão direita, e sopesando uma ancora na esquerda. No pelourinho velho via-se o arco dos inglezes, levantado pelos officiaes da bandeira de S. Jorge, e defronte o arco dos armadores, menos rico, porém mais bello pela singeleza. Os italianos encarregaram-se das portas da Sé, adornando-as de emblemas allusivos. Os flamengos, finalmente, escolheram a rua Nova, e construiram n'ella um edificio de cento e vinte pés de altura e de sessenta e cinco de largura. Columnas, pedestaes, e bases ornadas de dezesete estatuas com um frontão maravilhoso tornavam esta uma das mais soberbas decorações. D. Filippe tinha atravessado lentamente por meio de tantas pompas até á velha cathedral, aonde, recebido debaixo do palio pelo arcebispo D. Miguel de Castro, e assistido de toda a côrte, ouvira o *Te Deum* e as orações do costume. Depois, cerrada a noite, e alumiado por cincoenta tochas nas mãos dos moços da camara, por bai-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 xo de arcos, festões e grinaldas e pisando alcatifas de flores, entrou no paço ao som dos instrumentos e vozes dos coros e orchestas. A magnificencia do triumpho foi tal, que, suspenso e enlevado, Filippe vencido no orgulho, exclamou por vezes: «Só n'este dia sei que sou verdadeiramente rei!»[1]

Em 14 de julho, na sala grande dos paços da Ribeira, celebrou-se a ceremonia do juramento do principe D. Filippe. O bispo de Miranda leu o discurso, que hoje chamariamos da corôa, e um dos procuradores de Lisboa, desembargador da casa da supplicação, respondeu a sua magestade em nome dos tres estados. Acabadas as duas orações ajoelhou el-rei e repetiu a antiga formula dictada pelo conde de Villa Nova no exercicio interino das funcções de escrivão da puridade. Serviam de testemunhas os arcebispos de Lisboa e de Evora e o bispo do Algarve. Filippe III prometteu administrar aos subditos justiça inteira, quanto a humana fraqueza lh'o permittisse, e guardar os bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquias dadas, outorgadas e confirmadas pelos reis, seus antecessores. Seguiu-se o juramento dos estados ao principe, reconhecendo-o por herdeiro e senhor natural do reino. O primeiro que o prestou foi o duque de Barcellos, D. João (depois D. João IV), e após elle o duque de Aveiro, os grandes, os marquezes e os condes, os alcaides mores, as cidades e villas, e o clero. O duque de Bragança, D. Theodosio, de pé ao lado do throno, na qualidade de condestavel, jurou em ultimo logar. Diz-se que em segredo tinha reclamado o juramento, declarando, que só coegido e violentado cedêra publicamente de seus direitos, e reservando-os de futuro se acaso se offerecesse occasião de os

[1] Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. iii. liv. iii, cap. viii.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sustentar. O odio do duque de Uzeda não o poupava entretanto. Quando se apeou á entrada do paço e se encaminhou para a sala das côrtes, um soldado, fingindo não o conhecer, quiz dete-lo e ao duque de Barcellos. D. Theodosio, inalteravel, desviou-o com a mão, e passou adiante, dizendo-lhe: «Abri de todo as portas, porque este negocio, que vae principiar, não póde fazer-se sem nós!» Á saída, estando os duques já a cavallo, travou-se um tumulto entre os mosqueteiros da guarda e os creados da casa de Bragança, e um soldado chegou a apontar as armas contra D. Theodosio. Alterou-se o povo, acudiram os fidalgos, e de certo rebentaria grave conflicto, se o duque, dissimulando, não continuasse a passo o seu caminho, affectando não fazer caso da ameaça. Sabia qual fôra a mão, que lhe quizera descarregar o golpe, e, como prudente, entendêra que disfarçar e calar n'aquelle momento era o alvitre mais prudente[1]. 1619

Tanto durante os dias, que residiu em Belem, como depois da sua entrada na capital, cuidou el-rei mais de se recreiar, do que de resolver as queixas dos vassallos, umas vezes animando as dansas das padeiras e collarejas, bailadas ao som dos adufes, outras, saindo a lançar as redes do Tejo, e não poucas liberalisando sorrisos e premios ás folias e chacotas, que os aduladores lhe representavam ser a expressão sincera e festiva do amor dos povos. De feito, o vulgo, credulo e amigo de novidades, acclamava-o nas ruas, rogando-lhe mil bençãos, porque mandára repartir pelos pobres vinte mil cruzados, e por tres dias suspendêra os direitos de consumo do peixe na cidade; mas as classes medias, o clero, e a nobreza come-

[1] Lafuente, *Historia general d'España,* tom. xv, part. iii, liv. iii, cap. viii.—*Historia genealogica da casa de Bragança,* tom. vi, pag. 273 e 274.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 çavam já a desenganar-se, de que a vinda de el-rei, tão desejada, lhes não trouxera allivio, nem remedio. Os procuradores dos estados, conferindo em assembléas separadas os respectivos aggravos, concordaram por mensagens sobre a ultima redacção dos capitulos geraes, discutidos em maio, approvando-os para subirem á presença do monarcha [1].

D. Filippe, para captar os animos, havia declarado, que não vinha pedir novos subsidios, mas pelo contrario que desejava diminuir os encargos actuaes. Agradeceram-lhe todos a intenção, mas não bastava. Não irritar o mal parecia insufficiente aos que suspiravam por uma cura radical. O braço popular requereu contra o abuso dos excessivos dotes nos casamentos dos fidalgos da casa real. A nobreza instou pela continuação das largas mercês, que Filippe II lhe prodigalisára, querendo que a corôa desde logo as confirmasse em seus herdeiros, apesar de absorverem o melhor dos rendimentos publicos. Alem das supplicas, nas quaes grangeava cada uma das classes os interesses proprios, havia pontos, em que todos tinham assentado previamente, queixando-se da violação systematica de muitos artigos importantes da patente de graças e privilegios de 1582. Entre outras infracções era apontada a facilidade, com que se haviam concedido aos vassallos de Castella os bens de corôa e ordens reservados pelas côrtes de Thomar exclusivamente para recompensa dos portuguezes, citando-se entre muitos exemplos escandalosos a doação do reguengo de Serpa e Moura ao duque de Lerma, a da villa de Alemquer, desmembrada da casa das rainhas, ao conde de Salinas, vice-rei; mais de trinta mil ducados de renda concedidos ao duque de Villa Hermosa; a commenda

[1] Cartorio da camara do Porto, liv. IV das propr., fol. 348 a 356. Os capitaes geraes eram vinte e seis e os especiaes vinte e um.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

de Alcacer dada aos marquez de la Fuente; e as mercês 1619
lucrativas, com que se enriqueciam os patrimonios do duque de Hijar, do conde de Fragiliana, e de varios senhores estrangeiros, emquanto se difficultava aos vassallos naturaes o despacho dos serviços prestados na Africa e na Asia com sacrificio do sangue e da fazenda. O capitulo II das propostas do estado ecclesiastico, reproduzido no capitulo XIII das da nobreza, e IX das do povo, suscitou outra questão melindrosa. Lembrando a letra expressa do artigo 15.º da patente de 1582 ácerca da fórma por que havia de ser constituido em Madrid o conselho de Portugal, inculcava a quebra flagrante das capitulações com a novidade introduzida n'este reinado de lhe nomear presidente, novidade encetada com D. Aleixo de Menezes, e continuada depois na escolha de D. Carlos de Borja, duque de Villa Hermosa. Os tres estados pediam a el-rei, que, para se honrar a si, e auctorisar mais o reino, supprimisse esta presidencia, imitando o louvavel procedimento de Filippe II, seu pae. Resentiu-se a côrte, e replicou, indeferindo a supplica verbal, sem esperar que viesse articulada nos capitulos. Depois de observar, que o texto do artigo não coarctava a liberdade da corôa, porque, designando na organisação do conselho as jerarchias, de que devia ser composto, por modo algum limitára as nomeações, concluia, declarando, que Filippe II *não havia jurado similhante artigo, antes requerendo-se-lhe que o jurasse, não fôra servido faze-lo!* [1]

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico*, fol. 14 v., Lisboa, 1645. — Lafuente, *Historia general d'España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-15, doc. 200. — Officio de 21 de julho de 1690 do embaixador francez mr. de Grenelle. — Manuscripto da bibliotheca real da Ajuda, collecção intitulada *Do governo de España*, tom. I, pag. 62.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 Esta rasão, raio de luz para o futuro, servia de lição á actualidade. A patente das mercês de 1582 ficava assim reduzida a puro acto de generosidade e de tolerancia real; e não obrigando a consciencia do monarcha e dos successores apenas dependia do motu proprio e do poder absoluto interpreta-la, restringi-la, ou annulla-la no todo ou em parte. Os estados desde este dia leram nas intenções da politica hespanhola o proposito deliberado de riscar a pouco e pouco da patente, um após outro, os privilegios, que afiançavam a independencia e a autonomia de Portugal, e desde então deve acrescentar-se, tambem, que se rompeu na coração da maioria dos vassallos o vinculo, já bem frouxo, que ainda os unia por lealdade á dynastia austriaca[1].

D. Filippe não se expoz a experimentar, depois de tão vivas demonstrações, a frieza e o descontentamento, que a má politica de seus ministros provocára. Inimigo do trabalho, e inteiramente passivo nas mãos dos validos, illudiu todas as esperanças, pouco, ou nada despachou, e vivendo recolhido, como em Madrid, escusava-se quanto podia, de ouvir os subditos. Na allocução recitada ás portas de Lisboa pelo dr. Ignacio Ferreira no estylo hyperbolico da epocha, o douto magistrado, exaltando o governo hespanhol como superior ao dos gregos, persas e romanos, insinuára, que a cabeça de toda a monarchia devia ser Lisboa, tão nobre por tradições, e tão rica de memorias e monumentos. Era um sonho innocente, com que os portuguezes já em 1581 se haviam enlevado, e que Filippe II, mais habil do que o filho, soubera paliar com palavras cortezes. Filippe III deixou o orador sem resposta. Aconteceu o mesmo a muitos aggravos, que as côrtes queriam

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico*, pag. 14 v., Lisboa, 1645. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

representar, e que o rei decidira desattender. A nobreza 1619
estranhava com rasão, que a corôa de Castella repartisse indistinctamente por todos os vassallos, menos pelos de Portugal, as honras, os cargos e os titulos dos dominios de Aragão, de Napoles, de Milão, da Sicilia e de Flandres. A exclusão continuou. Pediam os mercadores e armadores, que se lhes abrissem os portos das Indias occidentaes, especialmente sendo essas conquistas cultivadas por negros das nossas colonias, e por excepção odiosa negou-se-lhes sempre a communicação e o commercio do Mexico e do Perú.

Nos tribunaes castelhanos, nas igrejas e bispados, e nas universidades de Hespanha, poucos portuguezes conseguiam entrada, e esses mesmos deviam mais os despachos a qualidades singulares, ou a accidentes fortuitos, do que á consideração de obedecerem ao mesmo principe. A ordem do Tosão de Oiro ornava o peito dos aragonezes, dos borguinhões e dos italianos; mas depois da morte do duque de Bragança, D. João, não tornára a ser concedida a nenhum fidalgo nosso. Na casa real de Castella podiam citar-se, como raridade, os titulares e as damas do reino. Finalmente, por qualquer lado que se contemplasse a posição dos portuguezes, era sempre inferior e desgraçada. Só os reputavam bons vassallos para os sacrificios, mas tratavam-os quasi como parias em tudo o mais, abatendo-os e collocando-os abaixo dos outros subditos [1].

O resentimento das injustiças e o amor proprio ulcerado exaltaram o orgulho e a altivez de todas as classes, e a presença da côrte, azedava passados dias, em vez de os

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico.*—Lafuente, *Historia general de España,* tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1610 applacar, os odios, as paixões e antigas rivalidades. Os fidalgos offendidos do nenhum caso, que el-rei fazia d'elles, retrahiam-se, e murmuravam. As classes medias, não achando remedio, nem protecção contra os abusos, declamavam, maldizendo o dominio estrangeiro. O conselho d'estado, illaqueado pelos ministros hespanhoes, nada propunha ou decidia. Os castelhanos do sequito de Filippe III, vendo-se detestados, anciavam voltar a Madrid. No meio d'esta confusão o monarcha, como se quizesse alienar de proposito os animos, fugindo aos negocios, consumia o tempo visitando as igrejas, fazendo collações nos conventos, caçando e pescando. De repente, quando menos se esperava, manifestou, nos fins de setembro, a resolução de se recolher a Hespanha sem aguardar as proposições dos estados, allegando o estado da Allemanha como pretexto da saida, que podia dizer-se quasi evasão. Antes de se retirar determinára a convocação do capitulo geral da ordem de Christo em Thomar para outubro. O conselho d'estado tentou rete-lo na capital, mas não o conseguiu. Em vão, na consulta de 14 de setembro, lhe ponderou o perigo das febres paludosas depois das cheias do Nabão, a jornada trabalhosa de vinte leguas em estação impropria, a assistencia em Lisboa do maior numero de commendadores e cavalleiros, e a violencia de os forçar a novas despezas em Thomar[1].

D. Filippe cerrou os ouvidos a todos os argumentos, e partiu para Thomar, aonde celebrou o capitulo geral, tendo em 2 de outubro presidido em Setubal ao da ordem de Aviz. A 24 passou a fronteira, e para coroar digna-

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Echo politico.* — Lafuente, *Historia general de España,* tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII. — Collecção intitulada *Do governo de Hespanha,* tom. I, pag. 144 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

mente a sua obra deixou o marquez de Alemquer investido no governo do reino, animado com o seu favor, e superior a todos os adversarios. Este desenlace precipitado de viagem tão auspiciada mais pareceu castigo, do que beneficio. Depois de o receberem como se recebe a esperança, os subditos viram partir el-rei sem assignalar a boa vinda por uma só mercê valiosa, e sem responder aos capitulos das côrtes. As necessidades, que deviam tê-lo preoccupado, ficaram desattendidas, e os povos irritados cada vez se confirmaram mais nas antipathias, que os separavam da casa de Austria. 1621

Á volta adoeceu Filippe III gravemente em Casarrubios del Monte, e só em dezembro entrou em Madrid. A enfermidade aggravou-lhe a melancolia. Vegetou ainda tres mezes, e por fim, em 31 de março de 1621, exhalou o derradeiro suspiro sobre o mesmo crucifixo, que tinham tocado na agonia os labios de seu avô e de seu pae. Contava quarenta e tres annos de idade, e vinte e dois e meio de reinado. Diz-se que poucas horas antes de expirar, desenganado da vida e do mundo, exclamára pungido de remorsos: « Se Deus me prolongasse os dias como seria outro do que fui! » Voto esteril! Peccava pelo caracter. Nascido para modelo de virtudes particulares, as responsabilidades do poder e a altura do throno acovardaram-lhe o espirito. Não se fiando de si commetteu por fraqueza o maior erro, que um rei póde praticar, convertendo a purpura em irrisão, e entregando o rebanho, de que a providencia o constituíra pastor, senão á guarda do lobo, pelo menos á guarda descuidada de validos ávidos. A decadencia da Hespanha e o sentimento secreto da sua inferioridade puniram dolorosamente a abdicação moral da realeza. Tudo baixou rapidamente. Do pensamento e da grandeza de Carlos V, e dos designios de Filippe II apenas ruinas e

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 saudades sobreviviam, quando o conde duque de Olivares, continuando o governo dos privados, arrancou das mãos ao duque de Uzeda as redeas do estado[1].

[1] Carta regia de 5 de outubro de 1619. — Livro da correspondencia do desembargo do paço. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XV, part. III, liv. III, cap. VIII e IX. — Bibliotheca imperial de Paris (fonds d'Harlay), cod. 228-15, doc, 200, 205 e 206. — Officios de mr. de Grenelle de 3 de agosto e 28 de setembro de 1619.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO IV

1598-1621

As conquistas. Seu estado geral e causas d'elle. — Plano do duque de Lerma. Conselho das Indias. — Leis de organisação e reformas coloniaes. — Successos militares. — S. Thomé. Rebelliões e desastres. — Angola. Governo de Manuel de Cerveira. Progressos de nossas armas. Nova conquista de Benguella. — Moçambique. Desamparo e desleixo geral. Expedição de Verhoeven. Cerco da fortaleza. Retirada dos hollandezes. — Estado da India. — Ceylão. — Derrota do pirata Cunhal no Malabar. Salvador Ribeiro e Filippe de Brito Nicote. — Sitio de Malaca em 1606 pelos hollandezes. — Guerra nas Molucas. — Governo de D. Jeronymo de Azevedo. O conde do Redondo e Fernando de Albuquerque. — Proezas de Ruy Freire de Andrade. Conclusão.

Passemos á administração das possessões ultramarinas, e entremos no primeiro periodo da decadencia. A declinação ainda se disfarça com as victorias, e um ou outro raio de luz doura em partes as ultimas paginas. O imperio envelhecido rapidamente n'estes vinte e dois annos sente já os brios amortecidos, mas, lembrado do que foi, faz por vezes tremer ainda diante da ousadia de seus capitães os regulos alliados perfidos, ou inimigos declarados. Os estrangeiros, cada dia mais frequentes, disputam-nos os territorios e o commercio; os principes asiaticos e africanos, voluveis ou resentidos, ligam-se com elles para nos expulsar, ou para nos aggredir. As rivali-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 dades geram traições; finalmente a corrupção e a soltura social apressam a gangrena, que desde os dias de D. João III e de seu neto se tinha apoderado das extremidades, e subia rapidamente á cabeça. Albuquerque, Duarte Pacheco, Vasco da Gama, D. Francisco de Almeida, Antonio da Silveira, D. João de Mascarenhas, D. Luiz de Athaide, D. João de Castro, e os outros varões insignes, que ennobreceram a infancia e a juventude da conquista, sem herdeiros dignos das obras, parece, que, baixando ao tumulo, haviam arrastado comsigo aquella raça de soldados invenciveis. Consumida de forças e desalentada pelas adversidades, a metropole não podia com as recordações heroicas. Não desapparecem inteiramente, comtudo, os grandes vultos guerreiros, não se apagam de repente todos os esplendores, mas o observador, correndo a vista pelo extenso theatro de tantas acções admiradas, conhece, que um abysmo separa as duas epochas, que entre os cavalleiros de D. Manuel e os capitães e feitores de D. Sebastião e de Filippe II não ha comparação possivel, e que, salvas excepções honrosas, a estatura dos homens e a grandeza epica dos successos se desvaneceram da scena, aonde a providencia nos distribuira um papel unico e invejado, embora curto.

No reinado de Filippe III os nossos destinos estavam consummados. Cumprida a missão começava para nós o occaso, e para as outras potencias a aurora. A voz da civilisação e do futuro chamava por mais obreiros. Ao seculo que despontava, seculo de menor actividade intensiva, mas fadado a colher os fructos semeados por mãos diversas, outras idéas, outros costumes, e outra iniciativa haviam de auxiliar. Por desgraça, a Portugal captivo, e á casa de Austria condemnada pelas leis do progresso, não podia caber a revelação completa da cultura moderna ás raças adormecidas do oriente. Ao cyclo dos descobrimen-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tos e da posse absoluta ia succeder uma organisação mais 1598 a 1621
tolerante com as crenças, menos exclusiva no trato commercial e nas relações civis. A Hollanda, nação nova e mercantil, aplanou os caminhos por onde a Inglaterra havia de adiantar-se depois. Os acontecimentos no principio do seculo XVII não eram assim avaliados de certo, e os mais penetrantes, confundindo os effeitos com as causas, attribuiam os revezes á negligencia calculada e á incapacidade do governo hespanhol. Tinham alguns vaticinado tão grandes prosperidades da união, que vendo os prognosticos desmentidos, não acabavam de se convencer, de que o influxo das circumstancias era mais forte, do que a vontade dos homens. Portugal e a Hespanha, com interesses em parte contrarios, oppostos na indole apesar da vizinhança, e dilacerados de rivalidades insanaveis, unidos debilitavam-se mais, do que separados. Nenhuma das corôas, desde que a perseverança dos emulos, ajudada da guerra, abrira os mares e as portas do oriente ás nações maritimas, podia acudir ao mesmo tempo á defeza e conservação de dominios tão extensos e remotos. A verdade era esta. O mal nascia da falsa opulencia. Aquelle corpo colossal, aonde já não chegavam os braços dos descendentes dos Gamas e dos Pizarros, opprimia e aniquilava os recursos dos dois reinos.

Filippe II tinha procurado suster a quéda, combatendo a todo o trance os hollandezes e a Gran-Bretanha. Fôra infeliz. As provincias unidas triumpharam, e a invencivel armada destruida roubára-lhe a supremacia naval. Victoriosos de suas esquadras e exercitos, quasi senhores do mar em muitos lances, os navios neerlandezes e britannicos depressa transpozeram as barreiras levantadas pelo respeito ou pelo temor. O leopardo britannico e o estandarte rebelde dos estados desfraldaram-se nos portos de Africa

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 e da Asia, aonde só a medo fluctuára até então a bandeira
a de algum aventureiro. O odio dos dominadores e a cobiça
1621 dos recemchegados romperam a luta desde logo, e as raças subjugadas viram com jubilo humilhadas em varios recontros as armas dos oppressores. O unico modo de suspender os progressos dos inimigos antes de affirmados pela alliança, ou pela rebellião dos regulos, era feri-los no coração da Europa. Mas a Hespanha de Filippe III já se achava longe da Hespanha de Carlos V e de seu filho. Dias como os de Pavia e de Lepanto não se repetem em horas de declinação. O governo absoluto, impotente para o bem, annullára o patriotismo castelhano e portuguez, e as duas nações consummavam o suicidio, manietadas pelas tradições monarchicas e pela apathia. Representantes do passado dizia-lhes um presentimento secreto, que a catastrophe se approximava, e as memorias do que tinham sido, serviam n'esta provação dolorosa de castigo a ambas.

O duque de Lerma, desejava, mas não sabia atalhar o mal. Os obstaculos requeriam homem de mais pulso. Vendo diminuir o commercio e attenuar-se o imperio, cuidou que havia de restaura-los valendo-se de remedios empiricos. Attribuindo os desastres á falta de tutela, traçou no gabinete um plano, e suppoz que a desorganisação, filha do defeito das instituições, podia ser vencida com elle. Um alvará, datado de Valladolid em 26 de julho de 1604, creou em Portugal um tribunal separado para o governo do estado da India e dominios ultramarinos, e dictou-lhe regimento mais formalista, do que efficaz. Compunha-se o novo conselho, alem do presidente, de dois vogaes de capa e espada, de dois vogaes togados, e de um clerigo canonista para as materias ecclesiasticas[1]. De-

[1] Alvará de 26 de julho de 1604.—Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. II de leis, fol. 70.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

via despachar todos os dias tres horas (das sete no verão 1586
e das oito no inverno até ás dez, ou onze da manhã), dis- a
cutindo os negocios, expedindo as cartas e provisões, e 1621
propondo as mercês e todos os assumptos com particular cuidado. O conselho dividia-se em duas secções distinctas: uma do Brazil e da Africa, comprehendendo o expediente e consultas relativas á America, Guiné, ilhas de Cabo Verde e S. Thomé, e a outra de todos os pontos, que abrangia a vasta administração do oriente [1]. Recommendou-se inviolavel segredo aos ministros sobre as deliberações, e a maior brevidade nos exames e propostas. O tribunal, independente dos outros, não entendia, comtudo, no movimento das naus e armadas de Portugal para a India, na compra e gerencia da pimenta, nos direitos das fazendas da Asia e da Africa, e na fiscalisação das rendas do Brazil, Guiné e ilhas, que o conselho de fazenda continuou a dirigir. Esta excepção, origem de conflictos, dividindo a responsabilidade e a administração, eivou logo o novo conselho, coarctando-lhe as attribuições nos pontos, em que os abusos eram mais escandalosos e os erros mais sensiveis. Os revezes dos ultimos annos haviam sido causados na maxima parte pela má fé dos armadores na execução dos contratos, e pela tolerancia dos olheiros do governo que os arrematantes sabiam adormecer.

É provavel que a iniciativa do conselho influisse na publicação de alguns actos proveitosos. Para estimular a população prohibiu-se a fundação de novos conventos de freiras na India e nas capitanias da Bahia e Pernambuco, e protegeu-se o casamento de donzellas orphãs portuguezas nos estados da Asia. Para acudir ás prodigalidades limitou-se a trinta mil cruzados annuaes a somma auctorisada para mercês lucrativas concedidas pelos vice-reis, e impoz-se veto decisivo á facilidade ruinosa, com que

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 se aforavam os direitos reaes na India. A estas medidas seguiram-se outras, igualmente aconselhadas pela urgencia de reprimir a immoralidade, tanto nos claustros, como nas povoações e praças de guerra. Mandou-se devassar dos que vendiam officios, e tirar residencia aos capitães das fortalezas, cujos abusos a lei procurou cohibir em vão, dictando-lhes os direitos e os deveres. Mandou-se arrolar em registo especial as fazendas depositadas, ou expedidas, e foram auctorisados os vice-reis a prover as feitorias para que pesasse sobre elles a responsabilidade da boa ou da má escolha. Por ultimo, em 1611, informado das violencias usadas na India, ordenou el-rei, que se observasse a disposição do titulo xcv do livro v da ordenação contra os que convertiam as proprias casas em carcere privado, fulminou penas severas aos capitães, que difficultavam o despacho das mercadorias, para extorquir direitos indevidos, excluiu os baneanes do serviço de feitores das fortalezas e dos officios de justiça e fazenda, mandou que os soldados fossem obrigados a dormir dentro das praças, e vedou aos capitães e empregados do estado da India o vergonhoso escandalo de abusarem do poder, atravessando os mantimentos, os algodões, e as mercadorias em prejuizo dos povos, envilecendo a dignidade do cargo[1].

[1] Cartas regias de 2 de setembro de 1603 e 2 de março de 1615 sobre os novos conventos. — Cartas regias de 2 de março e 23 de outubro de 1605 sobre os casamentos das orphãs. — Alvará de 11 de abril de 1606 sobre mercês de dinheiro, e alvará de 23 de janeiro de 1608 sobre direitos reaes. — Alvarás de 27 de janeiro de 1607 sobre venda de officios, de 23 de dezembro de 1609 e de 28 de março de 1615 sobre residencias, de 8 de março de 1610 sobre as obrigações dos capitães, de 10 de março de 1611 sobre o registo das fazendas, e de 21 de janeiro do mesmo anno sobre cereaes privados, vexames de mercadores e atravessamento de fazendas.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

A par d'estas resoluções, que revelam a desmoralisação geral e a quebra da disciplina, outras se adoptaram não menos significativas, para prover á defeza do estado. Foi prohibido consultar serviços sem ser pelo tempo determinado nos regimentos e o conselho ultramarino foi insinuado para moderar as propostas de soldos e moradias dos fidalgos, que se offereciam para servir na India. Atalharam-se os roubos frequentes no material das praças de guerra, e decidiu-se que a artilheria e munições fossem lançadas á conta dos capitães das fortalezas. A necessidade de subsidiar os estaleiros de Goa levou o governo a applicar ao custeio dos da ribeira, os sessenta mil xerafins que rendiam as terras de Salsete, occorrendo ao mesmo tempo ao pagamento pontual dos provimentos das armadas, cujos armazens estavam de todo vasios. Por alvará de 1618 atalhou-se o abuso funesto de sobrecarregar demasiado as naus, expondo-as a arribadas, a naufragios e a desgraças, em que a cubiça, provocando-as, era sempre a primeira victima [1]. 1598 a 1621

Uma providencia desastrosa maculou, porém, no anno de 1616 esta serie de reformas, concebidas em geral com o proposito louvavel de alliviar a India dos males, que a esmoreciam mais. Apertado pelos apuros fiscaes mandou el-rei vender as capitanias e os cargos por tres annos, suppondo acudir melhor assim ás despezas que a metropole já não tinha meios de satisfazer. Em toda a parte appareceram como licitadores os que se achavam na posse dos logares; mas os inconvenientes condemnaram tão de prompto o vergonhoso arbitrio, que a côrte foi

[1] Cartas regias de 5 de fevereiro de 1613 e 25 de fevereiro de 1614 sobre despachos. — Alvarás de 10 de março de 1615 e 5 de março de 1616 sobre os estaleiros e armazens de Goa, e de 11 de março de 1617 sobre a carga das naus.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 obrigada a recuar, deferindo a queixas justissimas e quasi geraes. Quando a immoralidade corroia tudo, tentar enriquecer o thesouro por modo similhante, dilatando a peso de oiro os poderes aos capitães, tornados verdadeiros proconsules pelos contratos, equivalia a cerrar as portas ao merito, a extinguir a emulação, e a vender os subditos como rebanhos á avidez dos especuladores. Em 1618, D. Filippe, confessado publicamente o erro, depois de restabelecer o antigo regimen dos governos triennaes com residencia, pequeno freio para tantas devassidões, prohibiu os provimentos de logares e officios por compra, ordenando, que os vice-reis não dessem posse de capitanias, ou de cargos, cujo praso excedesse a tres annos[1].

Estas foram as medidas principaes. Em presença d'ellas pede a imparcialidade, que não accusemos de absolutamente remissa e descuidada a administração. Mais lhe faltaram os homens e os recursos, do que a vontade e os desejos. Para restaurar em colonias tão distantes a sorte das armas era indispensavel, que o governo rompesse com os preconceitos, rejuvenescendo na Europa o espirito caduco das instituições, e infundindo sangue novo e vida nova no corpo gangrenado da sociedade das conquistas, milagres que não cabiam na esphera de suas forças quebrantadas.

A rebellião, denominada dos angolares, unida aos escravos sublevados, queimou os engenhos e assolou as propriedades, assustando os cultivadores da ilha de S. Thomé, e decidindo a emigração dos cultivadores abastados para o Brazil. Seguiram-os nos annos immediatos muitos outros movidos do receio das armadas, com que

[1] Alvará de 5 de abril de 1618.—Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. III de leis, fol. 91.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

os hollandezes e inglezes açoutavam continuamente as costas. A insurreição ateiada em 1574 durou quasi um seculo acoutada nos bosques e espessuras, inquietando com rebates, assassinios e roubos os moradores. Em 1585 um grande incendio reduziu a cinzas quasi todas as casas da povoação. Assaltada e saqueada pelos navios do almirante Van der Don, mal a cidade começava a restabelecer-se do estrago, quando a consternou de todo a revolta do negro Amador. A oppressão dos servos e as tyrannias dos senhores provocaram a explosão de 1595. Aproveitando habilmente a excommunhão fulminada em 1594 pelo bispo contra o governador, D. Fernando de Menezes, Amador levantou o estandarte da emancipação da sua raça, proclamou-se rei, e victorioso nos primeiros recontros, não se póde prever aonde chegaria se não fosse preso e justiçado. Attenuadas assim as forças da colonia por esta serie de calamidades não admira, que, oppondo fraca resistencia ás vélas neerlandezas, lhes animasse a audacia a ponto de successivamente se irem apoderando das feitorias de Gabão, de cabo de Lopo Gonçalves, da ilha de Fernão do Pó, do rio de El-Rei, e de Calabar, sendo ameaçada já de perto no reinado de Filippe III a fortaleza de S. Jorge da Mina, ao passo que os mares de Guiné, salpicados de vasos inimigos, promettiam a morte ou o captiveiro ás caravelas que os cruzavam sem escolta[1]. O governo da metropole quasi nenhum soccorro prestou á conquista em suas tribulações. Contentou-se em 1618 e 1619 com a publicação de duas leis, que de certo não podiam ajuda-la a restaurar. A primeira limitou-lhe as relações mercantis, renovando as prohibições da provisão de 1600, e sujei- 1595 a 1621

[1] Raymundo da Cunha Mattos, *Chorographia historica das ilhas de S. Thomé e Principe*, Porto, 1842. — Lopes Lima, *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 tando os navios de Castella e das Canarias a despacho obrigatorio na ilha de S. Thiago antes de tocarem os portos de Guiné. A segunda, mais liberal, abriu ao commercio dos vassallos os rios e costas da Mina, franqueando-lhes os resgates, mas carregou as mercadorias de direitos tão pesados, 20 por cento, e apertou as exportações de Lisboa para S. Jorge com formalidades e penas tão rigorosas, que o risco de as infringir quasi que fez esquecer o beneficio. Os escravos e o marfim podiam ser transportados pelos particulares, mas a malagueta continuou defeza como monopolio do estado [1].

No reino de Angola favoreceu-nos mais a fortuna. A João Furtado de Mandonça, que tinha governado com felicidade até 1602, succedêra por poucos mezes João Rodrigues Coutinho, ao qual uma enfermidade arrebatou já dentro das terras inimigas do sova Cafuxe, quando a amisade dos padres da companhia e a boa disposição de suas armas lhe afiançavam prosperos successos. Apenas elle cerrou os olhos romperam os capitães em contendas no meio dos barbaros e com sessenta leguas de sertão atrás de si. A prudencia do jesuita Jorge Pereira serenou as paixões. Confidente do governador fallecido poz termo ás discordias, lendo o acto em que elle nomeava seu successor a Manuel de Cerveira Pereira, optima escolha que honrou a boa memoria de Coutinho. Com este governador a colonia tomou desde logo diverso aspecto. Derrotado Cafuxe em tres combates, vencido e afugentado o sova de Cambambe, Cerveira construiu novo presidio sobre o Quanza, e recebida a vassallagem dos sovas de Musseque, e o preito voluntario do rei de Angola, recolheu-se a Loanda, aformoseando-a de casas e igrejas. Em 1607 a prosperidade e o commercio

[1] Alvarás de 20 de março de 1615.—Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. III de leis, fol. 30 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

engrossavam á sombra de suas armas, quando chegou D. Manuel Pereira, e estreou o seu mando pouco afortunado com a prisão do antecessor, enviando-o carregado de ferros para Portugal. Distrahido pelas aggressões dos corsarios hollandezes, que se propunham fortificar no Zaire o porto de Pinda, secretamente auxiliados pelo rei do Congo, D. Manuel esteve a ponto de perder por descuido o presidio de Cambambe, ao qual valeu o esforço do alferes mór Roque de S. Miguel, que, repellindo os sovas insurgidos, fez levantar o cerco[1]. Em 1611 falleceu repentinamente D. Manuel Pereira, e foi eleito em seu logar o capitão mór do campo Bento Banha Cardoso. Bom soldado, mas cruel e vingativo, e não se poupando a fadigas, este subjugou as rebelliões do rei de Angola, do sova Chilonga, e de muitos sovas de Quissama irritados pela ferocidade das repressões. A espada e os supplicios eram os meios unicos de pacificação empregados por Cardoso, e por elles conteve a obediencia dos negros durante quatro annos. 1598 a 1621

A esse tempo Manuel de Cerveira Pereira, justificado em Madrid das calumnias, voltou para Angola em 1615 investido no titulo de conquistador do reino de Benguella e de governador de Loanda, com poderes de nomear auctoridades interinas, que regessem a colonia durante a sua ausencia. Saiu em abril de 1617 para Benguella, confiando o governo de Loanda a Antonio Gonçalves Pitta. Depois de tomar posse da bahia de Santo Antonio, aonde fundou a villa e a fortaleza de S. Filippe, Cerveira entranhou-se pelo sertão, desbaratou em cinco batalhas os sovas do Dombe, e no meio dos triumphos, victima outra

[1] Archivo nacional da Torre do Tombo, Corpo chronologico, part. I, masso 115, doc. 85. Carta de Filippe II ao vice-rei de Portugal sobre o procedimento do rei do Congo (10 de março de 1609).

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 vez das ciladas dos emulos, estimulados por alguns padres, viu-se de subito desacatado, injuriado e manietado pelos subditos, que o enviaram n'um batel podre para Loanda! Governava Angola Luiz Mendes de Vasconcellos, e preoccupado de outros cuidados, mais desprezou do que attendeu as queixas do conquistador de Benguella. Foi preciso serem ouvidas para que Cerveira as elevasse á côrte de Madrid, a qual não se lhe mostrou ingrata. Em 1620 vieram soccorros e ordens, que o habilitaram a proseguir na empreza; correu então de novo a Benguella cheio de esperança, destruiu os obstaculos, dilatou a conquista até ao sertão de Caconda, concluiu o descobrimento das minas de cobre, e expirou por fim nos braços da victoria, seguro de que deixava a sua obra firme [1].

Luiz Mendes guerreava entretanto Golla Bandy, usurpador de Matamba em 1618 e 1619, e derrotados os sovas seus alliados, opprimia com pesado tributo o rei do Dongo, levantando o presidio de Ambaca para o refrear. Entregou depois o governo em 1621 a João Correia de Sousa, designado pela côrte de Madrid para o substituir, e recolheu-se ao reino. Sem ser tão notavel, como as duas em que Cerveira ostentára os dotes de elevado engenho militar, a sua administração mereceu todavia os louvores que a applaudiram [1].

N'este meio tempo lutava Moçambique contra os hollandezes com mais ventura, do que devia esperar-se da negligencia, com que tinham olhado para ella os vice-reis e os governadores da India. As rebelliões de Mombaça e

[1] Carta regia de 14 de fevereiro de 1515. — Chancellaria de Filippe II (de Portugal), fol. 32 v. — Lopes Lima, *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas*, liv. III, pag. 22 e 23.

[2] Ibidem. — Feo, *Memoria sobre o reino de Angola e seus governadores*, Paris, 1825.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

os saltos dos corsarios das provincias unidas ha muito 1598 a 1621
que aconselhavam prevenções de defeza, preteridas sem desculpa. D. Nuno da Cunha de Athaide, em 1595, tinha adiantado as obras interrompidas da nova fortaleza, acudindo tambem ao reparo do castello de Mombaça; mas o successor não o imitou, distrahido em 1601 pela urgencia de occorrer á pacificação dos povos de Sena, sublevados contra o ouvidor Lourenço de Brito. Sebastião de Macedo, que o substituiu (de 1604 a 1607), adormeceu a ponto de nem conservar ao menos a fortaleza abastecida. Valeu á colonia a vigilancia do arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, interino no governo da India por morte de Martim Affonso de Castro. Avisado, de que as vélas hollandezas continuavam a ameaçar Moçambique, mandou partir sem demora Estevão de Athaide com cento e cincoenta homens de soccorro, e as munições e mantimentos necessarios. Pouco se demoraram de feito os inimigos. Depois de uma tentativa infeliz, em 1607, envidaram forças proporcionadas á empreza em dezembro d'esse mesmo anno. Confiára a companhia a Pedro Willemsz Verhoeven uma esquadra de treze naus com mil e novecentos soldados de desembarque, viveres para tres annos, e trezentos e sessenta e sete canhões. Dois milhões setecentas e noventa e seis mil libras se despenderam n'ella. A 12 de dezembro Verhoeven avistou as ilhas de Cabo Verde, a 27 de junho de 1608 montou o cabo da Boa Esperança, e a 28 de julho fundeou proximo da fortaleza de Moçambique.

Saltaram logo as tropas em terra, atravessaram o bosque e a cidade, e vieram acampar na cerca do convento de S. Domingos em volta da igreja. A 29 abriram a trincheira, começando a apertar a praça por todos os lados. Estevão de Athaide tinha-os deixado progredir sem resistencia para com mais certeza os escarmentar. Advertido

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 por uma sortida, que lhe causou perdas sensiveis, de que os portuguezes estavam vigilantes, Verhoeven enviou a 4 de agosto um tambor e uma carta ao capitão para lhe intimar que se rendesse. Respondeu este, que, se o ousava, viesse buscar as chaves. Jogou então a artilheria para desmantelar os baluartes, e prolongou-se o sitio por vinte dias sem vantagem dos inimigos. Desenganados da inutilidade dos esforços, os hollandezes levantaram por fim o arraial, sedentos de vingança, abrasaram a cidade e talaram a parte occidental da ilha, depois de assassinarem os prisioneiros diante das muralhas, á vista dos compatriotas. Verhoeven infamado por estas atrocidades tornou a embarcar-se, deixando no campo trinta soldados mortos, e conduzindo mais de oitenta feridos. As tres baterias assestadas e as naus tinham disparado contra a fortaleza mais de mil e duzentos tiros[1]. Athaide, repellindo-o, mostrou-lhes que os antigos brios de Portugal não estavam amortecidos ainda, como em sua arrogancia elle se atrevêra a proclamar. O sangue, de que regou aquelle terra sem poder faze-la sua, foi a lição severa do orgulho, com que ostentára de conquistador antes da victoria.

Na India corriam os successos com maior opposição, mas ainda sem quebra visivel das forças apparentes. Nove vice-reis, ou governadores regeram com varia fortuna, desde 1598 até 1621, as guerras e a administração do estado. Capitães, creados na escola dos filhos dos primeiros vencedores, sustentaram com vigor, nos mares e nos pre-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II, cap. VIII.— *Relação da viagem de Pedro Wellemsz ás Indias orientaes*, por João de Malre e Jacques Lefevre, *Jornal de Verhoeven*, pag. 5 a 26.— *Histoire générale des voyages*, tom. XXVI, pag. 227 e seguintes.— Ferdinand Heofer, *Afrique orientale*, collection de *L'Univers Pittoresque, Afrique*, tom. V, pag. 171 a 173.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sidios o peso das armas dos barbaros e os assaltos repe- 1598
tidos das esquadras da Hollanda e da Gran-Bretanha[1]. No a
governo do conde da Vidigueira, D. Francisco da Ga- 1621
ma, no ultimo periodo do reinado de Filippe II, a corôa enriqueceu-se com uma opulenta conquista devida ao respeito do nome portuguez. O imperador de Ceylão, D. João Paria Pondar, fallecendo em 1597 sem filhos, nomeou por testamento o rei de Hespanha seu herdeiro, constituindo-o senhor absoluto de todas as terras da ilha, salvo os reinos de Candea e Uvá, que eram de sua mulher D. Catharina, e o de Jafanapatan, que obedecia a soberano natural. O capitão general da conquista, D. Jeronymo de Azevedo, convocou em Columbo os representantes das corlas (provincias) para jurarem a D. Filippe. Mas o jugo de principe estrangeiro, aindaque suave, sempre irrita o amor proprio, e os chingalás de Ceylão depressa se arrependeram da docilidade. O senhor de Candea, engrossado com os descontentes o partido nacional, disputou a D. Jeronymo de Azevedo a posse dos reinos de Paria Pondar em 1609, e, ateiando a guerra em diversos districtos, só depois de vencido se resignou a dissimular as pretensões, aguardando ensejo mais favoravel. Julgou encontra-lo em 1612 ou 1613, e appellidando os parciaes, confiado em que a saída de Azevedo para o vice-reinado da India lhe abriria caminho facil, caiu de repente sobre a fortaleza de Balane, cuidando leva-la nas mãos do primeiro impeto.

[1] Foram elles: D. Francisco da Gama, desde 1597 até 1600; Ayres de Saldanha, de 1600 a 1604; Martim Affonso de Castro, de 1604 a 1607; D. João Pereira Forjás, conde da Feira, em 1608; André Furtado de Mendonça, em 1609; Ruy Lourenço de Tavora, de 1609 a 1612; D. Jeronymo de Azevedo, de 1613 a 1617; D. João Coutinho, conde do Redondo, de 1617 a 1619; e Fernando de Albuquerque, de 1619 a 1622.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 Defendeu-lh'a Manuel Falcão, e forçou-o a recolher-se mal ferido e quasi desenganado. Era general da conquista n'esse tempo Francisco de Menezes, por cognome o Roxo. Avisado do aperto de Balane saiu com a gente mais prompta, ordenando ao resto que o seguisse. Em tres dias avistava o arraial do rei de Candea, obrigando-o a levantar o sitio, cortado de terror.

A victoria, e mais ainda a rapidez da marcha, assombraram os contrarios. Em 1617 a colligação de tres poderosos inimigos, o rei de Candea, o chingalá Antonio de Brito, e o Necapati, senhor de extensos territorios, tornou a reanimar a resistencia. Os habitantes sublevaram-se em diversas partes. D. Nuno Alvares Pereira, general de Ceylão, não esmoreceu. Oppondo a firmeza ás invasões, reuniu em Pilandu suas tropas, compostas de portuguezes e lascarins, e investindo Nicapeti, o mais intrepido dos contrarios, repelliu-o desbaratado. Acudiram soccorros de Goa, e ajudado d'elles logrou encerrar os adversarios dentro dos muros das fortalezas, ou mette-los pelas espessuras dos bosques. Por ultimo, alcançando o Nicapeti nos desertos de Anorô jupuré, destroçou-o completamente, captivando-lhe as mulheres e os thesouros. Foi tão profundo o golpe, e soou tão longe, que os corlas rebeldes prestaram-lhe obediencia em Malvana, e o rei de Candea Anará Pondar implorou do vencedor uma paz perpetua. Concedeu-lh'a o vice-rei D. Jeronymo de Azevedo, sob condição de se reconhecer vassallo de el-rei de Portugal, e de pagar annualmente o tributo de quatro elephantes e de avultada quantidade de areca e canella.

O reino de Jafanapatan, até então independente, governando em 1619 a conquista Constantino de Sá Noronha, declarou-se dois annos depois em guerra aberta contra o nosso dominio, e o general, construida a fortaleza

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

nova de Sufragam, freio das terras sublevadas, partiu de Malvana para castigar o chingalá Madune, perseguindo-o sem quartel até lhe incendiar a capital, voltando carregado de despojos ao cabo de dois mezes de fadigas. 1598 a 1621

Sedento de vingança o chingalá Cumara, usurpador de Jafanapatan, principiou a armar-se para desaffrontar o Madune seu protegido. Quando viu em redor de si um exercito de oito mil homens escolhidos, disfarçando a hostilidade com perfidias, tentou ainda illudir os nossos, mas achou no capitão mór do campo Filippe de Oliveira um inimigo vigilante e apercebido. Derrotado e prisioneiro com os filhos e as rainhas expiou em ferros a soberba. E, facto singular(!), exigindo Oliveira d'elle a lista dos portuguezes, a quem pagava subsidios, os primeiros nomes que leu foi o seu com dois mil pesos, e o de D. Nuno Alveres Pereira com nove mil! A batalha de Nadur acabou de prostrar o animo dos contrarios, applacando por algum tempo as sublevações[1].

Na costa do Malabar um feito illustre de André Furtado de Mendonça ennobreceu no anno de 1600 as armas do conde da Vidigueira. A prosperidade deslumbrára o pirata Cunhale, por largo periodo espanto d'aquelles mares. Suppondo, que podia dispensar o favor do Çamorim de Calecut, que protegêra as estreias e progressos do seu poder, principiou a offende-lo, e a menospreza-lo. Resentido o principe da ingratidão, e já assustado tambem com o incremento rapido do vassallo, decidiu cortar-lhe as azas para que, voando mais alto, não chegasse a molesta-lo. Chamou os portuguezes, e alliou-se com elles. Coube a gloria da empreza a André Furtado. Os nossos unidos com os naires romperam a guerra, os corsarios resisti-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. III, cap. X.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1599 a 1621 ram como leões, e por ultimo refugiaram-se na fortaleza, quasi inexpugnavel, erguida sobre o rio de Pudepatan, aonde, cercados e combatidos, lutaram com esforço. Por ultimo Cunhale teve de render-se, e terminou no patibulo os crimes de uma vida, em que a intrepidez e a crueldade se assignalaram em lances alternados[1].

O arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, visitou por esta epocha as christandades das serras do Malabar, e celebrou synodo no oriente, bemquisto sempre do vice-rei, e amado das ovelhas de que se mostrava pastor diligente[2]. Encerrou o seu triennio com estes successos o conde da Vidigueira. Foi mais triste e amargosa a despedida, do que a entrada. A indole altiva e rispida grangeou-lhe inimigos implacaveis no seio de familias distinctas; Mathias de Albuquerque, André Furtado e D. Pedro Coutinho ligaram-se contra elle. Cresceram os odios, azedaram-os as offensas mutuas, e no proprio dia, em que embarcou para o reino, quarenta homens penduraram de uma verga a sua imagem com ludibrio, passando depois por diante d'elle, e rindo-se com escarneo da indignação do conde![3]

Ayres de Saldanha não encontrou obstaculos. Mais benevolo, do que guerreiro, devêra o cargo ao parentesco e amisade do marquez de Castello Rodrigo, e, não sem motivo se murmurava em Goa, que a sombra de boa arvore o cobrira mais, do que os merecimentos e serviços. Não foi, comtudo, infeliz. André Furtado combateu em 1603 os hollandezes em Amboino, expulsando-os das Molucas,

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II, cap. III.— Bordallo, *Ensaios de estatistica das possessões ultramarinas*, serie II, liv. V.

[2] *Jornada* do *arcebispo de Goa*, por fr. Antonio de Gouveia. Coimbra, 1606.

[3] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II, cap. V.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

aonde começavam a introduzir-se, e conteve Ternate. O jesuita Bento de Goes, grande sabedor da lingua persiana, foi enviado em 1602 ao descobrimento do *Gran Cathayo*, e disfarçado em trajos de mercador armenio viajou tres annos pelos sertões da Asia na direcção do norte, desde o paiz dos Usbegs para o oriente até á China, colhendo em resultado de remotas peregrinações a certeza de que o *Gran Cathayo* não era senão o celeste imperio, aonde falleceu em 1607. As revoluções, revolvendo os reinos de Siam, Bramá e Pegú, apressavam a decadencia de uns e o esplendor ephemero de outros, offerecendo em suas phases inconstantes aos aventureiros portuguezes premio facil e lucrativo emprego para sua inquieta actividade. Entre muitos, que a fortuna ajudou como seus mimosos, realçaram Salvador Ribeiro de Sousa e Filippe de Brito Nicote, ambos capitães do rei de Arracan. Nicote, outro Diogo Soares de Mello na felicidade e arrogancia, filho de paes francezes, nascêra em Lisboa. Salvador, natural da provincia de Entre Douro e Minho, era maior nas obras, do que a presença promettia. Nicote, auctorisado pelo rei, fundou a casa forte de Siriam com alfandega e despacho de mercadorias, e partiu depois para Goa para a submetter ao vice-rei. Offendeu-se o soberáno de Arracan com o desacato, e resolveu sepultar nas ruinas da fortaleza aquelle punhado de aventureiros. Quarenta mil homens e mil e duzentas vélas investiram Siriam por mar e por terra, commandados pelo bainhá Dalá. Demorou-se o cerco, e obrou prodigios na defeza Salvador Ribeiro, que ficára por capitão dos portuguezes. Por fim uma sortida nocturna afugentou dos arraiaes o bainhá vencido. 1598 a 1621

Quatro vezes investiram depois as hordas de Arracan a fortaleza, e quatro vezes se recolheram derrotadas, soando tão alto a fama de Salvador Ribeiro, que os pegús o acla-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1598 a 1621 maram rei. Aceitou o titulo, exerceu por algum tempo o mando, mas voltando Filippe de Brito de Goa, nomeado capitão da praça de Siriam e general da conquista de Pegú, Salvador immediatamente resignou a magistratura suprema, despiu a purpura, e volveu á condição de simples vassallo em 1603. Nicote, mais ambicioso, aproveitou-se do sacrificio, e converteu-o em gloria propria. Continuando a guerra contra Arracan, venceu as tropas do rei, captivou-lhe o filho, e forçou-o a assignar um tratado desigual. Rotas outra vez as hostilidades, desbaratou os reis de Arracan e de Tangú, e casou Simão Nicote, seu filho, com uma das filhas do rei de Martavão. Levantado pela fortuna a este grau de opulencia, Filippe de Brito adoeceu da molestia, que de ordinario mata os que traz mais illudidos. Afrouxou na vigilancia, tornou-se intoleravel n'elle o orgulho, e as insolencias da vontade despotica irritaram os subditos e os alliados. O tyranno enfraqueceu o capitão. A flor da sua gente tinha partido para Goa em plena seguridade, os armazens achavam-se vasios de munições, e os navios varados em terra sem guarnições. Siriam, confiada nas victorias, dormia a somno solto. De repente o rei de Ová, queixoso e irado, acommette em 1613 a casa forte, estreita-a, compra a entrada a um bainhá traidor, e, senhor da fortaleza, manda empalar Nicote nas ameias, fórça o rei de Martavão a decapitar o genro, e dispersa pelo terror das vinganças aquelle foco de christandade, que já contava cinco mil catechumenos[1].

Malaca sustentava a esse tempo com melhor sorte as tradições guerreiras dos portuguezes da Asia. A companhia hollandeza concentrava na India todos os esforços

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. III, cap. II. — Bordallo, *Ensaios de estatistica das possessões ultramarinas*, série II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

contra ella e contra as Molucas e Ceylão, como emporios 1619
e chaves do trato mercantil mais opulento. Os neerlandezes assentaram conquistar a cidade, e Cornellio Matelief com uma esquadra de onze vélas e mil e quinhentos homens de desembarque foi encarregado da expedição. Começou o almirante por se alliar com os estados vizinhos, e só a 30 de abril de 1606 avistou Malaca. O rei de Jahor e o Zanbandar de Singapura marcharam em seu auxilio. Governava então a India Martim Affonso de Castro, e era capitão da fortaleza André Furtado de Mendonça. Despercebida do perigo a praça, despedira os melhores soldados nos quatro galeões da China. Escasseavam as munições e os mantimentos. Metalief e os malaios, informados do aperto, saltaram em terra a 18 de maio, e apertaram o cerco immediatamente na idéa de triumphar dentro em pouco. Mas André Furtado não era homem, que desmaiasse com os obstaculos. Contando apenas cento e quarenta e cinco portuguezes e poucos japonezes, arrostou o poder dos inimigos, conservando a mesma serenidade, que teria se estivesse bem guardado[1]. Repartiu pelos mais intrepidos os postos arriscados, respondendo, activo e vigilante, ao fogo das vinte e cinco bombardas grossas, com que os hollandezes lhe batiam os muros. Sortidas rapidas e felizes cortaram os sitiantes. Metalief, temendo as perdas de um assalto, e contando demasiado com a apathia do vice-rei, preferiu bloquear rigorosamente a fortaleza, cuidando que a fome lh'a entregaria. Durou tres mezes o sitio. No fim, avisado de que Martim Affonso acudia em pessoa a Malaca, perdidas todas as esperanças, desampa-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. II, cap. VII. — *Histoire générale des voyages*, tom. XXXI. — Viagem de Metalief ás Indias nos annos de 1605 e 1606.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1619 rou precipitadamente o campo e os alliados, que se retiraram, estranhando-lhe a fuga descomposta[1].

Nas Molucas os hollandezes insistiram com mais ventura. As violencias e a cubiça dos proconsules portuguezes haviam esgotado o soffrimento dos habitantes, que olhavam os estrangeiros como libertadores, e confundindo em seu odio as cousas humanas com as divinas não detestavam menos a religião catholica. Gaspar de Mello, combatido por forças muito superiores, e tendo contra si os povos, perdeu Amboino. A fortaleza de Ternate, cercada por mar e por terra pelos neerlandezes e pelos moradores, só entregou ao vencedor paredes negras e desmanteladas. A explosão de um paiol vez voar os muros e os defensores. Tidore caíra tambem nas mãos dos hollandezes. N'esta extremidade pediram soccorro os nossos em 1605 ao capitão das Filippinas D. Pedro da Cunha. Não se demorou o castelhano. Suas armas no primeiro impeto saíram victoriosas. Restaurou Ternate, e expulsou os inimigos de Tidore. Depois tomou posse das ilhas em nome da corôa de Hespanha, allegando a perda recente do nosso dominio, os direitos de nova conquista, que a victoria assegurára á sua patria, e o antigo jus de Castella pleiteado no tempo de D. João III, e compensado em 1529 com a larga indemnisação de trezentos e cincoenta mil cruzados, pagos pela nossa côrte a Carlos V. Mas, decorridos dez annos, os hespanhoes a braços com a guerra interna e com as expedições neerlandezas viram-se constrangidos a implorar tambem o nosso auxilio. Em 1615 o governador das Molucas e capitão de Manilla D. João de Sousa, representando os perigos, em que se via, a D. Jeronymo de

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. II, cap. VII. — *Histoire générale des voyages*, cap. XXXI. — Viagem de Metalief ás Indias nos annos de 1605 e 1606.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Azevedo, vice-rei, alcançou o soccorro de quatro galeões 1628
e de algumas companhias de maus soldados; mas nem os galeões, nem os soldados passaram de Malaca, retidos pela luta cada dia mais accesa dos portuguezes contra as vélas dos estados geraes. Instado segunda vez D. Jeronymo enviou uma pequena frota auxiliar ás Molucas, composta de seis galeotas e de dois vasos mercantes armados, cujo capitão Gonçalo Rodrigues de Sousa honrou os brios da nossa bandeira na guerra maritima e terrestre contra as onze naus e as tropas de Hollanda, que sitiavam Ternate [1].

A Martim Affonso de Castro devia succeder o conde da Feira, mas falleceu no mar sem tomar posse, e recaiu o governo em André Furtado de Mendonça em virtude de uma das vias de successão abertas em Goa. Começou logo o grande capitão a aperceber-se em 1609 para justificar o nome grangeado por tantas proezas. Não lhe deu, porém, logar a executar nenhum dos planos a prompta chegada de Ruy Lourenço de Tavora, desembarcado com o titulo de vice-rei. Tavora veiu encontra-lo nos arsenaes e estaleiros, vigiando os aprestos, e manifestou publicamente o seu applauso, louvando as prendas militares do capitão, que, substituia a seu pezar, porque, disse elle, melhor fôra, no estado actual um anno de André Furtado, do que dez de outro qualquer governador. Tinha rasão. Os horisontes escureciam-se. Em Chaul a impunidade forçada alentára as ousadias de Abdalá Kariman, tanadar do Nisam Moluck. Cansado de lhe dissimular os insultos o capitão da praça, D. Francisco Rolim, collegiu por fim as forças, invadiu-lhe o territorio, talando campos e aldeias, e expulsou-o vencido e castigado. Em Surrate foi menos ditoso

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II e III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 o capitão do mar do norte Nuno da Cunha na peleja contra os inglezes, que nos disputavam o commercio da Persia e a posse de Ormuz. Seus quatro galeões mal servidos de artilheiros e de tripulações combateram debalde tres dias, retirando-se sem vantagem [1].

D. Jeronymo de Azevedo, que succedeu no vice-reinado a Ruy Lourenço, era melhor soldado e mais consummado administrador. Contava muitos annos e larga experiencia da guerra e da conquista. Capitão valoroso e prudente, fidalgo no trato, quasi rei na generosidade, dois vicios, um torpe, a cubiça, outro hediondo, a crueldade, maculavam estas qualidades eminentes, cobrindo-lhe de sombras o nome e o caracter [2]. Quando tomou posse reverdecia a luta em Chaul. O capitão de Caranjá, Balthasar Rebello de Almeida, fôra assassinado á traição, e a fortaleza caira em poder dos barbaros por cilada. Depressa a perderam. Acudiu para os ajudar Abas-Kan, mas logo retrocedeu. Um capitão, que recordava em suas façanhas as temeridades venturosas de outro tempo, Ruy Freire de Andrade, estreiou-se n'aquelles mares, abrasando e saqueando os es-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. II e III. — As cinco ilhas Molucas, que os naturaes chamavam Moloch, distavam trezentas leguas de Malaca, pouco mais ou menos. Navegando do norte para o sul encontrava-se primeiro Ternate, e depois Tidore, Moutel, Makiem e Bachan, avistadas por Francisco Serrão em 1511. — *Relação annual das cousas que fizeram os padres da companhia de Jesus nas partes da India oriental*, annos de 1606 e 1607, pelo padre Fernão Guerreiro.

[2] Ibidem, part. III, cap. XIV. — As riquezas mal adquiridas de D. Jeronymo avaliavam-se em muito mais de 500:000 ducados. A sua crueza era ferocidade de indole. Em Ceylão obrigava as mães a triturar os filhos vivos em matrazes de pedra, e comprazia-se em ouvir os gemidos das creanças cravadas nas pontas das lanças. Morreu em ferros em Lisboa, despojado de tudo.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tados do Nisam Maluck. Ruy Freire passou depois a Da- 1621
mão, desafogou a praça do bloqueio dos sarcetas, e, investindo-os de noite nos arraiaes, aniquilou-lhes as forças. Ao mesmo tempo Nuno da Cunha com a armada do norte defendia Baçaim, e depois d'elle Gaspar de Mello conseguia varrer os inimigos das vizinhanças do forte de Manorá. Em Damão, Luiz de Mello de Brito, saindo ao encontro de Coja Nitan, capitão de Surrate, que baixára com oitocentos ginetes e alguns elephantes, rechassou-o destroçado.

Mas triumphos parciaes não disfarçavam á penetração de Azevedo o enfraquecimento e os perigos do imperio. As armas hollandezas e britannicas eram a causa visivel, embora lenta, de sua ruina. Os povos e os reis descontentes íam-se costumando a chama-los como alliados, e vendo-os por vezes senhores do mar principiavam a acreditar, que os portuguezes podiam ser vencidos. D. Jeronymo concebeu o pensamento de fazer nos inimigos um exemplo estrondoso, que servisse de freio aos subditos, e de terror aos tributarios de Portugal. Escolheu os inglezes para começar, e tomou as disposições necessarias em 1614. Decidido a combate-los em pessoa, e por sua ordem partiu adiante para Surrate D. Manuel de Azevedo com vinte e dois navios, e unido ás esquadras de Luiz de Brito e de João de Almeida Azevedo queimou aos arabes e persas seis naus poderosas, incendiou Baroche e Goga, e despovoou Patane. Pouco se demorou o vice-rei com os seus galeões. Mas os effeitos não corresponderam á ostentação do poder. Da primeira vez quatro naus inglezas acommettidas resistiram esforçadamente, e da segunda desviou-se elle sem pelejar frustrado na esperança de assoberbar os mares do norte. No Achem a luta com os hollandezes foi ainda menos afortunada. Depois de Diogo de

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 Mendonça Furtado dispersar uma frota de quinhentos vasos malaios encontraram-se os portuguezes com oito naus de Hollanda (1615), e depois de renhida peleja viram-se constrangidos a ceder.

O conde de Redondo, D. João Coutinho, substituindo D. Jeronymo de Azevedo (de 1617 a 1619), não imitou o antecessor nas emprezas arriscadas. Contentou-se com vantagens modestas, mas solidas. A embaixada do jesuita Manuel Pinheiro para pedir ao Mogol que fechasse os portos aos hollandezes, alcançou do principe, que elle deixasse navegar as nossas vélas retidas em numero de duzentas, e que levantasse mão da conquista de Diu e de Damão, que intentava assaltar. Um de nossos capitães, Agostinho Lobato, com uma galeota e dois navios, venceu a nau neerlandeza, que defendia em Sumatra a feitoria de Joatame. O rei de Achem, ameaçando Malaca não se atreveu a approximar-se de seus muros. O conde morreu em novembro de 1619, e o mando passou a Fernando de Albuquerque[1]. Quando Filippe III cerrou os olhos, a India, se não ficava de todo decadente, já denunciava a attenuação dos brios e das forças. Os inimigos cada dia se mostravam mais fortes e poderosos, e os meios de os repellir a cada hora se tornavam mais escassos. A epocha dos grandes homens acabára. Se em Ceylão, no Malabar, no Decan, em Sumatra e em Ormuz o nome portuguez infundia respeito ainda, a soltura dos costumes, a avidez, a cubiça, a perversão dos caracteres, e a mais desenfreada corrupção em todas as classes apressavam a quéda proxima. As lutas civis não eram menos crueis, do que as guerras de fóra. Em Chaul, em Baçaim e em Meliapor os odios e os alvorotos offereciam o mais doloroso espectaculo, e as au-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. III, cap. I a XVII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ctoridades cruzavam os braços sem vigor para os conter. Colheram-se os fructos de tão venenosas sementes no reinado de Filippe IV. N'elle tudo vacilla e se allue; o imperio principia a desabar, e a decrepidez adianta-se. Os homens e os acontecimentos obedecem ao impulso de mão invisivel. Os ultimos vultos illustres n'este crepusculo, precursor da noite, são os de Ruy Freire e de Nuno Alvares Botelho. Depois as trevas condensam-se, e as grandes memorias da conquista quasi que de todo desapparecem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO III

PARTE III

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIVRO III

1621–1640

REINADO DE FILIPPE IV DE HESPANHA E III DE PORTUGAL

PARTE III

CAPITULO I

1621

Acclamação de Filippe IV. — Estado da monarchia. — Proponderancia do clero. Effeitos da expulsão dos mouriscos. — Quadro das miserias de Hespanha traçado pelas côrtes. — Relações externas. — Carater do rei. — Privança do conde de Olivares. Ministros influentes na Europa. Qualidades e defeitos de D. Gaspar de Gusmão. Revolução na côrte. Perseguições. — Demissão do marquez de Alemquer. — Odio contra a sua administração. — Confirmação dos bens da corôa. Descontentamento dos interessados. — Piratas mouros. Providencias ácerca dos escravos mussulmanos. — Reformas fiscaes. Junta dos contos. Producto da bulla. — O patriarcha da Ethiopia D. Affonso Mendes. — Schah-Abbas e os inglezes sobre Ormuz. Ruy Freire de Andrade. A fortaleza de Queixome. Cêrco e capitulação. Quéda de Ormuz. — Companhia do commercio de Lisboa. Vaidade do plano. Paz com a Inglaterra.

O povo festejou a acclamação de Filippe IV. Curioso de novidades applaudia o novo reinado, mais cansado do que acabava, do que attrahido pelo que ía começar. O principe assentava-se no throno aos dezeseis annos de idade, sem o menor conhecimento dos homens, e sem a menor experiencia do governo. A administração do duque de Uzeda, peior do que a do duque de Lerma, deixava o estado quasi arruinado. A monarchia cada vez se queixava mais. Os beneficios da tregua com a Hollanda, e da paz com a

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 França e com a Inglaterra, annullados pelos erros da politica dynastica, por pouco tempo a desopprimiram dos maiores sacrificios. Ás más sementes lançadas por Filippe II tinha juntado o filho os effeitos desastrosos da preponderancia absoluta de validos ávidos ou ineptos. O duque de Lerma e o clero, ligados por intima communhão de idéas e de interesses, tudo haviam avassallado. No meio da pobreza geral sobresaiam espantosas a influencia e as riquezas da igreja. Mais de nove mil conventos, não contando os mosteiros de freiras, as confrarias e irmandades, monopolisavam as melhores propriedades e as mais grossas rendas. As ordens dominicanas e franciscanas só por si recenseavam trinta e dois mil subditos, e nos bispados de Calahorra e de Pamplona os clerigos passavam de vinte mil. O que seria a população ecclesiastica das outras dioceses? [1]

Muitos dos homens distinctos, philosophos, criticos, historiadores e poetas, eram ecclesiasticos, e levantavam-se do altar para irem tratar familiarmente com as musas. Lope de Vega, Moreto, Montalvan, Calderon e Tirso de Molina, Sandoval, Davila, Marianna, Carrillo, Nicolau Antonio, Gracian e Argensola eram sacerdotes ou religiosos. A guerra e a theologia, o pulpito e a espada absorviam a actividade intellectual e social. Comprimidas n'este circulo inflexivel as sciencias e as letras exaltavam a igreja, senhora de todas as forças e de quasi todas as manifestações do pensamento. A inquisição punia a duvida, ou a menor tentativa de exame como crimes de lesa-magestade divina. O estado, as familias e os individuos viam e fal-

[1] Cespedes, *Historia de Don Filipe IV*. Barcelona, 1634, liv. VII, cap. IX. — Davila, *Historia de Filipe III*, liv. II, pag. 215, e cap. LCVII, pag. 248. — Yañes, *Memorias para la historia de Filipe III*. — Dunham's, *History of Spain*, vol. V.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

lavam pelos olhos e pela voz dos prelados, dos inquisido- 1621
res e dos mosteiros [1].

A expulsão dos mouriscos, consummada com crueldade atroz, retrata fielmente as feições do poder, que assoberbava a côrte e o paiz. O cardeal de Richelieu, não peccando por extremamente sensivel, qualificára este attentado de lesa-civilisação contra a consciencia e a prosperidade, como o rasgo mais barbaro e arrojado da historia de todos os seculos. Foi em 1609 que o duque de Lerma propoz ao rei a perpetração do acto exigido pelos clamores do pulpito e dos claustros. No ardor sombrio do seu fanatismo, o adormecido monarcha respondeu-lhe friamente: «A resolução é grande, podeis executa-la!» Promulgou-se o decreto. Perto de um milhão de habitantes, os mais uteis e laboriosos da Hespanha, foram lançados fóra da patria como feras. Os roubos, os assassinios e as grandes infamias ultrajaram a moral e justiça n'este lance sem exemplo. Mais de cem mil victimas tingiram de sangue esta pagina affrontosa do reinado de Filippe III. O clero campeou triumphante no meio das ruinas. A unidade religiosa correspondeu em toda a peninsula á unidade monarchica. Depois fez-se profundo silencio n'aquelles desertos, em que os dois absolutismos se tinham abraçado. A nova era rompeu em trevas, mas a Hespanha havia justificado o titulo de catholica por excellencia. Expulsa a raça infiel e heretica, demolidas a mesquita e a synagoga, já não tinham de que se offender os olhos piedosos. Veiu prompto o castigo. Os mouriscos levaram comsigo para o desterro as artes e as industrias, com que sabiam enriquecer os perseguidores. As fabricas decaíram; as terras, jardins em suas

[1] Ticknor, *History of Spanish Litterature*, vol. v.—Bouterwek, *History of Spanish Litteratures* vol. ii.—Pelicer, *Ensayo de una Biblioteca*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 mãos, converteram-se em charnecas, e as comarcas mais ricas de Valencia e de Granada decaidas e tristes empobreceram quasi momentaneamente. D'ahi a pouco bandos de salteadores infestavam impunes as solidões, aonde annos antes sorriam a opulencia e o trabalho [1].

Filippe IV reinou, quando principiavam a colher-se as funestas primicias da expulsão. As côrtes de Madrid, convocadas em 1621, não encobriram a verdade ao soberano. O quadro dos infortunios publicos era sombrio. Muitos logares estavam ermos, as casas desabavam nas aldeias, e as terras e herdades incultas affligiam a vista em grandes extensões. Nas estradas encontravam-se os habitantes rodeados dos filhos e mulheres pedindo esmola, e alimentando-se das hervas e raizes do campo. Outros emigravam fugindo ao imposto dos milhões. Os soldados e marinheiros desamparavam os presidios e os navios, implorando a caridade rotos e famintos. A corôa, alienado o seu patrimonio pelas prodigalidades do duque de Lerma, quasi que tambem pedia esmola. A arrecadação dos impostos despovoava cidades e villas. Os estancos da polvora, das cartas, do azougue, do sal e de outros artigos importantes vexavam os povos. Os tributos sobre os generos de consumo tornavam a existencia dos pobres intoleravel. A falta de moradores e o desalento no trabalho provocavam a escassez dos productos, e com ella a repetição de grandes crises alimenticias. Quasi todos os artefactos se importavam, subindo a preços desproporcionados por causa das prohibições absurdas e dos direitos exagerados. O contra-

[1] Lafuente — *Historia general de España*, tom. xv. — Davila, *Historia de Filipe III*, liv. x. — D. Adolfo de Castro, *Decadencia de España*, Cadix, 1852. — Janer, *Condicion de los moriscos de España*, Madrid, 1857. — Watson's, *Filippe III*. — Yañes, *Memorias para la historia de Filipe III*, pag. 281 a 290.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

bando corregia os excessos da pauta, mas paralysava o com- 1621
mercio legal, e diminuia o rendimento das alfandegas nos portos seccos e maritimos. A nobreza, ociosa na côrte, arruinava-se em festas luxuosas, emquanto os morgados se transformavam em maninhos, e os baldios se alargavam de anno para anno. O clero e as religiões não cessavam de adquirir, e suas immensas propriedades, immobilisadas, deixavam sem emprego milhares de pequenos cultivadores, que uma repartição mais equitativa do solo teria occupado com vantagem[1].

Esta pintura, feita pelo braço popular, em novembro de 1521, era para assustar o governo mais habil. O aspecto dos negocios externos tambem não promettia resultados lisonjeiros. A França, a esse tempo mais hostil do que amiga, favorecia a restituição da Valtelina, occupada pelo duque de Feria, e ligava-se com os Grisões contra os catholicos. A politica de Richelieu, sem dominar inteiramente ainda os conselhos de Luiz XIII, já começára a traçar as primeiras linhas da politica, seguida depois pelo cardeal, contra a casa de Austria. Na Italia os venezianos, a Saboya e os Grisões urdiam o trama, de que surgiu a guerra de 1625 e de 1626. Napoles descontente queixava-se dos aggravos e da pobreza de suas populações. A Sicilia, carregada de emprestimos, não tinha com que occorrer á defeza propria. A armada do oceano, outr'ora guarda vigilante das costas, contava apenas sete naus, e menos galés ainda, quasi sem armas e munições. O imperio constantemente perturbado pela união dos protestantes e do conde palatino, carecia de auxilios. Finalmente, a Inglaterra, inculcando desejos de estreitar a alliança com

[1] *Colecion general de cortes, leyes, fueros, y privilegios*, tom. XXVII, no reinado de Filippe IV. — Manuscripto da academia real de la historia de Madrid, em Lafuente, tom. XVI, pag. 21 a 23.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 a proposta do casamento do principe Carlos com a infanta de Hespanha, fazia receiar, que, mallogrado o consorcio, a boa sombra se convertesse em inimisade.

De toda a parte, pois, dentro e fóra, se via a monarchia exposta ou ameaçada. Cresciam as difficuldades e as desgraças, e o futuro, imminente outra vez a guerra com as provincias unidas e com a França, debuxava-se pouco animador á penetração dos que sabiam, que o primeiro remedio a oppor á decadencia deviam ser as reformas internas, ajudadas de tranquillidade profunda [1].

Filippe IV não foi mais rei, do que seu pae. Na idade de dezeseis annos herdára de Carlos V o gosto e amor das artes, e de Filippe III uma invencivel repugnancia aos negocios. A adulação saudou-o grande, quando não fizera mais do que cingir a corôa; e depois, a ambição estimulada pela lisonja, impelliu-o a sustentar guerras e allianças pesadas para justificar os louvores antecipados. Não o auxiliaram as circumstancias, nem o caracter. Para representar a acção pessoal do imperador, ou de Filippe II, outro principe, outros homens e outros tempos eram necessarios. Seu pae, mau rei, mas irreprehensivel na vida domestica, vivêra quasi como asceta. O filho, espirituoso e distrahido, rodeou-se de uma côrte faustuosa e juvenil, escandalisando com suas aventuras os castelhanos austeros, e prodigalisando em saraus, touradas e partidas de caça o oiro arrancado á miseria dos povos. Filippe III, atalhado pela preguiça intellectual, fugia do gabinete para os ermos,

[1] *Fragmentos historicos de la vida de don Gaspar Filipe de Gusman, conde duque de Olivares*, por D. Juan Antonio de Vera y Figueroa, conde de la Roca, manuscripto da bibliotheca da real academia de Madrid, pag. 25 (copia minha).—*Relacion politica de las mas particulares acciones del conde duque*, por um embaixador de Veneza á sua republica, manuscripto da mesma academia.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

aborrecido das pompas reaes, e cansado da representação 1621
monarchica furtava-se á conversação do paço nas solidões do Escurial.

Mais apto e digno das funcções da realeza, o successor amava quasi tudo o que detestára seu pae, imitando-o só na aversão aos papeis e ás cousas publicas. Menos fanatico na apparencia, porém não menos supersticioso que seus avós, repartia o tempo entre o espectaculo das fogueiras dos autos da fé, entre as festividades religiosas, e as recreações e galanteios profanos, alimentando com todas ellas a curiosidade voluvel. Sua mão indolente deixava fluctuar entretanto as redeas do estado. Dotado de sufficiente capacidade para governar sem mentores, o enfado das graves occupações e o ardor dos prazeres, tornaram-o pupillo voluntario de ministros, que não o igualavam na promptidão e na agudeza do engenho[1].

Dois privados e um grande ministro dominam este periodo. Em Inglaterra Georges Villiers, duque de Buckimgham, em Hespanha o conde duque de Olivares, e em França Armand Duplessis, cardeal de Richelieu. Jacques I, Carlos I e Filippe IV, menos afortunados do que Luiz XIII, entregaram-se nas mãos de homens apaixonados e violentos, que, antepondo o orgulho e os caprichos á rasão de estado, cavaram a ruina propria, alluindo o throno dos principes. O rei de França, delegando em Richelieu o pensamento monarchico, e constituindo-o executor implacavel dos principios, que seu pae tinha meditado firmar na Europa, teve a gloria de abrir uma epocha nova, aplanando os caminhos por onde Luiz XIV sonhou um momento

[1] *Fragmentos historicos de la vida de don Gaspar Filipe de Gusman, conde duque de Olivares*, por D. Juan Antonio de Vera y Figueroa, conde de la Roca, pag. 16 a 23.—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XIV, part. III, liv. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 adiantar-se até ao protectorado universal. Mais habil do que Villiers, Olivares talvez fosse menos infeliz e menos detestado se não encontrasse Richelieu sempre vigilante e incansavel. Em todos os lances decisivos o valido hespanhol viu constantemente a fortuna pelas costas, e a fortuna era logica, combatendo-o. A obra de Richelieu pelo contrario foi a obra do porvir. As emprezas do ministro de Filippe IV restauravam as maximas obsoletas dos tempos findos. Se o imperio e a Hespanha prevalecessem, a Europa, rasgando as ultimas paginas da sua historia, retrogradaria aos dias de Fernando o Catholico e de Carlos V.

Contava trinta e quatro annos o conde duque de Olivares, quando entrou no governo. A presença e o aspecto não lhe attrahiam sympathias. Baixo e grosso, assás pesado de corpo, e curvo de hombros, o rosto largo e a tez demasiado carregada, não o faziam bem assombrado; mas a fronte espaçosa, apesar da ampla cabelleira, e os olhos vivos e penetrantes confirmavam o conceito formado do seu engenho. A cabeça um pouco pendida para o peito, a bôca encovada, e a vista entre escura e irada revelavam os defeitos de espirito e de caracter que o precipitaram. Diziam-o grato aos beneficios e inexoravel na vingança. Apesar de aspero e soberbo, sabia adoçar a altivez, e, quando queria, era mais do que aprazivel, era insinuante. A intelligencia, menos solida do que aguda, abraçava com frequencia a nuvem pela realidade, preferindo as opiniões singulares, os arbitrios extravagantes, e os desacertos subtis aos meios praticos e sizudos. Instruido e dotado de feliz memoria, fallava e escrevia com summa facilidade e elegancia, qualidades deturpadas pela affectação do estylo emphatico e conceituoso adoptado na mocidade, quando poetára como alumno de D. Luiz de Gongora. Nas audiencias suas respostas promptas e agradaveis sempre encerravam um equi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

voco, ou uma evasiva. O mesmo acontecia com as pro- 1621
messas; as mais claras raras vezes deixavam de envolver algum engano. Sobrio e sadio, a mesa opipara offerecida em sua casa era só para os amigos e clientes. Paciente e laborioso, a aurora colhia-o sempre com a lampada em cima do bofete, tanto de verão como de inverno. No despacho e serviço de el-rei tudo corria por suas mãos sem lapso ou omissão. A sêde do mando era a paixão exclusiva de sua alma. Quando el-rei o apartou de si, a quéda arrancou-lhe metade da vida, e a solidão de Lœches acabou de consumir o resto [1].

Olivares repartiu o governo com D. Balthazar de Zuniga, seu tio, estadista idoso e estimado por suas letras e qualidades. Desejando recommendar-se por actos ruidosos, encetou com desassombro a emenda dos abusos, procurando singularisar-se na ousadia das reformas e com a austeridade do comportamento. Condemnando assim os actos das administrações antecedentes, quiz dar o exemplo do que devia ser um ministro, e sujeitou-se á fadiga improba de despachar por sua mão todos os papeis, dictando muitas vezes a um tempo a quatro amanuenses, e escutando todos os dias em audiencia oitenta e cem requerentes. Inaccessivel a lisonjas e peitas, não consentia que se devassassem os cofres publicos. Mas se estes rasgos lhe grangearam louvores merecidos, o modo aspero por que tratou os protegidos dos duques de Lerma e de Uzeda, expulsando-os da côrte, e despojando-os dos empregos, mais pareceu vingança, do que rectidão ou imparcialidade. Imi-

[1] *Relacion politica de las mas particulares acciones del conde duque*, por um embaixador de Veneza á sua republica. — Lafuente, *Historia general de España*, tom. XIV. — Olivares pouco mais de anno e meio sobreviveu á perda do valimento, fallecendo em 22 de julho de 1645. Saiu do governo a 17 de janeiro de 1643.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 tando a revolução, que o cardeal duque fizera no paço, mas tornando-a violenta e implacavel, afastou do lado de el-rei todos os emulos, e enriqueceu com as rendas e cargos, que disfructavam os perseguidos, a seus parentes e affeiçoados. D. Fernando de Azevedo perdeu a presidencia de Castella, e fr. Luiz de Aliaga, confessor de Filippe III, viu passar o logar de inquisidor geral para as mãos de D. Andrés Pacheco. Os outros ministros provaram iguaes rigores.

Os primeiros actos do conde de Olivares foram tão applaudidos dos portuguezes, como dos hespanhoes. Communicando ás auctoridades a noticia da morte de seu pae, Filippe IV liberalisou-lhes promessas, que os credulos ouviram com prazer, e que um rasgo da politica pessoal do valido, conforme com o voto dos povos, principiou a justificar. D. João da Silva, marquez de Alemquer e conde de Salinas, sustentado pelo duque de Uzeda, caiu com o protector. Nascido em Castella, mas inclinado á nação que fôra berço de seus maiores, os defeitos encarecidos pelas antipathias, não foram os que mais concorreram para o tornar impopular. Filho do principe de Eboli, D. Ruy Gomes, o reino repellia-o como estrangeiro, apesar da baronia, e reputava-o inferior ao cargo na qualidade. Em circumstancias identicas outro qualquer teria encontrado igual opposição, fundada no orgulho aristocratico e no ciume da independencia. Discreto, generoso e expedito, o marquez, menos feliz do que D. Christovão de Moura, começou e concluiu o seu governo sem que o odio geral lhe concedesse treguas de um dia. Entre os aggravos, mais ou menos provados, que os inimigos allegavam para o deprimir, figuravam sempre as grandes dividas contrahidas no serviço de el-rei e para alimento das prodigalidades proprias. Por fins de maio ou principios de junho, quando Filippe IV o dispensou do logar, nomeando o bispo de Coimbra,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

D. Martim Affonso Mexia, o conde de Basto e D. Nuno 1621
Alvares de Portugal, quiz D. Diogo da Silva recolher-se a Madrid, mas uma ordem do governo embargou-lhe a jornada e a ajuda de custo, a pretexto de cobrar fiança na pessoa e no dinheiro das quantias devidas á fazenda do estado. Assim retido com escandalo, para o soltar das garras do fisco baixou da côrte uma carta regia, ordenando que não se estorvasse a partida ao conde, e que no caso da corôa de Portugal ser credora, informasse el-rei da importancia das sommas. Quanto ás dividas particulares a carta regia deferia-as ao conhecimento das justiças ordinarias. Depois de já seguro em Madrid, ainda contestaram por muito tempo os tribunaes ao marquez a posse da villa de Alemquer e do reguengo de Guimarães, mercês de Filippe III; e para D. Diogo, seu filho, elevado pelo favor do monarcha ao ducado de Hijar, poder aproveitar a graça, foi preciso que em novembro de 1632, decorridos já muitos annos, cortasse el-rei as resistencias, mandando entregar-lhe as terras e as rendas, e dictando á obediencia das auctoridades um praso curto e impreterivel [1].

Nos principaes empregos não houve mudança. O conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa, continuou nas funcções de governador da relação e casa do Porto, magistratura civil de summa importancia; o bispo D. Fernão Martins Mascarenhas conservou as de inquisidor geral; e D. Antonio Mascarenhas, seu parente, as de commissario geral da bulla, valiosas pela influencia e o rendimento. Do mesmo modo proseguiram tambem no exercicio dos logares o rei-

[1] Cartas regias de 27 de outubro de 1627 e de 15 de novembro de 1632. O marquez entre outras dividas negociára antes de 1619 um emprestimo de cem mil cruzados para as urgencias de Filippe III. — Archivo municipal, liv. I dos juros dos Filippes, fol. 34.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1621 tor e reformador da universidade, D. Francisco de Menezes, assim com o regedor da supplicação, Manuel de Vasconcellos, e o secretario de estado Christovão Soares. Era general das galés D. Jorge de Castro, filho do vice-rei da India Martim Affonso de Castro, e general da armada de Portugal D. Antonio de Athaide, depois conde de Castro Dayre. Nos outros cargos superiores da milicia ou da administração, a prudencia inspirou ao conde Olivares o bom conselho de não introduzir novidades, emquanto de mais perto não conhecesse os homens e as cousas. Nos ultimos dias do seu reinado, instado pelas queixas dos portuguezes, Filippe III tinha avocado a Madrid os capitulos das côrtes de 1619, na intenção apparente de os resolver com audiencia do conselho de Portugal; D. Gaspar de Gusmão não suspendeu a ordem, mas impoz de certo perpetuo silencio ao assumpto, porque nunca os capitulos mereceram nem resposta negativa. Entretanto, se a vigilancia do soberano parecia adormecida para escutar os aggravos do reino, despertava solicita comtudo, para acudir pelas regalias do throno, determinando que se procedesse desde logo á confirmação geral das mercês dos bens da corôa e ordens, e fulminando aos fidalgos e donatarios, que não apresentassem os titulos dentro de um praso marcado, as penas comminadas nas leis [1].

Desagradou á nobreza este acto provocado não só pela excessiva liberalidade dos ultimos monarchas, como e ainda mais pela tolerancia de abusos e usurpações escandalosas; mas o direito e a rasão pugnavam com tanta força em favor do preceito da ordem regia, que os interessados não se atreveram a combate-la abertamente. Valeram-se, porém, de muitos ardis para lhe paralysar a execução, e, segundo

[1] Carta regia de 23 de junho de 1621.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

se deprehende dos documentos, os tribunaes auxiliaram- 1621
os no proposito de reduzir a palavras sem effeito os decretos do governo. Não só correu inutil o primeiro praso, como aconteceu o mesmo aos que se prorogaram depois. Os donatarios, que tinham os archivos coordenados para receber os fructos e rendas nunca acabavam de vencer a confusão, quando se tratava de provar a origem legitima da posse e dos proventos. Golpe tão rijo nas classes privilegiadas, costumadas a reter sem contestação, nem exame o que as calamidades e alterações passadas lhes haviam deixado usurpar, foi a primeira luva arremessada por Olivares, e o primeiro rebate què avisou os fidalgos da secreta hostilidade do valído. Filippe II dera tudo para reinar; Filippe III não ousára tirar nada, porque se queria conservar; Filippe IV, julgando-se mais firme do que o pae e o avô, rompeu com a nobreza, e desafiou desde o principio do reinado as tempestades, que dezenove annos depois lhe arrancaram a corôa da cabeça.

Uma providencia violenta, datada de Madrid em 23 de março de 1621, nas vesperas da morte de Filippe III, prohibindo sem excepção a residencia dos escravos mouros e turcos, não só em Lisboa e portos de Portugal e Algarve, mas em todos os logares situados a menos de vinte leguas da costa, revelára dois mezes antes que as tendencias da côrte de Madrid tinham começado n'este sentido mesmo antes de estreado o novo reinado. A prevenção lesava mais os senhores, do que opprimia os captivos, cujo preço baixou muito com a venda forçada para o interior do paiz. Queixaram-se os proprietarios, mas debalde. O governo sustentou a lei e justificou-a com a suspeita rasoavel, de que os assaltos dos infieis fossem guiados por avisos occultos dados perfidamente pelos correligionarios. De feito a insolencia dos piratas progredia de anno para anno.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1623 Em 1616 na ilha de Santa Maria, e em 1617 na de Porto Santo, haviam semeado o espanto e a assolação, roubando, queimando e captivando as povoações. Em Buarcos e outras villas da orla maritima não era maior a segurança. Tremia tudo á repentina apparição dos chavecos barbarescos.

Datada do mesmo mez saiu a carta regia, que mandou proceder á reforma do regimento dos contos, encarregando d'este serviço Ruy Lourenço de Tavora, coadjuvado pelo dr. Simão Soares de Carvalho, do conselho da fazenda, e por Luiz de Figueiredo, escrivão do tribunal, e recommendando-lhes a maior brevidade e exactidão nos methodos propostos para o exame e immediata cobrança das dividas. Segundo se collige de outro diploma, os tres commissarios não se apressaram, e seguindo o preceito horaciano, gastaram quasi dez annos em aprimorar a obra. Só em 1627 é que foram creadas nos contos do reino e casa quatro juntas de liquidação e arrecadação dos debitos, e foram nomeados deputados das mesas os drs. Balthazar Fialho, Cid de Almeida, Manuel Jacome Bravo e Francisco Lopes de Barros, com os provedores Francisco da Costa e Bartholomeu Soeiro, e os contadores Francisco de Seixas e Francisco Valente de Figueiredo. Decretou-se-lhes regimento em 14 de julho de 1628, e assim continuou tudo até aos annos de 1634 e de 1637, em que as novas reformas do pessoal e das formulas do expediente vieram provar que os primeiros documentos, apesar de lavrados com grande pausa, tinham sido menos efficazes do que el-rei e seus auctores esperavam [1].

Procurando apurar por este modo todas as receitas publicas, determinou o governo pelo mesmo tempo ao vice-

[1] Cartas regias de 20 de maio de 1621, de 17 de novembro de 1627 e de 7 de outubro de 1637. — Regulamento de 14 de julho de 1628.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rei da India, aos governadores do Brazil e aos capitães das 1623
conquistas, que não desviassem das applicações legaes os rendimentos da bulla da cruzada, exclusivamente destinados á sustentação dos presidios de Africa, mandando acudir com as sommas cobradas pelo fisco da inquisição ao armamento dos galeões de soccorro da Asia, que os temporaes haviam impedido de partir em março. D. Fernão Martins Mascarenhas foi zeloso na execução das ordens, ajudando com oitenta mil cruzados a armada do conde da Vidigueira, pela segunda vez nomeado vice-rei. Agradeceu-lhe Filippe IV a promptidão, e achando aberta esta fonte copiosa, não se esqueceu de a sangrar mais, pedindo ao inquisidor geral, que tratasse por todas as vias de juntar a maior quantidade de dinheiro possivel dos bens confiscados aos christãos novos. É provavel que as instancias do monarcha fossem attendidas. Os methodos por que o tribunal da fé batia moeda e provia os seus cofres são sabidos; bastava alargar um pouco o campo aos delatores, e carregar mais pesada a mão sobre os suspeitos para as suas rendas eventuaes duplicarem rapidamente[1]. Por esta epocha decidiu-se um negocio, que trazia sobresaltado o animo dos devotos. O Preste João rogára a el-rei, que lhe enviasse um patriarcha para tratar da reducção d'aquella christandade á obediencia da igreja de Roma. Esta falsa esperança custára a Portugal desenganos e desgraças desde a enviatura de Zagazabo e do embaixador do imperador da Abyssinia em companhia de D. Rodrigo de Lima (missão mandada annunciar em Roma por D. João III com estrepito), até á instituição de D. João Bermudes como patriarcha da Ethiopia pelo Abuná Marcos e á expedição e martyrio de D. Christovão da Gama. Renascidas as illusões

[1] Alvará de 9 de setembro de 1621.—Cartas regias de 7 de outubro de 1621 e 22 de dezembro de 1622.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1623 depois de tantos annos, a mesa da consciencia consultou a opportunidade da nomeação do patriarcha, propondo para tão elevada dignidade um dos religiosos da companhia de Jesus. Accedeu a côrte com a clausula da limitação e pobreza apostolica do novo prelado, e resolveu que elle entrasse na Ethiopia com todo o recato e segredo, e que na India o soccorresse o vice-rei do mais essencial, escolhendo para este desterro, mais perigoso do que invejado, o jesuita Affonso Mendes. Em fevereiro de 1623 o padre não tinha ainda partido de Lisboa, mas em 1629 já escrevia uma curiosa carta datada da Abyssinia ácerca dos trabalhos evangelicos da sua missão[1].

Estavam rotas as treguas com a Hollanda, tinha expirado o praso, e a guerra desejada por ambas as potencias ía rebentar de novo. Seguindo as maximas invariaveis da politica de seu avô, apesar de convencidas de erro pelos revezes, mandou el-rei fechar desde logo os portos e o commercio de Portugal aos navios e mercadorias neerlandezas; e como se dilatava o contrabando estimulado pelos lucros imaginou suffoca-lo, sujeitando os vasos mercantes ás vexações de visitas fiscaes, ordenadas pelo védor geral da gente de guerra dos presidios, e depois pela vigilancia do marquez de Cropani. O resultado, como não podia deixar de acontecer, saiu funesto ao rendimento das alfandegas, defraudado pelas especulações do trato illicito, e attenuado

[1] Cartas regias de 28 de junho de 1621, 25 de outubro de 1622 e 8 de fevereiro de 1623. — Sobre a instituição e aventuras do famoso D. João Bermudes, que ainda se duvida se foi ou não, patriarcha e se tinha até o nome, que tomou, vide o raro opusculo intitulado *Breve relação da embaixada, que o patriarcha D. João Bermudes trouxe do imperador da Ethiopia, etc.* Lisboa, anno de 1565, especialmente os cap. II, V, X e XXII. — Vide igualmente Miguel de Castanhoso: *Historia das cousas que o mui esforçado capitão D. Christovão da Gama fez nos reinos do Preste João, etc.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pela pouca frequencia das embarcações dos paizes amigos, 1622
que os rigores da policia castelhana afugentavam das aguas portuguezas[1]. Applicando depois ao reino a legislação de castella o conde de Olivares ainda feriu mais os sentimentos nacionaes, irritando o amor proprio de todas as classes. A carta de lei de 31 de janeiro de 1623, invocando as rasões que haviam dictado a severa prescripção das cedulas reaes de 14 de janeiro e de 8 de maio de 1622 em Madrid, «para conservar a boa administração da justiça e da fazenda, e atalhar, quanto possivel, a cubiça desordenada, raiz de todos os males», ordenou, que todos os funccionarios sem excepção, a contar do anno de 1522, e dentro do praso de dois mezes, apresentassem o inventario jurado e assignado de todos os bens actuaes, e dos que fruiam quando entraram no serviço publico, sem engano, ou simulação, sob pena de sequestro no que maliciosamente sonegassem, devendo subir os papeis á secretaria d'estado. Alem d'isto os que possuissem senhorios de villas, de logares, ou de jurisdicções deviam declarar tambem o seu rendimento, assim como os dotes das filhas, as sommas e fazendas cedidas aos filhos ou parentes, as joias e pedras de preço, a prata, os coches, os cavallos, os quadros, as tapeçarias, os moveis, e mesmo até as camas![2]

Esta odiosa lei, introduzindo os olhos do fisco no interior mais recondito das familias, e devassando á curiosidade das repartições os segredos domesticos e a vida intima, alem de inutil como remedio preventivo, diffamava sem criterio a honra dos empregados pela generalidade do pre-

[1] Cartas regias de 15 de abril de 1621, de 8 de maio e 4 de agosto de 1623 e de 28 de fevereiro de 1624.

[2] Carta de lei de 31 de janeiro de 1623.—Carta regia de 5 de abril de 1624.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1623 ceito, e humilhava a dignidade e os brios de todas as magistraturas desde as mais elevadas até ás mais modestas, fazendo-as passar sem selecção pelo opprobrio de uma suspeição, convertida pelo rigor quasi em certeza na desconfiança vulgar. Parece que muitos empregados offendidos demoraram, ou negaram os inventarios, porque, quatorze mezes depois, em 5 de abril de 1624, outra carta regia suscitando a observancia da anterior, mandava lançar desde o 1.º de janeiro d'aquelle anno, com effeito retroactivo, verbas de suspensão nos ordenados dos desobedientes [1]. Ignorâmos se a lei se executou por fim, e se o valido, tenaz nos propositos, conseguiu vencer as resistencias; mas sabemos pelo testemunho posterior dos factos, que ella nunca passou de um rasgo de hypocrisia official, de que todos zombaram, porque em Hespanha e Portugal a corrupção e a venalidade cada vez correram mais soltas, chegando a citar-se como pura idade de oiro aquella em que o marquez de Sete Eglesias, Franqueza, e tantos outros haviam sido apontados como escandalos vivos da honra e probidade. Os abusos de Diogo Soarez, de Miguel de Vasconcellos, e dos agentes da caballa castelhana em Madrid eram para envergonhar as devassidões do Baixo Imperio.

Ao passo que molestava assim o orgulho nacional, insistia o conde de Olivares em apalpar o terreno, ensaiando com pedidos, em uns casos parciaes, em outros geraes, mas todos obsequiosos, o ruinoso systema fiscal, que acabou de precipitar a monarchia. Depois de exigir da camara do Porto um galeão armado de trezentas toneladas para o soccorro da India, e de instar outra vez com o bispo inquisidor geral para que apurasse as maiores sommas que podesse juntar dos bens confiscados pelo Santo Officio, escre-

[1] Cartas regias de 6 e 18 de maio e de 16 de novembro de 1623.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

veu a todas as camaras do reino, determinando que ellas 1623
concorressem com um subsidio para a armada da Asia. Redobrou o descontentamento dos povos com estas exigencias. Viam tudo decadente, e perguntavam com motivo, em que eram consumidas as quantias que lhes extorquiam. O aperto das conquistas, tomado sempre como pretexto pelo governo de Madrid para exigir os maiores sacrificios, nascia da incapacidade dos negociadores da tregua de 1609, e da negligencia reprehensivel, com que haviam sido desprezadas as vantagens, propostas por alguns principes asiaticos inclinados á amisade de Portugal. Emquanto os hollandezes colligiam os esforços para nos lançarem fóra de Moçambique, de Malaca, de Ceylão, das Molucas e de Macau, combatendo no mar as armadas, e investindo por terra os presidios, os inglezes, fortalecidos em Surrate e em Sunda, aproveitando o favor das armas neerlandezas, e já senhores do estreito de Sincapura, meditavam desapossar-nos de Ormuz, a fim de monopolisarem o commercio, de que a opulenta cidade era chave e emporio ao mesmo tempo. Se os ministros de Filippe III olhassem com mais reflexão para os interesses da corôa portugueza teriam colhido da embaixada de D. Garcia da Silva muito maior proveito, do que a vaidade esteril de alardear a carta de shah Abbas como um triumpho. De feito, o persa em luta aberta com o sultão appellára para o auxilio de nossas armas, convidando-nos a apertar os turcos e os mouros por nossa parte, como inimigos communs, emquanto elle por seu lado os ia guerrear sem quartel. Um presente de sedas acompanhára a mensagem em si mais valiosa, do que todas as riquezas. O orgulho hespanhol ufanou-se com as palavras do shah, e vaidoso prometteu mais do que pedia; mas chegada a hora da execução faltou a tudo. Abbas resentido buscou alliados efficazes, e firmou com os in-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1622 glezes o pacto, que o descuido da côrte de Madrid annullára contra os turcos. Quando o perigo avisou da India os ministros indolentes do rei de Hespanha já o mal não tinha remedio, e o que intentaram dar-lhe ainda surtiu peior effeito, do que a inercia[1].

Saíu de Lisboa em 1619 o famoso capitão Ruy Freire de Andrada com dois galeões, tres urcas, e mais de seiscentos homens de peleja. As instrucções recebidas eram: levantar na ilha de Queixome uma fortaleza, que servisse de padrasto á de Ormuz e de freio ás ameaças dos inimigos, encarregando-o ao mesmo tempo de guardar o estreito contra as armadas inglezas, a fim de lhes vedar o commercio da seda. Fallecido o conde do Redondo, entrára no governo da India, por successão apontada nas cedulas reaes, Fernando de Albuquerque, fidalgo morador em Goa, bem conceituado, mas idoso, pertinaz, amigo do repouso, e pouco dado a aventuras (1619–1622). Albuquerque não approvou a nova fortificação de Queixome, vaticinando que ella seria origem de grandes desastres, e nunca de prosperidades. Justificou o successo as suas apprehensões. A presença de Ruy Freire, que já em março de 1620 havia embocado o estreito, e que senhor do mar Vermelho tolhia a navegação a todas as vélas suspeitas, subministrou a shah Abbas pretexto para romper as hostilidades. Por sua ordem o kan de Lara reteve as cafilas, e prendeu os mercadores que acudiam ás feiras. Construiu-se a fortaleza em Queixome, no seu territorio, e ainda se offendeu mais. Alem d'isso o bloqueio dos portuguezes aos portos e os

[1] *Justificação dos portuguezes sobre a acçam de libertarem seu reyno, etc.* Lisboa, 1643, pag. 76.—*Restauração de Portugal prodigiosa.* Lisboa, 1643, pag. 357.—*Commentarios do grande capitam Ruy Freire de Andrada.* Lisboa, 1647, cap. I, III, VIII e IX.—Faria e Sousa, *Asia portugueza,* tom. III, part. III, cap. XIX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

combates dos galeões com as naus britannicas, que vi- 1622
nham carregar sedas, pesavam á soberania independente de principe como oppressão injuriosa, e feriam com grave lesão os interesses dos subditos e da corôa [1].

Decidido a envidar todo o seu poder para se eximir do jugo, ligou-se o shah com os arabes e os inglezes, conquistou Julfar e Doba, pontos importantes para a conservação de Ormuz, que d'elles tirava agua e mantimentos, e colligiu grandes forças para arrazar a fortaleza de Queixome, e expulsar de Ormuz o rei e os portuguezes. As victorias dos navios de Ruy Freire em varios logares da costa, que deixaram abrasados, e mais de quatrocentos baixeis mettidos a pique ou queimados, o que de feito alcançaram foi apressar a ruina imminente do nosso imperio n'aquellas partes. Se o valor de um só capitão podesse suster-lhe a quéda tê-lo-ia conseguido de certo o braço de Ruy Freire, renovando as proezas de Affonso de Albuquerque nos mesmos mares, que tanto haviam respeitado o grande capitão; mas os tempos estavam mudados, e os homens eram outros. Cercado em junho de 1622 por Abdul-Kan, general do kan de Schiraz, com vinte e cinco mil persas, Freire, sem esmorecer na resolução sustentou os parapeitos ainda frescos, que tinha levantado. Pelo impeto e acerto das sortidas, e pela serenidade e bizarria da defeza, muitas vezes obrigou os inimigos a arrependerem-se; mas a multidão crescia, e os nossos cada vez se contavam menos e mais cansados. O trabalho das vigilias e da reparação das brechas por continuo tornou-se insupportavel. N'estas circum-

[1] *Justificação dos portuguezes sobre a acçam de libertarem seu reyno, etc.* Lisboa, 1643, pag. 76.—*Restauração de Portugal prodigiosa.* Lisboa, 1643, pag. 357.—*Commentarios do grande capitam Ruy Freire de Andrada.* Lisboa, 1647, cap. I, III, VIII e IX.—Faria e Sousa, *Asia portugueza,* tom. III, part. III, cap. XIX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1623 stancias as proprias victorias, consolando os brios, consumiam as forças. A frouxidão e má vontade com que Fernando de Albuquerque o soccorreu, e a falta de dois capitães, que se desculparam com futeis aggravos da nodoa de desertarem na maior intensidade do perigo, e a chegada das nove naus inglezas auxiliares dos persas acabaram de lhe cortar as esperanças, mas não o animo, apesar da morte do capitão da cidade, D. Francisco de Sousa, fidalgo bemquisto, intrepido e consummado na milicia, cuja perda em similhante occasião foi por todos reputada como o prenuncio da perda de Queixome e Ormuz[1].

O successor, Simão de Mello, vaidoso e irresoluto, principiou logo a mostrar a differença, que vae em tempos criticos de um homem de acção a um invejoso fraco e inepto. Correu tudo desde então como se os persas e os inglezes inspirassem os conselhos dos adversarios. As ruins paixões de Simão de Mello, devorado de implacavel rancor contra Ruy Freire, obscureceram-lhe o juizo, excitando o odio e o desprezo geral. A pericia dos engenheiros britannicos e a temeridade, com que Abdul-Kan investia as muralhas, repetindo e apertando os combates, embora se recolhesse mal ferido, e deixasse o campo alastrado de mortos, reduziram em breve os defensores á ultima extremidade. Formidaveis e bem regidas as baterias demoliam os baluartes e os muros, disparando dia e noite; os assaltos quotidianos e as vigias da noite desfalleciam os mais vigorosos soldados; os mantimentos e as munições escasseavam; e os portuguezes, no meio de caliças e destroços, pelejando descobertos e peito a peito, a cada hora se viam entrados e vencidos. N'este lance ultimo e desespe-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. III, cap. XIX e XX.—*Commentarios do grande capitam Ruy Freire de Andrada*, cap. XVI, XVII, XIX, XXV, XXVI e XXIX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rado não se desmentiu o grande coração de Ruy Freire, formando o projecto de fazer voar a fortaleza, e de se metter com os seus no meio dos arraiaes contrarios, combatendo até perecerem todos. Menos heroicos os capitães e soldados, julgando cumprido o dever, e illesa a honra ao cabo de nove mezes de sitio, decidiram ouvir as propostas de capitulação enviadas pelos inglezes, e mandaram um soldado com a resposta contra o voto do general. De parte a parte havia desejos de prompta conclusão; e a despeito da ira e resistencia de Ruy Freire os restos da praça foram entregues com as honras da guerra, saíndo a guarnição para Ormuz de mechas accesas, balas nas bôcas dos canhões, bandeiras despregadas, e tambores rufando. Ruy Freire, passivo e coacto, rendeu-se prisioneiro, e foi encerrado em uma nau britannica, aonde o trataram com summa cortezia; os seus companheiros embarcaram nas lanchas; e os lascarins, tão valentes e dedicados alliados nossos durante o cerco, caíram nas mãos dos persas, que não perdoaram a vida a nenhum d'elles[1]. 1622

Pouco sobreviveu Ormuz a Queixome. A falta de Ruy Freire e a incapacidade de Simão de Mello apressaram-lhe o captiveiro. Em 22 de fevereiro de 1622 saltaram os inimigos em suas praias, e, achando a cidade sem defeza, saquearam-a. Repelliu-os a fortaleza por algum tempo, porém batida por muitos lados a um tempo, depois de minado e perdido o baluarte S. Thiago, capitulou com os inglezes, como Queixome, não sem grandes clamores e imprecações dos soldados. O conde da Vidigueira aportou a Cochim, quando o desastre estava consummado, e a ruina de Ormuz era irreparavel. Os portuguezes, vendo o go-

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. III, cap. XIX e XX. — *Commentarios do grande capitam Ruy Freire de Andrada*, cap. XVI, XVII, XIX, XXV, XXVI e XXIX.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1623 verno de Madrid descansado, quando urgia ser activo, e notando que só ardia em zélo passada a occasião, desconfiavam da sinceridade do conde de Olivares, e não acreditavam nas rasões, com que procurava persuadir-lhes a necessidade de maiores sacrificios. Alem d'isto a infelicidade acompanhava tão constante todas as nossas cousas n'este periodo, que das armadas de 1623 (que foram duas), naufragaram todas as tres naus da primeira sem tornarem a avistar Lisboa, e dos cinco galeões da segunda, commandados por D. Filippe Mascarenhas, perderam-se dois em Moçambique e o terceiro na costa da Arabia[1]. Para occorrer a adversidades tão seguidas não havia cabedaes, nem valor sufficientes. Nada podia supera-las. Os mares e os inimigos destruiam em horas a obra de mezes e até de annos. No meio do desalento provocado por accidentes repetidos e funestos cuidou o valido ter inventado o remedio soberano, que podia salvar as conquistas e restaurar-lhes o esplendor. Imitando dos hollandezes e da Inglaterra a fecunda idéa da associação dos capitaes tambem quiz constituir em Lisboa uma companhia de commercio, e combater com ella as de Londres e de Amsterdam. Sem se lembrar, de que a união livre e espontanea de interesses e vontades é o unico regimen possivel para a prosperidade das associações, principiou logo por assignalar profundamente na sua creação o cunho do poder absoluto, encarregando o presidente da camara de Lisboa D. Jorge Mascarenhas de a organisar officialmente, e coagindo as camaras e os particulares abastados a subscreverem com sommas avultadas. O senado de Lisboa, que no anno antecedente (1623), concorrêra já com duzentos mil cruzados para o soccorro de Ormuz, hypothecando as rendas, e vendendo

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III pag. 555.—*Memoria de todas las armadas.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

padrões de juros, viu-se obrigado a satisfazer mais este 1628
imposto disfarçado, e se demorou por mezes a decisão não conseguiu eximir-se do pagamento de cento e cincoenta mil cruzados[1]. O fim ostensivo da sociedade de certo era nobre e patriotico, mas todos conheciam que os meios não correspondiam, e que ella se havia de desvanecer como fumo. Ignorâmos se as verbas da subscripção se elevaram a quantias de vulto, ou se as sommas promettidas se arrecadaram no todo, ou em parte; o que sabemos com certeza é que o governo a dotou com algumas consignações, mais apparentes, do que effectivas, que os soccorros de importancia foram subsidiados com emprestimos, ou pedidos onerosos, e que seis annos depois, em 1633, a famosa companhia era extincta pela carta regia de 13 de abril, demolindo a côrte por suas mãos a propria obra, em que librára antes tantas esperanças. A paz, renovada com a Inglaterra em 15 de dezembro de 1623, seguramente deveria ser muito mais proveitosa para a India e para a Africa oriental, do que a companhia creada pelo conde de Olivares; mas o uso constante das nações maritimas, alliadas, ou inimigas, era esquecerem, passada a linha, a letra dos tratados, para nos disputarem todos os commercios[2]. Não admira, pois, que o descontentamento publico se aggravasse, e que no anno de 1623 tumultos mais graves pela ousadia, do que pela intensidade, inquietando a tranquillidade, perturbassem o governo. Eram os primeiros symptomas da resistencia.

[1] Provisão de 5 de março de 1624.—Archivo municipal de Lisboa, liv. I dos juros dos Filippes, fol. 54, e liv. II, fol. 6.—Alvarás de 16 de maio de 1625 e de 10 de fevereiro de 1629.

[2] Carta regia de 13 de abril de 1633 e de 23 de dezembro de 1624.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO II

1624-1627

Renovação da guerra com os hollandezes.—Creação da companhia das Indias occidentaes em Amsterdam. Projectos dos directores sobre o Brazil.—Receios da colonia. Estado moral d'ella.—Expedição contra S. Salvador da Bahia. Desembarque. Conquista da cidade.—Providencias da côrte de Madrid e do governo de Lisboa.—Patriotismo dos portuguezes. Donativos. Alistamentos. Força e composição da armada. Sua partida.—Sitio da Bahia por D. Fradique de Toledo. Anarchia militar dos hollandezes. Capitulações propostas e aceitas. Restauração de S. Salvador.—Festejos e jubilo das duas corôas.—Plano de Olivares. União de forças e subsidios.—Hostilidades dos inglezes. Ordens de defeza. Desleixo incrivel depois da victoria no Brazil.—Saída da armada de D. Manuel de Menezes.—Erros e contradicções que a perderam. Naufragio lastimoso nas costas de França.

O anno de 1622 ainda entrou mais carregado. Se os anteriores tinham sido infelizes, este saíu infelicissimo. O primeiro revez feriu a Bahia de todos os Santos, praça de armas e capital das outras capitanias do Brazil, conquistada quasi sem resistencia por uma esquadra hollandeza. A noticia do successo não consternou só os portuguezes; acompanharam-os os hespanhoes na indignação, tremendo pelas suas possessões americanas. Filippe IV e o conde duque, dispertando, levantaram-se sobresaltados, e acudiram por si, dizendo que acudiam pela nossa corôa. A crise era na realidade grave, e o perigo maior ainda do

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 que se calculava. A entrada das armas da republica no territorio do Brazil não fôra um lance casual, ou uma tentativa fortuita; nascêra de planos deliberados com segura informação, e riscados com a audacia prudente, que seduz e concilia a fortuna. Rotas as treguas de 1609, e morto Olden-Berneveld, prevalecêra a opinião de Usselincx, decidido partidario da guerra, e auctor do projecto de a estender ás conquistas hespanholas do sul da America por meio de uma occupação successiva e permanente. Olivares, vendo quasi findo o praso do armisticio apressára tambem impaciente a hora de renovar as hostilidades, persuadido de que a monarchia surgiria d'ellas melhorada. Usselincx, não menos firme nos propositos, aconselhava a luta com ardor igual, apontando o continente americano como o alvo mais util dos esforços das esquadras das provincias. Os hollandezes ainda o conheciam pouco. Depois da viagem do celebre Van Vord em 1598, o unico navegador que o visitára, fôra o almirante Joris van Spilbergen em 1614, o qual, repellido tinha levantado ferro, apresando primeiro uma caravela carregada de prata e de bullas da cruzada. No anno de 1615 partiram do Texel Jacob le Maire e Wislem Corneliszoon Schouten, e a 29 de janeiro de 1616 dobrando pela primeira vez o cabo de Horn, cortaram depois as aguas do oceano Pacifico, e fundearam diante de Batavia a 28 de outubro.

Estas expedições, valiosas para a sciencia, e proveitosas á acção politica, tinham avivado no espirito de Usselincx o projecto de oppor nas Indias occidentaes ao governo de Madrid o poderoso braço de uma companhia, que não fosse menos funesta á Hespanha, do que o havia sido, e estava sendo na Asia n'este momento a ingleza. Abraçada em 1621 com fervor a sua idéa, e rotas as treguas, o Stadthouder e os estados geraes, protegeram e coadjuvaram o plano da

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

associação, edificada em bases mais amplas e duraveis do 1624
que a companhia do commercio que o governo de Filippe IV imaginára para a combater. O governo neerlandez em 3 de junho approvou-lhe os estatutos, cedendo á sociedade por vinte e quatro annos o direito exclusivo do trafico e navegação em quasi toda a Africa e na America, com poderes de nomear e depor os governadores e empregados, de concluir tratados de alliança e de commercio com os indigenas, de declarar e de fazer a guerra, de levantar fortalezas, e finalmente de estabelecer colonias. Os estados geraes obrigaram-se, alem d'isto, a pagar duzentos mil florins por cinco annos, recebendo das presas maritimas e dos despojos da guerra metade d'esta somma. O capital da empreza subiu desde logo a 7.108:161 florins (1.528:000$000 réis, pouco mais, ou menos), e depressa se elevou a dezoito milhões, 3.220:000$000 réis, divididos em acções de 6:000 florins (1:290$000 réis approximadamente). A administração, apesar de complicada no mechanismo, concordava com o pensamento e com os fins dos fundadores. Compunha-se de cinco secções, aonde se achavam representadas as camaras de Amsterdam, de Zelandia, de Meuse (Rotterdam), de Hoorn e Frisa, e da cidade e districto de Groninga. No conselho executivo, composto de dezenove directores delegados pelas secções, figuravam os homens principaes de cada um dos estados. A séde da assembléa havia de ser Amsterdam ou Middelbourgo alternadamente[1].

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 10 e 11. O florim dos Paizes Baixos vale 2,10 francos, ou 1 shelling e 10 dinheiros de moeda ingleza.—*Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer. Paris, 1857, tom. II, pag. 272 e seguintes.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI, pag. 358 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 Appareceu desde logo a nova companhia mais como instrumento de guerra e destruição (o que de feito era), do que como uma sociedade fundada em calculos de probabilidades e com futuro mercantil. Deviam enriquece-la as presas maritimas e os despojos das cidades vencidas; mas na Africa e na America não convidavam a cubiça nem a densa população, nem as vastas especulações, que desde 1606 tinham locupletado a companhia das Indias orientaes nas feitorias de Coromandel, de Atschim (Achem), e da ponta nordeste da ilha de Sumatra. Os sertões de Angola, as praias de Guiné, e as florestas do Brazil não promettiam aos armadores as opulentas primicias, de que seus compatriotas tanto fructo haviam colhido no trato de Borneo e de Ceylão, do Japão e das Molucas; porém, senhoreando aquelles mares, alimentando o contrabando nas colonias hespanholas, e distrahindo as forças da côrte de Madrid, ampliava a navegação e a industria, auxiliando vigorosamente a luta da patria contra a antiga metropole[1]. Para se formar idéa das perdas causadas pela companhia ás duas monarchias (hespanhola e portugueza), bastará observarmos, que no espaço de treze annos (de 1623 a 1636), a sociedade armou á sua custa oitocentos navios, e apresou, nossos e castelhanos, mais de quinhentos vasos. Em 1628 toda a esquadra do Peru, chamada da prata, caíu em suas mãos. Gastando quarenta e cinco milhões de florins (5.375:000$000 réis) nos armamentos, arrancou das presas maritimas perto de noventa milhões (19.350:000$000 réis), e repartiu du-

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 10 e 11.—*Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*, par H. Scherer, Paris, 1857. tom. II, pag. 272 e seguintes.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI, pag. 358 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rante a guerra dividendos annuaes de 25, de 50, de 80 e 1625
até de 95 por cento do capital das acções, que na praça se cotavam com premios superiores aos da companhia das Indias orientaes. Seus corsarios, veleiros e mareados por tripulações intrepidas, excediam muito no apparelho, na manobra e na certeza do fogo os pesados galeões e as ronceiras naus da Hespanha e de Portugal, que saíam dos portos, fazendo agua, abarrotadas de carga e de gente, e tripuladas de ordinario por homens inexperientes e arrastados a bordo nas vesperas da partida. O atrazo dos nossos estaleiros de construcção, o ruinoso systema dos contratos, a má fé dos armadores, e a falta de marinheiros praticos explicam a repetição dos revezes e a nossa inferioridade em quasi todos os combates, a despeito do valor dos capitães e soldados [1].

Desde o começo foi logo o Brazil designado como o ponto principal para que deviam tender os esforços da nova companhia; mas os directores, emquanto acudiam com regulamentos opportunos á direcção do commercio de Africa occidental, guardaram rigoroso segredo ácerca do seu plano. Apesar d'isso avultava em todas as capitanias a apprehensão vehemente de uma invasão, apprehensão a que o governo de Filippe IV se não mostrára alheio, mandando um anno antes, em julho de 1623, fortificar as cidades da Bahia e de Pernambuco, unido recentemente com a Parahiba ao bispado do Brazil. Ainda se não apontava inimigo certo, mas havia receio de todos. Os francezes, os inglezes, os hollandezes, e até os mouros e turcos ameaçavam as conquistas uns após outros. As leis da metropole concorriam para entreter a desconfiança, umas vezes negando a residencia aos estrangeiros, outras mandando

[1] Sobre as causas da nossa declinação veja-se no *Soldado pratico* o que Diogo do Couto cita e descobre quasi em cada trecho.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 internar os christãos novos por suspeitos, ou exigindo listas dos nomes e apontamento dos bens e do emprego dos estrangeiros estabelecidos, e por ultimo, ordenando que fossem todos expulsos e embarcados sem excepção. Estas providencias, iniquas ou anti-economicas, se peccavam contra a rasão e o direito, não eram destituidas de fundamento, quanto ao odio encoberto, que suppunham nos hebreus perseguidos, e á curiosidade maliciosa, que attribuiam a alguns flamengos pouco innocentes no seu amor á terra de Santa Cruz. Soube-se depois, que a expedição de 1624, se não fôra aconselhada, fôra guiada pelas informações dos judeus da cidade, desejosos de melhorar de posição, passando para um regimen mais tolerante, e por avisos de subditos dos estados geraes, que, transportados do Brazil a Portugal em virtude da extradicção, haviam sido libertados pelos seus compatriotas. Entre outros Manuel Vandale é citado como um dos neerlandezes, que maiores serviços prestou á conquista da Bahia pelo seu conhecimento da terra, e das verdadeiras forças d'ella[2].

Mas o que facilitou mais do que tudo a entrada do Brazil aos hollandezes, foram os erros do governo e o estado moral da colonia. São concordes os testemunhos, e são imparciaes as opiniões em o pintar com as mais sombrias cores. Em todas as capitanias, e especialmente na da Bahia, a corrupção e o escandalo desenfreavam-se com insolencia. Os magistrados dobravam as varas ao peso de quatro, ou de seis caixas de assucar; os roubos e as fraudes escarneciam a justiça como cousa vã; e a rectidão e probidade

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle.* La Haye, 1853, part. II, pag. 14. —*Historia geral do Brazil,* por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI, pag. 330.—Cartas regias de 8 de fevereiro e 20 de julho de 1623.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

como de fraquezas senis. A lepra da escravidão corruia 1624
e envenenava aquella sociedade na juventude, inoculando-lhe vicios e costumes licenciosos. Os homicidios repetiam-se sem castigo até nas igrejas, e os assassinos assalariados quasi que nem se encobriam já para alçar o punhal ou disparar o mosquete. A alforria concedida pelo senhor ao servo, que mostrava as mãos tintas no sangue da vingança encommendada, suspendia a morte repentina sobre a cabeça de todos. Nos templos e no seio das familias era puramente externo o culto. Os religiosos viviam mais para o seculo, do que para o claustro; e o clero, longe de dar exemplos de compostura e de magnanimidade, timbrava pelo contrario em competir na turbulencia e na cubiça com os habitantes mais pervertidos. A companhia de Amsterdam não ignorava nenhuma d'estas particularidades, confiando tanto na desunião, como no descuido dos adversarios. Antes de ser instituida já as vélas dos corsarios neerlandezes tinham açoutado aquellas costas, tomando no anno de 1616 vinte e oito navios de carreira, e no de 1623 quasi setenta. O sentimento das perdas e o temor de maiores desastres levantaram clamores, mas o governo contentou-se com providencias inefficazes. De que valia mandar metter a pique as embarcações dos piratas, e ordenar que fossem processados summariamente, quando a difficuldade era vence-los para os encarcerar e punir? De que servia lembrar ás capitanias a organisação de uma esquadra de guarda-costa a expensas do imposto do consulado, quando os meios pecuniarios, os arsenaes e os estaleiros se reputavam insufficientes com rasão, e o estado não podia com as despezas actuaes?[1]

[1] Fr. Manuel Calado, *O valoroso Lucideno e triumpho da liberdade*. Lisboa, 1648, pag. 8 e seguintes.—Robert Southey, *History of Brazil*. Londres, 1810, tom. II, pag. 976.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 Tres annos depois de organisada julgou-se a companhia das Indias occidentaes em estado de descarregar o golpe premeditado contra o Brazil. O plano foi submettido ao Stadthouder e aos estados geraes. Designou-se como ponto objectivo da primeira tentativa a Bahia de todos os Santos, por ser o sitio mais apropriado para servir de base de operações contra a America do sul. A cidade de S. Salvador, fundada em 1549 por Thomé de Sousa, era então a séde do governo da colonia, da relação creada por Filippe III, do bispado do Brazil, e do principal collegio dos padres da sociedade de Jesus. Contava mil e quatrocentas casas, duas igrejas e tres conventos. Tres fortalezes a defendiam: Santo Antonio do lado do sul, e Tagagipe e S. Filippe da parte do norte. No meio do porto erguia-se o forte de S. Marcello, ilhéu sobre penhascos armado com uma bateria triangular. Trezentos e cincoenta soldados, e mil homens (indios e milicia da ordenança) compunham as forças, de que se podia valer para qualquer aperto. Os hollandezes enviaram uma esquadra de vinte e tres naus e tres hiates guarnecida de quinhentas bôcas de fogo, tripulada por mil e seiscentos marinheiros, e fortificada com mil e setecentos homens de desembarque. Commandava a armada Jocob Willekens, de Amsterdam, com Pieter Pieterzoon Heiyn por vice-almirante, e Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh, por general das tropas e governador das terras que se conquistassem[1]. A esquadra largou de Texel, Meuse,

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 12 a 15.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.—*Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. I e II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e Goerée por fins de dezembro de 1623, e principios de 1624
janeiro de 1624. Reuniu-se em Cabo Verde a 26 de março, e avistou as costas do Brazil a 4 de maio. No dia 8 pairava fóra da Bahia de S. Salvador a nove leguas de distancia da terra. Os capitães convocados em conselho decidiram investir sem demora, não dando tempo á cidade para se aperceber, e cada um dos chefes tomou sobre si a execução do ataque na parte que lhe pertenceu[1].

Governava o Brazil Diogo de Mendonça. Informado da proximidade da esquadra neerlandeza proveu á defeza, chamando os povos dos contornos, e ordenando-lhes que se armassem. Obedeceram descontentes, e como entre o primeiro aviso e a presença dos inimigos mediassem dias, queixaram-se da oppressão, e animados, segundo se disse, pelos commentarios do bispo D. Marcos Teixeira principiaram muitos a recolher-se furtivamente ás roças. Ced se arrependeram. A 9 de maio Willekens embocou a barra, e entrado no porto rompeu o fogo contra quinze navios fundeados no porto. Dispararam as baterias das fortalezas, mas Pieter Heyn, adiantando-se com o *Neptuno*, e as naus *Geldria, Groningue* e *Nassau*, a distancia de tiro de mosquete, travou com o forte de S. Marcello e com as embarcações portuguezas um combate, que durou até ás sete horas da tarde. Vendo então que a luta se prolongava de mais, mandou tres lanchas armadas com ordem de se metterem no meio dos nossos. Acovardados do arrojo os

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haya, 1853, part. II, pag. 12 a 15. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI. — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. I e II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 portuguezes cederam, e as lanchas tomaram sete vasos, e viram arder os outro oito entregues ás chammas pelas tripulações antes de fugirem. Aproveitando o ensejo Heyn arremetteu logo contra o forte do mar com quatorze lanchas e duzentos e oitenta marinheiros. O espanto quasi fez caír as armas das mãos aos defensores. Doze canhões e muitos soldados entrados de assalto renderam-se ao impeto dos inimigos. D'ahi a pouco troavam as peças voltadas contra a cidade até a fadiga e a falta de polvora suspenderem o conflicto[1].

Emquanto a victoria seguia assim os passos de Pieter, saltavam no pontal de Santo Antonio mil e duzentos homens e duzentos e quarenta marujos com enxadas, machados e munições. Na ausencia de Van Dorth, cuja nau se desgarrára, commandava as tropas o major Albert Schouten. A fortaleza acommettida resistiu por algum tempo; mas o capitão Antonio de Mendonça, filho do governador, depressa desanimou e se rendeu. Decorridos minutos fluctuava a bandeira neerlandeza nas ameias. Pasmado de tanta fraqueza Schouten proseguiu, e marchando sobre S. Salvador sem ninguem lhe disputar o caminho, penetrou no arrabalde, e detido pela noite acampou para esperar o dia. Ao alvorecer, quando se dispunha a assestar as peças de campanha contra as muralhas, achou a povoação quasi deserta. Os moradores com o bispo D. Marcos Teixeira, a coberto da escuridão, tinham-se retirado, e ficára só no

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas, et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 16 e 17.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.—*Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1652, cap. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

seu palacio, aonde se defendeu com valor inutil, o gover- 1624
nador Diogo de Mendonça, que os inimigos, invadida a cidade, recolheram em suas naus prisioneiro. As guarnições dos fortes imitaram os outros soldados na deserção. Quando Pieter Heyn ao amanhecer quiz renovar o combate maritimo já não encontrou adversarios. Deu-se então o saque, e foi necessaria a auctoridade do vice-almirante para a companhia não perder ali grande copia de riquezas. O despojo foi mui valioso. Alem das alfaias e fazendas dos habitantes, de certo mais do que sufficientes para saciar a cubiça dos soldados, contaram os vencedores vinte e tres canhões de bronze, e vinte e seis de ferro, muitos pacotes de pelles, quantidade de tabaco, de azeite e de vinho, bastantes peças de seda, e tres mil e novecentas caixas de assucar. O collegio dos jesuitas pela solidez das paredes e das portas ficou transformado em armazem de deposito. Van Dorth, como se o acaso de proposito lhe tivesse querido negar o seu quinhão no triumpho, appareceu no dia seguinte, e tomou posse da administração na qualidade de governador. A companhia em menos de dois dias estava senhora absoluta da capital do estado do Brazil![1]

A má nova da occupação de S. Salvador da Bahia, chegada a Lisboa a 25 de julho, foi expedida pelos governadores do reino, D. Diogo de Castro, conde de Basto, e D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, com tanta rapidez, que no ultimo do mez já el-rei e o conde de Olivares

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 16 e 17. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI. — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. II.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 a sabiam. Tinham ambos de que se accusar n'esta infelicidade. A infanta D. Izabel havia avisado de Bruxellas a côrte de Castella dos armamentos da Hollanda, e agentes activos haviam devassado o segredo da expedição em Amsterdam. Participado tudo a tempo de se occorrer ao perigo, o valido, soberbo e incredulo, não quiz suppor que a republica se atrevesse a tanto, e desprezou as informações. Acordado, porém, agora pelo estrondoso golpe, ergueu-se irado, e communicou o ardor ao descuidado Filippe IV. A indifferença cedeu ás instancias do infortunio. Os portuguezes, assombrados, queixavam-se do governo de Castella, accusavam Diogo de Mendonça, e attribuiam todas as desgraças ao jugo hespanhol, que de dia para dia apagava o antigo valor. Os hollandezes, que em poucas horas de combate se tinham apoderado da Bahia (diziam) não eram mais intrepidos, do que seus compatriotas, duas vezes repellidos de Moçambique, rechassados da Mina por Christovão de Mello, e de Malaca por André Furtado de Mendonça. Ainda ha pouco (acrescentavam), a 24 de junho de 1622, a cidade de Macau, investida por quinze naus e dois hiates, commandados por Cornellius Reijertz, não só zombára das baterias dos navios, como obrigára a recolherem-se a bordo, cortados do ferro e do fogo, os seiscentos mosqueteiros com que o almirante acommettêra os intrincheiramentos [1]. A facilidade da conquista de S. Salvador não era só uma calamidade immensa, era tambem uma nodoa indelevel, se a nação a não lavasse immediatamente, desforrando-se com brevidade. D'esta vez hespanhoes e castelhanos, rei, ministros e povo, sentiam, e fallavam do mesmo modo.

[1] *Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Concedendo á indignação publica o possivel desaggravo, 1625
D. Filippe expediu uma carta regia, pela qual ordenou que o procedimento do governador Diogo de Mendonça, e o dos capitães e officiaes de milicia fosse examinado com severidade. Para applacar a justiça de Deus havia começado por penitenciar officialmente os peccados publicos e particulares, mandando applicar rigoroso e prompto castigo aos crimes escandalosos, e rogando aos prelados e aos conventos, que por meio de orações e novenas chamassem os catholicos aos templos, a fim de alcançarem da clemencia do Altissimo com suas preces o perdão das offensas e a protecção do seu braço. Em Lisboa o arcebispo D. Miguel de Castro, com o clero secular e regular, o capellão mór D. João da Silva, e o colleitor apostolico Antonio Albergati, singularisaram-se nos extremos de devota ostentação com que executaram as ordens do soberano [1].

As prevenções politicas acompanharam logo os exercicios espirituaes, escrevendo el-rei em 7 de agosto aos governadores do reino para lhes communicar a resolução da corôa de Hespanha que era enviar a armada do oceano com tres mil infantes em soccorro da cidade de S. Salvador, esperando que Portugal não faltasse com todas as forças disponiveis ao que requeriam os impulsos da honra e o zêlo da fé. Filippe IV concluia, que dentro d'aquelle mez deveriam as esquadras estar apparelhadas, e exprimia o maior pezar por não assistir em pessoa ao grande feito, mostrando summo interesse pelo engrandecimento e esplendor de seus leaes vassallos [2]. Aos afflictos tudo os

[1] *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. IV. — Cartas regias de 9 de agosto, 20 de setembro, 20 de outubro e 3 de dezembro de 1624.

[2] Ibidem. — Carta regia de 7 de agosto de 1623.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1624 consola, e mais do que tudo actos e phrases, que lhes elevem os espiritos e lhes robusteçam o coração. Vendo o rei tão decidido, e o conde de Olivares tão fogoso, que sonhavam atropelar o tempo, os obstaculos, e até os impossiveis, nova alma se infundiu no corpo debilitado de Portugal, e subitamente remoçado, sentiu o reino renovados em todo o ardor os dias de enthusiasmo e de heroismo. Os governadores e fidalgos, os mais ricos negociantes, e até os plebeus rivalisaram uns com os outros, competindo sobre qual daria mais provas de amor da patria. Filippe IV promettêra os auxilios pecuniarios da corôa de Castella, auctorisando todos os contratos firmados pelos governadores em nome e por conta d'ella. A resposta do paiz foi briosa. Tomou sobre si as despezas, e nunca saíu armada mais completa A cidade de Lisboa repartiu pelos moradores um donativo de cento e vinte mil cruzados pagos por todas as classes. O duque de Bragança, D. Theodosio, mandou vinte mil cruzados para munições e polvora. O duque de Caminha, marquez de Villa Real, D. Miguel de Menezes, dezeseis mil e quinhentos. O conde de Ficalho, duque de Villa Hermosa, presidente do conselho de Portugal, dois mil e quatrocentos. O marquez de Castello Rodrigo, conselheiro de estado, mais de tres mil. Muitos fidalgos e titulares empenharam-se para resgatar a honra da nação. Os prelados concorreram com igual vontade. D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, offereceu dois mil cruzados; o arcebispo de Braga, D. Affonso Furtado de Mendonça, dez mil; e o metropolita de Evora, D. José de Mello, quatro mil. Os bispos do Porto, de Coimbra, da Guarda e do Algarve tambem acudiram ao estado com avultadas sommas. Os mercadores allemães deram cincoenta quintaes de polvora, e os negociantes em geral trinta e quatro mil cruza-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

dos. Subiu sem violencia o subsidio a duzentos e trinta 1624
e quatro mil cruzados, consumidos com a esquadra e as tropas. A fazenda real não despendeu um ceitil [1].

Não foi menos prompto e espontaneo o soccorro dos braços, do que o sacrificio do dinheiro. Nunca, desde o cerco de Mazagão, na menoridade de D. Sebastião, se notára nos fidalgos e senhores igual fervor de empunhar as armas em jornada dilatada de mil e quinhentas leguas, tão perigosa pelo mar, pelo clima e pela fortaleza do inimigo. A expedição portugueza não passava de quatro mil homens, mas era tanta a nobreza n'ella, que não havia memoria de expedição mais lustrosa, nem de gente tão bem nascida, desde que a derrota de Alcacer sepultára a flor das esperanças de Portugal. El-rei inspirado pela necessidade, quiz que se louvassem em seu nome collectiva e individualmente estes testemunhos de dedicação, e pediu os nomes dos melhores vassallos para os recompensar como recompensou depois [2]. Correspondendo a actividade dos governadores á impaciencia do rei e do conde de Olivares, os preparativos adiantaram-se rapidamente. O conde de Basto, ministro integro e austero, tomou a si as providencias relativas á terra, o conde de Portalegre, não menos habil, porém cortejando mais a popularidade, dedicou-se ás cousas navaes, não se vencendo um ao outro na diligencia e na applicação, mas provando ambos serem iguaes no calor dos sentimentos patrioticos, e dignos da amisade que

[1] *Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. IX, X e XI.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.—Alvará de 27 de setembro de 1624, archivo municipal de Lisboa, liv. I dos juros dos Filippes, fol. 51.

[2] Ibidem, cap. XII e XIII.—Cartas regias de 7 de novembro de 1624.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 os unia. O conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa, não desenvolveu menor actividade na cidade do Porto, não se poupando a fadigas, multiplicando ordens e inspecções aos portos de mar da provincia de Entre Douro e Minho, chamando e armando os navios do norte do reino, e provendo-os de marinheiros e munições. O conde de Cantanhede, em Coimbra, não menos diligente, procedia com vigor no alistamento da gente de terra.

Todos os aprestos seguiram com tanta celeridade, que dentro de tres mezes estava a ponto de navegar uma esquadra de vinte e seis vélas, não se devendo real do que se tinha comprado ou fabricado, e notando-se tanta pontualidade, tanto escrupulo, e abundancia tal no armamento, que o exemplo mereceu que o citassem por modelo ás administrações do estado. Tres empregados repartiam entre si o trabalho, e a fiscalisação, Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens, incumbindo-se dos fornecimentos e mercados, João Paes de Matos, thesoureiro dos armazens, correndo com os pagamentos e transacções, e o corregedor Luiz Goes de Matos, assumindo a superintendencia do civel e crime da armada e exercito com incansavel cuidado[1]. A côrte de Madrid, por sua parte, apertava todos os dias com o general da armada do oceano D. Fradique de Toledo, tão illustre pelas prendas do caracter como pelo sangue, para que a Hespanha não ficasse atrás na brevidade. Desenganado de que a partida era impossivel em agosto, e mesmo em setembro, o conde-duque de Olivares aprasou-a para 20 de outubro, determinando que a juncção das esquadras se fizesse no porto de Lisboa. Cresceram as diffi-

[1] *Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. VII, XIV e XV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

culdades com a demora dos hespanhoes, dilatou-se ainda o 1625
praso, e por ultimo decidiu-se, que a esquadra portugueza partisse só, e esperasse a de D. Fradique nas aguas de Cabo Verde d'onde haviam de navegar juntas. Saiu a frota de Lisboa a 22 de novembro de 1624, festejada com os emboras de boa viagem e de prompta victoria. A fortuna não os desmentiu. Quatro urcas de mantimentos, dezeseis naus de guerra, quatro caravélas, e um navio redondo, compunham o nosso poder. No galeão *S. João*, capitania da armada real, ia o general D. Manuel de Menezes, tão respeitado pela sciencia, como temido pela severidade da indole fleugmatica; no galeão *Santa Anna* arvorára sua bandeira o almirante D. Francisco de Almeida, igual nas acções ao appellido; e no galeão *Conceição* embarcou-se Antonio Moniz Barreto, mestre de campo, primoroso na gentileza e nas maneiras, infeliz nas aventuras do mar, que por ultimo lhe abriram o sepulchro, e estimado pela intrepidez do animo e pela suavidade da indole. Trezentas e dez peças de artilheria, mil e seiscentos mosquetes e arcabuzes, mais de mil e trezentos piques e meios piques, e quatro mil homens entre marinheiros e soldados tornavam este soccorro importante. A 19 de dezembro fundearam os navios defronte de Cabo Verde. Emquanto esperavam os vasos hespanhoes, espedaçou o mar nos baixos da costa da ilha de Maio a nau de Antonio Moniz Barreto, salvando-se parte da tripulação em jangadas. Finalmente, a 6 de fevereiro de 1625 appareceu diante de S. Thiago a esquadra castelhana com trinta navios redondos, naus, urcas e galeões, e oito patachos e caravelas, transportando a seu bordo sete mil e quinhentos homens. Vinha regida pelo almirante D. Juan Fajardo, official pratico e esforçado. D. Fradique de Toledo, marquez de Valdueza, assumiu ali o commando geral das forças, e cinco dias depois, a 11

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 de fevereiro, picavam-se as amarras, e toda a armada seguia o rumo da Bahia, que só avistou a 29 de março, retida debaixo da linha pelas calmarias [1].

Expiavam os hollandezes n'este meio tempo a facilidade da entrada com os perigos e cuidados da occupação. Recobrados do primeiro espanto, e corridos da covardia, com que se tinham deixado expellir por um golpe de aventureiros, os moradores da cidade e os habitantes dos contornos haviam-se reunido na aldéia do Espirito Santo, residencia dos padres da companhia (hoje villa de Abrantes), e reputando morto para o governo Diogo de Mendonça, abriram as vias de successão, e acharam nomeado para lhe succeder Mathias de Albuquerque, capitão mór de Pernambuco. Para lhe supprir a falta, elegeram, deposto o ouvidor geral Antão de Mesquita, o bispo D. Marcos Teixeira, que, apesar de idoso e de estranho á milicia, não engeitou o encargo, e vestindo as armas sobre o roquete, renovou os exemplos do cardeal Ximenes e de D. Garcia de Menezes. Levantado o seu estandarte com a insignia da cruz para mostrar que pelejava pela fé, o bellicoso prelado veiu assentar os arraiaes a uma legua da Bahia nas margens do rio Vermelho, e os nossos guiados pelos dois capitães Lourenço Cavalcanti e Antonio Cardoso de Barros principiaram a ferir os inimigos em emboscadas e corridas, salteando-os até ás portas. Se a cidade estivesse tão pouco apercebida e fortificada, como no tempo de

[1] *Jornada dos vassallos da coróa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XVII. — Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 21 e 22. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, sec ão XVI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Diogo de Mendonça, seguramente teria o bispo do Brazil 1625
assignalado, conforme desejava, os ultimos dias da velhice, lançando os estrangeiros fóra d'ella; mas Van Dorth não se havia descuidado. Dentro em pouco tres diques e grandes baterias cobriram a conquista do lado de terra, desanimando o esforço dos sitiantes. Os neerlandezes acossados por elles a todos os momentos intentaram desaloja-los com sortidas, mas debalde, recolhendo-se com grande estrago sempre. Em uma d'ellas Van Dorth desmontado pereceu ás mãos do capitão Francisco Padilha, no dia 15 de julho. Em outra uma bala varou o peito ao major Albert Schouten, que o substituira. Os soccorros de Lisboa, enviados a tempo, haviam reanimado a resistencia. Primeiro tinham chegado duas caravelas com despachos, instrucções e gente, ás ordens de Pedro Cadena e de Francisco Gomes de Mello. Seguiram-as de perto outras tres, de que veiu por capitão mór D. Francisco de Moura, tambem nomeiado capitão do Reconcavo para tomar a direcção das tropas. Mathias de Albuquerque, confirmado no governo do Brazil, recebeu de ambas as vezes ordens bem traçadas para alistar toda a ordenança da terra, e prevenir os indios alliados do Rio Grande, da Parahiba, e dos territorios que se alargam até ao rio de S. Francisco, a fim de se acharem promptos para embarcarem na esquadra[1].

O bispo D. Marcos Teixeira, cansado dos annos e das

[1] *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XVII. — Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle.* La Haye, 1853, part. II, pag. 21 e 22. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 fadigas recentes tinha fallecido no entanto, depois de entregar o mando ao capitão Francisco Nunes Marinho de Eça, nomeado por Mathias de Albuquerque. Este a 3 de dezembro de 1624 cedia o officio a D. Francisco de Moura, em virtude das ordens regias. Habil e activo, Moura estreitou a cidade em um circulo de ciladas, assaltos, e corridas, tão repetidas, que os contrarios, presos de suas armas, acabaram por não se atreverem a sair as portas. Contavam os hollandezes dentro do recinto dos muros dois mil soldados europeus, francezes, flamengos e inglezes, quinhentos negros armados, e poucos portuguezes: tinham mantimentos e munições para seis semanas, e no porto estavam fundeados dezoito navios de guerra. Toda a artilheria das presas, que tinham sido muitas n'estes mezes, fôra assestada nas baterias dos fortes, construidos de novo, e na dos antigos reparados ou melhorados. A companhia advertida dos preparativos da Hespanha e de Portugal resolvêra armar duas poderosas esquadras para segurar a posse da colonia, e cuidára em as apparelhar com diligencia. Da primeira, composta de dezoito naus e sete hiates, quatrocentas e noventa bôcas de fogo, e mil trezentos e cincoenta soldados, nomeou almirante Jan Dirks zoon Lam. Da segunda, formada de quatorze navios e dois hiates, com trezentos e trinta e oito canhões e quinhentos e cincoenta homens de armas, veiu por general o burgomestre de Edam Boudewin Hendrikszoon. Emquanto assim apressava o soccorro expediu tres naus e quatro hiates para inquietar as costas de Hespanha, e mandou aviso á Bahia da proxima partida das frotas pelo hiate *Windhond*, e depois noticia da saida pelo hiate *Haese*. Mas a discordia e a anarchia minavam as forças da guarnição de S. Salvador. A falta de Van Dorth e a morte de Schouten haviam sido para ella duas perdas irrepa-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

raveis. Willem Schouten, que lhe succedêra, era aborre- 1625
cido e desprezado com motivo. Negligente, licencioso e soberbo deixava correr a defeza quasi sem guia, maltratava os soldados com injurias e castigos, e consumia o tempo inebriando-se, ou no regaço de amores escandalosos. A indisciplina, o esquecimento dos deveres, e o desalento paralysavam com estes pessimos exemplos os mais intrepidos[1].

As armadas reunidas de Portugal e de Castella lançaram ferro ao nordeste do forte de Santo Antonio no dia 29 de março. Veiu logo a bordo Francisco de Moura, e convocou-se o conselho militar. Assentado o plano das operações, entraram a 30 de manhã os navios para dentro da bahia, e fecharam a barra á frota neerlandeza, estendidos em linha de noroeste a sueste. Seguiu-se o desembarque. Saltaram em terra mil e quinhentos portuguezes, dois mil hespanhoes, e quinhentos italianos dos terços de Napoles com algumas peças de artilheria. As barcas dos engenhos transportavam de cada vez uma companhia. Os inimigos desampararam os fortes de Monserrate, proximo de Itapagipe, e o de Agua de Meninos entre Itapagipe e a cidade, colligindo, e concentrando todas as forças para a defeza da cidade. Entretanto íam chegando aos nossos os soccorros do interior, capitaneados, o de Pernambuco por Jeronymo de Albuquerque Maranhão, o do Rio de Janeiro

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1653, part. II, pag. 20. — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para recuperar a cidade de Salvador na Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XXVI. — João de Medeiros Correia, *Relação verdadeira de tudo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos*. Lisboa, 1625, pag. 1 e 2. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 por Salvador Correia de Sá, e os de outros pontos por Manuel Dias de Almeida e Pedro da Silva. O general repartiu os corpos, e designou as estancias, que elles haviam de occupar. Em S. Bento, na direita do arraial, dois mil e trezentos homens com os mestres de campo D. Pedro Ozorio, D. Francisco de Almeida e o marquez de Torrecusa, ás ordens do marquez de Coprani. No centro, D. Fradique, acompanhado dos mestres de campo D. Lourenço de Orelhana e Antonio Moniz Barreto com os fidalgos voluntarios. O seu quartel era na igreja do Carmo, a menos de tiro de mosquete do inimigo. Na esquerda, no monte das Palmeiras, levantou-se outro intrincheiramento com bons soldados e fortes baterias. A artilheria e a engenheria do campo foram dirigidas pelo marquez de Coprani e pelo sargento mór Giovano Vicenzo Sanfelice, conde de Bagnuolo. Depois de assim investida a praça começaram os combates. Rompeu de parte a parte o fogo dos canhões, approximaram-se os nossos cada vez mais das linhas, e bateram os muros em brecha dia e noite, picando com rebates diversos postos[1].

Ateiava-se ao mesmo passo a discordia cada vez mais intensa de hora para hora nas fileiras inimigas. Willem Schouten foi deposto, e Hans Ernest Kyff tomou o commando. Tão infeliz, ou tão inepto, como o antecessor, nem soube mandar, nem soube fazer-se obedecer. O perigo

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. 23. — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para recuperar a cidade de Salvador na Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XXIX e XXXI. — João de Medeiros Correia, *Relação verdadeira de tudo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos*. Lisboa, 1625, pag. 2. a 9. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XVI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

apertava por todos os lados; os sitiantes adiantavam-se 1625
victoriosos; D. Manuel de Menezes, na Marinha, Francisco de Moura nas Palmeiras, D. Francisco de Almeida e o marquez de Torrecusa em S. Bento, e D. João de Orelhana no Carmo, obrando prodigios, annunciavam para breve o assalto imminente. A 28 de abril, quando os portuguezes e hespanhoes escalavam um dos baluartes, os de dentro pediram capitulação. Annuiu D. Fradique, e Hans Kyff enviou tres commissarios Willem Stoop, Hugo Antonio, e Francisco du Chesne. Os cercados exigiam as honras da guerra, mas o general castelhano negou-lh'as, e dictou como vencedor as condições. Concordaram por fim em entregar a cidade com toda a artilheria, bandeiras, dinheiro, navios, mercadorias e escravos, restituindo os prisioneiros, e jurando não desembainhar a espada contra a Hespanha até chegarem a Hollanda. Em compensação consentiu D. Fradique, que levassem as roupas de seu uso, viveres para tres mezes e meio, e as armas necessarias para sua defeza depois de sairem do porto. No dia 1 de maio evacuaram os hollandezes S. Salvador, e restauraram as tropas portuguezas e hespanholas o governo de Filippe IV. A victoria não saiu pesada a D. Fradique. Poucos foram os mortos e feridos durante o sitio, e o despojo tomado com a praça, entrando dezesete navios grandes e pequenos carregados de mercadorias preciosas, resgatou em parte os sacrificios da expedição. Tres semanas depois appareciam á vista da Bahia, regidas por Hendrikzoon, as duas frotas promettidas pela companhia; mas o almirante divisando os estandartes hespanhoes sobre os fortes virou de bordo, não ousando acommetter a armada debaixo das baterias da cidade. O general castelhano observou-lhe os movimentos, mas não quiz tambem arriscar peleja contra elle.

A 4 de agosto levantaram ferro os nossos navios, e par-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 tiram para Portugal. Uma tormenta separou os portuguezes dos hespanhoes antes de avistarem Pernambuco. A 24 de setembro achava-se D. Manuel de Menezes na altura dos Açores, d'onde, depois de afugentadas tres naus hollandezas, tomou o rumo de Lisboa. No dia 14 de outubro ancorou por fim na bahia do Tejó ao cabo de quasi onze mezes de ausencia [1]. Os hollandezes, não menos infelizes nas costas de Africa occidental, do que nas praias da America do sul, foram desbaratados com perda em dezembro d'este anno tão funesto a suas emprezas, saltando em Ampena com mil e duzentos homens, commandados pelo vice-almirante Jan Dirks Lamb, auxiliado por cento e cincoenta negros de Sabo, e intentando investir a fortaleza de S. Jorge da Mina. Os pretos alliados dos portuguezes não os deixaram chegar a ver os muros do castello. Acommettidos ao pôr do sol nas fraldas de um monte por uma emboscada, tiveram de ceder o campo, deixando-o alastrado de cadaveres. Pereceram cento e sessenta soldados e sessenta marinheiros, não contando muitos officiaes e o almirante perigosamente ferido. Este revez, pela occasião e pela qualidade dos inimigos, esmoreceu por algum tempo o ardor da companhia das Indias occidentaes. Os habitantes de Guiné respiraram por alguns annos [2].

A restauração da Bahia festejou-se no Brazil, em Por-

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. 23. — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para recuperar a cidade de Salvador na Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XXXIII e seguintes. — João de Medeiros Correia, *Relação verdadeira de tudo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos*. Lisboa, 1625, pag. 9 a 15. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, tom. I, secção XVI.

[2] *Histoire générale des voyages*, tom. XIII, pag. 27 e 28.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tugal e na Hespanha. O nome de D. Fradique foi até exal- 1625
tado pela inveja. A alegria do successo denunciava a gravidade das apprehensões. Em S. Salvador, a 25 de maio, celebrou missa solemne o vigario geral da diocese do Brazil, á qual assistiram todos os generaes e fidalgos. Em Madrid cantaram-se acções de graças em todas as igrejas. Em Lisboa, alem do *Te Deum*, saíu uma procissão da cathedral para a misericordia em prestito triumphal, acompanhada dos principaes magistrados, do cabido, dos capellães da capella real, e de todo o clero secular e regular. Prégou o prior de S. Domingos fr. Pedro Calvo. Querendo mostrar-se grato aos serviços dos vassallos, Filippe IV escreveu em 17 de junho aos governadores, ordenando-lhes, que propozessem alvarás de promessa de bens da corôa e ordens para os filhos, cujos paes houvessem fallecido na jornada. Recuperada a Bahia, mandou logo verificar a graça nos filhos de Martim Affonso de Oliveira, querendo que se declarasse alem d'isso aos fidalgos, que, para succederem a seus paes n'estas mercês, não careciam de confirmação regia, nem de consultas de tribunaes. O rasgo de generosidade espontanea seria um acto de politica habil se abrisse nova era no systema castelhano. El-rei acudindo aos perigos com a mesma promptidão, e premiando os sacrificios com a mesma grandeza depressa conquistaria as vontades da nobreza, e com o tempo e a suavidade até o animo dos povos. Desgraçadamente D. Filippe e o conde de Olivares viram as cousas por diverso aspecto, e riscaram outro plano. Convencidos, de que a riqueza de Portugal e suas forças correspondiam aos effeitos do supremo esforço tentado em 1624, imaginaram coagir o reino por meios violentos a mostrar-se igual em todos os lances para se valerem de seus thesouros e de suas armas em favor dos outros estados, como se fosse possivel converter em existencia

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 normal a exaltação patriotica, e em situação ordinaria os arrebatamentos do zêlo. Este erro, de que se derivaram as calamidades do reinado de Filippe IV em Portugal, arreigou-se por tal modo no espirito do valido, que lhe offuscou a rasão, e o precipitou depois amaldiçoado por todos os reinos sujeitos a Castella, aos quaes sonhára applicar a mesma doutrina[1].

Não contente com a subscripção gratuita, decretada em 1624 para desempenhar a fazenda real das obrigações mais onerosas, subscripção que em 15 de janeiro de 1625 subia já a milhão e meio de ducados, o conde duque, querendo cobrir as despezas extraordinarias, exigiu outro subsidio de milhão e meio, e ordenou que se arrecadasse com brevidade, concorrendo para elle os proprios da corôa, auxiliando-se os vedores dos arbitrios de que esperassem uteis resultados, e reunindo-se o conselho da fazenda até nos dias feriados para maior expedição. Irritaram estas providencias, como gravame fiscal e preceito despotico, os contribuintes já arrependidos da facilidade com que haviam soccorrido o erario nos dias atribulados[2]; mas Olivares insistia obstinado. Temendo a liga dos protestantes de Dinamarca e da Allemanha com a França e com os hollandezes, não ignorava, que a occupação da Bahia fôra ajustada com os alliados para destruir e quebrantar as forças da Hespanha, e previa que outras expedições haviam de seguir-se contra os dominios da America do sul. Alem d'isto fôra advertido de que o rei de Inglaterra Carlos I armava para acommetter Cadix,

[1] *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para recuperar a cidade de Salvador na Bahia de Todos os Santos, etc.*, pelo padre Bertolameu Guerreiro. Lisboa, 1625, cap. XXXI e XXXVIII. — Cartas regias de 17 de junho e 18 de setembro de 1625.

[2] Decretos de 15 e 18 de janeiro e 2 de fevereiro de 1625.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e para apresar com uma esquadra os galeões da prata. 1625
A colligação de tantos inimigos poderosos era para inquietar o espirito mais desassombrado, e o valido, lançando os olhos sobre a monarchia, não encontrava no seu regimen as forças requeridas em posição tão critica. Reinos distinctos, com fóros proprios, e ciosos em extremo em os defender, Portugal, Aragão, Catalunha, Navarra, Napoles, e as Duas Sicilias, unidos pelo vinculo pessoal da soberania á corôa hespanhola, recolhiam-se dentro de suas fronteiras e de seus interesses internos, mesmo durante as guerras geraes, e acudiam apenas por si com dinheiro e tropas, se as forças contrarias os assaltavam. A separação das armas, dos sentimentos e das aspirações tornava mais nominal, do que efficaz a união politica. As diversas nacionalidades guardavam-se ainda com maior cuidado das invasões de Castella, do que das invasões estrangeiras; e se nos ultimos reinados a severidade de Filippe II e o absolutismo manso de Filippe III tinham influido os votos das côrtes, e até certo ponto attenuado o genio dos povos, o amor da independencia vivia no coração de todos, e os actos de resistencia brotariam rapidos e violentos, assim que mais pesada mão os ferisse em seus instinctos ou em suas liberdades. As revoluções de Catalunha, de Portugal e de Napoles provaram a Filippe IV quão precaria e fragil era a unidade, filha da conquista e das aggregações. O conde duque, vendo o mal, ponderava a fraqueza, e meditava corrigi-la, mas como estadista mais especulativo, do que pratico, errava os meios, e em vez de colher os fructos desejados conseguiu só inflammar mais cedo o incendio e antecipar o conflicto.

Deslumbrado pelas theorias absolutas, illudido pela falsa applicação dos exemplos de Roma imperial, e inclinado a opiniões extremas e extravagantes, concebêra em

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 1626 o projecto de obrigar os reinos e vassallos da monarchia á união effectiva de forças e recursos, de que a união politica era apenas sombra, ou ficção. «Se os inimigos se ligam e abraçam», escrevia o valido em uma memoria estampada para justificar a revolução pacifica delineada por elle, «e se da juncção de vontades oppostas, e de interesses divergentes podem nascer a segurança e a fortaleza, porque não obrarão os mesmos effeitos provincias e reinos, que a obediencia sujeita á mesma corôa, e que o sceptro de um só soberano torna irmãos, amigos e inseparaveis? Não observámos (acrescentava) o risco d'esta funesta divisão, quando, ausente em 1625 a armada do oceano no Brazil, tivemos quasi indefezas as costas da Hespanha contra os piratas mouros e hollandezes, e não notámos n'essa mesma epocha as vantagens da união, restaurando a cidade de S. Salvador com tanta facilidade pela acção das esquadras e tropas de Portugal e de Castella? O que seria de nós se uma invasão repentina nos talasse o territorio, dispersos, como estão, os soldados e os navios, e interpondo-se grandes distancias de uns a outros reinos?» Estas rasões, excellentes como critica do estado actual, afiguravam-se menos persuasivas aos differentes estados, quando, Olivares, entrando no terreno pratico, passava a sustentar o novo systema de defeza e de união. O valido desenhára o plano em proporções grandiosas. Queria armado e prompto um exercito permanente de cem mil infantes e dez mil cavallos, a fim de soccorrer com brevidade qualquer ponto atacado, e esquadras proporcionadas para o transporte immediato das forças, para a escolta dos galeões das Indias, e para a guarda e respeito dos portos. A grande praça de armas dos terços portuguezes, aragonezes, catalães, navarros, napolitanos e italianos havia de ser a villa de Llerena na Extremadura; e como a

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

impaciencia não era menos ardente n'elle, do que a imaginação, estreou o campo antes de executada a idéa[1]. D. Agostinho Mexia, do conselho de guerra, veiu de Madrid riscar em Llerena os quarteis e atar o primeiro nucleo d'aquelle vasto, mas phantastico arraial. 1625

Restava o mais difficil porém. Era convencer os povos, e descobrir a fórma suave de saldar as despezas extraordinarias, que as armas exigiam. Principiaram então as difficuldades, as reluctancias e os clamores. O parallelo das quarenta legiões dos Cesares repartidas pelo imperio romano, modelo citado pelo conde duque, ajudava-o pouco nas regiões praticas do governo a decidir vontades, e a inventar arbitrios fiscaes admissiveis. Parecia optimo contar em todos os lances de affronta com o soccorro de soldados aguerridos e de armadas formidaveis; não se contestava, que a noticia de exercitos e de esquadras poderosas havia de esmorecer a ousadia dos inimigos; acreditava-se que seria util e glorioso, acommettida Lisboa, voarem os castelhanos a desopprimi-la, e ameaçada Cadix correrem as vélas portuguezas a liberta-la, mas todos perguntavam quanto devia custar a harmonia reciproca, o equilibrio maravilhoso; e feita a conta das sommas calculadas para sua sustentação, recuavam assustados. Alem d'isso, os diversos reinos da peninsula desconfiados por necessidade, e ciosos por experiencia, não se enganavam com palavras, ou apparencias lisonjeiras. Sabiam que o sacrificio da independencia e dos fóros seria condição irremissivel da união proposta, e preferiam o perigo remoto á servidão immediata. Portugal, Catalunha, Aragão e Napoles, deixariam de existir, como nacionalidades distinctas, e passariam como provincias, iguaes

[1] Conde de la Roca, *Fragmentos historicos*, pag. 110 v., 116 e 117.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1625 nos encargos e contribuições, a prodigalisar o sangue e o oiro em guerras geraes, intentadas sem as ouvir, e mantidas em nome do orgulho e dos interesses da casa de Austria, apenas jurassem o pacto funesto, tão recommendado pelo conde duque. Toda a eloquencia do ministro naufragou contra esta suspeita rasoavel, e o maior adversario, que se lhe oppoz, foi a propria indole do governo. O absolutismo cada vez tornava mais preciosas para os subditos as immunidades herdadas e transmittidas de geração em geração [1].

Se os reinos de Castella, se Toledo, Valencia e Flandres escutavam, em favor da união, os argumentos, que Olivares insinuára ao marquez de Leganes, seu parente, a nobreza catalã, os vassallos de Aragão, e o reino de Napoles mostravam-se menos doceis. Em Portugal não encontrou melhor entrada o marquez de Castello Rodrigo, delegado pelo ministro e pelo conselho de Madrid para encarecer a união das forças e dos subsidios. Desenganado, por ultimo, o conde duque, de que lhe seria impossivel grangear a annuencia voluntaria dos povos, mudou de fórmas, e, procurando por outro caminho os mesmos fins, magoou o amor proprio das nacionalidades, rasgando-lhes os privilegios com pretextos futeis, desunindo as classes e as populações, e estancando-lhes com tributos e vexames todos os recursos. Cuidava que a oppressão e o desfallecimento systematico, convencendo-as da vaidade dos brios, haviam de prostra-las submissas aos pés do throno, e que seria facil executar então o plano, que uma opposição pertinaz o forçava a suspender [2].

A applicação d'este methodo a Portugal começou em 1627, e, exagerada com violencia intoleravel, reduziu a

[1] Conde de la Roca, *Fragmentos historicos*, pag. 119 e 120.
[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

nação a miseria extrema, provocando pelo desespero de 1626
todas as classes a acclamação da dynastia de Bragança. Abriu este periodo funesto o espantoso desastre da armada, capitaneada por D. Manuel de Menezes, em dezembro de 1626. Uma agglomeração incrivel de erros, e de oppressões e desgraças conspirou e apressou a quéda do governo dos Filippes. A perda da esquadra, que o proprio general (D. Manuel) e os homens sisudos tinham prognosticado, derivou-se das ordens desacertadas de Lisboa e de Madrid, e da falta de experiencia das cousas navaes, causa sabida dos nossos revezes maritimos. A occupação da Bahia avivára, mas só por mezes a actividade da côrte. Depois da partida de D. Fradique as ameaças das vélas hollandezas e inglezas contra os portos de Hespanha e de Portugal haviam assustado o conde duque, e o valido receioso de algum assalto repentino á capital, similhante ao de lord Wimbledon contra Cadix, no outono de 1625, dictára as providencias, que a apprehensão lhe suggeriu, não se preoccupando com os obstaculos. Foi a primeira ordenar, que o general de La Respur, soldado antigo e pratico, assistisse no porto de Lisboa com os navios, que podésse juntar de varias esquadras. Foi a segunda conferir largos poderes a D. João de Mendonça, marquez de Inojosa, capitão general dos presidios castelhanos, para defender as costas de qualquer insulto. Finalmente, a terceira determinou, que a camara de Lisboa, hypothecando as rendas e o producto do imposto do real de agua, levantasse sobre padrões de juro, pelos preços que podésse obter, as quantias pedidas pelos governadores do reino, para principiarem com a maior brevidade as obras de fortificação da cidade, empregando immediatamente as sommas depositadas nos cofres da municipalidade, e depois as que fosse apurando do emprestimo for-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1626 çado. La Respur e o marquez de Inojosa, instados por Olivares, não se demoraram em lançar as primeiras trincheiras, fracas e desiguaes para a resistencia, mas sufficientes para abonar o seu zêlo, e absorver grossos cabedaes. Em vez de agradecer a prevenção mostraram-se os moradores aggravados, e queixaram-se das fortificações, desamparadas depois, como de um ignominioso pregão de fraqueza. Lisboa, diziam, nunca tinha carecido de outro escudo para rebater o inimigo, mais que o respeito do seu nome, e o temor do seu poder [1].

O conde de Basto estava ausente em Madrid, e o peso do governo carregava unicamente sobre D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, seu collega n'esta especie de consulado. Apesar da suavidade e discrição, com que procedia, viu-se este tão combatido e attribulado de contrariedades, que chegou a confessar, que tanta confusão o atalhava. Avizinhava-se a epocha da armada saír do Tejo a esperar as frotas do Oriente, e a força naval de Lisboa apenas constava de poucos e desparatados vasos, que a negligencia entregára ao descuido. O mais estimado era a capitania, em que D. Manuel de Menezes se recolhêra da expedição da Bahia. Os entendidos punham nota em todos os outros; á nau *Chagas* por cansada do regresso da India n'aquelle anno; ao galeão *S. João* pelo mesmo achaque; ao galeão *Santo Antonio* por defeituoso para navegar; ao galeão *S. José* por destroçado na volta do Brazil; aos galeões *S. Filippe* e *S. Thiago*, acabados de pouco no arsenal, por serem melhores para vista, do que para o mar; e á urca hollandeza *Santa Izabel*, que nos coubera na repartição das presas em S. Salvador, por suas

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 171 a 175.—Archivo da camara municipal de Lisboa, liv. 1 de juros do tempo dos Filippes, fol. 55.—Alvará de 25 de julho de 1625.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

más qualidades depois confirmadas. Não havia senão es- 1626
tes oito navios para compor a armada; tudo o mais faltava; a artilheria, porque ficára parte d'ella montada nas baterias de S. Salvador, e parte se tinha perdido com as embarcações na viagem da Bahia; gente, porque a mais luzida descansava da luta recente, ou caíra cortada do ferro e dos pelouros inimigos nas pelejas da Asia e da America [1].

Este era o estado das armas de Portugal em setembro de 1626. A victoria de D. Fradique de Toledo, transformando em arrogancia os receios passados dos ministros castelhanos, não só deixára quasi nos fossos e primeiros aterros as trincheiras de Lisboa, como fizera logo esquecer toda a vigilancia e assiduidade nas cousas militares. Parecia que desfallecidos da jornada e da guerra do Brazil profundo somno se apoderára de todos e de tudo, não se lembrando Olivares e os hespanhoes, de que a paz segura sempre nasce da prevenção prudente. O conde de Portalegre, para o qual era estimulo constante a responsabilidade, é que não dormia, repetindo consultas e instancias ao conselho de Portugal em Madrid, para o despertar. Acordou por fim, mas tarde, e com os olhos ainda meio cerrados. Depois do tempo já muito entrado, recebeu D. Manuel de Menezes em Madrid a confirmação da propriedade do posto de general da armada de Portugal, em que succedeu a D. Antonio de Athaide. Antonio Moniz Barreto foi nomeado almirante perpetuo, mestre de campo de infanteria (porque n'aquelle tempo ainda não eram distinctos e separados o serviço e a habilitação das differentes armas) e substituiu no officio D. Francisco de Almeida,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 171 a 175. — Archivo da camara municipal de Lisboa, liv. I de juros do tempo dos Filippes, pag. 55.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1626 promovido ao governo da praça de Mazagão. O commando dos navios, que eram os tres galeões *S. José, S. Filippe,* e *S. Thiago* com a urca *Santa Izabel,* foi conferido a D. Antonio de Menezes, a Gonçalo de Sousa, a Manuel Dias de Andrade, e a Christovão Cabral, pessoas illustres pelo sangue, e alguns até pelos feitos. D. Manuel de Menezes embarcou-se na capitania, e Antonio Moniz no galeão *S. João,* vaso de grande porte, porém de ruim construcção, e de pessima mareação. Corriam já adiantados os aprestos, quando chegou da côrte com a nomeação de terceiro governador do reino D. Affonso Furtado de Mendonça, o qual, partido de Portugal arcebispo de Braga voltava arcebispo eleito de Lisboa. Animado do zêlo de justiça nova, e cubiçoso de provar que os habitos prelaticios não suffocavam os estimulos bellicosos em seu peito, o prelado quiz metter logo a mão nos assumptos militares, e convencer a todos de que podia e sabia trata-los com proveito. Prestado o juramento a 10 de setembro, e assumida a presidencia da semana, que no despacho ordinario corria por todos os governadores alternadamente, valeu-se da jurisdicção com tal diligencia, que, se não conseguiu nos sete dias deitar a esquadra pela barra fóra, deixou a viagem tão bem disposta, para saír, que esperava só pelo vento, cuja falta lhe embargou por tres vezes a navegação. Por fim, a 24 de setembro de manhã, largou ella do Tejo, e foi demandar o poente do cabo de Espichel, aonde, segundo seu regimento, devia esperar pelas naus da India cincoenta leguas apartada da costa[1].

A flor da nobreza acompanhava D. Manuel. Embarcaram com elle e com Antonio Moniz nos galeões os filhos e os herdeiros das familias principaes. No dia 30, pela ter-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II,* pag. 183 a 190.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ceira vigia da noite descobriu a nossa armada as dezeseis 1625
vélas da esquadra do general D. Francisco Ribera, que vinha de Cadix seguir a bandeira e o pharol da capitania portugueza até á chegada dos galeões da prata, devendo no dia 15 de outubro apartar-se no caso de ainda não terem apparecido para as ir esperar no cabo de S. Vicente. Os galeões não se avistaram até ao dia aprasado, e Ribera despediu-se com as salvas e honras do costume. Começaram então os infortunios da expedição, causados pela inconstancia e variedade das instrucções expedidas de Madrid e de Lisboa. Primeiro foi D. Manuel avisado, de que as naus da India, que havia de escoltar, arribariam á Corunha; recebeu depois ordem para, navegando ellas para Lisboa, as aguardar na altura das costas da Galliza; por fim, communicou-se-lhe, que, achando-se já os vasos no porto da Corunha, partisse immediatamente para lá, porque as noticias alcançadas affirmavam, que os inimigos se apparelhavam a toda a pressa, e se temia que intentassem alguma sorte contra os thesouros do oriente[1]. Os inimigos, que tanto inquietavam o conselho d'estado de Lisboa e o conselho de governo de Portugal em Madrid, eram os inglezes. Rotas as negociações do casamento do principe Carlos Stuart com a infanta D. Maria, declarou-se mortal e irreconciliavel a inimisade entre os dois validos Olivares e Buckingham, e, fallecido Jacques I em 1625, entre as duas côrtes hespanhola e ingleza pelo resentimento de Carlos I. As armas britannicas favorecidas pela ausencia das forças maritimas no Brazil infestaram as costas de Castella com poderosas armadas, e, como dissemos, lord Wimbledon, depois de apparecer á bôca da barra de Lisboa, dobrára o cabo de S. Vicente, entrára

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 191 a 197.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1626 a bahia de Cadix, e chegára a apoderar-se da torre do pontal. O receio, de que outro capitão renovasse o mesmo insulto, perturbava a rasão dos dois conselhos, inspirando-lhes deliberações menos conformes com a sciencia e com a pratica da navegação [1].

Era homem de grande valor e serenidade D. Manuel de Menezes. No seu tempo foi reputado como o official mais sabio da marinha de Portugal e da Hespanha. Mas escravo do dever, rigoroso na disciplina, e pouco cortezão nas maneiras intimidava os outros cabos pela superioridade do espirito e os marinheiros e soldados pela pontualidade inflexivel. Entre elle e Antonio Moniz Barreto a diversidade da indole e das inclinações gerára certa frieza, que nunca degenerou em má vontade, mas que fazia que andassem ambos mais satisfeitos apartados, do que unidos. Quando o general recebeu as ultimas ordens, e obediente mudou o regimento e a derrota da armada, começava o inverno a rebentar nos mares com grande violencia. Foi por entre furacões despregados e espessas cerrações de chuveiros, que elle, quasi naufrago, alcançou a muito custo o porto do Ferrol com a capitania e a urca *Santa Izabel*, emquanto Antonio Moniz arribava a Vigo, e os mais navios, separados, entravam na Corunha, aonde estavam as duas naus da India com o seu capitão mór Vicente de Brito de Menezes, de setenta annos de idade, cortado dos trabalhos da Asia, e gasto pela intemperança dos deleites, Antonio Moniz, soffrendo com impaciencia qualquer imperio, desejava sacudir o jugo da auctoridade de D. Manuel de Menezes, mostrando que o igualava, se não o excedia, em diligencia. Vicente de Brito, pelo contrario,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 198 a 202 e 214 a 220.—*Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 3 e 4.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

preferia deixar o bastão do commando na Hespanha, uma 1626
vez que podesse despachar ali tambem as fazendas, porque reputava mais accommodaticias as casas fiscaes de Castella, do que as do reino. Os outros capitães estavam tambem divididos, uns por saudades da patria e pela pressa de voltar a ella, outros, mancebos e curiosos de aventuras, pela esperança de estrearem o esforço, ou o coração em algum lance repentino. As ordens da côrte e dos governadores continuavam no emtanto sempre encontradas. O conselho de Portugal em Madrid abriu correspondencia separada com Antonio Moniz sem dar conhecimento d'ella a D. Manuel, e os governadores do reino determinaram de Lisboa, que a armada passasse logo do Ferrol á Corunha, e que o general ahi consultasse em uma junta o voto dos officiaes ácerca do rumo mais opportuno da viagem. Reuniu-se a junta, assistiu D. Manuel, e decidiu-se, que os navios partissem da Corunha, fundeassem na abra dos Tres Portos, e se o vento permanecesse sueste sul, ou sudoeste se recolhessem ao Ferrol, d'onde com o primeiro bom tempo poderiam fazer-se na volta de Lisboa [1].

Tomado este assento voltou D. Manuel de Menezes ao Ferrol para dispor a sua execução. Prevalecêra o seu parecer. Da Corunha escrevêra a el-rei e aos governadores « que não creára Deus vento para velejar para Lisboa, mas que no Ferrol sim. Quanto ao receio das armas inglezas e ao alvitre de aguardar nos portos de Galliza a escolta da esquadra de D. Francisco Ribera ponderava, como optimo marinheiro e habil soldado, que no Ferrol lhe seria facil defender-se do maior poder, occupando o interior da bôca do canal, auxiliado pelas baterias dos tres

1 D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 220 e seguintes. — *Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 4 e 5.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1626 fortes. Mas a impericia e a indisciplina dos capitães zombaram na Corunha de suas prevenções. Sem o avisar, sem fazerem aguada, sem metterem mantimentos, deixando até em terra os archotes dos pharoes, saíram a 21 de dezembro da Corunha Antonio Moniz e Vicente de Brito, seguidos das outras vélas. Desprezando os avisos das ondas e dos ventos engolfaram-se n'aquelle pego infeliz, aonde a morte estava esperando por elles. D. Manuel, advertido por suas vigias da temeridade, deu logo o naufragio por infallivel, e assim o escreveu para a côrte e para o reino; mas, antepondo a honra á existencia, resolveu partir do Ferrol, e correr a mesma sorte. «Vou seguir os cegos e perder-me com elles, dizia nos ultimos officios; porque em tão grande infortunio, antes quero acabar aqui, do que escapar para ouvir as tristes novas, que hão de vir». Fechado assim o seu testamento militar mandou levantar ancoras, transpoz o canal, e ao sol-posto achava-se no meio da enseada sem tornar a alludir ao perigo mortal, que voluntariamente ía arrostar[1].

Depressa lhe deram rasão os successos. Lançados em navegação arriscada com mares curtos e falta de portos, com as noites grandes e medonhas e os dias cobertos, Antonio Moniz e Vicente de Brito cedo se arrependeram da audacia. Empolavam-se as vagas, enfureciam-se os vendavaes, amiudavam os furacões, e de hora para hora fugia a esperança no escarcéu tremendo aos mais resolutos. Vinte dias lutaram com a perdição, desmaiada a gente, sem accordo os pilotos, e ignorando todos a que praias os havia de arrojar a tempestade. D. Manuel, na mesma tribulação, porém mais sabedor, bebia a morte com os olhos, quando

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 226 e seguintes. — *Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 5 a 7.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

os companheiros ainda a não julgavam proxima, e, com- 1627
batendo contra o destino como marinheiro e como philosopho, procurava arribar a alguma abra, aonde ao menos salvasse as tripulações. Durante a desventurada viagem poucas vezes se tinham encontrado os galeões, correndo desgarrados. A 9 de janeiro com a conjuncção da lua reverdeceram os temporaes, e arrastaram os navios uns após outros ao naufragio. A capitania da India espedaçou-se junto do cabo Cabriton, na costa da Magdalena, salvando-se apenas cinco pessoas. O galeão *S. João* perdeu-se vinte leguas mais adiante para o norte, e com elle pereceram Antonio de Brito e muitos fidalgos tragados das aguas e das areias. O galeão *S. Filippe* deu á costa com menos infelicidade, escapando os marinheiros e soldados. O galeão *S. José* e a urca *Santa Izabel* remataram a tragedia, rotos pelo mar, vencendo nadarem para terra por entre as pranchas descosidas sómente o capitão Christovão Cabral e poucos companheiros. Por ultimo a capitania de Portugal, impellida dos ventos, já sem vélas, e com os mastros abalados, galgou os baixos na esteira de uma zabra de Biscaya, e quasi por milagre enfiou o canal do pequeno porto de S. João da Luz. Ali viu a zabra investir com as areias, a gente saltar na praia, e depois o rôlo das vagas encapellar-se, e desfazer em poucos golpes o pequeno baixel[2].

D. Manuel, avisado por este espectaculo e pelos signaes de terra, mandou logo cortar os mastros e abater

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 231 a 234. — *Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 9 e 10.

[2] Lafuente, *Historia general d'España*, tom. xv, part. III, liv. III, cap. VIII. — *Historia genealogica da casa de Bragança*, tom. VI, pag. 273 e 274.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1627 as obras mortas da nau. Os balanços eram terriveis; os marujos acudiam ás fainas atados; a agua crescia no porão e subindo alagava o navio. Para maior horror a noite baixou escura e ameaçadora. Vendo desconjuntadas aquellas tábuas, unico remedio na falta de toda a humana esperança, muitos marinheiros, no meio de bramidos e pancadas das ondas, despediam-se da vida com orações e testamentos, emquanto outros, mais providentes, pregavam as jangadas, em que esperavam disputa-la. D. Manuel assistia á catastrophe como se não fosse uma das victimas d'ella. Sem alteração no rosto, sem a mais leve perturbação na voz, sereno e risonho, vestiu-se de gala, querendo que a morte o achasse preparado. Commentando um soneto de Lope de Vega aguardava no convez o naufragio, como se estudasse na sua camara. Já sobre a madrugado saíu de S. João uma falua e veiu offerecer os soccorros do governador e dos habitantes e embarcar o general, cujo estandarte fluctuava ainda na quadra[1]. D. Manuel quiz escusar-se, dizendo que seria o ultimo, mas forçou-o a necessidade a ceder. A falua trazia ordem de não receber ninguem, senão depois de posto o general em terra. As supplicas de todos e a certeza de que ainda podia ser util, decidiram-o. Veiu para a praia, e sua presença importou a vida dos companheiros. A côrte agradeceu-lhe mal o valor e o heroismo. Quando chegou a Madrid el-rei negou-lhe audiencia, mais lembrado da infelicidade, do que dos serviços e merecimentos. D. Manuel era homem de grandes espiritos, e presumia de philosopho estoico; mas por isso mesmo, talvez, pôde n'elle mais a dor da injustiça, do que todas as ameaças da morte. Caíu em profunda melancholia,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 241 a 254.—*Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 9 a 11.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e a 28 de julho de 1628 desceu ao tumulo. Este fim de 1627
um varão illustre, que em tempos menos infelizes e com outro soberano teria de certo ennobrecido as armas portuguezas prova que, em dias de trevas e decadencia, tudo o que se eleva e excede a mediocridade acaba desamparado, se a inveja não alcança primeiro derruba-lo[1].

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora II*, pag. 251 a 254.—*Relacion de la perdida de la armada de Portugal del año de* 1626, por D. Manuel de Menezes. Lisboa, 1627, pag. 9 a 11.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO III

1627-1630

Sensação causada pela perda da armada.—Aperto da India. Novo plano do conde duque. Doença de el-rei.—Subsidio pedido por seis annos para a restauração das conquistas. Opposição e retirada do conde de Portalegre.—Aggravos e representações do povo. Tumultos do Porto. Os tecelões de Lisboa.—Queixas do clero contra o fisco. Mezadas dos beneficios vagos. Real de agua e composição do estado ecclesiastico. Reivindicação das capellas usurpadas pelos conventos. Hostilidade secreta da igreja contra o dominio hespanhol.—A fazenda real. Receita e despeza. Graças onerosas a estrangeiros. Desperdicios. Dividas da corôa de Castella á de Portugal.—Christãos novos. Indulto de 1627. Junta dos prelados em Thomar. Leis favoraveis aos judeus. Irritação geral.—Novas emprezas da companhia das Indias occidentaes contra o Brazil.—Descuido voluntario do conde duque. Os hollandezes em Pernambuco. Tomada de Olinda. Magoa dos portuguezes. Modo por que responde a côrte de Madrid.—Conclusão.

Esta perda, que semeára de estragos extensas praias, desde a Concha de S. João da Luz até Bordeaux, foi a maior que Portugal padeceu desde a catastrophe de Alcacer. Milhares de familias ficaram cobertas de luto. Dos navios de Lisboa e das naus da India sómente o galeão *S. Thiago* tinha escapado em Guetaria, aonde lhe deram ancoras e cabos para resistir ao mar. Á dor da tragedia de tantas vidas acrescia a ruina da marinha e a ruina do commercio. Aquelles eram os melhores vasos da nossa armada, e as riquezas engolidas pelo oceano constituiam avultada parte das rendas mais pingues do estado. Constituiam o subsi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1627 dio principal da futura frota da Asia, e encerravam o cabedal quasi unico, de que muitas casas e negociantes podiam valer-se. Um mez depois, frescas ainda as lagrimas, em 17 de fevereiro, expediu o governo de Madrid uma carta ao presidente da mesa da consciencia D. Antonio Mascarenhas, na qual, referindo as invasões dos hollandezes e dos inglezes na India e as desgraças dos ultimos annos, lembrava a necessidade de tirar dos grandes apertos maiores alentos. Alludia depois ao naufragio da armada, e terminava por um pedido geral para o armamento dos navios, que sendo possivel, deveriam partir para a Asia nos ultimos dias de março. Por esta occasião advertia el-rei quasi severamente ao tribunal, que para occorrer ás despezas tinha até empenhado o patrimonio da corôa, e que Portugal não podia negar-se a sacrificios iguaes para a restauração das conquistas, quando os outros estados de Hespanha voluntariamente concorriam para a defeza commum[1]. O reino pagou, apesar da magoa e estreiteza com que lutava, mas os preparativos correram tão vagarosos, que sómente em março de 1627 partiram para Goa uma nau e um patacho. Este ultimo, acommettido á volta nas aguas de Pernambuco pelas vélas hollandezas, foi tomado e abrasado. A nau, mais feliz, recolheu-se a salvo, trazendo a bordo o conde da Vidigueira, despedido do segundo governo da India. Só em novembro se acabaram de apparelhar os quatro navios do soccorro, e levantaram ferro de Lisboa com o seu capitão mór Domingos da Camara, navegando fóra de monção, expostos a arribadas, ou a naufragios desastrosos.

Os auxilios tardios e irregulares deixavam os males no mesmo, ou em peior estado. Os inimigos, senhores do

[1] Carta regia de 27 de fevereiro de 1627.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

mar e dos commercios da Asia, ajustando allianças com 1627
os reis naturaes mais poderosos, nem ao menos deixavam respirar os portuguezes, apresando-lhes os baixeis mercantes, rendendo-lhes os vasos de guerra, e interrompendo os lucros dos monopolios, de que o paiz se alimentava quasi exclusivamente então. As rendas das alfandegas baixavam rapidamente com esta violenta oppressão, e, paralysadas as transacções á proporção que as circumstancias exigiam maiores esforços, sentia a nação as forças diminuidas e as faculdades estancadas. O conde duque, sempre arrebatado e especulativo, traçou novo plano, e submetteu-o a Filippe IV, acompanhado de extensa memoria, datada de 3 de fevereiro de 1627. Depois de expor em estylo emphatico o apuro da fazenda, a debilidade dos remedios empregados, e a necessidade de actos de maior energia, insistia na idéa da união dos subsidios repartidos com igualdade por todos os reinos da monarchia, desculpando a urgencia de maiores impostos com a promessa de economias decisivas. A enfermidade aguda, de que el-rei adoeceu em 27 de agosto, e que por vinte e quatro dias lhe teve suspensas a vida e a molestia, e as fadigas e cuidados que logo depois prostraram Olivares, protrahiram, mas não desvaneceram a execução do programma do valido. Ainda mal convalecidos, o monarcha e o ministro trataram logo de reduzir a meios praticos o pensamento, de que ambos fiavam nada menos do que a salvação do estado. Renovaram as tentativas mallogradas no anno de 1626, modificaram as primeiras propostas, e por caminhos mais suaves intentaram chegar ao mesmo fim. Portugal conservou-se tão firme na repulsa, como Aragão e Catalunha. Foram chamadas á côrte as pessoas, cuja influencia pareceu util para convencer os povos, celebraram-se juntas de ministros con-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1627 ceituados, e encarregou-se aos mais competentes o exame e consulta do modo opportuno de acudir com soccorro sufficiente á defeza das conquistas. Mas todas as diligencias e artificios foram baldados. Os fidalgos e ministros, tanto em Madrid, como em Lisboa, apararam o golpe com destreza, respondendo, que seria impossivel introduzir mais tributos permanentes sem o voto das côrtes. Prolongaram-se sem exito as negociações até ao mez de junho de 1628, e Olivares desenganado de que a persuasão não obraria o effeito desejado, appellou para o recurso extremo da soberania absoluta, decretando o que tinha procurado obter da espontanea adhesão dos subditos [1].

Em 6 de julho uma carta regia, expedida pelo conselho de Portugal, communicou ás camaras do reino as resoluções do monarcha, rasgando o véu que encobria os designios do governo castelhano. El-rei, invocando as recordações gloriosas e a reputação guerreira de Portugal em dias mais felizes, e ponderando o risco de ver expirar em mãos inimigas imperio tão rico e dilatado, defendido pelos portuguezes nas partes mais remotas do mundo, declarava, que havia só um meio de desarreigar e lançar fóra das conquistas os estrangeiros, e que esse meio, violento e doloroso, mas indispensavel, consistia em acudir com poderosas esquadras, e soccorros promptos, continuados por seis annos, a todos os pontos, aonde as armas contrarias se mostravam mais fortes e decididas. Filippe IV declinava a convocação das côrtes, allegando a impossibilidade de sair de Madrid, aonde o prendiam a complicação dos negocios e as guerras de Italia, de Flandres e de Allemanha, e para consolar os vassallos da quebra do mais precioso de seus privilegios delegava no desembargador

[1] Conde de la Roca, *Fragmentos historicos*, pag. 151 a 153 e 168 a 170 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

do paço João de Frias Salazar, do conselho de Madrid, ple- 1628
nos poderes para em seu nome desatar todas as difficuldades. As instrucções passadas a João de Frias e communicadas ás camaras eram concisas e terminantes. Primeiro mandavam applicar ao soccorro todos os rendimentos da fazenda real, hypothecando-os ao pagamento de novos padrões de juro auctorisados; depois, como era visivel que a receita ficaria assim mesmo muito inferior ás despezas orçadas para os seis annos, mandava levantar, por meio de emprestimo forçado, ou de subsidio voluntario, as sommas precisas, lançando-se, no caso de ser preciso, uma collecta geral. Ao mesmo tempo recebia o marquez de Castello Rodrigo ordens mui severas para na junta dos contos, chamada por esta occasião do Desempenho, apertar a cobrança das dividas á fazenda já liquidadas[1]. Causou summo descontentamento este decreto. Governavam então o reino o conde de Basto, D. Diogo de Castro, e D. Affonso Furtado de Mendonça, por se haver retirado em abril (d'este anno de 1627) o conde de Portalegre, desgostoso, dizia elle, do caminho que via seguir, e resentido, murmuravam os emulos, por lhe negarem em Madrid a accumulação do commando das armas e presidios castelhanos com as funcções da suprema administração. D. Diogo da Silva herdára de seu pae, D. João da Silva, com as prendas do espirito a penetração politica, e sua affabilidade tinha-lhe grangeado amigos em todas as classes. Bemquisto dos portuguezes, e por isso mesmo suspeito aos castelhanos, possuia o segredo de se fazer amar dos primeiros, e de ser respeitado dos segundos. Em março de 1628, os governadores insinuados provavelmente pelo conde tinham respon-

[1] Carta regia ao juiz e vereadores da camara da villa de Torres Vedras escripta em Madrid em 6 de julho de 1628.—Gouveia Pinto, *Res. chronol. ap.*, pag. 169.— Carta regia de 11 de julho de 1628.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1628 dido ás exigencias da côrte, propondo a convocação dos estados do reino. Olivares, censurando com altivez que limitassem a este arbitrio inadmissivel todos os esforços, enviára a Lisboa o marquez de Castello Rodrigo, munido de poderes amplissimos, a fim de assistir com voto ás sessões do governo, nomeando as pessoas mais proprias para o coadjuvarem. A commissão do marquez, annullando a auctoridade dos governadores, punia por um desacato publico a pouca energia que haviam mostrado. D. Diogo da Silva, aproveitou-se da offensa official, e retirou-se. Os compatriotas agradeceram-lhe a demissão, louvando-a como rasgo de valor civico. Quando rebentou a resolução de 6 de julho, os queixosos, e eram quasi todos, buscando-o, e pedindo-lhe apoio acharam n'elle um defensor discreto. Arrependeram-se os hespanhoes. A opposição do conde creava-lhes embaraços quasi insuperaveis, e, embora os invejosos clamassem que a vontade de D. Diogo da Silva em Portugal era sempre contraria á de el-rei, as novidades tropeçavam á entrada se o conde as combatia, porque tudo o que o seu applauso não rubricava se convertia logo em motivo de desconfiança para a nobreza e para o povo[1].

D. Diogo, n'este lance, não só desapprovára a resolução de Olivares, como irritára contra ella, postoque indirectamente, as repugnancias; e os governadores vendo-se atalhados pelas antipathias geraes e pela resistencia passiva esmoreceram, allegando em favor da inercia os obstaculos, que tinham encontrado. João de Frias Salazar, tambem infeliz nas diligencias, é de suppor que fizesse o mesmo; mas o que prova a deducção dos factos é que os povos recusaram, e que o negocio não adiantou um passo. Um papel, da-

[1] Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 10 e 11.—Decreto de 30 de abril de 1628.—*Indice chronologico*, part. v, pag. 49 e 50.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tado de 3 de junho de 1628, encerra o apontamento das 1628
causas, que arruinavam o paiz e arriscavam a India, inculcando ironicamente a el-rei o modo prompto de colher o dinheiro necessario para o soccorro pela revogação das mercês illegaes e pela suppressão das despezas inuteis. Esse papel, escripto em nome dos eleitos e juizes do officio de tecelão, em resposta a uma carta regia, não poupava ao soberano verdades amargas, e, sem deslisar nunca em irreverente, feria com mão segura os erros e desperdicios indesculpaveis. Imputando á tregoa de 1609 os desastres que serviam agora de pretexto ás extorsões fiscaes, lembrava que o funesto tratado fôra ajustado sem audiencia dos tribunaes e do povo, e contra o voto do conselho de Portugal em Madrid. Ponderava, que as desgraças da Asia eram já antigas, e que Filippe III e Filippe IV as tinham deixado correr sem remedio, desprezando os avisos e instancias dos vice-reis e dos governadores do reino. Passando depois ao exame dos meios de occorrer ás necessidades actuaes notava, que, se a fazenda apparecia esgotada, era porque a côrte de Madrid distrahira para a guerra de Flandres avultados rendimentos, desamparando as colonias, e alienando em doações inofficiosas o melhor dos direitos reaes[1]. Postas estas bases, proseguia denunciando a emenda dos abusos como copiosa fonte de receita. Se el-rei carecia de dinheiro, porque não reivindicava a doação dos celleiros de Serpa e de Moura, avaliados em quinze mil cruzados de renda annual, doação nulla por ser feita a estrangeiro? Porque não obrigava o neto do duque de Lerma a repor o que indevidamente tinha recebido em

[1] *Apontamento das causas originaes, que tem lançado a perder este reino e posto a India no estado em que vê, etc.*, inedito publicado pelo erudito academico o sr. Silva Tullio no vol. III do *Archivo Pittoresco* (anno de 1860), pag. 147.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1628 tantos annos? Porque não encorporava nos bens da corôa as sizas, direitos reaes e padroados de Alemquer, doados a D. Leonor Pimentel e orçados em quinze mil cruzados de renda, e não tirava ao marquez de Alemquer os reguengos de Guimarães, que rendiam outros quinze mil cruzados, alem de um conto de réis de juro, coegindo todos a restituirem os redditos? Alludindo ás tenças, ás doações excessivas, e aos padrões de juro orçados em mais de oitenta mil cruzados, concedidos aos paes do conde de Ficalho, duque de Villa Hermosa, propunha, que fossem applicados tambem ao armamento das esquadras da India. Por ultimo, avivando todos os aggravos, e sommando as grossas quantias alienadas da receita publica, sem esquecer as violencias de D. Fernando de Toledo na repressão do contrabando, violencias applaudidas pela côrte e contrariadas pelos tribunaes do paiz, concluia o apontamento, asseverando que D. Filippe, primeiro que tirasse ao povo e a seus filhos o pão da bôca, deveria corrigir os abusos e reformar a administração, imitando o exemplo de D. Sebastião, o qual, antes de passar a Africa, reduzíra a despeza de sua mesa a vinte cruzados diarios[1]. Esta linguagem exprimia com sinceridade os sentimentos geraes; mas o conde duque cerrou os ouvidos á voz da consciencia publica, e, absoluto nas decisões, mandou que o marquez de Castello Rodrigo, João de Frias, e os governadores do reino fizessem cumprir as ordens regias. Francisco de Lucena, secretario d'estado, foi enviado ao Porto, e incumbido de promover a execução do plano tributario. As auctoridades obedeceram, mas a plebe alvorotou-se. As mu-

[1] *Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder o reino e posto a India no estado em que se vê, etc.*, inedito publicado pelo erudito academico o sr. Silva Tullio no vol. III do *Archivo Pittoresco* (anno de 1860), pag. 148, 167 e 168.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

lheres eram as mais furiosas, clamando em bandos pelas 1628
ruas e praças. Encontrando Lucena no terreiro de S. Domingos despediram contra elle uma nuvem de pedras. Olivares irritado quiz dar corpo á assuada das regateiras e marujos, e apesar das declarações do bispo D. João de Valladares e da nobreza o ministro ordenou, que o dr. Gabriel Pereira de Castro saísse immediatamente de Lisboa e passasse á capital do norte para abrir devassa rigorosa e processar os culpados. A exaltação momentanea caíra no emtanto por si mesma. Por mais que se desejasse assoprar das cinzas o motim, e dar-lhe vulto de sublevação, não foi possivel descobrir em todo aquelle ruido vão materia sufficiente para emudecer pelo terror os adversarios das idéas do valido. As difficuldades não diminuiram com o tempo, e em 18 de maio de 1630 ainda se estava muito longe da solução recommendada pela côrte de Madrid. O marquez de Castello Rodrigo e João de Frias Salazar continuavam preseverantes na execução das ordens de el-rei, mas o effeito era lento, e a má vontade do reino manifesta. Nas comarcas da Beira o desembargador Fernão Cabral, delegado dos dois commissarios, encontrára obstaculos iguaes aos que elles tinham achado nas do Minho e Traz os Montes; mas, segundo parece, Fernão Cabral inventou um meio persuasivo. Bateu moeda com a vaidade heraldica por conta dos livros da mordomia mór[1].

O descontentamento publico augmentava, entretanto, lavrando por todas as classes. A do clero, sempre a ultima a acompanhar as outras nos sacrificios, não podéra eximir-se d'esta vez, cabendo-lhe largo quinhão na repartição dos

[1] Cartas regias de 8 de dezembro de 1629, de 28 de fevereiro e 18 de maio de 1630. — *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1628 encargos do reino. Filippe IV alcançára de Roma um breve para a corôa arrecadar a titulo de mezadas a duodecima parte dos rendimentos das prelasias e beneficios vagos por morte ou por transferencia. Causou não pequena sensação a novidade; porém, introduzida á sombra da auctoridade pontificia, as dioceses tiveram de obedecer. Comtudo, se o fisco para multiplicar o producto escogitava toda a especie de alvitres, tambem os interessados por seu lado não esqueciam nenhuma fraude para o illudir. El-rei mandou consultar a mesa da consciencia e varias pessoas habilitadas ácerca do modo mais facil de realisar a cobrança com exactidão, optando depois pelo methodo suggerido em uma memoria do bispo eleito de Leiria D. Diniz de Mello. Apesar d'isso, segundo se deprehende dos documentos, a experiencia mostrou logo, que as regras apontadas pelo prelado eram inefficazes, e foi preciso recorrer aos meios coercitivos. Pediram-se cartas ao colleitor apostolico, encarregado da execução do breve, e ordenou-se aos provedores das comarcas, que assistissem ás diligencias com os embargos e sequestros necessarios, depois de previamente informados da renda annual em fructos e ordenados das prelasias e beneficios sujeitos ás mezadas. O clero, assim apertado, teve de ceder, mas não relevou a severidade, notando com zêlo piedoso o escandalo com que o governo transferia os prelados sem necessidade, e multiplicava os pretextos indecentes para repetir as vacaturas. Mas o clero se deplorava resentido o dinheiro gasto em Roma com as transferencias, e condemnava as simonias toleradas para elevar o producto das mezadas, em 1627 recresceu-lhe a ira, quando, a despeito de explicitos privilegios, se viu exposto ás exacções dos cobradores do real de agua, arrecadado pela camara de Lisboa para inteirar os duzentos mil cruzados, com

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que os ministros de D. Filippe a haviam carregado na re- 1629
partição do subsidio extraordinario. Voltou-se para Roma mas no momento em que esperava rebater a oppressão no escudo das censuras espirituaes, vieram manieta-lo as letras da santa sé, que o comprehenderam na generalidade da collecta [1].

Urbano VIII, movido pelas supplicas do embaixador hespanhol, concedêra a Filippe IV contra os inimigos da fé, não só a bulla da cruzada perpetua, mas o subsidio *voluntario* do clero de Portugal, que a diplomacia castelhana hypocritamente representára ao Vaticano devorado do mais ardente desejo de concorrer para a recuperação das conquistas e para a confusão dos hereges. A curia, sem se informar das intenções do estado ecclesiastico, dictou, com a sua candura usual, o breve de 31 de janeiro de 1629, e obrigou por seis annos todos os clerigos, conegos, beneficiados, capellães, e communidades ao pagamento do real de agua na cidade de Lisboa. O santo padre, prevendo que só escrupulos de consciencia podiam talvez impedir o clero das outras cidades, villas, e logares de auxiliar tambem a corôa, auctorisou-o a coadjuvar o soccorro da India com mais duzentos mil cruzados. Os ecclesiasticos acharam-se, pois, de repente nas garras do fisco, e a fazenda real não os poupou. Depois de tiradas exactas informações dos rendimentos arbitrou as quotas, e repartiu-as. A execução correspondeu, e nem aos clerigos pobres se quiz perdoar a taxa de meio tostão por missa, sendo capellães! Os exactores sem contemplação entraram pelos conventos, e cobraram as fintas, tanto das ordens

[1] Carta regia de 12 de abril de 1628, liv. das consultas da mesa da consciencia, fol. 17. — *Manifesto do reino de Portugal.* Lisboa, 1641, pag. 49 e 50. — *Usurpação, retenção e restauração de Portugal.* Lisboa, 1642, pag. 16 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1629 ricas, como das descalças e mendicantes. Romperam os claustros em clamores, escandalisaram-se os devotos, e reprovaram a violencia as pessoas sisudas. Para receber os cento e noventa mil cruzados da composição, que o estado ecclesiastico offerecêra para ser eximido dos vexames do subsidio, não era preciso aquelle ruido, nem tão grande excesso de zêlo [1]. Quando a cobrança corria quasi convertida em perseguição, rebentaram no maior calor das violencias as ordens relativas á reivindicação das capellas usurpadas e á observancia das leis de amortisação. O governo tinha nomeado uma commissão para apurar com exame imparcial as capellas vagas occupadas illegalmente. Ao mesmo tempo o desembargo do paço havia consultado a necessidade de exigir dos provinciaes e superiores dos mosteiros a lista de todas as propriedades e a nota dos titulos e datas das licenças regias, ponderando que as ordens religiosas se tinham introduzido em muitas contra o direito. El-rei mandou, que se procedesse pelo juizo ordinario da corôa para as lançar fóra, e reforçou a commissão com os desembargadores Manuel Coutinho e Francisco de Andrade Leitão.

A tolerancia dos ultimos reinados animára os mosteiros a reterem a posse de capellas, que nunca lhes pertenceram, ou a violar os preceitos vigentes, conservando outras sem dispensa. Mas a restituição feria os interesses monasticos, lesava as mitras e cabidos, e entendia de perto com os estabelecimentos pios. O rendimento das capellas derivava-se em parte dos padrões de divida. O governo

[1] Breve de Urbano VIII de 31 de janeiro de 1629 no archivo nacional da Torre do Tombo, liv. das traducções dos breves e bullas, fol. 24, e breves de 14 e 15 de julho de 1627, fol. 26 e 27. — *Justificação dos portuguezes*. Lisboa, 1643, cap. x, pag. 43 e 44. — Carta regia de 9 de maio de 1628.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

penhorou os juros, e privados d'elles no momento em que 1630
estavam pagando a finta pela composição do real de agua, os mosteiros lutaram com graves embaraços. Os menos ricos empenharam a prata. Os ricos empenharam-a tambem sem necessidade para que o rigor desse mais na vista. As irmandades, misericordias, e confrarias diminuiram, ou suspenderam as esmolas. Os conventos e capellas interromperam os suffragios pelos bemfeitores defunctos. Não era necessario tanto para a devoção se assustar, e o povo accusar em brados a impiedade do soberano e dos ministros. As declamações do clero menor e dos claustros, e os prognosticos sinistros dos que viviam do altar engrossaram estas vozes. A influencia da theocracia ainda era immensa. Pela educação dominava as gerações, pelo pulpito arrastava a multidão, e pelo confessionario subjugava as consciencias. O seu odio, cavando lento, mas implacavel, podia minar o edificio mais solido. Alçar, pois, a mão sobre os bens, de que a igreja se apropriára, ou pedir-lhe o superfluo, quando se arrancava a todos o necessario, equivalia para o vulgo e para a maxima parte em todas as classes a commetter um attentado de lesamagestade divina. A inimisade de muitas ordens religiosas ao dominio castelhano era antiga. As severidades actuaes serviram-lhe de justificação para a transformar em guerra declarada. A unanimidade de sentimentos, a impaciencia do captiveiro, e a fé viva na restauração da liberdade, que tanto facilitaram a feliz temeridade de 1640 foram obra, em parte, dos esforços do clero. Sem o seu apoio decidido não é provavel, por maiores que fossem as offensas, que a nobreza arriscasse tão de leve a acclamação de D. João IV[1].

[1] Carta regia de 28 de setembro de 1629, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 357. — *Justificação dos portuguezes*. Lisboa, 1643, pag. 45 e 45 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 Uma nota, enviada ao valido em julho de 1628 por um dos confidentes, que o informavam, revela-nos o estado da fazenda publica, salvas as inexactidões inevitaveis. As receitas, avaliadas em globo, calculavam-se em mil duzentos e cincoenta e nove contos de réis, contando a carga e os direitos das duas naus da India, que todos os annos entravam em Lisboa. A despeza ordinaria (juros, tenças, ordenados e presidios de Africa), não incluindo as armadas da costa e da India, orçava-se em seiscentos e dezesete contos de réis, elevando-se os excedentes á quantia avultada de seiscentos e quarenta e dois contos de réis [1]. Mas, como observámos, analysando os orçamentos do reinado de Filippe III, nada podia ser mais contingente, do que estes calculos quasi arbitrarios, comparados com os factos. O errado systema da arrematação dos rendimentos trazia comsigo a quebra infallivel das receitas, quebra que

[1] A avaliação da receita era a seguinte: sizas, 200:000$000 réis; alfandegas do reino, 200:000$000 réis; sete casas de Lisboa, réis 90:000$000; consulado, 70:000$000 réis; portos seccos, 33:000$000 réis; extracção do sal, 30:000$000 réis; proprios, jugadas, mestrados, e cruzadas, 40:000$000 réis; chancellaria, 60:000$000 réis; cartas de jogar e solimão, 40:000$000 reis; Brazil e redizima, réis 54:000$000; pau Brazil, 24:000$000 réis; terças do reino, réis 24:000$000; taboa de Setubal e Almada, 30:000$000 réis; ilhas dos Açores, 40:000$000 réis; Madeira, 25:000$000 réis; S. Thomé, 10:000$000 réis; Angola, 24:000$000 réis; Cabo Verde, 15:000$000 réis; India (quinze mil quintaes de pimenta a 25 cruzados o quintal e os direitos das mercadorias), 250:000$000 réis. A despeza decompunha-se n'estas verbas principaes; juros, 185:000$000 réis; tenças, 200:000$000 réis; ordenados no reino e no Brazil, 137:000$000 réis; logares de Africa (Ceuta, Tanger e Mazagão), 95:000$000 réis: total 617:000$000 réis.—Vide *Correspondencia secreta do anno de 1628 «receita e despeza de Portugal»*, inedito publicado pelo sr. Silva Tullio no tom. III do jornal litterario o *Archivo pittoresco*, pag. 32 e 43.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

por vezes, segundo vimos, não baixava de metade, ou da 1630
terça parte do preço. As eventualidades, que em guerra aberta e desastrosa exercem grande influencia, concorriam igualmente para diminuir os recursos, limitando o despacho das alfandegas, interrompendo a navegação nas carreiras mais importantes, e paralysando o desenvolvimento interno do paiz. Portugal por causa da sua união á Hespanha rompêra as hostilidades contra a França, contra a Gran-Bretanha e contra a Hollanda. Os nossos portos, frequentados antes por milhares de navios, estavam agora quasi desertos. A odiosa commissão confiada a D. Fernando de Toledo, capitão general dos presidios castelhanos, de reprimir o contrabando dos estados inimigos, fiscalisando as represalias, alem de offender o amor proprio nacional pelo despotico mando conferido a um estrangeiro, afugentava as embarcações de nossas aguas, não causando de barra a dentro prejuizos menores, do que os bloqueios e saltos das vélas britannicas e neerlandezas provocavam de barra a fóra.

O conde duque exigia novos tributos, invocando para os extorquir a lei suprema da necessidade. Ao mesmo passo desbaratava em graças onerosas o melhor dos rendimentos, doando em 1627 a um personagem parte da receita do pau Brazil, monopolio que já valêra cem mil cruzados annuaes, e descêra com as arrematações e pela guerra a vinte e cinco mil. Os queixosos notavam ainda, que o producto da bulla da cruzada era distrahido da conservação das praças de Africa, do subsidio dos mosteiros pobres e obras pias para engrossar a abundancia do collegio dos jesuitas de Salamanca, e que as drogas da India e o assucar da America enriqueciam o opulento mosteiro do Escurial. Apontavam com motivo, como grave escandalo, a promessa de um dote de duzentos mil cruzados á filha do

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1620 duque de Maqueda para casar com o duque de Aveiro, e o ordenado de tres mil cruzados a um capitão das galés que não tinha armada. Queriam que o governo, em vez de esgotar o paiz todos os annos com pedidos e subsidios, zelasse a gerencia da fazenda, supprimindo muitas tenças de setecentos e de oitocentos mil réis assentadas nos livros do thesoureiro Marçal da Costa sem nota de serviços, e apontavam n'esses registos doações, alvarás e portarias de duzentos, de oitenta e de cincoenta mil cruzados, prodigalisadas arbitrariamente. Deploravam a falta de rei natural, notando a resposta desamoravel, dada em Madrid ás representações do reino. El-rei D. Filippe tinha-se escusado seccamente a auxiliar com um real a corôa portugueza, depois do funesto naufragio da armada, sabendo que a somma requerida como emprestimo apenas podia constituir o pagamento da minima parte dos tres milhões, que a corôa de Castella devia á nossa, sommando só os padrões em tres vidas passados aos genovezes sobre as nossas alfandegas em favor de Hespanha (na proporção de oito mil réis o milheiro) muito mais de setecentos mil cruzados. Por ultimo recordavam-se, de que nos cincoenta e tres annos, que a união contava de existencia, tinham sido vendidos e alienados em beneficio de Castella na Italia e em Flandres perto de quatrocentos milhões, e clamavam com rasão contra a tyrannia da côrte de Madrid, que, cerrando os olhos a tão pesados sacrificios, assistia indifferente á pobreza e ruina da monarchia, consumida pela perda de tantas naus e fazendas. De feito a côrte enlevada nos espectaculos luxuosos, nas comedias, e nas touradas, não se lembrava das lastimas do reino, senão para lhe espertar as dores, exacerbando as violencias fiscaes[1].

[1] *Apontamento das causas originaes que têem lançado a perder este reino. Archivo pittoresco,* tom. III, pag. 148, 159, 167 e 168.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

O governo hespanhol, como se tão justas queixas ainda 1630
não bastassem, descobriu o modo de aggravar mais o clero e o povo, ferindo-os no fanatismo e nos preconceitos. Narrámos no livro II o instructivo episodio das negociações ajustadas entre o rei e os christãos novos, e mostrámos como os judeus, tendo comprado por alto preço a revogação das leis, que os haviam privado da liberdade civil, caíram logo em peior captiveiro, annullando-se-lhes o beneficio a pretexto de falta de pontualidade no cumprimento das condições. O conde duque respeitára a principio n'este ponto as resoluções dos antecessores, e, soccorrido com largos subsidios pelo cofre do fisco do santo officio, retribuira a condescendencia, apertando muito os rigores aos descendentes da raça proscripta. Recrudesceu a perseguição, e as victimas na esperança de a abrandar renovaram a supplica de 1601, não se esquecendo de devassar a entrada do paço pelos mesmos meios. Filippe IV, não menos fanatico, talvez do que seu pae, era de certo muito mais mundano e dissipador. Os judeus offereciam milhão e meio de cruzados por um indulto, que os deixasse respirar por algum tempo. A proposta seduziu el-rei, e D. Gaspar de Gusmão não timbrou de mais severo, do que o cardeal duque de Lerma. Firmou-se o pacto. Em 7 de agosto de 1627, ouvido o parecer do inquisidor geral, dos governadores do reino, e dos theologos do conselho, o soberano concedeu perdão restricto ás pessoas da nação hebrea, que dentro do praso determinado pelo tribunal da fé viessem reconciliar-se voluntariamente, accusando os erros e culpas, e isentou-lhes os bens da penhora e do sequestro. Fazia-lhes assim mercê do que fôra d'elles (rezava o alvará) para acudir com remedio prompto aos damnos, que o reino padecia pela soltura, com que o judaismo se dilatava.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 A indignação popular contra os hebréus não tinha declinado. O clero e as religiões atiçavam por todos os modos as iras da plebe. O piedoso pretexto do indulto não illudiu as almas devotas, e as verdadeiras rasões transpiraram. A idéa, de que os apuros da fazenda podiam decidir o rei e o valido a restabelecer as concessões de 1604, feitas e revogadas por Filippe III, chegou a levantar certa agitação, não só no animo do povo, mas no seio das jerarchias superiores, e os prelados não foram os ultimos a inculcar desconfiança. Olivares tratou de a desvanecer, publicando as cartas regias de 3 de junho e 10 de novembro, suscitando em ambas a observancia das antigas leis sobre a saída do reino e a alienação dos bens dos christãos novos. Depois convocou no convento de Thomar uma junta encarregada de examinar as causas da diffusão do judaismo, e de consultar as providencias opportunas para a atalhar. Reuniram-se os bispos, e começaram as conferencias; mas o assumpto, tratado de perto, pareceu mais espinhoso, do que a principio se cuidára, e, não se atrevendo a concluir, sem o auxilio das letras seculares, os prelados pediram a el-rei, que lhes aggregasse por consultores alguns lentes da universidade de Coimbra. Filippe IV annuiu. A junta não caminhou por isso mais depressa. Prolongaram-se as deliberações, apesar dos esforços do arcebispo de Lisboa D. João Manuel, e do zêlo do bispo de Coimbra D. João, que serviu de secretario. Por fim a assembléa ecclesiastica rematou os trabalhos, e dissolveu-se ao cabo de dois annos, recolhendo-se os prelados ás dioceses, e passando D. João Manuel a Madrid para obter a resolução das propostas. Mas n'este meio tempo os judeus, no meio de tantas machinas assestadas para os destruir, haviam alcançado de Filippe IV pelas leis de 17 de novembro de 1629 a suspensão das prohi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

bições da venda das propriedades e da saída do reino, 1630
graça que seguramente lhes não custou pequeno sacrificio, mas de que não sabemos o preço, nem as clausulas secretas. Este desenlace inesperado, coincidindo com os outros aggravos do reino e da igreja, quasi que sublevou o paiz. A revogação das leis de D. João III, de D. Henrique e de Filippe II, quando a junta de Thomar acabava de separar-se, e o arcebispo de Lisboa requeria da côrte providencias contra os hebreus, parecia uma irrisão contra os prelados, e foi apodada de escandalosa simonia real. Ninguem ignorava, que as supplicas dos christãos novos tinham sido attendidas por subirem cravadas de oiro. Os claustros accusaram o gabinete hespanhol de planos ainda mais audaciosos, insinuando que elle meditava conceder á synagoga liberdade de culto e de consciencia. Não era preciso tanto para o povo, exagerado e credulo, romper em clamores e tumultos, e maltratar os hebreus. Em mais de uma povoação correram os judeus risco de expiarem com a vida a clemencia da côrte[1].

Os dois governadores D. Affonso Furtado de Mendonça e D. Diogo de Castro, conde de Basto, logo representaram o estado dos animos, insinuando a necessidade de el-rei visitar o reino quanto antes para consolar os vassallos com a sua presença, e ouvir em côrtes os seus aggravos. Olivares não respondia, ou declinava a proposta com pretextos futeis, e ao mesmo tempo, em communicação directa com os alvitristas fiscaes, acolhia com agrado, e executava sem reflexão as invenções, que elles não ces-

[1] Consulta de 22 de junho e resolução de 4 de julho de 1629, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 238.—D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 12 e 13.—Leis de 17 de novembro de 1629.—*Justificação dos portuguezes*. Lisboa, 1643, cap. VIII, pag. 34 a 39.—Em Santarem houve um motim terrivel.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 savam de excogitar para arrancarem grossas sommas do paiz extenuado. A cidade do Porto não foi mais poupada, que a de Lisboa, na derrama geral. Impoz-se-lhe o subsidio de um galeão armado e provido para o soccorro da India; e como a vigilancia do conde de Miranda se não reputou sufficiente, encarregou-se da fiscalisação das exportações do sal o chanceller da relação. A exacção não parou só n'isto. Transplantando dos reinos de Castella para o nosso uma nova fórma de monopolio, que a execução depressa tornou odiosissima, declarou exclusivo rendimento da corôa o beneficio tirado do bagaço da azeitona depois de moida nos lagares. Creou administrador geral e escrivão da receita, instituiu em cada comarca administradores, recebedores e executores, e baixando ás cidades, villas e logares felicitou-os, igualmente, com um administrador e um recebedor particular. A economia do monopolio não era complicada. O estado comprava aos donos o bagaço por avença, ou por tarifa, mandava-o moer por meio de um processo ensinado pelos mestres castelhanos, e o azeite que rendia a terceira moedura, feita de noite, pertencia ao fisco. Mas a repetição dos varejos, a posse temporaria das officinas e dos moinhos pelos empregados do governo, e os conflictos inevitaveis da industria official com a industria particular, cedo avivaram aos lavradores pelo gravame os inconvenientes da occupação de suas propriedades, mesmo a despeito das prevenções do extenso regimento, de que a alcavalla saiu illustrada[1]. No meio das apprehensões das novidades tributarias rebentou a funesta

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 14. — Carta regia de 6 de maio de 1629. — Regimento de 15 de outubro de 1630 sobre o beneficio do bagaço da azeitona, collecção de Trigoso, tom. II, doc. 30. A receita do processo para extrahir o azeite do bagaço é curiosa e segue o regimento.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

noticia da invasão de Pernambuco e da tomada de Olinda 1630
pelos hollandezes, e a opinião ferida por tantos revezes consecutivos e por tantas violencias inuteis rompeu em brados, que fizeram receiar mais seria explosão. A perda, apesar de menos grave, que a da Bahia em 1624, não deixou por isso de maguar profundamente o amor proprio nacional e os interesses mercantis. A presença dos inimigos em um ponto importante do Brazil ameaçava a tranquillidade da colonia e a segurança da navegação e do commercio na America.

A restauração de S. Salvador não desalentára a companhia das Indias occidentaes. A inferioridade da marinha das duas corôas em quasi todos os combates assegurava-lhe a victoria, e as carregações dos navios hespanhoes e portuguezes alimentavam a sua ousadia. No 1.º de março de 1627 o intrepido almirante Piet Heyn, com uma esquadra de nove naus e de cinco hiates, guarnecida de trezentos e doze canhões, surgiu á vista da cidade da Bahia. Se uma calmaria repentina o não retivesse teria investido despercebidos e quasi sem defeza os trinta vasos fundeados no porto. Diogo Luiz de Oliveira, que então governava o Brazil, só a esta circumstancia deveu o tempo de dictar as providencias essenciaes. Heyn, apenas leve bafagem lhe inchou as vélas, forçando a entrada da barra, e mettendo-se entre as embarcações portuguezas e as baterias dos fortes com as tres naus *Amsterdam*, *Gueldria* e *Hollandia*, ajudadas de algumas lanchas armadas, venceu o fogo terrivel que de ambos os lados o crivava de balas, e conseguiu em tres horas abordar os nossos navios, cujas tripulações fugiram a nado para terra. O despojo colhido foi valioso. Os hollandezes enviaram para Amsterdam duas mil e setecentas caixas de assucar, muitas balas de algodão, e copia de rôlos de tabaco e de fardos de pel-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 ies. Dois mezes depois, terminado o cruzeiro das costas, Piet voltou a S. Salvador, assenhoreou-se das aguas da Bahia, abrazou duas embarcações debaixo da artilheria da fortaleza de Tapagipe, e subindo o rio com dois hiates e as chalupas foi apresar no meio das descargas de mosquetaria do capitão Padilha os navios, que se tinham salvado do assalto da vespera. Succumbiram Padilha e seus soldados, e dos seis vasos, que o almirante buscava, caíram em seu poder a nau e uma caravela carregadas de assucar. Era perigoso retirar por entre os inimigos e com as aguas tão baixas; mas Heyn superou os obstaculos, e em outubro recolheu-se á patria[1].

No anno seguinte outro feito ainda mais distincto illustrou o nome já glorioso de Pieter Pieterszoon Heyn. No mez de maio a companhia confiára do seu commando uma armada de trinta e tres vélas (naus e hiates), seiscentas e oitenta e nove peças, e tres mil e novecentos marinheiros e soldados. Partiram com elle Hendrik Cornelizoon Loncq, na qualidade de almirante, e Joost Van Trappen, no de vice-almirante. As ordens eram juntar na altura de Porto Santo e da Madeira todos os vasos, e sair a esperar nas aguas da ilha de Cuba os galeões hespanhoes, que todos os annos trocavam em Porto Bello, no isthmo de Panamá, e em Vera Cruz as mercadorias da Europa pelo oiro e prata do Mexico e do Peru, pelo indigo e couros de Guatemala, e pelas especiarias de Manilla e Acapulco trans-

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. a 30. — Laet, *Verrigtingen der Geoctroyeerde West-Indiesche compagnie, etc.* (Historia das operações da companhia das Indias occidentaes até 1636). Leyde, 1644, fol. 103 a 121. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

portadas das Indias orientaes. Cuba era o ponto de reunião 1630
dos navios da armada. Heyn avistou-os a 8 de setembro em duas esquadras, uma mercante, de nove vélas, e a outra de guerra, de quatro galeões e duas naus. Apoderou-se de ambas no mesmo dia, a primeira, tomada quasi sem resistencia pelas lanchas, a segunda, abordada e rendida na bahia de Matanzas com o almirante D. Francisco de Buena Vida. Avaliou-se a presa em mais de onze milhões e meio de florins, e avaliou-se em muito menos do que importava. Quando se fez a liquidação achou-se que subia a quatorze milhões e oitocentos mil florins. Piet Heyn, saudado como o primeiro capitão do mar da Hollanda, foi recebido em triumpho, e a companhia distribuiu aos accionistas dividendos de cincoenta por cento, alem das recompensas aos officiaes, e de dezesete mezes de soldo aos marinheiros e soldados. A sociedade das Indias orientaes não se achava menos prospera. De 1610 a 1620 a media de seus dividendos não baixára de cincoenta por cento, e em 1606 chegou a elevar-se a setenta e cinco. Estes lucros representavam as perdas do nosso commercio. As riquezas dos hollandezes quasi todas haviam sido grangeadas á nossa custa.

Desastres tão estrondosos deveriam ter despertado os cuidados do conde duque; mas sempre singular nas idéas a sua opinião era que as duas companhias se arruinavam com as victorias, que a Hollanda desfallecida havia de acabar por não poder acudir a tantas guerras, e que suas conquistas nunca passariam de lances casuaes, ou de invasões temporarias. Os dezenove directores da companhia das Indias occidentaes não lhe demoraram o desengano formal das illusões. Convencidos de que a Bahia, fortificada e defendida com vigilancia, seria feito mais difficil, encetaram nos principios de 1629 os preparativos de uma

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 nova expedição, e pozeram os olhos na capitania de Pernambuco por se lhes representar menos ardua de invadir, e talvez mais commoda de conservar. A côrte de Madrid foi avisada ainda d'esta vez pela infante D. Izabel. Por maior recato, que os hollandezes guardassem, o ruido dos aprestos excitou as desconfianças da princeza governadora dos Paizes Baixos meridionaes, e dentro de pouco seus espiões colhiam o segredo da empreza, revelando que a grande armada se apparelhava contra a capitania de Pernambuco. Olivares deu pouca importancia á informação, contentando-se com instrucções e soccorros insignificantes, quando um reforço de dois mil homens commandado por bons capitães e sufficientes auxilios pecuniarios, talvez podessem frustrar a invasão. Mas a corôa de Castella não queria arriscar o mais leve sacrificio, e Portugal, esgotado pelos pedidos extraordinarios dos ultimos annos, não tinha forças para prover a um tempo á defeza da India e á defeza do Brazil. Os governadores do reino limitaram-se, pois, a apressar a partida de Mathias de Albuquerque, chamando-o de Madrid, ordenando-lhe que voltasse immediatamente a Pernambuco, e entregando-lhe o commando de tres caravelas e dos poucos soldados, que ellas podiam transportar. Albuquerque partiu logo, e a 18 de outubro de 1629 estava em Olinda[1].

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. 39 a 44. — Laet, *Verrigtingen der Geoctrogeerde West-Indies compagnie, etc.* (Historia das operações da companhia das Indias occidentaes até 1636). Leyde, 1644, fol. 168 a 184. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII. — *Memorias diarias de la guerra del Brazil*, por Duarte de Albuquerque Coelho. Madrid, 1654, fol. 6 e seguintes. Esta obra, extremamente rara, foi reimpressa pelo *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* na lingua portugueza.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

A cidade edificada sobre uma eminencia proxima da costa, um pouco ao norte do cabo de Santo Agostinho, contava então dois mil habitantes, e entre elles muitas pessoas abastadas e alguns negociantes opulentos. Sete igrejas, quatro conventos de frades, e um de freiras com cento e trinta religiosos, attestavam a sua piedade. A população negra e escrava era muito maior. Do lado meridional da povoação prolongava-se uma lingua de terra entre o mar e o rio Biberibe, e na ponta estava assentada a aldeia do Recife de cento e cincoenta casas, protegida pelo forte de S. Jorge. Era ali que os mercadores tinham os armazens e os depositos. A curta distancia da costa, coberta pelas aguas na enchente das marés, estendia-se uma restinga de cachopos, e na sua extremidade, fronteira á de S. Jorge, levanta-se a fortaleza do Picão, ou do Mar (S. Francisco), fechando ambas a entrada do porto com seus fogos cruzados. O estado moral da capitania assimilhava-se ao da Bahia. 1630

A cobiça, a indolencia propria do clima, e os costumes licenciosos, aggravados pelos males que provoca a servidão, enfraqueciam os brios e attenuavam as crenças. Antes da chegada de Mathias de Albuquerque Diogo Luiz de Oliveira acudíra ás fortificações de Olinda, encarregando Pedro Correia da Gama do plano e execução das obras; mas estas pouco progrediram, atalhadas pela negligencia dos habitantes, aos quaes uma especie de terror fatalista entorpecia inteiramente. Albuquerque, apenas saltou em terra, tinha aproveitado os cinco mezes, que lhe concedêra a demora do inimigo, para ir dispondo tudo de modo, que podesse oppor uma bem dirigida resistencia para afugentar os invasores. Mas os obstaculos que haviam mallogrado os esforços de Oliveira, inutilisaram igualmente os seus. De tantos projectos sómente sobreviveu a bella

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 planta do forte real, traçada pelo engenheiro Christovão Alvares para bater a barra.

A armada hollandeza, commandada por Hendrik Corneliszoon Loncq, e composta de cincoenta e duas naus e hiates e de treze chalupas de guerra, de quatro a seis canhões, com tres mil setecentos e oitenta marinheiros escolhidos, e tres mil e quinhentos homens de peleja alistados na Allemanha, na Italia, e em outras terras, tinha-se reunido no emtanto na altura da ilha de S. Vicente, e seguira o rumo de Pernambuco. A 7 de fevereiro de 1630 avistou a costa do Brazil, mas os ventos e correntes contrarias detiveram-a por muitos dias, sem consentir que se avizinhasse de terra, e uma epidemia intensa povoou de doentes as enfermarias dos navios. Quasi um terço das tripulações e dos soldados caíram doentes victimas do flagello. Os officiaes eram dignos do general, conceituado depois da morte de Piet Heyn como o marinheiro mais distincto das provincias unidas. Seguia-o como almirante Pieter Adriaenszoon Ita, e como vice-almirante Joost van Trappen. O coronel Diederik van Waerdenburch capitaneava as tropas, levando sob suas ordens os tenentes coroneis Alexander Seton, Adolph van der Elst, van Steyn-Callensfels, e o major Foulcke Hounckes. A 13 de fevereiro o general ouviu o conselho militar, e assentou com elle o plano de ataque. A 14 houve sermão e oração geral. No dia 15 de manhã toda a armada arremetteu contra o Recife, bombardeando os fortes de S. Jorge e de S. Francisco. Ao mesmo tempo Waerdenburch com dezeseis navios, dois mil e duzentos soldados, e setecentos marinheiros, desembarcando no Pau Amarello, duas leguas distante de Olinda, dormia a noite acampado na praia. No dia 16 avançaram as tropas em tres corpos, e na margem do rio Doce encontraram-se com Mathias de Albuquerque e seiscentos

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

e cincoenta portuguezes e indios intrincheirados, que lhes 1630
disputaram a passagem. O combate travou-se renhido, mas curto. Os hollandezes, depois de varejarem o arraial contrario com duas peças de campanha, atravessaram a vau a ribeira, e os nossos retiraram-se. Apoderou-se então dos habitantes da cidade medo igual ao que fizera cair as armas das mãos dos moradores da Bahia. Em vez de combaterem o inimigo nos desfiladeiros, aonde seria quasi segura a derrota, fugiram para o sertão com as familias e as alfaias mais preciosas. A vanguarda neerlandeza, achando o caminho livre, e guiada por Van der Elst não parou senão diante do convento dos jesuitas vigorosamente defendido por Salvador de Azevedo. Para o render teve o inimigo de assestar a artilheria e de arrombar as portas. O centro dos invasores com mil e quarenta e nove piques e mosquetes ás ordens de Van Steyn Callenfels, e a retaguarda ás ordens do major Foulcke Hounckes tomaram sem difficuldade o convento dos franciscanos e o forte do norte. Invadida por tres partes Olinda entregou-se logo. Foi pequeno o despojo. Mathias de Albuquerque, vendo a cidade perdida, antes de evacuar o Recife, tinha mandado lançar fogo aos armazens e depositos. Devoraram as chammas em poucas horas grandes riquezas, punindo a covardia dos que não souberam conserva-las, e illudindo a avidez dos hollandezes cobiçosos de se assenhorearem d'ellas. As fortalezas de S. Jorge e de S. Francisco, sitiadas e batidas, capitularam no 1.º de março. No dia 11, consummada a conquista, constituiu-se o conselho politico do governo (politicke Raden) com Johan de Bruyne, Philips Serooskerken, e Horatio Calendrini, nomeados pela companhia. Waerdenburch assumiu o commando militar [1].

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 Mathias de Albuquerque recuava no emtanto, mas de vagar, e com a idéa de não se afastar muito. A uma legua de Olinda assentou os arraiaes no sitio chamado do Bom Jesus, e defendeu-os com os soldados da guarnição, com os moradores fugidos da cidade e com alguma tropa, com que seu irmão Antonio de Albuquerque o soccorrêra de Parahiba. Todas as forças reunidas subiriam a quatro mil homens (incluindo tres mil indios) e a quatro ou cinco peças pequenas. Os capitães João Fernandes Vieira, Lourenço Cavalcanti, e Luiz Barbalho com o indio Tupy (Filippe Camarão), estreitando por sua ordem a cidade em uma apertada linha de postos e de emboscadas, reduziram brevemente os adversarios a tirarem do mar, não só os mantimentos, mas até as lenhas.

Emquanto a invasão se realisava com tanta facilidade, decretava Filippe IV grandes festejos para celebrar o nascimento de seu filho primogenito, e por um acto de real munificencia mandava levar em conta ás camaras do Porto e de Elvas para o subsidio as quantias despendidas em illuminações, em fogos de artificio, e em cavalhadas. A noticia da occupação de Olinda veiu interromper os jubilos officiaes, cobrindo de luto os arcos triumphaes levantados pela adulação. Os governadores perplexos expediram expressos á côrte, ordenaram que partissem a toda a pressa duas caravelas de soccorro, e que se apromptassem com a rapidez possivel mais outras seis para saírem logo de-

39 a 49. — Leat, *Verrigtingen der Geoctroyeerde West-Indies compagnie, etc.* (Historia das operações da companhia das Indias occidentaes até 1636. Leyde, 1644, fol. 188. — Southey, tom. I, pag. 517. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII. — *Memorias diarias de la guerra del Brazil*, por Duarte de Albuquerque Coelho. Madrid, 1654, fol. 15 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pois com alguns reforços. O conselho d'estado, immediatamente convocado, consultou sem demora as providencias opportunas, despachando em 30 de maio correios extraordinarios a Madrid, e pedindo a el-rei e ao conselho de Portugal a resolução urgente de suas propostas. O governo respondeu a 11 de junho. Em vez de soldados, dinheiro e munições, de que não fallava, encommendou ao arcebispo e ao conde de Basto, que dessem infinitas graças a Deus pelos infortunios da monarchia em todas as partes, e fizessem preces e rogações para que o Senhor levantasse de cima do reino a mão com que o castigava. Prescrevia depois ás justiças e ao conselho da inquisição que velassem com a maior severidade pela satisfação dos aggravos, e reparação dos peccados publicos e secretos, punindo com rigor exemplar os hereges, os apostatas e os infieis. A pastoral não dizia uma palavra mais. Provavelmente D. Filippe e o conde duque entenderam, que, abertos os templos, ateiadas as fogueiras dos autos de fé, e ordenadas as procissões de penitencia, as aguas do oceano haviam de crescer sobre Olinda, como as do mar Vermelho sobre os egypcios, e que Loncq, Adriaenszoon Ita, e Waerdenbourch, feridos do mysterioso terror de Job, fugiriam das praias americanas, sem ser preciso que a espada da Hespanha os repellisse! 1630

Os resultados provaram a vaidade d'este sonho, e o paiz, desamparado pelo rei nas maiores tribulações, começou a converter em repugnancia declarada as antipathias. Ha lances supremos, em que as dynastias se enraizam, ou se perdem irremissivelmente. Filippe IV, soccorrendo a Bahia em 1625, dera um grande passo para a reconciliação; mas opprimindo depois o reino de tributos, e mandando-o recommendar a Deus a sua causa, quando os inimigos lhe invadiam as conquistas, alienou para sempre o amor

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1630 dos povos, porque na occasião em que erguiam para elle as mãos os desviou de si com indifferença[1]. Este desamor em occasião tão critica gravou-se indelevel como offensa no coração do paiz, e dez annos depois era ainda uma das rasões allegadas contra o dominio estrangeiro.

1 *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII. — Carta regia de 11 de junho de 1630, liv. de reg. da mesa da consciencia, fol. 143.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO IV

1631-1640

Planos de Olivares para a restauração de Pernambuco. Emprestimo forçado. Queixas.—O infante D. Carlos nomeado regente. Não chega a tomar posse. Impostos; meia annata e estanco do sal. Idéa de um subsidio permanente de quinhentos mil cruzados. Assembléa convocada na igreja de Santo Antonio. Repulsa. Resentimento do ministro.—Estado do Brazil. Mathias de Albuquerque. Batalha naval entre Oquendo e Pater. Victoria indecisa.—Reorganisação da secretaria do conselho de Portugal em Madrid. Diogo Soares.—Terceiro governo do conde de Basto. Difficuldades. Prudencia do vice-rei. Receios da côrte. Repressão da imprensa.—Progressos dos hollandezes no Brazil. Ruina do commercio. Apuros da fazenda. Retenção de um quartel de juros, tenças e ordenados. Clamores e representações desattendidas.—Demissão do conde de Basto. Duvidas ácerca do successor. O principe de Esquilache. Diogo Soares. Nomeação da duqueza de Mantua. Miguel de Vasconcellos e Brito, secretario d'estado. Odio publico contra elle. Seu caracter.—Novos tributos. Confusão fiscal. Tumultos do povo. Contribuição unica. Junta do desempenho. Conclusão.

Rompeu mal assombrado o anno de 1631. De quasi todas as conquistas chegavam noticias infelizes, e o estado interno cada dia era mais desgraçado. O conde de Basto, D. Diogo de Castro, austero e respeitado, mas pouco amado da côrte, supportava só e com molestia o peso de toda a administração, instando de balde com Olivares, para que lhe nomeasse successor. A occasião não o consentia. Ninguem se apresentava digno do logar para aliviar o conde do encargo de tantas responsabilidades, e o valido, consolan-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1631 do-o com promessas deixava correr o tempo, não sem a idéa reservada de se valer da auctoridade d'elle para introduzir mais facilmente as suas innovações. Depois de mandar abrir os templos e de solemnisar com preces e penitencias publicas os infortunios da monarchia, o duque de Olivares apertado pelas consultas do conselho d'estado e pelas advertencias do conde de Basto, passando de um a outro extremo com o arrebatamento proprio da indole, concebêra o grandioso projecto de apparelhar uma armada de cincoenta galeões á custa das duas corôas, a fim de renovar na restauração de Pernambuco as proezas de D. Fradique de Toledo. Oppunha-se-lhe a falta absoluta de meios pecuniarios e de prevenções militares. O naufragio da esquadra em 1626, aggravado por successivas perdas, tinha descarregado os ultimos golpes sobre o nosso poder naval. Os arsenaes estavam quasi vasios. Não havia marinheiros e capitães, nem artilheria. Gastavam-se tantos mezes em armar duas naus pequenas para a India e algumas caravélas para o Brazil, como em dias mais venturosos em lançar ao mar grandes frotas de galeões. Não escasseava menos o dinheiro para acudir com a brevidade indispensavel a despezas tão desproporcionadas. O ministro pouca, ou nenhuma attenção prestava aos obstaculos, repetindo as ordens, e mandando aplanar os embaraços com impetuosidade tal, que não escutava rasões, nem admittia desculpas. Dir-se-ía, que, allucinado pelo orgulho, tocára o delirio de cuidar que até os impossiveis haviam de desfazer-se aos primeiros brados de uma vontade omnipotente [1].

Em 21 de maio revelou o conde duque por fim, em parte, os pensamentos, exigindo de Portugal vinte e quatro

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 9 a 11.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

navios de guerra e um emprestimo de quinhentos mil cru- 1631
zados, e propondo, em virtude do plano formado em Madrid, o modo mais prompto de o levantar e amortisar. Lembrava dois methodos. O dinheiro podia arrecadar-se por via de subscripção de contribuintes, concorrendo cada um com quinhentos cruzados, ou arrancar-se por meio de repartição calculada segundo a dignidade e riqueza dos individuos. O valido approvára tambem a antecipação da quinta parte dos bens da corôa, e apontava o recurso violento, mas efficaz, de descontar á bôca dos cofres no pagamento dos juros e tenças a prestação arbitrada aos mutuantes forçados. Para a côrte fiscalisar a cobrança do novo pedido geral, dissimulado com o nome de emprestimo, resolvêra depois crear em Lisboa uma junta composta do conde de Basto, presidente, do conde de Castello Novo, presidente do senado da camara, de Luiz da Silva, vedor da fazenda, de um desembargador do paço, e de outro da casa da supplicação, devendo fundar-se juntas filiaes em todas as cidades e villas, que fossem cabeças de comarca, mas sujeitas á superintendencia da commissão da capital. Por ultimo o conde duque observava, que embora D. Filippe esperasse de seus leaes vassallos a maior promptidão todavia queria, que soubessem os esquecidos do amor da patria e do serviço real, que se empregariam os meios necessarios para os coagir a corresponderem á confiança real. A advertencia era inutil. Todos sabiam o que significava o emprestimo e a fabulosa amortisação promettida em cinco annos. El-rei pedia com o arcabuz apontado aos peitos, e tanto os cidadãos, como os fidalgos, entenderam desde logo que a resistencia seria castigada. Principiou-se por designar ás cidades de Lisboa e Porto o subsidio, com que haviam de contribuir. Á capital coube a somma de cem mil cruzados levantados sobre padrões

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1631 de juro, cuja hypotheca foi ainda o elastico producto do real de agua. Do Porto exigiu-se a quantia de trinta mil cruzados, sendo a camara auctorisada a lançar um real de imposto sobre cada canada de vinho[1]. O conde de Basto, estranhando a fórma da derrama e o rigor da execução, não se prestou a coadjuvar as exacções de Olivares, e insistiu de um modo peremptorio pela demissão. Desenganado, de que não dobrava aquelle genio inflexivel, tornando-o cumplice, o ministro decidiu-se por fim a conceder-lh'a. Cumpria descobrir, porém, pessoa apta que o substituisse. Propoz a el-rei o infante D. Carlos, seu irmão, escolha acertada pela qualidade e pelas prendas da pessoa. Filippe IV annuiu, e communicou-se a noticia aos portuguezes, que a receberam esperançados. Expediram-se ordens de Madrid aos condes de Castro de Ayre e de Valle de Reis para prepararem o palacio e proverem á recepção do infante. Tudo parecia inculcar a sua partida immediata. Depois silencio profundo cobriu a nomeação e a jornada. D. Carlos ficou na côrte, porque nunca tomou posse. Ignorâmos a causa. É provavel que fosse a mesma, que até sua morte, em 1632, conservou o irmão de el-rei sempre afastado dos negocios. O ciume do valido não lhe perdoava a firmeza e a penetração. Reflectindo melhor julgou talvez imprudente confiar-lhe o leme de um estado descontente no momento, em que tinha disposto tudo para vencer a opposição[2].

[1] Carta regia de 21 de maio de 1631, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 19. — Alvará de 2 de setembro de 1630. — Archivo municipal de Lisboa, liv. II de decretos de Filippe III, fol. 8. — Carta regia de 16 de novembro de 1630.

[2] Decreto de 30 de junho de 1631 para os condes da Castanheira e Valle de Reis. — Carta regia de 10 de julho de 1630 communicando a nomeação do infante. D. Antonio de Athaide tinha tambem o titulo de conde da Castanheira.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Recolhido D. Diogo da Silva á sua casa de Evora, incumbiu o conde duque o governo aos condes de Castro de Ayre, D. Antonio de Athaide, e ao de Valle de Reis, Nuno de Mendoça, e, achando-os doceis e desejosos de agradar, constituiu a junta da arrecadação do emprestimo, composta do conde de Castello Novo, presidente, do castelhano Thomás Ibio Calderon, e dos doutores João Pinheiro e Cid de Almeida, mandando ao desembargo do paço que expedisse as provisões necessarias para nas comarcas se cobrarem as fintas offerecidas. Fulminou ao mesmo tempo maiores tributos, e exacerbou os vexames insupportaveis da repressão do contrabando, inventando de novo os do estanco do sal. Estes tres flagellos, decretados em quatro mezes uns após outros irritaram todas as classes, porque directa, ou indirectamente as comprehendiam. Invocando a impossibilidade da fazenda occorrer aos gastos forçosos da defeza e conservação do reino e o voto dos ministros mais sisudos, el-rei ordenou que d'ahi em diante (31 de maio de 1631) se pagasse dos officios e empregos, não ecclesiasticos, providos pela corôa, ou pelos vice-reis, capitães generaes, governadores, e tribunaes (perpetuos, vendidos, ou graciosos) metade do que rendesse cada um d'elles em ordenados, direitos, ou emolumentos, mesmo nos de exercicio e trabalho pessoal. Quanto aos cargos annuaes e triennaes exigia de direitos de mercê a decima parte, e dos não vitalicios, ou temporarios, uma quota arbitrada segundo a lotação. O imposto, que a carta regia denominava «meia annata» abrangia, igualmente, as mercês, ajudas de custo, e graças honorificas, civis e militares, não perdoando senão aos soldos das praças e marinheiros do exercito e armada, e aos vencimentos que não excedessem cincoenta cruzados por anno. Esta contribuição, cuja severidade ampliaram as disposições dos regimentos e ordens posterio- 1631

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1631 res a principio ainda causou maior assombro, do que escandalo. Foi preciso que a execução começasse a ferir os interessados para a indignação espertar. Acudiu a côrte com interpretações e emendas, e o povo accusou o conde duque e os ministros de haverem lançado n'estas leis as sementes da corrupção e venalidade, em que depois se abrasou o paiz, apregoando-se quasi em leilão os officios, os titulos, e os habitos aos que promettiam, ou davam mais por elles![1]. O sal, como artigo de uso commum, e como mercadoria de que se alimentava principalmente o commercio externo, não se converteu em estanco sem que se levantassem grandes clamores, queixando-se acima de todos os pobres, e os pescadores. O alvará de 4 de agosto, allegando a oppressão dos vassallos, a diminuição dos rendimentos, e por ultimo a vinda do infante D. Carlos, ordenou, ouvidos os letrados, theologos e jurisconsultos do conselho, que o sal, que se lavrasse e creasse, fosse comprado annualmente aos proprietarios pelo preço das tarifas, e que a fazenda por via de agentes seus e de estanqueiros sómente o podesse vender a retalho para consumo, ou em grosso para exportação[2]. Finalmente, a maneira aspera e violenta por que D. Fernando de Toledo, capitão general dos presidios castelhanos, reprimia os contrabandos, repetindo as visitas e apprehensões injustas, e maltratando os mercadores nacionaes e estrangeiros, ainda

[1] Carta regia de 31 de maio de 1631, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 11.—Regimento da meia annata de 12 de setembro do mesmo anno em 53 artigos.—Cartas regias de 2 de dezembro de 1631, de 22 de janeiro, 13 e 28 de fevereiro, 25 de agosto e 3 de novembro de 1632.

[2] Alvará de 4 de agosto de 1632, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 125.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

exasperava mais os animos, do que todos os outros vexa- 1631
mes juntos.

Não contente com a odiosa accumulação de encargos acabou o valido de indispor os subditos, mandando proceder a execuções summarias pelas dividas activas da fazenda, pedindo a relação especifica dos officios publicos e de seus proventos, retendo por acto despotico a quarta parte das tenças, commendas, rendas da corôa, e mercês lucrativas, e auctorisando os governadores do reino a suspenderem maiores quantias ainda, se o julgassem necessario para o prompto aviamento do soccorro do Brazil[1].

O conde duque, como se tantas extorsões não bastassem, aconselhado pelas pessoas que lhe lisonjeavam a vontade, procurou introduzir n'este meio tempo o subsidio permanente dos quinhentos mil cruzados annuaes por meios mais suaves, attendendo, quanto possivel, ao ciume com que o reino sustentava seus privilegios tantas vezes illudidos. Filippe IV, não querendo convocar as côrtes, receioso do resultado, e suppondo prudente simular algum respeito pelos fóros do paiz, escreveu aos fidalgos, que tinham voto no estado da nobreza, e ordenou-lhes que reunidos em junta particular consultassem o modo mais adequado do novo imposto ser aceito sem offensa das immunidades nacionaes, e sem opposição dos contribuintes. As cartas convocatorias occultavam o assumpto da deliberação, e mandavam só aos nobres, que se congregassem para ouvirem propostas de summa importancia. Os condes de Castro de Ayre e de Valle de Reis, dos fidalgos, dos ecclesiasticos, e dos cidadãos principaes do braço popular chamaram sómente aquelles de quem esperavam muda e quasi servil obediencia. Congregados na

[1] Alvará de 26 de junho de 1631.—Cartas regias de 26 de junho e 28 de setembro de 1631.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1631 igreja de Santo Antonio de Lisboa, ouvida em profundo silencio a proposição, e conhecido o artificio d'ella, levantou-se o conde de Sabugal, D. Francisco de Castello Branco, meirinho mór, e respondeu concisamente, «que elle e os circumstantes com os vogaes, que faltavam, tinham jurado guardar os costumes de Portugal, pelos quaes não lhes era licito admittir, ou votar fóra de côrtes materia similhante». Dado este parecer saiu com os fidalgos presentes [1]. A altiva repulsa magoou a côrte. Olivares, irado, protestou quebrar o orgulho portuguez, e por sua desgraça, e felicidade do reino, cumpriu a promessa. Começando por estranhar em termos asperos a fraqueza dos governadores, apertou os rigores fiscaes para castigar a resistencia da nobreza, capitulada de malevolente. Prevalecendo-se dos soccorros, com que a companhia hollandeza reforçava successivamente a occupação de Pernambuco, a pretexto de acudir áquelle estado com os auxilios necessarios, o ministro declarou, que a resolução de el-rei era enviar com brevidade D. Fradique de Toledo ao Brazil com as armadas de Castella e Portugal, devendo apparelhar-se mais seis galeões e quatrocentos soldados escolhidos para se juntarem na Bahia ao generalissimo hespanhol. Alem d'isto ordenou, que a nossa corôa dentro de seis mezes (até ao S. João) armasse pelo menos vinte naus guarnecidas e providas para saírem ao primeiro rebate. Tratando dos meios pecuniarios applicou desde logo as receitas do estanco do sal, o producto do emprestimo forçado, e o rendimento da quarta parte retida das tenças, bens da corôa, commendas e mercês lucrativas, emquanto o imposto permanente não afiançasse ao governo todos os annos quinhentos mil cruzados, alem das sommas produzidas pelos

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 11 e 12.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

monopolios e contribuições. O valido, convertendo assim 1631
em acto ordinario de administração as deducções temporarias decretadas nas cartas regias de 26 de junho e 28 de setembro, bloqueava a nobreza para lhe fazer ver que, emquanto não cedesse, ella seria a primeira e quasi a unica victima do seu zêlo na defeza da bolsa propria e dos interesses das outras classes[1].

Os effeitos d'estes esforços violentos e extraordinarios não corresponderam. Mathias de Albuquerque sustentava-se com trabalho nos arraiaes do Bom Jesus, pedindo soccorros que o habilitassem a resistir ás forças inimigas, quasi duplicadas. A ilha de Itamaracá, tão importante, corrêra risco de ser occupada por Segismundo Van Schkoppe, que lhe lançou o freio da fortaleza de Orange. A côrte na primavera mandára uma armada com tropas e doze peças de bronze para guarnecer diversos pontos do Brazil; mas essa armada de dezenove navios de guerra (cinco pertenciam á nossa corôa), quatrocentos canhões, e trinta vasos de transporte, tripulada e guarnecida por quatro mil homens ás ordens do famoso almirante Oquendo, apparelhou-se em Lisboa quasi toda á custa de Portugal, e se partiu logo directamente para a Bahia, e não para o Mexico segundo as primeiras ordens, foi porque as queixas dos governadores e do conselho de Castella atalharam os designios de Olivares. As provincias unidas oppozeram a este soccorro dezeseis naus e oitocentos soldados commandados por Addriaan Jaaszoon Pater. As duas esquadras avistaram-se a 12 de setembro, travando renhida peleja que durou sete horas. As capitanias investiram-se, e os dois celebres almirantes disputaram a victoria heroicamente. Por fim a fortuna vol-

[1] Carta regia de 31 de dezembro de 1631, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 127.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1631 tou-se para Oquendo e Pater, preferindo a morte á deshonra da derrota, sepultou-se nas aguas envolto na sua bandeira. Foram quasi iguaes as perdas de parte a parte. O galeão *S. João Baptista*, vice-almirante, foi a pique, e a nau almirante hollandeza ardeu e voou; mas os inimigos recolheram-se ao Recife com o galeão *S. Boaventura* aprisionado, e esta pequena superioridade animou-os a pleitearem o triumpho. Ficaram, pois, as cousas quasi no mesmo estado, no Brazil. A Bahia recebeu oitocentos soldados de reforço, e Mathias de Albuquerque mil homens ás ordens do conde de Bagnuolo desembarcados na Barra Grande. N'isto vieram a parar os resultados d'aquella formidavel expedição. Oquendo maltratado da batalha, seguiu depois para os portos mais visinhos das colonias hespanholas[1].

A pouca ventura das armas das duas corôas, o peso dos sacrificios impostos, e as exigencias cada dia mais assustadoras do conde duque, aggravando as repugnancias, tornavam desagradavel e arriscada até a posição dos governadores e magistrados, que, proximos das classes offendidas, tinham de as attender ou desculpar, mal vistos da côrte por isso, emquanto o conselho de Portugal, respirando em diversa atmosphera, cuidava mais de si, do que do paiz, e seguia docil quanto el-rei e o valido insinuavam. Suppondo, que a acção do conselho de Madrid seria ainda mais prompta em o coadjuvar se reformasse o serviço interno, pondo creaturas suas nos logares, Olivares em

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. 56 e seguintes. — Leat, *Verrigtingen der Geoctroyeerds West-Indies compagnie, etc.* (Historia das operações da companhia das Indias occidentaes até 1636). Leyde, 1644, fol. 245 e seguintes.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1654, tom. I, secção XXVIII

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

setembro tinha creado tres secretarias em vez da que existia, nomeando para assistir na primeira ao despacho das mercês das ordens militares e do padroado a Gabriel de Almeida Vasconcellos, designando Luiz Falcão para servir o logar de secretario da India e das Conquistas privativamente, e Diogo Soares para presidir aos negocios do estado, da justiça e da fazenda, agraciando com o logar de escrivão da fazenda do reino, que elle exercia, Miguel de Vasconcellos de Brito, parente proximo de Soares, e encarregando Marçal da Costa, empregado na secretaria de Madrid, do officio de escrivão do registo das mercês, exercido por elle em 1628, quando fôra chamado á côrte. A reorganisação das repartições, e a mudança de pessoas eram novos instrumentos de oppressão dispostos para corrigir os portuguezes do excessivo amor da independencia; e para forçar por mãos pouco escrupulosas os cofres publicos e particulares, cujas chaves não facilitavam as auctoridades com o desapêgo e cega obediencia, que o ministro requeria d'ellas, Diogo Soares principiára a attrahir a benevolencia do valido, mostrando-se inteiramente dedicado á execução de seus planos, e provando-lhe com documentos authenticos, que no momento, em que os governadores pintavam a corôa de Portugal sem recursos ainda ella podia dispor pelo menos de quinhentos mil cruzados, que a junta dos contos não mencionára, provavelmente por julgar violenta de mais a sua arrecadação[1]. 1633

A entrada de Diogo Soares para a direcção da fazenda do conselho de Portugal foi logo assignalada por novas providencias fiscaes. Decretou-se uma pauta para o assucar, determinando-se os direitos que havia de pagar á saída cada caixa até vinte arrobas; estimulou-se a cobrança da

[1] Carta regia de 19 de setembro de 1631, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 77.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1633 meia annata, e passando-se rigorosas instrucções ao commissario do imposto, Fernão Cabral, e ao thesoureiro e escrivão, reconstituiu-se o serviço e o expediente da junta dos contos naturalmente para não repetir as omissões voluntarias, de que a accusára o escrivão da fazenda, e que elle de certo se propunha atalhar agora em Madrid. Ao mesmo tempo punia-se a inercia, ou a irresolução do conde de Castro de Ayre, exonerando-o do governo, que exercia sem collegas desde abril de 1633 por morte do conde de Valle de Reis (em março de 1632), e nomeando vice-rei de Portugal o arcebispo de Lisboa, D. João Manuel, que desde o encerramento da junta de Thomar residíra em Madrid. A limitada capacidade e o caracter recommendavam-o de certo para executor fiel das leis decretadas a fim de exhaurir o reino. O arcebispo pouco se logrou do logar. Chegado a Lisboa, tomou posse a 13 de abril, e falleceu em 4 de julho da hydropisia, que o affligia havia mezes, tendo estreado apenas a cadeira archiepiscopal e a cadeira do governo. Vagou então o poder, e na falta de quem o assumisse designado pela corôa, o conselho d'estado lançou mão das redeas do estado como immediato á dignidade real, por trinta e tres dias, acudindo com as ordens urgentes o secretario d'estado em nome e segundo as resoluções do tribunal[1]. As difficuldades eram graves. Não apparecia pessoa idonea, que el-rei podesse incumbir da administração em dias de tanta responsabilidade. O aperto das circumstancias, e as qualidades que o tornavam mais respeitado, do que bemquisto, fizeram outra vez lembrado o nome do conde de Basto, e não custou

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 13 e 14.—João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, tom. II, append. V, pag. 271. —Capitulos do regimento do vice-rei conde de Basto, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 173.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pouco a convence-lo, mas por fim resignou-se. Foi no- 1633
meado vice-rei. A 18 de julho expediram-se os setenta e seis capitulos do seu regimento, e a 29 prestou juramento, não sem a promessa, de que em breve tempo se lhe nomearia successor.

Dois aggravos principaes, alem da oppressão das leis tributarias, vinha encontrar D. Diogo da Silva. A côrte, contra os privilegios do reino, e defraudando a chancellaria de Portugal, costumava conferir em Madrid officios e commissões rendosas sem audiencia das partes e dos tribunaes, que, valendo-se do recurso unico que lhes restava, embargavam os despachos. Olivares, antepondo o seu capricho ás leis, prohibiu por uma carta regia os embargos, comminando a multa de meia annata aos que impedissem os agraciados de entrarem no exercicio dos empregos. Representou o desembargo do paço em termos respeitosos a injustiça d'esta disposição, notando que feria a igualdade civil e o direito dos opprimidos, porém não foi escutado, e as diligencias do conde de Basto para obter que ella fosse modificada tambem não sairam mais felizes. A segunda queixa, mais bem fundada ainda, referia-se ao abuso de desviar com premios os fidalgos e cavalleiros do serviço de Portugal para os occupar nas guerras de Flandres, quando as conquistas infestadas de inimigos clamavam por auxilios. O doutor João Pinto Ribeiro, depois tão celebre como alma e verdadeira cabeça da revolução de 1640, escrevêra em 1632 um opusculo contra os inconvenientes de tão perigosa derivação de forças, provando com solidas rasões que em grande parte deviam ser-lhe attribuidos os infortunios dos ultimos annos e a falta de soldados valorosos e de capitães praticos. O gabinete de Madrid resentido com a advertencia, apesar de commedida, qualificou o papel de sedicioso, e apontou algumas proposições quasi

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1633 de subversivas, ordenando que lhe fosse enviada copia d'elle, e que se desse conta dos motivos que houvera para auctorisar a impressão. Cioso da publicidade, ou, mais exacto, inquieto com os symptomas de descontentamento revelados por diversos livros e folhetos recentemente dados á luz sobre materias politicas e successos proximos, determinou que o desembargo do paço se mostrasse mais severo no exame e licença das obras, e que sem demora consultasse as formalidades e as penas, que deviam fortificar a legislação vigente contra os maus exemplos animados pela impunidade[1]. Trabalhou tambem o vice-rei, mas inutilmente, por atalhar os males mais activos, mas a côrte, illudindo-o com boas palavras, não deixava de continuar no desprezo das supplicas. Ao mesmo passo cada vez se fazia sentir mais a influencia de Diogo Soarez. Não só lhe tinha sido commettida a administração do sal exportado por conta da corôa de Castella para Galliza e Asturias, como pela carta regia de 13 de abril haviam sido extinctas a junta real da fazenda e a companhia do commercio, machinas inuteis, ficando encorporadas no conselho da fazenda suas principaes attribuições, e presidindo o conde de Miranda, em vez dos vedores, ao despacho do tribunal[2].

Havia tres annos e meio, que os hollandezes occupavam a séde da capitania de Pernambuco, e que todos os esforços para os desalojar tinham saido baldados. Waerdenburch, estreitado pelo cerco de postos e embuscadas, em

[1] Carta regia de 22 de agosto e representação de 12 de setembro de 1631, liv. da correspondencia do desembargo do paço, fol. 50. — *Discurso sobre os fidalgos e soldados portuguezes não militarem em conquistas alheias.* Lisboa, 1632.

[2] Alvará de 19 de setembro de 1633. — Carta regia de 13 de abril do mesmo anno.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que Mathias de Albuquerque o apertava, mudou o plano 1634
de defeza, desamparou Olinda, fortificou-se no Recife, e estendeu a base de operações pela costa desde o cabo de Santo Agostinho até á Parahiba, d'onde o velho capitão João de Matos Cardozo com Antonio de Albuquerque repelliram Callenfels com grande perda. Mas a fugida de Domingos Fernandes Calabar do campo portuguez para os hollandezes alentou os inimigos. O traidor serviu-os como guia atrevido e emprehendedor. Por conselho seu Olinda foi assaltada repentinamente, Igarapú saqueada, e o forte do rio Formoso investido e tomado. Os dezenove directores da companhia enviaram por este tempo dois delegados Gysselingh e Van Ceulen com alguns reforços. Waerdenburch partiu depois para a Europa, entregando ao coronel Rembach o commando dos dois mil e novecentos soldados da guarnição. Confirmou a victoria o bom conceito formado da capacidade de Rembach; mas a morte veiu interrompe-lo no momento em que para vingar o revés de um combate mallogrado se propunha renovar o ataque do arraial do Bom Jesus. Succedeu-lhe Segismundo Van Schkoppe, e não foi menos venturoso. Conseguiu apoderar-se de toda a ilha de Itamaracá, e senhor d'ella devastou os contornos. Uma invasão ás Alagôas, traçada pelo Calabar, deixou os habitantes cortados do ferro e do fogo, e despojados de quanto possuiam. Do pequeno soccorro de duas naus de guerra e cinco transportes mandado de Portugal um dos navios foi a pique acossado pelos hollandezes, e o outro com os vasos menores teve de vara em terra, emquanto Segismundo firme no proposito de se assenhorear de todos os portos das immediações conquistava com rapidez a fortaleza dos Tres Reis, no Rio Grande, procurando separar do mar os portuguezes em toda a parte. Os soccorros da Hollanda, capitaneados pelo coro-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1634 nel Artischofsky tinham elevado a quatro mil cento e trinta e seis homens a força militar, dividida em trinta e duas companhias. A esquadra compunha-se de quarenta e duas embarcações, tripuladas por mil e quinhentos marinheiros; Lichthart era o almirante. O governo supremo da colonia, já florescente sob o dominio neerlandez, residia no conselho politico, composto de Servatus Carpentier, de William Schotte, de Jacob Stachouwer, de Balthasar Wyntgens, e de Ippo Eyssens. Desde janeiro de 1633 até agosto de 1634 haviam sido transportados para Hollanda um milhão seiscentos e cincoenta e cinco mil e setecentos florins de assucar, setenta e dois mil florins de pau brazil, e quinhentos e quatorze mil florins do producto da venda das presas, sem contar os sete navios de guerra aproveitados no serviço da companhia [1].

As prosperidades das armas hollandezas, filhas da errada direcção dada á guerra desde a invasão de Pernambuco pelo gabinete de Madrid, arruinaram o paiz. As perdas em navios e mercadorias tinham sido immensas, e os progressos da companhia neerlandeza da Asia na India, em Ceylão, na China e nos portos japonezes, dos quaes por fim haviam alcançado excluir inteiramente a nossa bandeira, reduziam o commercio de Portugal, sombra do que fôra vinte annos antes, á ultima extremidade. A pobreza era geral. Todas as classes se queixavam, e Olivares em vez de lhes suavisar a sorte cada dia carregava a mão mais

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1625, part. II, pag. 62 a 70.—Johannes de Leat, *Historie oftc Jaerlijck Verhael van verrichtinghen der Geoc troijeer de West-Indische compagnie, etc.* (Historia da companhia das Indias occidentaes até 1636). Leyde, 1644, pag. 298 a 399.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII.—*Memorias diarias de la guerra del Brazil*, por Duarte de Albuquerque Coelho. Madrid, 1654, fol. 200 a 205.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pesada sobre ellas. Diogo Soarez na secretaria d'estado de 1634
Madrid, e Miguel de Vasconcellos, como escrivão da fazenda em Lisboa, passavam por serem os conselheiros das severidades, que o primeiro se ufanava de propor, e o segundo de executar, grangeando ambos por esta entrada odiosa a vontade pouco facil do conde duque. O conde de Basto apressava os soccorros para a restauração de Pernambuco, mas a falta de meios paralysava-lhe o zêlo. De todas as conquistas se pediam promptos auxilios, e não havia dinheiro, galeões, nem soldados que mandar. A côrte fundada n'esta fraqueza, insistia na diligencia de introduzir as novas imposições, e o reino sem confiança no governo, e convencido pelos exemplos recentes da inutilidade dos sacrificios, negava-se a aceitar maior peso que o actual. D. Diogo de Castro entre estas opiniões contrarias interpunha-se como moderador, e occorria ás necessidades mais urgentes á custa de insano trabalho, conseguindo suster não sem grande esforço a execução dos planos do conde duque, até se retirar do poder pela terceira vez, mais desenganado ainda que das outras duas. Olivares pela altivez, e Diogo Soarez pelo caracter servil, não eram homens que cedessem dos designios, ou que esperassem pela occasião. Irritados com a resistencia opposta aos tributos forjados incessantemente pelos alvitristas tudo lhes ministrava pretextos para baterem moeda. Não podendo collectar o reino nos quinhentos mil cruzados, que o valido arbitrára como subsidio annual e permanente, expediram ordem ao thesoureiro da alfandega de Lisboa para reter a titulo de emprestimo o primeiro quartel dos juros, tenças e salarios assentados nos livros d'aquella casa fiscal. O empregado obedeceu. Foi profunda a commoção, e o doutor Balthazar Fialho, chanceller interino da casa da supplicação, procedeu contra o thesoureiro da alfandega.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1634 O decreto comprehendia na sua generalidade os juros dos conventos e mosteiros, os alimentos dos priores, reitores, vigarios e ministros das igrejas das ordens militares, as commendadeiras de Santos e da Encarnação, as dotações do collegio dos orphãos, as do recolhimento das orphãs do Castello, e as das misericordias e hospitaes do reino. A mesa da consciencia representou contra esta iniquidade flagrante. Em vão ponderou, porém, que os rendimentos das religiões, das capellas, e das obras pias, como bens ecclesiasticos já tinham pago a repartição dos duzentos mil cruzados do donativo, e que violenta-las mais seria ferir as leis canonicas, e expor el-rei ás censuras ecclesiasticas; debalde allegou em favor dos ministros da mesa mestral das ordens militares a letra expressa dos breves pontificios e o direito natural e divino para não ficarem privados da sua congrua e necessaria sustentação. Inutilmente advogou a causa dos orphãos e dos conventos das tres ordens, assim como a dos hospitaes, misericordias e mercearias, protegidas por bullas e doações especiaes sempre guardadas; e por ultimo, sem resultado lembrou á corôa os privilegios dos desembargadores do paço e de todos os ministros dos tribunaes, observando, quanto á suspensão do trimestre de juros, que ella equivalia á quebra de um contrato de compra e venda entre o principe e os vassallos, violando-se a promessa solemne da ultima conversão, e quanto ás consequencias do acto despotico, que a oppressão de tantas pessoas e a ruina de milhares de familias, diminuindo todas as rendas publicas, seria o seu castigo. A resposta veiu de Madrid aspera e terminante. El-rei mandou cumprir as resoluções; deu por justificada a expoliação dos ecclesiasticos com o voto de uma junta de mais de quarenta ministros hespanhoes de todas as profissões; revogou os privilegios dos tribunaes; e quiz

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que se estranhasse severamente a Balthazar Fialho o modo 1634
por que tinha tratado o thesoureiro da alfandega para de futuro ficar sabendo como deviam ser obedecidas as ordens do soberano [1].

O conde de Basto desapprovava a fórma violenta, que prevalecia nos conselhos de Castella, e instava com impaciencia pela exoneração promettida. Em Madrid tambem se desejava que elle saísse, suppondo que o supremo magistrado portuguez concorria para tornar os povos mais independentes da vontade de el-rei; mas discorrendo sobre a escolha de sujeito apropriado variavam as opiniões. Preferia a todos n'esta epocha o principe de Esquilache, D. Francisco de Borja, que doze annos fôra vice-rei das Indias occidentaes. Apontavam-se n'elle qualidades, que o deviam tornar aceito. Era principe, filho e neto de portuguezes, bem herdado no reino, e ao mesmo passo pelo sangue, pela creação e pelas mercês, havidas de Castella, promettia guiar-se em tudo pelos interesses hespanhoes. O duque de Villa Hermosa, seu irmão, presidente do conselho de Portugal, protegia a pretensão, e Olivares poucas ou nenhumas cousas lhe negava. Diogo Soarez, e a facção que aspirava a dominar o paiz para engrandecimento proprio, combatiam por meios indirectos a nomeação, prevendo que das mãos do principe, homem sabio, illustre e respeitado não passariam as redeas do estado facilmente para as d'elles, especialmente auxiliado pela cooperação do conde de Ficalho tão poderoso e estimado. Achava-se a esse tempo desapossada de Mantua, que defendêra pelos direitos de sua filha, a princeza Margarida, neta de Fi-

[1] Consulta de 10 de maio de 1634.—Resolução de 19 do mesmo mez e anno, liv. de consultas da mesa da consciencia, fol. 36 v. A representação foi assignada pelo conde de Castro, presidente, e por cinco deputados do tribunal.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1634 lipe II, e viuva de Vicenzo Gonzaga. Não a poderam sustentar as armas hespanholas, e expulsa do ducado, passára a governar Pavia em desterro honroso, de que todos os dias supplicava á côrte a mandasse recolher, dando-se por mais satisfeita em uma villa de Castella, como particular, do que no meio das alterações da Italia, com o poder. Os adversarios secretos do principe de Esquilache respiraram. Tinham competidora, que podia afasta-lo sem motivo de queixa rasoavel. Margarida provára espirito firme e constante na adversidade, e prudencia na direcção dos negocios. Era bisneta da imperatriz D. Izabel, irmã de D. João III, e como dama e dependente da casa de Austria esperava-se que deixasse todas as portas abertas ao arbitrio de Olivares, e á prepotencia dos validos do valido [1].

Não se demorou a eleição, e saíu acompanhada de circumstancias, que logo presagiaram a Portugal a revolução tramada á sombra d'ella. Diogo Soarez, nos tres annos, que já contava de exercicio na secretaria d'estado de Madrid, sem que o engenho ou a sufficiencia o abonassem, tinha grangeado com a confiança do ministro elevada influencia. Lisonjeando o orgulho do protector quasi com um culto idolatra, e inculcando-se incansavel em promover os augmentos da fazenda real, conseguira consolidar o seu conceito por modo tal, que o conde duque o julgava indispensavel. O secretario, desviado o principe de Esquilache, e segura a regencia da princeza Margarida, cada vez mais audacioso, concebeu o projecto de se apoderar em Lisboa de todos os fios do governo por meio de um agente fiel, que lhe entregasse os segredos da administração, e que fosse exclusivamente como um proposto seu e um procurador activo das mutuas conveniencias. Tinha de casa o

D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 16 a 18.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

homem de que precisava. Era Miguel de Vasconcellos de 1634
Brito, que el-rei em 1631 por instancias suas despachára escrivão da fazenda. Cumpria avulta-lo e metter-lhe nas mãos a vara, que depois havia de converter em açoute dos emulos e em flagello dos povos. Diogo Soarez podia muito com Olivares. Lembrou-lhe, que impossibilitado o velho secretario d'estado de Portugal Christovão Soares pelos annos e achaques, havia quatro annos que servia o logar o sobrinho Filippe da Mesquita, e sem escurecer as qualidades de ambos, bemquistos da nobreza e do vulgo, ponderou, abrazado em escrupulos piedosos, que lhe parecia irreverente para o estado sacerdotal de Filippe da Mesquita o exercicio do emprego por todos os actos serem praticados de joelhos aos pés dos principes. Olivares, affectando igual zêlo pelo decoro da igreja abriu os ouvidos á insinuação astuciosa, e Filippe da Mesquita, antes da duqueza de Mantua entrar no governo passou como deputado para a mesa da consciencia, e foi substituido por Miguel de Vasconcellos no officio de secretario d'estado[1].

Filippe IV communicou ao reino em novembro a nomeação da duqueza de Mantua, ordenando que no dia 14 de dezembro, em que ella devia de chegar a Elvas, saissem a recebe-la as camaras e justiças das cidades e villas por onde passasse. A princeza entrou em Lisboa no fim do anno, e Miguel de Vasconcellos tomou posse em janeiro de 1635. A regente vinha acompanhada do marquez de la Puebla, escolhido em Madrid para a aconselhar sem funcções ostensivas, e de alguns castelhanos, depois collocados nos tribunaes com manifesta invasão dos foros do reino. Portugal, descontente e aggravado, viu na escolha da duqueza uma nova offensa a seus privilegios, tanto por a

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 19 a 22.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1635 princeza ser mulher, como por não se achar no grau de parentesco com el-rei, que dispunham as capitulações de Thomar. Mas a epocha das ultimas contemplações tinha acabado. O ministro resolvêra exigir a obediencia passiva de todas as classes, decidido a atropelar as immunidades e os direitos do paiz, e a submette-lo á execução dos planos da côrte. Não podia descobrir para o coadjuvar instrumento mais acommodado do que Miguel de Vasconcellos. Se em Madrid se dizia de Diogo Soarez, que o seu valimento procedia do conde duque fiar d'elle os negocios, que por indignos não ousava communicar a outros ministros, em Lisboa a reputação de Vasconcellos não corria mais bem assombrada. Herdára o odio votado pelo reino a seu pae Pedro Barbosa, jurisconsulto de agudo mas inquieto engenho, detestado como peste da republica pela vida escandalosa, e alvo da aversão da nobreza e do povo por se ter declarado inimigo de ambos em seus alvitres. O novo secretario empolgou o poder com a intenção de imitar os maus exemplos de casa, esquecido do castigo repentino d'elles. Devêra recordar-se de que a plebe de Lisboa inflammada contra Pedro Barbosa pelas informações suggeridas por elle contra muitas familias individadas com a fazenda real se tinha sublevado um dia, e apedrejando as janellas e arrombando as portas, obrigára o abutre do fôro a fugir pelos telhados. Poucos dias depois mão desconhecida tinha-o varado com uma estocada, de que o levantaram morto. Era tão geral a animadversão contra este nome sinistro e infamado que Vasconcellos inhibido do serviço publico nunca podéra levantar a cabeça por mais que se insinuasse na benevolencia da côrte com denuncias e planos de extorsões fiscaes. Sepultado por muitos annos na obscuridade por causa da má fama do pae, só principiára a medrar desde que Diogo Soarez

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

por seus artificios lhe grangeára a protecção do conde 1635
duque. Ligados ambos estreitamente pelos vinculos de familia, e mais ainda pela affinidade das idéas e dos odios, juntos subiram tambem, e Vasconcellos, mais atrazado, encontrou sempre estendida para o ajudar a mão de Soarez, de quem era sogro e cunhado [1].

O novo secretario, soberbo e aspero no trato, dado a excessos bachicos, descortez e descomedido nas palavras, resgatava em parte estes defeitos capitaes com a promptidão e agudeza do engenho, pela energia e decisão dos actos, e com a assiduidade no estudo e exame dos negocios. Detestava a nobreza, tanto por causa das perseguições padecidas, como pelo assassinio do pae, que lhe imputava, e tinha jurado vingar-se a tempo. Sem encobrir a má vontade feriu-a, pois, no orgulho, nos interesses e no decoro. Os fidalgos, que não tinham aguardado a sua elevação para o aborrecerem tanto como haviam detestado Pedro Barbosa, desforravam-se das injustiças do secretario com satyras e provas publicas de desprezo, esbofeteando-lhe as faces com a memoria infame do pae, notando por escarneo que de tal ave de rapina não podia nascer senão outro milhafre, e vaticinando-lhe para breve fim mais tragico ainda que o estoque de uma vingança retrahida. Com estes deploraveis auspicios principiou elle a servir o logar, e dentro de pouco sairam justificados o espanto e as queixas do reino com a funesta e deshonrosa escolha de similhante homem [2]. Os effeitos que se temiam, e que era facil ante-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 21 e 22. — João Pinto Ribeiro, *Usurpação, retenção e restauração de Portugal*, pag. 24 a 26 v. — *Principe encoberto, manifestado*. Lisboa, 1642, pag. 12. — *Manifesto do reino de Portugal*, pag. 52. — *Portugal restaurado*, tom. I, pag. 63 e 64.

[2] Ibidem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1635 ver da liga dos dois ministros, não se demoraram. Miguel de Vasconcellos, seguro do apoio da côrte, e naturalmente imperioso e audaz assoberbou os invejosos e os inimigos com a rapidez e severidade dos exemplos, e emudecendo tudo apoderou-se do animo e da vontade da princeza regente, convertida em instrumento das violencias inspiradas por elle, e approvadas pela côrte. Diogo Soarez, por sua parte, igualmente certo da fidelidade do cumplice, arremessou os vôos da cubiça e da indole vingativa por cima de todas as considerações, tratando o reino em geral, e a nobreza em particular, como terra e subditos conquistados. Apertou com a execução de todas as ordens fiscaes, exacerbou o rigor da cobrança dos impostos existentes, e calcou aos pés sem remorso os privilegios e os direitos mais sagrados. O livel do despotismo igualava os mais humildes e os mais illustres na crueldade do tratamento. O governo descrevendo o estado da fazenda publica com feias côres, e accusando da sua ruina a negligencia e as fraudes da administração, creou o officio de escrivão do registo, e encarregou o contador Simão Ferreira da emenda dos abusos, a que attribuía a venda de juros e o recurso dos emprestimos onerosos. Depois de assim lavrado o prologo passados tres mezes decretou o imposto do real de agua, como contribuição geral, e aggravou o tributo das sizas, exigindo a quarta parte mais do que se pagava antes[1]. O clero participou da oppressão. Por um breve, datado de 20 de novembro, elevou o papa de quatrocentos a seiscentos mil cruzados o subsidio, com que os ecclesiasticos e os seculares haviam de concorrer para a defeza da India, cabendo pelo real de agua duzentos mil

[1] Cartas regias de 7 de março e de 12 de julho de 1635.— Breve de 20 de novembro de 1635.— Archivo nacional da Torre do Tombo, liv. das traducções dos breves e bullas, fol. 29.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

a Lisboa, e os outros quatrocentos mil, pagos em seis an- 1635
nos, ás cidades e villas do reino.

Era mais facil, porém, decretar impostos, do que arrecada-los. Se em volta do conde duque e de Diogo Soarez esvoaçava o bando negro, chamado dos alvitristas, cuja imaginação inesgotavel inventava exquisitas maneiras de extorquir dinheiro aos povos, estes oppunham ao flagello a resistencia da inercia, e protegidos indirectamente pela inacção calculada dos tribunaes e dos magistrados, faziam que muitas vezes não passassem do papel os fugosos e contradictorios arbitrios, com que Diogo Soarez, lisonjeando o valido, procurava sangrar o paiz. De feito tudo se aproveitava para exhaurir a substancia dos miseraveis. Vasconcellos, mais habil, e conhecendo o erro d'esta impetuosa torrente de desconcertos, intentou algumas vezes modera-la; outras, comtudo, levado do desejo de agradar precipitava-a tambem por sua parte, apontando uma ou outra fonte ainda não descoberta, d'onde podia manar o oiro. Entre varias alcavallas, que se quizeram introduzir, e que a explosão das iras populares obrigou a recolher, tornou-se notavel o registo imposto aos pescadores para lhes dobrar o rigor das sizas. Bradaram os queixosos com desesperação, amotinou-se o vulgo com elles, e um dia inteiro apedrejaram juntos com vozerias as janellas dos aposentos do paço, aonde residia D. Fernando de Toledo, detestado da população maritima por suas tyrannias. As pessoas sisudas, deplorando o perigoso caminho, que viam seguir aos ministros, e prevendo maiores desgraças, queixavam-se de que o governo só cuidasse de lançar tributos e de ajuntar avultadas sommas, consumindo-as sem escrupulo em mercês desproporcionadas aos aduladoros do rei e do ministro, em fabricas luxuosas e impertinentes, e em festas pomposas. Notavam, que, au-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1635 gmentados os encargos, ainda corriam desamparadas com mais negligencia as obrigações allegadas como pretexto dos sacrificios, e que o erario, todos os annos soccorrido por auxilios extraordinarios, cada vez apparecia mais vasio. Alem d'isto repugnava aos contribuintes o abuso da auctoridade absoluta, e a execução de pedidos e derramas sem a approvação das côrtes, que no reinado antecedente só em 1619 haviam sido convocadas para el-rei deixar os seus capitulos sem resposta.

O conde duque offendido com a desobediencia amiudava as instancias; Diogo Soarez, disvelado em o servir, multiplicava as ordens; mas difficuldades insuperaveis annullavam os esforços de ambos. Por fim Miguel de Vasconcellos propoz o remedio, a seu ver, mais efficaz. Consistia em substituir á confusão de desvairadas taxas a simplicidade de um imposto unico. O secretario, renovando o subsidio dos quinhentos mil cruzados annuaes e permanentes propunha que se desatasse o nó pelas proprias mãos de Olivares, cujo fôra a primeira idéa. O ministro applaudiu o conselho com ardor, e quiz que se executasse, concedendo ao reino a materia e a fórma da repartição. Logo depois creou uma junta, e encarregou-a de presidir ás operações do lançamento e cobrança, declarando-a independente do governo de Portugal e immediata ao conselho de Madrid, para assim difficultar mais os recursos pela distancia. A junta constituiu-se, e officiou sem demora aos corregedores das comarcas, ordenando-lhes que arrancassem todos os annos quinhentos mil cruzados, alem das contribuições antigas, podendo concordar com as camaras á satisfação dos collectados sobre o modo de se assentar a derrama, que havia de caber a cada terra. Equivalia isto, como observa um historiador nosso, a confiar das mãos do paciente a lanceta para elle se esgotar em sangue!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Lançada a luva, e trilhado por este modo o caminho, bons 1635
ou maus era preciso colher os fructos da temeridade. Olivares, violando os privilegios do reino, justificára a resistencia; talvez desejasse pretextos para submetter pela força as vontades rebeldes, consummando por um golpe ousado a encorporação. A legalidade suffocava-o. Em cada passo, que tinha tentado, sempre havia encontrado obstaculos. Era já tempo, cuidava elle, de acabar com as repugnancias de um pequeno estado, cujo exemplo invocavam os outros como argumento para se negarem á intima e absoluta união, de que o valido esperava o respeito das armas da monarchia, e o restabelecimento do seu esplendor offuscado[1]!

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 22 a 26.—*Portugal restaurado*, pag. 66 e 67.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO V

1637-1639

Alterações de Evora. Sua origem. Sublevação do povo. Violencias. Governo occulto. A junta de Santo Antão. — Dilata-se a resistencia. O duque de Bragança. Os jesuitas e os frades. Conspiração religiosa. Sebastianistas. — Primeiras providencias. Meios brandos. Missão de fr. João de Vasconcellos. Diogo Soarez e o conde de Linhares. Ordens secretas ás tropas. — Junta dos fidalgos portuguezes em Madrid. Plano do conde duque. — Accusação de Diogo Soarez. Escolha e enviatura do conde de Linhares para aplacar os tumultos. Mau exito da missão. — Prevenções. Marcha das tropas. — Entrada das justiças em Evora e das tropas no Algarve. Castigos. — Estado das colonias. A Mina. A India. — Estado do Brazil e da capitania de Pernambuco. Soccorros. Expedição do conde da Torre. — São chamados a Madrid muitos fidalgos portuguezes. Levas de tropas no reino. Novas exigencias fiscaes. Conflictos com o colleitor Castracani. Sua expulsão. — Olivares resolve a encorporação de Portugal, e manda ouvir em Madrid os nobres e prelados ácerca d'ella. — Desastre da expedição do conde da Torre. — Conclusão.

As ordens expedidas aos corregedores das comarcas ateiaram o incendio. A primeira faisca caiu em Evora. Assoprou-a o zêlo funesto de André Moraes de Sarmento, magistrado servil e violento. Desejando recommendar-se á côrte, convocou a camara, e propoz-lhe a substituição dos novos tributos do sal, do real de agua, e do augmento das sizas pelo subsidio de quinhentos mil cruzados annuaes, exaltando a clemencia e suavidade da corôa, em conferir á satisfação dos contribuintes o seu lançamento

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 e repartição. Os vereadores sobresaltados declinaram a resposta, desculpando-se com a indisposição geral. Insistiu o corregedor, e, achando-os firmes, buscou outro meio, chamando a sua casa os cabeças populares para os intimidar, e extorquir d'elles a obediencia pelo terror. Acudiram á intimação o juiz do povo Sesinando Rodrigues, borracheiro, e o escrivão, João Barradas, cuteleiro, ou barbeiro de espadas; mas não acudiram sós. A plebe, que os estimava, seguiu-os desconfiada até á porta, e ficou esperando o resultado. Encerrou-os o ministro real no proprio aposento, e principiando pelas promessas acabou com as ameaças. Ambas as armas lhe quebrou a rijeza dos dois. Barradas, homem de juizo superior á condição, allegou que não podia decidir sem o negocio ser communicado aos companheiros. O corregedor, receiando a publicidade e troculento por indole soltou-se em injurias contra os moradores de Evora, e jurou ao juiz do povo e ao escrivão, que não sairiam vivos de suas mãos. Acrescentou-se depois, que não fallára de leve, porque tinha prevenidos em casa o algoz e seus ajudantes para os enforcar. N'este aperto, entre a morte que o corregedor lhes punha diante dos olhos, e a vingança dos seus pela traição, Sesinando Rodrigues, mais resoluto, correndo á janella, que olhava para a praça, e por descuido se conservára aberta, rompeu em brados, pedindo soccorro ao povo, e dizendo que morriam pelo livrar dos trabalhos, em que o queriam metter os ministros de el-rei [1].

O povo apinhado no largo aguardava silencioso, mas interiormente inquieto a saída dos seus tribunos. Ouvindo

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 27 a 29.—Bibliotheca nacional de Madrid, H, 71—Sentença (trasladada) dada contra João Barradas e Sisenando Rodrigues, pag. 325.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 67 e 68.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

as vozes afflictas de um d'elles, levantou-se em ondas tumultuosas, e entre clamores furiosos arremetteu contra a casa. 1637

Voaram as portas, e rebentaram os amotinados pelas escadas, e pelos quartos. Momentos depois traziam em triumpho os magistrados populares, e as primeiras lavaredas saltavam dos tectos da casa incendiada. O corregedor salvou-se pelos telhados, emquanto a plebe, crescendo em atrevimento, atirava das janellas á praça os moveis, o fato, os livros, e os papeis, que ía encontrando. Uma fogueira accesa pelos de fóra consumia tudo. Dividiu-se depois o motim em bandos, e estes, vagueando pelas ruas, rasgavam os registos publicos, espedaçavam as balanças da casa fiscal do real de agua e dos açougues, devassavam a cadeia soltando os presos, saqueavam os cartorios publicos, e invadiam os tribunaes. Fugiram, ou homisiaram-se as justiças. A cidade ficou sem leis e sem policia nas mãos da indignação popular. As pessoas principaes assustaram-se, e reunidos na igreja de Santo Antão o arcebispo D. João Coutinho, o conde de Basto, o marquez de Ferreira, o conde de Vimioso, D. Francisco de Lencastre, commendador mór de Aviz, e Jorge de Mello, deliberaram ácerca do modo mais prudente de socegar tão perigosa agitação. Saíu de cruz alçada o arcebispo com os condes de Basto, pae e filho, com o marquez de Ferreira, e com muitos outros fidalgos, e empregando palavras brandas intentaram acalmar a maior furia, promettendo interceder pela cidade, e rogando aos mais violentos que entregassem á camara, cuja era, a defeza e conservação de seus privilegios. Desprezaram os alvoroçados a promessa e o conselho, lançando em rosto aos nobres a fraqueza, com que sempre os tinham visto calcar o povo e a patria aos pés dos exactores, e prognosticando a indifferença com que haviam

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 de offerecer depois o vulgo, como victima expiatoria, se elle caísse na simplicidade de os escutar.

A resposta fez recolher intimidada a junta de Santo Antão, porque os amotinados, decididos a continuar as alterações, e quasi tão desconfiados da nobreza, como dos ministros de el-rei, proseguiram no primeiro intento. O motim exaltou-se com as trevas da noite. A multidão investiu então as moradas dos magistrados mais aborrecidos, ameaçou de fóra com vozerias as casas de alguns vereadores suspeitos, apedrejou as janellas do paço archiepiscopal, injuriando o prelado, e descomedida entrou pelas portas do conde de Basto, descompondo com affrontas a auctoridade e as cãs do velho ministro. Saíu elle a recebe-la com luzes, e não com espadas, e deteve-a com a presença e com as palavras. «O que quereis de mim? perguntou serenamente. Sou vosso natural. Tres vezes governei este reino sem vos fazer aggravo. Se a minha morte póde servir para vossa quietação, matae-me, e socegae-vos; se a minha vida póde ajudar-vos, poupae-m'a, porém não vos esqueça, que sois portuguezes, e como taes sem mancha até hoje na lealdade». Calaram-se ás primeiras vozes de D. Diogo de Castro as vociferações mais tempestuosas; fez-se depois silencio profundo em todo o ajuntamento; e ás ultimas phrases os mais desatinados, arrependidos, abaixaram a cabeça e retiraram-se subjugados pelo valor do conde, e pela força de alma com que, açaimando-lhes a braveza, lhes quebrára a insolencia[1].

A nobreza de Evora não se enganava, suppondo os populares desconfiados d'ella. Os fidalgos de certo não queriam vender a Olivares o sangue dos sublevados; temiam,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 30 a 34.—Sentença dada contra João Barradas e Sesinando Rodrigues, pag. 326.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 68 e 69.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

porém, que a côrte suspeitasse d'elles, e desejavam que 1637
a pacificação da cidade fosse obra sua para argumentarem depois com ella em favor do proprio engrandecimento. A junta de Santo Antão continuou em correspondencia com Lisboa, com Madrid, e com os cabeças do povo, trabalhando, embora com pouco fructo, por obter a submissão da cidade. Progredia entretanto a agitação ufana com os triumphos, e cada dia tomava maiores proporções. Abriu communicações com as terras vizinhas e distantes, e constituiu no seio da anarchia um poder occulto e singular na industria, não menos prompto do que terrivel na execução dos meios. Os sediciosos, querendo desviar de si as accusações futuras, inventaram uma nova fórma de governo sem responsabilidade. Valeram-se da pessoa de um doudo, conhecido pelas jogralidades, pela extraordinaria corpulencia, e ironicamente chamado o Manuelinho, e em nome d'elle firmaram todas as convocações, todos os edictos, e todas as ordens. Os auctores das resoluções violentas, escondidos atrás do vulto sem imputação do Manuelinho de Evora, ousaram assoberbar então a cidade. Todas as manhãs se liam affixados nas praças e esquinas bandos, provisões e decretos, demissões de ministros, provimentos de empregos, ordens de desterro, chamamento ás armas, saques de dinheiro, e, cousa notavel, nenhum magistrado, nenhum fidalgo se atrevia a resistir. Uns deixavam as casas e os cargos, outros entregavam a fazenda, sabendo que aquelle nome ridiculo cobria a vontade do povo, e que o povo castigava asperamente as desobediencias sem demora. Assim, concorreram em Evora (como nota o escriptor que n'esta parte mais consultámos como testemunha imparcial dos factos) as tres fórmas de governo então sabidas dos politicos: a monarchica nas conferencias da nobreza; a aristocratica nas sessões da vereação municipal; e a repu-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 blicana e democratica nas deliberações do povo. Mas este na realidade era o unico acatado e temido[1].

Chegou a noticia do successo de Evora ás terras mais proximas, e communicou-se logo com rapidez ás mais apartadas da provincia. Em todas encontrou applauso e imitação. Dentro em pouco o Alemtejo, exceptuadas Elvas e Moura, seguiu a voz da sua capital. Passou depois o fogo ao Algarve, e declararam-se tambem contra os tributos Tancos, Santarem e Abrantes, cuja vizinhança de Lisboa devia infundir maiores receios. Houve arruidos no Porto, e começou a salpicar-se o Minho de forasteiros, que vinham aconselhar a união contra Castella. A villa de Vianna inclinava-se a escuta-los queixosa da decadencia do seu commercio. Villa Viçosa tornou-se desde logo, o ponto, em que se fitaram os olhos dos hespanhoes, como solar e residencia da familia de Bragança. Sabiam que n'esta occasião tão critica os duques com um aceno podiam transformar em revolução geral os movimentos irregulares, que o descontentamento alimentava, os quaes sem chefes e sem bandeira haviam de caír por si mesmos. Villa Viçosa de feito quizera acompanhar a cidade de Evora na liberdade, e até chegára uma noite a acclamar o nome de D. João de Bragança. Retido no paço por molestia grave, padecida, ou simulada, n'estes dias de tribulação o duque mais prudente, do que ambicioso; prevendo que o enthusiasmo da plebe podia ser o precipicio da sua casa, preferiu tornar-se agradavel a Castella, mandando saír pelas ruas seu filho D. Theodosio, de tres annos de idade, para acalmar as paixões. De-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 38 a 41.—Sentença dada contra João Barradas e Sesinando Rodrigues, pag. 326.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 70 a 73.—Carta regia de Filippe IV á princeza Margarida, datada de 3 de dezembro de 1637, no liv. das cartas regias da mesa da consciencia, fol. 69 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

pois interpoz-se como medianeiro da quietação publica pe- 1637
rante a côrte e a junta de Santo Antão. Seus officios foram aceitos e louvados como documentos de lealdade acrysolada. Diz-se que n'este lance alguns religiosos o convidaram a restituir-se da corôa usurpada, mas que elle desprezára a tentação, conhecendo a conjunctura. Pelo contrario, desejando desterrar todas as suspeitas do animo do rei e do valido, encarregou em Madrid D. Francisco de Mello de o justificar de qualquer calumnia, supprindo a ausencia de Francisco de Sousa Coutinho, tão illustre pelo sangue como pela capacidade. D. Francisco residia constantemente na côrte quasi como embaixador dos duques, mas fôra chamado repentinamente a Villa Viçosa por negocios de maior vulto[1].

Corriam as alterações, entretanto, sem melhora, zombando dos conselhos dos emissarios incumbidos de as aplacar. Olivares, attribuindo, não sem motivo, a obstinação dos sediciosos á influencia de algumas ordens religiosas, expediu contra os frades e clerigos uma carta regia, na qual ordenou que se devassasse do seu procedimento, e que os culpados, não lhes valendo as immunidades, fossem processados no juizo secular, e punidos como incorrigiveis sem preceder degradação, ou sentença da igreja. A hostilidade em muitos ecclesiasticos era antiga, e os resentimentos avivados pelos ultimos vexames, tinham exacerbado os odios. Entre os suspeitos de desculparem, senão de favorecerem secretamente as novidades populares, apontavam-se os padres da companhia respeitados pela fama de suas letras na universidade de Evora, mestres da mocidade da terra e dos logares vizinhos, e directores espirituaes, não só das familias distinctas, mas até das mais

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 40 e 69.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 70.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 humildes e obscuras. Poderosas armas eram estas em mãos que sabiam maneja-las, e grande fôra a imprudencia do governo hespanhol em as levantar contra si. Os jesuitas com a subtileza usual, imitada pelas outras ordens, sabiam disfarçar as aggressões por modo tal, que não auctorisassem a severidade do governo. Senhores dos pulpitos, dos confessionarios, e das cathedras, valiam-se da eloquencia sagrada, da auctoridade do magisterio, e da reputação de santidade para minarem lentamente o coração dos povos, divulgando a crença de um novo imperio promettido proximamente pelas prophecias e prodigios recentes á fidelidade portugueza; e a pretexto de zelarem a boa memoria dos principes naturaes, e as recordações da independencia perdida estimulavam a saudade do passado e o aborrecimento do presente. Os textos do velho testamento, os oraculos das Sybillas, as tradições e as visões da Musa popular, interpretada, ou desfigurada pelos theologos e oradores, todos os dias assopravam com allusões directas o fogo sagrado d'esta vasta conspiração, de que todo o reino se fez cumplice, e que os erros do gabinete de Madrid auxiliavam espertando a impaciencia do captiveiro[1].

Os effeitos de um plano combinado com tanta habili-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 35 e seguintes. Alem das famosas prophecias do vate sapateiro de Trancoso, e das imaginarias revelações do irmão Simão Gomes, os jesuitas inculcavam as promessas de Deus ao padre Leão Henriques, e os toques de graça celeste, que tinham resgado as trevas do futuro a muitos inspirados. O padre Luiz Alvares pregára pelas villas e logares do Alemtejo até 1590, e fallecêra com a fama de segundo Paulo, assegurando sempre que a usurpação de Portugal seria um castigo transitorio. Foi elle, orando diante do cardeal Alberto, e traduzindo o texto do sermão, quem principiou virado para o archiduque: «Serenissimo principe! Levantae-vos, tomae o fato e a cabana, e ide-vos para vossa terra... é o que significam as palavras de Christo».

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

dade, e a dor dos aggravos tinham engrossado muito a 1637
seita dos sebastianistas, convertendo-a de aberração innocente, que a principio era, em verdadeiro partido politico. Os jesuitas, sabendo aproveitar-se de tudo introduziram-se nos arraiaes sem chefes e deram cabeça áquelle corpo. A fé na vinda do encoberto dilatou-se, e como se persuade facilmente ao coração o que elle deseja, doutos e ignorantes abraçaram a esperança, fortificada pelos padres com discursos, impressões de livros, reimpressões de versos e prosas, sentenças de santos, e juizos de astrologos, e pelos illuminados filhos de suas escolas com promessas mysteriosas, vaticinios, coincidencias milagrosas, e interpretações audazes dos textos sagrados. Em 1637 os professores da seita davam por verificados muitos signaes, e annunciavam a liberdade promettida. Alentados pela perturbação do reino quasi que se congratulavam publicamente com os adeptos pela quéda inevitavel do dominio estrangeiro. Em Evora os mestres e videntes eram o theologo Sebastião do Couto, e os padres Alvaro Pires Pacheco, descendente do grande Duarte Pacheco, Gaspar Correia, e Diogo Lopes, pessoas pelo saber e pela qualidade bastante aptas para diffundirem a doutrina por todas as jerarchias sociaes. Os dominicanos acompanhavam os padres da companhia na aversão ao jugo castelhano, a despeito da rivalidade profunda, que os separava, e protegiam tambem os sublevados. O cabido dividia-se em parcialidades quasi iguaes. As outras ordens religiosas, conservando-se neutras, ou quasi neutras, se condemnavam em parte os tumultos, era menos pela causa, do que pelos prejuizos recebidos. Em todo o reino os mosteiros, os cabidos, e o clero queixavam-se do governo hespanhol, contestavam a sua piedade, e prognosticavam para cedo o castigo das violencias contra os bens da igreja. As classes

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 medias, pobres e arruinadas, suspiravam pelo allivio dos tributos, e pela restauração das industrias. As classes aristocraticas, se ainda não concebiam o arrojado lance, que a desesperação lhes inspirou tres annos depois, já começavam a mostrar-se resentidas da indifferença da côrte, enfadadas das exigencias fiscaes dos ministros, e descontentes com a especie de ostracismo a que Olivares as votava, desterrando-as no fundo das provincias, longe dos negocios, e apartadas de toda a influencia[1].

A explosão de Evora não assustára a principio em Lisboa a regente, nem em Madrid o conde duque. Ambos a trataram de insignificante, entendendo que não passaria de lavareda fugaz. Tumultos populares (diziam), em toda a parte os houve sempre, são fumo sem chamma intensa, e por si mesmos se desvanecem. Mas a tenacidade dos amotinados e o contagio do exemplo nas outras terras depressa perturbaram esta intempestiva seguridade. Margarida, mais bem informada, representou a el-rei a necessidade de prompto remedio, receiosa de que o mal se estendesse e lavrasse. Temia ao mesmo tempo, que lhe imputassem alguma culpa nos excessos, e, aconselhada por Miguel de Vasconcellos, não dissera a verdade toda senão no fim, attenuando os factos e as circumstancias. A meia igno-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 35 a 38. — *Restauração de Portugal prodigiosa*, pelo dr. Gregorio de Almeida, Ulissiponense. Lisboa, 1643, part. I, cap. XVI. N'este livro singular se encontram accumuladas as provas da conspiração, que citámos, e apontados desde os primeiros annos da occupação os nomes de todos os pregadores e religiosos, que a hostilisaram com maior, ou menor esforço, assim como a prova da liga posteriormente estreitada entre o clero e os sebastianistas. No anno de 1640 os jesuitas, dizendo que o *Encoberto* promettido pelas prophecias era D. João IV, deixaram outra vez sem cabeça, nem rumo os visionarios sinceros, teimosos na esperança da vista do seu rei.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rancia do governo concorreu para desvairar o seu conceito, 1637
tornando mais duvidoso o acerto das resoluções. A junta de Santo Antão por diverso motivo obrára do mesmo modo. A duqueza cuidando atalhar a sedição por meios brandos, tinha nomeado novo corregedor para Evora; mas Jeronymo Ribeiro, que já servira o logar com approvação do povo, achou tudo transformado á sua chegada. Receberam-o sem difficuldade, mas do cargo que vinha exercer, só o titulo lhe deixaram. A princeza mais inquieta ainda com os avisos do magistrado enviou primeiro á cidade como pacificador o dominicano fr. Manuel de Macedo, applaudido pelo engenho e eloquencia em todo o reino, e logo atrás Fernão Martins Freire, senhor da casa de Bobadella, natural de Evora, e bemquisto. O padre recolheu-se pouco depois assustado e queixoso. O fidalgo, excluido da junta de Santo Antão pelos emulos, não colheu o menor fructo da missão, e voltou desenganado. O conselho d'estado, resentido de o não haverem consultado no começo, retrahiu-se o mais possivel, comprazendo-se em ver a regente e os ministros cada vez mais atalhados. O conde duque, despertando em Madrid da apathia, principiava a agitar-se. Irado nas palavras, mas reportado nas providencias, quiz primeiro esgotar os meios suaves. Diziam que a sublevação lhe não desagradava, porque via aberto por ella caminho mais facil para consummar a encorporação do reino. Para justificar depois os rigores, se os meditava, escreveu á junta da nobreza de Evora, animando-a, e conferindo-lhe amplos poderes como pacificador, e enviou o padre Francisco Manso, da companhia de Jesus, munido de cartas para as pessoas principaes. As palavras e as cartas não produziram effeito. Por ultimo despachou, como seu confidente, a fr. João de Vasconcellos, da ordem de S. Domingos, irmão do conde de Figueiró, mordomo da rainha, do qual fiava muito por suas le-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 tras e respeito. Fr. João, virtuoso, mas credulo e intratavel, indispoz os fidalgos, afastando-os da negociação, e tambem os cabeças do povo, tornando-se-lhes suspeito pelas largas promessas de perdão, desde que as souberam feitas sem a menor certeza de cumprimento. O ministro nas cartas dirigidas de Madrid fallava de clemencia e piedade, mas sempre reservado não saia do circulo vicioso das phrases equivocas e das allusões, em que era mestre. O resultado foi tambem frustar-se a enviatura do dominicano, e fr. João receber do valido recado urgente para se encaminhar a Lisboa, ficando a junta da nobreza absoluta senhora de todos os fios da pacificação, que não tinha influencia para obter, mas que não lhe convinha tambem que fosse obra de pessoa estranha[1].

Perdidas, tanto em Lisboa, como em Madrid, quasi todas as esperanças de accordo, começou a fallar-se de castigo; mas os sediciosos não o temiam, sabendo que a força, de que o governo podia dispor, se reduzia ao terço da armada, alojado na capital e sómente composto de oitocentos soldados com os officiaes ausentes, e sem o mestre de campo D. Alvaro de Mello, que mais assistia na côrte, como morador, do que como requerente. Aos ministros de Portugal representava-se durissima a resolução das armas, porque as tropas do paiz, inferiores aos sublevados, não podiam subjuga-las; e as de Castella, alem da insolencia, era para temer que se convertessem em instrumentos da oppressão geral, sendo provavel que el-rei quizesse depois culpar a nação pelo erro de uma cidade, e aproveitar o ensejo para se assegurar por uma vez da obediencia geral. O conselho de Portugal em Madrid via com abalo e escandalo as alterações, estranhando que por tanto

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 42 e seguintes.— *Portugal restaurado*, tom. I, pag. 71 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

tempo se houvesse encoberto a verdade, e para que nem 1637
a mais leve apparencia de frieza desse occasião a suspeitar-se de sua lealdade, sempre deliberava mais severo do que os ministros castelhanos, consultando a urgencia de cortar com brevidade os herpes á sedição, mesmo a ferro e fogo, para impedir os progressos do mal antes que invadisse o corpo do estado. Estava então no auge a discordia que fizera inimigos declarados e implacaveis o secretario d'estado Diogo Soarez, e o conde de Linhares D. Miguel de Noronha, ao qual a amisade de Olivares premiára os serviços com um logar no conselho do reino em Madrid. Dividiram-se na côrte e no conselho os portuguezes em duas parcialidades distinctas, seguindo os ambiciosos e servis a Diogo Soarez, e acompanhando o conde os mais honrados e independentes. Rompeu o conflicto de Evora, e cada uma das facções principiou a moralisa-lo a seu sabor. Os amigos do secretario d'estado diziam, que o erro consistíra em não se arrancar o governo das mãos dos grandes, confiando-o exclusivamente de pessoas, que devessem tudo ao ministro, e que maiores desgraças se deviam receiar se não fosse punido o desacato com rigor extremo, convencendo os subditos, de que D. Filippe em seus reinos era senhor e rei, e não hospede. A facção do conde de Linhares notava com mais rasão, que as alterações nasciam do desespero dos vassallos e da violencia dos agentes de Soarez e de Vasconcellos, acrescentando que mais valia precipitar dois ministros d'estado, do que arriscar a paz da monarchia, expondo-a a tão aspero castigo, que nunca mais esquecesse depois. De ambos os lados se discorria com grande calor, e se assestavam as machinas para demolir a influencia contraria. O conde duque, a principio indeciso, affectava inclinar-se aos conselhos do conde, e o secretario, advertido a tempo trabalhou com a maior activi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 dade por colher o inimigo de modo, que o seu conceito e auctoridade saíssem do conflicto com quebra irreparavel. O valido, cuidadoso pela obstinação dos tumultuosos, chamára o exercito de Cantabria occultamente, e emquanto para maior dissimulação entretinha com phrases ambiguas a duqueza regente, a junta de Evora, e o conselho de Portugal, os terços marchavam para as fronteiras pelos districtos de Rioja, pela provincia de Campos, pelo reino de Leão, e pela Extremadura, deixando no caminho mais de metade de seus oito mil soldados como desertores. O Algarve inspirava maior cuidado ainda, do que Evora, rota a guerra com a França. Para occorrer a qualquer novidade passou o conde duque ordens secretas ao duque de Medina Sidonia, capitão general da Andaluzia, mandando que elle juntasse as tropas e ginetes da costa, e ficasse de aviso para acudir ao primeiro rebate. Adoptadas estas prevenções, e dispostos os instrumentos da repressão, convocou o ministro repentinamente para sua casa os prelados, os titulares, e os fidalgos portuguezes residentes na côrte. A scena representada na presença d'elles, na qual todos, ou quasi todos figuraram de comparsas, fôra concebida e ensaiada para cobrir com a cumplicidade da nobreza os rigores forjados para castigo dos sublevados e para escarmento do reino[1].

Celebrou-se a conferencia nos aposentos do paço, aonde morava Olivares, na extensa galeria rematada pela alcova portatil, em que elle dava as audiencias, respondendo como oraculo ás supplicas dos requerentes. Defronte do ministro assentavam-se em cadeiras rasas Diogo Soarez e o secretario d'estado do conselho da guerra de Hespanha D. Francisco Rodrigues de Contreiras. Assistiam entre

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 75 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

muitos nobres o duque de Villa Hermosa, o conde de Castrilho, o marquez de Castro Forte, o conde de Linhares, e todos os ministros do conselho de Portugal. Principiou a sessão pela leitura de um papel em castelhano, no qual se perguntava á assembléa a melhor fórma a adoptar para a sujeição dos sediciosos. A um aceno do conde duque fallou o bispo de Portalegre, e no seu discurso estudado, arrastando-se em lisonjas, desculpou os tributos novos, encareceu a necessidade d'elles, fulminou a desobediencia dos povos, tratando com desprezo o vil ajuntamento de obscuros plebeus de Evora, e concluiu pedindo a todos os presentes que não poupassem diligencias e persuasões para conseguir, que os culpados recebessem de joelhos o perdão promettido pela clemencia de Filippe IV. Calou-se por fim o prelado, e o ministro, não consentindo que outro orador se interpozesse, invocando no seu estylo emphatico e sibylino o nome de el-rei, exigiu que a nobreza tomasse sobre si a reducção da gente sublevada, empregando os meios mais promptos. Louvou o duque de Bragança e a junta de Evora pelo zêlo, e terminou deixando a uns confusos e a outros absortos. Apenas tinha acabado as ultimas palavras, o duque de Villa Hermosa, o conde de Linhares, e muitos outros fidalgos bradaram quasi em tumulto, que nem a elles, nem ao reino restava que propor, porque tudo havia antecipado a bondade de s. ex.ª Nomearam-se ali mesmo, no ardor da adulação, tres commissarios incumbidos da missão de beijarem a mão a el-rei pela mercê, e seguiram-os todos em cortejo. Findou por fim a ceremonia, que Olivares, fiel á maxima machiavelica, de desunir para reinar, inventára unicamente para tornar a nobreza suspeita ao povo, e para enfraquecer o reino. Mas os de Evora, duvidosos das promessas, não cederam. Tratou o arcebispo D. João Cou- 1637

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1637 tinho de cortar os obstaculos, e juntamente com o seu cabido (o mais opulento do reino) offereceu pagar o excesso dos novos tributos, avaliado em tres contos de réis; a camara por sua parte propoz tambem pagar pelos bens municipaes, e por meio de derrama particular, o subsidio repartido á cidade. Não desagradava o alvitre á côrte, mas queria que todos os povos inquietos subscrevessem, observando que nas outras terras não havia prelados, cabidos ou vereações ricas que saldassem o resgate. Por outro lado os ministros mais severos notavam que nas sublevações devia sempre ser preferida a emenda ao interesse, sendo pessimo exemplo o conceder que os vassallos capitulassem de igual a igual com o soberano[1].

Esta critica conjunctura foi escolhida por Diogo Soarez para afastar de Madrid o conde de Linhares. O abbade de Pera, João Salgado de Araujo, canonista, homem de engenho e de animo atrevido, tinha-o accusado em graves capitulos de abusos graves no exercicio do officio. O secretario, poderoso e vingativo, imputava ao conde a accusação, porque o abbade era creatura d'elle, e para fomentar a ruina do protector, emquanto lutava com o protegido, lembrou ao conde duque, que o respeito e auctoridade do Linhares em Evora seriam mais do que sufficientes para accommodar a alteração. Contava Diogo Soarez que por suas mãos haviam de passar todas as ordens, por isso recommendou por tal modo o inimigo, que obteve convencer Olivares da utilidade da missão, fazendo-lhe chegar por muitas vozes aos ouvidos a opinião, de que só o conde seria capaz de compor a agitação da provincia do Alemtejo. O ministro admittiu o conselho. Achava-se o conde de Linhares nomeado com grandes vantagens e mer-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 98 e seguintes.— *Portugal restaurado*, tom. I.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

cês general da restauração de Pernambuco, empreza en- 1638
geitada por D. Fradique de Toledo, que pela recusar perdêra a vida e a liberdade, e pelo marquez de Veleda, que não ousára tenta-la com as forças promettidas. Soarez, para acabar de resolver o conde de Linhares a aceitar a enviatura forçada a Portugal moveu grandes queixas contra a inacção, com que elle dilatava a jornada do Brazil, e conseguiu assim, que já mordido da inveja optasse pelo menor mal, submettendo-se á viagem de Evora. Pediu o conde a companhia de algumas pessoas influentes, e o desejo de o ver ausente facilitou-lhe tudo; mas apenas saíu da côrte illudiram-se as promessas, e manifestou-se o odio do secretario sem disfarce[1]. Entrou Linhares em Evora, recebido pela nobreza com applauso moderado, e pelos pequenos com summa desconfiança. Por accordo artificioso dos populares a cidade não deu exteriormente o mais leve signal de alteração. O conde, tratado pelo vulgo como homem temido e não amado, e pela junta de Santo Antão com mostras de deferencia simulada, principiou a promover a pacificação, revelando as condições dictadas pelo conde duque. Naturalmente soberbo e inclinado sempre a idéas singulares o ministro copiára das antigualhas historicas da fórma da obediencia que exigia dos sublevados. Em desaggravo da magestade desacatada queria que elles enviassem á côrte os magistrados populares dos logares inquietos vestidos de saco e arrastando cordas, como réus de morte, e que em publica audiencia pedissem perdão de joelhos em nome dos povos, perdão outorgado por el-rei do alto do throno em curia plena dos embaixado-

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 102 e seguintes. — O conde pedíra a companhia de D. Alvaro de Mello de Bragança e do inquisidor Antonio da Silveira de Menezes. A côrte a nenhum d'elles deixou saír de Hespanha.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 res e dos grandes á imitação do senado e dos imperadores romanos. Sesinando e Barradas, cedendo mais á auctoridade, do que ás rasões do conde, prestavam-se á repetição do rasgo heroico de Egas Moniz, de Alonso de Vargas, e dos biscainhos; más os de Evora, quando a negociação corria já adiantada com os outros logares, inspirados secretamente, segundo se disse, pela junta da nobreza e pelos padres da companhia de Jesus voltaram atrás com a palavra, receiosos de que o espectaculo feudal terminasse tragicamente em um patibulo. Irou-se o conde de Linhares com a covardia dos populares, e rompeu em ameaças contra elles. Alvoroçou-se a plebe, e povoaram-se as ruas de bandos, bradando que se o conde não despejasse a cidade saberiam lança-lo fóra. Por ultimo, no primeiro de janeiro de 1638, a multidão cercou de noite a casa do ministro, obrigou-o a velar armado com os amigos e creados, e constrangeu-o por fim a retirar-se para Lisboa, avisando Olivares do estado em que deixava as cousas pela informação pessoal de D. Francisco Manuel de Mello, que o acompanhára sempre, e que mandou a Madrid como testemunha ocular de tudo [1].

Pouco antes de chegarem as cousas a este ponto já o conde de Olivares tinha expedido ordens ás tropas para se approximarem. O exercito de Cantabria vinha commandado pelo duque de Bejar, que trazia D. Diogo de Cardenas por conselheiro; o duque de Nochera capitaneava os couraceiros, arcabuzeiros e dragões de Badajoz. Do lado do Algarve avizinhava-se a gente de pé e de cavallo de Andaluzia ás ordens do duque de Medina Sidonia e do marquez de Valparaizo. O ministro ordenou ao mesmo tempo que se guarnecessem de soldados e munições os castellos do

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 113 e seguintes.— *Portugal restaurado*, tom. I, pag. 79 a 81.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

reino, e que a nobreza de Portugal, da Mancha e da Ex- 1638
tremadura com a cavallaria das ordens militares pegasse em armas, assim como os velhos terços de Guipuscoa, e a infanteria, artilheria e cavallos das praças da raia. O capitão general de Castella Velha recebeu aviso para se aperceber, e o mesmo recado se expediu ao duque de Bragança, ao vice-rei de Galliza e a D. Lopo de Hoses, governador da Corunha. Este esforço extraordinario, muito superior ao que parecia necessario, sob pretexto de punir uma cidade e algumas terras, ameaçava o reino inteiro. O valido, em carta regia á princeza Margarida, escripta em fórma de manifesto, e datada de 7 de janeiro de 1638, lançava em rosto aos portuguezes a apathia com que viam os hollandezes senhores de uma das mais ricas provincias do Brazil, e com que tinham feito perder á corôa de Castella mais de milhão e meio em aprestos inutilisados pela sua falta de cooperação. Lembrava a armada dos vinte galeões acabada de apparelhar nos portos de Hespanha á custa de seus estados com despeza de mais de um milhão, e estranhava severamente que os povos se sublevassem, quando os subsidios pedidos eram para conservar as conquistas de Portugal. Concluia o documento asseverando, que depois das extraordinarias demonstrações empregadas para socegar a gente ruim e alvoroçada, estava esgotada a clemencia, e ía principiar a repressão[1]. Os sublevados, ao passo que os exercitos se moviam, e que tudo se dispunha para os castigar, insistiam na rebellião sem animo para mais, do que para se negarem a um accordo prudente. Em muitos logares a inquietação caíra pelo cansaço do povo, que, voltando a suas occupações, havia

[1] Carta regia de 7 de janeiro de 1638.—Liv. das cartas regias da mesa da consciencia, fol. 69 v.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 75.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 desamparado o corpo da multidão já arrependida. Os populares de Evora, vendo as tropas hespanholas quasi sobre os muros, vacillavam confusos, não acertando com o meio opportuno de saír do perigo. Visitou-os a justiça pelas ordens do conselho de Portugal, quando mais desalentados se achavam, e não encontrou resistencia. O corregedor da côrte, Diogo Fernandes Salema, acompanhado de Hieronymo Ribeiro e de Sebastião de Faria, formaram a alçada nomeada para conhecer dos crimes dos sediciosos. A sombra das armas castelhanas tornava absoluta e respeitada a auctoridade dos magistrados. El-rei por alvará de janeiro havia concedido indulto aos implicados nas alterações, exceptuando os cabeças, que um alvará posterior designou á severidade dos juizes. Proseguiram as devassas, e em 16 de março á tarde foram condemnados os réus ausentes Sesinando Rodrigues e João Barradas a pena de morte executada na forca em praça publica. Justiçados em estatua os dois cabeças com horrendos pregões e bandos de largas recompensas a quem os entregasse vivos, sentenciou a alçada outros criminosos, homens obscuros, punindo-os no patibulo, ou com galés e degredos perpetuos. No Algarve correu mais cruel a repressão. O duque de Medina Sidonia, ajustado com o governador Henrique Correia da Silva, mandou passar o rio a algumas companhias, e aboletou-as nas terras principaes. O marquez de Valparaizo, homem de indole fera e cruel, em vez de poucos soldados metteu seis mil infantes, e soltou o freio á licenciosidade da milicia. Os roubos, os homicidios e as torpezas rebentaram por toda a parte. Medina Sidonia em Ayamonte e a duqueza de Mantua em Lisboa, se não auctorisavam, consentiam as insolencias da soldadesca. Nas costas da tropa veiu o desembargador dos aggravos Pedro Vieira da Silva para inquirir e casti-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

gar. Correu o sangue de alguns infelizes no cadafalso, foram outros amarrados aos remos das galés, e por ultimo os terços hespanhoes recolheram-se carregados de despojos, como voltariam de uma conquista. Em Evora, alem da restituição dos impostos, mandou o governo fintar os moradores no pagamento das despezas da alçada. As juntas executivas, creadas pelo ministro em Badajoz e Ayamonte para vigiar os successos, não se dissolveram depois de pacificado o reino, mas continuaram a funccionar por ordem de Olivares, preparando em correspondencia com a princeza Margarida a introducção do regimen, que o valido decidíra dictar a Portugal, usando e abusando da victoria[1]. 1638

A necessidade de prover á defeza das colonias era o motivo allegado para justificar as exigencias fiscaes; mas, tanto nas possessões da Asia, como nas da America, a falta de auxilios ajudára muito mais os progressos dos inimigos, do que o esforço guerreiro. Em Angola desde o começo do seculo XVII, em que os hollandezes principiaram a infestar as costas, os habitantes tinham sempre os olhos cravados no mar, e os ultimos governadores João Correia de Sousa, Fernão de Sousa, D. Miguel Pereira Coutinho, e Francisco de Vasconcellos da Cunha, attribulados pelos continuados rebates dos navios da companhia de Amsterdam, só a preço de repetidas vigilias alcançaram conservar os territorios da sua administração, entregando aos successores as fortalezas incolumes e a sua bandeira illesa. A provincia de Moçambique, depois do cerco em 1612,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 133. — Cartas regias de 27 e 28 de fevereiro de 1638. — Alvará de 20 de janeiro e decreto de 20 de fevereiro do mesmo anno. — Resolução de 7 de julho. — Sentença dada contra João Barradas e Sesinando Rodrigues, Bibliotheca nacional de Madrid, H-71, pag. 325 e 326. — *Portugal restaurado*, tom. I, pag. 74 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 havia respirado por algum tempo. Separada do governo da India no temporal, e desannexada do arcebispo de Goa no espiritual, por muitos annos concentrára quasi toda a actividade na conquista das famosas minas de prata de Chicova e nas excursões contra o Monomotapa; porém as fabulosas riquezas sonhadas pela cubiça sempre fugiam da vista dos especuladores, que por vezes compraram a peso de oiro o governo da capitania. Em 1623 mandou finalmente a côrte suspender a procura das minas. Os poucos defensores de Sofalla e da Zambezia, cortados de sobresaltos pelos insultos dos piratas hollandezes, ameaçados pelos corsarios britannicos e consumidos de alentos, imploravam debalde contra os adversarios a protecção da metropole. Em 1633 pareceu que ella os escutára, porque prometteu attende-los; porém mezes depois aportava uma caravella com nove soldados e um engenheiro encarregado de riscar as obras de fortificação! Nem gente, nem munições e artilheria, nem dinheiro! Entregava-se a colonia á sua sorte, e quasi se escarnecia ainda d'ella, enviando-lhe este soccorro insignificante!

Na India sete governadores ou vice-reis disputaram n'estes dezeseis annos o imperio aos inimigos da Europa, e ao resentimento e ciume dos principes naturaes, insoffridos contra o jugo portuguez. O conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, veiu provar no segundo governo os mimos e a inconstancia da fortuna. Dois grandes capitães, Ruy Freire de Andrada e Nuno Alvares Botelho, concorreram para illustrar o ultimo periodo da sua administração. No Malabar um dos regulos abraçou o christianismo. Botelho, em Surrate, apesar do temporal lhe desgarrar a armada, derrotou uma frota de seis navios hollandezes. Em Bombaim duas esquadras neerlandezas, que batiam a fortaleza e açoutavam as costas, perderam uma nau

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

abrasada pelo destemido Ruy Freire, e este, unido depois 1638
com Nuno Alvares, constrangeu á força as vélas dos Paizes Baixos a retirarem-se, cedendo aos nossos o imperio do mar. Finalmente o odio do Achem naufragou em Malaca, quando julgava colher a praça despercebida. D. Francisco da Gama voltou ao reino, deixando esta venturosa despedida, e succedeu-lhe o bispo de Cochim, fr. Luiz de Brito, em 1628, mas por poucos mezes. N'este curto espaço rompeu o general Constantino de Sá a guerra na ilha de Ceylão contra o rei de Candia com ditosa estreia, e volveu o Achem a investir Malaca, desprezando o voto de Laçamane, o melhor de seus officiaes[1]. Duzentas e cincoenta vélas, e entre ellas quarenta galés notaveis pela fórma e grandeza, vinte mil homens de peleja escolhidos e formidavel artilheria apertaram e bateram aquelles muros tantas vezes combatidos pelos mesmos inimigos. Falleceu o bispo de Cochim, quando o perigo requeria um grande capitão, e devia substitui-lo D. Francisco de Mascarenhas, varão prudente e brioso. O mar não consentiu porém que elle tornasse a ver Goa. Abertas as vias de successão, achou-se nomeado Nuno Alvares Botelho. A India respirou. Em um mez o novo vice-rei tinha trinta navios armados, e saia com elles. A 22 de outubro achava-se defronte de Malaca com a sua armada repartida em tres divisões. O desembarque não custou sangue. Em poucos dias os malaios, desamparando o arraial e as trincheiras acolhiam-se ao rio de Pongor, aonde as naus não podiam entrar. Botelho saltou nas barcas ligeiras chamadas *balames*, e travou de perto com os achens uma luta sem tregua. Vendo sobre a frota aquelle braço sempre protegido pela gloria, Laçamane esmoreceu, epreviu o desastre

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. IV, cap. II e III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 inevitavel. O rei pediu a paz, mas foi-lhe negada. Restava-lhe, portanto, librar no proprio esforço a salvação, rompendo por entre os nossos, ou render-se confiado na generosidade do governador. Hesitou. Nuno Alvares não lhe deu, porém, tempo para vacillar. Accommettendo-o com impeto irresistivel, já meio vencido pelo terror do seu nome, metteu-lhe a pique, ou incendiou-lhe os navios, apresando e fazendo encalhar as galés mais poderosas; e, roto e disperso o exercito, forçou os restos desbaratados a refugiarem-se nas florestas. De todo o poder com que a soberba do Achem se lisonjeára de aniquilar em Malaca até a memoria dos portuguezes, apenas escaparam tremulos e espantados poucos homens. Botelho, immortalisando aquellas aguas com a maior victoria que o nosso dominio viu na Asia, guardou dos despojos sómente para si um papagaio. Os soldados aproveitaram-se de tudo[1].

O conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, chegára n'este meio tempo a Goa (em outubro de 1628) provido no cargo de vice-rei. Avisado por Botelho de seus progressos, coadjuvou sem inveja o illustre capitão. Nuno Alvares, seguindo a victoria, navegou para Jacatará com vinte e sete vélas. Resolvêra, porém, a fortuna pôr ali remate a suas prosperidades. Encontrando uma nau carregada de polvora pelejou com ella e abordou-a. De repente o fogo lavra no convés do inimigo, a tripulação atira-se ao mar, e Botelho, querendo valer aos nossos, approxima-se. Um balanço do galeão precipita-o entre o costado dos dois vasos; quando lhe acudiram era já cadaver. Assim acabou em lance obscuro e desastroso um dos maiores homens de guerra da India. Esta immensa perda, chorada por officiaes e soldados, custou logo a da

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. IV, cap. VI.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

armada de Malaca, dispersa e desamparada. Filippe IV, 1638
informado das raras qualidades e serviços de Botelho, honrou-lhe a memoria nobremente. Fez mercê do titulo de conde ao filho, e das preeminencias da nobreza á viuva, concedeu-lhes o governo da fortaleza de Moçambique em pagamento das dividas, e confirmou-lhes perpetuamente os bens da corôa alem de avultadas tenças, acrescentando em carta do seu punho, que se não o cobrisse o luto de sua tia a rainha de Polonia toma-lo-ía para significar o seu profundo sentimento por este infeliz successo. A catastrophe de Constantino de Sá em Ceylão em 1630 ainda veiu aggravar a magua da falta de Nuno Alvares. O capitão general, depois de destruir a cidade de Candea, confiado cegamente nos christãos naturaes, que o trahiam, partiu de Colombo, invadiu o reino de Uvá, e apoderou-se da capital; mas á volta o rei de Candea saíu a investi-lo com grande poder, e os perfidos alliados passaram dos arraiaes portuguezes para os d'elle. Constantino de Sá, decidido a morrer vingado, intrincheirou-se com quatrocentos homens, e por tres dias dentro de fracos parapeitos quebrou a furia de mais de vinte mil inimigos. A fadiga e as feridas renderam por fim os nossos opprimidos do numero, e o general, perdendo a vida, expiou como cavalleiro a sua temeridade. Soberbo com o triumpho o rei de Candea marchou contra Colombo persuadido de que a guarnição não ousaria resistir-lhe; mas Lançarote de Seixas, assumindo o commando, repelliu os assaltos, e o soccorro enviado de Cochim por Filippe de Mascaranhas acabou de desalentar os sitiantes[1].

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. IV, cap. VI e VII. —*Fatalidade historica de Ceylão*, pelo capitão João Ribeiro. —*Noticias para a historia geographica das nações ultramarinas*, tom. V, liv. II, cap. II e IV.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 Os habitantes de Cambolim offereceram em 1630 a praça ao conde de Linhares, que a mandou occupar por Diogo da Fonseca, capitão de Sofala. Um navio dinamarquez surgiu em Coulão, e, perseguido pelo capitão mór de Canará, D. Manuel da Camara, teve de arreiar bandeira. Os hollandezes, renovando os esforços á proporção que viam mais attenuadas as armas do nosso imperio, ligavam-se com os regulos descontentes, e, assoprando por toda a parte o fogo das discordias e das sublevações, varriam constantemente os mares com as suas esquadras. A decadencia corria precipitada. Os vicios e tyrannias, que desde o principio nos haviam maculado o poder, voltavam-se agora contra nós, e por vezes eram os nossos inimigos mais crueis. O exemplo de Mombaça prova esta verdade. O rei (Chingulia) baptisado á força e mahometano do coração ardia em desejos de vingar a morte de seu pae assassinado por Simão de Mello Pereira. Ousado e perseverante disfarçou o odio até se lhe proporcionar occasião de o saciar. Offereceu-lh'a a negligencia do capitão da fortaleza. Chingulia com trezentos cafres illudiu-o e matou-o por suas mãos. Os portuguezes do forte e da cidade padeceram igual sorte com as mulheres e os filhos. O rei, depois de todos exterminados, proscreveu o culto christão, e abraçou publicamente a lei do islam. O conde de Linhares maguado intentou recuperar Mombaça, porém Francisco de Moura, ao cabo de alguns mezes de cerco, cortado de trabalhos, e não podendo supportar o inverno rigoroso, viu-se forçado a levantar o campo e voltou a Goa[1]. Em Ceylão os infortunios não tinham cessado. Os reis de Uvá e de Candea tornaram a sitiar Columbo, e a fome estava quasi a ponto de entregar a praça, quando a vista de cinco

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. IV, cap. VIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

vélas mercantes afugentou os barbaros. Nomeado de- 1628
pois capitão general da conquista D. Jorge de Almeida, as cousas mudaram logo de aspecto. Tomou Malvana, apoderou-se de Cardevola, defendida por dois fortes, e, proseguindo victorioso, submetteu Sofragam, Caliture, Maturé, Tanavar, e Chilau. O rei de Candea desenganado com tantos revezes pediu por fim a paz, e o conde de Linhares outorgou-a aos seus por embaixadores em Goa pouco antes de se recolher á patria, e de entregar em 1635 o governo a Pedro da Silva. Deixou o conde o estado melhorado na apparencia. Mas o futuro a quem o olhasse com attenção ainda promettia maiores calamidades. A India, em quatro annos perdêra tres capitães notaveis, ultimas columnas do imperio. Em 1630 Constantino de Sá em Ceylão; em 1632 Nuno Alvares Botelho em Malaca; e em 1633 Ruy Freire de Andrada em Mascate. Depois d'estes grandes vultos tudo se tornou pequeno. Governadores e capitães nunca mais houve nenhum digno de lhes ser comparado. Pedro da Silva, que se cobrira com as exterioridades da virtude, enganando até a maledicencia, revelou depois da morte que fôra hypocrita. Em tres annos, apesar da miseria geral, tinha accumulado riquezas que mesmo em terra tão afeita a desculpar torpezas, pareceram escandalosas. O leilão dos empregos, os direitos exorbitantes arrancados ao commercio, e a venda fraudulenta de parte dos viveres e munições dos presidios e armadas eram as fontes corrompidas, d'onde a cubiça derivava os thesouros illicitos. Antonio Telles da Silva, integro e respeitado, succedeu a Pedro da Silva. O soccorro de Malaca contra os achens e neerlandezes, que se dispunha a commandar em pessoa, e a derrota das naus de Hollanda á bôca da barra de Goa, foram os unicos actos do seu poder interino. No momento, em que ia desferir as vélas, aportou a Goa o

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 vice-rei João da Silva Tello, já no anno de 1640, e Antonio Telles despedido da India sem saudades chegou a Lisboa quasi nas vesperas da revolução, que exaltou ao throno a casa de Bragança[1].

Eram constantes na Africa occidental os progressos dos hollandezes. Depois de se apoderarem consecutivamente das feitorias de Gabão, do cabo de Lopo Gonçalves, da ilha de Fernão de Pó, e do Rio de El-Rei, consummaram a conquista rendendo em 1637 a fortaleza de S. Jorge da Mina. A empreza custou-lhes menos do que tinham imaginado. Na passagem para a America o principe Mauricio de Nassau, sendo avisado por Van Ypren de que se offerecia occasião opportuna de se apoderar d'aquelle nosso ultimo padrasto na costa do Oiro, destacou da esquadra nove navios, e encarregou da expedição o coronel Hanz Coine. Em 24 de junho o coronel e Van Ypren, unindo as forças, saltaram em terra com oitocentos soldados, quinhentos marinheiros e muitos negros auxiliares, e divididos em tres corpos marcharam contra o castello. Nas margens do rio Doli os pretos da Mina atacaram-lhes a retaguarda, disputando a collina de S. João; mas o major Bongarçon passou o Doli a vau, derrotou os barbaros, e assenhoreou-se da posição. Seguiu-se o cêrco da fortaleza. Os portuguezes quasi que nem a defenderam! Intimados debaixo do fogo das baterias pediram tres dias para capitular. Van Ypren exigiu a entrega immediata, e mandou avançar os seus granadeiros ao assalto. Bastou a ameaça para a guarnição esmorecer. Abriu as portas e aceitou as condições do vencedor. Affirma-se que a fraqueza do capitão nascêra da falta de munições e do desamparo em que se achava o presidio. É provavel. Em toda

[1] Faria e Sousa, *Asia portugueza*, tom. III, part. IV, cap. VIII e XIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

a parte a miseria e o desfallecimento eram iguaes, e 1638
S. Jorge mais cedo, ou mais tarde havia de cair. O braço da metropole, já cansado, não podia suste-lo [1]. O mesmo succedia a essa hora a Pernambuco. Emquanto a companhia hollandeza soccorria os seus generaes, o governo de Madrid só de largos em largos intervallos se lembrava de Mathias de Albuquerque, enviando-lhe auxilios escassos e atrazados. Vinte e nove embarcações de guerra ás ordens do almirante Lichthart haviam desembarcado em 4 de dezembro de 1634 mais de dois mil e trezentos homens na Parahiba, capitaneados por Shkoppe e Artichofshy. Os fortes do Cabedello e de Santo Antonio entregaram-se, e a cidade despovoou-se com a approximação do inimigo. Restavam-nos o arraial do Bom Jesus, a fortaleza da Nazareth no cabo de Santo Agostinho, e a posição importante de Porto Calvo, sustentada pelo castelhano D. Fernando de la Riba Aguero. Lichtart resolveu investi-la como verdadeira chave das terras das Alagoas, e como base das futuras operações. A resistencia honrou os brios dos defensores. O arraial, commandado por Andrés Marin, e defendido por quinhentos soldados e setecentos voluntarios, prolongou a luta por tres mezes. Por ultimo Marin foi obrigado a depor as armas. Faltava a fortaleza de Nazareth. Cercaram-a os inimigos, e combateram heroicamente os de dentro mais ainda com a fome, do que contra as baterias. Por fim tiveram de ceder tambem, e o estandarte das Provincias Unidas fluctuou victorioso. Perdidos assim uns após outros todos estes pontos Mathias de Albuquerque decidiu violentado a retirada para o sul, a fim de unir nas Alagoas suas tropas com as do conde de Bagnuolo. A marcha offerecia maiores perigos,

[1] *Histoire générale des voyages*, tom. XIII, cap. IV, pag. 29 e seguintes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 do que uma batalha. O odio do Calabar espreitava os movimentos dos portuguezes, e uma cilada teria aniquilado em Porto Calvo os restos de nossas, forças se um ardil de Sebastião do Couto não colhesse os hollandezes no proprio laço que nos preparavam. Picard, que os mandava, viu-se constrangido a capitular, e o Calabar, prisioneiro, expiou os crimes no patibulo[1]. As vantagens dos inimigos, demonstração evidente do errado systema abraçado na defeza do Brazil, irritaram Olivares. Arrebatado e inconsequente quiz remediar em poucos dias os males de muitos annos, e, julgando que o nome de D. Fradique de Toledo valia por um exercito, chamou-o para lhe conferir o commando da expedição. O habil general antes de aceitar pediu treze mil homens e esquadra proporcionada. Castigou-lhe o ministro a firmeza mandando-o prender. O restaurador da Bahia findou assim em ferros a sua gloriosa carreira.

Propoz depois o valido o feito ao marquez de Veleda, D. Antonio de Avila e Toledo, mas este achou modo cortez de se escusar, e a missão engeitada pelos dois capitães passou para o conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, que requeria a esse tempo em Madrid a satisfação de seis annos de bons serviços na India. Entretanto crescia o perigo da capitania, e redobravam as instancias dos defensores. A côrte, resolvida a attende-las, enviou não sem esforço mil e setecentos homens ás ordens de D. Luiz de Roxas e Borja, duque de Lerma, soldado pratico das

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle.* La Haye, 1853, part. II, pag. 72 e seguintes.—Laet, pag. 445 e seguintes.—Southey, tom. I, pag. 583.—*Historia geral do Brazil,* por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII.—*Memorias diarias de la guerra del Brazil,* por Duarte de Albuquerque Coelho. Madrid, 1654, fol. 197 v.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

guerras de Flandres, passando-lhe instrucções para assumir os poderes conferidos a Mathias de Albuquerque, chamado por el-rei á Europa, e para desembarcar na Bahia o novo governador geral Pedro da Silva, nomeado para succeder a Oliveira. Roxa perdeu-se pela impetuosidade. Desembarcado na ponta de Jaraguá (ao sul do cabo de Santo Agostinho) poz-se á testa do exercito, e sem ouvir os conselhos de Bagnuolo, de Camarão, e dos officiaes experimentados, marchou contra os hollandezes. A 17 de janeiro de 1636 o general hespanhol e Artichofsky encontraram-se entre Camarigibi e Porto Calvo. Feriu-se immediatamente a batalha, e não se demorou muito. Van den Braden obrigou a ala direita a recuar, os outros corpos seguiram-a, e dentro de pouco a retirada dos nossos convertia-se em derrota completa. Mais de cem hespapanhoes, e Roxas com elles, alastraram mortos o campo. Camarão e os indios, protegendo a fuga, salvaram a maior parte do exercito de caír prisioneiro. Bagnuolo recolheu as tropas dispersas [1]. 1638

A chegada do principe Mauricio de Nassau ao Recife a 23 de janeiro de 1637 com o titulo de governador, capitão, e almirante mór, consummou os nossos males. O prestigio d'aquelle nome, sufficiente para exaltar os brios dos seus, apoucou o animo dos que repelliam desajudados os progressos da invasão. Mauricio correspondeu ás esperanças depositadas na sua capacidade e nascimento. Organisou um corpo de operações de cinco mil homens, oitenta cavallos, e dez bôcas de fogo, e com elle forçou o

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 103. — Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. II, pag. 77 a 80. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 conde de Bagnuolo a retroceder para as Alagoas. Durante a marcha travaram-se combates, que não deslustraram as nossas bandeiras. O principe parou á beira do rio de S. Francisco, e cuidou em assegurar a sua linha fronteira construindo a fortaleza Mauricia, e deixando Segismundo encarregado da defeza da margem. Em 1638, Nassau, interrompendo a obra já adiantada da colonisação e do novo regimen fiscal e administrativo, que introduzíra, e obedecendo ás ordens da companhia, traçou a conquista da Bahia. Como prologo acertado d'ella intentou occupar os Ilhéus para cortar a retirada aos defensores de S. Salvador. A cubiça dos marinheiros e soldados hollandezes mallogrou o commettimento, vencida já mais de metade da victoria. Os habitantes irritados pelas violencias do saque investiram as tropas dispersas, e varreram para o mar as hordas indisciplinadas. Mauricio não desanimou. Em 1638 reappareceu diante da Bahia, e a 16 de abril saltou em terra com tres mil e quatrocentos soldados, e mil homens indios. Acudiu Bagnuolo em soccorro da cidade, e postou-se na ermida de Santo Antonio, d'onde os esforços dos contrarios não conseguiram desaloja-lo nunca. Ao cabo de mais de mez e meio de sitio, desenganado o principe de que os ataques não sortiam effeito, e advertido pelas doenças e pela falta de viveres do perigo de insistir, levantou o arraial e embarcou. Bagnuolo, applaudido pelo seu valor e perseverança em toda a campanha, foi premiado com a dignidade de principe do reino de Napoles, e com uma commenda rendosa; Pedro da Silva mereceu o titulo de conde; o Camarão alcançou a commenda promettida; e os outros officiaes foram recompensados com largueza. Havia muito que os invasores não padeciam revez similhante. Se os hollandezes estranham por exagerado o calculo de suas perdas publicado pelos nossos auctores,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

dois mil e quinhentos homens, o principe Mauricio justi- 1638
fica-o no relatorio de 28 de junho, apontando só no ataque de 18 de maio nove officiaes, noventa e cinco soldados mortos, e duzentos e vinte e dois feridos, não contando os estragos da artilheria dos fortes, que lhe custaram por dia mais de vinte homens[1].

Estas noticias espertaram da indolencia os ministros hespanhoes. A sua apathia fizera perder á nossa corôa 547 navios entre grandes e pequenos, apreciados pelo menos em 6.710:000 florins; e o valor das carregações e riquezas saqueadas no Brazil não baixou por certo de florins 30.309:730, sem incluir a ruina das cidades e villas, e a ruina das fazendas e dos engenhos de assucar. Os escriptores flamengos guiando-se por estes elementos, asseveram que Portugal n'estes dezeseis annos de 1623 a 1638 sacrificou na guerra da America mais de 28.500:000 florins, elevando-se a 806 vasos e a 67:000 soldados e marinheiros as forças da companhia das indias occidentaes empregadas na occupação de Pernambuco e senhorio dos mares[2]. Era mais do que tempo de atalhar este cruel e dilatado flagello. O conde duque em vão pretendia explica-lo em seus extensos diplomas como obra unica da repugnancia dos povos, cada vez mais oppostos aos tributos novos; as alterações de Evora suffocadas com facilidade, e a obediencia quasi passiva que o temor da espada cas-

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. III, pag. 83 a 97. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII.

[2] Estes calculos são tirados das paginas de Laet, Van Kampen, Lusac, e outros auctores. A quantia de 5.472:000$000 réis em que avaliam as nossas perdas não parece exagerada. A companhia das Indias occidentaes fazia sempre a guerra com os seus livros de caixa abertos diante dos olhos para calcular os lucros.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1638 telhana dictára ás povoações inquietas cortavam ao valido os pretextos, e a acção das juntas hespanholas de Badajoz e Ayamonte, instituidas para compellir a execução das providencias militares e fiscaes, promettia-lhe uma cooperação zelosa e efficaz. Metteu portanto o conde de Olivares hombros á empreza, estimulado pelas censuras da opinião, que principiava a estranhar-lhe severamente o desleixo, e pela insinuação positiva de Filippe IV, offendido de ver os inimigos por tanto tempo apoderados de uma das mais bellas capitanias do Brazil. O ministro, reprehendendo a inercia com que o governo de Lisboa procedêra, ordenou, para abreviar o soccorro, que o conde de Miranda, em castigo de suas desigualdades intoleraveis no cumprimento das ordens de el-rei, deixasse de assistir ao despacho no conselho d'estado, que D. Fernando de Toledo, capitão general dos presidios, fosse incumbido dos aprestos navaes, e que o marquez de Gouveia dirigisse a conducção das levas e a organisação dos terços. Para avivar o patriotismo assás tibio dos fidalgos convidou-os a alistarem-se, offerecendo-lhes mercês e favores especiaes, e dispensando até os que embarcassem do pagamento do subsidio; mas como nem assim espertava o seu ardor, valeu-se do arbitrio de vender os habitos e os bens das ordens militares ás pessoas que sustentassem certo numero de soldados na guerra de Pernambuco, desprezando a consulta, em que a mesa da consciencia se oppunha a venalidade tão escandalosa allegando as letras pontificias. Ao mesmo tempo, declinando a convocação das côrtes por inopportuna, approvou, se as camaras municipaes o aceitassem, o plano proposto pelo conde do Prado. Consistia esse plano em o reino ceder para o soccorro do Brazil os rendimentos da corôa, e as novas composições da meia annata, creando uma junta que fiscalisas-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sem a applicação de dinheiro, incumbindo-a igualmente de 1638
desempenhar a fazenda com o producto das commendas vagas, dos officios vendidos e das mercês lucrativas, e conservando para o mesmo effeito, como tributos geraes, o real de agua e o augmento da quinta parte da contribuição das sizas[1].

Todos estes meios, mais especulativos do que praticos, pouco fundiam, e o vagar calculado das juntas e dos cobradores consumia o tempo util. A occasião passava, emquanto os ministros deliberavam, ou propunham duvidas. As escolha do general que havia de commandar a expedição, tambem não concorreu pouco pela difficuldade para demorar os armamentos. O conde de Linhares, depois do desengano de Evora, allegára a sua idade e achaques para se eximir da jornada; o marquez de Gouveia escusou-se do mesmo modo; e o conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, preferido em ultimo logar, se não se retrahiu abertamente, procurou, quanto pôde, crear obstaculos que o desculpassem. Por fim obedeceu. Quiz Olivares que as armas das duas corôas combatessem unidas como na restauração da Bahia. Castella mandou onze galeões e Portugal oito com mais de seis mil homens de tripulação e desembarque. Mal aconselhado decidiu ainda o conde duque que a juncção das esquadras se fizesse na alturas de Cabo Verde, aonde o clima e as febres dizimaram cruelmente as guarnições dos nossos navios, obrigados a esperar por muitos dias os hespanhoes. O conde da Torre, nomeado governador geral do Brazil, partiu nos fins de 1638 de Lisboa, e nos principios de 1639 sulcava as aguas

[2] Cartas regias de 6 de março, de 27 e 30 de maio, de 4 de agosto e 7 de outubro de 1637. — Plano do conde do Prado, exposto na carta de el-rei á princeza Margarida de 3 de dezembro de 1637. — Carta regia de 18 de julho de 1638.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 de Pernambuco, sem se deter, seguindo o rumo da Bahia, aonde o levára o errado calculo de recolher o soccorro importante de dezesete navios e mil cento e cincoenta homens. Pedro da Silva, conde de S. Lourenço, entregou-lhe o governo, e os hollandezes advertidos da sua vinda aproveitaram os dez mezes consumidos pelo conde na viagem da Bahia, em se fortificarem, pedindo e recebendo reforços da Europa [1].

N'este meio tempo ardia o reino em novidades violentas. A contemplação dos infortunios, que opprimiam todas as conquistas, não modificára a irritação do valido. Ainda desejava mais quebrantados estes subditos, aos quaes o seu orgulho não perdoava o altivo amor da independencia, nem o ciume dos antigos fóros. Resolvido a dobra-los inteiramente, concebêra com affectação theatral o projecto de os sujeitar á união pelo voto dos mais illustres, rasgando de uma vez a patente dos privilegios de Thomar, e reduzindo a nação ao estado de provincia. Firme n'este projecto, que Filippe IV applaudia, começou a executa-lo com a singularidade que era uma das feições notaveis do seu caracter. Os avisos de Miguel de Vasconcellos e as informações dos seus agentes de Lisboa e das terras importantes tinham-lhe denunciado as pessoas, que mais convinha transplantar para Castella; e o exemplo dos reis assyrios quando arrancaram de Jerusalem os troncos das familias opulentas, parecendo-lhe digno de imitação, lisonjeava-lhe a vaidade. Quando julgou chegada a hora, convocou á côrte por cartas regias os fidalgos e os magistrados, que menos deviam receiar-se da viagem, co-

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas, et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. III, pag. 106. — *Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXVIII.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

brindo com o pretexto especioso de uma junta de reforma 1639
a ordem repentina. Foram chamados por esta maneira o arcebisto de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, o de Braga D. Sebastião de Matos de Noronha, e o de Evora D. João Coutinho, assim como o bispo do Porto D. Gaspar do Rego da Fonseca. Dos ministros seculares o conde de Portalegre D. Diogo da Silva, o de Miranda Diogo Lopes de Sousa, conselheiro d'estado e presidente do conselho da fazenda, o de Santa Cruz D. Martinho Mascarenhas, capitão dos ginetes, presidente do desembargo do paço e conselheiro d'estado, o de Sabugal D. Francisco de Castello Branco, meirinho mór, D. Francisco Luiz de Lancastre, commendador mór de Aviz, Francisco Leitão, desembargador dos aggravos, tão distincto nas letras e na eloquencia, como servil na adulação aos poderosos. Os tres jesuitas de Evora Sebastião do Couto, que os annos e a doença escusaram, Alvaro Pires Pacheco, que no caminho se escondeu, e Gaspar Correia, que ficou retido em Madrid, seguiram de perto os prelados e titulares, ignorando, como elles, o verdadeiro motivo da intimação. Os outros nobres e os individuos influentes, que se haviam de separar da patria para que ella os não encontrasse em qualquer impeto de desesperação, já estavam associados, porém só haviam de ser attrahidos depois para não assustar, ou excitar as suspeitas do vulgo. Os portuguezes apesar da dissimulação presentiram o perigo. Os olhos dos religiosos viam longe, e chegava-lhes tambem de longe a revelação dos maiores segredos. A saída de tantas pessoas principaes, interpretada por augures subtis, significou logo para muitos a idéa de despojar o reino da dignidade, e tanto mais se confirmou a opinião nos claustros e no povo por meio d'elles, quanto desde logo constou que os portuguezes não tinham recebido outro aviso de el-rei,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 senão que seguissem a côrte até lhes ser declarado o negocio para que eram vindos[1].

Á expatriação disfarçada dos fidalgos e prelados serviu de commentario eloquente a ordem de sangrar sem demora o paiz em todas as forças. Exagerando os encargos da guerra com a França e os planos dos inimigos da Hespanha, o conde duque principiou a revelar os pensamentos reservados, ordenando que D. Affonso de Lencastre, marquez de Porto Seguro, fizesse em Lisboa uma leva de cavallaria sem numero determinado, procedendo solto da jurisdicção dos magistrados e tribunaes, e mandando que se recrutassem nas ilhas varios terços e se embarcassem immediatamente para a Corunha, depois do copioso reforço de gente tirado para a expedição de Pernambuco. Diogo Soarez, como superintendente, foi encarregado de velar pela prompta execução d'estas prevenções, e tomou por accessores Belchior Correia da França e Francisco de Betancor. Olivares não contente ainda com este arruido dispoz mais, que se formassem no reino quatro regimentos de infanteria escolhida, que el-rei havia de chamar depois ao serviço de Castella. Foram nomeados mestres de campo Jorge de Mello para recrutar nas comarcas de Coimbra, Alvaro de Sousa nas do partido de Entre Douro e Minho, D. Pedro Mascarenhas na da Beira e Extremadura, e Rodrigo de Miranda nas do Alemtejo, e começaram as inquietações e as tyrannias do officio, entrando levas umas após outras nas quatro praças de armas designadas para sua organisação, que eram Coimbra, Guimarães, Castello Branco e Campo de Ourique. Mandou o valido mais, que os galeões do reino fossem entregues aos officiaes castelhanos, e o almirante D. Thomás Chauburu em

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 136 a 143.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 84.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

virtude da ordem apoderou-se do galeão *Santa Thereza*, 1639
um dos melhores que víra o oceano, e do *S. Balthasar*, pouco inferior na grandeza e boa construcção. Por ultimo, para que no meio de tantos excessos a casa de Bragança não ficasse incolume, pediram-se ao duque mil vassallos armados que devia conduzir e reger D. Antonio Tello.

A par d'estes pesados tributos de sangue atropellavam-se os vexames fiscaes. Extorquiram-se ás pessoas mais abastadas, a titulo de emprestimo, cento e cincoenta mil ducados de prata; contratou-se com Jorge Fernandes de Oliveira e socios o subsidio de um milhão no Brazil, e de cem mil cruzados em Flandres, pagando-lhe duzentos mil cruzados pelo quartel vencido dos juros e tenças dos ecclesiasticos, mosteiros, e casas pias, que a extorsão deixou arruinados; tirou-se o quinto dos bens da corôa ás casas de Bragança, Aveiro e Villa Real, promettendo para consolar o clero e os fidalgos espoliados que a restituição lhes seria feita pelos primeiros rendimentos cobrados; finalmente, para corôa e remate de todos os pedidos, determinou Filippe IV, que as tropas recrutadas em Portugal fossem vestidas e pagas pelos prelados, titulares, tribunaes, fidalgos e communidades do reino, não se aceitando em nenhum caso serviço de dinheiro, mas só de gente effectiva, e devendo os soldados ser postos na Catalunha á custa dos contribuintes. Só faltava collectar o ar[1]. O reino, assombrado de tantos golpes consecutivos obedecia, mas cheio de descontentamento e impaciente. Este silencio gravido de ameaças illudiu os ministros hespanhoes. Julgaram-se senhores absolutos, não do coração, mas da vontade sujeita do paiz, e soltaram as redeas a todos os abusos. Corriam direitos ao precipicio, e com elles os que

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 143 a 146.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 85.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 os ajudavam por interesse, ou por temor. O clero, as ordens religiosas e a nobreza, perseguidos e despojados, principiavam a levantar os olhos para a casa de Bragança, firmando no duque D. João as esperanças de allivio e liberdade. Olivares, sem o cuidar, ferindo a um tempo as classes poderosas foi o verdadeiro auctor da conjuração, que n'estes dias começou a brotar dos animos offendidos, muito antes de revelada e de amadurecida nos conselhos politicos. O desenlace do conflicto por muitos annos ateiado entre a corôa e os colleitores apostolicos veiu inflammar ainda mais as paixões n'esta occasião critica, ministrando ao partido sacerdotal já organisado pretexto plausivel para irritar os povos contra a dynastia estrangeira.

Narrámos as contendas do governo com os agentes da santa sé no reinado de Filippe III; mas a saída do bispo de Fossambruno e a tolerancia astuciosa de Vicente Landinelli, se por um instante applacaram a maior discordia entre os dois poderes, não tinham apagado na realidade as pretensões do Vaticano, ou o proposito firme de as renovar por seus ministros logo que o ensejo os favorecesse. O conselho cioso das immunidades reaes e advertido pela experiencia, examinára attentamente em 1624 os poderes do colleitor João Baptista Palloto, e el-rei negára o beneplacito aos tres breves, em que Urbano VIII lh'os conferiu emquanto não fossem limitados. Palloto, fiel á tactica usual dos curiaes, fez-se pequeno e flexivel para entrar em exercicio, e depois de seguro repetiu os attentados contra as regalias da corôa, que mais estranhados haviam sido a seus antecessores. Antonio Albergati, bispo de Bisiegli, ao qual Gregorio XV mandára passar as curiosas instrucções de 4 de março de 1622, tinha já aplanado antes d'elle o caminho, fazendo germinar as exigencias romanas da propria opposição dos tribunaes. Coube a Palloto ti-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

rar as consequencias, e não hesitou. São frequentes no seu 1639
tempo (1624–1627) as advertencias por causa das vexações da legacia, e por mais de uma vez escreveu Filippe IV ao papa accusando os actos do nuncio de Portugal contra a jurisdicção real. Não mudaram as cousas com a presença de Lourenço Tramalli, que lhe succedêra até 1635. A chancellaria do Vaticano continuou a expedir breves clandestinos contra os direitos do soberano, os subcolleitores prohibidos pelas ordens regias appareceram nas provincias e conquistas, e nem mesmo a administração da bulla da cruzada escapou ás usurpações do agente da curia. Tornou a representar a nossa côrte, mas o pontifice, desprezando ou dissimulando as queixas, auctorisou tacitamente a prepotencia do seu delegado. Em 1633 o colleitor trazia as consciencias inquietas, levando sua ousadia a ponto de declarar Lisboa interdicta por oito dias, e de ferir com as censuras ecclesiasticas os ministros reaes. Intimado para levantar o interdicto e as censuras dilatou até abril o cumprimento da ordem. Chegou o nuncio Alexandre Riario Castracani, bispo de Nicastro em 1635, e parece que não só timbrou em imitar, mas em exceder os exemplos do bispo de Fossambruno, de Albergati e de Palloto. Limitaram-se-lhe os poderes, e adoptaram-se prevenções mais apertadas para o conter; mas a indole altiva do prelado rompeu todas as barreiras, e dentro de pouco deixou longe no arrojo os excessos dos outros colleitores[1].

[1] Carta regia de 21 de setembro de 1624.—Cartas de el-rei ao papa Urbano VIII sobre os excessos do colleitor Palloto, datadas de junho, 25 de julho e 13 de setembro de 1625.—Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. I, masso 117, doc. 73, e part. II, masso 345, doc. 117 e 200.—Instrucções da curia romana passadas a monsenhor Albergati, colleitor da sua santidade em Portugal em 4 de março de 1622, e ao bispo de Albenga, *Symmicta lusitana*, vol. XLVII, pag. 709 a 730 e 737 a 757.—*Museu britannico*, Bi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 Serviu-lhe de pretexto o aggravo interposto do tribunal da nunciatura para o juizo da corôa sobre a denuncia de uma capella. Aproveitando a occasião deu largas ao zêlo fogoso no edital, ou pastoral de 16 de março de 1636, pelo qual declarou excommungados os denunciantes das capellas e dos bens doados ás igrejas e conventos. Alvoroçou-se a côrte. O tiro batia directamente na corôa, e se mão estranha o disparava, era evidente que atrás do bispo estava o clero, cuja causa elle abraçava. Olivares magoado, e suppondo suffocar a resistencia por um rasgo de auctoridade, ordenou ao procurador da corôa Thomé Pinheiro da Veiga, que indagasse quem eram as pessoas influentes no animo do colleitor, que se tornavam cumplices do seu procedimento. Tomou então o negocio maiores proporções, e logo se temeram as consequencias desagradaveis que sobrevieram. Os claustros cobertos com a sombra do Vaticano, aonde se urdia a conspiração monastica, zombaram das ameaças do ministro, minutando ao nuncio o texto dos editaes, e declamando nos pulpitos, nas praças, e em toda a parte contra a execução impia e tyrannica do livro II, titulo XVIII das ordenações do reino, que o governo invocava para despojar as igrejas dos bens de raiz doados pelos fieis, ou deixados para suffragio e descanso das almas. Instruiu-se contra o colleitor um processo perante o juizo da corôa; mas os alliados indiscretos não o desampararam no perigo, e a companhia de Jesus descobriu-se na defeza do

bliotheca harleyana, cod. 3463.—Cartas de el-rei ao papa sobre os excessos dos ministros da Legacia contra a jurisdicção real, datadas de 23 de setembro de 1632 e 11 de novembro de 1634.—Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. I, masso 119, doc. 68, e part. II, masso 363, doc. 14.—Carta regia de 18 de maio de 1633 e consulta do desembargo do paço de 18 de agosto do mesmo anno sobre o interdicto e censuras fulminadas por Tramalli.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

bispo de Nicastro, acudindo seus theologos e canonistas 1639
em Lisboa e Madrid com escriptos, supplicas e enredos[1].

Filippe IV, vendo tão aggravado o conflicto, trepidou. Em vez de annullar o edital insinuou aos juizes que decidissem com a maior brevidade o recurso do procurador da corôa, e escreveu ao nuncio, convidando-o a retirar o papel sedicioso, publicado no domingo de ramos, 16 de março, na igreja de S. Roque e a restituir a paz religiosa ao reino e a obediencia ás leis. Nem a carta do rei, nem as reflexões da duqueza de Mantua o demoveram. Foi preciso que a sentença proferida no juizo da corôa a 28 de março de 1637 negasse toda a força ás censuras, e ordenasse a publicação immediata de outra pastoral em contrario para elle afrouxar, affixando com affectada obediencia em 5 de abril um papel, em que se desculpava de qualquer intenção offensiva dos direitos do soberano, declarando tudo reposto como se o primeiro edicto não houvesse existido. Renasceu a tranquillidade com esta pouco explicita retractação; mas a tregua dissimulava maior explosão. Estalou um anno depois o raio em Roma. O papa abraçando as queixas da igreja lusitana, condemnou as leis de amortisação na bulla de 5 de junho de 1638, fulminando com as penas ecclesiasticas os ministros que as applicassem. Defendeu-se o governo prohibindo a intro-

[1] Antonio Pereira de Figueiredo, Catalogo manuscripto dos legados *a latere*, nuncios e colleitores em Portugal, pag. 45 e 45 v. — Edital de 16 de março de 1636 do nuncio Castracani. — Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. II, masso 368, doc. 216. — Carta regia de 3 de fevereiro de 1637 a Thomé Pinheiro da Veiga, Archivo nacional da Torre do Tombo, gav. 8, n.º 1. — Autos em que foi parte o procurador da corôa contra Alexandre Castracani. — Archivo nacional da Torre do Tombo, gav. 20, masso 8, n.º 2. — *Deducção chronologica e analytica*, divisão 8.ª, pag. 161 a 170.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 ducção das letras apostolicas. Catracani cumpriu-as porém, lançando em 25 de junho de 1639 um edicto de cessação geral *a divinis*, e renovando contra os magistrados e particulares que denunciassem ou julgassem as capellas as excommunhões retiradas em 1637. O governo levantou a luva. Uma ordem regia mandou, que se o colleitor não emendasse o abuso, se procedesse contra elle e fosse expulso. Resistiu o nuncio, e occuparam-lhe as temporalidades. Obstinou-se, e encerraram-o em um aposento sem comer nem beber. O prelado, vendo-se em similhante extremo, e perdidas todas as esperanças de remedio, saltou pela janella, e foi refugiar-se no convento de S. Francisco. Seguiram-o as justiças, e cercaram-o, devassando o claustro. Arrancado á força do asylo, levaram-o em uma cadeira de posta para Madrid[1]. Causou geral espanto o golpe e cresceu a murmuração pela violencia desnecessaria, com que se tinha procedido. Lisboa interdicta por mais de um anno via no luto dos templos a ameaça da cholera divina, e o clero, carregando o quadro com as cores mais lugubres, alimentava e exacerbava a indignação piedosa. O conde duque, exagerando sem proveito a fórma do castigo infligido ao ministro romano, attenuou em parte as vantagens,

[1] Edital de *cessação a divinis* de 25 de junho de 1639.—Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. II, masso 371, doc. 177.—Ordem regia para a expulsão do colleitor.—Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. III, masso 32, doc. 44.—Consultas e diligencias para a expulsão do colleitor em 30 de agosto de 1639.—Archivo nacional da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. II, masso 372, doc. 39.—Carta em fórma de breve de Urbano VIII louvando o bispo de Nicastro.—*Symmicta lusitana*, vol. XXVI, § 10.º—*Deducção chronologica*, part. I, divisão VIII, pag. 178 a 188.—Cartas regias de 24 e 28 de novembro de 1638. As justiças trataram o colleitor com tanto rigor, que até o breviario e o crucifixo lhe sequestraram.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

que o direito lhe assegurava, transformando em acto despotico a execução das leis. Informado dos trabalhos do bispo de Nicastro, o pontifice honrou-os com louvores publicos; mas não passou adiante. O que faria o Vaticano se monarcha menos poderoso, e com estados menos proximos dos seus tratasse com igual severidade um delegado da Santa Sé? 1639

O ministro n'este meio tempo, julgando propicio o momento, rompia o silencio que tinha suspensos em Madrid os prelados e fidalgos, convocados por el-rei havia mezes. Querendo que uma sombra de legalidade corasse as ultimas usurpações, e envolvendo até ao fim os seus projectos no mais profundo segredo, ordenou que os nobres portuguezes no mesmo dia e na mesma hora acudissem a casa dos ministros castelhanos nomeados para os interrogar, prohibindo-lhes até a revelação do convite sob pena de crime de lesa-magestade. Obedeceram assustados. Declarou-se-lhes então ali quaes eram as resoluções assentadas, consultando-os sómente ácerca do modo mais conveniente de as introduzir. As resoluções tinham sido lançadas em um papel redigido em estylo judicial. O paiz era despojado por ellas da dignidade real e da independencia, dando-se Filippe IV por absolvido do seu juramento pelo attentado das alterações de 1637, e pelo facto provado da perfidia portugueza, a qual, segundo o parecer de theologos e jurisconsultos eminentes, o desobrigava do cumprimento. Ignora-se a resposta dos fidalgos ouvidos, porque são poucas e incertas as noticias d'este episodio singular; mas sabe-se que Olivares tinha tudo disposto para executar a sentença proferida no juizo de suas paixões, não aguardando para consummar a encorporação senão o auxilio da força.

O seu pensamento era publicar a annexação com a armada real de Castella fundeada no Tejo, e todos os pre-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1639 sidios reforçados. O almirante D. Antonio de Oquendo assim como D. Fernando de Toledo haviam de ser n'aquelle inverno os executores. A fortuna, felizmente, cortou as azas a estes designios com a estrondosa derrota da esquadra hespanhola no canal em 21 de outubro de 1639, revez em que Filippe IV perdeu quarenta e tres navios, seis mil vassallos e seiscentas bôcas de fogo, e Portugal o galeão *Santa Thereza*, e novecentos homens. A victoria memoravel de Tromp salvou o reino. Olivares, notando a sensação dolorosa por tão grave desastre, não se atreveu a arriscar a decisão suprema, e os successos desgraçados, atropelando-se, não lhe consentiram depois que tornasse a atar os fios do plano [1].

Á magua da perda de tantos portuguezes nas aguas dò canal e dos estragos causados pelos inimigos nas possessões da India veiu juntar-se a noticia do pouco afortunado encontro das armas do conde da Torre com os hollandezes nas costas do Brazil. Fôra extraordinario o esforço para apparelhar os navios da nossa corôa enviados á restauração de Pernambuco, e mallograda a empreza recaiu o reino em profundo desalento, attribuindo ás violencias do governo contra a igreja e o collector estas repetidas desventuras. A demora na Bahia fôra fatal ao exito da expedição commandada por D. Fernando Mascarenhas. O conde só em novembro de 1639 saíra de S. Salvador com oitenta e seis vasos de guerra, seis mil marinheiros, seis mil soldados e oitocentas peças de artilheria. D. João de Vega regia a esquadra hespanhola de doze galeões; D. Rodrigo Lobo a portugueza composta de oito; e Antonio da Cunha Andrade capitaneava as vinte e sete vélas auxiliares dos Açores e do

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaphora I*, pag. 146 a 149, e *Epanaphora IV*.—Lafuente, *Historia general de España*, tom. XVI, part. III, liv. IV, cap. V.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Brazil. Trinta e nove caravelas, patachos e barcas acom- 1639
panhavam a armada como transportes. Os ventos nortes atrazaram quasi dois mezes a viagem, e o conde da Torre com as mãos ligadas pelas ordens da côrte, segundo se disse depois, não pôde, ou não quiz attender os avisos de Bagnuolo, que instava pelo desembarque no cabo de Santo Agostinho. Mauricio de Nassau aproveitára melhor o tempo. Multiplicando-se, e vencendo impossiveis, conseguira armar quarenta e um navios, tripulados por mil e seiscentos marinheiros, e guarnecidos por mil e duzentos soldados. Willem Corneliszoon Loos era o almirante, e Jacob Huyghens e Alderik serviam debaixo de suas ordens na qualidade um de vice e o outro de contra almirante. A 12 de janeiro de 1640 avistaram-se as duas armadas ao alvorecer na altura de Itamaracá. Ao meio dia rompeu-se a batalha. Durou quatro dias intercallados por quarenta e oito horas de calmaria. No primeiro o almirante Loos, pelejando valorosamente a bordo da nau *Faem* contra quatro galeões, pereceu varado de balas; no segundo Huyghens disputou a victoria, sem a alcançar, e perdeu a nau *Geele Zon;* no terceiro, já nas aguas da Parahiba, principiou a sorte a favorecer os hollandezes sem ainda se declarar todavia por elles; finalmente, a 17 de janeiro travou-se o ultimo combate decisivo perto do Rio Grande. Huyghens acommetteu o galeão do conde da Torre com arrojo tal, que o obrigou a acoutar-se derrotado atrás dos rochedos de S. Roque. A esquadra seguiu o exemplo do almirante. O fogo dos vasos neerlandezes tinha-a crivado de pelouros e as guarnições fugiam dizimadas. A fome, a sêde e os naufragios remataram a obra da destruição começada pelos inimigos. Parte dos navios recolheu-se destroçada á Europa; parte encontrou a sepultura no Oceano submergida com as tripulações. O conde da Torre salvou-se

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1640 em um hiate, e depois de trabalhosa navegação alcançou as praias da Bahia, aonde o conde de Obidos, general de artilheria, lhe entregou o governo[1].

A côrte fiel ao systema de punir os infortunios dos generaes, mandou abrir no Porto, em Vianna e no Brazil uma rigorosa informação ácerca da causa do mau successo da expedição, e, creada uma commissão de inquerito para averiguar o procedimento do conde da Torre, ordenou sobre consulta d'ella, que se pozessem verbas em todas as mercês feitas a D. Fernando Mascarenhas, sem exceptuar o titulo e o logar de conselheiro d'estado, accusando-o dos revezes da armada e da conservação dos hollandezes no Brazil. Mathias de Albuquerque padecia iguaes rigores á despeito dos serviços prestados. Uma devassa, incumbida ao doutor Francisco Leitão, serviu de fundamento ao governo para o mandar processar perante o juizo dos cavalleiros, imputando-lhe a perda de Pernambuco. Olivares, que era o unico e verdadeiro culpado na má direcção da guerra, abusava assim do poder e da infelicidade dos capitães para retirar de si o peso das censuras; mas illudia-se suppondo distrahir a maledicencia. Eram geraes entre nós e em Hespanha os clamores e o odio contra a sua administração. Em poucos mezes calamidades ainda maiores vieram acabar de convencer até o proprio monarcha da pouca aptidão do seu ministro[2].

[1] Netescher, *Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au* XVII *siècle*. La Haye, 1853, part. III, pag. 106 a 111.—Vide Southey e Beaucham.—*Portugal restaurado*, tom. I, pag. 62.—*Historia geral do Brazil*, por um socio do instituto historico, 1854, tom. I, secção XXIX.

[2] Cartas regias de 28 de junho e 22 de julho de 1640 contra o conde da Torre, e de 31 de julho do mesmo anno mandando processar Mathias de Albuquerque pela perda de Pernambuco.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

A agitação dos animos não podia ser mais viva em Portugal. Apesar do recato das deliberações tinha transpirado a sentença pronunciada contra a independencia do reino no tribunal do rei e do valido; despovoavam-se as terras entre prantos com as levas dos soldados arrastados ás guerras de Castella; gemiam todas as classes com a ruina do commercio e com as extorsões fiscaes; e annunciavam-se impostos ainda mais violentos forjados na secretaria do conselho de Portugal. O clero e as ordens religiosas promettiam abertamente o castigo da impiedade e a satisfação da ira divina. As prophecias e os oraculos dos sebastianistas corriam todo o paiz, festejados como proclamação de novidades proximas, porque afiançavam a vinda do Encoberto e a restauração do throno portuguez. O duque de Bragança, por tantos annos afastado dos olhos do povo, começára a ser visto e tambem a ser lembrado como libertador em 1639. Por ultimo, a nobreza, já descontente, porém ainda indecisa com as ameaças indirectas da côrte, viu-se constrangida a optar entre a eventualidade perigosa de uma revolução e o risco maior ainda da obediencia. O conde duque, firme na idéa de enfraquecer Portugal por todos os modos, aproveitando a sublevação da Catalunha, tinha decretado a expatriação da aristocracia, chamando-a para acompanhar el-rei ás côrtes de Aragão e á jornada contra os rebeldes[1]. Esta ordem despotica e imprudente acabou de resolver os mais tibios. Avivados os receios dos fidalgos, e excitadas as suspeitas do vulgo o desespero geral formou a conspiração, e o reino todo entrou n'ella. O duque de Bragança, intimado para partir tambem, poz de parte a dissimulação, e preferiu cingir a corôa a vegetar 1640

[1] Carta regia de 24 de agosto de 1640.—Alvará de 11 de outubro do mesmo anno.—Liv. IV de leis, archivo nacional da Torre do Tombo.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

1640 encerrado em uma torre, ou humilhado nos paços de Madrid. Olivares pela sua incapacidade deu assim aos conspiradores o chefe, que lhes faltava, e á nação o rei natural por que suspirava. A occupação estrangeira tinha consummado os seus destinos. Veremos depois como a intrepidez de poucos foi mais do que sufficiente para demolir a obra de sessenta annos; e como a vontade do povo soube arrancar um reino a Filippe IV em menos tempo, do que o descuidado principe costumava perder em qualquer dos espectaculos, com que se distrahia da agonia do imperio nas delicias do Retiro, ou na ociosidade de Madrid.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

NOTAS

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

-p. 485

NOTAS

I

O conde de Vimioso . . . viveu dois dias ainda. Pag. 62.

Eis a confissão que os hespanhoes lhe attribuiram, e que nos parece mais do que suspeita[1]:

Declaracion del conde de Vimioso—1582[2]

Lo que declaró el conde de Vimioso dos horas antes que muriesse a persuasion del padre frey Francisco Maldonado de la orden de los descalços:—Que el ha sido parte para que no se concertase Don Antonio con su Magestad contradiciendolo siempre, y procurando que hiziesse esta armada, y lo demás que adelante dirá, y por ser christiano lo declaro, temiendo por cierto que puede hazer gran daño si no se remediasse.—Y que toda esta armada venia a esperar la armada de la India, y tomar tambien la de la nueba España, si la encontrasse, y luego tomar a Sant Miguel, para tenerla

[1] Vide a nota a pag. 62 d'este volume.
[2] Bibliotheca nacional de Madrid, G. 76, fl. 84.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

con las demas islas de los Assores, con la Tercera que tiene Don Antonio.

Que tiene Don Antonio muchos auisos de Portugal, y que por ellos, y la lengua, que auia tomado, sabia, que la armada de su Magestad venia dividida, y que quiso darle la batalla antes que se juntassen.

Que vieno en la armada de Don Antonio mucha gente principal de Francia, y que cree se perdió la mayor parte della el dia de la batalla.

Que Don Antonio venia en un patajo muy ligero y se apartó de la armada la noche antes que se peleasse.

Que Don Antonio tiene trato con la mayor parte de Portugal, y promessas de que se viene con gente y armada se leuantaran por el.

Que el Rey y Reyna Madre de Francia tienen asentado de traer trinta urcas gruessas de Frandes, y en ellas quatro mil alemanes, sacar del baron de Anguler coronel de las Islas otras trinta urcas muy artilladas y marinadas, y enbarcar en ellas en Francia otros quatro mil soldados que con mas de seis mil, que vienen en esta armada, pasarian quatorce mil hombres de guerra.

Que de particulares de Inglaterra esperavan quarienta naos.

Que de la gente que se haze de nuebo en Francia tienen cargo de um regimento Candre frances, y que entrambos han de venir tres mil hombres, y que los otros mil hombres no savia a quien se los avian encargado.

Que con toda esta armada y gente tiene designio de ir a Portugal, y que trae muchos arcabuces y pieças para dar a los portuguesses.

Preguntole el marques, que por donde trataua de hechar la gente en tierra, y respondio que por las Islas de Barona y por Lagos, siendo el tiempo adelante, y que si fuesse bueno en quelquiere parte de la costa donde se pudiesse dar fundo.

Preguntole assi mismo se enbarcarian estos designios aviendo perdido la batalla, dixo que si, y que el auia hallado algunos que se fueron de su nao y los mandó que dixessen a Don Antonio, que no consintiesse que fuesse esta nueba a Francia, y que el se fuesse por poner animo a los della.

Que el dicho conde ha hecho todas estas capitulaciones y conciertos, e que todo estuviera mal adelante si Don Antonio hubiera

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

estado con mas recaudo y sobre si, y que todo lo que ha dicho lo ha movido su conciencia y no otra cosa.

Preguntole el marques como está Don Antonio de dineros, y dixo que en Francia tenia gran cantidad de joias de mucho valor, y que en la Terçera tenia dineros.

Dixo tambien que en la Terçera auia ocho mil portuguesses con armas, y mil docientos francesses y inglesses poco mas.

Que tiene hecho tres fuertes en la Terçera y que alli se iba el armada a reazer, y Don Antonio alli recogera las naus, y hizo esta declaracion el dicho conde a 27 de julio de 1582, el dia que murio.

Que su Magestad ha mandado desterrar toda la melancolia a Portugal.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

II

Mas estes rendimentos... cresciam ou minguavam, segundo se elevava ou deprimia o livel da prosperidade publica. Pag. 206 e seguintes

---

Sobre o estado economico do reino é curioso o documento que damos copiado do museu britannico. Deve servir para esclarecimento do que se diz no logar citado.

Curia española, que contiene todos los arçobispados y obispados de todos los reynos y provincias de España y de las Yndias con sus suffraganeos, y lo que cada uno vale de renta. Todos los condestables, almirantes, duques, marqueses, condes, y algunos señores de vasallos, que son en Castilla, y quienes fueron los primeros, sus nombres, apelidos, y rentas que cada uno tiene[1].

ARÇOBISPADOS Y OBISPADOS

TOLEDO

Ducados

El arçobispo de Toledo primado de las Españas, chanciller mayor de Castilla, patriarcha de España, que le es anejo, vale de renda en cada año..... 270:000

[1] *British museum*, Sloane mss., 1573, fl. 1. Esta informação pertence ao anno de 1615, como se deprehende de expressas referencias do auctor.

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Suffraganeos suyos

	Ducados
1 Cordoua	46:000
2 Cuenca	44:000
3 Ziguença	45:000
4 Palencia[1]	22:000
5 Idem	36:000
6 Cartagena	24:000
7 Osma	20:000
8 Segovia	25:000
9 Avila	18:000
10 Valladolid	12:000

SANTIAGO

El arçobispo de Santiago, que es anexo el ser capellan mayor del rey 60:000

Suffraganeos

1 Plazencia	46:000
2 Soria	20:000
3 Astorga	11:000
4 Samorra	28:000
5 Salamanca	24:000
6 Badajos	18:000
7 Ciudad Rodrigo	10:000
8 Tuy	14:000
9 Mondoñedo	3:000
10 Orense	10:000
11 Lugo	7:000

SEVILLA

El arçobispado de Sevilha 80:000

Suffraganeos

1 Malaga	
2 Cadiz	15:000
3 Canaria	16:000

[1] Al obispo de Palencia se aneja el conde de Pernia.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

GRANADA

	Ducados
El arçobispado de Granada	33:000

Suffraganeos

1 Aluceria	4:000
2 Guadizo	5:000

BURGOS

El arçobispado de Burgos	44:000

Suffraganeos

1 Calahorra y Calçada	28:000
2 Pamplona	30:000

ZARAGOÇA

El arçobispado de Zaragoça	55:000

Suffraganeos

1 Jarasena	15:000
2 Auesca	16:000
3 Jaca	3:000
4 Balbastre	4:000
5 Jemrel	13:000
6 Albareaunque	5:000

VALENCIA

Arçobispado de Valencia	70:000

Suffraganeos

1 Aorivela	8:000
2 Logorve	8:000
3 Mallorca	12:000

TERRAGONA

Arçobispado de Terragona	28:000

Suffraganeos

1 Barcelona	9:000
2 Urgel	9:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Ducados
3 Elna	4:000
4 Salsona	5:000
5 Vic	6:000
6 Lerida	24:000
7 Tortosa	18:000
8 Girona	10:000

LIBRES

1 Leon	20:000
2 Oviedo	12:000

A Oviedo es anexo el ser conde de Lorena, y estos dos Leon y Oviedo no son suffraganeos de ningun arçobispado ni dan vacante al Papa.

ARÇOBISPADOS Y OBISPADOS DE PORTUGAL

Arçobispados

Arçobispado de Lisboa de a 10 reales de Castilla, vale de renta cada un año	40:000
Arçobispado de Ebora	50:000
Arçobispado de Braga	24:000

Obispados

1 Coimbra, conde de Urganil y señor de Caxas[1], que son del obispado	34:000
2 Porto	10:000
3 Viseu	15:000
4 Algarve	9:000
5 Guarda	9:000
6 Portoalegre	7:000
7 Elvas	7:000
8 Miranda	6:000
9 Leiria	7:000
10 Ceuta y Tanger en Africa	2:000
11 Lamego	16:000
12 Angra en las yslas Açores.	

[1] Condeixa?

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ARÇOBISPADOS Y OBISPADOS DE REYNO DE CERDENA. ARÇOBISPADOS Y OBISPADOS DE LA INDIA ORIENTAL O DE CASTILLA

MEXICO

	Ducados
El arçobispado de Mexico, vale	2:000

Suffraganeos

1 Yutucan	6:000
2 Maxcalla, o pueblo de Angeles	30:000
3 Mechoacan	10:000
4 Guadalajarra	10:000
5 Quescaca	6:000
6 Guadiana	6:000

Chicipa, 50:000 maravedis, que el rey da de salarios a los arçobispados y obispados de las Indias, y tienen mas los diesmos y derechos que no tiene liquidacion su valor.

	Pesos
Campoche	4:000
Honduras, salario y direchos	1:000
Nicaraqua	1:000
Vera Cruz	1:000
Manilla, en las Philippinas	1:000
Santo Domingo	6:000
Havana, salario y derechos	1:000
Santiago, en la isla de Cuba	1:000
Margarita	1:000
Venizuela y Caracas	4:000
Santa Martha	4:000

PERU, ARÇOBISPADO DEL NUEVO REYNO DE GRANADA, SALARIO Y DERECHOS

Suffraganeos

	Pesos
Lima	20:000
Cartagena, salario y derechos	1:000
Santa Martha	1:000
Popayan	1:000
Quito	16:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Pesos
Ensayados	1:000
Panama, salario y derechos	1:000
Cusco	4:000
Las Charcas	5:000
Chile, Santiago	4:000
Valdivia, salario y derechos	1:000
Jucaman	6:000
Paraijo, salario y derechos	1:000

ADVERTENCIAS DE LAS RENTAS

Las rentas de los perlados precedentes, y las de los duques, marqueses, condes, y senores de vasallos que se siguen, se han de entender de bajo de poco mas o menos por la gran difficultad que trae consigo su certidumbre y puntualidad, y ansi las que en este discurso yran expressadas son las que se han podido alcançar a saber que tienen un año con otro, haviendo-se hecho por la persona que ha tomado este trabajo a su cargo las diligencias posibles con los contadores, tresoreros, y administradores de los senores, y tambien por ser los senores unos aplicados y concertados, y otros prodigos y dissipadores de que la experiencia nos enseña, que unos los accrescientan, comprando jurisdiciones, lugares, vasallos, juros, alcavalas y possessiones de rentas conocidas, y otros con facultades reales y diversos medios y vias las venden, enajenan y disminuyen como se vee. No se pone aqui por cuerpo de renta lo que no es permanesciente y perpetuo en una casa y estado, ansi como los hajes, sueldos, y acostamentos que los reyes les hazen en razon de sus officios, con que le sirven ansi en su casa, como en vise reynados, goviernos, y milicia, y lo que les valen a los cavalleros encomendados de las ordenes militares las encomiendas que gozan, porque esto con su fin y muerte le pierden, sino aquello que conocidamente tienen y posseen, y que passa de sucessor en sucessor.

TODOS LOS CONDESTABLES QUE HA AVIDO EN CASTILLA

El primer condestable que ha avido en Castilla fue Don Alonso de Aragon, hijo de l'infante Don Pedro de Aragon, a quien el rey Don Henrique II dio titulo de condestable de Castilla y marques de Villena a imitacion de Francia donde ubo primero condestable, que en Castilla, que hasta entonces no le avia avido en España, y al personaje que hazia el officio llamavan en ella alferes del pendon.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Don Pedro Henriques que le sucedio y fue el segundo condestable. Don Ruy Lopes de Avalez; Don Alvaro de Luna; Don Miguel Lopes de Granja; Don Pedro Fernandez de Velasco; Don Bernardino de Velasco; Don Pedro Fernandez de Velasco; Don Ynigo de Velasco; Don Juan Fernandez Velasco; Don Bernardino de Velasco, que vive este ano de 1615.

TODOS LOS ALMIRANTES QUE HA AVIDO EN CASTILLA

El primer almirante, que ha avido en Castilla, fue Don Remon Bonifaz cuyo cuerpo esta sepultado en el monasterio de San Francisco extra muros de la ciudad de Burgos. Dio el titulo de almirante el rey Don Fercando III a imitacion de Francia, donde mucho tiempo antes que en Castilla se uso de esta dignidad. Sucediole Don Ruy Lopez de Mendoça; Don Pedro Nuñez de Fez; Don Pedro Lasso de la Vega; Miser Benito Corias; Don Juan Mata de Luna; Don Rayo Gomez Chrimo; Don Pedro Dias de Castaneda; Don Nuño Dias de Castaneda; Don Segisberto de Castilnovo; Don Gutierrez de Revallos; Don Alonso Jofre Tenorio; Don Ynigo Bocanegra; Don Ambrosio Bocanegra; Don Fernando Sanches de Tovar; Don Juan de Tovar su hijo; Don Alvaro Perez de Guzman; Don Diego Hurtado de Mendoza; Don Ruy Dias de Mendoza; Don Alonso Henriquez; Don Frederique Henriquez; Don Alonso Henriquez; Don Fernando Henriquez; Don Luiz Henriquez, que vive este año de 1615.

TODOS LOS DUQUES DE LOS REYNOS Y PROVINCIAS DE ESPAÑA Y DE LAS YNDIAS

1 El primero duque, que huvo en España despues de su restauracion por el glorioso rey Don Pelayo, fue su padre Don Favila a quien dio titulo de duque de Cantabria, año de 716.

2 El segundo fue Don Frederique hijo bastarde del rey Don Henrique II a imitacion del qual el rey Don Pedro de Portugal hizo duque de Valencia el infante Don Juan su hijo.

3 El tercero fue el infante Don Fernando, que ganó Antequora y lo fue de Peñafiel.

4 El cuarto fue Don Frederique Henriquez, que lo fue de Aragon, desde el qual adelante fueron los reyes de España dando esta diguidad y titulo ducal a senores particulares, porque hasta alli no lo davan sino a personas reales, como eran padres, hermanos y

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

hijos segundos infantes, como en los exemplares precedentes se vee.

DUQUES DE CASTILLA LA VIEJA, RIOXA Y MONTAÑAS

5 El duque de la Ciudad de Frias, año de 1615, Don Bernardino de Velasco, condestable de Castilla y Leon, tiene de renta cada año 90:000 ducados.

6 Duque de Medina de Rioseco, su apelido Henriquez, renta en cada un año 150:000 ducados.

7 Duque de Alba, su apelido Alvarez, 90:000 ducados.

8 Lerma, su apelido Rojas y Sandoval, 150:000 ducados.

9 Zea, Rejas y Sandoval, encomienda, 11:000 ducados.

10 Peña Aranda De Duero, apelido Zuniga, 50:000 ducados.

DUQUES DE CASTILLA LA NUEVA, REYNO DE TOLEDO, MANCHA Y ALCARRIA

Duques	Apelido	Renta Ducados
11 Del Infantado	Mendoza	100:000
12 Medina Celi	Zerda	55:000
13 Najara	Manriques de Laza	60:000
14 Bejar	Zuniga	75:000
15 Escalona	Pacheco	100:000
16 Maqueda	Cardenas	50:000
17 Pastrana	Gomez da Silva	70:000
18 Uzeda	Rojas y Sandoval	Lerma

DUQUES DE ANDALUZIA Y ESTREMADURA

Duques	Apelido	Renta Ducados
19 Alburquerque	De la Cueva	50:000
20 Medina Zidonia	Guzman	160:000
21 Arcos	Ponze de Leon	80:000
22 Ossuna	Telez Giron	140:000
23 Sessa	Fernandes de Cordova y Aguilar	70:000
24 Veraquas	Colon y Portugal	30:000
25 Alcala.		
26 De Feria.		

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Duques	Apelido	Renta Ducados
27 Villa Hermosa	Gurez, Arajon y Borja	20:000
28 Gandia.		
29 Yxar	Yxar	34:000
30 Cardena.		

DUQUES DEL REYNO DE PORTUGAL

31 Bragança, su apelido Portugal, renta 120:000 cruzados.
32 Aveiro, su apelido Alancastre, renta 50:000 ducados.
33 Barcelos, primogenito del duque de Bragança.
34 Torres Novas, primogenito del duque de Aveiro.

TODOS LOS MARQUESES DE ESPAÑA

El primer marques, que huvo en Castilla fue Don Alonso de Aragon hijo del infante Don Bernardo de Aragon, a quien el rey Don Henrique II dio titulo de marques de Villena, y los que despues han hecho los reyes de España hasta el año de 1615 son los siguientes:

MARQUESES DE CASTILLA LA VIEJA RIOJA Y GALICIA

Marques	Apelido	Renta Ducados
1 Astorga	Albarez el grande	44:000
2 Canonigo de Leon perpetuo de capa y espada, y el rey lo es tambien.		
3 Frechillo	Portugal	20:000
4 De Saria	Castro	40:000
5 De la Veñeza	Vacan	10:000
6 Velado	Avila	45:000
7 Vilafuentes	Zuniga	25:000
8 Zeralbo	Pacheco	10:000
9 De las Navas	Avila	20:000
10 Del Poço	Rojas	32:000
11 Vianos	Piementel	15:000
12 Fromista	Benavides	10:000
13 Alcanicas	Enriquez	25:000
14 Almaçan	Mendoça	16:000
15 Tavara	Piementel	16:000
16 Mirabeles	Zuniga	14:000
17 Montesclaros	Mendoza	12:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Marques	Apelido	Renta Ducados
18 De la Mota	Ulloa	20:000
19 Pouar	Gusman y Avila	12:000
20 Salinas	Velasco	16:000
21 Serato	Acuña	12:000
22 Ynojosa y German		8:000
23 Flores Davila †	Zuniga.	
24 Joral	Guzman el bueno.	
25 Valderavano ✠	Henriquez.	

Es el que lo possue del habito de Alcantara y comendador de Piedra buena que vale 9:000 ducados.

MARQUESES DEL REYNO DE TOLEDO, MANCHA Y ALCARRIA

Marques	Apelido	Renta Ducados
1 Mondejar G. C.	Mendoza	30:000
2 Santa Cruz †	Bazan es Grande	36:000
3 Monte Maior ✠	Sylva	15:000
4 Moya	Cabrera	22:000
5 Cañete. Hurtado	Mendoza ✠	44:000
6 Almenara	Mendoza	26:000
7 Ladrada	Buna	8:000
8 Auñon	Herera	12:000
9 Malagon	Portocavera	26:000
10 La Laguna ✠	De la Zerda	12:000
11 Villamicar	Sandoval	10:000
12 Malpica †	Ribera	30:000
13 Caracena	Carillo	12:000
14 Aldeanueva	Fonseca	13:000
15 Poquelo	Sandoval y Rojas	20:000
16 Velmente	Rojas y Sandoval.	
17 Villa	Zuniga y Piementel	30:000

MARQUESES DE ANDALUSIA Y REYNOS COMARCANOS

Marques	Apelido	Renta Ducados
1 Riega G. C.	Cordova y Aguilar	80:000
2 Sesto G. E. ☠	Spinola	100:000
3 Comares	Cordova	46:000
4 Valle de Guajaca †	Cortez	70:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Marques	Apelido	Renta Ducados
5	Ayamonte	Zuniga y Sotomayor	30:000
6	Villa Nueva del Frezno	Portocarrero	28:000
7	Ordales	Mendoza	12:000
8	Villa Nueva del Rio	Henriquez de Ribera	26:000
9	Carpio	Aro	30:000
10	Estepa	Centurion	34:000
11	Alcala de la Lameda	Lopez Carrera	15:000
12	Lanzarote en las Canarias	Pareja y Herrera	8:000
13	Villa Manrique	Zuniga y Sotomaior	12:000
14	Algava	Guzman	14:000
15	La Guardia	Mexja y Carillo	30:000
16	De Fuentes	Fuentes de Guzman	12:000
17	Guadalazar †	Cordova	12:000
18	Loziana ✠	Mexia de Obando	14:000
19	Orellana	Fonseca	10:000
20	Sieteyglesias†	Calderon, Vargas y Comargo	26:000
21	Zelada	Cordova y Aguilar	6:000
22	Bedmar †	De la Cueva	6:000

MARQUESES DE LOS REYNOS DE ARRAGON, VALENCIA, NAVARRA, ZERDEÑA Y PRINCIPADO DE CATALUÑA

	Marques	Apelido	Renta Ducados
1	Navarris	Borja	8:000
2	Guadaleste	Cordova	16:000
3	Laconi	Castelluy	10:000
4	Villasoris	Arragon	8:000
5	Carmarassa †	Cobos	60:000
6	Cortes	Navarra y Cordova	6:000
7	Terra Nova	Maçaladron de Zivera	14:000
8	Fralces	Alagan	8:000
9	Ariça	Palafax	12:000

MARQUESES DE PORTUGAL

	Marques	Apelido	Renta Ducados
1	Villa Real	Meneses	34:000
2	Castello Rodrigo ✠ G. C.	Moura	30:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

TODOS LOS CONDES DE ESPAÑA

El primer conde que ubo en Castilla fue Don Rodrigo conde della, y tras Diego Porçeles, fundador que dizen que fue de la ciudad de Burgos, y los que despues han hecho los reyes de España son los siguintes:

CONDES DE CASTILLA LA VIEJA, GALICIA, RIOJA Y BISCAYA

	Marques	Apelido	Renta Ducados
1	Benavente G. C. 1. †	Piementel	100:000
2	Lemos G. C.	Castro	40:000
3	Alba de Lista G. C.	Henriquez y Gusman	36:000
4	Santa Gadea G. C.	Padilla	40:000
5	Salinas	Sarmiento y Villandrado	30:000
6	Oñatte	Velez de Guevarra	6:000
7	Ribadabia	Sarmiento	20:000
8	Aquilar	Ramirez de Arrellano	18:000
9	Buendia	Acuña	10:000
10	Castro	Mendoza	10:000
11	Paredes	Manrique	8:000
12	Ossorio	Manrique	24:000
13	Altamira G. C.	Moscoso	24:000
14	Salvatierra	Ayala	16:000
15	Santistevan de Gormaz	Pacheco	12:000
16	Nieba	Zunigo y Velasco	15:000
17	Galbe	Zerda	8:000
18	Altudillo	Manrique Henriques	10:000
19	Fuentes de Val de Opero	Azevedo	8:000
20	Fuensaldaña	Vivero	10:000
21	Leytosa	Mon Roy	12:000
22	Del Varco	Toledo	9:000
23	Villanueva de Canedo	Fonseca	10:000
24	Salazar	Velasco	10:000
25	Valduerna	Bazan	8:000
26	Aramayona	Ydiaquez	12:000
27	Salvaterra de Galicia	Su apelido Sarmiento y Sotomayor	12:000
28	Mayalde	Borga	12:000
29	Ampudia	Alava	26:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CONDES DEL REYNO DE TOLEDO, ALCARIA E CASTILLA LA NUEVA

	Condes	Apelido	Renta Ducados
30	Oropesa	Alvarez de Toledo	60:000
31	Zifuentes	Silva	20:000
32	Pliego	Carillo y Mendoza	12:000
33	Fuensalida	Aya	44:000
34	Orgaz	Mendoza	12:000
35	Puebla de Montalban	Pacheco, Telez, Xiron	20:000
36	Puño en Rostro	Arvas	26:000
37	Varapas	Zapata	20:000
38	Villamor	Alvarado	30:000
39	Peñaranda	Bracamonte	12:000
40	De los Arcos	Lasso de la Vega	14:000
41	Torrejon	Caravajal	4:000
42	Villa Mediana	Taxis	12:000
43	Fuenteduena	Luna	13:000
44	Añover	Niño de Guzman	14:000
45	Cassa Rubias	Chacon	14:000
46	Villa Verde	Guzman	14:000
47	Ayala	Fonseca	22:000
48	Villalcuso	Ulloa	12:000
49	Grajal	Vega	14:000
50	Castrillo	Avellaneda	8:000
51	Fuendelsanco	Deza	16:000

CONDES DE ANDALUZIA, ESTREMADURA Y REYNOS COMARCANOS

	Condes	Apelido	Renta Ducados
52	Medellin	Portocarrero	17:000
53	S. Estevan del Puerto	Benavides	18:000
54	Alcandette	Cordova y Velasco	24:000
55	Vailen	Ponce de Leon	8:000
56	Puebla del maestre	Cardenas	28:000
57	Castellar	Saa Vedra	14:000
58	Gelbes	Portugal	12:000
59	De la Gomera	Ayala	6:000
60	Fuerte Ventura	Argatte	7:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Condes	Apelido	Renta Ducados
61 Montijo	Argatte	7:000
62 Linares	Silva	8:000
63 Cantillana	Vicenteli	18:000
64 De la Oliva	Calderon hijo del marques de las 7	
65 Yglesias	Renta lo que aguarda de su padre.	

CONDES DE LOS REYNOS DE ARRAGON, VALENCIA, NAVARRA, CERDENA Y PRINCIPADO DE CATHALUÑA

66 Gran condestable de Arragon es el que lo possee año de 1615, Duque de Cardena y Segarbe, titulo que no se herede sino que los reyes le dan a quien son servidos y lo mismo el del almirante.

Condes	Apelido	Renta Ducados
67 Almirante de Aragon	Mendoza	3:000
68 Aranda	Vrea	44:000
69 Sastago	Alagon	22:000
70 Morata	Luna	15:000
71 Fuentes	Fernandez de Heredia	20:000
72 Ricla	Luna	17:000
73 Lerin	Lerin	12:000
74 Consentana	Corella	16:000
75 Lodosa	Mendoza	8:000
76 Almenara	Proxita	6:000
77 Albaida	Milan	12:000
78 Elda	Coloma	8:000
79 Valfogoña	Pixos	7:000
80 Gumaran	Castel y Pinos	12:000
81 Sa Valla	Pujadas	8:000
82 S. Coloma	Queral	8:000
83 Eril	Eril	7:000
84 Monte a Gut	Ervillas	4:000
85 Villa Longa	Franquessa	24:000
86 Laquas	Pardo de la Casta	6:000
87 Castellar	Villa Nova	14:000
88 Carlet	Castetia	6:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Condes	Apelido	Renta Ducados
89	Peraleda	Cerbellon y Roiaverti	4:000
90	Plassencia	La Nuea	8:000
91	Zedilla	Zerbeben	6:000
92	Oluca	Cendellas	12:000
93	Cuellar	Zetrillos	5:000
94	Sinarcas	Ladron de Palas	8:000
95	Uñol	Mercader	10:000
96	Aña	Pujadas	10:000
97	Rocal	Calotayud	6:000

CONDES DE PORTUGAL

	Condes	Apelido	Renta Ducados
98	Condestable de Portugal, 1615, el duque de Bragança.		
99	Conde de Fentaval	Mello	16:000
100	Mira	Noroña	9:000
101	Vimioso	Portugal	8:000
102	Portalegre	Silva	12:000
103	Castanheira	Ataide	15:000
104	Redondo	Coutinho	8:000
105	De la Vidigueira	Gama	10:000
106	Linhares	Noroña	18:000
107	Del Basto, 1633	Castro Pro Rex	8:000
108	Santa Cruz	Mascarenas	9:000
109	Villa Nova	Castelblanco	20:000
110	Monsanto	Castro	18:000
111	Ficalho	Borja	10:000
112	Atalaya	Manuel	8:000
113	Setubal	Castelblanco	14:000
114	Alavignia (?)	Ataide	8:000
115	Villa Franca	Comara	10:000
116	Calheta	Camara	7:000
117	Tarouca	Menesez	8:000
118	Alserreira	Pereira	6:000
119	Castello Melhor	Vasconcelos	10:000
120	São Juan	Tovara	16:000
121	Miranda, 1633	Sosa, presidente de fazenda	20:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ADELANTADOS QUE HA HECHO EL REY DON PHELIPE III

	Ducados
Adelantado mayor de Terenorte, Don Sancho Bravo de Acuña.....	12:000
Adelantado mayor del nuevo reyno de Galiçia, Don Francisco de Cordova Boca Negra y Pacheco, primer adelantado del habito de Santiago, como el otro de Alcantara.....	18:000

CAVALLEROS Y SEÑORES DE VASSALLOS, QUE JURAN A LOS PRINCIPES DE ESPAÑA Y OTROS PARTICULARES DELLA

La primera provincia que tubo señor en España fue la de Biscaya. El primer señor della fue Don Curia, que en vasquenza o lengua cantabria quiere dizer Don Blanco. Fui nieto del rey de Escocia y natural de aquel reyno. Començo a ser señor de Biscaya el año de 870. A quien sucedio Don Manso Lopes su hijo y a este otros, hasta que el rey Don Juan I de Castilla se intitulo señor de Biscaya y la incorporo en su corona, como lo está. Aunque antes desto huvo ynfasones, que eran como agora señores de vassallos, y los que despues han hecho los reyes de mas nombre, son los siguintes:

		Ducados
Villa de Suque.....	Vega.....	8:000
Villa Toro, etc.....	Avila.....	16:000

Señores se hallan nombrados mas de 225, por abreviar no se nombran aqui, ni se ponen las rentas, basta dezir que dellos algunos valen por año 8:000 ducados, otros 10:000, otros 12:000, otros 16:000, otros 6:000, otros 7:000, y de todas rentas desde 2:000, hasta 20:000. Uno ay de 24:000.

Los Titutos de Espña y de las Yndias, que son cabeças de los apelidos, y los que no lo son de casas, y los grandes de España en Italia sus apelidos y rentas, los criados de la real casa, el modo de assistentes en su capilla, orden de comer los reyes en publico, salir a cavallo, ou en coche, mudanças de cortes y otras particularidades.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

DUQUES

1 El Duque de Infantado tiene su estado en la ciudad de Toledo, Montanãs, y Granado, es cabeças de los Mendozas, su casa en Guadalajarra, renta en cada un año, 100:000 ducados.

2 Duque de Frias condestable de Castilla, tiene su casa de Burgos y su estado en Castilla la vieja. Es justicia mayor de España, es cabeça de los Velascos, renta 90:000 ducados.

3 Medina de Rioseco, almirante de Castilla, tiene su estado en Campos y Sicilia, su casa en Valladolid, es cabeça de los Henriquez, renta en cada uno año 150:000 ducados.

4 El Duque de Medina Cedonia tiene su casa y estado en Sevilla y Andaluzia, es de los Guzmanes, renta, 16:0000 ducados.

5 Medina Celi tiene su casa en Cogulludo, su estado en el reyno de Toledo, es cabeça de los Cerdas, renta, 55:000 ducados.

6 Alba, cabeça de los Toledos, su casa en Alba estado en Castilla la Vieja, Granada y Portugal, renta, 90:000 ducados.

7 Alcala de los Gavilos, es cabeça de los Riberos, tiene su casa y estado en Sevilla, renta, 100:000 ducados.

8 Albuquerque, cabeça de las Cuevas, su estado en Castilla la Vieja y Estremadura, su casa en Cullar, renta 50:000 ducados.

9 Escalona, cabeça de los Pachecos, su casa en Escalona, estado en el reyno de Murcia, 100:000 ducados.

10 Ossuna, notario mayor de Castilla, su casa en Ossuna y Peñafiel, estado en Andaluzia, es cabeça de los Yzones, renta, 140:000 ducados.

11 Arcos, cabeça de los Ponzes de Leon, su casa y estado en Sevilla, renta, 80:000 ducados.

12 Bejar, cabeça de los Zunigas, su casa y estado en el reyno de Sevilla, renta 75:000 ducados.

13 Sessa, cabeça de los Cordovas, su estado en Napoles, Cathaluña, y Andaluzia, su casa en Cordova, renta, 75:000 ducados.

14 Gandia, cabeça de los Borjas, su casa e estado en Valencia, renta 80:000 ducados.

15 El Duque de Majeda y Najara es cabeça de los Cardenas y Manriquez de Lara, su casa en Toledo y estado en el reyno de Toledo, su apelido de Padre es Cardenas y de Madre Manriquez de Lara, renta 110:000, los 60:000 por Maqueda y 50:000 por Najara.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

16 Feria, cabeça de los Figueras, tiene su casa en Zafra, y estado en Estremadura, 65:000 ducados.

17 Cardena, cabeça de los Aragones y Cardenas, su casa y estado en Cathaluña, 150:000 ducados.

18 Veraguas, su estado en las Yndias, es cabeça de los Columbos, renta 30:000 ducados.

19 Villa Hermosa de la casa de Aragon, su casa en Zaragoça y estado en Aragon, 20:000 ducados.

20 Pastrana, es de la casa de las Sylvas, tiene su casa en Madrid y estado en Alcarria y reyno de Napoles, renta 70:000 ducados.

21 Lerma de la casa de Sandoval y Rojas, su casa en Lerma y estado en Castilla la Vieja y Valencia renta, 150:000 ducados.

22 Uzeda hijo de Lerma, renta lo que de su padre aguarda.

23 Zea hijo del de Uzeda, tiene la renta que aguarda de su padre el de Uzeda y del de Lerma su Aguelo.

24 Peñaranda de la casa de Zuniga, cabeça de los Albellanedos, tiene su casa en Peñaranda, su estado en Castilla, renta 50:000 ducados.

MARQUESES GRANDES

1 Astorga, señor de la casa de Villalobos, cabeça de los Osorios, tiene su casa en Astorga, su estado en el reyno de Leon y Campos, tiene de renta 44:000 ducados.

2 Aguilar de la casa de los Manriquez de Lara, su casa en Aguilar, estado en la Montana, 30:000 ducados.

3 Mondejar de la casa de Mendoza, su casa em Mondejar, estado em Alcarria, reyno de Toledo, renta 30:000 ducados.

4 Pliego de la casa de Aguilar, su casa en Cordova, estado en Andaluzia, 80:000 ducados.

5 Havares, su casa y estado en Valencia, es la casa de los Boijas, 8:000 ducados.

6 De los Veles, cabeça de los Fajardos, su casa y estado en Murcia, 40:000 ducados.

7 Santa Cruz, de la casa de Baçan, tiene la casa en el Visco, estado en Andaluzia, 26:000 ducados.

8 Villafranca, de la casa de Toledo, su casa en Villafranca, su estado en Galicia y reyno de Napoles, 70:000 ducados.

9 Aytona, de la casa de Cordova, su estado y casa en Aragon, renta, 20:000 ducados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CONDES GRANDES

1 Benavente, cabeça de los Pimenteles, tiene su casa en Valladolid y Benavente, estado en Campos, renta 100:000 ducados.

2 Lemos, cabeça de los Castros, su casa en Lemos y estado en Galicia, renta 30:000 ducados.

3 Alba de lista de los Henriquez y Toledos, tiene su casa en Samora, y estado en Castilla la Vieja, renta 36:000 ducados.

4 Oropeza, de la casa de Toledo, su estado en Toledo, y casa en Oropeza, renta 60:000 ducados.

5 Santa Gadea, adlantado mayor de Castilla, de la casa de Padilla, su casa en Santa Gadea y estado en Castilla la Vieja, renta 40:000 ducados.

GRANDES DE ESPAÑA EN ITALIA

Todos los hijos segundos de los potentados lo son :

1 El Duque de Bracciano, cabeça de la casa Orsina Romanes, su casa en Roma, estado en la Campaña de Roma y Toscana, renta 12:000 ducados.

2 El Duque de Pallano y Tagliacozza, condestable del reyno de Napoles, cabeça de la casa Colona Romanes, su casa en Roma, estado en Campaña de Roma y reyno de Napoles, 12:000 ducados.

3 El principe de Bisignano, tiene muchos titulos, cabeça de la casa Sanseverina, su casa y estado en Napoles, renta 150:000 ducados.

4 El principe de Molfecta, de la casa de Gonzaga, gran justicier de Napoles, duque de Guastalla, su casa en Guastalla, estado en Napoles y Lombardia, renta, 70:000 ducados.

5 El principe de Melfi, de la casa de Doria, gran protonotario de Napoles, Genovez, sua casa en Genua, estado en Napoles y Genovesado, renta 100:000 ducados.

6 El principe de Asculi, de la casa de Leiva, estado en Napoles, renta 40:000 ducados.

7 El duque de Montalto, principe de Palermo, de la casa de Moncada y Aragon, tiene su casa en Palermo, estado en Napoles y Sicilia, 150:000 ducados.

8 El duque di Terranova, principe de Castel-Vitrano, de la casa Tolla Dia y Aragon, su casa en Palermo, estado en Sicilia, renta 70:000 ducados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

9 El marquez de Sesto, de la casa Spinola, Genovez, su casa en Genua, estado en Napoles y Genovesado, renta 120:000 ducados.

10 El marquez de Pescara y Guasto, de la casa de Avalos y Aquino, gran camerlingo en Napoles, su casa y estado en Napoles, renta 30:000 ducados.

LOS TITULOS DE GRANDES EN ESPAÑA QUE TIENEN TUSONES

Su Magestad El Rey Don Phelippe IV, cabo de la orden del Tuson.

El duque de Alba.
El duque de Ossuna.
El duque de Arcos.
El duque da Medina Celi.
El marques Spinola.
El duque de Escalona.
El duque de Medina Sidonia.
El conde de Oropesa.
El duque de Cardeno.
El duque de Montalto.

CARGOS GRANDIOSOS QUE PROVEE SU MAGESTAD

Virre de Napoles, Navarra, Portugal, Valencia, Sicilia, Zerdeña, Aragon, el Peru, Mexico, la Yndia Oriental, Mallorca, Cataluña, governador de Milan, generalissimo de la mar, general de las galeras de España, general de las galeras de Napoles, general de las galeras de Sicilia.

General de las galeras de Genua.
General de las galeras de Portugal.
Maestre general de campo de España.
Maestre general de campo de Portugal.
General de la cavallaria de España.
General de la artilleria de España.
General de la cavallaria de Milan.
Tercios ordinarios del presidio en Napoles, Sicilia, Portugal y Milan.
Governador de Galicia.
Governador de Flandes.
Governador de Oran.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Maestro de campo general de Flandes.
General de la cavalleria de Flandes.
General de la artilleria de Flandes.
General de la armada del mar oceano.
Almirante real della.
General de las galeras de Plata.
General de la flota, almirante d'ella, embaxador en Roma, en Alemaña, en Francia, en Ynglaterra, en Flandes, en Venecia, en Savoya, en Genua, en Florencia.

CRIADOS Y CRIADAS DE LA REYNA

Camerera mayor, 20 damas con sus criadas, aya del principe y infantes, 6 damas de retrete, 8 moças de camara, 5 amas de los principes, 1 espolera, 1 lavandera del cuerpo de su magestad, 1 lavandera de los principes, dos guardas mayor y menor de las damas, seys dueñas de Honor, 4 ayudas de camara, 12 mosas de retrete, enfermera de damas.

13 Aazafatas, lavandera de estado, maestra de labor, guarda joyas mayor y dos menores, 4 mosas de estado de las damas, mayordomo mayor, 5 mayordomos, 12 meninos, contador mayor de Gajes, 4 audas, 1 secretario, 1 thesorero, escrivano de camara, aposentador mayor, 4 aposentadores y ayudas, 12 medicos de camera, 6 de familia, 1 cirujano, 6 gentil hombres de accompañamento, 11 escuderos, 2 guarda damas, 4 porteros de damas, 1 enfermero de damas, 1 uxer de saleta, 1 guadarnez, 1 guarda mayor furiel mayor y 5 ayudas, 1 grafier, 4 correos, tapicero mayor y menores, maestresala de las damas, maestre de dançar, 4 officiales de guarda menyel, 4 reposteros de plata, 8 reposteros de camas, 1 contador, 1 maestre de violones, de todos artistas de la corte ay uno de la reyna, y pone sus armas en la tienda.

COZINA DE LA REYNA

1 Viandero dos behedores, 1 behedor de criados, 1 partidor, 1 comprador, 4 aguadores, 1 cozinero mayor, 2 portaros de cozina, 4 officiales, 1 fiambrero de panaderia, 1 panadero de boca, otro fiambrero de cava, otro del comun, 1 despencero, 1 pastelero, 1 lechero, contador de fruta y leña, 1 portaxier, 1 salserero dos mosos de ayuda de la salserera.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAVALERIZA DE LA REYNA

Cavallerizo mayor, cavallerizo primero y segundo, teniente vehedor, contador, 4 furieles, 3 albeitares, 3 lacayos, 22 azomileros, 20 mosos de cavalleriza, 10 cocheros, 10 mosos de cocheros.

CAPILLA SECRETA DE LA REYNA

Confessor, cerero mayor, limosnero mayor, dos menores de la cereria, dos limosneros obleso, dos mosos del oratorio; aqui dizen missa los capellanos del rey quando son llamados y van por sus tornos.

SERVICIOS Y CRIADOS DEL REY

Sumiller de corpus, 5 mayordomos, mayordomo mayor, gentiles hombres de la camera con llave dorado sin numero cierto, ayo del principe, gentiles hombres de boca, gentiles hombres de la casa, secretario y guarda de los papeles de su magestad, contador mayor de Gajes, pagador, aposentador mayor, guarda joyas, contador de libreas, 10 guarda joyas, 10 continuos, 1 cirujano, 4 ayudas de camara, 6 mosos de retrete, 6 reposteros de camas, 12 oxieres de saleta, 8 algeristas, sarrandero mayor y menor, aguador mayor y menores, 4 mazeros, 24 pajes mas o menos con sus maestres y ayo, tresorero, correo mayor, 38 aposentadores, 2 medicos de camara, 8 de familia, 4 contadores de casa real, 50 monteros de espinosa que son guardas de camera, dos mosos de camera tapicero mayor y menores, 6 ayudas y mosos, 8 porteros, 4 peloteros, despavillador mayor y dos menores. De todos los officios de la corte ay uno del rey que tiene las armas reales en su tienda.

GUARDAS DEL REY

100 Harcheros, borgoñones y flamencos, 100 halabarderos españoles, 100 halabarderos alamanes, la guarda vieja de acavallo que son 50 españoles, la guarda vieja de a pie que son otros 50.

LA ARMERIA

Armero mayor, 10 officiales de la armeria, 4 porteros de la armeria, 24 trompetas, 16 pifanos, 10 mosos de armeria, 6 mosos que limpian el polvo, 4 reyes de armas, ocho acabaleros, 16 atambores.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

SERVICIO DE BOCA Y COÇINA DEL REY

Los gentiles hombres de la camera y de la boca sirven por sus tornos a la mesa a su magestad, como las damas a la reyna y el servicio de la coçina tiene duplicado del de la reyna.

OFFICIOS DE LA CASA

Caçador mayor, 6 caçadores, 10 maestros ballesteros, 1 criado de perros, 11 catariveros, 14 mosos a cavallo con cada uno su azor, 4 ayudas, 2 tenientes de caçador mayor, ocho mosos de caça a cavallo, 2 capellanes, 4 monteros de caça, 13 mosos de lebreles, 12 mosos de ventero, 4 caçadores de behu, 8 monteros de trailla con 4 sottomonteros de caça con sabuessos, sus sabuessos 1 rodero y 4 guardas de perros, 6 guardas de las redes y pertrechos de caças. Todos estos y mas los cavalleros que van sirviendo a su magestad salen juntos a cavallo, quando el rey va a caça.

OFFICIALES DE LA CAVALLERIZA DEL REY

Cavallerizo mayor, teniente de cavallerizo mayor, 4 cavallerizos, 8 cavallerizos participantes, 2 vehedores, 1 contador, 24 lacayos, 10 picadores, 4 cocheros de su magestad, 4 albeitares, 12 xefos mosos, 20 azemileros tiene su magestad, otros 2 cavallerizas donde se crian potros en Cordova, otra en Napoles.

CAPILLA REAL

Capellan mayor de capella real, confessor de su magestad, 2 sumilleres de cortina, capellan del altar, capellanos de honor que se sientan y cubren teniendo sobrepellizos, ay tres generos dellos. 1.°, de Castilla y los paga el rey; 2.°, de la corona de Aragon y los paga la corona; 3.°, de las ordenes Santiago, Calatrava y Alcantara, san Juan, Christo, Montesa, e a estos los pagan las mesas maestrales destos ordenes, y son a nombramiento del rey y todos yguales en grados, 1 maestre de capilla,mayor, y 60 musicos salareados por su magestad, 1 teniente de maestre de capilla, 2 organistas, 1 sacristan mayor, 1 limosnero mayor, 2 maestres de ceremonias, 6 mosos de oratorio, dos sacristanes menores, 2 limosneros menores, predicadores de su magestad con salario son fraytes y clerigos, aunque otros predicadores predican en palacio no tienen lugar en la capilla y los otros del rey si con los capellanes de honor se assientan y cubren,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

2 furieles que guian los paies con las hachas al evangelio y al alçar y no dejar cruçar la capilla real, 1 cerero mayor y 3 ayudas, 1 oblero.

CEREMONIAS DE LA CAPILLA REAL

En la capilla real ninguno se cubre, si no es grande, o bispo, o embajador de rey coronado y Venecia, y los capellanos de honor con sobrepellicos. A la mano derecha del altar mayor arrimada a la pared esta un banco rasso cubierto con alhombra el rostro al cuerpo de la yglesia, en el qual se assientan los obispos, que se hallan presentes a los divinos officios, luego al pie de la grada del altar esta el sitial con dosel, con cortinas y alfombras y silla para su magestad y almohadas para las rodillas y braços que son siempre de concierto con el frontal del altar salvo si tiene luto su magestad, mas abajo fuera del arco de la capilla esta un banco largo raso cubierto con un tapiz a donde se sientan los grandes. Al otro lado de la mano yzquierda del altar esta en la grada una silla obispal, para el capellan mayor, y para vestirse los obispos que dizen missa a su magestad luego mas abajo frontero de su magestad esta un banco rasso cubierto para el nuncio y otros embajadores, con otro banco rasso delante cubierto de terciopelo a rodillarse.

Mas abajo fuera del arco en frente del banco de los grandes estan dos bancos uno de tras el otro largos, abajo y discubiertos para los capellanes de honor, detras los bancos de los grandes y capellanes estan en pie y descubiertos todos los cavalleros, titulos, y particulares, y criados de embajadores que van a la capilla veer los divinos officios.

Entre la cortina del rey y el banco de los grandes se pone un escabelizo raso para el mayordomo mayor el qual se assienta y cubre aunque no es grande en aquel lugar por razon de su officio, y detras del estan dos archeros de guarda, cerco dela cortina del rey. estan en pie los dos sumilleros y maestro de ceremonias estos avisan a la dignidad que se halla en la yglesia para que lleve a besar el Evangelio y la paz, a su magestad y los sumilleros corren la cortina de delante y la de los lados los quarto mayordomos van delante de la dignidad y buelben con ella hasta la peana del altar y se buelben en su lugar que es detras de los embajadores en pie, y no aviendo dignidad lleva el missal y la paz uno de los capellanes. Al gran prior de san Juan da lugar su magestad como su sobrino para que entre en la cortina real y se assiente en una silla de res-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

paldar detras de su magestad frontero del altar al pie de la capilla estan quatro tribunos en la mas bajo, que esta a la par de la eglesia. En esta oyen missa la reyna, principe, y enfantes, y por estar toda la tribuna cerrada no son vistos.

En la segunda esta la musica y tambien ay algunos bancos en que se sientan cavalleros y titulos, que se van para oyr missa, y los officios sentados y cubiertos porque alli no se entiende capilla y es licito cubrirse y assentarse cada uno. En los otros dos tribunos de arriba acudan las damas y criadas de la reyna, y otras señoras, que van a la capilla, y es forçoso entrar por el quarto de la reyna que no ay otra entrada. Dia de los Reyes offrece su magestad en memoria de los tres de oriente tres vasos de plata, que se dan a monasterios de monjas pobres, y el dia que su magestad cumple años ofrece otros tantos escudos de oro; el dia de la Purificacion recibe una vela de mano do que dize la missa al pie del altar, tambien cenizas en dia de cenisa, el Jueves Santo lava los pies y da de comer a los pobres como en Roma el papa, y los manda vistir. Si el nuncio es cardenal se le pone silla en la capilla real, como al rey y lo mismo a otro qualquier cardenal en frente de su magestad. Quando su magestad va a la capilla se ponen las guardas de los alabarderos españoles y alemanes en éla desde la puerta de la sala de la guardia hasta la de la capilla, los españoles a la mano derecha, y a la buelta gozan della los alemanes, por el medio van los furieles della capilla y luego los cavalleros y titulos, que le accompañan, y detras dellos los mayordomos con sus bastones y luego los grandes dos en dos, y el principe de Savoya el postrero a la mano derecha del grande que le accompaña y luego el rey, y detras del el nuncio y embajadores por su orden detras los cavallerizos y mayordomo mayor, detras bien en tropa los archeros. Si algun cardenal se halla en el accompañamiento va a la mano ysquierda de su magestad y a la salida guarda esta orden, y su magestade sale descubierto hasta en medio de la capilla y alli se cubre y da dos passos y manda al principe su sobrino que se cubra, y dando otros dos passos se buelbe a los embajadores y los manda cubrir, y en llegando a los umbrales de la puerta de la yglesia manda al grande, que esta mas cerca que se cubra haziendo la señal con la cabeça y el grande va con este cuydado bolviendo atras la cabeça para este effecto y haze una reverencia, y luego los demas se cubren.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

COMO COMEN LOS REYES EN PUBLICO

En las fiestas mas principales suelen comer en publico sus magestades como las Pascuas y dia de Reyes y cada uno por si mas ordinariamente, y el servicio de la reyna en tales dias es el siguiente.

Ponese la mesa sobre una grade y tarima algo alto del suelo cobierto con alhombras, y debajo de dosel, se ponen unos manteles y encima dellos un guadamaci y sobre el otros manteles y ala cabeçera el servicio de su magestad dobado como suele, y encima de la primera servilletta se ponen dos panes uno muy grande y blanco, y otro pequeño moreno, del qual come de ordinario su magestad, y encima otro servilletta cubierto todo com un plato de plata, y luego toda la mesa va cubierta con un paño labrado y debajo queda el salero y servicio de cortar. Al traer de la comida van delante tres corporales de las tres guardas, archeros y alabarderos españoles y alemanes, y luego siguen los maçeros con sus maços de plata sobredorados con las armas de Castilla y Leon, luego los quatro mayordomos con sus pajes abordenando entre elles; detras el mayordomo mayor con su baston alto a los ombros, y detras siguen los meninos con la comida cercados todos de los de la guardia, y cubierto el mayordomo mayor. Mi mientras passa la comida todos los que ay por donde passa se hande descubrir, y las guardias tienen cuydado de avertirles, y ansi en el aposento o sala donde esta la comida de los reyes, o parte della, o la copa en que beben no se ha de cubrir nadie si no es grande, o el mayordomo mayor. Puesta la comida a la mesa por el mayordomo mayor sale la reyna, y sentada a la mesa se da lugar que entren algunos que la queiren ver comer. De las damas tres a tres cada dia por su torno lleganse a servir a la mesa, la una va descubriendo los platos por su orden y los va dando en manos de la qual enseña el plato a la reyna, y su magestad calla y da el plato a la tercera, que haze dello platillo para la reyna y luego da el plato en mano de un menino, que le lleva fuera. Estas tres damas que sirven estan con sus toallas al ombro y muy bizarro. Un capellan de honor se halla siempre a echar la benedicion a la mesa, y le suelo mandar dar la reyna un plato. Alça la cabeça y luego le embia fuera y a cada plato se le muda servilletta, y el numero de los platos es de 15 arriba en comidas publicas. Quando su magestad quiere beber haze senal con la cabeça a una de las damas que

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

sirven a la mesa y esta a otra dama que assiste para dar la bebida, y esta a uno de los 4 mayordomos, y el accompaña uno de los meninos hasta la puerta de la pieça, y luego un oxier de saleta acompaña al menino hasta el aparador de la botilleria. Luego el que tiene quento de la botilleria da en mano del menino una salba con una tassa cubierta llena de agua, que no beve vino la reyna, y lluego el menino accompañado del mismo oxier llega hasta la puerta de la pieça, y alli se queda el oxier, y el mayordomo le accompaña hasta donde esta la grada, donde esta la dama y con el menino. Llegan a los pies de su magestad de rodillas tomando la dama la salba de la mano del menino y la pone en la mano derecha, luego toma el tapador de la taça con los dedos de en medio de la mano ysquierda, y con los otros dos primeros toma la salba, y luego con la derecha toma la taça y hecha en la salva un poco de agua, que tiene, beve della y luego pone la taça sobre la salba, y passandola ala derecha con la ysquierda buelve a tapar la taça, y tomandola otra vez en la ysquierda la da a su magestad, y luego con la derecha descubre el vaso, y en acabando de beber la reyna, buelve la dama a cubrir el tasso levantandose en pie y haziendo reverencia lo buelve a dar todo al menino, como lo trujo, el qual con el mismo accompañamento que antes lo buelbe a quien se le dio. Al venir la fruta salen los mayordomos con el mismo accompañamento que antes, y con aviso de una de la damas, que sirven a la mesa, y los meninos la llevan en las manos y la dan a una de las dichas damas, que la ponen, y entretanto quitan la comida de la mesa y la dan a los meninos que la llevan. Al tiempo que su magestad come los grandes, que se hallan presentes, estan en pie arrimados a la pared, y las damas que no sirven aquel dia estan en la misma pieça hablando con sus galanes, que en aquel tiempo les es licito, y las que estan sirviendo suelen bolverse de quando en quando con alguma occasion, y saludan a los suyos mientras su magestad come y mientras passa la comida. En tales dias suelen en el patio del palacio tocar caxas, atabales, trompetas, y piffanos por alegria.

COMO COME EL REY

Las mismas ceremonias se usan quando el rey come en publico en su quarto, si no, que en lugar de las damas sirven a la mesa los gentiles hombres de la boca tambien por sus tornos, y los mismos sirven a la comida a tales dias en lugar de los pajes todos descu-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

biertos, y con capa y espada, solo el mayordomo mayor se cubre por rason de su officio.

Assiste mas a la mesa del rey el ayuntamiento o cavildo de las villas, y los 4 reyes de armas con sus ropas grandes, con las armas de Castilla y Leon, y los maçeros con sus maços de plata dorados con las mismas armas, y se reparten dos al rey y dos a la reyna, y accompañan tambien la comida con los corporales y guardas, como esta dicho, y quando comen sus magestades juntos en publico todo esto se junta mandandose con la misma orden sin differencia alguna.

COMO SALEN LOS REYES EN COCHE

Va avisando antes con trompetas y tambores, quando sus magestades hande salir, y luego se ponen a punto los cavalleriços y demas personas que han de yr en el accompañamento, y los coches en llegando bajan sus magestades trayendo el rey la reyna a la mano derecha, accompañados delante de sus gentiles hombres de la camara, boca, y casa, mayordomos, y meninos y pajes, y tras del van la camarera mayor, damas, y dueñas de honor. Al entrar del coche un cavalleriço alça el estribo y los mayordomos mayores assisten para offrecer el braço, y los demas mayordomos assisten siempre. Al entrar el rey en el coche llegando su magestad al estribo se quita la gorra, y saludando a la reyna la deja entrar primero y se sienta a la mano derecha. Luego el rey se entra dentro, y los mayordomos y cavalleriço mayor se ponen luego en otro coche que va adelante, luego la camarera mayor y las damas se van poniendo en otros coches, y los cavalleros, que la sirven, acude cada uno a su dama a darle el braço para que suban, y luego se ponen a cavallo.

El mudarse la corte de un lugar a otro. Quando se muda la corte se pregona algunos meses antes de salir el sello real que entonces se entiende que sale, y no quando sale su magestad que lo haze antes o despues. Y el sello lo llevan en una caxita afforrada de terciopelo carmesi, y esta en otro como litera cubierta con un dossel con las armas de Castilla y Leon, y encima de todo un ençerado por el agua accompañado de muchos cavalleros, de las guardias y el secretario del sello y cancillero del Tuson, y otros muchos officiales y ministros de su magestad con mucha pompa, y con trompetas, y assi le accompañan por todo el camino. Sus magestades salen antes, o despues, con sus aposentadores y furieles, y con la orden que suelen passar como dicho es sino que llevan muchas literas, caval-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

los regalados, y una infinidad de mulas en que van los criados y cavalleros accompañando y sirviendo y las guardias de alabarderos a pie y los archeros a cavallo.

COMO SALE SU MAGESTAD A CAVALLO EN ACTOS PUBLICOS

Quando llevan el cavallo de su magestad andan con esta orden. Delante todos los furieles, lacayos, y otros officiales dela caballeriça a pie y descubiertos, que son hasta 100 personas; detras destos viene el caballo de su magestad en manos de un lacayo accompañado a los lados de los cavalleriços, y suelen yr algunas vezes todos, y van descubiertos detras del caballo el caballeriço mayor a caballo cubierto, y tras del el teniente descubierto, y al rededor las guardas de alabarderos y archeros. En cavalgada publica van con esta orden: primero a pie los officiales de la cavalleriça, los furieles, y el mayor a cavallo, y si es fiesta con trompetas y atambales, y luego los gentiles hombres de la casa y corte, el magistrado de la villa, los titulos y procuradores de cortes delante de los quatro reyes de armas y maçeros con sus insignias de Castilla y Leon, luego los mayordomos, y el mayor detras con sus insignias, el conde de Oropesa con el estoque desnudo, luego los grandes que van accompañando a su magestad con el primero e segundo cavalleriço a los estribos a pie, y los otros y los pajes cerca del cavallo en cuerpo y descubiertos, detras del rey el cavalleriço maior y el teniente a cavallo, y detras del el consejo Real. Y si van otros es adelante en el lugar de los titulos, y toda esta maquina accompañada de las guardas españoles, alemanes, y archeros. Quando su magestad no sale en cavalgada publica no lleva estoque, ni los consejos y van menos grandes cavalleros y criados pero los cavalleriços y pajes a pie descubiertos cerca de su persona y los lacayos delante y las guardas a los lados, y algunas vezes con ninguna.

GASTO ORDINARIO DEL REY Y DE LA REYNA

	Ducados
Para la cavalleriça cada mes	4:000
A la furiera un mes con otro	500
A la botica cada mes	270
De salarios cada año	144:000
Al mercador cada año	18:000
A los cantorçillos de la capilla cada mes	120
Al guardajoyas cada año	5:400

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Ducados
A los gastos de la tapiceria cada año	324
Para el plato ordinario de su magestad cada año	144:000
Para la despensa de la reyna cada año	120:000
De limosna ordinaria cada año	70:200
Para el gasto de la cereria mayor	24:000
Para el de la infanta cada año	3:600
Para la camera del rey cada año	24:000
Para el gasto de la merenda de la reyna	36:000
El gasto de la camarera mayor de la reyna	6:000
Para el principe de España cada año	36:000
Para su magestad cado año	12:000
El salario de los consejos	120:000
Salarios de embaxadores	100:000
Los officiales y pertrechos de caça	40:000
Para la capilla real	20:000
Gajes de criados del rey	40:000
Para el gasto del principe de Savoya mientras que esta en la corte	24:000
Para los archeros, alabarderos españoles y alemanes, sus capitanes y officiales cada año	53:000

Los gastos ordinarios en el corte real de España como lo fue en el año de 1615 montan por cada un año cerca 1.099:204 ducados.

Relacion y tantes de la renta que el rey de España tiene en cada un año en todos sus reynos, yslas, estados, señorios, y miembros de donde procede y su gasto ordinario, de la gente de guerra de las fronteras y guarniciones dellas y las de Africa, y el numero de soldados de cada una de las armadas del mar oceano, bajeles y marineros dellos, y gastos de fortificaciones de sus fronteras.

Valen a su magestad las salinas que tiene en estos reynos en cada un año 93 cuentos de maravadis, cada cuento de maravadis vale 2:666 ducados de a 11 reales cada uno.

Los diesmos de la mar, que passan por Castilla, de Biscaya, de Guipuscoa, y de las quatro villas de las montañas de la costa de la mar que pagan a su magestad de diez uno de cada mercadoria valen en cada un año 70 cuentos de maravedis, los diesmos de la mar que vienen por el reyno de Leon y passan por los puertos de Sanabria y Villafranca valen en cada año 1 cuento.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Los diesmos de la mar del principado de Asturias que passan por la ciudad de Oviedo 373:000 maravedis.

La renta del portasgo de la villa de Bilbao, que es de mercadorias que entran por la mar valen 493:000 maravedis.

Los tercios, alcavalas, y lo que cada lugar, villa, o provincia paga dividido en miembros cada cosa. Es de saber que los tercios son todos de su magestad procediendo de una gracia hecha por los summos pontifices a los reyes de España de la tercia parte de la renta que tienen las yglesias para la conservacion de la fe en las guerras contra infieles. Pero las alcavalas no son algunas del rey por aver hecho merced de algunas a algunos señores particulares de las de sus lugares y a otros de otras, y ansi para que se dejen mejor entender y no causen confusion se iran declarando en este discurso las que son de los señores particulares. Pues avemos dicho de la occasion de la gracia y concession de los tercios y origen dellas, no sera fuera de proposito dezir el de las alcavalas, el qual fue esto.

ORIGEN DE LAS ALCAVALAS EN ESPAÑA

Hallandose el rey Don Alonso el II sobre la ciudad de Tarifa en el Andaluzia, que era de moros, y teniendola sitiada hallose con notable falta de dineros, y pidio a sus reynos le socorriessen y ayudassen cada hombre con curto numero de dinero muy moderado para quel aprieto; y juntos los estados respondieron que repartimiento de dinero conocido era modo de servidumbre y no le darian por ser genero de pechar y en perjuzio de los notables hijos de algo de Castilla, y que de ningun modo se le concederia aunque sobre ello muriessen todos, y ansi le respondieron que aquello no se le darian, pero que le darian al que vale lo que el les pidio. Que, al, en vulgar castellano es lo mismo que, otra cosa, y que vale quiere dizer que lo valga de suerte que juntas estas dos palabras y corrupto el vocabulo se vino a llamar como oy alcavala, y ansi se le concedio que de todas las cosas, que se vendiessen, del precio dellas se le diesse de diez uno, exceptando algunas cosas como fueron cavallos, armas, plata, oro, libros, granos de semilla, pan, y otras cosas, y que esta la pagassen todos fuera de los ecclesiasticos.

La ciudad de Burgos y las de su jurisdiction paga por sus tercios y alcavalas, 17 cuentos, 329:880 maravedis, en cada un año, y de lo dicho paga cada uno la merindad della 2 cuentos, 648:000 maravadis. Paga de la dicha montes de Oca cada año 34:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

La provincia di Rioya de la dicha 3 cuentos 753:000 maravedis.

La merindad de Hebro 2 cuentos, 346:000 maravedis.

La merindad de aquel Cabo de Hebro 1 cuento, 402:000 maravedis.

La ciudad de Victoria, 269:000 maravedis.

La provincia de Guipuscoa 1 cuento, 181:000 maravedis.

Las Herrerias de la dicha provincia, 150:000 maravedis.

Las 7 merindades de Castilla la Vieja, 942:000 maravedis.

El Valle de Mena, 225:000 maravedis.

La provincia de la ciudad de Logroño, 2 cuentos, 747:000 maravedis.

La villa de Yanguas y su tierra, 541:000 maravedis.

La ciudad de Santo Domingo de la Calçada, 4 cuentos, 612:000 maravedis.

La merindad de Castroxerias, 8 cuentos, 481:000 maravedis.

La merindad de Gerato, 1 cuento, 965:000 maravedis.

La merindad de Monzon, 2 cuentos, 276:000 maravedis.

Ciudad de Palencia y provincia de Campos, 16 cuentos, 980:000 maravedis.

Villa de Carrion de los Condes, 4 cuentos, 948:000 maravedis.

La merindad de la dicha villa de Carrion, 2 cuentos, 910:000 maravedis.

Los lugares de Pedro Alvarez de Vega, 658:000 maravedis.

La villa de Sahagun, 2 quentos, 120:000 maravedis.

La villa de Saldaña, 1 quento, 13:000 maravedis.

La merindad de Pernia, 178:000 maravedis.

La merindad de Campos, 1 quento, 730:000 maravedis.

La Valle de Miranda, 537:000 maravedis.

Las 4 villas de la Costa de la Marque son S. Ander, Laredo, Castro Oridales y San Vincente, 3 cuentos, 616:000 maravedis.

El principado de Asturias con la ciudad do Oviedo, 12 cuentos, 345:000 maravedis.

La ciudad de Lugo, 4 cuentos, 138:000 maravedis.

La ciudad de Mondoñedo, 1 cuento, 732:000 maravedis.

La ciudad de Orense y su tierra, 6 cuentos, 505:000 maravedis.

La ciudad de Santiago y lugares de su arçobispado, 18 cuentos, 218:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

La ciudad de Tuy y lugares de su obispado, 5 cuentos, 728:000 maravedis.

La villa de Ponferrada, 1 cuento, 973:000 maravedis.

Leon y lugares de su obispado, 6 cuentos, 350:000 maravedis.

Ostorga y lugares de su obispado, 2 cuentos, 450:000 maravedis.

Lugares de las abadias de Ostorga, 797:000 maravedis.

Los barrios de salas en Asturias, 10 cuentos, 231:000 maravedis.

Samora y lugares de su jurisdiction, 15 cuentos, 225:000 maravedis.

Toro y lugares de su partido, 11 cuentos, 112:000 maravedis.

La villa de Ureña paga de tercios, 61:000 maravedis, porque las alcavalas son del conde de Ureña.

El valle de Gerena paga de tercios y al, 2 cuentos, 335:000 maravedis.

La villa de Varçial de la Coma, 250:000 maravedis.

Salamanca y lugares de su jurisdiction, 24 cuentos, 300:000 maravedis.

Ciudad Rodrigo y lugares de su partido, 14 cuentos, 318:000 maravedis.

El partido de Tiqueras, 417:000 maravedis.

La villa de Olmilla, 47:000 maravedis.

La villa de Tordesillas y lugares de su partido, 2 cuentos, 600:000 maravedis.

Valladolid y su partido, 29 cuentos, 730:000 maravedis.

La villa de Tordehumos, 827:000 maravedis.

La villa de Medina del Campo, 31 cuentos, 375:000 maravedis.

La villa de Olmedo y lugares de su partido, 2 cuentos, 159:000 maravedis.

La villa de Navay y 7 yglesias de tercios, 333:000 maravedis, las alcavalas son de D. Francisco de Fonseca.

La villa de Madrigal, de tercios y alcavalas, 682:000 maravedis.

La de Arevalo y su jurisdiction, 5 cuentos, 310:000 maravedis.

Avila su tierra y partido, 19 cuentos, 365:000 maravedis.

La ciudad de Segobia, su tierra y partido, 12 cuentos, 480:000 maravedis.

La villa de Aranda de Duero y su partido, 3 cuentos 350:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

La villa de Roa, 1 cuento, 515:000 maravedis.

La villa de Gumiel de San, paga de tercios, 154:000 maravedis, las alcavalas son del duque de Ossuna.

La villa de Sepulvedo y lugares de su partido, 3 cuentos, 540:000 maravedis.

La ciudad de Soria y su partido, 10 cuentos, 282:000 maravedis.

La ciudad de Osma y su partido, 4 cuentos.

La villa de Agneda y su partido, 2 cuentos, 83:000 maravedis.

La villa de Molins y su partido, 5 cuentos, 792:000 maravedis.

La ciudad de Ziguença y su partido, 3 cuentos, 662:000 maravedis.

La ciudad de Cuenca y lugares de su partido, 24 cuentos, 655:000 maravedis.

La ciudad de Gueca y su partido, 17 cuentos, 916:000 maravedis.

La villa de Villarejo de Fuentes, 2 cuentos, 517:000 maravedis.

La provincia del Marquesado que llaman de Villeña que son las villas de Chincilla, Albaçete, la Roda, San Clemente, ciudad de Villeña y lugares de su partido, 31 cuentos, 505:000 maravedis.

La villa de Belmonte, de tercios, 476:000 maravedis, las alcavalas son del duque de Escalona.

La ciudad de Murcia y su partido, 15 cuentos, 827:000 maravedis.

La ciudad de Lorca y su partido, 5 cuentos.

La ciudad de Cartajena, 2 cuentos.

La ciudad de Alcaraz y su partido, 2 cuentos.

La villa de Segura de la Sierra y su partido, 11 cuentos, 90:000 maravedis.

La villa de Nueva de los Infantes y su partido, 8 cuentos, 664:000 maravedis.

De la Ocaña y provincia de Castilla, 23 cuentos, 310:000 maravedis.

La de Guadalajarra y su partido, 11 cuentos, 60:000 maravedis.

Las villas de Rios y el Pozo, 160:000.

La villa de Almanaçio y provincia de Zurita, 1 cuento, 188:000 maravedis.

Las villas de Uzeda, Talamanca y Torre del Aguna, 18 cuentos, 250:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

La villa de Madrid y lugares de su partido, 33 cuentos, 645:000 maravedis.

Las villas del condado de Puño en Rostro y lugares de su partido, 1 cuento, 260:000 maravedis.

Cubas y Grieñon, pagan de tercios 117:000 maravedis, las alcavalas son de Don Alonso de Mendoça.

La villa de Galapagar, paga de tercios 160:000 maravedis, que las alcavalas son del duque de Infantado.

La villa de Illescas y su partido, 2 cuentos, 292:000 maravedis.

La ciudad de Toledo y su partido, 7 cuentos, 74:000 maravedis.

La renta de Aguela Viçes y Montasgo, 19 cuentos, 503:000 maravedis.

La villa de Almagro y su partido, 7 cuentos, 57:000 maravedis.

Rentas de las yervas de S. Maestrazgo de Calatrava, 14 cuentos.

Lugares del arçodionazago de Labera de la Reyna, 14 cuentos, 326:000 maravedis.

La ciudad de Ciudad Real, 4 cuentos, 153:000 maravedis.

La ciudad de Plaçencia y lugares de su arçodionazgo, 18 cuentos, 745:000 maravedis.

La de Yepas, la de Briga y su partido, 16 cuentos, 250:000 maravedis.

La de Tuxillo y su partido, 12 cuentos, 225:000 maravedis.

La villa de Caçeres y su partido, 3 cuentos, 850:000 maravedis.

La ciudad de Badajoz y su partido, 9 cuentos, 470:000 maravedis.

La villa de Alcantara y su partido, 9 cuentos, 403:000 maravedis.

Las yerbas del maestrazgo de Alcantara, 27 cuentos, 471:000 maravedis.

El partido de la Villa Nueva de la Sereña, 7 cuentos, 570:000 maravedis.

De la villa del Fuente el Maestre y su partido, 6 cuentos, 973:000 maravedis.

La ciudad de Mexida y su partido, 21 cuentos, 234:000 maravedis.

La villa de Guadalcanal y su partido, 3 cuentos, 301:000 maravedis.

La ciudad de Xerez de Badajoz y su partido, 7 cuentos, 100:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Sevilla, su tierra y lugares de su partido, 182 cuentos, 987:000 maravedis.

Las rentas del señorio desta ciudad, 2 cuentos.

Palma y Xelbez, alcavalas son del conde, tercios 235:000 maravedis.

Teva y Ardales, alcavalas son del marques, tercios 581:000 maravedis.

Villa de Llerena y lugares de su partido, 3 cuentos, 125:000 maravedis.

La ciudad de Cadiz, 8 cuentos, 442:000 maravedis.

Rentas de las Almadravas de Cadiz, 3 cuentos, 35:000 maravedis.

La ciudad de Gibraltar por ser libre de alcavalas por privilegio de los reyes, paga de tercios, 1 cuento, 500:000 maravedis.

Ciudad de Xerez de la Frontera, 21 cuentos, 150:000 maravedis.

Villa de Carmona y su partido, 9 cuentos, 400:000 maravedis.

Villas de Sera y Setesilla, 680:000 maravedis.

La ciudad de Oriza y Aravalas, 15 cuentos, 500:000 maravedis.

Ciudad de Cordova y su partido, 18 cuentos, 995:000 maravedis.

El Termino Realengo y los lugares della, 17 cuentos, 602:000 maravedis.

La ciudad de Andujar y su partido, 4 cuentos, 800:000 maravedis.

La ciudad de Ubeda y lugares de su partido, 4 cuentos, 800:000 maravedis.

La de Baesa y su partido, 17 cuentos, 317:000 maravedis.

La villa de Cuessada y su partido, 1 cuento, 515:000 maravedis.

El adelantamento de Cazala, 6 cuentos, 885:000 maravedis.

El condado de San Estevan, 1 cuento, 340:000 maravedis.

La villa de Martos y su partido, 11 cuentos, 436:000 maravedis.

Ciudad de Jaen y lugares de su partido, 15 cuentos, 726:000 maravedis.

La de Granada y lugares de su partido, 42 cuentos, 909:000 maravedis.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Las sedas de Granada, valen 22 cuentos.

La farda del reyno de Granada solia valer 42 cuentos al presente nada.

Renta de Aquila y Aviles de Granada, 2 cuentos, 750:000 maravedis.

La ciudad de Loia y Alhama, 3 cuentos, 650:000 maravedis.

La ciudad de Baça y su partido, 10 cuentos, 390:000 maravedis.

Ciudad de Almeria y su partido, 3 cuentos, 80:000 maravedis.

Almaneçar, Motrit, Salabreña y sus partidos, 2 cuentos, 643:000 maravedis.

La ciudad de Malaga y su partido, 16 cuentos, 269:000 maravedis.

La de Velez Malaga y sus partidos, 3 cuentos, 519:000 maravedis.

La villa de Porquena, 415:000 maravedis.

Ciudad de Rondo y su partido, 5 cuentos, 335:000 maravedis.

La ysla de Canaria, 4 cuentos, 850:000 maravedis.

La ysla de Tenerifa, 3 cuentos.

La ysla de Palma, 2 cuentos, 200:000 maravedis.

El servicio ordinario que los reynos de Castilla hazen, 104 cuentos, 305:000 maravedis.

Derechos de los puertos secos de Aragon, Valencia, y Navarra, 49 cuentos, 34:000 maravedis.

Los puertos secos de Portugal, 34 cuentos, 155:000 maravedis.

Derecho de sacar las lanas del reyno, 53 cuentos, 586:000 maravedis.

El almorifazgo mayor de Sevilla, 154 cuentos, 309:000 maravedis.

Almorifazgo mayor de India, 64 cuentos.

Renta del Señorcazgo de moneda destos reynos, 22 cuentos.

Valen en arrendamiento los maestrazgos de Santiago, Calatrava, y Alcantara de los Fucares, 90 cuentos.

Las yerbas del maestrazgo de Santiago, 12 cuentos.

El Pozo de Açoque que llaman el Almadon, 75 cuentos.

Otro pocos que dan para escrivir y como no tuve lugar para poner todos saquela suma de todos y es la siguiente.

Summa 26 milliones 32:000 ducados.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Summa 26.038:000 ducados de a 10 reales el ducado, tal ducado tiene en maravedis 340.

Arçobispos, 13.

Obispos, 85.

El condestable 12 a avido en todos.

Almirante 24 a avido en todos.

Duques, 34.

Marqueses, 75.

Condes, 121.

Vino embaxador a Ynglatierra el conde de Oñate, año de 1634.

Vino Don Alonso de Cardeñas, año de 1638.

Da al padre fr. Diego Fitz Simens 52 reales cada 17 del mez.

Con ello le da de cada missa 2 reales al padre Buenaventura Barrie le tiene a su mesa que su confessor es.

Al padre Juan Parrie que por su voluntad sirve a la capilla no da salario ni limosna.

Un cuento de maravedis vale 2666 ducados a 11 reales el ducado, que haze 29326 reales, que haze dos reales sobre 7133 florines, que haze 6 reales sobre 723 libras esterlings. Un cuento contiene 997084 maravedis a cuenta de Portugal haze 1173040 reys.

Don Alonso de Cardeñas da de salarios a su casa al portero Enrique Barber por semana 14 reales, al sacristan 18 reales.

Todo el mundo en general
a voces reyna escogida
Digan que sois concebida
sin peccado original
Hizo os vuestro esposo caro
libre de leyes y fueros
Ydio con que defenderos
un privilegio de amparo.
Fue privilegio especial
ser de Dios defendida
Porque fueste concebida
Sin peccado original.

En capitulo general de la orden que se celebro en Roma 1639 fue elegido en ministro general N. R.mo Padre el padre fr. Juan Mirinero, ministro provincial de Castilla.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Definidores generales N. P. fr. Joseph Vasques provincial de Santiago, y el provincial de Aragonia para las Españas.

En Alemaña, Flandez, Ynglatierra es comissario general N. R.mo P. fr. Lazar de Sanguesso que tambien es definidor para la Alemaña.

El definidor general para Flandes y las yslas es N. P. fr. Francisco de Santa Maria Yrlandes provincial de Dacia que en su tierra se llama Thaddeus Tully no es esso Tully definidor sino N. P.

Sanguesso murio en capitulo y fue instituydo comissario general de Flandes N. P. R.mo fr. Pedro Marchant.

Cap.: Provinciæ Angliæ Londini en Santo Johanne 19 die aprilis 1640.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

III

Nos portos da provincia do Minho, em Villa do Conde e em Caminha existiam caravelas em estado de os defender, pag. 211

O documento seguinte pareceu-nos curioso e importante como informação geral do estado de Hespanha e Portugal n'este periodo.

A BRIEF DISCOVERIE OF THE ESTATE OF THE KYNGDOMES OF SPAYNE AND PORTUGALL, VIDELT[1]

Shipping, their severall burdens or Tonnage & places of harbour.

Forces in the whole Realme discovered by a muster taken in A.° 1586 against his Invasion (2 yeres after) of England.

Cleargie and nobilitie, and the severall Howses, & yerely revenues.

Provinces, or Sheeres together with aheir Citties. Besides many other particulers of moment.

[1] *British museum*, Sloane, ms. 1026.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE KINGE OF SPAYNES STYLE.

Don Phillipp by the grace of God Kinge of Castile, of Leon, of Arragon, of Naples, of Portugall, of the 2 Sicilies, of Hyeruzalem, of Nayarre, of Granade, of Toledo, of Valentia, of Galizia, of Molorca, of Civell, of Gerdena, of Cordova, of Mursia, of Corsiga, of Jayen, of the Algarves, of Algasira, of Juberaltare, of the Islandes of the Canaries, and of the Indian Islands and of all Firme land, and Kynge of the Occean Seas. Archduke of Austria, marques of Oveston, Earle of Barsilonia, Senior of Biskay Molyn, Duke of Burgundy, Brabant, and Milloyne, Earle of Flaunders, & Lorde of Tyrroll.

A NOTE OF THE KINGE OF SPA: REVENUES BY THE YEARE WITHIN HIS OWNE REALME, VIDELT

The Kinge may dispend within his owne Realme by his landes, Rentes, Customes, & other great proffittes (besides the West Indyes, the out Islandes, Portugall, Naples, the 2 Sicileis & IX millions and haulf a million at ten hundred thowsand duckettes the million, & every duckett valewed at vj.s sterlinge.

THE PROVINCES (WHICH ARE THEIR SHEERES) IN SPAYNE, VIZ

The Province or Sheere of.....	Galizia.
The Principado of Austuria of.....	Oviedo. Scā Ellana.
The Sᵐʸ of the Contrey of.....	Biskaie.
The Province or The Sheere of.....	Navare. Cataluina. Andaluzia. Arragon. Valentia. Mancha. Granada. Condado. Castyle. Toledo. Estremadura.
Provinces or Sheeres.....	XV.

The 3 Provinces ensuing doe pay theis Tributes to the Kinge viz.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Per annum Ducketts
Valentia	paieth	300:000
Cataluina		200:000
Arragon		100:000

Theis 3 Provinces doe pay the aforsaid tributes to the K. upon this Condicion, viz. That the kinge ought by their Charter to come in person into theis 3 provinces to keape there a Parliament or audience for the triall of some waightie matters once in every 7 yeares. Otherwise they of theis provinces ever after to be francke and free, and to paye no more Tribute.

THEIR TRIBUTES IN BISKAIE.

Biskay paieth only one marwady which is the VI.th part of an English peny, which the kinge is to receive by them of Biskay in a purse presented upon the point of a longe launce. Insomuch as they of Biskay are more free then any one Sheere in all the Realme of Spayne.

THE 3 UNIVERSITIES AND NÕBER OF STUDENTES, VIZ.

Salamancha (Salamanca)	nourisheth	7:000	student.
Alcala denares (Alcalá de Henares)....		6:000	
Quembra in Port' (Coimbra em Portugal)		4:000	

THE 4 ORDERS OF SPAYNE AND WHAT COGNIZANCES THEY DOE WEARE ON THEIR BREAST, VIZ.

The order of	S.t James a long redd (S. Thiago da Espada)	crosse.
	Alcantare a square redd (Alcantara)	
	Malta a square white (Malta)	
	Callatrava a square greene (Callatrava).....	

There is allso in Spa. many other Orders which are called Priors, maigo.rs commandado.rs males, Cales. The king doth give to each of them pencons, to some more, and to some lesse according to the degree of the persons or their worthines otherwise by service: Some having 20:000 ducketts, some 10:000, and the least 1:000 ducketts per annum.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

MOREOVER THER IS IN SPAYNE 8 SONDRY COUNCELLS FOR Y^e K. VIDELT

1 The Councell Royall.
2 4 Orders of the Realme.
3 Chamber.
4 Warres.
5 The Councell of the Hazend which is for the k. revenues and his rentes as is our Exchequer.
7 State of the Realme.
8 Inquisition.

Ther belongeth allso to every of theis Councell a severall secretary.

THE KINGES EMBASSADORS IN SONDRY KINGDOMES, AND THEIR ALLOWANCE, VIZ.

		Per annum Ducketts
Thembassado^r that is a ledyer there hath		12:000
Rome (besides his allowance of come from Naples and all his other provision Custome free).		
Almania	Thembassado^r in the Empero.^rs Court hath	8:000
Fraunce	Thembassado^r there hath	6:000
England	He hath upon ymployment in theis partes	4:000
Portugall Venyce Genoway	Every of theis have upon their ymploimentes from these severall places	4:000
Amounting yereles to the some of		42:000

A note of all the Havens, harbo.^rs baies, rodes an fissher townes alongst the Coast of Spaine, from Fontarabia in Biskaie unto Barsilonia: and a perfect note of all ye spipps Barkes, and Gallies, with the burdens of every of them, from 50 tonnes and upwardes, viz.

BISKAIE Y^e PROVINCE

		Tonnes
Fontarabia a bard Haven	Barkes, 3 from 50 to	80
Passage et Rendy open havens	Shippes, 8 from 100 to	600
	Barkes, 5 from 50 to	90

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Tonnes
S.t Sebastians a Key	Shipps, 16 from 100 to	600
	Barkes, 7 from 50 to	100
Savoy et Gittania bard havens	Barkes, 5 from 50 to	70
Montriga et Deva fishers	Barkes, 4 from 50 to	70
Mondat et Alaquitie fishers	Barkes, 5 from 50 to	80
Vermeu et Placentia bard fishers	Barkes, 4 from 50 to	80
Bilbo et Portogaleta bard havens	Shipps, 8 from 100 to	400
	Barkes, 6 from 50 to	80
Castro a Key	Barkes, 7 from 50 to	80
Alareda a Key haven	Shipps, 8 from 100 to	400
	Barkes, 8 from 50 to	80

AUSTURIAS. THE PROVINCE.

S.ca Andreas an open haven	Shipps, 8 from 100 to	400
	Barkes, 7 from 50 to	90
S.t Vincent de Barkers a bard fisher	Shipps, 3 from 100 to	130
	Barkes, 4 from 50 to	80
Lanas a fissher	Barkes, 3 from 50 to	70
Ariba de Squella bard fissher	Shipps, 6 from 100 to	150
	Barkes, 4 from 50 to	80
Villa Visposa a Key haven	Shipps, 4 from 100 to	200
	Barkes, 6 from 50 to	80
Chynton a Key	Barkes, 6 from 50 to	70
Torre a Bay a fisher	Barkes, 3 from 50 to	70
Peua a fissher	Barkes, 3 from 50 to	70
Lewarca a bard havē	Barkes, 7 from 50 to	100
Auelas a bard haven	Spipps, 6 from 100 to	200
	Barkes, 7 from 50 to	90

GALIZIA. PROVINCE.

Ribedue a bard haven	Shipps, 7 from 100 to	200
	Barkes, 5 from 50 to	80

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Tonnes
Vivero fissher	Barkes, 3 from 50 to	80
Sidoro fissher	Barkes, 2 from 50 to	60
Farroll an open haven	Spipps, 8 from 100 to	200
	Barkes, 7 from 50 to	90
The Groyne an open haven	Shipps, 8 from 100 to	200
	Barkes, 7 from 50 to	90
Monge a barde haven.....	Shipps, 4 from 100 to	150
	Barkes, 7 from 50 to	80
Corca Viana a bard haven	Shipps, 5 from 50 to	150
	Barkes, 8 from 50 to	100
Sea fissher.....	Barkes, 3 from 50 to	70
Poca Vidra a bard haven	Shipps, 4 from 100 to	120
	Barkes, 8 from 50 to	80
Cales ats Cadiz an open haven.....	Shipps, 10 from 100 to	300
	Barkes, 12 from 50 to	90
Mores a bard haven	Shipps, 5 from 100 to	200
	Barkes, 6 from 50 to	90
Rete a Key.....	Barkes, 3 from 50 to	70
Vigge an open haven.....	Barkes, 8 from 50 to	80
Port S.t Marye a bard haven.....	Shipps, 6 from 100 to	200
	Barkes, 8 from 50 to	90
Bayona an open haven.....	Shipps, 6 from 100 to	200
	Barkes, 6 from 50 to	80

THE CONDADA. PROVINCE.

Condada a bard haven	Barkes, 4 from 50 to	80
Ayemonty a bard haven	Barkes, 6 from 50 to	100
Selva et Palos fisher.....	Barkes, 3 from 50 to	70
Lepie fissher	Barkes, 3 from 50 to	70
S.t Lucas et Civell bard havens	Shipps, 67 from 100 to	200
	Barkes, 20 from 50 to	100

This river of S.t Lucas a Civell are able to make this nomber of Shipping: and as for the great Shippes they goe for the West Indies: and the smaller Barkes for ye Islandes & the Canaries and such like places.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE ESTRAITZ OF MALLEGA UNTO BARSILONIA, SC.

		Tonnes
Juberaltare a open rode & Key	Barkes, 3 from 50 to	80
Grand Mallega a roade & Key ...	Barkes, 4 from 50 to	80
Maruela an open roade.....	Barkes, 5 from 50 to	90
Velis Malleza a rode & Key	Barkes, 3 from 50 to	70
Almeria fissher....	Barkes, 3 from 50 to	50
Carthagena	Barkes, 8 from 50 to	80
Alacontice Valentia an open haven..	Barkes, 9 from 50 to	100
Valentia a creeke..	Barkes, 4 from 50 to	80
Barsilonia an open haven.....	Shipps, 30 from 100 to	130
	Barkes, 7 from 50 to	90

CREEKES

Creekes	There is with in theise Creekes no Shipping but such as the mores use to fish with all & por short voiages, of smale burthen.
Catunia	
Empula	
Taragona	
Pallamos.....	
Ampares	
Rassas	

	Tonnes
Shipps from 100 & upwardes	227
Barks from 50 to 100.....	288
Totall nomber in Spaine, sc., Saile	515

A note of all the Gallies which the k. of Spaine hath & doth keape & maintaigne daily in Naples, Sicill, Malta, sc., besides y.em at Lisbon, viz.

	Gallies
The marques of S.ca Cruce doth kepe in readines for the Kinges Service.....	40
Dom John de Cordova in Naples.....	40
The commendado.rs gel Andrada in Sieell	24

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Gallies
The prince John Andry in Naples	13
The 4 commendado^rs of Malta have in the Marcells	4
And in sondry other places of Italy ther is maintaigned for ye k. service in the Warres	14
Nomber of Gallies, Saile	135

	Ducketts
The kinges charge in keaping these Galleis yearely	1.780:000

A note of all the Havens, Harbors, Roades, Keyes, and Fisscher Townes alongst the Coast of Portugal, from Camina unto Tapioll in Algarve w.^t their Shippes, Carvells, Caricks & Gallies, and every their Burdens, Videlt.

		Tonnes
Camina a bard haven	Shipps, 8 from 100 to	250
	Carvells, 16 from 60 to	100
Viana a bard haven	Shipps, 7 from 100 to	200
	Carvells, 12 from 50 to	100
Villa de Condy a bard haven	Shipps, 9 from 100 to	260
	Carvells, 10 from 50 to	160
Avero a bard haven	Ships, 11 from 100 to	150
	Carvells, 15 from 50 to	100
Port of Portugall	Shipps, 7 from 100 to	150
	Carvells, 13 from 50 to	100

LISBONA

		Saile
Lisbon	The K. hatt of gallions for the warres from 300 to 800 tons	12
	Rowe gallies for the warres	16
	Carvells for ye warrs from 80 to the burthen of 120 tons	10
	Carickes belong to the K. and merchants which goe for ye west Indyes from 800 to the burthen of 1:300	13
	Shipps belong' to merchantes and other owners which goe for the partes of Barbarie, Genoway, Flaunders and other Islandes from 100 to 400 tons	37
	Saile	88

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Tonnes
Sysembbre (Cezimbra) a bard haven	Carvells, 9 from 60 to.....	100
Langus (Lagos) a Key	Carvells, 6 from 50 to.....	70
St. Tovalls (Setubal) an open haven..	Carvells, 16 from 60 to.....	120
Villa Nova a bard haven.....	Carvells, 5 from 50 to.....	80
Faro, Vellas a bard fissher.....	Carvells, 5 from 50 to.....	80
Figorach (Figueira) Fisher	Carvells, 4 from 50 to.....	70
Tauiell (Tavira) a bard haven	Carvells, 60 from 50 to.....	90
Castro Marino Fisher.....	Carvells, 3 from 50 to.....	70
Nomber of Shipping.....	Of all sortes in Portugall.....	269
	In Spayne (accompting with all the 135 gallies).....	650

Totall nomber in both Kingdomes, besides creekes, and their smale Shipping, &., 919 saile.

The full and whole copie of the K. of Spa:

Muster-Rolle taken through the whole realme, anno 1586.

The nomber of men that the K. could then make betwene the adge of 18 & 50 yeres (reserving all ye dukes, marquesses, and Earles, & all their housholdes and Retynewe, whoe are left furth of ye muster-booke) are generally sorted as ensueth in the abreviate.

But by way of note thus much.

The Servingmen retaino.^rs (and not daily waiters) and all the Idlemen at needfull tymes of Service are taken up by sound of Dromme. And theise have 2 moneths pay in hand.

But in most places in Spa: the cavalero (who is the gent') in any tyme of service may deny to serve in the varres unlesse the K. goe himselfe in person. The most part of them having such priviledges.

Which is the chief cause whie the kinge is compelled to levy his forces of other nations to serve him for his money.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE ABREVIAT AFORSAID

Provinces		Heades
Galizia, Citties 2..	The gentlemen & merchantes	6:560
	Artificers & handicraftes men	9:440
	Husbandmen & laborers.....	9:860
	Marins & Fishermen.....	6:850
	Serving men & Idlemen.....	3:540
		36:250
Austurias, Ovedo, Citties 2.....	Gent' and merchantes.....	6:870
	Artifids and handicr^{s}.....	6:740
	Husband' and labor.....	8:950
	Marins & Fish^{s}.....	3:740
	Serving^{s} and Idlem^{s}.....	2:560
		28:860
Austurias St. Ellãe, Cittie 1.....	Gent^{s} and merchantes.....	4:660
	Artis^{s} and handicr	6:940
	Husb^{s} and labor^{s}.....	9:960
	Marins & Fisher.....	4:450
	Serving^{s} and Idlemen.....	880
		26:890
Nauare, Cittie 1..	Gent^{s} & merchantes.....	5:450
	Artis^{s} and handicr	6:840
	Husband^{s} & labor^{s}	12:860
	Serv^{s} and Idlemen.....	2:600
		27:850
Cataluina, Citties 4	Gent^{s} and merchantes.....	8:560
	Artis^{s} and handicr^{s}.....	8:950
	Husband and labor.....	14:740
	Serving and Idlem	2:660
		34:910

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Provinces		Heades
Biskaie, Cittie 1...	Gent[s] and merchantes.....	8:450
	Artis[s] and handicr[s].....	9:840
	Marins & Fisherm[s].....	6:650
	Husb and labor.....	12:560
	Serv[s] and Idlem.....	2:340
		38:840
Arragon, Citties 4..	Gent[s] and merchantes.....	6:470
	Artis and handicr.....	8:950
	Husb[s] and labor[s].....	16:840
	Serving' and Idle.....	2:730
		34:990
Valentia, Citties 4	Gent[s] and merchantes.....	8:690
	Artis[s] and handicr.[s].....	9:950
	Husband & labor.[s].....	12:960
	Serv[s] and Idlemen.....	2:540
	Fishermen upon y[e] Coast.....	1:600
		36:880
Mancha, Citties, 2..	Gent[s] and merchantes	8:530
	Artis[s] and handicr.[s]	8:850
	Husb and labor.....	8:760
	Serving & Idlem.....	3:340
	Fish[s] upon the coast.....	450
		28:930
Granada, Citties 5..	Gent[s] and merchantes.....	8:340
	Artis[s] and handicr[s].....	9:870
	Marins & Fish[s]	2:240
	Husbandm & labor[s].....	14:750
	Idlemen & Serving.....	3:540
		38:740

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Provinces		Heades
Andaluzia, Citties 9	Gent^s & merchantes	46:650
	Artis^s and handicr^s	33:740
	Husb and labor^s	38:780
	Marins & Fissh	2:960
		153:720
Condado, Citties 4	Gent^s & merchantes	4:350
	Artis^s and handicr^s	6:830
	Husb^s and labor^s	8:960
	Marins^s & Fissh	5:460
	Serving and Idlem	3:860
		29:580
Castyle, Citties 12	Gent^s and merchantes	156:650
	Artis^s and handicr^s	186:440
	Husb and labor^s	128:450
	Serv. and Idlem^s	8:800
		480:340
Toledo, Citties 3	Gent^s & merchantes	24:350
	Artis^s and handicr^s	28:440
	Husb. and labor.^r	28:360
	Serving and Idlem^s	3:660
		84:810
Estremadura, Citties 4	Merchantes & gent^s	8:350
	Artis^s and handicr^s	9:550
	Husb^s and labor	15:840
	Serving and Idlem	3:250
		36:990

The whole nomber upon the viewe sc. 1125,390 viz.

One hundred and twentie five Thowsand three hundred four score and ten men.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE NAMES OF ALL THE CITTIES IN SPAYNE AND PORTUGALL; AND IN WHAT PROVINCE OR SHERE THEY ARE SCITUATED, VIDELT.

Provinces	Citties		Nomber		
Galizia	Compostella Tuy		0	2	0
Asturias	St. Ellaen		0	1	0
Austurias	Mondonedo Leon		0	2	0
Biskaie	Vectorie		0	1	0
Navarre	Pamplona		0	1	0
Cattaluina	Barsilonia Tarragona Seguentia Monson		0	4	0
Arragon	Sarragosa Taviell Darrago Calatuythe		0	4	0
Mancha	Alacontia Segura		0	2	0
Valentia	Quenca	Segovia Oraquella	0	3	0
Granado	Granado Almeria Carthagena	Mursia Quadiz	0	5	0
Castile	Madril Quarda iarra Tarrasona Burgo Segovia Callahora	Medino del Campo Samora Toro Salamancha Valentia Astorga	0	12	0
Andaluzia	Civell Cales ats Cadiz Medina Sidonia Esiga	Jayen Mallega Zerres Ubeda Cardoua	0	9	0
Condado	Ayemonty Ayela	Baesa Anduser	0	4	0

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

			Nomber		
Toledo.....	Sidad rial.....	Toledo..... / Alcaladenares..	0	3	0
Estremadura.....	Placentia..... / Auela.....	Badayos..... / Merida.....	0	4	0

PORTUGALL

Lisbona.
Euora.
Quembra (Coimbra).
El Porta (Porto).
Brago (Braga).
Bargatia (Bragança).
Veyry (Aveiro?).
Sidod ridrigo (Cidade Rodrigo).
Oliveda (Olivença).
Cono (Coina).
Beia (Beja).
Eluas (Elvas).
Quarda (Guarda).
Leria (Leiria).
Taniella (Tondella?).
Selues (Silves).

Citties in Portugall..... 16

THE NAMES OF ALL Y^E PRELATES IN BOTH KINGDOMES, WITH THE REVENUES

	Videlt	Per annum Ducketts
The Archbusshop of	Toledo.....	320:000
	Ciuell.....	11:000
	Granado.....	8:800
	Lisbona.....	13:000
	Sarragosa.....	7:000
	St. Iago.....	10:000
	Valentia.....	9:000
	Tarragona.....	8:000
	Burgo.....	9:000
	Braga.....	6:000

Archbusshop in both Kingdoms... X

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

BUSSHOPPS

		Ducketts
The Busshop of...	Sobarhe	50:000
	Torosa	56:000
	Tuy	50:000
	Vique	54:000
	Visie (Viseu?)	50:000
	Almeria	54:000
	Astorga	65:000
	Auela	60:000
	Badayos	56:000
	Barsilonia	75:000
	Camora (Çamora)	57:000
	Callahorra	75:000
	Cannarias	56:000
	Cardoua	50:000
	Carthagena	65:000
	Cordoua	83:000
	Coria	63:000
	Dadies	50:000
	Seguentia	60:000
	Ciudad ridrigo	57:000
	Quembra (Coimbra)	74:000
	Quenca	65:000
	Euora	75:000
	Enua	58:000
	Gyrona	50:000
	Quandipe	63:000
	Quardia (Guarda)	64:000
	Quesquar	47:000
	Jayen	48:000
	Lamego	48:000
	Leon	57:000
	Lerida	64:000
	Lugo	50:000
	Mallega	64:000
	Molorca	57:000
	Mondonedo	63:000
	Operto (Porto)	60:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Ducketts
The Busshop of...	Orensa	38:000
	Ossuna	46:000
	Ouida	48:000
	Placentia	53:000
	Valentia	54:000
	Salamancha	65:000
	Segoruia	69:000
	Segouia	65:000
	Pamplona	58:000
	Selua	53:000

Busshops 47

Nomber of prelates, viz..... { Archbuss ..... 10 / Busshops ..... 47 } 57

THE NAMES OF ALL THE DUKES IN SPA:

THEIR REVENUES & HOUSES, VIZ.

	The House of	Revenus per annum Ducketts
The Duke of.....	GUSMAN	
	1 Medina Saieli, marques occoculado and Earle of Port St. Marie..	68:000
	SERDA	
	2 Medina Sidonia and Earle of Serebla	150:000
	MAURICA OF ORA	
	3 Nasera, Earle of Valentia & lord Treuiue	46:000
	ONYNGA Y SOTO MAIOR	
	4 Vezar, marq. of Juberaltare Earle of Benalcazar	50:000
	PONSE DE LEON	
	5 Aroz, marques of Vasera	70:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

TOLEDO

	Ducketts
6 Alua, marq. of Coria, Earle of Salua terra, Viscont of Salises, & lo. of Valde Corueza.....	65:000

FIGORACH

7 The Duke of Feria &c.....	45:000

CUENA

8 Alberquerque, marq. of Cueller and Earle of Desnia	54:000

GYRONA

9 Ossuna, marques of Penafel & Earle of Vriena.....	112:000

CARDENAS

10 Mangnode & marques of Olche..	46:000

The Duke of .....

PACCHECO CABETRA

11 Scalonam, marq. of Vallena, Earle of S.ca Sephana and marques of morea.....	82:000

MENDOZZA

12 Infantada, marq. of S.ca Ellana, Earle of Faldovan, & S.r Riall of Biskaie.....	113:000

CORDOUA

13 Fessar, Earle of Calabria, & S.r ryall of Bacna	34:000

ARRAGON & CORDOUA

14 Segoruia et Cordoua, marq. of Cameras, Erle of Ampares, and S.r of Lusena Ascole, and of ye councell.....	84:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Ducketts
The Duke of	MENDOZZA	
	15 Franca Villa, et Principe of Maleto.	45:000
	RIVERO	
	16 Alcala, marq. of Tariffa, Earle of Molares, and high lorde of all Andaluzia	10:000
	CORDOUA	
	17 Gandia, Erle of Pallamos, & almirantie of Naples.....	46:000
	GYLUA	
	18 Pastraua, sonne & heire of Rua, Gomes de Selua.	42:000
	ARRAGON	
	19 Villa hermosa, and Earle of Ruca gorga	34:000
	HENRICI DE CUBETRA	
	20 Medino rio cœco, Earle of moclica. Viscont of Stertyn, & high admiral of all Castile.....	104:000

Dukes in Spa : 20

DUKES IN PORTUGALL

3

The Duke of	Bargantia	The Reuenues of theis 3 dukedoms are not sett downe.
	Esdo	
	Auero (Aveiro)	

MARQUESSES IN SPAINE &C.

Howses	The Marques	Reuenues per annum Ducketts
Osorio	Of Astorga, Earle of Trastamora & S.ta Martha, chief lo. of ye howse of Villa Lobus.	55:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Howses	The Marques	Reuenues per annum Ducke ts
Fiardo	Of Veles, and muelo, chief governor of Mursia	70:000
Mandefo	Of mondeser, and Earle of Tendilla	50:000
Cordoua et Aquilar	Of Plego, lord of the howse of Aquilar	34:000
Mauricus	Of Aquilar (Aguilar) and Earle of Cascinedo	60:000
Sandouall	Of Desnia (Denia) and Earle of Lerma	28:000
Osorio	Of Villa Franca	27:000
Henricus	Of Alcauicas	25:000
Pymentell	Of Taualla	23:000
Paccheco	Of Seraluo	25:000
Borso	Of Mauares and governor of Moncaso	32:000
Auela	Of Nauias	15:000
Curanga	Of Aquilar	16:000
Ulloa	De la Mota	16:000
Bena uides	De la Fremosta	15:000
Royea	De Poca	17:000
Cuenas	De la Drada	12:000
Attamira	De Sara	25:000
Puerto Crero	De Villa Nova	15:000
Mendozza	De Caueta	14:000
Meofa	De la Quarda	23:000
Gusman	De Ardales, and Earl of Tyuay	20:000
Caningan	Of Aymonty	25:000
Puerta Crero	Of Alcala	16:000
Gusman	Of Alguua	15:000
Corteiz	Of Valde	10:000
Cunega	Of Vill Mauricus	15:000
Harre	Of Carpio	13:000
Caturion	Of Estapia	15:000
Pera Atta	Of Salus	19:000
Nauarra	Of Sorties	10:000
Boena	Of Sancta Cruce	15:000
Gusman	Of Almasan	18:000
Toledo	Don Anthony pryd of Sainct Johnes	30:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Howses	The Marques	Reuenu per annum Ducketts
Luna Cabos	The Marq. of Camerassa, Earle of Ricala, and Marq. of Sabaotie.....	38:000
Toledo	Don Fernando prior of S.t Johnes...	28:000
Marquesses in Spa:	and Portug	38

EARLES IN SPA: AND PORTUGALL

VIDELT

Howses			Reuenues per annum Ducketts
Carros.....	The Earle	of Quirra.....	16:000
Montatua	»	of Ttoma	12:000
Millaine	»	of Aluada.....	11:000
Corrella.....	»	of Consentaena.....	12:000
Sentellus	»	of Oliua	10:000
Arragon	»	of Sastago	12:000
Varrea	»	of Stranda	15:000
Herredia.....	»	of Fiementes	9:000
Luna.....	»	of Morata.....	10:000
Harre	»	of Belchetia.....	9:000
Sataneda	»	of Castellar	12:000
Gusman	»	of Olivares.....	20:000
Portugall	»	of Selues.....	13:000
Puerto Crero (Porto Carrero?) ..	»	of Palma.....	14:000
Benauides	»	of Medelyn	15:000
Cardenas	»	of Puebla.....	9:000
Pont de Leon (Ponce de Leon)	»	of Balyn.....	16:000
Selua.....	»	of Sifuentes	20:000
Ayela	»	of Fuynsalido	10:000
Paccheco	»	of Montaluan	16:000
Mendozza.....	»	of Orgos.....	15:000
Salpato.....	»	of Coronam	12:000
Mendozza.....	»	of Barrassas.....	10:000
Cabetra.....	»	of Chynton	17:000
Acuna	»	of Beundia.....	15:000
Asmedo	»	of Fuynties	10:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Howses			Reuenues per annum Ducketts
Orias de Auela ...	The Earle	of Puno in Rosto.....	15:000
Mauricus.....	»	of Paradice.....	9:000
Velasco	»	of Seruela.....	12:000
Queuana	»	of Oneta.....	80:000
Auela	»	of Salua Terra.....	90:000
Arrelano.....	»	of Aquilar	12:000
Luy Nouas.....	»	of Luna	12:000
Marericus.....	»	of Oserna	12:000
Tonseca	»	of Monterye	20:000
Corrella	»	of Plego	11:000
Moscosio.....	»	of Alta Mira.....	12:000
Sarmientio.....	»	of Ruia Dauia	8:000
Serda	»	of Queluias	9:000
Verrea	»	of Stranda	15:000
Paccheco	»	of Orgao.....	14:000
Arragon	»	of Ampares	10:000
Earles.....			42

THE V. GREAT RIUERS IN SPAYNE, VIDELT

The names of the 5 { Ebro..... / Quadal Quiv (Guadalquivir)... / Quadiano..... / Tayo (Tejo)..... / Duero (Douro)..... } Rivers.

THE COMPASSE OF THE WHOLE REALME OF SPAYNE, VIZ

Spayne is in Compasse by the Sea Coaste, viz from Fontarabia in Biskaie to Barsilonia within the Straitz of Mallega, and take the Sea Coast on the one side of Portugall w'hall 685 leagues.

Whis of Englishe myles 2:055.

F J N J S.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

IV

THE NAMES OF ALL THE ARCHBISHOPPES, AND ALL THOTHER BISHOPPES IN THE REALME OF SPAINE AND ALSO IN PORTUGAL W.TH A NOTE OF ALL THEIRE SEVERALL REUENUES BY THE YEARE[1]

		Ducketts
Arch bishoppes. ..	Toledo	320:000
	Sivill (Sevilha)	113:000
	Granada	18:000
	Lushborne	13:000
	Catagosa	7:000
	Valentia	19:000
	Terrogona	8:000
	Burgall (Bugros)	19:000
	Santiago	10:000
	Bragas. (Braga)	6:000

Arch-bishoppes, 47

[1] *Brit. mus. Harl.*, mss. 296, fl. 1.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Ducketts
Bishoppes	Sobrak (Sobrarbe?)	50:000
	Torrassa	50:000
	Tuye	45:000
	Vique	58:000
	Aluera	55:000
	Visco (Viseu)	55:000
	Astorga	65:000
	Avela	60:000
	Badajos	56:000
	Barsellona	75:000
	Camora (Çamora)	57:000
	Callahora	75:000
	Camaria	56:000
	Cardona	50:000
	Cartagena	56:000
	Cardona	83:000
	Pamlona	58:000
	Corria	50:000
	Dadies	50:000
	Sequenso	57:000
	Quembra (Coimbra)	74:000
	Emora (Evora)	58:000
	Ema	57:000
	Cerona	50:000
	Quadripp	63:000
	Sadadrorigo (Cidade Rodrigo)	64:000
	Quemora	65:000
	Quardia (Guarda)	47:000
	Questori	47:000
	Ayne	47:000
	Lomego (Lamego)	47:000
	Leon	48:000
	Terrida	53:000
	Lugo	57:000
	Maliga	67:000
	Malorca	50:000
	Mandanedo	64:000
	Oporta (Porto)	63:000

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

		Ducketts
Bishoppes	Quensa	63:000
	Osney	63:000
	Ayda	58:000
	Plasencia	45:000
	Valentia	53:000
	Solomanca	54:000
	Segma	63:000
	Segovia	55:000
	Selma	53:000

Bishoppes, 47

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

V

Filippe IV alcançára de Roma um breve para a corôa arrecadar a titulo de mezadas a duodecima parte das prelazias e beneficios vagos. pag. 384.

No tom. IV, part. II, no appendice, ás suas *Dissertações chronologicas e criticas,* sob n.º XIX, traz o erudito João Pedro Ribeiro uma nota do rendimento dos arcebispados e bispados do reino, referida ao anno de 1632, e extrahida de um livro todo do punho do secretario Ruy Dias de Menezes.

Este orçamento calculava em dois milhões trezentos e um mil quatrocentos e dois cruzados as rendas ecclesiasticas d'aquelle tempo, incluindo as do clero, religiões e ordens militares, e fundava-se nos computos enviados pelos prelados á junta ecclesiastica encarregada da repartição do donativo dos duzentos trinta e tres mil cruzados.

Os arcebispados e bispados rendiam pois:

	Cruzados	
Evora.....	60:000	Vago (?)
Lisboa.....	40:000	D. Affonso Furtado.
	100:000	

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

	Cruzados	
Transporte	100:000	
Braga	35:000	D. Affonso Furtado.
Coimbra	42:000	D. João Manuel.
Guarda	23:000	D. Francisco de Castro.
Vizeu.....	19:000	D. João de Bragança.
Lamego.....	16:000	D. João de Lencastre.
Porto.....	15:000	D. Rodrigo da Cunha.
Algarve.....	14:000	D. João Coutinho.
Miranda	11:000 para 12:000	D. Francisco Pereira.
Leiria	8:000 para 10:000	D. Francisco de Menezes.
Elvas.....	7:000 para 8:000	D. Sebastião de Mattos.
Portalegre	7:000	D. Lopo de Sequeira Pereira.
	300:000	

As rendas ecclesiasticas por bispados, incluindo as de todo o clero, religiões e ordens militares, eram:

	Cruzados
No arcebispado de Braga.....	190.000:000
No de Lisboa	166.481:840
No de Evora.....	128.060:002
No bispado de Coimbra.....	89.783:670
No da Guarda.....	41.206:543
No de Lamego	61.283:700
No de Vizeu	39.218:000
No do Algarve	22.328:533
No do Porto	74.068:960
Nc de Miranda	35.508:930
No de Elvas	33.089:582
No de Leiria	13.874:833
No de Portalegre.....	13.940:500
No de Thomar	11.995:198
	920.788:291

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

VI

Proseguiram as devassas e em 16 de março á tarde foram condemnados os réus ausentes Sesinando Rodrigues e João Barradas a pena de morte. Pag. 4521.

TRESLADO DA SENTENÇA PROFERIDA CONTRA JOÃO BARRADAS E SESINANDO RODRIGUES, PELO PRESIDENTE DA ALÇADA O DR. DOMINGOS GONÇALVES SALEMA

Acordão em Alçada, vistos estes autos, provisão do dito senhor, e carta de Sua Alteza, pelas quaes manda sentencear breve e sumariamente por horas aos exceptuados João Barradas barbeiro de espadas, e Sesignando Rodrigues, Borracheiro, reos absentes acusados a reveldia, libello de justiça, autor, termo de judiciaes feito a sua reueldia deuaça junta, mostra-se que os ditos reos forão no anno de seiscentos e trinta e sete procurador e escriuão do pouo desta cidade de Euera, e sendo cometido pello dito senhor ao correegdor do comarca que no tal tempo era o licenciado Andre de Moraes Sarmento hua deligencia do seruiço do dito senhor os reos exceptuados conuocarão e amotinarão o pouo desta cidade fazendoo ajuntar na praça della. Mostrasse que tanto que o povo foi junto se forão os ditos reos exceptuados a casa do dito corregedor e com

[1] *Bibliotheca nacional de Madrid*, H 71, pag. 325.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

palauras descompostas lhe requererão que parasse com a deligencia que em effeito estaua fazendo, e que não parando que o povo que estaua junto se hauia de leuantar. Mostrasse que feito o dito requerimento o reo João Barradas exceptuado chegou á janella do dito corregedor e em voz alta chamou ao pouo, o qual como estaua junto amotinandose todo atirou muitas pedradas ás janellas, portas e casas do dito corregedor, nas quaes foi entrando muita parte delle com deliberação de o matarem, e em effeito o fizerão, se o dito corregedor se não acolhera pellos telhados ao mosteiro de San Francisco desta dita cidade, dondo se foi recolher e esconder. Mostrasse outrosi que entrando muita parte do pouo dentro das casas do dito corregedor lhe botou o fato, liuros, prouisoes, e papeis que lhe acharão pellas janellas fora em praça publica, e foi tudo queimado. Mostrasse mais que este leuantamento, e motim ordenado todo e originado pelos ditos exceptuados foi de calidade que obrigou o arcebispo acudir a elle com a sua crux alçada, e os condes Dom Diogo de Castro, e seu filho, o de Basto, o marquez de Ferreira, e os mais fidalgos assistentes nesta dita cidade a que os reos e mais pouo delles os obrigou a recolherem na Igreja de Santo Antão. Mostrasse que por ordem, mandado e contemplação dos reos exceptuados se fizerão grandes insolencias, cometendo entrada de algumas casas dos julgadores, ministros de justiça e vereadores, e tirar as balanças dos açougues, fazendose os reos tam absolutos, que as justiças não ousauão a exercitar seus officios com medo e temor do pouo, que os seguia. Mostrasse que os reos andauão tão absolutos que dizião nas praças e lugares publicos que elles auião de libertar este pouo de todos os tributos, e que sobre os não pagarem avião de mor..... Mostrasse que não contentes os reos com as inquietações de que forão causa neste pouo, escreuerão cartas ás camaras desta comarca em que as excitauão e amoestauão que fizessem o mesmo que elles auião feito nesta cidade. Mostrasse outrosi que os reos forão cabeças dos motins, e leuantamentos que em muitas partes deste reyno ouue feitos á imitação dos que estes reos nesta cidade fizerão, o que tudo visto, qualidade e publicidade da proua, atrocidade dos delitos que se hão cometido, e risco em que puzerão este reyno, se o dito senhor não usara com os vasallos delle de sua catolica e real clemencia, condenão aos ditos reos exceptuados João Barradas e Sesinando Roiz que com baraço e pregão pellas ruas publicas e costumadas desta cidade sejão leuados á praça publica della na qual

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

se leuantará hua forca e nella serão enforcados e morrerão morte natural cruelmente e todos seus bens confiscados pera a coroa real e posto que tenhão filhos, aos quaes declarão por infames e inhaueis pera sempre para que não tenhão honras nem officios, tudo na forma da ordenação do dito senhor, e que suas casas sejam arrazadas, e derribadas, e semeadas de sal; e feita nos ditos reos a execução de baraço, e pregão, e forca, e as mais penas empostas nesta sentença, mandão que na praça della se fixe o treslado, e se dê outro que se registará na camara desta cidade para que a todos seja notorio e manda outrosi ás justiças do dito senhor fação por prender aos ditos reos exceptuados para em suas pessoas se fazer a execução desta sentença pella qual os hão por banidos e paguem as custas. Euora desaseis de março ás quatro da tarde de seiscentos é trinta e oito. = *Salema* = *Hieronimo Ribeiro* = *Sebastiam de Faria.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

VII

Para esclarecimento de alguns pontos, em que tratâmos das contendas da côrte com o colleitor, juntâmos os seguintes documentos.

Instruzzione a monsignor Albergati, Vescovo di Bisegli (Veceglia)[1], *collectore in Portugallo, distesa per ordine di Sua Santità da monsignor de Rubeis, sopra gl'affari della Santa Sede in quel regno. L'anno* 1622.

Depois do costumado exordio sobre as virtudes e capacidade do bispo de Bisegli, e de notar que o titulo de colleitor era igual ao de nuncio e de legado apostolico, alludindo com elogio á missão de Albergati no imperio germanico, declara que a occulta miseria dos christãos novos portuguezes parecia immensa, e que não só elles se

[1] Vicente Landinelli, bispo de Albenga, veiu a Portugal por colleitor de Gregorio XV por fins do anno de 1620, como consta da carta de Filippe III, de 15 de dezembro d'esse anno, citada por Osorio, *de Patronatu Regio*, resol. 69.ª, n.º 19. Succeden-lhe Antonio de Albergatis, bispo de Viceglia no reino de Napoles. A sua chegada ao paiz deve determinar-se entre o anno de 1623 e o de 1624. — Vide Antonio Pereira de Figueiredo no *Catalogo manuscripto dos legados à latere, delegados, nuncios e colleitores apostolicos, que houve em Portugal.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

queixavam com dor, mas todos tinham visto com espanto figurarem na abjuração publica feita em Coimbra antes do Natal centenares de pessoas de todos os sexos, idades e condições penitenciadas, por culpas de judaismo. Observa que monges e freiras foram convencidos de perfidia judaica, e que os hebreus tinham uma synagoga secreta, e contaminavam a consciencia dos que podiam attrahir; a despeito dos castigos, da ignominia, e das diligencias activas dos inquisidores. Monsenhor de Rubeis insinua ser muito para temer, que sob a simulação do culto catholico não colhesse o judaismo maiores forças, e recommenda a Albergati o maior zêlo em espertar a solicitude dos inquisidores, e especialmente a do bispo Mascarenhas[1], prelado cuja dedicação á santa sé, firmeza e promptidão nas repressões do erro judaico e das heresias exalta com louvor.

Aconselha ao bispo de Bisegli, que deplore os males, que acaba de lhe apontar, conforte os inquisidores, e estimule os prégadores e confessores a descobrirem a grave malicia da gente infeliz, suggerindo sem violencia os remedios opportunos, e animando os prégadores a detestarem do alto dos pulpitos a perfidia judaica. Allude por ultimo á pretensão romana, sustentada por monsenhor de Albenga, quando em virtude de suas instrucções pedira a applicação das sobras dos sequestros, ordenados pela inquisição, ao fisco ecclesiastico, e ajunta que uma ordem de el-rei ao inquisidor mór pozera termo á negociação, apesar da evidencia das rasões. Manda-lhe copias das notas de monsenhor de Albenga e da carta de el-rei, e diz, que, passando o colleitor por Madrid faria bem de apalpar ali o terreno, aindaque não fosse senão para deixar o negocio encetado nas mãos do nuncio.

Sobre as remotas regiões sujeitas a Portugal e a propagação da fé entre os povos barbaros, idolatras ou mahometanos, nota, que a obra mais tem sido de jurisdicção temporal, do que espiritual, citando o ciume com que a rasão do estado prevalecêra sempre em prejuizo da boa doutrina e da conversão dos infieis. Acrescenta, que as cousas de Deus estão primeiro do que tudo, e que negandose os portuguezes a admittir os estrangeiros em suas missões, devia receiar-se que os males fossem mais do que os fructos, e que o pouco não compensasse o muito que se perdia. Lembra a necessidade de indagar as opiniões religiosas mais generalisadas entre os

[1] Era D. Antonio Mascarenhas, commissario geral da bulla da cruzada.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

barbaros, e as que levavam e introduziam os portuguezes da Europa, observando que se era tão difficil reprimir em Portugal o judaismo, muito mais arduo seria de certo conservar puros os dogmas da fé em distancias tão largas e com tão licenciosos costumes, podendo acontecer bem no meio de tantas trevas, que em vez do nome de Christo haver conquistado innumeras multidões se descobrisse, que as crenças pervertidas as tinham tornado escravas do demonio. Em conclusão d'este ponto, a seu ver importantissimo, ajunta, que a vontade do papa era, que o colleitor com firmeza judiciosa, valendo-se do seu breve credencial, procurasse obter de sua magestade, com o voto dos ministros, a auctorisação precisa para que aos missionarios estrangeiros se concedesse entrada nas possessões, quer fossem jesuitas, ou capuchinhos, quer pertencessem a outras ordens, devendo o colleitor para o conseguir empregar os meios brandos, vencer as difficuldades, buscar operarios aptos, favorecer as missões, e investigar com diligencia o estado presente (em 1622) da religião d'aquelles povos.

As instrucções, confessando que a caridade do bispo devia estender-se com igualdade a todas as terras com o mesmo ardor, recommendam-lhe apesar d'isso com particular cuidado o rei e o reino do Congo, plantas novas e arvores tenras. Tratando dos bispos affirmam, que em Portugal, assim como em todas as partes de Roma, eram elles inclinados a assumir maior auctoridade, do que lhes cabia, e que, mostrando-se mui reverentes e devotos para com a santa sé, facil seria attrahi-los se os ministros reaes, exercendo grande influencia, os não houvessem quasi convertido á obediencia servil, a ponto de não decidirem nada sem o seu beneplacito. Explicando a rasão secreta do procedimento dos prelados diz, que, dependendo as dignidades ecclesiasticas do rei, não os movia tanto a gratidão, como a esperança de alcançarem transferencias para dioceses mais rendosas. Aconselha ao colleitor que conserve e fortifique o zêlo episcopal pela santa sé e o respeito de suas decisões, convindo ao mesmo tempo que trabalhe por sondar com destreza o comportamento dos bispos, a fim de os advertir com suavidade de qualquer abuso, fugindo sempre com summa prudencia de todas as controversias de jurisdicção, sem diminuir, ou prejudicar por isto os direitos da santa sé, porque os perversos folgam com estes conflictos, e os reis costumam aproveita-los.

Quanto aos regulares, monsenhor de Rubeis recorda que as ordens

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

religiosas são um pelago perpetuamente revolto de paixões, de perseguições, e de abusos, vivendo sempre engolfadas n'elles, e exigindo extrema sisudez nos que hão de collocar-se ao leme de tão arriscado baixel. Nota que a côrte de Roma julgou necessario conceder ao colleitor poderes iguaes aos conferidos aos nuncios, quanto aos mosteiros e conventos, e insinua ao bispo de Viceglia, que use discretamente d'elles, porque exercidos por outra fórma geram grandes males e são estranhados pelos principes. Diz que o soberano havia pedido hoje ao papa, como seus antecessores em outras epochas, que moderasse os excessos monasticos, e até se suppunha que o rei actual repetiria em breve a supplica; se a fizesse receberia logo copia d'ella o colleitor, como lhe mandava o apontamento dirigido ao pontifice Paulo, de santa memoria, contra as irregularidades e os abusos então accusados nos conventos, a fim d'elle por todos os modos tratar de restituir a paz e a tranquillidade, restaurando a disciplina claustral, e apertando os vinculos frouxos da obediencia.

Monsenhor de Rubeis aviva o preceito do pontifice Paulo, que prohibiu a entrada dos mosteiros de freiras aos seculares, e acrescenta que sua santidade ordenava, que o preceito se guardasse rigorosamente, sob pena de incorrer nas censuras da bulla apostolica, concedendo unicamente dispensa ao colleitor, na esperança de que só usaria d'ella em casos dignos e especialissimos, e auctorisando-o igualmente a permittir, que doze creadas e cincoenta donzellas entrassem nos claustros femininos para se educarem, durando esta faculdade só pelo tempo que exercesse o cargo, e mandando o papa expressamente que as graças passadas gratuitamente em Roma fossem do mesmo modo expedidas no reino de Portugal.

Ácerca da jurisdicção ecclesiastica exclama, que tantas e tão graves eram as offensas, que fôra interminavel a sua exposição. Observa, que se reputára rasgo pueril em Clemente VIII provocar um conflicto com Filippe II; que hoje seriam precisos remedios ainda mais fortes, visto haverem-se multiplicado infinitamente as offensas e os abusos a ponto de se tornarem na verdade insupportaveis. Não vê esperança de reparação efficaz, mas como até nas grandes ruinas convem não levantar mão do que resta de pé, por isso importava não desanimar, no intento de salvar ao menos alguma cousa da destruição. Para esclarecer tão densas trevas, e ministrar um fio no meio de tanta confusão, prometteu uma nota especificada do bispo de Albenga sobre os aggravos da igreja em Portugal, e louva a Vicente Landi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

nelli pelo zêlo ostentado na defeza de Roma. Recommenda ao colleitor, que na presença de el-rei deplore o estado actual, e supplique remedios efficazes, notando, que a molestia quanto mais se demorar mais perigosa será. Avisa-o de que ha de receber um breve de sua santidade, suave e paternal para com o soberano, mas escripto com firmeza em relação ás cousas ecclesiasticas, porque ameaçará com as censuras ecclesiasticas da igreja os contumazes e rebeldes, e estranhará que os seculares prezem mais a reputação humana, do que a gloria de Deus. Conclue esta parte asseverando que sua santidade confia da prudencia do prelado, que elle saberá applicar do modo mais opportuno para estas verdades.

Insistindo ainda na necessidade de remedio para os aggravos, nota que ella aperta muito mais depois de mudada a fórma do governo, porque o monarcha, que antes costumava delegar o poder em um vice-rei desejoso de grangear o amor dos subditos, e facil de attrahir ao respeito da igreja, alterando agora a regra, nomeára tres pequenos soberanitos portuguezes pouco accessiveis á persuasão, os quaes em todo o caso opporiam maior resistencia por serem tres, do que de certo opporia um só. O primeiro era o bispo de Coimbra Mexia, homem vulgar, de sessenta annos, que a fortuna levantára de condição humilde áquella altura, e que apesar de velho se mostrava dotado de juizo claro e de particular destreza. O segundo, D. Diogo de Castro, de sessenta e cinco annos de idade, neto do arcebispo de Lisboa, e presidente do desembargo do paço, merecia estimação pela integridade irreprehensivel, mas era severo de mais no aspecto e obstinado nos propositos. Por causa das contendas com o arcebispo de Lisboa, de que fôra em parte causa principal, parecia contrario á auctoridade do colleitor e á jurisdicção ecclesiastica. Que ao terceiro, D. Nuno Alvares de Portugal, sexagenario nobilissimo, agradavel, gentil, e de boas palavras faltava o saber preciso para o cargo, e não lhe consentia a pobreza figurar em publico com a magnificencia propria do nascimento [1].

Adverte ao colleitor, que o commissario da camara ha de enviar-lhe apontamento das diligencias começadas sobre cousas de grande importancia para a consciencia das partes, obrigadas a recorrer a

[1] Estes governadores, D. Martim Affonso Mexia, bispo de Coimbra, o conde de Basto, D. Diogo de Castro, e D. Nuno Alvares de Portugal, regeram juntos desde o 1.º de setembro de 1621 até 22 de maio de 1622. D. Martim Affonso Mexia governou até sua morte em 30 de agosto de 1623. O conde de Basto até 18 de maio de 1626.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Roma, e para a dos ministros do papa, atalhando ao mesmo tempo o prejuizo da santa sé. Acrescenta, que, concedendo a santa sé em rasão da distancia ao colleitor de Portugal faculdades para dispensar em todos os casos de impedimento, em que entrasse o quarto grau com a copula *scienter, vel ignoranter*, mas sómente aos pobres, que não podessem mandar a Roma, estes poderes se alargaram mais, estendendo-se, não só aos matrimonios contrahidos, mas até aos casamentos justos, e não realisados. Que por causa da larga interpretação dada á circumstancia de pobreza tinham perdido muito o datario e a chancellaria apostolica, e mesmo depois de juntar nos diplomas as palavras *verdadeiramente pobre* continuavam os officiaes do colleitor a interpreta-las com muita extensão. Para evitar a repetição d'estes factos prescreve ao bispo de Viceglia tres regras habilmente redigidas.

Sobre os negocios pendentes observa, que pouco terá que dizer, podendo o colleitor informar-se com o bispo de Albenga e consultar as instrucções, que elle recebeu. Entretanto informa-o de que a causa do arcebispo de Lisboa, suspenso e excommungado por monsenhor Accoramboni, não proseguira, aindaque se julgava que os cardeaes, aos quaes fôra commettida, estavam na idéa de tomar uma resolução. Levando isto em conta diz-lhe, que poderá tratar com grande benevolencia o arcebispo, homem de bem, mas cioso de ampliar a auctoridade, e pouco submisso ás ordens da curia.

Entre os negocios de maior vulto aponta os officios da legacia, vendidos ultimamente, e insinua que era para receiar alguma opposição, quando se desse posse aos que os tinham comprado, ou a seus procuradores. Espera que o colleitor já encontraria o negocio resolvido em Madrid por se haver escripto com efficacia ao nuncio de Hespanha que sustentasse com vigor o que estava feito; entretanto, acontecendo não o achar ainda expedido, adverte para sua informação ao prelado, que os pontifices sempre usaram do direito de dispor d'aquelles empregos, concedendo-os a quem mais lhes aprazia sem estorvo. Quanto á venda dos officios ajunta, que nenhum damno resultaria d'ella aos seculares e cidadãos, tanto porque os escrivães da legacia não escreviam nos processos d'elles, como porque as taxas não augmentavam, nem se pagaria mais do que era costume pagar. Que não havia novidade na venda pelo uso em que estavam os colleitores, com o assentimento tacito dos papas de os darem a quem lhes offerecia boas sommas, e como se provava

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

da carta escripta pelo bispo de Albenga ao cardeal Borghesi. Finalmente, que a camara apostolica, instada pelas urgencias da santa sé, determinára fazer o que faziam os colleitores, vendendo por justo contrato os officios, e com mais rasão. Conclue a instrucção datada de Roma em 4 de março de 1622 com os comprimentos usuaes, e com a lisonja de lembrar ao bispo, de que elle era só colleitor de nome, porque na realidade exercia as funcções de legado apostolico de facto[1].

Altra instruzzione del medesimo monsignor de Rubeis per ordine di Sua Santità a monsignor Vescoco di Bisegli data del cardinale Borghesi a monsignor Vescovo di Albenga[2], *per la Nunziatura di Portugallo.*

Começa o cardeal dizendo, que devendo prover-se de novo colleitor o reino de Portugal depois da elevação do bispo do Fossambrone ao arcebispado de Urbino, fôra escolhido para preencher aquelle logar o bispo de Albenga, ao qual o cardeal passou as instrucções, que vamos extractar, para o informar do estado presente dos negocios.

Observa, que o primeiro ponto, de que tratava como fundamento de todos, era da colleitoria, porque d'elle nasciam todos os officios encarregados á missão romana. Aponta depois os arcebispados, bispados, e as ordens religiosas, nota a defeza da jurisdicção ecclesiastica, e a execução das provisões apostolicas em terceiro logar, as funcções de colleitor em quarto, e os negocios pendentes em quinto. Fallando dos ordinarios de Portugal mostra, que elles costumavam olhar com summa vigilancia pela conservação e augmento da religião, especialmente o tribunal da inquisição, em que os ministros da santa sé não tinham ingerencia senão por commissão particular do papa, ou da sagrada congregação. Queixa-se de que na India os ministros reaes se oppozessem á acção da curia, e diz que

[1] Este documento foi copiado do codice manuscripto da bibliotheca Albana para a *Symmicta Lusitana*, tom. LIV da collecção geral, pag. 709 a 730.

[2] Era Octavio Accoramboni, que veiu a Portugal nomeado por Paulo V, e residiu no reino até fins do anno de 1620. Em 1617 travou com os juizes da corôa o famoso conflicto, de que trata Gabriel Pereira de Castro na sua *Monomaquia sobre as concordias*, pag. 99.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ignora a rasão, por que elles em terras tão remotas procediam assim, pois não se confirmando por meios opportunos aquelles povos na fé poderiam separar-se da santa sé, e ao mesmo passo rebentar qualquer dia entre elles alguma opposição ou resistencia. Recommenda ao colleitor que represente isto mesmo a el-rei, aproveitando uma conjunctura apropriada.

Affirma que as missões dos jesuitas n'aquellas partes costumavam ser muito abundantes em fructos segundo a experiencia repetidas vezes mostrára, mas parecia que os ministros, e el-rei mesmo, não lhes eram por extremo affeiçoados, porque ultimamente só entravam nas possessões portuguezas padres da companhia filhos do reino, ou hespanhoes, com exclusão dos italianos. Que se alcançára por fim auctorisação para missionarem tambem os italianos, mas com a restricção de pertencerem aos dominios de sua magestade na Italia, ou aos estados do papa. Insinua a vantagem de introduzir na India padres da nação italiana sem distincção, porque de contrario havia risco de poderem ficar de fóra os mais aptos com prejuizo da intenção e dos fins das missões. Acrescenta, que avisaria o colleitor do que occorresse sobre o assumpto, a fim de o habilitar a persuadir ao vice-rei e aos ministros, que facilitem em vez de difficultar a prégação do evangelho e a conversão dos infieis, convindo entender-se para isto com o nuncio de Hespanha, para elle em Madrid trabalhar de accordo.

Expõe que nos reinos de Portugal e Algarves ha tres arcebispados, Braga, séde primaz, Lisboa, e Evora com nove bispados suffraganeos, alem dos bispados das ilhas da Madeira e da Terceira, das ilhas de Cabo Verde, de S. Thomé, e do Brazil. Aconselha ao colleitor muita suavidade nas relações com os bispos sempre que não se veja obrigado a ser rigoroso, persuadindo-lhes a residencia constante, a visita das dioceses, e o cumprimento pontual dos deveres episcopaes para a reforma dos abusos principiar pelo seu exemplo. Que as appellações das causas subiam dos ordinarios ao tribunal da legacia, o qual devia mostrar-se em tudo justo e imparcial. Ácerca dos mosteiros e conventos sujeitos á auctoridade dos ordinarios, diz, que acontecendo com frequencia allegarem os processos a nullidade dos votos com grande escandalo e relaxação da disciplina, resolvêra a sagrada congregação, depois de examinar o assumpto com toda a reflexão, que decorrido o quinquennio ninguem podesse ser ouvido, observando a determinação do concilio de Trento em

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

verdade santissima. Recommenda ao bispo de Albenga muita prudencia na inspecção das ordens religiosas, não devendo ingerir-se no governo d'ellas senão quando a necessidade o exigisse. Assevera que os regulares regendo os mosteiros de freiras commettiam grandes abusos e assumiam maior auctoridade, do que lhes competia, não só concedendo licenças a seculares para devassarem a clausura, mas até consentindo que as freiras saissem dos conventos a pretexto de banhos ou de qualquer enfermidade para casa dos parentes com grave e publico prejuizo. Recorda que os prelados das ordens não tinham poderes para tanto, e prescreve ao colleitor, que os admoeste, e se reincidirem use dos remedios convenientes, não permittindo que elles auctorisem a entrada de raparigas do seculo nos conventos *educationis causa*, porque era caso reservado á santa sé pela congregação dos regulares e colleitores.

Tratando da conservação e defeza da jurisdicção ecclesiastica adverte ao colleitor, que se mostre attentissimo n'ella para as usurpações não augmentarem no seu tempo, antes diminuirem, devendo servir-lhe de muito auxilio para isso a publicação em latim e vulgar da bulla *In cena Domini*, a qual, apesar de já publicada pelos seus antecessores, convirá que continue a sê-lo segundo o costume, recommendando o prelado a sua divulgação aos bispos, com a promessa de que a santa sé saberia agradecer-lhes o serviço em occasião opportuna. Acrescenta, que sendo os bispos inclinados a engrandecer-se, era preciso que o colleitor sempre estivesse vigilante não consentindo que elles tocassem nas cousas da santa sé, ou não impedissem a solução das pensões apostolicas, como costumavam indirectamente, pelo menos nos casos de interesse pessoal.

Observa que muito maior impedimento padeciam ainda a jurisdicção e as immunidades ecclesiasticas dos ministros e magistrados reaes seculares a pretexto das ordenações e costumes do reino, que na realidade nunca tiveram a força que elles lhes attribuem, e embora a tivessem mais seriam abuso, do que lei. Exige do colleitor summo cuidado n'este ponto, e ordena-lhe que consulte o seu antecessor ácerca d'elle. Declara, que os christãos novos pela bulla de Xisto V foram excluidos das ordens e beneficios ecclesiasticos, bulla confirmada pelos pontifices que lhe succederam, mas com a clausula de dispensa, quando motivos justos a requeressem.

Passa a definir a colleitoria e suas principaes attribuições. Entre as primeiras aponta os despachos em materia de graças e de

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

administração de justiça. Quanto aos despachos de graças, fonte lucrativa de quasi todos os emolumentos, adverte ao prelado, que se conforme pontualmente com as faculdades, que lhe foram concedidas. Acrescenta, que consistindo os emolumentos no que as partes pagavam pela taxa das dispensas matrimoniaes e outras graças, devia o dinheiro entrar logo no cofre do thesoureiro, saldando-se todos os mezes as contas, remettendo-se todos os semestres para Roma as sommas recebidas, e registando-se em livro especial os despachos de graça, ou de justiça. Sobre a attribuição delegada á colleitoria de conhecer das causas appelladas do tribunal dos ordinarios aconselha ao bispo de Albenga o respeita e observancia dos sagrados canones, notando que subiam tambem ao tribunal da legocia por appellação as sentenças proferidas pelo conservador das tres ordens militares.

Confessa, que o tribunal denominado dos *feitos de el-rei* no exercicio da jurisdicção chamada *de força*, assim como o desembargo do paço, que era supremo e representava a pessoa do soberano, causavam grande embaraço á colleitoria, porque, pelo *mau uso* do reino as partes recorriam a elle, sob pretexto de força, mesmo em pleitos sobre bens ecclesiasticos. Convinha, por isso, que o colleitor assistisse attento á defeza, não só da jurisdicção propria, como da do seu tribunal, e dos vigarios e juizes dos bispos e arcebispos citados perante o desembargo do paço, para darem conta dos motivos por que não revogavam as censuras e outros actos, mostrando-se os ministros reaes muito oppostos á bulla *In cena Domini*, e zelosos das prerogativas da corôa. Adverte ao prelado, que se entenda com o nuncio de Hespanha para ambos acudirem a este ponto. Nota, que devendo ser um dos primeiros cuidados do colleitor a cobrança dos quinquennios e a remessa do dinheiro para Roma nos prasos devidos, assim como do producto da cruzada para a fabrica de S. Pedro, sua santidade esperava que o bispo de Albenga não levantasse mão d'este assumpto, sabendo, como sabe, o que se gasta nas obras, e a grande necessidade que ha de dinheiro para as concluir com perfeição.

Ácerca dos negocios pendentes observa, que os portuguezes não podiam supportar nem sequer o nome de *espolios*, os quaes se não pediam n'aquelle reino senão de alguma cousa que restasse por morte dos apostatas expulsos do gremio catholico. Que a bulla de Gregorio XIII *In ordine* 44 nunca os ministros a tinham deixado exe-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

cutar senão em referencia aos apostatas, que, despido o habito, morriam fóra dos mosteiros. Que residindo como colleitor monsenhor Sant'Angelo alcançaram os ministros ordem expressa de sua magestade aos magistrados locaes para intimarem aos sub-colleitores, que desistissem da pretensão dos espolios, sob pena de serem desnaturalisados. Que Sant'Angelo escrevêra debalde ao rei, ao duque de Lerma e ao confessor, que apesar d'isso procurára manter a posse, e que depois d'elle Carraciolo e o bispo de Fossembruno. Que o mesmo devia praticar agora o colleitor, tanto mais, quanto, segundo avisos do bispo de Fossembruno, el-rei acabava de ordenar, que não fossem admittidos sub-colleitores, especialmente nas possessões ultramarinas, e a curia resolvêra sustentar o antigo direito da nomeação d'elles, mandando que o prelado o defendesse com o maior vigor.

Expõe, que os ministros reaes citam um breve de Julio III pelo qual as causas ecclesiasticas não podem por appellação ser levadas fóra do reino, sob pretexto do immenso gravame das partes, e que procurava estende-lo até ás causas deferidas á rota romana, pretensão infundada como se via da memoria que enviava ao colleitor com estas instrucções. Que os ministros reaes ultimamente haviam passado das palavras ás obras por meio de decisões prohibitivas das executorias do auditor da rota, cumprindo acudir a esta novidade, e devendo o bispo de Albenga empregar n'esse sentido até as armas dos contrarios com destreza, ajudado pela cooperação do nuncio de Hespanha. Lembra o conflicto levantado por causa do capellão mór da capella real de Lisboa e do decano, e a satisfação dada ao colleitor pelas exorbitancias do capellão, e diz, que depois tornára a reverdecer a questão por imprudencia de um notario da legacia, o qual, tendo recebido o monitorio expedido por monsenhor A. C. contra o capellão mór, e achando tudo applacado já, o entregára ao decano, que o mandou intimar, procedendo logo o juizo secular contra o decano, e prendendo o notario por executarem letras de Roma sem o regio beneplacito. Que o notario fôra solto sob fiança, mas que o negocio ainda corria mal assombrado.

Que o santo officio de Lisboa e de Coimbra encerrava em seus carceres alguns conegos e clerigos suspeitos de judaismo, e começára a instruir o seu processo. Sabendo o colleitor que elle pretendia apoderar-se dos bens dos réus, representára ao inquisidor geral, que se em Hespanha os bens dos sentenciados pertenciam ao fisco

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

real era porque el-rei fazia todas as despezas do tribunal, não succedendo, porém, o mesmo em Portugal, porque os papas haviam dotado a inquisição com os meios necessarios. Que o procurador fiscal da camara apostolica citára ao mesmo tempo as bullas e constituições apostolicas em favor de Roma; mas que o inquisidor geral se mostrára pouco accessivel e até malevolente, repellindo a pretensão. Entretanto, como se repetia muitas vezes o sequestro dos bens dos clerigos condemnados pelo santo officio, recommenda ao colleitor, que se informe bem do occorrido a este respeito, e que relate o verdadeiro estado da questão para de Roma se lhe advertir o que deve fazer.

Allude por ultimo aos 86:000 cruzados arrancados em nome da camara apostolica pelo bispo de Angola na qualidade de sub-colleitor n'aquellas partes, retidos indevidamente com falsos pretextos. Aconselha o modo que julga mais apropriado para a curia rehaver o dinheiro; e conclue assegurando que lhe vão ser expedidos os breves de sua santidade e duas cifras, uma para Roma, outra para Hespanha, dizendo-lhe que poderá partir alegremente com a benção do pontifice para estimulo e conforto[1].

[1] Copiada do codice manuscripto da bibliotheca Albana para o tom. LIV da collecção geral da *Symmicta lusitana*, pag. 737 a 757.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

INDICE

LIVRO I — REINADO DE FILIPPE II DE HESPANHA E I DE PORTUGAL

PARTE I — CAPITULO I — 1581

PAG.

Estado dos animos em Portugal. Primeiros actos de Filippe II. Negociações de Izabel e de Henrique III contra elle. — Catharina de Medicis. — Repressões crueis do rei catholico. — Poder e fraqueza da casa de Austria. Estado do reino depois da invasão. — A ilha Terceira por D. Antonio. Meios empregados para a submetter. Cypriano de Figueiredo. Expedição de Valdez. — Providencias militares e politicas de Filippe II. O prior do Crato em Inglaterra 7

CAPITULO II — 1582-1583

Fim do governo de Cypriano de Figueiredo. Estado dos animos na Terceira. — Aprestos da expedição de Strozzi. Receios e actividade de Filippe II. Armada do marquez de Santa Cruz. — Tyrannias de Manuel da Silva na ilha, e incapacidade da sua administração. — Esquadra de Strozzi em S. Miguel. Batalha naval e derrota nas aguas de Villa Franca. —

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

PAG.

D. Antonio na Terceira.—O cardeal Alberto governador de Portugal. Volta de Filippe a Madrid.—Catharina de Medicis. Expedição do commendador de Chastes. Partida do marquez de Santa Cruz. Conquista da Terceira. Supplicio de Manuel da Silva 39

CAPITULO III—1584-1588

D. Antonio em França. Tentativas dos hespanhoes contra sua vida e liberdade.—Pobreza do prior do Crato. Viagem a Inglaterra.—Governo do cardeal Alberto. Os impostores que se chamavam reis.—Sebastianistas.—Estado politico da França. Liga e tratado dos Guise e de Filippe II.—Izabel e Maria Stuard. Processo e execução da rainha de Escocia. Espanto da Europa. Resentimento da côrte de Madrid.—Preparativos do rei catholico. Emprezas navaes de Drake. Cabo Verde e Cadix.—A invencivel armada..... 91

CAPITULO IV—1588-1598

Expedição de Drake e Norris contra a Corunha e Lisboa. Mau exito d'ella.—Fallece em França o prior do Crato D. Antonio.—Aggressões estrangeiras contra a navegação e o commercio das conquistas.—Declinação de Portugal e Hespanha nos ultimos annos de Filippe II.—Os inglezes em Cadix e no Algarve.—Armada de Padilla.—Expedição do conde de Essex aos Açores.—Conquistas portuguezas na Africa oriental e occidental, no Brazil e nas Indias.—Paz de Vervins e abdicação da soberania dos Paizes Baixos.—O archiduque Alberto em Flandres.—Morte de Filippe II no Escurial..... 122

LIVRO II—REINADO DE FILIPPE III DE HESPANHA E II DE PORTUGAL

PARTE II—CAPITULO I—1598

Incapacidade do novo rei. Receios de Filippe II.—Caracter do governo hespanhol. Causas da sua declinação.—Filippe III.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

PAG.

—Valimento do duque de Lerma.—Estado interno de Portugal.—Repressão politica. Policia. Presidios.—Providencias civis e militares no reinado do rei catholico e no governo do archiduque Alberto.—Regencia dos cinco governadores.—Casa de Bragança. A duqueza viuva. Suas exigencias.—Erros da politica hespanhola funestos á união. —Reformas administrativas e fiscaes.—Miseria da tropa e pobreza do povo.—Diminuição da receita publica. A agricultura, o commercio e a industria.—Crise da fazenda real. Rendimentos e despezas.—Antecipações. Impostos.—A nobreza, o clero e as classes medias.—Marinha de guerra e mercante.—Naufragios.—Decadencia geral.—Conclusão 175

CAPITULO II—1598-1609

Vice-reinado do marquez de Castello Rodrigo. Estado da fazenda real.—Supplica e sommas offerecidas pelos christãos novos.—Opposição do clero. Annuencia do rei. Providencias favoraveis aos judeus.—São retractadas. Rasão por que. —Sebastianistas. Caracter e tendencias da seita. O impostor de Veneza.—Tratado de paz com a Inglaterra em 1604. —Tregua com os hollandezes. Sacrificio das colonias portuguezas.—Morte de Henrique IV. Sua politica e seus designios. Magua de Portugal. Orçamento da receita e despeza. Embaraços da fazenda publica 213

CAPITULO III—1612-1619

Segundo governo do marquez de Castello Rodrigo.—Queixas do reino.—Projecto de viagem do rei a Lisboa. Desconfianças reciprocas. Descontentamento geral.—Retirada do marquez. Sua morte.—Estado da fazenda. Providencias ácerca d'ella.—Conflicto da corôa com o colleitor apostolico, Octavio Accoramboni. Invasões do nuncio. Firmeza da côrte.—Vice-reinado do marquez de Alemquer. Opposição. —Vinda de Filippe III a Portugal. Subsidios e festejos.—Côrtes de 1619. Capitulos dos tres estados. Estado da opi-

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

PAG.

nião. — Politica inhabil do governo. Irritação. — Partida repentina do rei. Sua morte. Conclusão..... 249

CAPITULO IV — 1598-1621

As conquistas. Estado geral e causas d'elle. — Plano do duque de Lerma. Conselho das Indias. — Leis de organisação e reforma coloniaes. — Successos militares. — S. Thomé. Rebelliões e desastres. — Angola. Governo de Manuel de Cerveira. Progressos de nossas armas. Nova conquista de Benguella. — Moçambique. Desamparo e desleixo geral. Expedição do Verhoeven. Cêrco da fortaleza. Retirada dos hollandezes. — Estado da India. — Ceylão. — Derrota do pirata Cunhal no Malabar. Salvador Ribeiro e Filippe de Brito Nicote. — Sitio de Malaca em 1606 pelos hollandezes. — Guerra nas Molucas. — Governo de D. Jeronymo de Azevedo. O conde do Redondo e Fernando de Albuquerque. — Proezas de Ruy Freire de Andrade. Conclusão 277

LIVRO III — REINADO DE FILIPPE IV DE HESPANHA E III DE PORTUGAL

CAPITULO I — 1621

Acclamação de Filippe IV. — Estado da monarchia. — Preponderancia do clero. Effeitos da expulsão dos mouriscos. — Quadro das miserias da Hespanha traçado pelas côrtes. — Caracter do rei. — Privança do conde duque de Olivares. Ministros influentes na Europa. Qualidades e defeitos de D. Gaspar de Gusmão. Revolução na côrte. Perseguições. — Demissão do marquez de Alemquer. Odio contra a sua administração. — Confirmação dos bens da corôa. Descontentamento dos interessados. — Piratas mouros. Providencias ácerca dos escravos musulmanos. — Reformas fiscaes. Junta dos contos. Producto da bulla. — O patriarcha da Ethiopia D. Affonso Mendes. — Schah Abbas e os inglezes sobre Ormuz. Ruy Freire de Andrade. A fortaleza de Queixome. Cêrco e capitulação. Quéda de Ormuz. — Companhia do commercio de Lisboa. Vaidade do plano. Paz com a Inglaterra. 307

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO II — 1624-1627

PAG.

Renovação da guerra com os hollandezes. — Creação da companhia das Indias occidentaes em Amsterdam. Projectos dos directores sobre o Brazil. — Receios da colonia. Estado moral d'ella. — Expedição contra S. Salvador da Bahia. Desembarque. Conquista da cidade.—Providencias da côrte de Madrid e do governo de Lisboa. — Patriotismo dos portuguezes. Donativos. Alistamentos. Força e composição da armada. Sua partida. — Sitio da Bahia por D. Fradique de Toledo. Anarchia militar dos hollandezes. Capitulações propostas e aceitas. Restauração de S. Salvador. — Festejos e jubilo das duas corôas. — Plano de Olivares. União de forças e subsidios. — Hospitalidade dos inglezes. Ordens de defeza. Desleixo incrivel depois da victoria do Brazil. — Saída da armada de D. Manuel de Menezes. Erros e contradições que a perderam. Naufragio lastimoso nas costas de França 333

CAPITULO III — 1627-1630

Sensação causada pela perda da armada. — Aperto da India. Novo plano do conde duque. Doença de el-rei. — Subsidio pedido por seis annos para a restauração das conquistas. Opposição e retirada do conde de Portalegre. — Aggravos e representações do povo. Tumultos do Porto. Os tecelões de Lisboa. — Queixas do clero contra o fisco. Mezadas dos beneficios vagos. Real de agua e composição do estado ecclesiastico. Reivindicação das capellas usurpadas pelos conventos. Hostilidade secreta da igreja contra o dominio hespanhol. — A fazenda real. Receita e despeza. Graças onerosas a estrangeiros. Desperdicios. Dividas da corôa de Castella á de Portugal.—Christãos novos. Indulto geral de 1627. Junta dos prelados em Thomar. Leis favoraveis aos judeus. Irritação geral.—Novas emprezas da companhia das Indias occidentaes contra o Brazil. — Descuido voluntario do conde duque. Os hollandezes em Pernambuco. Tomada de Olinda. Magua dos portuguezes. Modo por que responde a côrte de Madrid. Conclusão 375

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CAPITULO IV — 1634-1637

PAG.

Planos de Olivares para a restauração de Pernambuco. Queixas. — O infante D. Carlos nomeado regente. Não chega a tomar posse. Impostos; meia annata e estanco do sal. Idéa de um subsidio permanente de quinhentos mil cruzados. Assembléa convocada na igreja de Santo Antonio. Repulsa. Resentimento do ministro. — Estado do Brazil. Mathias de Albuquerque. Batalha naval entre Oquendo e Pater. Victoria indecisa. — Reorganisação da secretaria do conselho de Portugal em Madrid. Diogo Soarez. — Terceiro governo do conde de Basto. Difficuldades. Prudencia do vice-rei. Receios da côrte. Repressão da imprensa. — Progressos dos hollandezes no Brazil. Ruina do commercio. Apuros da fazenda. Retenção de um quartel de juros, tenças e ordenados. Clamores e representações desattendidas. — Demissão do conde de Basto. Duvidas ácerca do successor. O principe de Esquilache. Diogo Soarez. Nomeação da duqueza de Mantua. Miguel de Vasconcellos e Brito, secretario d'estado. Odio publico contra elle. Seu caracter. Novos tributos. Confusão fiscal. Tumultos do povo. Contribuição unica. Junta do desempenho. Conclusão..... 405

CAPITULO V — 1637-1639

Alterações de Evora. Sua origem. Sublevação do povo. Violencias. Governo occulto. A junta de Santo Antão. Dilata-se a resistencia. O duque de Bragança. Os jesuitas e os frades. Conspiração religiosa. Sebastianistas. Primeiras providencias. Meios brandos. Missão de fr. João de Vasconcellos. Diogo Soarez e o conde de Linhares. Ordens secretas ás tropas. Junta dos fidalgos portuguezes em Madrid. Plano do conde duque. — Accusação de Diogo Soarez. Escolha e enviatura do conde de Linhares para applacar os tumultos. Mau exito da missão. — Prevenções. Marcha das tropas. — Entrada das justiças em Evora e das tropas no Algarve. Castigos. — Estado das colonias. A Mina. A India. — Estado do Brazil e da capitania de Pernambuco. Soccorros. Expedição do conde da Torre. — São chamados a Madrid muitos

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

PAG.

fidalgos portuguezes. Levas de tropas no reino. Novas exigencias fiscaes. Conflictos com o colleitor Castracani. Sua expulsão. — Olivares resolve a encorporação de Portugal e manda ouvir em Madrid os nobres e prelados ácerca d'ella. — Desastre da expedição do conde da Torre. Conclusão... 433

NOTAS

I — Confissão attribuida ao conde de Vimioso..... 485
II — Informação do anno de 1615 ácerca do estado da monarchia hespanhola..... 489
III — Noticia resumida do estado dos reinos de Hespanha e Portugal no anno de 1586..... 529
IV — Nomes dos arcebispados e bispados de Hespanha e Portugal..... 449
V — Rendimento dos arcebispados e bispados do reino no anno de 1632..... 555
VI — Sentença contra João Barradas e Sisenando Rodrigues.. 557
VII — Instrucções a monsenhor Albergati no anno de 1622 e ao bispo de Albenga sobre os negocios da colleitoria de Portugal..... 561 e 567

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
42	6	Miguel da Silva	Manuel da Silva
85	12	podiam vir occupa-los	podiam occupa-los
101	17	ixercito	exercito
114	16	podia acreditar	acreditava
145	1	as arcas	as urcas
156	28	de dissabores	de desgostos
172	14	precipitar-se	precipitou-se
191	20	e de tantos	e da mãe de
243	7	não se apartou	não se apartava
257	1	va ia	valia
288	7	preciso serem ouvidas	para serem ouvidas
315	10	Lœches	Loeches
318	16	ao assumpto	no assumpto
339	1	como de fraquezas	como fraquezas
341	16	Ced	Cedo
343	16	ficou	foi
343	21	estava	ficára
352	4	cedia	cedeu
372	6	no meio de	no meio dos
390	13	a auxiliar	de auxiliar
405	2	1631-1640	1631-1637
413	24	de Castella	de Portugal
419	28	vara	varar
420	22	haviam	havia
427	10	pela energia	com a energia
443	27	pacificador	pacificadora
449	23	da fórma	a fórma
461	12	Artichofshy	Artichofski
465	29	secção XXVIII.	secção XXIX.

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

HISTORIA DE PORTUGAL NOS SECULOS XVII E XVIII, tom. I, II e III.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V — Romance historico; 3 vol. em 8.º — Em casa da viuva Moré, no Porto.

FASTOS DA IGREJA — Historia da vida dos santos. — Jesus Christo; 2 vol. em 8.º francez. — Em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, livreiro, rua Aurea.

ODIO VELHO NÃO CANÇA — Romance historico; 2 vol. em 8.º (esgotado). — Em casa da viuva Bertrand & Filhos, aos Martyres.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V — Comedia drama em 5 actos por Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester. — Em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea.

OTHELLO OU O MOURO DE VENEZA — Tragedia em 5 actos (imitação). — Em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea.

QUADRO ELEMENTAR DAS RELAÇÕES POLITICAS E DIPLOMATICAS DE PORTUGAL — Emprehendido pelo visconde de Santarem, e continuado por Luiz Augusto Rebello da Silva; tom. XVI, XVII e XVIII, e IX e X, precedidos de introducções e noticias historicas. — Em casa dos livreiros correspondentes da academia real das sciencias.

MEMORIA BIOGRAPHICA E LITTERARIA ÁCERCA DE MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE — Caracter de suas obras e influencia, que exerceu no gosto e nos progressos da poesia portugueza; 1 vol. em 4.º — Em casa dos correspondentes da academia real das sciencias.

CORPO DIPLOMATICO PORTUGUEZ — Relações com a curia romana; tom. I e II.

LAGRIMAS E THESOUROS — Romance do tempo do reinado de D. Maria I; 1 vol. em 8.º.

A CONQUISTA DE CEUTA — Romance historico do seculo XV; 2 vol. em 8.º (no prelo).

A ARCADIA PORTUGUEZA E AS LETRAS NO REINADO DE EL-REI D. JOSÉ; 1 vol. em 8.º

MEMORIA SOBRE A VIDA E ESCRIPTOS DE D. FRANCISCO MARTINEZ DE LA ROSA; 1 vol. em 8.º

A CASA DOS FANTASMAS — Romance historico do tempo dos francezes; 2 vol. em 8.º — No escriptorio da *Gazeta de Portugal*.

ELOGIO ACADEMICO DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V. — Lido em sessão solemne da academia real das sciencias de Lisboa.

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

GENERAL LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA—BERKELEY

RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED

This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

UCLA
INTER-LIBRARY LOAN
MAR 19 1968
MAR 8 548
14 DAYS AFTER RECEIPT

RECEIVED
JAN 19 1968
MAR 25 '68 -1 PM
LOAN DEPT.

JUN 21 '67 -3 PM

SEP 13 1967 50

DEC 9 1972 7

MAR 21 1967 32

RECEIVED
OCT 9 '67 -1 PM

MAR 27 '67

LOAN DEPT.
APR 10 1967

OCT 26 1967 61

RECEIVED
JAN 5 '68 -3 PM

LD 21-100m-1,'54(1887s16)476

REC'D LD DEC 8 '72 -10 AM 95

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA